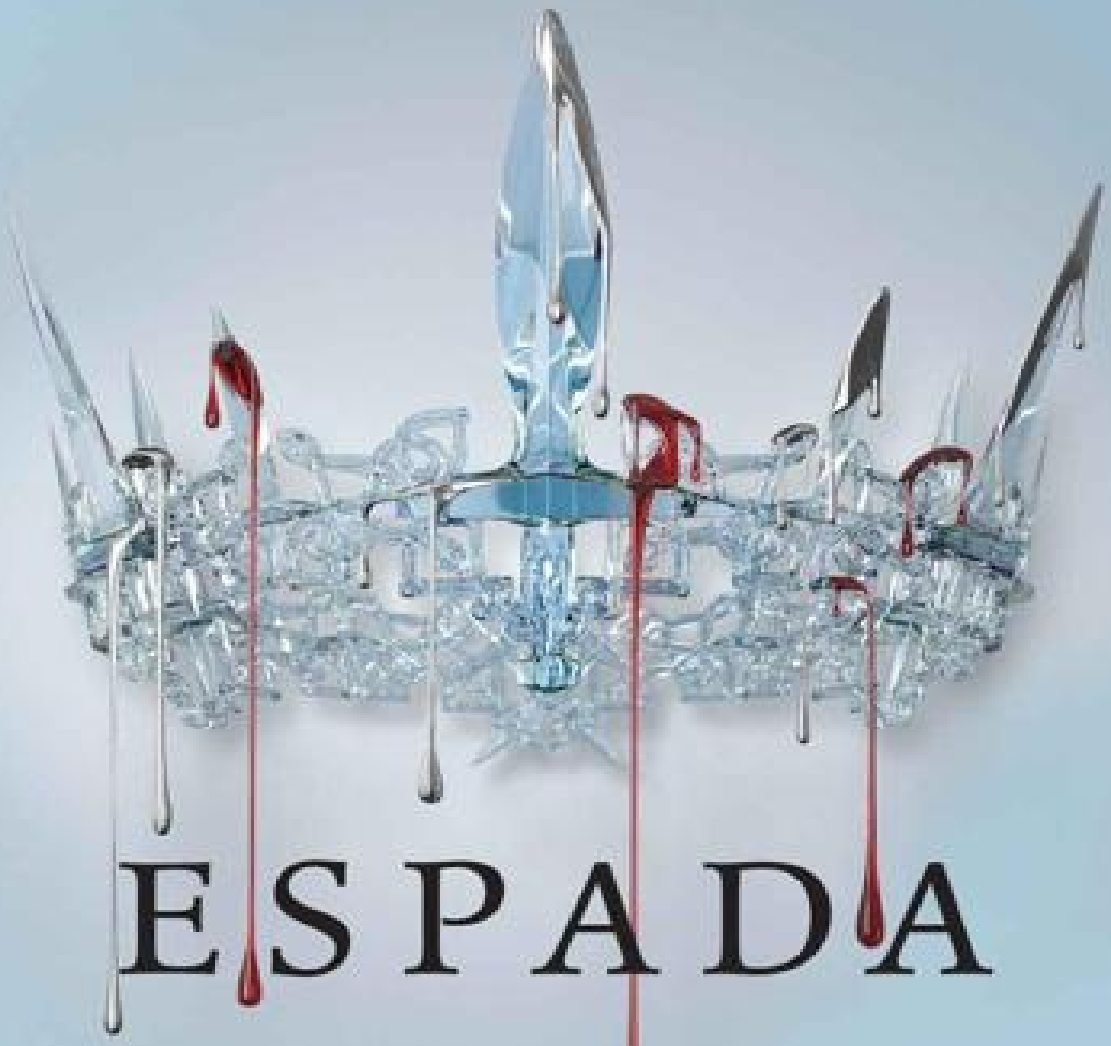
A RAINHA VERMELHA VOL. 2

VICTORIA AVEYARD



ESPADA DE VIDRO

UM NOVO SANGUE COM PODERES INIMAGINÁVEIS.
A REBELIÃO NÃO SERÁ MAIS A MESMA.

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VICTORIA AVEYARD

ESPADA DE VIDRO

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Aos meus avós, aqui e lá. Vocês são sempre o meu lar.

UM



ESTREMEÇO. ELA ME DEU UM PANO LIMPO, mas ainda tinha cheiro de sangue. Não deveria me importar com isso. Já tenho sangue pela roupa inteira. O vermelho é meu, claro. O prateado pertence a muitos outros. Evangeline, Ptolemus, o lorde ninfoide… todos que tentaram me matar na arena. Imagino que parte desse sangue também é de Cal. Ele sangrou muito sobre a areia, todo cortado e arranhado por nossos potenciais carrascos. Agora Cal está sentado na minha frente, observando os próprios pés, deixando as feridas começarem o lento processo de cicatrização. Dou uma olhada num dos muitos cortes no meu braço, provavelmente feito por Evangeline. Ainda fresco, fundo o suficiente para deixar uma marca. Parte de mim se alegra ao pensar nisto: esta incisão irregular não vai desaparecer magicamente sob as mãos frias de um curandeiro. Cal e eu não estamos mais no mundo prateado, e não há ninguém para simplesmente apagar nossas cicatrizes merecidas. Nós escapamos. *Eu* escapei, pelo menos. As correntes de Cal são um lembrete concreto de sua condição de prisioneiro.

Farley cutuca meu braço, e a delicadeza de seu toque me surpreende.

— Esconda o rosto, garota elétrica. É o que estão procurando.

Pela primeira vez, faço o que mandam. Os outros seguem meu exemplo e cobrem a boca e o nariz com um tecido vermelho. O rosto de Cal é o último a ser coberto. Ele não reage quando Farley dá um nó no disfarce dele, deixando-o parecido com um de nós.

Se ao menos ele fosse um de nós…

Uma vibração elétrica energiza meu corpo e me lembra que estou no subtrem, pulsando e chiando. Inexorável, ele nos leva adiante, para uma cidade que um dia foi um santuário. O trem dispara e grita sobre os velhos trilhos como um lépido prateado correndo em campo aberto. Ouço o metal faiscar, sinto-o no fundo dos ossos, onde uma dor fria se instala. Minha fúria, minha *força* na arena parecem lembranças distantes, que deixaram para trás apenas dor e medo. Mal posso imaginar o que Cal está pensando. Ele perdeu tudo, *tudo* que amava na vida: um

pai, um irmão, um reino… Como ele faz para suportar, para permanecer imóvel a não ser pelo balanço do trem? Não sei.

Ninguém precisa me dizer o motivo da pressa. Farley e seus guardas, tensos como uma corda esticada, são o suficiente para eu entender. *Ainda estamos fugindo.*

Maven já passou por este caminho antes, e passará de novo. Desta vez, com a fúria dos seus soldados, sua mãe e sua nova coroa. Ontem ele era um príncipe; hoje é o rei. Pensei que fosse meu amigo, meu noivo. Agora sei a verdade.

Confiei nele um dia. Agora sei que devo odiá-lo, temê-lo. Por uma coroa, ele ajudou a matar o próprio pai e incriminou o irmão pelo assassinato. Ele sabe que a radiação ao redor da cidade em ruínas é uma mentira, um truque; e sabe para onde o trem vai. O santuário construído por Farley não é mais seguro, não para nós. *Não para você.*

Talvez já estejamos correndo em direção a uma armadilha.

Um braço me envolve com força ao perceber meu desconforto. *Shade.* Ainda não consigo acreditar que meu irmão está aqui, vivo — e, ainda mais estranho, igual a mim. Vermelho e prateado, e mais forte que ambos.

— Não vou deixar pegarem você de novo — ele sussurra tão baixo que quase não consigo escutar. Imagino que lealdade a qualquer coisa que não seja a Guarda Escarlate não seja permitida, ainda que se trate de um familiar. — Prometo.

A presença dele me acalma, me faz voltar no tempo. Até uma primavera chuvosa, antes de ele ser recrutado, quando ainda podíamos fingir ser crianças. Não existia nada além da lama, do povoado e do nosso hábito idiota de ignorar o futuro. Agora só consigo pensar no futuro, só consigo me perguntar a que caminhos sombrios meus atos vão nos levar.

— O que vamos fazer agora? — Minha pergunta é dirigida a Farley, mas meus olhos encontram Kilorn. Ele está bem atrás dela, um guardião obediente, com o queixo rígido e ataduras ensanguentadas. E pensar que ele era aprendiz de pescador não faz muito tempo. Assim como Shade, ele parece deslocado, um fantasma de uma época anterior a tudo isto.

— Sempre há para onde correr — Farley responde, mais concentrada em Cal do que em qualquer outra coisa. Ela fica à espera de que ele lute, resista, mas ele não faz nada disso. — E não desgrude dela — Farley diz para Shade depois de um longo momento. Meu irmão assente e sinto a palma da sua mão pesar mais no meu ombro. — Não podemos perdê-la.

Não sou general nem estrategista, mas o raciocínio dela é claro. Sou a menininha elétrica — eletricidade viva, relâmpago em forma humana. As pessoas sabem meu nome, conhecem meu rosto e meus poderes. Sou valiosa, sou

poderosa, e Maven fará qualquer coisa para me impedir de contra-atacar. Como meu irmão pode me proteger da perversão do novo rei — mesmo sendo igual a mim, mesmo sendo a coisa mais rápida que já vi —, não sei. Mas preciso acreditar, ainda que pareça um milagre. Afinal, tenho visto tantas coisas impossíveis. Outra fuga seria só mais uma.

Ferrolhos de armas deslizam e travam com um clique que ecoa no fundo do trem à medida que a guarda se prepara. Kilorn se posiciona perto de mim, segurando firme o rifle atravessado no seu peito. Ele olha para baixo com uma expressão suave. Tenta dar um sorrisinho para me fazer rir, mas seus olhos verdes e brilhantes estão sérios e temerosos.

Em contrapartida, Cal está sentado em silêncio, quase em paz. Embora seja quem mais tem motivos para temer — acorrentado, cercado de inimigos, caçado pelo próprio irmão —, ele parece sereno. Não estou surpresa. Ele é um soldado de nascença e criação. Guerra é uma coisa que ele entende, e com certeza estamos em guerra agora.

— Espero que vocês não estejam pensando em lutar — ele diz, falando pela primeira vez em muito tempo. Seus olhos estão fixos em mim, mas suas palavras provocam Farley. — Espero que planejem fugir.

— Poupe o fôlego, prateado. — Ela endireita os ombros. — Sei o que temos de fazer.

— Ele também sabe. — Não consigo segurar as palavras.

Farley lança um olhar ardente para mim, mas já suportei pior. Nem estremeço.

— Cal sabe como eles lutam — continuo. — Sabe o que vão fazer para nos impedir. Use-o.

Qual é a sensação de ser usada? Ele cuspiu essas palavras na minha cara quando estávamos na prisão debaixo do Ossário e tive vontade de morrer. Agora quase não dói.

Ela não fala nada, e isso basta para Cal:

— Vão vir com os Dragões — ele diz, sombrio.

— Como se existissem! — Kilorn ri alto.

— São jatos — Cal diz com o olhar brilhando de desgosto. — Asas laranja, fuselagem prateada, um único piloto, fácil de manobrar, perfeito para ataques urbanos. Cada um carrega quatro mísseis. Se multiplicarmos por um esquadrão, são quarenta e oito mísseis de que vocês têm que correr, além da munição leve. Conseguem lidar com isso? — A resposta é apenas o silêncio. *Não, não conseguimos.* — E os Dragões são a menor das nossas preocupações. Eles só vão circular, defender o perímetro, nos manter no lugar até as tropas terrestres

chegarem. — Ele baixa os olhos, pensando rápido. Está se perguntando o que faria se estivesse do outro lado, se fosse o rei em vez de Maven. — Vão nos cercar e apresentar seus termos. Mare e eu em troca de deixar vocês escaparem.

Outro sacrifício. Devagar, respiro fundo. Esta manhã, ontem, antes de toda esta loucura, eu teria ficado feliz de me entregar para salvar apenas Kilorn e meu irmão. Mas agora… Agora sei que sou especial. Agora tenho outros para proteger. Agora não podem me perder.

— Não podemos concordar com isso — digo. Uma verdade amarga. O olhar de Kilorn pesa sobre mim, mas não o encaro. Não conseguiria digerir seu julgamento.

Cal não é tão duro quanto eu. Ele acena com a cabeça, concordando comigo.

— O rei não acha que vamos ceder — ele comenta. — Os jatos vão derrubar as ruínas sobre nós, e o resto vai varrer os sobreviventes. Será um pouco mais do que um massacre.

Farley é orgulhosa, até quando está em um beco sem saída terrível, como agora.

— O que você sugere? — ela pergunta, se inclinando sobre ele. As palavras dela jorram desdém. — Rendição total?

— Maven ainda mataria você. Seja em uma cela ou no campo de batalha, ele não vai deixar nenhum de nós viver — Cal diz, com uma expressão de nojo em seu rosto.

— Então é melhor morrer lutando. — A voz de Kilorn soa mais forte do que deveria, mas seus dedos tremem. Ele parece disposto a fazer tudo pela causa como o resto dos rebeldes, mas meu amigo ainda tem medo. Ainda é um garoto com não mais de dezoito anos, com muito pelo que viver e muito pouco pelo que morrer.

Cal desdenha da declaração forçada mas corajosa de Kilorn, apesar de não dizer mais nada. Ele sabe que uma descrição gráfica da nossa morte iminente não vai ajudar ninguém.

Farley não compartilha de seu sentimento e despreza a opinião dos dois com um gesto. Atrás de mim, meu irmão parece tão determinado quanto ela.

Eles sabem alguma coisa que não sabemos, alguma coisa que não vão dizer ainda. Maven ensinou a todos nós o preço de confiar nas pessoas erradas.

— Não somos nós que vamos morrer hoje. — É tudo o que ela diz antes de marchar para a frente do trem. As botas dela contra o assoalho metálico soam como marteladas, cada passo um golpe de determinação e teimosia.

Percebo o trem desacelerar antes mesmo de sentir. A eletricidade diminui, enfraquece, à medida que deslizamos para dentro da estação. Talvez encontremos

no alto do céu uma neblina branca ou os jatos de asas laranja, não sei. Os outros parecem não se importar e saem do trem com uma intenção clara. Em seu silêncio, a guarda armada e mascarada se assemelha a soldados, mas eu sei a verdade. Não são páreo para o que virá.

— Prepare-se — Cal sussurra no meu ouvido, e sua voz me dá calafrios. Lembro dos dias que já passaram, da dança sob o luar. — Lembre-se de como você é forte.

Kilorn abre caminho para o meu lado com os ombros e me separa de Cal antes que eu possa dizer que a minha força e o meu poder são tudo de que eu ainda tenho certeza. A eletricidade nas minhas veias talvez seja a única coisa em que confio neste mundo.

Quero acreditar na Guarda Escarlate e, claro, em Shade e Kilorn, mas não consigo, não depois da confusão que a minha confiança, a minha *cegueira* em relação a Maven nos meteu. E Cal está completamente fora de questão. É um prisioneiro, um prateado, o inimigo que nos trairia se pudesse — se tivesse outro lugar para onde fugir.

Mesmo assim, por algum motivo, sinto uma ligação com ele. Lembro do garoto sobrecarregado que me deu uma moeda de prata quando eu não era nada. Com aquele único gesto, ele mudou o meu futuro e destruiu o próprio.

E temos uma aliança — instável, forjada em sangue e traição. Estamos conectados, unidos contra Maven, contra todos que nos enganaram, contra o mundo prestes a se despedaçar.

O silêncio nos espera. A neblina cinzenta e úmida paira sobre as ruínas de Naercey, trazendo o céu tão para baixo que eu poderia tocá-lo. Faz frio, o frio do outono, a estação da mudança e da morte. Nada assombra os céus ainda, nenhum jato para chover destruição sobre uma cidade já destruída. Farley impõe um ritmo acelerado e segue na frente desde os trilhos até a avenida larga e abandonada. Os escombros abrem-se como um cânion, mais cinzentos e arrasados do que me lembrava.

Marchamos pela rua em direção ao leste, rumo à orla encoberta. As estruturas altas, semidesmoronadas, inclinam-se sobre nós; suas janelas são como olhos que nos observam passar. Os prateados poderiam estar à nossa espera dentro de algum buraco, debaixo de arcos ensombrecidos, prontos para matar a Guarda Escarlate. Maven poderia me forçar a assisti-lo eliminar os rebeldes um a um. Ele não me daria o luxo de uma morte rápida e indolor. *Ou pior*, penso. *Ele não me deixaria*

sequer morrer.

Esse pensamento faz meu sangue gelar como o toque de um calafrio prateado. Por mais que Maven tenha mentido para mim, ainda conheço um pedacinho do coração dele. Lembro dele me agarrando através das barras da cela, me segurando com dedos trêmulos. E lembro do nome que ele carrega, o nome que me faz pensar que ainda há um coração batendo dentro dele. *Seu nome era Thomas, e eu o vi morrer.* Ele não conseguiu salvar aquele garoto. Mas pode me salvar, da sua própria maneira perversa.

Não. Nunca vou lhe dar essa satisfação. Prefiro morrer.

Mas, por mais que eu tente, não consigo esquecer a sombra que pensei que ele fosse, o príncipe perdido e esquecido. Queria que aquela pessoa fosse real. Queria que ele existisse em algum lugar além das minhas lembranças.

As ruínas de Naercey ecoam de um jeito estranho, mais silenciosas do que deveriam. Então me assusto ao perceber por quê. *Os refugiados foram embora.* A mulher que varria os montes de cinzas, as crianças que se escondiam nas tubulações, as sombras dos meus irmãos e irmãs vermelhos: todos fugiram. Não sobrou ninguém além de nós.

— Você pode pensar o que quiser de Farley, mas ela não é estúpida — Shade responde antes de eu ter a chance de perguntar. — Deu ordem para todos baterem em retirada ontem à noite, depois de escapar de Archeon. Ela pensou que você ou Maven falariam sob tortura.

Ela estava errada. Não era preciso torturar Maven. Ele forneceu as informações de livre e espontânea vontade. Abriu a mente para a mãe e a deixou revirar tudo o que tinha visto. O subtrem, a cidade secreta, *a lista*. Era tudo dela agora, assim como ele sempre foi.

A fileira de soldados da Guarda Escarlate estende-se atrás de nós, um bando desordenado de homens e mulheres armados. Kilorn marcha no meu encalço, o olhar centrado, enquanto Farley lidera. Dois soldados corpulentos forçam Cal a seguir os passos dela de perto, apertando bem os braços dele. Os cachecóis vermelhos os fazem parecer um pesadelo encarnado. Mas restam muito poucos de nós agora, talvez trinta, todos caminhando feridos. Tão poucos sobreviveram…

— Não temos gente suficiente para continuar com a rebelião, ainda que a gente escape de novo — cochicho para meu irmão. A neblina abafa minha voz, mas ele me escuta mesmo assim.

O canto da boca dele se contrai, como se quisesse sorrir.

— Isso não é preocupação sua.

Antes que eu pudesse insistir no assunto, o soldado na nossa frente para. Não é

o único. Na frente da fila, Farley ergue o punho e crava os olhos no céu cinzento. Os demais imitam o gesto e procuram o que não conseguimos enxergar. Apenas Cal continua a olhar para o chão. Ele já sabe qual vai ser nosso destino.

Um grito distante, inumano, desce através da névoa. É um som mecânico e constante, circulando lá no alto. E não está sozinho. Doze sombras em forma de flecha disparam no céu; suas asas laranja cortam uma nuvem atrás da outra. Nunca tinha visto um jato direito, não tão perto ou sem o manto da noite, então não consigo evitar que meu queixo caia quando consigo avistá-los. Farley berra ordens para a Guarda, mas não a escuto. Estou concentrada demais em observar o céu, em assistir à morte alada traçar um arco sobre nossas cabeças. Como a moto de Cal, as máquinas voadoras são lindas, feitas de metal e vidro inacreditavelmente curvados. Imagino que um magnetron tenha algo a ver com a fabricação — de que outra maneira metal poderia *voar*? Motores azulados faíscam sob as asas, um indício de eletricidade. Mal sinto a pontada; é como um suspiro contra minha pele, longe demais para que eu possa afetá-los. Só posso observar — horrorizada.

Eles chiam e giram em torno da ilha de Naercey sem jamais quebrar a formação circular. Quase sou capaz de fingir que são inofensivos, nada além de pássaros curiosos que vieram ver os destroços de uma rebelião. Então um dardo de metal cinza dispara sobre nós deixando uma trilha de fumaça, movendo-se tão rápido que é quase invisível. Ele colide contra um prédio no fim da avenida e desaparece dentro de uma janela quebrada. Uma flor vermelho-alaranjada explode menos de um segundo depois, destruindo todo o andar de um edifício já prestes a desmoronar. Ele se despedaça e despenca, as fundações milenares partindo como palitos de dente. A estrutura inteira pende e cai tão devagar que me faz duvidar do que estou vendo. Quando atinge a rua, bloqueando o caminho à nossa frente, sinto o tremor no fundo do peito. Uma nuvem de fumaça e poeira nos alcança, mas não me encolho. É preciso mais do que isso para me assustar agora.

Em meio à névoa cinza e marrom, Cal permanece de pé comigo, apesar de seus captores terem se abaixado. Nossos olhos se encontram por um momento, e os ombros dele caem. É o único sinal de derrota que ele me deixará ver.

Farley se agarra ao guarda mais próximo e se apoia nele para levantar.

— Se espalhem! — grita, apontando para os becos ao nosso redor. — Para o norte, para os túneis! — Ela aponta para seus tenentes enquanto fala, indicando para onde devem ir. — Shade, para o lado do parque!

Meu irmão assente; sabe o que ela quer dizer. Outro míssil desaba contra um prédio próximo e abafa a voz de Farley. Mas é fácil distinguir o que ela grita.

Corram.

Parte de mim quer se defender, resistir, lutar. Meus raios roxo-claros com certeza farão de mim um alvo e desviarão os jatos dos rebeldes fugitivos. Talvez eu leve até um ou dois aviões comigo. Mas isso não pode acontecer. Sou mais valiosa do que o resto, do que máscaras vermelhas e ataduras. Shade e eu temos que sobreviver — se não pela causa, ao menos pelos outros. Pela lista de centenas como nós — anomalias híbridas, bizarras, vermelho-prateados impossíveis de existir —, que sem dúvida vão morrer se falharmos.

Shade sabe disso tanto quanto eu. Ele agarra meu braço, apertando tanto que até machuca. Chega a ser quase fácil correr ao lado dele, me deixar guiar para longe daquela avenida larga, para o emaranhado de cinza e verde das árvores transbordando rua adentro. Quanto mais seguimos, mais densas elas se tornam, retorcidas e unidas como dedos deformados. Mil anos de abandono transformaram este pequeno lote numa selva mortal. Ela nos protege do céu, até ouvirmos apenas os jatos, circulando cada vez mais perto. Kilorn não fica para trás. Por um instante, finjo que estamos no nosso vilarejo, zanzando por Palafitas à procura de diversão e encrenca.

Parece que só encontramos encrenca.

Quando Shade afunda os calcanhares no chão e derrapa até parar, deixando marcas na terra, eu enfim tenho a chance de olhar ao redor. Kilorn para ao nosso lado, seu rifle apontado — em vão — para o céu, mas ninguém mais nos segue. Já não consigo sequer ver a rua ou os panos vermelhos fugindo entre as ruínas.

Meu irmão tenta enxergar por entre os ramos das árvores; observa e espera os jatos voarem para longe.

— Aonde estamos indo? — pergunto para ele, sem fôlego.

Kilorn responde em seu lugar.

— Para o rio — ele diz. — E então para o oceano. Você pode nos levar?

Kilorn olha para as mãos de Shade como se os poderes dele estivessem estampados na carne. Mas a força do meu irmão está enterrada, assim como a minha; é invisível até ele decidir revelá-la.

Shade nega com a cabeça.

— Não com um salto; é longe demais. Prefiro correr e poupar energia. — Seus olhos escurecem antes de ele continuar: — Até a gente precisar de verdade.

Concordo com a cabeça. Sei por experiência própria o que é fadiga de poder, sentir o cansaço nos ossos, mal conseguir andar, muito menos lutar.

— Para onde estão levando Cal?

Minha pergunta faz Kilorn estremecer.

— Que se dane. Não ligo.

— Pois deveria — rebato, apesar de a minha voz tremer de hesitação. *Não, ele não deveria. Nem você. Se o príncipe for embora, que seja.* — Ele pode nos ajudar a sair dessa. Pode lutar *com a gente*.

— Ele vai fugir ou nos matar assim que tiver a chance — Kilorn dispara, baixando o cachecol para mostrar sua careta de raiva.

Imagino o fogo de Cal queimando tudo no caminho, de metal a carne.

— Ele já poderia ter matado você — digo. Não é exagero, e Kilorn sabe disso.

— Por algum motivo pensei que vocês estariam maduros o suficiente para acabar com essa implicância — Shade diz, se colocando entre nós. — Que ingenuidade a minha.

Kilorn força um pedido de desculpas por entre os dentes, mas eu não. Meu foco está nos jatos, em deixar seus corações elétricos palpitarem contra o meu. Eles enfraquecem a cada segundo, distanciando-se mais e mais.

— Eles estão voando para longe de nós — aviso. — Se é para irmos, tem que ser agora.

Tanto meu irmão quanto Kilorn me lançam um olhar estranho, mas nenhum dos dois discute.

— Por aqui — Shade diz, apontando para as árvores. Uma trilha pequena, quase invisível, serpenteia por entre elas; a poeira foi varrida para revelar as pedras e o asfalto embaixo. De novo, Shade segura meu braço. Kilorn abre caminho rapidamente e o seguimos no mesmo ritmo.

Os galhos nos arranham, cada vez mais encurvados até ficar impossível correr lado a lado. Mas em vez de me soltar, Shade me segura mais forte. Então percebo que ele não está me apertando. É o ar, o *mundo*. Tudo junto ao mesmo tempo por um segundo sufocante e escuro. E, num piscar de olhos, estamos do outro lado das árvores, olhando para trás, vendo Kilorn emergir da mata cinzenta.

— Mas ele estava na frente… — solto em voz alta olhando de Shade para a trilha. Cruzamos para o meio da rua, com o céu e a fumaça pairando acima. — Você…

Shade abre um sorriso, o que parece inadequado diante do grito longínquo dos jatos.

— Digamos que… saltei. Se eu estiver te segurando, você pode vir junto — ele diz antes de nos apressar na direção do próximo beco.

Meu coração dispara ao perceber que acabei de ser *teletransportada*. Quase esqueço nossa situação complicada.

Os jatos logo refrescam minha memória. Outro míssil explode ao norte; um prédio vai ao chão e faz a terra tremer. O pó avança sobre o beco numa onda e

nos tinge de mais uma camada de cinza. Estou tão acostumada com fumaça e fogo agora que mal sinto o cheiro, mesmo quando as cinzas começam a cair como neve. Deixamos nossas pegadas nelas. Talvez sejam nossas últimas marcas em vida.

Shade sabe para onde ir e como correr. Kilorn não tem dificuldade em nos acompanhar, apesar do peso do rifle. Retornamos à avenida. A leste, um feixe de luz do sol irrompe por entre o pó e a sujeira, trazendo consigo uma lufada salgada do ar da costa. A oeste, o primeiro prédio que desmoronou é um gigante caído que bloqueia qualquer retirada para o trem. Vidro quebrado, esqueletos de ferro das construções e placas estranhas de um branco desbotado erguem-se à nossa volta — um palácio em ruínas.

O que era isto? Me pergunto vagamente. *Julian saberia.* Dói só de pensar no nome dele, e faço um esforço para afastar a sensação.

Um punhado de mascarados vermelhos atravessa o ar repleto de cinzas. Procuro uma silhueta familiar, mas nenhum sinal de Cal, o que me causa um medo terrível.

— Não vou embora sem ele.

Shade não se dá ao trabalho de perguntar de quem estou falando. Já sabe.

— O príncipe vai vir com a gente. Dou a minha palavra.

— Não confio na sua palavra. — Minha resposta corta fundo.

Shade é um soldado. Sua vida foi tudo menos fácil, e ele não é estranho à dor. Ainda assim, minha declaração o magoa profundamente. Vejo no seu rosto.

Peço desculpas mais tarde, digo a mim mesma.

Se o mais tarde chegar.

Outro míssil é disparado do alto e detona algumas ruas à frente. O trovão distante de uma explosão não encobre o ruído mais áspero e assustador que se ergue ao nosso redor.

O ritmo de mil pés marchando.

DOIS



O AR FICA MAIS DENSO SOB UM MANTO DE CINZAS, o que nos dá alguns segundos para encarar nosso destino iminente. As silhuetas de soldados descem as ruas desde o norte. Ainda não consigo enxergar suas armas, mas um exército prateado não precisa de armas para matar.

Outros membros da Guarda fogem diante de nós, correndo pela avenida desesperados. Talvez consigam escapar provisoriamente, mas para onde? Só há rio e mar à frente. Não há para onde ir, onde se esconder. O exército marcha devagar, em um ritmo estranho, aleatório. Aperto os olhos e me esforço para vê-lo através da poeira. E então me dou conta do que aconteceu, do que Maven fez. O choque da situação me faz faiscar, *literalmente*, forçando Shade e Kilorn a recuar.

— Mare! — Shade grita, meio surpreso, meio zangado.

Kilorn não diz nada, apenas me observa tremer.

Minha mão se fecha em volta de seu braço e ele não reage. As faíscas já passaram; ele sabe que não vou machucá-lo.

— Vejam — digo, apontando.

Sabíamos que os soldados viriam. Cal nos disse, nos alertou que Maven mandaria uma legião depois dos jatos. Mas nem mesmo Cal poderia ter antecipado isto. Apenas um coração doentio como o de Maven seria capaz de conceber um pesadelo destes.

As figuras na primeira fileira não usam o uniforme cinza dos soldados prateados tão bem treinados por Cal. Na verdade nem são soldados. São criados de casacos vermelhos, xales vermelhos, túnicas vermelhas, calças vermelhas, sapatos vermelhos. Tanto vermelho que poderiam estar até sangrando. E ao redor de seus pés, tinindo contra o chão, correntes de ferro. O som arranha meu corpo, abafa os jatos e os mísseis e até as ordens duras vociferadas pelos oficiais prateados escondidos por trás da barreira vermelha. As correntes são a única coisa que escuto.

Kilorn fica agitado e solta um grunhido. Ele dá um passo à frente e ergue o rifle para atirar, mas a arma treme nas suas mãos. O exército ainda está do outro lado da avenida, longe demais para um tiro preciso mesmo sem um escudo humano. É mais do que impossível.

— Temos que continuar em frente — Shade murmura. Seus olhos ardem de ódio, mas ele sabe o que deve fazer, o que deve *ignorar* para sobreviver. — Kilorn, venha com a gente agora ou vamos deixar você aí.

As palavras do meu irmão me fazem acordar do transe de horror. Ao ver que Kilorn não se mexe, tomo seu braço e sussurro em seu ouvido na esperança de abafar o ruído das correntes.

— Kilorn — chamo com a voz que usava com minha mãe quando meus irmãos iam para a guerra, quando meu pai tinha uma crise respiratória, quando o mundo estava em pedaços. — Kilorn, não podemos fazer nada por eles.

— Não é verdade. — As palavras sibilam por entre os dentes dele. Ele lança um olhar para trás, para mim. — Você tem que fazer *alguma coisa*. Você pode salvar essas pessoas…

Para a minha eterna vergonha, balanço a cabeça.

— Não, não posso.

Continuamos correndo. E Kilorn nos segue.

Mais mísseis explodem, cada vez mais rápidos e mais próximos. Mal consigo ouvir alguma coisa além do zunido. Aço e vidro se agitam como capim ao vento, se retorcendo e quebrando até a chuva cortante de prata cair sobre nós. Correr é perigoso demais agora; Shade segura forte meu braço. Ele também agarra Kilorn e nos faz saltar consigo enquanto o mundo desmorona. Sinto frio na barriga cada vez que a escuridão se fecha sobre nós, e a cidade em ruínas vai ficando cada vez mais próxima. Cinzas e pó de concreto atrapalham nossa visão e fica difícil respirar. Vidro se estilhaça numa tempestade reluzente, deixando pequenos cortes no meu rosto e nas minhas mãos, retalhando minhas roupas. Kilorn parece pior do que eu — suas roupas estão vermelhas de sangue fresco —, mas ele continua em frente, com cuidado para não se afastar. O aperto de Shade continua firme, mas ele começa a se cansar, a ficar mais pálido a cada salto. Não fico inerte; uso minhas faíscas para repelir as lascas afiadas de metal das quais nem meu irmão pode nos livrar com seus saltos. Mas não somos o bastante, nem para salvar a nós mesmos.

— Falta muito? — pergunto. Minha voz soa baixo, afogada pela maré da guerra. Não consigo enxergar mais do que uns metros à frente através da fumaça e do pó. Mas ainda posso *sentir*. E o que sinto são asas, motores, *eletricidade* gritando

acima de nossas cabeças, mergulhando mais e mais perto de nós. Somos ratos à espera de que os falcões nos arranquem do chão.

Shade nos faz parar. Seus olhos cor de mel vão de um lado para o outro. Por um segundo aterrorizante receio que ele tenha se perdido.

— Esperem — ele diz, com ar de quem sabe algo que não sabemos.

Ele olha para o alto, para o esqueleto de uma estrutura que um dia foi grandiosa. É imensa, mais alta que a maior das torres do Palacete do Sol, maior que a Praça de César em Archeon. Um tremor percorre minha espinha quando percebo que a estrutura… *está se mexendo*. Para a frente e para trás, de um lado para o outro, oscilando e se contorcendo sobre fundações gastas por séculos de abandono. Diante dos nossos olhos, a construção começa a se inclinar; devagar no começo, como um idoso sentando numa cadeira. E então cada vez mais rápido, desabando sobre nós e à nossa volta.

— Não me soltem! — Shade berra em meio ao estrondo e nos segura mais forte. Ele passa o braço por cima do meu ombro e me esmaga contra si, com tanta força que quase não suporto. Fico à espera da já desagradável sensação de saltar, mas ela não vem. Em vez disso, sou saudada por um som mais familiar.

Disparos.

Desta vez, não é o poder, mas a carne de Shade que me salva. Uma bala endereçada a mim o acerta de raspão no braço enquanto outro disparo penetra sua perna. Ele urra angustiado, quase cai na terra rachada sob nós. Sinto a vibração do tiro através dele, mas não tenho tempo para dor. Mais balas cantam pelo ar, rápidas e numerosas demais para lutarmos. Só podemos correr, fugir tanto do prédio desmoronando como do exército prestes a chegar. Os perigos se anulam quando o metal retorcido cai entre nós e a legião. Pelo menos era o que deveria acontecer. A gravidade e o fogo fizeram a estrutura desabar, mas a força dos magnetrons evita que ela nos proteja. Olho para trás e consigo ver uns doze com cabelo prateado e armadura negra, deslocando cada pilar e vergalhão caídos. Não estou perto o bastante para enxergar seus rostos, mas conheço a Casa Samos bem o suficiente. Evangeline e Ptolemus lideram a família, limpando a rua para que a legião possa continuar a investida. Para poderem acabar o que começaram e matar todos nós.

Se ao menos Cal tivesse destruído Ptolemus na arena, se ao menos eu tivesse tratado Evangeline com o mesmo nível de bondade que ela me tratou… Talvez tivéssemos uma chance. Mas a nossa misericórdia tem um custo — nossas vidas, provavelmente.

Seguro meu irmão firme, apoiando-o o melhor que posso. Kilorn faz mais

esforço, aguentando boa parte do peso de Shade e o arrastando até uma cratera aberta pelas explosões, ainda fumegante. Pulamos para dentro, aliviados em fugir das balas. Mas não é muito. Não por muito tempo.

Kilorn arfa, gotas de suor brotam na testa dele. Ele rasga uma das mangas da camiseta para estancar a ferida na perna de Shade. A mancha de sangue logo empapa o tecido.

— Você consegue dar um salto?

Shade franze a testa, sentindo não a dor, mas a própria força. Sei bem como é. Devagar, ele balança a cabeça e seus olhos escurecem.

— Ainda não.

Kilorn murmura um palavrão.

— O que vamos fazer então?

Levo um instante para perceber que a pergunta é para mim, não para meu irmão mais velho, não para o soldado que sabe o que é uma batalha melhor do que eu e Kilorn. Mas na verdade a pergunta não é para mim. Não é para Mare Barrow de Palafitas, a ladra, a amiga. Kilorn procura outra pessoa agora, a pessoa que me tornei dentro do palácio, na arena.

Sua pergunta é para a garota elétrica.

— Mare, o que vamos fazer?

— Me deixar aqui, é isso o que vocês vão fazer! — Shade grunhe com os dentes cerrados, respondendo antes de mim. — Corram para o rio, encontrem Farley. Salto para lá assim que conseguir.

— Não minta para uma mentirosa — digo, me esforçando ao máximo para não tremer. Meu irmão acabou de voltar para mim, como um fantasma que volta da morte. Não posso deixar que ele suma de novo por nada no mundo. — Vamos sair daqui juntos. *Todos nós.*

A legião em marcha faz o chão tremer. Um breve olhar por cima da cratera me diz que os soldados estão a menos de cem metros e avançam rápido. Consigo ver os prateados entre as lacunas da linha vermelha. A infantaria veste o uniforme cinzento do exército, mas alguns usam armaduras nas cores da família. Guerreiros das Grandes Casas. Avisto pontos azuis, amarelos, negros, marrons e mais. Ninfoides e telecs e silfos e forçadores, os mais poderosos combatentes que os prateados poderiam lançar contra nós. Eles acham que Cal é o assassino do rei e que sou uma terrorista. E vão botar a cidade inteira abaixo para nos destruir.

Cal.

Apenas o sangue do meu irmão e a respiração vacilante de Kilorn me impedem de pular para fora da cratera. Preciso encontrá-lo, *preciso*. Se não por mim, pela

causa, para proteger a retirada. Ele vale cem bons soldados. É como um escudo dourado. Mas já deve ter desaparecido, escapado, deve ter derretido as correntes e fugido quando a cidade começou a ruir.

Não, ele não fugiria. Ele jamais fugiria deste exército, de Maven, de mim.

Espero não estar enganada.

Espero que ele já não esteja morto.

— Kilorn, levante Shade — ordeno. No Palacete do Sol, a falecida Lady Blonos me ensinou a falar como uma princesa, com a voz fria e rígida, sem dar margem a questionamentos.

Kilorn obedece, mas Shade não perdeu o hábito de contestar:

— Eu só vou atrasar vocês.

— Mais tarde você pede desculpas — replico enquanto o ajudo a ficar de pé. Mal presto atenção neles; meu foco está em outro lugar. — Vão na frente.

— Mare, se você acha que vamos deixar você…

Antes que Kilorn termine, me viro para ele com faíscas nas mãos e determinação no peito. As palavras morrem na boca dele. Ele lança um olhar para o exército, mais próximo a cada segundo. Telecs e magnetrons retiram os destroços da rua e liberam o caminho novamente com chiados ensurdecedores do metal riscando a pedra.

— *Corram.*

De novo, ele obedece, e Shade não consegue fazer nada além de acompanhá-lo com seus passos mancos. Fico para trás. Enquanto os dois lutam para sair da cratera e partem aos tropeços para o oeste, dou passos cautelosos para o leste. O exército vai parar por minha causa. Tem que parar.

Depois de um segundo de terror, os vermelhos diminuem o ritmo, o tinido das correntes se dissipa à medida que param de se mover. Atrás deles, prateados carregam rifles negros sobre os ombros como se não pesassem nada. Cargueiros de guerra, grandes máquinas com esteiras nas rodas, varrem o solo até se deterem em algum lugar atrás do exército. Posso sentir o poder deles nas veias.

O exército está tão perto agora que consigo ouvir os oficiais berrando ordens:

— A garota elétrica!

— Mantenham a formação! Fiquem firmes!

— Mirem!

— Não disparem ainda!

A pior das ordens é a última, que ecoa pela rua repentinamente silenciosa. A voz de Ptolemus soa familiar, cheia de ódio e fúria.

— Abram caminho para o rei! — ele grita.

Dou um passo vacilante para trás. Eu esperava os exércitos de Maven, mas não Maven em pessoa. Ele não é um soldado como o irmão, e não tem motivo para se meter a liderar um exército. Mas aqui está ele, à espreita, avançando por entre as tropas que se abrem para dar passagem, com Ptolemus e Evangeline logo atrás. Quando ele dá um passo à frente da linha vermelha, meus joelhos quase cedem. Sua armadura é de um preto brilhante, sua capa é rubra. Algo o faz parecer mais alto agora do que hoje de manhã. E ele ainda ostenta a coroa flamejante do pai, embora o campo de batalha não seja lugar para isso. Suponho que quer mostrar ao mundo o que ganhou com suas mentiras, que prêmio maravilhoso ele roubou. Apesar da distância, posso sentir o calor do seu olhar penetrante e sua raiva fervente, me queimando de dentro para fora.

Não há nenhum ruído além dos jatos assobiando acima de nós; é o único som do mundo.

— Vejo que ainda é corajosa — Maven diz. Sua voz percorre a avenida e ecoa por entre as ruínas, provocadora. — E tola.

Como na arena, não vou lhe dar a satisfação da minha raiva e do meu medo.

— Deveriam chamar você de menininha quieta — ele ri friamente, e seu exército faz o mesmo. Os vermelhos permanecem em silêncio, com os olhos fixos no chão. Não querem ver o que está prestes a acontecer. — Muito bem, quietinha, diga aos ratos dos seus amigos que acabou. Estão cercados. Chame-os e lhes darei uma boa morte de presente.

Mesmo que eu pudesse dar uma ordem assim, jamais o faria.

— Eles já foram embora.

Não minta para um mentiroso… e Maven é o maior mentiroso de todos.

Ainda assim, ele parece hesitante. A Guarda Escarlate já escapou tantas vezes: na Praça de César, em Archeon… Talvez até consigam escapar agora. Que vergonha seria. Que começo desastroso para o reinado dele.

— E o traidor? — A voz de Maven sai mais aguda, e Evangeline se aproxima dele. O cabelo prateado dela reluz como a lâmina de uma navalha, mais brilhante que sua armadura dourada. Mas ele se afasta dela, deixando-a de lado como um gato faz com um brinquedo. — E meu maldito irmão, o príncipe caído?

Ele não escuta a minha resposta, porque não tenho uma.

Maven ri de novo, e dessa vez seu riso é como uma facada no meu coração.

— Ele também abandonou você? Ele fugiu? O covarde mata nosso pai e tenta roubar meu trono para depois fugir de fininho e se esconder? — continua, enojado, atuando na frente de seus nobres e de seus soldados. Para eles, ainda precisa parecer o filho trágico, um rei que jamais quis a coroa, que não quer nada

além de justiça para os mortos.

Ergo a cabeça em desafio.

— Você acha que Cal faria uma coisa dessas?

Maven está longe de ser bobo. É perverso, mas não estúpido, e conhece o irmão melhor do que qualquer outra pessoa viva. Cal não é covarde nem jamais será. Maven pode mentir para seus súditos, mas jamais mudará isso. Os olhos do novo rei traem seu coração e ele observa ao redor, examinando becos e travessas que cortam a avenida destruída pela guerra. Cal poderia estar escondido em qualquer lugar, esperando para atacar. Eu mesma poderia ser a armadilha, a isca para atrair a víbora que uma vez chamei de noivo e amigo. O movimento da cabeça faz a coroa escorregar; é grande demais para a cabeça dele. Até o pedaço de metal sabe que não pertence a ele.

— Acho que você está sozinha, Mare — ele diz em tom suave. Apesar de tudo o que fez para mim, ouvir meu nome na boca de Maven me faz arrepiar com a lembrança dos dias passados. Antes, ele o pronunciava com delicadeza e afeto. Agora, como uma maldição. — Seus amigos foram embora. Você perdeu. E você é uma abominação, a única da sua espécie maldita. Será um gesto de misericórdia tirá-la deste mundo.

Mais mentiras, ambos sabemos. Imito sua risada fria. Por um segundo, parecemos amigos de novo. Nada mais longe da verdade.

Um jato circula sobre nós; suas asas quase arranham o topo de uma ruína próxima. Tão perto. *Perto demais*. Posso sentir seu coração elétrico, seus motores em rotação fazendo-o permanecer no ar. Me esforço para alcançá-lo, como tantas vezes antes. Do mesmo jeito que fiz com as luzes, com as câmeras, com cada fio e circuito desde que me tornei a garota elétrica, assumo o controle do jato… e *o desativo*.

O jato se inclina e plana por uns instantes nas asas pesadas. A trajetória original previa sobrevoar a avenida, bem acima da legião, para proteger o rei. Agora, a máquina de guerra vai mergulhar de cabeça neles, ultrapassando a linha de vermelhos para colidir com centenas de prateados. Os magnetrons da Casa Samos e os telecs da Casa Provos não são rápidos o bastante para deter o jato, que cai rachando o solo, mandando asfalto e corpos pelos ares. A explosão é ensurdecedora, desorientadora e dolorosa. *Sem tempo para dor*, é a frase que se repete na minha cabeça. Não fico para assistir ao caos no exército de Maven. Já estou correndo, levando meu poder elétrico comigo.

Faíscas brancas e arroxeadas servem de escudo para minhas costas e me protegem dos lépidos que tentam me alcançar na corrida. Alguns se chocam

contra a eletricidade ao tentar romper o escudo. Caem para trás em pilhas de carne queimada e ossos latejantes. Fico feliz por não conseguir ver seus rostos; do contrário, poderia ter pesadelos com eles. Depois vêm as balas, mas meu zigue-zague me torna um alvo difícil. Os poucos tiros que passam perto fritam no meu escudo, como era para ter acontecido com meu corpo quando caí naquela redoma elétrica na Prova Real. Aquele momento parece tão distante agora. No alto, os jatos voltam a gritar, desta vez com cuidado, mantendo distância. Já seus mísseis não são tão educados.

As ruínas de Naercey resistiram por milhares de anos, mas não sobreviverão ao dia de hoje. Prédios e ruas vêm abaixo, destruídos tanto pelos poderes dos prateados como pelos mísseis. Um ataque com tudo e todos. Os magnetrons retorcem e arrebentam vergalhões de aço, enquanto telecs e forçadores arremessam destroços pelo ar cheio de cinzas. Água brota dos esgotos: são os ninfoides tentando inundar a cidade e expulsar os últimos rebeldes dos esconderijos nos túneis subterrâneos. O vento uiva forte como um furacão graças aos dobra-ventos. Água e lascas de concreto ardem meus olhos em rajadas tão afiadas que quase me cegam. As explosões dos oblívios fazem o solo tremer sob meus pés. Tropeço, confusa. Não costumava cair. Mas desta vez arranho o rosto no asfalto e deixo sangue no chão ao erguer a cabeça. Quando consigo levantar, um banshee prateado solta um grito capaz de arrebentar vidraças e me derruba outra vez. Sou forçada a tapar os ouvidos. Mais sangue, gotas grossas escorrendo rapidamente pelos meus dedos. Mas o banshee que me nocauteou acaba me salvando por acidente. Assim que caio, outro míssil passa voando sobre mim, tão perto que sinto o ar vibrar.

Ele explode perto demais; seu calor pulsa pelo escudo de raios que criei às pressas. Me pergunto se vou morrer sem sobrancelhas. Mas o calor, em vez de me consumir, permanece constante e desconfortável, mas não insuportável. Mãos fortes e ásperas me põem de pé, e cabelos loiros brilham à luz do fogo. Só enxergo o suficiente para distinguir o rosto através da ventania cortante. *Farley*. Sem arma, com as roupas rasgadas e os músculos trêmulos. Mas ela não me solta.

Atrás dela, uma figura alta e familiar forma uma silhueta escura contra a explosão. Ele a detém com apenas uma mão. Suas algemas sumiram, derretidas ou jogadas fora. Quando se vira, as chamas aumentam, lambem o céu e a rua destruída, mas nunca nos atinge. Cal sabe exatamente o que faz ao conduzir as labaredas à nossa volta, como um rio contornando uma rocha. Como na arena, ele cria uma muralha ardente de um lado ao outro da avenida, e nos protege do irmão e dos soldados à frente. Mas suas chamas estão fortes agora, alimentadas por

oxigênio e ódio. Jorram para cima, tão quentes que a base queima num tom azul fantasmagórico.

Mais mísseis caem, mas, de novo, Cal os contém e os usa para alimentar seu poder. É quase belo assistir seus longos braços se arquearem e girarem, transformando estrago em proteção em um ritmo constante.

Farley tenta me puxar para trás e consegue ser mais forte do que eu. Com as chamas nos defendendo, viro de costas e avisto o rio uns cem metros à frente. Consigo até ver as sombras desajeitadas de Kilorn e do meu irmão, mancando rumo à suposta segurança.

— Vamos, Mare! — Farley ruge, praticamente arrastando meu corpo ferido e enfraquecido.

Por um segundo, me deixo levar. Dói demais pensar com clareza. Mas um rápido olhar para trás me faz compreender o que ela está fazendo, o que ela está tentando fazer com que *eu* faça.

— Não vou embora sem ele! — grito pela segunda vez hoje.

— Acho que ele está indo muito bem sozinho — ela diz. Seus olhos azuis refletem o fogo.

Já pensei como ela. Pensava que os prateados eram invencíveis, deuses sobre a Terra, poderosos demais para serem destruídos. Mas matei três só hoje de manhã: Arven, o forçador Rhambos e Lord Osanos, o ninfoide. Talvez até mais, com a tempestade elétrica. E eles quase me mataram, e, aliás, quase mataram Cal também. Tivemos que salvar um ao outro na arena. E precisamos fazer o mesmo agora.

Farley é maior do que eu, mais alta e mais forte, só que sou mais ágil. Mesmo machucada e meio surda. Faço um movimento rápido com o tornozelo, uma rasteira no tempo certo, e Farley perde o equilíbrio e me solta. Imediatamente, viro para a frente com as mãos espalmadas, captando o que preciso. Naercey tem muito menos eletricidade que Archeon ou mesmo Palafitas, mas não preciso sugar a energia de nada agora. Posso criar a minha.

A primeira rajada de água ninfoide atinge as chamas com a força de um maremoto. A maior parte evapora de imediato, mas o resto cai sobre a muralha e extingue as grandes línguas de fogo. Respondo à água com minha própria eletricidade, mirando nas ondas que giram e quebram no ar. Atrás, as legiões prateadas marcham adiante, investindo contra nós. Pelo menos os vermelhos acorrentados foram tirados do caminho e relegados ao final das fileiras. Obra de Maven. Ele não vai deixar que o atrasem.

Os soldados dele encontram meus raios em vez do campo aberto, e, atrás dele,

o fogo de Cal renasce das cinzas.

— Recue devagar — Cal diz, gesticulando com a mão aberta.

Imito os passos dele com cuidado para não desviar os olhos do destino iminente. Juntos, nos alternamos para a frente e para trás, protegendo a própria retirada. Quando as chamas dele caem, meus raios se erguem, e vice-versa. Juntos, temos uma chance.

Cal murmura ordens breves: quando andar, quando erguer uma muralha, quando desfazê-la. Ele parece mais exausto do que jamais o vi: veias azuis e pretas marcadas sob a pele lívida, círculos cinza delineando os olhos. Sei que a minha aparência deve estar ainda pior. Mas o ritmo dele evita que gastemos tudo e permite que um pouquinho das nossas forças volte bem quando precisamos.

— Só mais um pouco — a voz de Farley avisa, ecoando atrás de nós. Mas ela não está fugindo. Vai ficar conosco, apesar de ser apenas humana. *Ela é mais corajosa do que eu pensava.*

— Até onde? — grito por entre os dentes enquanto armo outra rede de eletricidade.

Apesar das ordens de Cal, começo a ficar mais lenta, e alguns escombros atravessam meu escudo. Caem uns metros à frente e se desfazem em pó. Estamos ficando sem tempo.

Mas Maven também está.

Posso sentir o cheiro do rio e do oceano além dele. Intenso e salgado, ele nos convida, mas não faço ideia para quê. Só sei que Farley e Shade acreditam que ele nos salvará das garras de Maven. Quando olho para trás, vejo apenas a avenida terminando na beira do rio. Farley se levanta, à espera, os cabelos curtos se agitando contra o vento quente. *Pulem*, ela diz sem soltar ruídos antes de mergulhar da beirada da rua destruída.

O que deu nela para pular para o abismo?

— Ela quer que a gente pule — digo a Cal, virando bem a tempo de substituir a barreira dele pela minha.

Ele concorda com um grunhido; está concentrado demais para falar. Como meus raios, as chamas dele estão fracas. Quase conseguimos enxergar os soldados através delas agora. O fogo tremeluzente distorce os traços, transformando olhos em carvões em chamas, bocas em presas sorridentes e homens em demônios.

Um deles caminha até a muralha de fogo e chega perto o suficiente para se queimar. Mas ele não queima. Em vez disso, abre as labaredas como se fossem cortinas.

Apenas uma pessoa é capaz disso.

Maven sacode a capa idiota para tirar as brasas; a seda queima enquanto a armadura aguenta firme. Ele tem a cara de pau de sorrir.

E, de alguma maneira, Cal encontra forças para dar as costas. Em vez de fazer Maven em pedaços com as próprias mãos, agarra meu punho com os dedos quentes. Corremos juntos, sem nos dar o trabalho de defender nossas costas. Maven não é páreo para nenhum de nós, e sabe disso. Apesar da coroa e do sangue em suas mãos, ainda é jovem demais.

— Corra, assassino! Corra, garota elétrica! Corram rápido e para longe! — O riso dele ecoa pelas ruínas como uma assombração. — Não há lugar em que eu não possa encontrar vocês!

Tenho uma vaga consciência de que meus raios estão falhando, extinguindo-se à medida que me afasto. As chamas de Cal começam a se desfazer, expondo-nos ao resto da legião. Mas já estamos saltando para o rio, três metros abaixo dos prateados.

Caímos, não com um *splash*, mas com um barulho metálico retumbante. Preciso rolar para não arrebentar os tornozelos, mas mesmo assim sinto uma dor oca e latejante subir pelos ossos. *O que é isto?* Farley nos espera mergulhada até o joelho no rio gélido, ao lado de um cilindro metálico com a tampa aberta. Sem falar, pula para dentro e desaparece em seja lá o que for que está sob nós. Não temos tempo para discutir ou fazer perguntas e a seguimos cegamente.

Pelo menos Cal tem o bom senso de fechar a tampa atrás de nós, o que bloqueia o rio e a guerra lá em cima. O silvo pneumático indica que estamos hermeticamente fechados. Mas isso não vai nos proteger por muito tempo, não contra a legião.

— Mais túneis? — pergunto sem fôlego, virando a cabeça para Farley. Minha visão fica turva com toda a correria e preciso me apoiar na parede. Minhas pernas tremem.

Como na rua, Farley põe um braço sob meu ombro e carrega meu peso.

— Não. Isto não é um túnel — ela diz, com um sorriso enigmático.

E então eu sinto. Uma espécie de bateria vibrando em algum lugar, só que maior. Mais forte. Pulsa à nossa volta, através do corredor estranho inundado de botões piscantes e luzes baixas e amarelas. Vejo vultos de cachecóis vermelhos se movendo pela passagem, rebeldes escondendo o rosto. Parecem névoas, como sombras rubras. Com um gemido, todo o corredor estremece e *afunda*, com o bico para baixo. *Na água.*

— Um barco. Um barco subaquático — Cal diz. A voz dele está distante, trêmula e fraca, assim como me sinto.

Nenhum de nós consegue dar mais do que alguns passos antes de desabar contra as paredes inclinadas.

TRÊS



NOS ÚLTIMOS DIAS, acordei numa cela de prisão e depois num trem. Agora num barco subaquático. *Onde vou acordar amanhã?*

Estou começando a pensar que tudo isso foi um sonho, ou uma alucinação, ou alguma coisa pior. Mas dá para sentir cansaço num sonho? Porque com certeza estou cansada. Minha exaustão penetra cada osso, músculo e nervo. Meu coração é como uma ferida, ainda sangrando pela traição e pelo fracasso. Quando abro os olhos e encontro paredes cinza sufocantes, tudo o que quero esquecer ressurge em minha mente. É como se a rainha Elara estivesse dentro da minha cabeça de novo, me obrigando a reviver minhas piores lembranças. Por mais que eu tente, não consigo detê-las.

Minhas criadas silenciosas foram executadas, e não eram culpadas de nada além de pintar minha pele. Tristan foi golpeado como um porco. Walsh. Ela tinha a idade do meu irmão, vinha de Palafitas, minha amiga… *uma de nós*. E morreu cruelmente, pelas próprias mãos, para proteger a Guarda, nosso ideal, e a mim. Ainda mais gente morreu nos túneis da Praça de César, rebeldes assassinados pelos soldados de Cal, aniquilados pelo nosso plano imbecil. A lembrança do sangue vermelho queima, mas pensar no sangue prateado tem o mesmo efeito. Lucas, um amigo, um protetor, um prateado de bom coração, executado pelo que Julian e eu o forçamos a fazer. Lady Blonos, decapitada por me ensinar a sentar do jeito certo. Coronel Macanthos, Reynald Iral e Belicos Lerolan: sacrificados pela causa. Sinto nojo ao me lembrar dos gêmeos Lerolan, com quatro anos, mortos na explosão que se seguiu ao tiroteio. Maven me disse que foi um acidente — uma tubulação de gás perfurada —, mas agora sei a verdade. A maldade dele é intensa demais para que aquilo tenha sido uma coincidência. Sem dúvida ele não se importaria em jogar uns corpos a mais nas chamas se pudesse convencer o mundo de que a Guarda era formada por monstros. Ele também vai matar Julian e Sara. Já devem estar mortos até. Não consigo pensar em todos eles. É doloroso demais. Agora meus pensamentos se voltam para Maven, para seus olhos frios e azuis e

para o momento em que descobri que seu sorriso charmoso escondia uma fera.

O estrado sob mim é duro, os cobertores são finos, e não há nenhum sinal de travesseiro, mas parte de mim quer deitar de novo. A enxaqueca retorna, latejando com o pulso elétrico desse barco milagroso. Trata-se de um lembrete constante: não há paz para mim aqui. Ainda não, não enquanto houver tanto a ser feito. *A lista. Os nomes. Preciso encontrá-los. Preciso protegê-los de Maven e da mãe dele.* Um calor se espalha pelo meu rosto e minha pele enrubesce com a lembrança do livrinho de segredos que Julian se esforçou tanto para escrever. Um registro daqueles que são como eu, que têm a estranha mutação que nos dá sangue vermelho e poderes prateados. Aquela lista é o legado de Julian. E o meu.

Jogo as pernas para o lado para sair do leito, quase batendo a cabeça na cama de cima, e me deparo com roupas perfeitamente dobradas no chão. Calças pretas compridas demais, uma camisa vermelho-escura com os cotovelos puídos e botas sem cadarços. Nada parecido com as roupas finas que encontrei na cela prateada, mas dão uma sensação boa ao tocar minha pele.

Nem termino de passar a camisa pela cabeça quando a porta com grandes dobradiças de ferro do meu compartimento se escancara. Kilorn espera ansioso do outro lado, com um sorriso forçado e desanimado. Ele não deveria corar, já que me viu em várias etapas de troca de roupa ao longo de muitos verões, mas as bochechas dele ficam vermelhas mesmo assim.

— Não é normal você dormir tanto assim — ele diz, e percebo a preocupação em sua voz.

Dou de ombros e levanto sobre as pernas fracas.

— Acho que estava precisando.

Um zumbido estranho toma conta dos meus ouvidos. Agudo, mas não doloroso. Sacudo a cabeça como um cachorro molhado, tentando me livrar do ruído.

— Deve ser o grito do banshee — ele diz, indo até mim para segurar minha cabeça com as mãos cuidadosas cheias de calos. Me submeto ao exame dele, suspirando impaciente. Ele me vira para o lado e dá uma olhada nas orelhas que há pouco gotejavam sangue. — Você foi sortuda de não ter te acertado em cheio.

— Sou muitas coisas, mas acho que sortuda não é uma delas.

— Você está viva, Mare — ele diz, seco, se afastando. — É mais do que muitos podem dizer.

O olhar severo dele me faz voltar a Naercey, quando falei ao meu irmão que não confiava na palavra dele. No fundo, sei que ainda não confio.

— Desculpa — murmuro rápido.

Claro que sei que outros morreram, pela causa e por mim. Mas eu também morri. A Mare de Palafitas morreu no dia em que caiu no escudo elétrico. Mareena, a princesa prateada desaparecida, morreu no Ossário. E não sei quem é a pessoa que abriu os olhos no subtrem. Só sei o que ela foi e o que perdeu, e o peso disso é quase esmagador.

— Você vai me dizer para onde estamos indo ou é mais um segredo? — Tento evitar que minha voz saia amarga, mas falho miseravelmente.

Kilorn é educado o suficiente para ignorar meu tom, apenas se apoia na porta e responde:

— Deixamos Naercey faz cinco horas e estamos seguindo para o nordeste. Isso é tudo que sei, de verdade.

— E você não se incomoda nem um pouco com isso?

Ele apenas dá de ombros.

— O que faz você pensar que o alto escalão confia em mim? Ou em você, aliás? Você sabe melhor que ninguém como fomos tolos e o preço alto que pagamos por isso. — De novo, sinto a dor das lembranças. — Você mesma disse que não consegue nem confiar em Shade. Duvido que alguém comece a revelar segredos tão cedo.

O golpe não dói tanto quanto eu esperava.

— Como ele está?

Kilorn aponta para o corredor com a cabeça.

— Farley montou um posto médico bem decente para os feridos. Ele está melhor que os outros. Xingando muito, mas com certeza melhor. — Uma pausa. Seus olhos verdes se escurecem um pouco e ele desvia o olhar. — A perna dele…

Respiro fundo, assustada.

— Infeccionou?

Lá em Palafitas, uma infecção equivalia a um membro amputado. Não tínhamos muitos remédios. Quando o sangue de alguém ficava ruim, a única coisa a fazer era continuar fatiando a pessoa, na esperança de arrancar a febre e as veias enegrecidas.

Para o meu alívio, Kilorn balança a cabeça.

— Não, Farley deu uma boa dose de remédios para ele, e os prateados usam balas limpas. Até que é um grande gesto da parte deles.

Ele dá uma risada sombria e fica à espera de que eu ria junto. Em vez disso, estremeço. O ar é muito frio aqui em baixo.

— Mas ele com certeza vai mancar por um tempo — Kilorn completa.

— Você vai me levar até ele ou vou ter que encontrar o caminho sozinha?

Depois de outra risada sombria, ele estende o braço. Para minha surpresa, descubro que preciso me apoiar nele para andar. Naercey e o Ossário com certeza cobraram seu preço.

Mersivo. É assim que Kilorn chama o estranho barco subaquático. Como esse barco consegue navegar *embaixo* do oceano está muito além da nossa compreensão, embora eu tenha certeza de que Cal saberá dizer. Ele é o próximo da minha lista. Vou atrás dele depois de confirmar que meu irmão ainda está respirando. Lembro que Cal mal estava consciente quando escapamos, assim como eu. Mas não acho que Farley iria deixá-lo no posto médico, não com rebeldes feridos por toda parte. Há ressentimento demais, e ninguém quer um inferno dentro de um tubo de metal selado.

O grito do banshee ainda ressoa nos meus ouvidos, como um gemido abafado que tento ignorar. A cada passo encontro novas dores e machucados. Kilorn percebe cada estremecimento meu, diminui o ritmo e permite que eu solte o peso no seu braço. Ele ignora as próprias feridas, os cortes profundos escondidos sob gazes novas. Ele sempre teve mãos judiadas, arranhadas e cortadas por anzóis e cordas, mas eram feridas familiares. Significavam que ele estava seguro, empregado, livre do recrutamento. Se não fosse pela morte do mestre pescador, as pequenas cicatrizes seriam seu único fardo.

Antes, esse pensamento me deixaria triste. Agora, só sinto raiva.

O corredor principal do mersivo é longo mas estreito, dividido por várias portas de metal com dobradiças grossas e válvulas pressurizadas — para isolar o que for necessário e evitar que toda a embarcação inunde e afunde. Mas as portas não me oferecem qualquer conforto. Não consigo parar de pensar em morrer no fundo do oceano, lacrada num caixão encharcado. Até Kilorn, um garoto criado na água, parece desconfortável. As luzes fracas presas ao teto incidem de um jeito estranho, recortando sombras em seu rosto que o fazem parecer velho e cansado.

Os outros rebeldes não estão tão afetados. Vão de um lado para o outro, decididos. Os cachecóis vermelhos abaixados deixam ver rostos com uma determinação séria. Carregam mapas, bandejas com suplementos médicos, gazes, comida e até mesmo rifles esporádicos, sempre apressados, tagarelando entre si. Mas eles param ao me ver, colando as costas na parede para deixar o maior espaço possível para mim no corredor estreito. Os mais corajosos me encaram nos olhos e me assistem passar mancando, mas a maioria olha para os próprios pés.

Alguns até parecem com medo.

De mim.

Quero agradecer, expressar de alguma maneira minha dívida profunda com cada homem e mulher a bordo deste estranho navio. Um "Obrigada pelos seus serviços" quase escorrega para fora da minha boca, mas forço a mandíbula para segurar. *Obrigada pelos seus serviços.* É o que estampam nos avisos, nas cartas enviadas aos vermelhos para contar que seus filhos morreram em uma guerra inútil. Quantos pais não vi chorar diante dessas palavras? Quantos mais não as receberão, quando as Medidas enviarem crianças ainda mais novas para as trincheiras?

Mais nenhum, digo a mim mesma. *Farley vai pensar num plano, e vamos descobrir uma maneira de encontrar os sanguenovos, os outros como eu. Vamos fazer alguma coisa.* Temos *que fazer alguma coisa.*

Os rebeldes murmuram entre si enquanto passo. Mesmo os incapazes de me encarar trocam sussurros sem a preocupação de disfarçar as palavras. Imagino que pensem que o que dizem são elogios.

— A garota elétrica — ecoa entre eles, ricocheteando pelas paredes de metal. As palavras me cercam como os murmúrios malditos de Elara, infestando meu cérebro. *Menininha elétrica. Era assim que ela me chamava, que* eles *me chamam.*

Não, não é.

Apesar da dor, endireito a coluna para ficar o mais alta possível.

Não sou mais uma menininha.

Os sussurros nos perseguem ao longo de todo o caminho até o posto médico, onde uma dupla de rebeldes guarda a porta. Eles também estão vigiando a escada, uma estrutura pesada de metal que vai até o teto. A única saída e a única entrada dessa embarcação lerda. Um dos guardas tem cabelo vermelho-escuro igual a Tristan, apesar de estar longe de ser alto como ele. O outro parece uma montanha, com pele morena, olhos penetrantes, peito largo e mãos enormes como as de um forçador. Ambos inclinam a cabeça ao me ver, mas, para meu alívio, não me dedicam muito mais do que um olhar. Em vez disso, voltam suas atenções para Kilorn, sorrindo para ele com a malandragem de amigos de escola.

— De volta tão cedo, Warren? — o ruivo caçoa, agitando as sobrancelhas de maneira sugestiva. — O turno da Lena já acabou.

Lena? Meu braço sente a tensão repentina de Kilorn, embora ele não fale nada que denuncie vergonha. Em vez disso, ele ri com a mesma malandragem. Mas eu o conheço melhor do que todos, o bastante para enxergar o esforço por trás daquele sorriso. Só de pensar que ele passou o tempo *paquerando* enquanto eu estava inconsciente e Shade estava ferido e sangrando na cama…

— O rapaz já está ocupado demais sem correr atrás de enfermeiras bonitinhas — o grandão diz. Sua voz grave ecoa pelo corredor, provavelmente percorrendo todo o caminho até o dormitório de Lena. — Farley ainda está fazendo a ronda, se é ela que você procura — acrescenta, pressionando o polegar contra a porta.

— E o meu irmão? — pergunto afinal, dispensando o apoio de Kilorn. Meus joelhos quase cedem, mas fico firme. — Shade Barrow?

Os sorrisos se desfazem e o rosto deles enrijece numa expressão mais formal. É quase como voltar ao tribunal prateado. O grandão agarra a porta e logo gira a enorme tranca circular para não ter que olhar para mim.

— Ele está se recuperando bem, senhorita, erm, lady — ele diz.

O título me dá um nó no estômago. Achava que eu já tinha superado essas coisas.

— Por favor, me chame de Mare.

— Claro — ele responde sem qualquer sinal de determinação.

Apesar de ambos sermos da Guarda Escarlate, soldados unidos por uma causa, não somos iguais. Esse homem — assim como muitos outros — jamais me chamará pelo primeiro nome, não importa o quanto eu queira.

Após acenar de leve com a cabeça, ele abre a porta, revelando um compartimento largo, mas baixo, repleto de beliches. Ali costumava ser um dormitório, mas agora as camas estão cheias de pacientes, e o único corredor se agita com homens e mulheres de jaleco branco. Muitos vestem roupas manchadas de sangue vermelho, concentrados demais em colocar uma perna no lugar ou ministrar medicamentos para me notar mancando por ali.

A mão de Kilorn paira ao lado da minha cintura, pronta para me segurar caso eu volte a precisar dele, mas desta vez me apoio nos beliches. Já que todos vão me encarar, pelo menos posso tentar andar sozinha.

Shade está reclinado num único e fino travesseiro, basicamente apoiado contra a parede curva de metal. É impossível que esteja confortável, mas seus olhos estão fechados e seu peito sobe e desce no ritmo tranquilo do sono. A julgar pela perna suspensa no estrado da cama de cima por uma tipoia improvisada e pelo ombro enfaixado, com certeza já o medicaram algumas vezes. Vê-lo tão abatido é um choque difícil de suportar — apesar de ainda ontem eu ter pensado que ele estava morto.

— Melhor deixá-lo dormir — murmuro para ninguém sem esperar resposta.

— Sim, por favor, me deixem — Shade diz sem abrir os olhos, mas seu lábio forma um sorriso familiar e travesso. Apesar do seu estado desanimador e de suas feridas, não consigo conter o riso.

O truque é familiar: Shade costumava fingir que estava dormindo na escola ou quando nossos pais conversavam baixinho. Dou risada ao lembrar quantos segredinhos ele não captou desse jeito. Posso ter nascido ladra, mas Shade nasceu espião. Não é surpresa que tenha ido parar na Guarda Escarlate.

— Escutando a conversa das enfermeiras? — Meu joelho estala quando sento na beira do colchão, com cuidado para não fazer meu irmão balançar. — Já descobriu quantos metros de gaze elas afanaram? — pergunto depois de uma pausa.

Mas, em vez de rir da piada, Shade abre os olhos. Ele gesticula para que Kilorn e eu nos aproximemos.

— As enfermeiras sabem mais do que vocês pensam — ele diz, observando o outro extremo do compartimento.

Ao me virar, encontro Farley trabalhando num dos leitos ocupados. A paciente está apagada, provavelmente sedada. Farley monitora seu pulso de perto. A luz dá destaque à sua cicatriz, que lhe retorce um dos cantos da boca numa careta antes de descer cortante pela lateral do pescoço até o começo do peito. Parte dela se abriu e recebeu pontos apressados. Agora, o vermelho só está presente na mancha de sangue em seu jaleco branco de enfermeira e nos borrões mal lavados que sobem até os cotovelos. Um enfermeiro está ao lado dela, mas o jaleco dele está limpo, e ele cochicha depressa em sua orelha. Farley assente de tempos em tempos, embora seu rosto se contraia numa expressão de ódio.

— O que você ouviu? — Kilorn pergunta, posicionando-se de tal maneira que seu corpo cobre o de Shade por completo. Qualquer um que o vir vai pensar que ele está ajeitando os curativos do companheiro.

— Estamos seguindo para outra base, distante da costa desta vez. Fora do território de Norta.

Me esforço para lembrar do velho mapa de Julian, mas não consigo pensar em muito mais do que o litoral.

— Uma ilha? — pergunto.

— Chama-se Tuck — Shade confirma. — Não deve ser grande coisa, porque os prateados sequer têm um entreposto lá. Praticamente a esqueceram.

Começo a me lamentar por dentro. A perspectiva de me isolar numa ilha sem possibilidade de fugir me assusta ainda mais do que o mersivo.

— Mas eles sabem que existe. É o que basta — comento.

— Farley parecia confiante a respeito da base lá.

— Pelo que me lembro, ela também achava Naercey segura — Kilorn desdenha.

— Não foi por culpa dela que perdemos Naercey — digo. *Foi minha.*

— Maven enganou todo mundo, Mare — Kilorn rebate, tocando meu ombro de leve. — Ele enganou a mim, a você *e* a Farley. Todos nós acreditamos nele.

Com a mãe para orientá-lo, ler nossas mentes e moldar Maven segundo as nossas esperanças, não surpreende termos sido enganados. E agora ele é o rei. Agora ele vai enganar — e controlar — todo o nosso mundo. *Que mundo teremos, com um monstro no trono e sua mãe segurando a coleira?*

Mas abro espaço por entre esses pensamentos. Eles podem esperar.

— Farley falou mais alguma coisa? E a lista? Ainda está com ela, não está?

Shade lança um olhar por cima do meu ombro e toma cuidado para manter a voz baixa.

— Sim, mas ela está mais preocupada com os *outros* que vamos encontrar em Tuck, inclusive nossos pais.

Uma onda de calor se espalha pelo meu corpo, um impulso revigorante de felicidade. O rosto de Shade se ilumina diante do meu discreto, mas autêntico, sorriso.

— Gisa também — ele complementa, segurando minha mão. — E os animais que chamamos de irmãos.

Um nó de tensão se desfaz no meu peito, mas logo é substituído por outro. Aperto a mão dele e arqueio uma sobrancelha, confusa.

— *Outros?* Quem? Como pode ser?

Depois do massacre debaixo da Praça de César e da retirada de Naercey, pensei que não havia mais ninguém.

Mas Kilorn e Shade não compartilham da minha dúvida; em vez disso, preferem trocar olhares furtivos. Estou por fora mais uma vez, e não gosto nem um pouco disso. Mas agora, são meu irmão e meu melhor amigo que guardam segredos, não uma rainha má e um príncipe calculista.

Por algum motivo, isso dói mais. De cara fechada, encaro ambos até que percebam que estou à espera de respostas.

Kilorn cerra os dentes e tem o bom senso de parecer arrependido. Ele aponta para Shade. *Passando a responsabilidade.*

— Você sabe mais do que eu.

— A Guarda gosta de agir na surdina, o que é muito bom — Shade começa, se ajeitando no leito e ficando um pouco mais ereto. Ele geme com o movimento e leva a mão ao ombro ferido, mas dispensa a minha ajuda antes mesmo de eu oferecê-la. — Queremos parecer pequenos, acabados, desorganizados…

Não posso deixar de torcer o nariz e observar bem os curativos dele.

— Bom, estão fazendo um excelente trabalho.

— Não seja cruel, Mare — Shade dispara, com um tom bem parecido com o da nossa mãe. — Estou tentando dizer que as coisas não estão tão ruins quanto parecem. Naercey não era nossa única fortaleza, e Farley não é a única líder. Na verdade, ela sequer faz parte do verdadeiro Comando. É apenas uma capitã. Há outros como ela… e muitos acima dela.

A julgar pela maneira como ela dá ordens aos soldados, eu pensava que Farley era uma imperatriz. Arrisco outro olhar para ela e a encontro refazendo um curativo ao mesmo tempo que repreende a enfermeira que tratou da ferida antes. Mas a convicção do meu irmão não pode ser ignorada. Ele conhece a Guarda Escarlate muito melhor do que eu, e tento acreditar que o que diz sobre ela é verdade. Há mais coisas nessa organização do que vejo aqui. É animador — e assustador.

— Os prateados pensam que estão dois passos à nossa frente, mas nem sabem onde estamos — Shade continua com a voz cheia de fervor. — Parecemos fracos porque queremos.

Volto a encará-lo no mesmo instante.

— Parecem fracos porque *são* fracos. Maven os enganou, encurralou, dizimou e os expulsou da própria casa. Ou você vai tentar me convencer de que tudo era parte de mais um plano?

— Mare… — Kilorn balbucia, encostando o ombro no meu num gesto de consolo. Mas eu o afasto. Ele também precisa ouvir isso.

— Não me importa quantos túneis secretos e barcos e bases vocês têm. Não vão vencer Maven, não desse jeito.

Lágrimas que eu não sabia que ainda tinha me ardem nos olhos, fervilham à lembrança de Maven. É difícil esquecer como ele era. *Não.* Como fingia ser. O garoto gentil, esquecido. A sombra do fogo.

— E o que você sugere então, garota elétrica?

A voz de Farley ecoa dentro de mim como minhas próprias faíscas, deixando todos os meus nervos à flor da pele. Por um breve e árido segundo, fixo o olhar nas mãos, enroladas nos lençóis de Shade. Talvez ela vá embora se eu não virar para trás. Talvez me deixe em paz.

Não seja tão idiota, Mare Barrow.

— Combater fogo com fogo — digo ao levantar. Antes eu me intimidava com a altura dela. Agora olhar para cima me parece natural e familiar.

— Isso é algum tipo de piada prateada? — ela provoca, cruzando os braços.

— Tenho cara de quem está fazendo piada?

Ela não responde, o que é suficiente. No silêncio dela, me dou conta de que o resto do compartimento se calou. Mesmo os feridos abafam a dor para assistir à garota elétrica desafiar a capitã.

— Vocês prosperam parecendo fracos e atacando forte, certo? Bom, eles fazem o possível para parecerem fortes, invencíveis. Mas, na arena, eu provei que não são. — *De novo, mais alto, para todos ouvirem.* Apelo para a voz firme que Lady Blonos avivou em mim. — Eles *não são* invencíveis.

Farley não é burra e não tem dificuldade para acompanhar minha linha de raciocínio.

— Você é mais forte do que eles — diz. Em seguida, seus olhos se desviam para Shade, estirado no leito. — E não é a única.

Confirmo suas palavras com um aceno firme da cabeça, contente por ela já saber o que quero.

— Centenas de nomes, centenas de vermelhos com poderes. Mais fortes, mais rápidos, melhores do que eles, com o sangue tão vermelho quanto a aurora. — Meu fôlego vacila, como se soubesse que está na fronteira do futuro. — Maven vai tentar matá-los, mas se chegarmos primeiro, eles podem se tornar…

— O maior exército que o mundo já viu — completa Farley; seus olhos cintilam só de imaginar. — Um exército apenas com sanguenovos.

Quando ela sorri, o corte força os pontos, ameaçando abrir de novo. O sorriso dela se alarga. Ela não se importa com a dor.

Mas eu com certeza me importo. Acho que sempre vou me importar.

QUATRO



FARLEY NÃO É TÃO ALTA QUANTO KILORN, mas seus passos são mais rápidos, determinados e difíceis de acompanhar. Faço o possível, quase trotando para seguir o ritmo dela pelo corredor do mersivo. Como antes, os rebeldes saem da frente para abrir caminho, mas agora eles também nos cumprimentam, levando a mão ao peito ou os dedos à testa. Devo admitir que a aparência de Farley impressiona, ostentando todas as cicatrizes e feridas como se fossem joias. Ela parece não se importar com o sangue no jaleco e esfrega as mãos nele, distraída. Parte daquele sangue era de Shade. Ela arrancou a bala no ombro dele com as próprias mãos, sem nem piscar.

— Ele não está trancafiado, se é isso que você pensa

— ela diz com um toque de humor, como se a conversa sobre a prisão de Cal fosse uma fofoca qualquer.

Não sou burra a ponto de morder a isca, não agora.

Ela está me analisando, testando a minha reação, a minha fidelidade. Só que não sou mais a garota implorando por ajuda. Já não é tão fácil ler meus pensamentos. Já vivi no fio da navalha, equilibrando uma mentira sobre a outra, me escondendo. Não custa nada fazer o mesmo agora e enterrar bem fundo o que estou pensando.

Então começo a rir, estampando no rosto o sorriso que aprimorei na corte de Elara.

— Dá pra perceber. Não tem nada derretido — replico, apontando para as paredes de metal.

Observo Farley enquanto ela tenta me examinar. Ela mascara bem a própria expressão, mas seus olhos deixam à mostra um vestígio de surpresa. Surpresa e curiosidade.

Não esqueci como ela tratou Cal no trem: algemas, guardas armados e desprezo. E ele aceitou tudo como um cachorro abandonado. Depois da traição do irmão e do assassinato do pai, ele já não tinha nenhuma vontade de lutar. Não

o culpei. Mas Farley não conhece seu coração — nem sua força — como eu. Ela não sabe o quanto ele é perigoso de verdade. Ou o quanto eu sou perigosa, aliás. Mesmo agora, apesar das muitas feridas, sinto a energia lá dentro, chamando a eletricidade que pulsa pelo mersivo. Poderia controlá-lo se quisesse.

Poderia desligar este negócio inteiro. Poderia afogar todos nós. A ideia letal me faz corar, envergonhada por pensar algo assim. Mas ao mesmo tempo me conforta.

Sou a arma mais poderosa numa embarcação cheia de guerreiros, e eles parecem não perceber.

Parecemos fracos porque queremos. Shade se referia à Guarda ao dizer isso, queria explicar os motivos do grupo. Agora começo a me perguntar se ele também não estava tentando transmitir uma mensagem, como as palavras escritas numa carta muito tempo atrás.

O alojamento de Cal fica no fim do mersivo, resguardado do alvoroço do resto da embarcação. A porta está praticamente escondida atrás de um emaranhado de canos e caixas vazias cujos rótulos dizem

"Archeon", "Haven", "Corvium", "Delphie" e até mesmo

"Belleum", que fica em Piedmont ao sul. Não sei dizer o que essas caixas continham antes, mas os nomes das cidades prateadas me dão um frio na espinha. Foram roubadas. Farley percebe que estou olhando para as caixas, mas não se dá ao trabalho de explicar. Apesar do nosso acordo precário sobre aqueles que ela chama de "sangue novos", ainda não adentrei o círculo mais profundo dos segredos dela. Imagino que Cal tenha algo a ver com isso.

A fonte de energia do mersivo, seja lá qual for — um gerador poderoso, pelo que sinto —, treme sob meus pés e faz meus ossos vibrarem. Torço o nariz de desgosto. Farley pode não ter trancafiado Cal, mas também não está sendo gentil. Entre o ruído e o sacolejo, começo a duvidar que ele tenha conseguido dormir pelo menos um pouco.

— Imagino que este seja o único lugar onde você podia deixá-lo, certo? — pergunto, cravando os olhos naquele canto atulhado.

Ela dá de ombros e esmurra a porta.

— O príncipe não reclamou.

Não esperamos muito, embora eu desejasse um tempo para me recompor. A tranca circular começa a se mover em questão de segundos, com giros rápidos e barulhentos. As dobradiças de ferro rangem, gritam, e Cal abre a porta.

Não me surpreendo ao vê-lo ereto, ignorando as próprias dores. Depois de uma vida inteira se preparando para ser um guerreiro, ele está acostumado com cortes

e hematomas. Mas ele não sabe esconder as cicatrizes interiores. Ele evita meu olhar, preferindo focar em Farley, que não percebe ou não quer perceber o coração dilacerado do príncipe. De repente, parece mais fácil suportar minhas próprias feridas.

— Capitã Farley — ele diz, como se ela tivesse vindo importuná-lo à hora do jantar. Usa o tom aborrecido para mascarar a dor.

Farley não suporta essa atitude e joga o cabelo curto para o lado, resmungando. Chega até a pôr a mão na porta como se fosse fechá-la.

— Ah, você não quer visitas? Que grosseria da minha parte!

Fico discretamente feliz por não ter deixado Kilorn nos acompanhar. Ele seria ainda pior com Cal, já que o odeia desde a primeira vez que se encontraram, em Palafitas.

— Farley — chamo por entre os dentes cerrados.

Minha mão interrompe o movimento da porta. Para minha alegria — e desgosto —, Farley recua instintivamente ao meu toque. Logo ela fica com o rosto inteiro vermelho, com vergonha de si mesma e do seu medo. Apesar da fachada de dureza, ela é igual a seus soldados. Tem medo da garota elétrica.

— Acho que nos viramos sozinhos a partir daqui — completo.

O rosto de Farley se contrai, uma pontada de irritação, tanto com ela mesma quanto comigo. Mas ela concorda, grata por se retirar da minha presença. Depois de lançar um último olhar afiado para Cal, dá meia-volta e desaparece pelo corredor. Os berros de suas ordens ecoam por um instante, indecifráveis, mas fortes.

Cal e eu a seguimos com o olhar. Depois, fitamos a parede, o chão, os próprios pés, com medo de nos encarar. Medo de relembrar os últimos dias. A última vez que trocamos olhares na soleira de uma porta rendeu aulas de dança e um beijo roubado. Talvez tudo isso pertença a outra vida. Porque era mesmo outra vida. Ele dançou com Mareena, a princesa perdida, e Mareena está morta.

Mas as lembranças dela permanecem. Quando entro no compartimento, meu ombro roça o braço firme de Cal, e me lembro da sensação e do cheiro e do gosto dele. Calor, brasas de madeira, nascer do sol. Agora não mais. Cal cheira a sangue, sua pele é como gelo, e digo a mim mesma que não quero sentir o gosto dele nunca mais.

— Estão te tratando bem? — falo primeiro, começando com um assunto fácil. Uma rápida olhada pelo compartimento limpo, embora pequeno, é resposta suficiente, mas quero quebrar o silêncio.

— Estão — ele responde, ainda parado diante da porta aberta, refletindo se

deve fechá-la ou não.

Meus olhos se deparam com um painel aberto na parede, revelando um emaranhado de fios e chaves. Não posso conter um leve sorriso. Cal andou xeretando.

— Você acha isso uma boa ideia? Um fio errado e…

Meu comentário arranca um sorriso fraco dele, mas mesmo assim reconfortante.

— Passei metade da vida lidando com circuitos elétricos. Não se preocupe, sei o que estou fazendo.

Ambos ignoramos o duplo sentido da frase.

Ele finalmente decide fechar a porta, embora a deixe destrancada. Uma mão se apoia contra a parede de metal, espalmada, à procura de algo em que se agarrar. A pulseira de chamas ainda reluz em seu punho, prata cintilante contra um cinza opaco e duro. Ele percebe meu olhar e abaixa a manga da camisa manchada. Acho que ninguém pensou em lhe dar uma muda de roupa.

— Ninguém vai se preocupar comigo enquanto eu ficar no meu canto, acho — ele diz, e volta a mexer no painel aberto. — Até que é bom — ele acrescenta, mas a piada não tem graça.

— Vou garantir que as coisas continuem assim, se é isso que você quer — emendo depressa. Para ser honesta, não faço ideia do que Cal quer no momento.

Além de vingança, a única coisa que ainda temos em comum.

Ele me encara com a testa franzida, quase achando graça.

— Ah, a garota elétrica está no comando agora? — Ele não me dá chance de reagir à provocação. Diminui a distância entre nós com um passo largo, estreita o olhar e continua: — Tenho a sensação de que você está tão acuada quanto eu. Só que você parece não perceber.

Meu rosto fica vermelho de raiva — e vergonha — na hora.

— Acuada? Não sou eu que me escondo num armário.

— Não, você está ocupada demais desfilando por aí.

— Ele se inclina para a frente e o calor familiar entre nós retorna. — De novo.

Parte de mim sente vontade de dar um tapa na cara dele.

— Meu irmão jamais faria…

— Eu pensava que meu irmão também jamais faria várias coisas, e veja onde fomos parar! — ele interrompe, esbravejando.

Cal abre os braços, exasperado, e as pontas dos dedos tocam as paredes, arranhando a prisão em que ele se encontra. A prisão em que eu o prendi. E ele me aprisionou consigo, quer tenha consciência ou não.

Seu corpo emana um calor cáustico. Sou forçada a recuar um pouco. Meu

gesto não passa despercebido.

Ele murcha, deixando os olhos e os braços caírem.

— Desculpa — ele se força a dizer enquanto tira uma mecha de cabelo preto da testa.

— Nunca me peça desculpas. Eu não mereço.

Ele lança um olhar para mim; seus olhos estão escuros e arregalados. Não discute.

Respiro fundo e me apoio na parede oposta. O espaço entre nós se abre como a boca de um animal raivoso.

— Você sabe alguma coisa sobre um lugar chamado Tuck?

Grato pela mudança de assunto, ele se recompõe e se refugia no papel de príncipe. Mesmo sem a coroa, ele tem um ar de nobreza com sua postura perfeita, as mãos atrás das costas.

— Tuck? — ele repete, muito concentrado. A testa franzida cria um sulco entre suas sobrancelhas grossas e escuras. Quanto mais ele demora para falar, melhor me sinto. Se ele não conhece a ilha, poucos devem conhecer. — É para lá que estamos indo?

— É. — Acho. Uma sensação gélida percorre meu corpo quando lembro das lições de Julian, que aprendi a duras penas na corte e na arena. Todo mundo pode trair todo mundo. — De acordo com Shade.

Cal deixa minha incerteza pender no ar, bondoso o bastante para não se aproveitar dela para me provocar.

— Acho que é uma ilha — ele diz afinal. — Uma das várias além do litoral. Não é território de Norta. Nada que dê suporte a uma colônia ou base, nem mesmo para defesa. Lá é puro mar aberto.

Um pouco do peso sobre meus ombros se desfaz.

Estaremos a salvo por um tempo.

— Que bom.

— Seu irmão. Ele é igual a você — Cal diz. Não é uma pergunta. — Diferente.

— Ele é — confirmo. O que mais eu poderia dizer?

— E ele está bem? Lembro que foi ferido.

Mesmo sem um exército, Cal continua a ser um general, preocupado com os soldados e os feridos.

— Ele está bem, obrigada. Levou uns tiros no meu lugar, mas está se recuperando bem.

À menção dos tiros, o olhar de Cal se crava em mim, e ele finalmente se

permite me observar. Ele se detém no meu rosto arranhado e no sangue seco ao redor das minhas orelhas.

— E você? — ele pergunta enfim.

— Já passei por coisa pior.

— Sim. Passamos.

Deixamos o silêncio nos envolver. Não ousamos falar mais nada, mas continuamos a nos observar. De repente, fica difícil suportar a presença dele. E, ao mesmo tempo, não quero sair.

Só que o mersivo tem outros planos.

O gerador treme sob meus pés. Seu pulso latejante muda de ritmo.

— Estamos quase lá — murmuro ao sentir a eletricidade fluir e transbordar para outras partes da embarcação.

Cal ainda não sente nada; não tem como. Mas também não questiona meus instintos. Ele conhece meus poderes, melhor do que qualquer outro neste subaquático. Melhor que minha própria família. Por ora, pelo menos. Minha mãe, meu pai, Gisa… todos estão à minha espera na ilha. Vou vê-los em breve. Estão lá.

Seguros.

Mas não sei por quanto tempo ficarei com eles. Não vou poder ficar na ilha, não se quiser fazer algo pelos sanguenovos. Precisarei voltar a Norta, usar tudo e todos que Farley for capaz de pôr ao meu dispor para tentar encontrá-los. A tarefa já começa a parecer impossível; nem quero pensar nisso. Mas minha mente dá voltas mesmo assim, tentando traçar um plano.

Um alarme soa ao mesmo tempo que uma luz amarela começa a piscar sobre a porta de Cal.

— Incrível… — Ouço Cal balbuciar, distraído durante alguns instantes por aquela máquina gigante ao nosso redor. Não duvido que ele tenha sentido vontade de explorar, mas não há lugar para o lado investigativo do príncipe aqui. O garoto que se debruçava sobre manuais e construía motos do zero não tem espaço neste mundo. Eu o matei, assim como matei Mareena.

Apesar da mente de Cal afeita à mecânica e do meu próprio instinto elétrico, não fazemos ideia do que vai acontecer. Quando o mersivo dá uma guinada e sai das profundezas do oceano, o compartimento inteiro pende para o lado. A surpresa nos derruba. Colidimos contra a parede e um contra o outro. Nossas feridas se batem, arrancando suspiros doloridos de ambos. O toque dele dói mais do que qualquer outra coisa; é uma facada profunda da memória, e me afasto como posso o mais rápido possível.

Gemendo, esfrego um dos meus muitos hematomas.

— Onde está Sara Skonos quando precisamos dela?

— resmungo, desejando que a curandeira de pele pudesse consertar a nós dois. Ela expulsaria as dores com apenas um toque e nos faria voltar à forma para lutar.

Outra expressão de dor passa pelo rosto de Cal, mas não por causa dos ferimentos. Parabéns, Mare.

Excelente trabalho. Mencionar a mulher que sabia que a mãe dele tinha sido assassinada pela rainha. A mulher em quem ninguém acreditava.

— Desculpa. Eu não queria… — tento me justificar.

Ele gesticula para que eu pare e se levanta apoiando um braço contra a parede para não perder o equilíbrio.

— Tudo bem. Ela… — Suas palavras saem pesadas, artificiais. — Escolhi não dar ouvidos a ela. Não quis escutar. A culpa é minha.

Só estive com Sara Skonos uma vez, quando Evangeline quase revelou minha condição para todos durante o treinamento. Julian a convocou — Julian, que a amava — e a observou curar meu rosto ensanguentado e minhas costas roxas. Os olhos de Sara eram tristes, as bochechas ocas, a língua ausente.

Arrancada por causa de palavras pronunciadas contra a rainha, por causa de uma verdade em que ninguém acreditava. Elara matou a mãe de Cal, Coriane, a rainha cantora. A irmã de Julian, a melhor amiga de Sara. E ninguém parecia se importar. Era muito mais fácil fechar os olhos.

Maven também estava lá, odiando Sara a cada respiração. Agora sei que aquilo era uma rachadura no seu escudo, deixando entrever quem ele realmente era por trás das palavras ensaiadas e dos sorrisos bondosos.

Como Cal, não enxerguei o que estava bem diante de mim.

Como Julian, ela já deve estar morta a esta altura.

De repente, as paredes de metal e meus ouvidos tapados tornam-se demais para suportar.

— Preciso sair deste troço.

Apesar do ângulo estranho do compartimento e do zumbido constante na minha cabeça, meus pés sabem o que fazer. Não se esqueceram da lama de Palafitas, das noites que passei em becos nem das pistas com obstáculos do treinamento. Giro a tranca e abro a porta, resfolegando. Mas o ar rançoso e filtrado do mersivo não me oferece nenhum alívio. Preciso do cheiro das árvores, da água, das chuvas de primavera, até mesmo do cheiro quente do verão ou do frio da neve do inverno.

Preciso de qualquer coisa que me lembre do mundo além desta lata sufocante.

Cal me dá uma vantagem antes de me seguir. Seus passos ressoam pesados e lentos atrás de mim. Ele não está tentando me alcançar, mas sim me dar espaço. Se ao menos Kilorn fosse capaz de fazer o mesmo…

Meu amigo se aproxima pela outra ponta do corredor, segurando-se em manivelas e trancas circulares para descer aos poucos pelo mersivo inclinado. Seu sorriso se desmancha quando ele avista Cal, e, em vez de uma expressão severa, demonstra uma indiferença fria. Ele parece achar que ignorar o príncipe vai irritá-lo mais do que a hostilidade escancarada. Ou talvez Kilorn não queira provocar um lança-chamas humano a uma distância tão curta.

— Estamos emergindo — ele diz, me alcançando.

Agarro-me a uma das caixas por perto com mais força e me equilibro.

— Não diga?!

Kilorn abre um sorriso e se encosta na parede à minha frente. Ele bota os pés bem ao lado dos meus, um desafio digno de nota. Sinto o calor de Cal atrás de mim, mas o príncipe também parece adotar o método da indiferença e não diz nada.

Não vou ser uma peça no joguinho dos dois. Já fiz esse papel a minha vida inteira.

— Como está a… Como ela chama mesmo? Lena?

O nome atinge Kilorn como um tapa na cara. O sorriso dele diminui e um canto da boca fica caído.

— Acho que está bem — ele responde.

— Que bom, Kilorn — digo com um sorriso condescendente e lhe dou uma palmadinha no ombro. A distração funciona perfeitamente. — Sempre é hora de fazer novas amizades.

O mersivo se nivela sob nossos pés, mas ninguém tropeça. Nem mesmo Cal, que está longe de ter o mesmo equilíbrio que eu ou as pernas de marinheiro de Kilorn.

Tenso como uma corda esticada, Cal fica à espera de que eu assuma a liderança. Eu deveria rir só de pensar num príncipe que se põe ao meu dispor, mas estou fria e cansada demais para fazer qualquer coisa que não seja seguir adiante.

Atravesso o corredor seguida por Cal e Kilorn até a confusão de rebeldes que espera ao lado da escada para sair do subaquático. Os feridos vão primeiro, amarrados em macas improvisadas e içados noite adentro. Farley supervisiona tudo com o jaleco ainda mais ensanguentado do que antes. É uma cena horrível: ela aperta as gazes dos curativos, com uma seringa presa entre os dentes. Os piores levam injeções quando passam, uma medicação para amenizar a dor de ser puxado

por um tubo estreito. Shade é o último dos feridos, apoiando-se com esforço nos dois rebeldes que caçoaram de Kilorn por causa da enfermeira. Minha vontade é de abrir caminho e ir até ele, mas a multidão está aglomerada demais e não quero chamar mais atenção hoje. Ainda muito fraco para se teletransportar, Shade vai pulando numa perna só, e seu rosto fica vermelho de raiva quando Farley o amarra à maca. Não consigo ouvir o que ela diz, mas ele fica um pouco mais calmo com as palavras. Chega mesmo a dispensar a seringa com um gesto e cerrar os dentes diante da dor esmagadora de ser içado tubo acima. Assim que Shade chega ao alto em segurança, o processo começa a fluir muito mais rápido. Um atrás do outro, os rebeldes seguem escada acima e o corredor começa a esvaziar.

Muitos são enfermeiros, homens e mulheres caracterizados pelos jalecos brancos com manchas de sangue de intensidade variada.

Não perco tempo gesticulando para que os outros passem à frente, fingindo ser polida como convém a uma dama. Assim que a multidão se abre um pouco e vejo a escada livre, avanço depressa. Cal vem logo atrás, e a presença dele somada à minha afasta os rebeldes como uma faca. Eles recuam rápido, alguns chegam a tropeçar para nos dar passagem. Apenas Farley permanece firme, com uma mão ao redor da escada.

Para minha surpresa, ela acena com a cabeça para Cal e para mim. Para nós dois.

Esse deveria ter sido meu primeiro alerta.

Os degraus da escada fazem meus músculos queimarem, ainda cansados de Naercey, da arena e da minha captura. Consigo ouvir urros estranhos lá de cima, mas isso não me detém. Preciso sair do mersivo o mais rápido possível.

Lanço um olhar por cima do ombro. Minha última visão do subaquático é estranha, vai além de Farley e penetra até o posto médico. Ainda há feridos ali, imóveis debaixo das cobertas. Não, não são feridos, percebo enquanto subo. São os mortos.

Perto do fim da escada, o vento uiva. Umas gotas de água caem. Nada com que se preocupar, penso, até chegar ao topo e ao círculo aberto de escuridão. Uma tempestade ruge tão forte que a chuva incide de lado, praticamente sem tocar o tubo e a escada. Os pingos ardem no meu rosto arranhado e me deixam encharcada em questão de segundos. Tempestades de outono. Ainda assim, sou incapaz de lembrar de uma tempestade tão brutal quanto esta. Ela sopra através de mim, enchendo minha boca de chuva e água salgada do mar. Por sorte, o mersivo está bem ancorado numa doca que mal consigo enxergar e aguenta firme os golpes das ondas cinzentas.

— Por aqui! — uma voz familiar berra no meu ouvido, guiando-me da escada para o convés escorregadio por causa da chuva e da água do mar. A escuridão não me permite distinguir bem o soldado que me conduz, mas o corpo maciço e a voz são fáceis de identificar.

— Bree! — exclamo, apertando a mão dele e sentindo os calos do meu irmão mais velho.

Ele caminha como uma âncora, pesado e lento, e me ajuda a passar do mersivo para o cais, que não está numa situação muito melhor: o metal está carcomido de ferrugem. Mas ele me leva até a terra, e é só isso que importa. Terra e calor, um repouso bem-vindo depois das profundezas frias do oceano e da minha memória.

Ninguém ajuda Cal a sair do mersivo, mas ele se vira bem sozinho. De novo, toma cuidado para manter certa distância, caminhando respeitáveis passos atrás de nós.

Tenho certeza de que ele não esqueceu seu primeiro encontro com Bree, em Palafitas, quando meu irmão foi tudo menos educado. Na verdade, nenhum dos Barrow deu muita importância a Cal, exceto minha mãe e talvez Gisa. Mas não sabiam quem ele era. O reencontro promete ser interessante.

A tempestade torna difícil distinguir Tuck, mas dá para ver que é uma ilha pequena, coberta de dunas e mato tão tumultuosos quanto as ondas. Um relâmpago fulmina a água e ilumina a noite por uns instantes, mostrando a trilha diante de nós. Agora ao ar livre, sem as paredes sufocantes do mersivo ou do subtrem, percebo que não somos nem trinta, contando os feridos.

Eles se dirigem para duas construções baixas de concreto, onde o cais encontra a terra. Algumas estruturas se destacam na colina suave acima de nós, e parecem abrigos ou quartéis. Mas sou incapaz de dizer o que está à frente deles. A próxima explosão de relâmpago é ainda mais perto, e reverbera de um jeito gostoso pelos meus nervos. Bree, por engano, acha que estou com frio, me puxa para si e passa um de seus pesados braços pelo meu ombro. O peso dele dificulta a caminhada, mas aguento.

O fim do cais não chega rápido o suficiente. Logo estarei debaixo de um teto, seca, sobre chão firme e reunida aos outros Barrow depois de tanto tempo, de um tempo longo demais. Essa perspectiva basta para me fazer enfrentar todo aquele corre-corre debaixo de chuva. Os enfermeiros levam os feridos até um veículo velho, com a caçamba coberta com uma lona à prova d'água. Com certeza é roubado, como todo o resto. Os dois edifícios em terra firme são hangares, e suas portas estão escancaradas o bastante para revelar mais veículos à espera lá dentro. Há até barcos ancorados no cais, balançando com as ondas cinzentas e

enfrentando a tempestade. Nada combina — veículos obsoletos de diferentes tamanhos, barcos novos em folha, alguns prateados, outros pretos, um verde. Roubados ou capturados ou ambos. Reconheço em um dos barcos o cinza nublado e o azul, as cores da Marinha de Norta.

Tuck é como uma versão bem maior do velho trailer de Will Whistle: lotado de bugigangas e itens obtidos pelo comércio ilegal ou pelo roubo.

O veículo médico arranca antes de o alcançarmos e sofre para subir a estrada arenosa em meio à chuva.

Apenas a serenidade de Bree me impede de apertar o passo. Como ele não está preocupado com Shade nem com o que há no topo da montanha, tento fazer o mesmo.

Cal não compartilha esse mesmo sentimento e acelera para poder caminhar ao meu lado. A tempestade ou a escuridão ou talvez simplesmente o sangue prateado lhe fazem parecer pálido e assustado.

— Isso não vai durar — ele murmura, baixo o suficiente para que apenas eu escute.

— O que foi, príncipe? — Bree pergunta num tom parecido com um rugido tosco. Eu lhe dou um cutucão nas costelas, mas o único efeito é uma dor no meu cotovelo. — Não importa, logo vamos descobrir.

O tom da voz dele é pior do que as palavras. Frio, brutal, tão diferente do irmão risonho que eu conhecia. A Guarda também o mudou.

— Bree, do que você está falando?

Cal já sabe e para de andar no ato, com os olhos cravados nos meus. O vento bagunça seu cabelo e o faz grudar na testa. Seus olhos cor de bronze escurecem de medo e meu estômago dá um nó diante da cena. De novo não, suplico. Por favor, que eu não tenha caído em mais uma armadilha.

Um dos hangares paira atrás dele. As portas se escancaram, as dobradiças estranhamente silenciosas.

Um monte de soldados, numerosos demais para contar, marcham em sincronia, tão disciplinados quanto qualquer legião. Suas armas estão prontas e seus olhos brilham na chuva. Seu líder bem que podia ser um calafrio, com cabelo loiro quase branco e postura gélida.

Mas ele tem sangue vermelho como o meu — um dos olhos, embaçado de rubro, sangra por trás da retina.

— Bree, o que é isso?! — berro, me lançando à frente do meu irmão com grunhidos viscerais.

Em vez de me responder, ele toma minha mão num gesto brusco. Segura

firme, valendo-se da força para me impedir de escapar. Se fosse qualquer outra pessoa, eu lhe daria um bom choque. Mas é meu irmão, não posso e não vou fazer isso com ele.

— Bree, me solta!

— Não vamos machucá-lo — ele diz, e não para de repetir. — Não vamos machucá-lo, prometo.

Então essa jaula não é para mim. Mas isso não me acalma nem um pouco. Quando muito, me deixa mais brava e desesperada.

Ao olhar para trás, deparo com os punhos acesos de Cal, que está com os braços bem abertos para enfrentar o homem do olho vermelho.

— E então? — Cal ruge desafiador, soando mais como um animal do que um homem. Um animal acuado.

Há armas demais, mesmo para Cal. E vão atirar contra ele se for preciso. Talvez seja isso o que queiram: uma desculpa para matar o príncipe caído. Grande parte de mim sabe que eles têm motivo para isso. Cal era um dos que caçavam a Guarda Escarlate; foi o responsável pela morte de Tristan, pelo suicídio de Walsh e pela tortura de Farley. Soldados às ordens dele esmagaram a maior parte das forças rebeldes de Farley. E sabe-se lá quantos ele mandou para a linha de frente da guerra para morrer, trocando a vida de soldados vermelhos por uns quilômetros a mais até Lakeland. Ele não tem qualquer compromisso com a causa. É um perigo para a Guarda Escarlate.

Mas ele é uma arma tão boa quanto eu, que podemos usar no futuro próximo. Será uma tocha para ajudar a dissipar a escuridão na luta dos sanguenovos contra Maven.

— Ele não vai vencer essa briga, Mare — Kilorn diz, escolhendo o pior momento para ressurgir ao meu lado.

Ele sussurra no meu ouvido, como se a proximidade pudesse me influenciar. — Ele vai morrer se tentar.

É difícil ignorar essa lógica.

— De joelhos, Tiberias — o homem do olho vermelho diz enquanto dá passos ousados na direção do príncipe flamejante. Vapor começa a subir da silhueta de Cal, como se a tempestade estivesse tentando apagá-lo.

— Mãos atrás da cabeça.

Cal não faz nada e estremece à menção do primeiro nome. Ele mantém a postura firme, forte, altiva, apesar de saber que se trata de uma batalha perdida. Antes ele talvez se rendesse na esperança de salvar a própria pele.

Agora ele acredita que sua pele não vale nada.

Aparentemente, só eu penso o contrário.

— Cal, faça o que ele diz.

O vento carrega a minha voz, de modo que todo o hangar é capaz de ouvir. Receio que possam ouvir meu coração também, batendo como um tambor no peito.

— Cal.

Devagar, relutante, uma estátua desmanchando-se em pó, Cal se ajoelha e desfaz o fogo. Ele fez o mesmo ontem, pondo-se de joelhos ao lado do cadáver decapitado do pai.

O homem do olho vermelho abre um sorriso orgulhoso, com dentes brilhantes e retos. Ele se ergue diante de Cal com prazer, desfrutando da visão de um príncipe a seus pés. Desfrutando do poder que isso lhe confere.

Mas eu sou a garota elétrica, e ele não faz ideia do que é o verdadeiro poder.

CINCO



TENTAM ME CONVENCER DE QUE É MELHOR ASSIM, mas suas desculpas esfarrapadas não agradam meus ouvidos contrariados. Kilorn e Bree gastam rápido cada um dos argumentos que lhes mandaram dizer.

Ele é perigoso, até para você. Mas sei melhor que ninguém que Cal jamais me machucaria. Mesmo quando ele teve motivos para isso, não temi nada vindo dele.

O príncipe é um deles. Não podemos confiar nele.

Depois do que Maven fez ao seu legado e à sua reputação, Cal não tem nada nem ninguém além de nós, ainda que se recuse a admitir.

Ele é valioso. Um general, um príncipe de Norta, e o homem mais procurado do reino. Esse argumento me faz pensar e aviva um medo profundo. Se o homem do olho vermelho decidir usar Cal como uma vantagem contra Maven, se decidir trocá-lo ou sacrificá-lo, vou precisar de todos os meus recursos para impedir. Toda a minha autoridade, todo o meu poder — e não sei se isso vai bastar.

Assim, não faço nada além de acenar a cabeça, devagar no começo, fingindo concordar. Fingindo estar sob controle. Fingindo ser fraca. Eu estava certa. Shade estava me alertando naquela hora. Mais uma vez, ele viu a mudança na maré bem antes de as ondas se formarem.

Cal é poder, fogo a partir da carne, alguém para ser temido e vencido. E eu sou relâmpago. O que farão comigo se eu não desempenhar meu papel?

Não pisei em outra cadeia, ainda não, mas posso sentir a chave na fechadura, ameaçando girar. Por sorte tenho experiência com esse tipo de coisa.

O homem do olho vermelho e seus soldados escoltam Cal para dentro do hangar. Não são burros a ponto de tentar amarrar as mãos do prateado, mas em nenhum momento baixam as armas ou a guarda, e têm o cuidado de manter distância para que ninguém seja incinerado pela audácia. Só posso observar — de olhos bem abertos, mas com a boca fechada — a porta do hangar fechar, separando Cal de mim mais uma vez. Só posso torcer para Cal se comportar.

— Peguem leve com ele — cochicho, me aconchegando no calor de Bree. Mesmo debaixo da chuva fria de outono, o corpo dele parece uma fornalha.

Os muitos anos de combate na frente norte o tornaram imune à umidade e ao frio. Lembro da velha frase do meu pai: "A guerra nunca acaba". Agora sei por experiência própria, apesar de a minha guerra ser bem diferente da dele.

Bree finge não me ouvir e trata de nos tirar rápido dali. Kilorn nos segue tão de perto que suas botas encostam uma ou duas vezes no meu calcanhar. Seguro o ímpeto de lhe dar um chute e me concentro em subir os degraus de madeira que levam aos galpões militares no topo do morro. Os degraus estão gastos, pisados por incontáveis pés. Quantos já passaram por este caminho?, pergunto a mim mesma. Quantos estão aqui agora?

Chegamos ao topo e a ilha se abre à nossa frente, revelando uma base militar maior do que eu esperava. O barracão da encosta era somente um entre pelo menos uma dúzia, distribuídos igualmente em duas fileiras separadas por um longo pátio de concreto. Uma linha branca pintada bem no meio, perfeitamente reta, segue adiante pela noite chuvosa. Não faço ideia de onde vai dar.

A ilha inteira tem uma atmosfera de calmaria, congelada temporariamente pela tempestade.

Ao amanhecer, quando a chuva cessar e a escuridão se desfizer, imagino que verei a base em toda a sua glória

— e vou poder enfim compreender com que tipo de gente estou lidando. Adquiri o mau hábito de subestimar os outros, sobretudo no que diz respeito à Guarda Escarlate.

E, como Naercey, Tuck é bem maior do que parece.

O frio que senti no mersivo e na chuva persiste, mesmo quando sou arrastada portão adentro para o galpão assinalado com um 3 em tinta preta. O frio penetra meus ossos e também meu coração, mas não posso deixar meus pais perceberem isso, para o bem deles. Devo isso a eles. Precisam achar que estou firme, inabalada, intocada pela prisão de Cal e pelos meus sacrifícios no palácio e na arena. E a Guarda precisa achar que estou do seu lado, aliviada por estar "segura".

Mas não estou? Não jurei fidelidade a Farley e à Guarda Escarlate?

Assim como eu, a Guarda acredita no fim dos reis prateados e dos escravos vermelhos. Sacrificaram soldados por mim, por minha causa. São meus aliados, meus irmãos e irmãs na luta, mas o homem do olho vermelho me faz hesitar. Ele não é Farley. Ela pode ser ríspida e cabeça-dura, mas sabe pelo que passei. Posso discutir com ela, mas duvido que o coração do homem do olho vermelho esteja aberto a algum argumento.

Kilorn está estranhamente quieto, o que não combina com a gente. Costumamos preencher o silêncio com insultos, provocações ou, no caso de Kilorn, grandes besteiras. Não costumamos ficar quietos na presença um do outro, mas agora não temos nada a dizer. Ele sabia quais eram os planos para Cal e concordou. E o pior de tudo: não me contou. Eu ficaria com raiva se não fosse o frio. O frio envolve minhas emoções, deixando-as dormentes como a vibração elétrica no ar.

Bree não nota a estranheza entre mim e Kilorn — não que devesse perceber. Além de ser um bobo alegre, meu irmão mais velho saiu de casa quando eu era uma garotinha desengonçada de treze anos que roubava por diversão, não por necessidade, e que não era tão cruel como hoje. Bree não sabe como sou agora; perdeu quase cinco anos da minha vida. Por outro lado, minha vida mudou mais nos últimos dois meses do que nunca. E apenas duas pessoas estiveram ao meu lado durante esse processo: a primeira está presa, e a segunda usa uma coroa de sangue.

Qualquer pessoa sensata diria que são meus inimigos.

Que estranho. Meus inimigos me conhecem melhor do que minha própria família.

Para minha felicidade, o interior do barracão está seco, pulsando com luzes e fios que atravessam o teto.

As paredes grossas de concreto tornam o corredor um labirinto sem qualquer sinalização para indicar a saída.

Todas as portas estão fechadas, e todas são de um cinza metálico sem graça. Mas algumas dão indícios de que há vida do outro lado: uma coroa de mato seco enfeita uma maçaneta, um colar quebrado está pendurado num batente, e por aí vai. Este lugar não abriga somente soldados temíveis, mas também refugiados de Naercey e sabe-se lá quem mais. Depois da implementação das Medidas — proferidas pelos meus próprios lábios —, muitos rebeldes e vermelhos fugiram do continente.

Como poderiam viver sob a ameaça de serem recrutados e executados? Mas como conseguiram escapar? E como chegaram aqui?

Mais perguntas para a minha lista que não para de crescer.

Apesar da distração momentânea, presto muita atenção em cada curva e desvio que meu irmão faz.

Direita aqui, uma, duas, três esquinas, esquerda na porta com a palavra PRAIRIE gravada… Parte de mim se pergunta se ele não está dando voltas de propósito, mas Bree não é inteligente o bastante para ter essa ideia. Acho que

devo agradecer por isso. Shade bancaria o malandro sem o menor problema, mas Bree não. Ele é força bruta, um rolo compressor fácil de evitar. Ele também é um dos rebeldes; foi libertado de um exército para se juntar a outro. E, a julgar pela maneira como me segurou nas docas, não deve fidelidade a ninguém além da Guarda.

Tramy provavelmente deve pensar igual, sempre ansioso para seguir e, de vez em quando, guiar nosso irmão mais velho. Só Shade tem o bom senso de manter os olhos abertos, de esperar para ver que destino nos aguarda, os sanguenovos.

A porta à nossa frente está escancarada, como que à espera. Bree não precisa me dizer que este é o dormitório da nossa família, porque há um pedaço de tecido roxo atado à maçaneta. As bordas do tecido estão esgarçadas, e o bordado está desajeitado: relâmpagos faíscam pelo trapo, um símbolo que não é nem vermelho nem prateado, mas meu. Uma combinação das cores da Casa Titanos — minha máscara — e o raio que vem de mim

— meu escudo.

À medida que nos aproximamos, ouço o barulho de rodas atrás da porta e um calor toma conta de mim.

Reconheceria o som da cadeira de rodas do meu pai em qualquer lugar.

Bree não bate. Sabe que todos ainda estão acordados.

À minha espera.

Há mais espaço do que no mersivo, mas ainda assim o dormitório é pequeno e abafado. Pelo menos tem espaço para nos movermos, e camas suficientes para todos os Barrow. Há até um espacinho livre perto da entrada. A única janela, bem no alto da parede oposta à porta, está fechada por causa da chuva. O céu parece ter clareado um pouco. A aurora está chegando.

É, está mesmo, penso, absorvendo a quantidade gigantesca de coisas vermelhas: cachecóis, panos, retalhos, bandeiras, estandartes… O vermelho está sobre cada uma das superfícies, pendurado em cada uma das paredes. Eu deveria saber que seria assim. Antes, Gisa costurava para prateados; agora, ela ignora sua dor e faz bandeiras para a Guarda Escarlate, decorando tudo que encontra com o sol despedaçado símbolo da resistência.

Não fica bonito com pontos desiguais e moldes simples.

Não se compara à arte que ela costumava bordar. Isso também é culpa minha.

Ela está sentada à mesinha de metal, congelando com uma agulha na mão mal curada que parece mais uma garra. Por um momento, ela apenas observa, assim como os outros. Minha mãe, meu pai e Tramy me encaram, mas não sabem quem é a garota diante deles.

Da última vez que me viram, não consegui me controlar.

Estava presa, fraca, confusa. Agora estou ferida, me recuperando dos machucados e das traições, mas sei o que sou e o que preciso fazer.

Me tornei mais do que jamais seria capaz de sonhar.

Isso me assusta.

— Mare. — Mal consigo ouvir a voz da minha mãe.

Meu nome vacila em seus lábios.

Como no dia que minhas faíscas ameaçaram destruir nossa casa em Palafitas, ela é a primeira a vir até mim.

Depois de um abraço que não dura o bastante, ela me faz sentar numa cadeira.

— Senta, bebê, senta — diz, com as mãos trêmulas em mim.

Bebê. Faz anos que não sou chamada assim. Soa estranho agora que sou tudo menos uma criança.

As mãos dela alisam minhas roupas novas, tateando as feridas como se pudesse ver através do pano.

— Você está machucada — ela murmura, balançando a cabeça. — Não acredito que deixaram você andar depois… Bom, depois de tudo aquilo.

Sinto uma alegria secreta por ela não mencionar Naercey, a arena ou o que aconteceu antes. Não estou forte o suficiente para reviver tudo, não ainda.

Meu pai solta uma risada sinistra.

— Ela faz o que quiser. Não tem isso de deixar. — Ele se aproxima. Noto que o cabelo dele está mais grisalho. Ele também está mais magro, parece até pequeno para a cadeira. — Igual a Shade.

Shade é o que nos une, e é mais fácil falar dele.

— Vocês o viram? — pergunto enquanto relaxo o corpo no assento frio de metal. A sensação de sentar é boa.

Tramy levanta do beliche, quase batendo a cabeça no teto.

— Vou para a enfermaria agora. Só queria ter certeza de que você está… — "Bem" já não faz mais parte do meu vocabulário. — … de pé ainda — meu irmão completa.

Só consigo responder com um aceno. Sou capaz de contar tudo a eles se abrir a boca — a mágoa, o frio, o príncipe que me traiu, o príncipe que me salvou, as pessoas que matei. E embora talvez já saibam, não consigo admitir o que fiz, vê-los decepcionados, horrorizados, com medo de mim. Seria mais do que sou capaz de aguentar em uma noite.

Bree vai com Tramy, não sem me dar um tapinha desajeitado nas costas antes de sair pela porta com nosso irmão. Kilorn, quieto, está encostado na parede

como se quisesse atravessá-la e desaparecer.

— Está com fome? — minha mãe pergunta, mexendo numa caixa minúscula que serve de armário. — Guardamos um pouco das rações do jantar, se você quiser.

Embora eu esteja há sei lá quanto tempo sem comer, faço que não com a cabeça. Estou tão exausta que é difícil pensar em qualquer coisa que não seja dormir.

Gisa nota minha atitude com seus olhos brilhantes e concentrados. Ela joga para trás uma mecha do lindo cabelo vermelho como nosso sangue.

— Você precisa dormir — ela fala com tanta convicção que me pergunto quem é a irmã mais velha de verdade. — Deixem Mare dormir — diz aos outros.

— Claro, você tem razão.

De novo, é minha mãe que toma atitude. Ela me tira da cadeira e me leva para uma cama com mais travesseiros que as outras. Ela cuida de mim. Ajeita os cobertores finos, guia os meus movimentos. Só tenho forças para soltar o corpo, e ela me embala como nunca tinha feito antes.

— Pronto, bebê, durma.

Bebê.

Estou bem mais segura do que nos últimos dias, rodeada pelas pessoas que mais amo, mas mesmo assim nunca quis tanto chorar. Por eles, seguro as lágrimas.

Encolho o corpo e sangro sozinha, por dentro, onde ninguém pode ver.

Não demora muito para eu pegar no sono, apesar das luzes brilhantes e do ruído de conversa. A voz grave de Kilorn vibra no ar. Ele volta a falar agora que estou fora da jogada.

— Fiquem de olho nela. — É a última coisa que ouço antes de afundar na escuridão.

Em algum momento da noite, entre o dormir e o despertar, meu pai toma a minha mão. Não para me acordar. Ele apenas a segura. Por um instante, acho que é um sonho, que estou de volta à cela debaixo do Ossário; que a fuga, a arena, as execuções… tudo foi um pesadelo prestes a ressurgir. Mas a mão dele é quente, calejada, familiar. Enlaço meus dedos nos dele.

Ele é real.

— Sei como é matar uma pessoa — ele sussurra, com os olhos distantes, dois pontos de luz nas trevas do dormitório. A voz dele está diferente, assim como ele próprio. É a reflexão de um soldado, de alguém que sobreviveu tempo demais nas entranhas da guerra. — Sei o que isso causa na gente.

Tento falar. Tento mesmo.

Mas não consigo. Apenas solto a mão dele e sou tragada pelo sono.

*O cheiro salgado me desperta na manhã seguinte.

Alguém abriu a janela e deixou a brisa fresca do outono e a luz brilhante do sol entrarem. A tempestade passou.

Antes de abrir os olhos, tento fingir que estou no colchão de casa, que a brisa vem do rio, que a única escolha a fazer é ir ou não para a escola. Mas isso não traz conforto. Não retornaria para essa vida, apesar de ser mais fácil.

Tenho coisas a fazer. Preciso cuidar da lista de Julian e começar os preparativos para essa empreitada colossal.

Se eu requisitar Cal, quem são eles para negar? Quem seria capaz de dizer "não" depois que salvei tantos das garras de Maven?

Algo me diz que o homem do olho vermelho diria, mas afasto a ideia.

Gisa está esparramada na cama ao lado, juntando fios soltos de um pedaço de pano preto com a mão boa. Ela não se dá ao trabalho de olhar quando me espreguiço e estalo alguns ossos ao me mexer.

— Bom dia, bebê — ela diz, sem disfarçar o sorrisinho. Atiro um travesseiro na cara dela.

— Não comece — resmungo, secretamente feliz com a provocação. Quem dera Kilorn agisse assim também e voltasse a se comportar como o aprendiz de pescador que costumava ser.

— Todos estão no refeitório. O café da manhã ainda está sendo servido.

— Onde fica a enfermaria? — pergunto, pensando em Shade e Farley. Por enquanto, ela é um dos melhores aliados que tenho aqui.

— Você precisa comer, Mare — Gisa diz, seca, finalmente sentando. — É sério.

A preocupação nos olhos dela me faz parar. Minha aparência deve estar pior do que eu imaginava para ela me tratar com tanta gentileza.

— Então onde fica o refeitório?

Ela levanta bufando e joga o trabalho na cama.

— Sabia que eu ia acabar virando babá — murmura, soando muito como a nossa mãe quando está irritada.

Desta vez, ela desvia do travesseiro.

Passamos rápido pelo labirinto de dormitórios.

Lembro do caminho e registro as portas mentalmente à medida que avançamos. Algumas estão abertas, revelando quartos vazios, ocupados por beliches ou vermelhos ociosos. Em ambos os casos, compreendo o que é o Galpão 3: aparentemente o complexo "família".

As pessoas aqui não parecem soldados da Guarda, e duvido que tenham participado de alguma luta na vida.

Vejo indícios de crianças e até de alguns bebês, que fugiram com as famílias ou foram levados para Tuck.

Um quarto em particular está lotado de brinquedos velhos ou quebrados, com paredes pintadas apressadamente de amarelo-esverdeado na tentativa de avivar o concreto. Não há nada escrito na porta, mas sei para quem é o quarto. Órfãos. Desvio o olhar rápido e procuro fixá-lo em qualquer lugar menos naquela jaula para fantasmas vivos.

Há uma tubulação por todo o teto, e dentro dela, lenta, mas constante, eletricidade. Não sei qual é a fonte de energia desta ilha, mas a vibração grave é um conforto, pois me lembra quem eu sou. Pelo menos é algo que ninguém pode tomar de mim, não aqui, tão longe do poder silenciador do prateado que está morto, Arven. Ontem, ele quase me matou ao sufocar meu poder, ao me transformar numa vermelha com nada além de sujeira debaixo das unhas. Na arena, mal tive tempo de me assustar com essa perspectiva, mas ela me assombra agora. Meu poder é meu bem mais precioso, ainda que me separe das outras pessoas. Mas por poder, pelo meu próprio poder, é um preço que estou disposta a pagar.

— Como é? — Gisa pergunta, seguindo meu olhar até o teto. Ela se concentra na fiação e tenta sentir o que sinto, mas nada acontece. — A eletricidade?

Não sei o que responder. Julian explicaria com bastante facilidade, divagando um pouco e dando detalhes da história dos poderes e de como surgiram.

Mas Maven me disse ainda ontem que meu velho professor nunca chegou a escapar; que foi capturado. E, conhecendo Maven — sem falar em Elara —, o mais provável é que Julian esteja morto, executado por tudo o que me proporcionou e pelos crimes de seu passado distante, por ser irmão da mulher que o antigo rei amou de verdade.

— Poder — respondo finalmente enquanto abro a porta para o mundo lá fora. O ar litorâneo se lança contra mim e brinca pelos meus cabelos judiados. — Força.

Palavras prateadas, mas, mesmo assim, verdadeiras.

Gisa não é do tipo que me deixaria escapar tão fácil.

Ainda assim, ela fica em silêncio. Compreende que não quero responder essas perguntas.

À luz do dia, Tuck parece menos e mais sinistra ao mesmo tempo. O sol brilha forte no céu e aquece o ar de outono. Além dos alojamentos, a vegetação da praia

dá lugar a um conjunto de árvores esparsas. Nada parecido com os carvalhos ou pinheiros de Palafitas, mas serve.

Gisa nos conduz pelo pátio de concreto, navegando entre o alvoroço das atividades. Rebeldes com faixas vermelhas descarregam veículos, empilham caixas como as que vi no mersivo. Diminuo o ritmo na esperança de espiar o carregamento, mas soldados desconhecidos de uniforme novo me deixam receosa. Vestem azul, não o azul-vivo da Casa Osanos, mas um tom frio e escuro. É familiar, só não consigo lembrar de onde. Eles se parecem com Farley, altos e brancos, de cabelo loiro brilhante em corte agressivamente baixo. Estrangeiros, concluo. Estão de pé sobre as pilhas de carga, rifles à mão, protegendo as caixas.

Mas protegendo de quem?

— Não olhe para eles — Gisa sussurra enquanto agarra a manga da minha camiseta. Ela me puxa para a frente, ansiosa para se afastar dos soldados. Um em particular nos observa sair com os olhos semicerrados.

— Por que não? Quem são eles?

Ela balança a cabeça e me dá mais um puxão.

— Aqui não.

Naturalmente, quero parar, encarar o soldado até ele perceber quem eu sou e o que sou. Mas é uma vontade tola, infantil. Preciso preservar minha máscara, preciso parecer a garota pobre arrasada pelo mundo. Deixo Gisa me guiar para longe.

— São os homens do coronel — ela cochicha assim que nos afastamos o suficiente. — Vieram do norte com ele.

Do norte.

— Lakeland? — pergunto, quase chocada.

Ela assente.

Os uniformes da cor de um lago frio fazem sentido.

São soldados de outro exército, de outro rei, mas estão aqui, conosco. Norta está em guerra com Lakeland há um século, lutando por terra, comida e glória. Os reis do fogo contra os reis do inverno, ambos com seus súditos prateados e vermelhos. Mas a aurora, ao que parece, vai chegar para todos.

— O coronel é de Lakeland. Depois do que aconteceu em Archeon… — A expressão dela é de dor, apesar de Gisa não saber nem da metade do que passei lá. — Ele veio "resolver as coisas", de acordo com Tramy.

Alguma coisa está errada, algo que cutuca meu cérebro assim como Gisa cutuca minha manga para me apressar.

— Quem é o coronel, Gisa?

Levo um tempo para perceber que chegamos ao refeitório, um prédio tão compacto quanto os alojamentos. O ruído do café da manhã ecoa de trás da porta, mas não entramos. Apesar de o cheiro da comida fazer meu estômago roncar, espero Gisa responder.

— O homem com o olho vermelho — ela diz enfim, apontando para o próprio rosto. — Ele assumiu.

Comando. Shade murmurou essa palavra no mersivo, mas não pensei muito nela. Era isso que ele queria dizer?

Era sobre o coronel que ele queria me alertar? Depois da maneira ameaçadora com que ele tratou Cal na noite passada, sou obrigada a acreditar que sim. Saber que esse é o homem responsável pela ilha e por todos nela não é muito reconfortante.

— Então Farley está sem serviço.

Ela dá de ombros.

— A capitã Farley falhou. Ele não gostou disso.

Então ele vai me odiar.

Ela estende a mão para puxar a maçaneta; essa sarou melhor do que eu esperava, só o anelar e o mindinho ainda estão curvados de um jeito estranho, virados para dentro. Ossos que remendaram errado, um castigo por ter confiado na irmã mais velha um tempo atrás.

— Gisa, para onde levaram Cal? — Minha voz sai tão baixa que tenho medo de que ela não me escute, mas ela para.

— Falaram dele ontem à noite, quando você foi dormir. Kilorn não sabia, mas Tramy foi vê-lo. Para vigiar.

Uma dor aguda atravessa meu coração.

— Vigiar o quê?

— Ele disse que fariam apenas umas perguntas por enquanto. Não iam machucá-lo.

Lá no fundo, me sinto incomodada. Sou capaz de pensar em muitas perguntas que machucariam Cal mais do que qualquer ataque físico.

— Onde? — pergunto de novo, endurecendo o tom de voz, falando como uma princesa prateada de berço.

— Galpão 1 — ela sussurra. — Acho que disseram Galpão 1.

Quando Gisa abre a porta do refeitório, observo além dela, a linha de galpões marchando em direção às arvores. Os números são bem nítidos, pintados em preto sobre o concreto iluminado pelo sol: 2, 3, 4…

De repente, sinto um calafrio.

Não existe nenhum Galpão 1.

SEIS



A MAIOR PARTE DA REFEIÇÃO É INSOSSA: um mingau cinzento morno. Só o peixe é bom: bacalhau tirado direto do mar. Tem gosto de sal e oceano, como o ar da região.

Kilorn fica maravilhado, perguntando-se inutilmente que tipo de rede a Guarda usa. Nós estamos numa rede, seu idiota, quero gritar, mas o refeitório não é lugar para isso. Aqui também há pessoas de Lakeland, todos resignados em seus trajes azul-escuros. Enquanto os rebeldes de uniforme vermelho comem com o resto dos refugiados, os de Lakeland jamais se sentam, permanecendo em ronda constante. Lembro dos agentes de segurança e sinto um calafrio familiar. Tuck não é tão diferente de Archeon. Facções diferentes rivalizam pelo controle, e estou bem no meio. E Kilorn, meu amigo, meu amigo mais antigo, talvez não acredite que isso é perigoso. Ou pior: talvez entenda, mas não se importe.

Meu silêncio continua. É quebrado apenas pelas mordidas no peixe. Eles me observam de perto, como foram instruídos. Minha mãe, meu pai, Kilorn, Gisa: todos fingem não me observar, mas eu percebo. Os garotos voltam ao leito de Shade. Como eu, acreditavam que ele estava morto, e agora querem recuperar o tempo perdido.

— E então, como vocês vieram parar aqui? — As palavras parecem grudadas na minha boca, mas forço a saída. É melhor eu fazer minhas perguntas antes que façam as deles.

— De barco — meu pai responde grosseiramente entre uma colherada e outra. Ele ri um pouco da própria piada. Abro um pequeno sorriso para agradar.

Minha mãe o cutuca, estalando a língua de irritação.

— Você sabe o que ela quis dizer, Daniel.

— Não sou burro — ele resmunga, tornando a enfiar a colher na tigela. — Dois dias atrás, por volta da meia-noite, Shade surgiu na varanda. Quer dizer, surgiu mesmo, do nada. — Ele gesticula com as mãos, estalando os dedos. — Você sabe disso, não sabe?

— Sei.

— Ele quase nos matou do coração aparecendo assim do nada… e vivo.

— Imagino — balbucio, lembrando da minha própria reação ao ver Shade de novo.

Pensei em nós dois mortos, em algum lugar bem distante desta loucura. Mas, como eu, Shade apenas se tornou alguém — alguma coisa — diferente para sobreviver.

Meu pai continua, realmente agitado. Quando gesticula, a cadeira balança e faz as rodas rangerem.

— Bom, depois que a sua mãe parou de chorar em cima dele, Shade pôs mãos à obra. Começou a jogar coisas dentro de uma mala, coisas inúteis. A bandeira da varanda, as fotos, sua caixa de cartas… Não fazia sentido, mas é difícil perguntar alguma coisa para um filho que voltou dos mortos. Quando ele disse que precisávamos sair naquele instante, deu pra ver que não estava brincando. Então saímos.

— E o toque de recolher? Vocês poderiam ter sido mortos!

As Medidas ainda estavam nítidas na minha mente.

Eram espinhos na minha pele. Como poderia esquecê-las quando eu mesma fui forçada a anunciá-las?

— Tínhamos Shade e seus… seus… — Meu pai sofre para encontrar a palavra certa, gesticulando.

Gisa revira os olhos, incomodada com os trejeitos do nosso pai.

— Ele chama de saltos, lembra?

— Isso — ele confirma. — Shade nos fez saltar para além das patrulhas, para dentro da floresta. De lá, fomos para o rio e para o barco. O transporte de cargas ainda é permitido à noite, você sabe, então acabamos confinados dentro de uma caixa de maçãs por sabe-se lá quanto tempo.

Minha mãe fica tensa só de lembrar.

— Maçãs podres — ela acrescenta.

Gisa ri um pouco. Meu pai quase ri também. Por um momento, o mingau cinza se transforma no guisado ruim da minha mãe, as paredes de concreto são de madeira mal cortada, e a cena vira um jantar no lar dos Barrow.

Estamos em casa de novo, e sou apenas Mare.

Deixo o tempo passar, ouvindo e sorrindo. Minha mãe fica tagarelando, então não preciso falar, o que me permite comer em uma paz silenciosa. Ela até repele a curiosidade da multidão no refeitório, encarando qualquer um que me lance o olhar maldoso que conheço tão bem. Gisa também faz sua parte, distraindo Kilorn

com as últimas notícias de Palafitas. Ele ouve, interessado, e ela morde o lábio, contente em ter a atenção dele. Acho que a quedinha que sentia pelo meu amigo ainda não acabou. Isso deixa meu pai sozinho, sorvendo à vontade sua segunda porção de mingau. Ele me espia por cima da tigela, e vislumbro o homem que foi um dia. Alto, forte, um soldado orgulhoso, uma pessoa de quem mal me lembro, tão distante do que é agora. Mas, assim como eu, como Shade, como a Guarda, meu pai não é o coitado, o bobo que aparenta.

Apesar da cadeira, da perna que falta e dos ruídos mecânicos no peito, já viu mais batalhas e sobreviveu por mais tempo que muitas pessoas. Ele perdeu a perna e o pulmão apenas três meses antes de receber a baixa, depois de quase vinte anos de serviço militar. Quantos chegaram tão longe?

Parecemos fracos porque queremos. Talvez essas palavras não sejam de Shade afinal, mas do nosso pai.

Embora tenha acabado de descobrir minha própria força, ele esconde a dele desde que voltou para casa. Recordo a fala dele ontem, meio oculta pelos sonhos: "Sei como é matar uma pessoa". Com certeza não duvido disso.

É estranho, mas a comida me faz lembrar de Maven

— não o gosto em si, mas o ato de comer. Minha última refeição foi ao lado dele, no palácio. Bebemos em cálices de cristal e meu garfo tinha um cabo perolado.

Estávamos rodeados de criados, mas sozinhos. Não podíamos conversar sobre a noite que se aproximava, mas eu não conseguia parar de lançar olhares para ele, torcendo para não perder o controle. Ele me deu tanta força naquele momento…

Acreditei que ele tinha me escolhido, escolhido a minha revolução. Acreditei que Maven era o meu salvador, minha bênção. Acreditei que ele podia nos ajudar.

Os olhos dele eram tão azuis, cheios de um tipo diferente de fogo. Uma chama voraz, intensa e estranhamente fria, manchada de medo. Pensei que sentíamos medo juntos, pela nossa causa, um pelo outro.

Estava muito enganada.

Devagar, afasto o prato de peixe, que raspa o tampo da mesa. Chega.

O ruído, como um alarme, atrai o olhar de Kilorn, e ele vira a cabeça para me encarar.

— Terminou? — pergunta, vendo meu prato pela metade.

Em resposta, me levanto, e ele se põe de pé ao mesmo tempo, como um cachorro seguindo ordens.

Mas não ordens minhas.

— Podemos ir para a enfermaria? — peço.

O pedido foi feito com cuidado, para fazê-lo esquecer o que sou agora.

Ele faz quem sim, sorrindo.

— Shade está cada vez melhor. Bom, que tal um passeio, família Barrow? — acrescenta, lançando um olhar para o grupo, o mais próximo de uma família que ele já teve.

Arregalo os olhos. Tenho que falar com Shade para descobrir onde está Cal e quais os planos do coronel para ele. Por mais que tenha sentido saudade da minha família, eles só vão atrapalhar. Por sorte, meu pai compreende. Ele passa a mão rápido para baixo da mesa e interrompe minha mãe antes que ela consiga responder, se comunicando sem palavras. Ela se ajeita na cadeira, soltando um sorriso de desculpas que seus olhos não refletem.

— Vamos mais tarde, acho — ela diz, dando a entender bem mais do que isso. — Já é hora de trocar a bateria, não é?

— Saco — meu pai resmunga alto, soltando a colher dentro da tigela de gororoba.

Os olhos de Gisa saltam até os meus e leem minha necessidade. Tempo, espaço, uma chance de começar a entender esta bagunça.

— Tenho que preparar mais uns estandartes — suspira. — Vocês gastam tudo rápido demais.

Kilorn não se abala com as desculpas educadas e sorri, como sempre.

— À vontade. É por aqui, Mare.

Por mais condescendente que pareça, eu o deixo me guiar pela confusão. Faço questão de tornar a caminhada um espetáculo, mancando, mantendo o olhar baixo. Luto contra o ímpeto de encarar todos que me observam: os rebeldes, o pessoal de Lakeland, os refugiados. O que aprendi na corte do rei morto continua sendo útil na base militar, onde mais uma vez preciso esconder quem sou.

Lá, fingia ser prateada, inabalável, destemida, um pilar de força e poder chamado Mareena. Mas essa garota estaria ao lado de Cal, confinada no Galpão 1. Então preciso voltar a ser vermelha, a ser uma garota chamada Mare Barrow de quem ninguém deveria ter medo ou suspeitar, que se apoia num garoto vermelho e não nela mesma.

O aviso de meu pai e de Shade nunca foi tão claro.

— A perna ainda está doendo?

Estou tão concentrada em fingir a lesão que mal ouço as palavras preocupadas de Kilorn.

— Não é nada — respondo afinal, apertando os lábios numa linha fina de dor

forçada. — Já passei por coisa pior.

— Lembro de você pulando da varanda de Ernie Wick — ele recorda com os olhos brilhando.

Quebrei a perna naquele dia, e passei meses com um gesso que custou a nós dois metade das economias.

— Não foi culpa minha — digo.

— Acho que você quis fazer aquilo.

— Me desafiaram.

— Ora, mas quem teria feito uma coisa dessas?

Ele ri descaradamente enquanto abre caminho para nós por duas portas. Fica claro que o corredor após a segunda porta é um acréscimo recente. A tinta ainda parece fresca em alguns lugares e as luzes oscilam no teto. Fiação ruim, percebo de imediato, sentindo os pontos em que a eletricidade cai e se divide. Mas um cabo de força se mantém inteiro, fluindo pela passagem à esquerda. Para minha tristeza, Kilorn nos leva pela direita.

— O que tem pra lá? — pergunto, apontando para o caminho oposto.

— Não sei — ele não mente.

A enfermaria de Tuck não é tão tenebrosa quanto o posto médico do mersivo. As janelas altas e estreitas estão escancaradas, inundando o cômodo com ar fresco e luz do sol. Jalecos brancos vão e vêm por entre os pacientes, cujos curativos felizmente estão limpos de sangue vermelho. Conversas suaves, algumas tosses secas e alguns espirros preenchem o ambiente. Não há um único gemido de dor ou estalido de osso. Ninguém aqui está morrendo. Ou quem estava simplesmente já morreu.

Não é difícil encontrar Shade, que desta vez não está dormindo. Sua perna ainda está levantada, apoiada numa tipoia mais profissional, e o curativo em seu ombro é novo. Inclinado para a direita, ele encara o leito do lado com uma expressão resignada. Ainda não consigo saber com quem está falando. Duas cortinas — uma de cada lado do leito — escondem o ocupante do resto da enfermaria. Ao nos aproximarmos, vejo que a boca de Shade se move rápido, sussurrando palavras que não consigo decifrar.

Ele interrompe a conversa ao me avistar, e tenho a sensação de ser traída.

— Você acabou de perder a chance de ver os brutamontes — ele anuncia, se ajeitando no leito para me dar espaço. Uma enfermeira se dispõe a ajudar, mas ele pede que ela se afaste, gesticulando com a mão inchada.

Os brutamontes. É o velho apelido que deu aos nossos irmãos. Shade não cresceu muito, então servia de saco de pancada para Bree com frequência. Tramy

era mais bondoso, mas sempre seguia os passos violentos de Bree. Com o tempo, Shade se tornou mais esperto e ligeiro que os dois e conseguia escapar, e me ensinou a fazer o mesmo. Não duvido que ele tenha pedido para eles saírem de lá a fim de ter mais privacidade para falar comigo — e com quem quer que esteja do outro lado da cortina.

— Ótimo. Eles já estão me dando nos nervos — respondo com um sorriso bem-humorado.

Vendo de fora, a gente talvez pareça apenas dois irmãos alegres. Mas Shade é esperto, e seus olhos escurecem quando chego ao pé do leito. Ele nota meu passo manco forçado e faz um aceno milimétrico com a cabeça. Imito o gesto. Mensagem recebida, Shade, alta e clara.

Antes mesmo de eu insinuar uma pergunta sobre Cal, outra voz me interrompe. Cerro os dentes ao ouvi-la, me esforçando para manter a calma.

— O que está achando de Tuck, garota elétrica? — Farley pergunta do leito isolado ao lado de Shade. Ela joga as pernas para fora e me encara, segurando o lençol com os punhos cerrados. A dor atravessa seu lindo rosto arruinado pela cicatriz.

É uma pergunta fácil de driblar.

— Ainda estou decidindo.

— E o coronel? O que acha dele? — ela continua, baixando a voz. Seus olhos estão alertas, indecifráveis.

Não há como saber o que ela quer ouvir. Então, em vez de responder, dou de ombros e me ocupo com a arrumação dos cobertores de Shade.

Os lábios dela se contorcem para formar algo semelhante a um sorriso.

— Ele costuma causar uma tremenda primeira impressão. Precisa provar que está no comando cada vez que respira, especialmente perto de gente como vocês dois.

Contorno o leito de Shade rapidamente, postando-me entre Farley e meu irmão. No meu desespero, esqueço de mancar.

— É por isso que ele levou Cal? — disparo rápida e afiada. — Não dá para deixar um guerreiro como ele à solta por aí arruinando a reputação do coronel?

Ela baixa os olhos, envergonhada.

— Não é por isso que ele levou o príncipe.

O medo brota no meu coração.

— Então por quê? O que ele fez?

Ela não tem chance de me contar.

Um silêncio estranho recai sobre a enfermaria, sobre as enfermeiras, sobre meu

coração e sobre as palavras de Farley. Não conseguimos ver a porta atrás das cortinas dela, mas escuto botas marchando rápido.

Ninguém fala, embora alguns soldados batam continência nos leitos à medida que o ruído das botas se aproxima. Couro preto coberto de areia molhada, cada vez mais perto. Até Farley se arrepia ao vê-las se aproximando, e crava as unhas no colchão. Kilorn chega mais perto, me escondendo um pouco com seu tamanho, enquanto Shade faz o máximo para conseguir sentar.

Mesmo que o pavilhão médico esteja lotado de vermelhos feridos e supostos aliados, uma pequena parte de mim pede o poder do raio. A eletricidade se acende no meu sangue bem ao meu alcance, caso eu precise.

O coronel contorna a cortina com o olho vermelho fixo e fulminante. Para minha surpresa, seu olhar pousa em Farley, me poupando por enquanto.

Os acompanhantes — de Lakeland, pelo uniforme — parecem versões pálidas e sombrias do meu irmão Bree.

São um conjunto de músculos, altos como árvores, e obedientes. Ladeiam o coronel em movimentos treinados, assumindo posições ao pé dos leitos de Farley e Shade. O coronel fica parado entre eles, encurralando Kilorn e eu. Provando que está no controle.

— Escondida, capitã? — o coronel pergunta, batucando a cortina do leito de Farley.

Ela bufa ao som da patente e da insinuação. Quando ele estala a língua, desdenhando, dá para ver o corpo dela estremecer.

— Você sabe que o fato de ter público não vai te proteger — o coronel prossegue.

— Tentei fazer tudo o que você pediu, o difícil e o impossível — ela contra-ataca. Suas mãos tremem, agarradas aos cobertores. Tremem de raiva, não de medo. — Você me deixou cem soldados para derrubar Norta, um país inteiro. O que esperava, coronel?

— Esperava que você voltasse com mais do que vinte e seis deles. — A réplica cai pesada sobre Farley. — Esperava que você fosse mais inteligente que um principezinho de dezessete anos. Esperava que você protegesse seus soldados, não que os atirasse num covil de lobos prateados. Esperava muito mais de você, Diana, mais do que você me deu.

Diana. O nome é o golpe de misericórdia. Seu nome verdadeiro.

Os tremores de raiva de Farley se transformam em vergonha e a reduzem a uma casca vazia. Ela encara os pés, cravando os olhos no chão. Conheço bem a expressão no rosto dela, a expressão de uma alma arrasada. Uma palavra, um

movimento, e tudo desaba.

Na verdade, ela já está começando a se desfazer, arruinada pelo coronel, pelas palavras dele e pelo próprio nome.

— Eu a convenci, coronel.

Parte de mim deseja que minha voz saia trêmula, para que esse homem ache que tenho medo dele. Mas já encarei coisa muito pior do que um soldado mal-humorado com o olho ensanguentado. Muito, mas muito pior.

Gentilmente, empurro Kilorn para o lado e dou um passo à frente.

— Dei minha palavra sobre Maven e o plano dele. Se não fosse por mim, seus homens e mulheres estariam vivos. O sangue deles está nas minhas mãos.

Para minha surpresa, o coronel apenas ri da minha declaração.

— Nem tudo gira ao seu redor, srta. Barrow. O sol não se põe ou se levanta ao seu comando.

Não foi isso o que eu quis dizer. Essa resposta soa idiota, mesmo dentro da minha cabeça.

— Os erros são dela e de mais ninguém — ele continua, voltando a encarar Farley. — Você está destituída do seu comando, Diana. Algum questionamento quanto a isso?

Por um breve e intenso momento, Farley dá a entender que sim. Mas em seguida baixa a cabeça e se fecha.

— Não, senhor.

— Essa é a sua melhor decisão em semanas — ele emenda, se virando para ir embora.

Mas Farley ainda não terminou. Ela levanta o olhar mais uma vez.

— E a minha missão?

— Missão? Que missão? — O coronel parece mais intrigado do que irritado, e seu olho bom salta da órbita.

— Não fui informado de novas ordens.

Farley olha para mim e sinto uma simpatia estranha por ela. Mesmo derrotada, ela ainda luta.

— A srta. Barrow tinha uma pista interessante, que pretendo seguir. Creio que o Comando vai concordar.

Quase sorrio para Farley, encorajada por sua declaração diante de um oponente como esse.

— Que pista é essa? — o coronel quer saber, voltando-se para mim. Ficamos tão próximos que consigo ver os diversos redemoinhos de sangue se movendo devagar no olho dele, como nuvens ao vento.

— Recebi uma lista de nomes. De vermelhos como meu irmão e eu, nascidos com a mutação responsável pelos nossos… poderes. — Preciso convencê-lo.

Preciso. — Eles podem ser encontrados, protegidos e treinados. São vermelhos como nós, mas fortes como os prateados, capazes de lutar contra eles em campo aberto.

Talvez até poderosos o bastante para ganhar a guerra. — Minha respiração sai trêmula e ruidosa, e meu peito se agita quando penso em Maven. — O rei sabe da lista, e com certeza vai matar todos se não os encontrarmos primeiro. Ele não vai deixar uma arma tão poderosa passar — finalizo.

O coronel se cala por um instante; só sua mandíbula se move enquanto ele pensa. Ele chega até a correr os dedos pela correntinha escondida debaixo da gola.

Consigo entrever os elos de ouro entre os dedos dele, um prêmio tão caro que nenhum soldado poderia ter.

Gostaria de saber de quem a roubou.

— E quem te deu esses nomes? — ele pergunta num tom difícil de interpretar. Para um bruto, ele tem uma capacidade surpreendente de esconder o que pensa.

— Julian Jacos — respondo. Meus olhos se enchem de lágrimas ao dizer o nome, mas não as deixo cair.

— Prateado — o coronel desdenha.

— Simpatizante — rebato, bufando. — Foi preso por resgatar a capitã Farley, Kilorn Warren e Anna Walsh. Ele ajudou a Guarda Escarlate, ficou do nosso lado. E provavelmente está morto por isso.

O coronel inclina o corpo para trás, apoiado nos calcanhares, ainda com um ar de desprezo.

— Ah, o seu Julian ainda está vivo.

— Vivo? — balbucio, chocada. — Mas Maven disse que o mataria…

— Estranho, não é? O rei Maven deixar um traidor desses respirando? — ele diz, achando graça na minha surpresa. — A meu ver, o tal Julian nunca esteve do seu lado. Ele lhe deu a lista para que você a passasse para nós, assim a Guarda ficaria procurando por uma coisa que não existe e cairia em outra armadilha.

Todo mundo pode trair todo mundo. Mas me recuso a acreditar que Julian seja capaz disso. Eu o conheço bem o suficiente para saber onde ele pôs a lealdade: em mim, em Sara e em qualquer um que se oponha à rainha que matou a irmã dele.

— E mesmo assim, se a lista for verdadeira e os nomes realmente levarem a outras… — Ele procura a palavra sem se preocupar em ser educado. — … coisas como você, e daí? Vamos nos esgueirar entre os piores agentes do reino, mais rápidos e preparados do que nós, para encontrá-las? Tentamos um êxodo em

massa com as que conseguirmos salvar? Fundamos uma Escola Barrow para Aberrações e passamos anos treinando-os para lutar? Ignoramos todo o resto, os soldados, as crianças, as execuções, por causa deles?

O coronel balança a cabeça, fazendo os músculos grossos do seu pescoço saltarem.

— Esta guerra vai ter acabado e nossos corpos estarão frios antes de avançarmos um milímetro sequer nessa sua missão. — Ele vira para Farley, nervoso. — O resto do Comando vai dizer a mesma coisa, Diana, então a não ser que você queira bancar a idiota de novo, sugiro que fique quieta.

Cada um dos argumentos dele é como um golpe de martelo que me esmaga. Ele está certo sobre algumas coisas. Maven vai enviar quem tem de melhor para caçar e matar as pessoas da lista. Vai tentar manter tudo em segredo, o que deixará as coisas um pouco mais lentas.

Certamente vamos encontrar uma armadilha. Mas, se existir ao menos uma chance de encontrar outro soldado como eu, como Shade, será que o risco não vale a pena?

Abro a boca exatamente para lhe dizer isso, mas ele ergue a mão.

— Não quero ouvir mais nada sobre isso, srta.

Barrow. E, antes que você faça algum comentário insolente e me desafie a detê-la, lembre-se do seu juramento. Você prometeu ser leal à Guarda Escarlate, e não aos seus motivos egoístas. — Ele aponta para os soldados feridos que lotam a enfermaria, todos machucados por lutar por mim. — E se o rosto deles não basta para manter você na linha, lembre-se do seu amigo e da situação dele aqui.

Cal.

— Você não ousaria machucá-lo.

O olho vermelho dele escurece, revirando-se de raiva.

— Para proteger os meus soldados, pode apostar que sim. — O canto dos seus olhos se erguem, revelando um sorriso malicioso. — Igual a você. Não se engane, srta. Barrow. Você feriu pessoas para alcançar os próprios objetivos. Sobretudo o príncipe.

Por um instante, é como se meus olhos estivessem nublados de sangue. Só enxergo vermelho, um ódio lívido. As faíscas correm para a ponta dos meus dedos, dançando embaixo da pele, mas cerro os punhos e as contenho. Quando minha vista clareia, as luzes oscilando no teto são o único indício da minha fúria, e o coronel já não está mais presente. Nos deixou a sós e em ebulição.

— Calma, garota elétrica — Farley murmura, sua voz mais suave do que jamais ouvi. — Nem tudo está tão ruim.

— Não? — vocifero entre os dentes.

Minha única vontade é explodir, deixar meu verdadeiro eu sair e mostrar a essa gente fraca exatamente com quem estão lidando. Mas com isso eu só conseguiria uma cela, no melhor dos casos, ou um tiro, no pior. E teria que morrer com a consciência de que o coronel está certo. Já causei muitos danos, e sempre às pessoas mais próximas. Porque achei que tinha razão, digo a mim mesma. Porque achei que era o melhor a fazer.

Em vez de me consolar, Farley endireita a coluna, senta apoiada na cabeceira da cama e me assiste fumegar. O ar de criança envergonhada desaparece com uma facilidade chocante. Outra máscara. A mão dela sobe até o pescoço e puxa uma corrente de ouro igual à do coronel. Não tenho tempo para especular sobre essa ligação. Porque algo pende do colar. Uma chave de ferro pontuda. Não preciso perguntar onde está a fechadura correspondente. Galpão 1.

Como se não fosse nada, Farley joga a chave para mim com um sorriso preguiçoso na cara.

— Logo você vai perceber que sou ótima para dar ordens, mas péssima para segui-las.

SETE



KILORN RECLAM A DURANTE TODO O CAM INHO da enfermaria até o pátio. Ele até anda devagar, e eu sou obrigada a desacelerar para acompanhá-lo. Tento ignorá-lo, por Cal, pela causa, mas quando ouço a palavra "tolice" pela terceira vez, tenho que parar.

Ele tromba com as minhas costas.

— Sinto muito — ele diz, sem soar nem um pouco arrependido.

— Não, sou eu que sinto muito — rebato, virando para encará-lo. Um pouco da raiva que senti pelo coronel transborda pelas minhas bochechas, que ficam vermelhas e quentes. — Sinto muito por você não conseguir parar de ser um imbecil por dois minutos para enxergar exatamente o que está acontecendo aqui.

Fico à espera de que ele grite comigo, que responda minha farpa com outra, como de costume. Em vez disso, ele respira fundo e dá um passo para trás, se esforçando ao máximo para se acalmar.

— Você me acha tão burro assim? Por favor, Mare, me eduque. Me mostre a luz. O que você sabe que eu não sei?

As palavras imploram para sair da minha boca. Mas o pátio é aberto demais, cheio de soldados do coronel, rebeldes e refugiados trabalhando de um lado para o outro. E, apesar de não haver nenhum murmurador prateado para ler minha mente nem câmeras para registrar cada passo meu, não vou amolecer agora.

Kilorn segue meu olhar e nota a tropa de rebeldes correndo a alguns metros de nós.

— Você acha que estão espionando você? — ele provoca, a voz tão baixa que não chega nem a ser um sussurro. — Qual é, Mare? Estamos todos do mesmo lado aqui.

— Estamos? — pergunto, pausando para as palavras decantarem. — Ouviu do que o coronel me chamou? De coisa. De aberração.

Kilorn fica vermelho.

— Ele não quis dizer isso.

— Ah, e você conhece aquele homem tão bem assim, é?

Ainda bem que meu amigo não tem resposta para isso.

— Ele olha para mim como se eu fosse a inimiga, como se fosse algum tipo de bomba prestes a detonar.

— Ele… — Kilorn gagueja, sem ter certeza das palavras que está prestes a dizer. — Ele não está totalmente errado, está?

Dou as costas tão rápido que a bota deixa marcas no concreto. Poderia deixar uma marca parecida no rosto idiota de Kilorn.

— Ei, calma — ele me chama, se aproximando com passos ligeiros. Mas continuo andando, e ele, seguindo.

— Mare, pare. Não foi o que eu quis…

— Você é burro, Kilorn Warren — digo por cima do ombro. Avisto a segurança do Galpão 3, que desponta diante de mim. — Burro e cego e cruel.

— Bom, você também não é nada fácil! — ele troveja, finalmente se transformando no bocudo que sei que é.

Quando não respondo e me apresso para a porta do galpão, a mão dele se fecha no meu braço e me detém.

Tento me sacudir para escapar, mas Kilorn conhece todos os meus truques. Ele me puxa para longe da porta e me leva para a viela sombreada entre os Galpões 3 e 4.

— Me solte! — ordeno, indignada. Ouço um pouco de Mareena ressuscitar no tom frio e nobre da minha voz.

— Aí está — ele grunhe, apontando para o meu rosto. — Aí. Ela.

Eu lhe dou um empurrão poderoso que o desprende de mim.

Ele respira fundo, exasperado, e passa a mão pelo cabelo castanho, que fica arrepiado.

— Você passou por muita coisa, eu sei. Todo mundo sabe. O que você teve de fazer para sobreviver no meio deles, ao mesmo tempo que nos ajudava e descobria o que você é… Não sei como conseguiu sair viva, mas isso te mudou.

Que observador, Kilorn.

— Só porque Maven te traiu não quer dizer que você tem que parar de confiar em todo mundo. — Ele baixa os olhos e mexe nervosamente nas mãos. — Principalmente em mim. Não sou só alguém que você pode usar para se esconder. Sou seu amigo, e vou ajudar no que precisar, como eu puder. Por favor, confie em mim.

Bem que eu queria.

— Kilorn, cresça. — É o que sai da minha boca num tom tão afiado que faz

meu amigo se contorcer. — Você devia ter me contado o que eles estavam tramando. Em vez disso, você me tornou sua cúmplice, me fez assistir enquanto eles o escoltavam sob a mira de armas, e agora quer que eu confie em você? Agora que está tão envolvido com essa gente que só está à espera de uma desculpa para me trancafiar? Quão burra você acha que eu sou?

Algo aparece no olhar dele, uma fraqueza escondida no personagem relaxado que ele se esforça tanto para sustentar. Este é o garoto que chorou debaixo da minha casa. O garoto que ele era antes, que resistia ao chamado de lutar e morrer. Tentei salvá-lo e acabei o aproximando ainda mais do perigo, da Guarda Escarlate e da condenação.

— Entendo — ele diz por fim. Dá uns poucos e rápidos passos para trás, até a viela se abrir entre nós. — Faz sentido — acrescenta, dando de ombros. — Por que você confiaria em mim? Sou apenas um pescador. Nada comparado a você, certo? Comparado a Shade. E a ele…

— Kilorn Warren — falo como quem dá bronca numa criança, como a mãe dele fazia antes de abandoná-lo. Ela esbravejava sempre que ele ralava o joelho ou falava fora de hora. Não lembro muito mais sobre ela, mas lembro da voz e dos olhares murchos e frustrados que reservava somente ao filho. — Você sabe que isso não é verdade.

As palavras saem duras, graves, num urro visceral.

Ele estufa o peito e cerra os punhos ao lado do corpo.

— Prove.

Não tenho resposta para isso. Não faço ideia do que ele quer de mim.

— Sinto muito. — É a minha resposta um pouco engasgada, mas sincera. — Desculpe por ser…

— Mare.

A mão quente no meu braço me impede de desmoronar. Ele surge diante mim, perto o suficiente para eu sentir seu cheiro. Felizmente, o cheiro de sangue foi embora, substituído pelo de sal. Ele esteve nadando.

— Não precisa se desculpar pelo que fizeram com você — ele balbucia. — Nunca faça isso.

— Eu n-não te acho burro.

— Talvez essa seja a coisa mais simpática que você já me disse — ele brinca, depois de um longo momento.

Estampando um sorriso no rosto, encerra a conversa: — Parece que você tem um plano.

— Tenho. Você vai me ajudar?

Dando de ombros, ele abre bem os braços e os aponta para o resto da base.

— Não tem muita coisa para este pescador fazer aqui.

Eu o empurro de novo, arrancando-lhe um sorriso autêntico que não dura muito.

Junto com a chave, Farley me deu direções detalhadas para o Galpão 1. Como no continente, a Guarda Escarlate ainda prefere os túneis, e a prisão de Cal é, claro, subterrânea.

Tecnicamente, subaquática. A prisão perfeita para um ardente como Cal. Construída sob as docas, escondida pelo oceano, protegida pelas ondas e pelos uniformes azuis do coronel. Não é apenas uma prisão, mas também um arsenal. A entrada principal é um túnel que começa nos hangares da praia, mas Farley me garantiu que existe outro caminho. Talvez você se molhe, ela avisou com um sorriso irônico. Embora a perspectiva de mergulhar no oceano me deixe desconfortável — ainda que tão perto da praia —, Kilorn fica irritantemente calmo. Na verdade, provavelmente está empolgado, feliz por seus longos anos no rio servirem para alguma coisa.

A proteção do oceano entorpece a Guarda, geralmente tão alerta. Mesmo o pessoal de Lakeland esmorece sob o peso do dia. Os soldados concentram-se mais no carregamento e na armazenagem das caixas do que na patrulha. Os poucos que permanecem em seus postos, com as armas nos ombros, andam em círculos pelo pátio, devagar, sem pressa, quase sempre parando para conversar.

Observo-os por um bom tempo, fingindo escutar minha mãe ou Gisa tagarelarem sobre o trabalho. Ambas separam cobertores e roupas em pilhas diferentes, descarregando uma série de caixas sem rótulo junto com outros refugiados. Bree e Tramy não estão; voltaram para a enfermaria para ficar com Shade. Meu pai está por perto e, apesar de não poder descarregar caixas, resmunga ordens mesmo assim. Jamais dobrou roupas na vida.

Os olhos dele encontram os meus uma ou duas vezes, e ele nota meus dedos inquietos e olhares penetrantes. Parece que ele sempre sabe o que vou fazer, e agora não é diferente. Até roda a cadeira para trás, o que me oferece uma vista melhor do pátio. Aceno a cabeça em um agradecimento silencioso.

Os guardas me fazem lembrar dos prateados de Palafitas, antes das Medidas, antes da Prova Real. Eram preguiçosos, contentes em meu vilarejo tranquilo, onde eram raras as insurreições. Como estavam errados.

Aqueles homens e mulheres não viam meus roubos, o mercado negro, Will Whistle e a infiltração lenta da Guarda Escarlate. E os soldados rebeldes daqui também são cegos, desta vez em meu benefício.

Eles não percebem que estou observando, não veem Kilorn se aproximar com uma travessa de ensopado de peixe. Minha família come, agradecida, sobretudo Gisa.

Ela enrola o cabelo quando Kilorn não está vendo e o solta para que caia ondulado sobre o ombro, como uma cachoeira vermelho-rubi.

— Foi pescado há pouco tempo? — ela pergunta, apontando para a travessa.

Ele franze o nariz e faz uma careta ao olhar para as postas cinzentas de peixe.

— Não por mim, Gi. O velho Cully jamais venderia isso, a não ser para ratos, talvez.

Todos riem. Eu, só por hábito, me junto a eles meio segundo depois. Pela primeira vez, Gisa é menos comportada do que eu e ri abertamente, feliz. Eu costumava invejar seus modos ensaiados e perfeitos.

Agora, queria não ter praticado tanto, queria poder descartar minha polidez forçada tão fácil quanto ela.

Enquanto tentamos engolir o almoço, meu pai despeja o conteúdo da tigela quando pensa que não estou vendo.

Não é à toa que está cada vez mais magro. Antes que eu possa lhe dar uma bronca — ou, pior, que a minha mãe o faça —, ele passa a mão sobre um dos cobertores para sentir o tecido.

— Estes foram feitos em Piedmont. Algodão novo.

Caro — murmura, quando me percebe ao seu lado.

Até na corte prateada o algodão de Piedmont era considerado um produto fino. Era uma alternativa comum à seda, reservada aos agentes de segurança mais graduados, aos sentinelas e aos uniformes dos oficiais militares. Lembro que Lucas vestiu esse tecido até sua morte. Só agora me dou conta de que nunca o vi sem uniforme. Não consigo nem imaginar como seria. Seu rosto já começou a se desfazer. Apenas alguns dias foram suficientes para eu começar a me esquecer dele, um homem que morreu por minha causa.

— Roubados? — pergunto em voz alta ao passar a mão por um cobertor, para me distrair.

Meu pai continua a investigar, alisando a lateral de uma das caixas. É robusta, feita de tábuas largas recém-pintadas de branco. A única marca distintiva é um triângulo verde-escuro menor que a minha mão estampado no canto. Não faço ideia do que significa.

— Ou doados — meu pai diz.

Ele não precisa falar para eu saber que estamos pensando a mesma coisa. Se há pessoas de Lakeland aqui conosco, nesta ilha, então é provável que a Guarda

Escarlate tenha amigos em outros lugares, em nações e reinos diferentes. Parecemos fracos porque queremos.

Com uma destreza que eu não sabia que ele possuía, meu pai agarra minha mão rápido e em silêncio.

— Tenha cuidado, minha menina.

Mas, enquanto ele tem medo, eu tenho esperança. A Guarda Escarlate tem raízes mais profundas do que eu pensava, do que qualquer prateado é capaz de imaginar.

E o coronel é apenas uma das cabeças, assim como Farley. Um obstáculo, sem dúvida, mas que posso superar. Afinal, ele não é rei. Desses eu já tive a minha cota.

Como meu pai, despejo o ensopado numa rachadura no concreto.

— Terminei — digo, e Kilorn levanta num salto. Ele sabe que é a sua deixa.

Vamos visitar Shade, ou pelo menos é isso que dizemos em voz alta, para o bem dos que estão por perto. Os soldados não nos dão a menor atenção. Não temos problema para atravessar o pátio para longe das docas e da praia, seguindo a linha branca e larga.

À luz do meio-dia, posso ver que o concreto se estende na direção de colinas suaves, como se fosse uma estrada para lugar nenhum. A linha continua em frente, mas outra, mais fina, parte dela em ângulo reto, conectando-a a outra estrutura, situada no fim dos galpões, que se eleva sobre tudo mais que há na ilha.

Parece uma versão ampliada dos hangares da praia, alta e larga o bastante para acomodar seis veículos empilhados.

Fico imaginando o que há lá dentro, consciente de que a Guarda tem uma cota de itens roubados. Mas as portas se fecham rapidamente, e alguns homens de Lakeland estão descansando na sombra, conversando, sempre com as armas à mão. Assim, minha curiosidade terá que esperar, talvez para sempre.

Kilorn e eu viramos à direita, rumo à passagem entre os Galpões 8 e 9. As janelas altas estão escurecidas e abandonadas — os prédios estão vazios. À espera de mais soldados, refugiados ou, pior, órfãos. Sinto um calafrio ao passar pela sombra entre os dois.

Não é difícil chegar à praia. Afinal, estamos numa ilha. E, apesar de a base principal ser bem desenvolvida, o resto de Tuck está vazio, coberto apenas por dunas, colinas, matagais e algumas áreas com árvores velhas.

Não há sequer trilhas pelo meio do mato, já que não há animais grandes o suficiente para abri-las.

Desaparecemos com facilidade e ziguezagueamos pelas plantas até chegarmos na

praia. A doca nos espera a algumas centenas de metros, como um facão despontando da maré. Desta distância, os vigias de Lakeland são apenas borrões azul-escuros se movendo de um lado para o outro. A maior parte deles se concentra no navio cargueiro que se aproxima, vindo da outra ponta da doca. Meu queixo cai quando avisto uma embarcação tão grande obviamente controlada por vermelhos. Kilorn está mais focado.

— É a distração perfeita — ele diz e começa a tirar os sapatos.

Faço o mesmo e me livro das botas sem cadarço e das meias gastas. Mas, quando ele passa a camisa por cima da cabeça — e expõe os músculos esbeltos que já conheço, definidos por anos içando redes —, não sinto tanta vontade de imitá-lo. A ideia de correr por um abrigo secreto sem camisa não me atrai.

Ele põe a camisa dobrada sobre os sapatos, um pouco hesitante.

— Imagino que não seja uma missão de resgate.

E como poderia? Não há para onde ir.

— Só preciso vê-lo. Contar de Julian. Informá-lo do que está acontecendo.

Kilorn estremece, mas assente.

— Entrar e sair. Não deve ser tão difícil, já que não esperam que ninguém chegue pelo mar.

Ele se alonga, chacoalhando os pés e os dedos, se preparando para nadar. Ao mesmo tempo, repassa as instruções sussurradas por Farley. Há um poço na parte mais baixa do abrigo que dá para um laboratório de pesquisa. Antes era usado para o estudo da vida marinha, e agora serve de sala para o coronel, embora ele nunca vá lá durante o dia. Vai estar fechada por dentro; é fácil abrir e se orientar pelos corredores. A esta hora do dia, os alojamentos estarão vazios, e a entrada pela doca, lacrada. Pouquíssimos guardas ainda estarão lá. Kilorn e eu já enfrentamos coisa pior quando crianças, quando roubamos um conjunto de baterias de um entreposto da polícia para o meu pai.

— Tente não espirrar água — Kilorn acrescenta antes de entrar na água. Seus pelos se eriçam com o mar frio de outono, mas ele mal parece sentir. Eu com certeza sinto, e quando a água chega na minha cintura, começo a bater os dentes. Com um último olhar em direção ao cais, mergulho em uma onda, deixando o frio chegar até os ossos.

Kilorn corta a água sem esforço, nadando como um sapo, quase sem fazer barulho. Tento imitar os movimentos dele, seguindo-o de perto à medida que nos afastamos da praia. Alguma coisa na água intensifica meu sentido elétrico e fica mais fácil sentir a tubulação que sai da costa. Eu seria capaz de traçar seu caminho com a mão se quisesse, apontando por onde a eletricidade passa desde as

docas, por baixo da água, até o Galpão 1. Kilorn vira na direção dele, posicionando-nos primeiro numa diagonal que parte da costa e depois numa paralela. Ele avança com maestria, e os barcos atracados escondem nossa aproximação. De vez em quando, toca meu braço sob as ondas e se comunica pressionando-o de leve. Pare, siga, devagar, rápido…tudo sem desviar o foco da doca à nossa frente. Por sorte, o navio que vimos chegar está descarregando, o que distrai qualquer soldado que pudesse notar nossas cabeças agitando-se pela água. Mais caixas, todas brancas, marcadas com o triângulo verde. Mais roupas?

Não, descubro quando uma delas cai e quebra. Armas se espalham pela doca. Rifles, pistolas e munição reluzem à luz do sol; parecem recém-fabricadas.

Provavelmente uma dúzia só naquela caixa. Outro presente para a Guarda Escarlate, outro acontecimento com raízes mais profundas que eu nem sabia que existiam.

A descoberta me faz nadar mais rápido e ultrapassar Kilorn, apesar da dor muscular. Fico abaixada sob o cais, finalmente protegida de quaisquer olhos, e meu amigo faz o mesmo.

— Está bem debaixo da gente — ele cochicha, e suas palavras ecoam de um jeito estranho, reverberando contra o cais de metal acima de nós e a água ao redor.

— Posso sentir com o pé.

Quase começo a rir quando vejo Kilorn esticar as pernas e franzir a testa em concentração enquanto tenta alcançar o abrigo secreto do Galpão 1 com o dedão do pé.

— Qual é a graça? — resmunga.

— Você é tão útil — respondo com um sorriso malicioso. É boa a sensação de estarmos assim, compartilhando um mesmo objetivo secreto. Só que, desta vez, estamos invadindo um abrigo militar, não uma casa em Palafitas.

— Aqui — ele finalmente diz antes de sua cabeça desaparecer debaixo d'água. Ele sobe de novo, com os braços bem abertos para poder boiar. — A borda.

Agora vem a parte difícil. Mergulhar por uma passagem escura, sufocante e cheia de água.

Kilorn logo vê o medo no meu rosto.

— Apenas segure a minha perna. É só o que precisa fazer.

Mal consigo acenar com a cabeça.

— Certo.

O poço fica na parte mais baixa do abrigo, a apenas oito metros de profundidade. "Não é nada", foi o que Farley disse. Bom, isto aqui com certeza

parece alguma coisa, penso ao espiar a água escura sob mim.

— Kilorn, Maven vai ficar tão frustrado se o mar me matar antes dele — comento.

Qualquer outra pessoa consideraria a piada de mau gosto, mas Kilorn ri baixinho, e seus dentes brilham contra a água.

— Bom, por mais que eu goste de irritar o rei — ele suspira —, vamos evitar um afogamento, certo?

Ele pisca e mergulha de cabeça, e eu o agarro.

O sal arde nos olhos, mas a visão não é tão escura quanto eu imaginava. A luz do sol incide na água e quebra a sombra lançada pela doca. Kilorn avança rápido, se impulsionando para baixo pela lateral do galpão. A luz difusa pela água se espalha sobre as costas nuas dele e o deixa cheio de manchas, como uma criatura do mar. Me concentro sobretudo em bater as pernas quando posso, e em não ficar presa em nada. Tem mais de oito metros, minha mente resmunga quando começo a sentir falta de ar.

Solto o ar lentamente, deixando as bolhas subirem pelo meu rosto até a superfície. A própria respiração de Kilorn passa por mim, e esta é a única evidência de cansaço dele. Quando encontra a borda inferior, sinto seus músculos tencionarem. Suas pernas começam a chutar e nos empurram para baixo do abrigo oculto.

Começo a me perguntar vagamente se o poço tem uma porta e se ela está fechada. Que piada seria.

Antes de me dar conta do que está acontecendo, Kilorn se lança para cima, por dentro de alguma coisa, me içando junto. Um ar abafado — mas maravilhoso — atinge o meu rosto, e eu o inspiro profundamente, ávida por aquilo.

Já sentado na beira do poço, balançando as pernas na água, Kilorn sorri para mim.

— Você não duraria uma manhã se tivesse que desembaraçar redes — ele diz, balançando a cabeça. — Isso não foi nem um banho comparado ao que o velho Cully me obrigava a fazer.

— Você sabe mesmo me magoar — respondo, seca, me puxando para cima e para dentro da sala do coronel.

O compartimento é frio, iluminado por lâmpadas baixas e obsessivamente organizado. Equipamentos velhos estão posicionados com cuidado contra a parede direita, acumulando pó, enquanto uma escrivaninha ocupa a parede à esquerda. Pilhas de arquivos e papéis lotam o tampo da escrivaninha em fileiras ordenadas. A princípio, não vejo a cama, mas há um leito estreito que se estende a

partir da escrivaninha. O coronel não deve dormir muito.

Kilorn sempre foi escravo da própria curiosidade, e agora não é diferente. Pingando, ele caminha até a escrivaninha, pronto para explorar.

— Não toque em nada — alerto por entre os dentes enquanto torço as mangas da camisa e a barra da calça.

— Deixe uma gota só cair nesses papéis e ele vai saber que alguém esteve aqui.

Ele concorda e se afasta.

— Você precisa ver isso — ele diz num tom afiado.

Vou até ele num instante, temendo o pior.

— O quê?

Com cuidado, ele aponta para a única decoração nas paredes: uma fotografia desbotada pelo tempo e pela umidade, mas com rostos ainda visíveis. Quatro figuras, todas loiras, posam com expressões sérias mas simpáticas. O coronel é uma delas, quase irreconhecível sem o olho vermelho, com o braço em volta de uma mulher alta, de ossos pronunciados, e com a mão no ombro de uma garotinha. Tanto a mulher quanto a garota vestem roupas sujas de pó. Parecem fazendeiros, mas as correntes de ouro no pescoço dizem outra coisa. Em silêncio, retiro a correntinha do meu bolso e comparo o metal tão refinado com o da foto. Com exceção da chave pendurada, são idênticos. Com delicadeza, Kilorn tira a chave da minha mão e começa a pensar o que aquilo pode significar.

A quarta figura explica tudo: uma adolescente com uma trança longa e dourada, ombro a ombro com o coronel, sorri satisfeita. Parece tão jovem, tão diferente sem o cabelo curto e as cicatrizes. Farley.

— Ela é filha dele — Kilorn diz em voz alta, chocado demais para falar mais.

Resisto ao impulso de tocar a fotografia para ter certeza de que é real. A forma como ele a tratou na enfermaria… não pode ser verdade. Mas ele a chamou de Diana. Conhecia seu nome verdadeiro. E eles tinham as correntes: ela a da irmã, ele a da esposa.

— Vamos — murmuro, afastando Kilorn da foto com um puxão. — Não é hora de se preocupar com isso.

— Por que ela não contou? — Percebo na voz dele um pouco da traição que sinto há dias.

— Não sei.

Sem soltá-lo, vou até a porta. Escadas à esquerda, direita lá embaixo, esquerda de novo.

A porta, com suas dobradiças lubrificadas, se abre, revelando um corredor vazio bem parecido com os do mersivo: espaçoso, limpo, com paredes de metal e

tubulação no teto. A eletricidade lateja acima de mim, pulsando por uma rede que vem da praia para alimentar as luzes e o maquinário.

Como Farley disse, não há ninguém aqui embaixo.

Ninguém para nos deter. Suponho que, sendo filha do coronel, ela saiba tudo por experiência própria.

Silenciosos como gatos, seguimos as instruções dela, conscientes de cada passo. Lembro das celas subterrâneas no Palacete do Sol, onde Julian e eu incapacitamos um esquadrão de sentinelas com máscaras negras para libertar Kilorn, Farley e a infeliz Walsh. Isso tudo parece tão distante agora, mas foi apenas há alguns dias. Uma semana. Apenas uma semana.

Tremo só de me perguntar onde estarei daqui a mais sete dias.

Por fim, chegamos a um corredor menor, sem saída, com três portas à esquerda e três à direita, cada uma com uma janela de observação. O vidro de todas está escuro, exceto o da última. Uma luz seca e oscilante é projetada através da janela. Um punho colide contra o vidro e eu me protejo, imaginando que Cal o estilhaçaria com a mão. Mas a janela aguenta firme, fazendo cada bum dos murros dele ecoarem abafados, exibindo somente manchas de sangue prata.

Certamente ele me ouviu, e está pensando que sou um deles.

Quando apareço diante da janela, ele congela, contendo o punho sangrento prestes a golpear. A pulseira faiscante desliza por seu punho grosso, ainda girando por conta do movimento. É um consolo, pelo menos.

Não sabiam o suficiente para tirar sua maior arma. Mas, se é assim, por que ele continua preso? Não poderia derreter a janela e pronto?

Por um único e arrebatador momento, nossos olhos se encontram através do vidro, e penso que a intensidade do olhar vai acabar estilhaçando-o. Gotas grossas de sangue prateado escorrem do lugar em que ele acertou o soco, misturando-se com manchas já secas. Faz tempo que ele está fazendo isso, batendo até sangrar na tentativa de fugir — ou de aliviar um pouco a raiva.

— Está trancada — ele diz, com a voz abafada pelo vidro.

— Não me diga — respondo, sorrindo.

Ao meu lado, Kilorn mostra a chave.

Cal se impressiona, notando Kilorn pela primeira vez.

Ele sorri agradecido, mas Kilorn não retribui; sequer o encara nos olhos.

De algum lugar do corredor, ouço gritos. Passos.

Fazem um eco estranho no abrigo, e se aproximam a cada batida do meu coração. Estão atrás de nós.

— Sabem que estamos aqui — Kilorn diz, bufando ao olhar para trás.

Rapidamente, ele enfia a chave na fechadura e a gira, mas a maçaneta nem se move. Me jogo de ombro contra a porta e encontro apenas o ferro frio e indiferente.

Kilorn força a chave de novo. Desta vez, estou perto o bastante para ouvir o mecanismo estalar. A porta se abre no mesmo instante em que o primeiro soldado dobra a esquina, mas só consigo pensar em Cal.

Parece que príncipes me deixam cega.

A cortina invisível cai no momento em que Kilorn me empurra para dentro da cela. É uma sensação familiar, mas não consigo lembrar de onde a conheço. Já senti isso, sei que senti, mas onde? Não tenho tempo para especular. Cal passa para o meu lado com um salto, um grito sufocado sai de seus lábios, braços estendidos. Não para mim, nem para a janela. Para a porta, que fecha com estrondo.

O ruído da fechadura ecoa na minha cabeça, de novo e de novo e de novo.

— O quê? — pergunto para o ar pesado e abafado.

Mas a única resposta de que preciso é o rosto de Kilorn, me encarando do outro lado do vidro. A chave pende do seu punho cerrado, e sua expressão é um misto de careta e choro.

Sinto muito, ele mexe os lábios sem pronunciar nada, e o primeiro soldado de Lakeland aparece à janela.

Outros surgem em seguida, ao lado do coronel. O sorriso satisfeito dele combina com o da filha na foto, e começo a compreender o que acabou de acontecer. O coronel tem até a audácia de rir.

Cal se joga contra a porta em vão, metendo o ombro no ferro sólido. A dor o faz xingar Kilorn, este lugar, ele próprio, me xingar. Mal o ouço sobre a voz de Julian na minha cabeça.

Todo mundo pode trair todo mundo.

Sem pensar, recorro aos meus raios. Minhas faíscas vão nos libertar e transformar o riso do coronel em gritos.

Mas eles não vêm. Nada. Absolutamente nada.

Como nas celas, como na arena.

— Pedras Silenciosas — Cal diz, apoiando todo o peso contra a porta. Ele aponta com o punho ensanguentado para os cantos da cela. — Eles têm Pedras Silenciosas.

Para te deixar fraca. Para te transformar em um deles.

Agora é a minha vez de esmurrar a janela, mirando os socos na cabeça de Kilorn. Mas acerto vidro, não carne, e ouço apenas o estalar dos meus próprios

ossos, não o da cabeça imbecil dele. Apesar da parede entre nós, ele se encolhe.

Kilorn mal consegue me encarar, mas se arrepia quando o coronel põe a mão no ombro dele para sussurrar em seu ouvido. Ele só pode assistir enquanto grito, um urro indecifrável de frustração, e meu sangue se une ao de Cal atrás do vidro.

O vermelho escorre sobre o prateado, e ambos se misturam numa cor mais escura.

OITO



AS PERNAS DA CADEIRA DE M ETAL ARRANHAM O CHÃO — é o único som na cela quadrada. Deixo a outra cadeira como está, de ponta-cabeça e torta, depois de ter sido jogada contra a parede. Antes de eu chegar aqui, Cal deu um verdadeiro showzinho com as duas cadeiras e a mesa, agora amassadas. Há apenas uma rachadura na parede, logo abaixo da janela, onde a quina da mesa acertou. Para mim, não adianta nada ficar jogando móveis. Em vez de gastar energia, eu a conservo, e sento no centro do cômodo. Cal anda de um lado para o outro em frente à janela, mais animal que homem. Cada milímetro do seu corpo anseia por fogo.

Kilorn já saiu há muito tempo, ao lado do seu novo amigo, o coronel.

E sou vista exatamente como sou: um peixe burro migrando de um anzol para o outro sem nunca aprender a lição. Mas perto do Palacete do Sol, de Archeon e do Ossário, isto aqui parece até férias, e o coronel não é nada comparado à rainha ou a uma fileira de carrascos.

— Melhor você sentar — digo a Cal, que enfim começa a cansar da sua sede de vingança. — A não ser que esteja planejando gastar o chão até abrir um buraco para fugir.

Ele fecha a cara, irritado, mas para de andar. Em vez de pegar uma cadeira, se escora na parede num ato infantil de contestação.

— Estou começando a achar que você gosta de prisões — ele diz, batendo o nó dos dedos contra a parede devagar. — E que tem o pior gosto do mundo para homens.

Isso me fere mais do que eu gostaria. Sim, eu gostava de Maven bem mais do que gostaria de admitir, e Kilorn é meu amigo mais próximo. E ambos são traidores.

— Você também não é muito bom em escolher amigos — disparo, mas meu golpe não o abala. — E não tenho nenhum gosto para homens. Isto aqui não tem nada a ver com isso. — As palavras se embaralham, saem inadequadas e

atrapalhadas.

— Nada? — ele ri, quase entretido. — Quem foram as duas últimas pessoas que nos trancaram numa cela?

— Como não respondo, envergonhada, ele continua: — Reconheça: você tem muita dificuldade para separar a cabeça do coração.

Levanto tão rápido que a cadeira cai no chão.

— Não aja como se não amasse Maven, como se não tivesse deixado o seu coração falar mais alto em relação a ele — falo.

— Ele é meu irmão! Claro que estava cego! Claro que não imaginei que ele iria matar o nosso… o nosso pai. — A voz dele vacila com a lembrança, me deixando entrever o filho esfarrapado e destruído por baixo da fachada de guerreiro. — Cometi erros por causa dele. E cometi erros por sua causa — Cal acrescenta em voz baixa.

Eu também. O pior foi quando dei a mão a ele e o deixei me arrastar para fora do quarto, para uma dança e um turbilhão adiante. Deixei a Guarda matar inocentes por Cal, para evitar que ele fosse para a guerra, para evitar que ficasse longe de mim.

Meu egoísmo teve um custo horrível.

— Não podemos mais fazer isso. Tomar decisões erradas um pelo outro — murmuro, encobrindo o que realmente quero dizer, o que há dias venho tentando dizer a mim mesma. Cal não é um caminho a ser escolhido ou desejado por mim. Cal é apenas uma arma, algo para eu usar, ou para os outros usarem contra mim. Devo me preparar para as duas coisas.

Depois de um longo momento, ele faz que sim com a cabeça. Fico com a impressão de que ele me vê do mesmo jeito.

A umidade do galpão se intensifica, juntando-se ao frio que ainda penetra meus ossos. Normalmente eu começaria a tremer, mas estou me acostumando à sensação. Acho que deveria me acostumar a ficar sozinha também.

Não no mundo, mas aqui dentro, no coração.

Parte de mim quer rir da nossa condição. De novo, estou lado a lado com Cal numa cela, esperando para descobrir o que o destino nos reserva. Mas, desta vez, meu medo está misturado à raiva. Não será Maven que vai tripudiar sobre mim hoje, mas o coronel, o que me deixa imensamente grata. Nunca mais quero ser obrigada a suportar as provocações de Maven. Até pensar nele dói.

O Ossário era escuro e vazio, uma prisão mais profunda. Maven destacava-se nitidamente com sua pele pálida, seus olhos brilhantes, suas mãos à procura das minhas. Na minha lembrança contaminada, tudo isso oscila entre dedos suaves e

garras afiadas. Ambos querem me ver sangrar.

Uma vez eu lhe disse para esconder seu coração.

Você devia ter escutado.

Essas foram as últimas palavras dele para mim, antes de nos condenar à morte. Queria que não tivesse sido um conselho tão bom.

Solto o ar aos poucos, na esperança de expelir as lembranças junto. Não funciona.

— Então, o que vamos fazer, general Calore? — pergunto, apontando para as paredes que nos aprisionam. Só agora enxergo os contornos discretos no canto, os blocos quadrados um pouco mais escuros que o resto, fixados no canto das paredes.

Cal deve estar tentando repelir pensamentos tão dolorosos quanto os meus. Depois de um longo momento, contente com a distração, endireita rapidamente a outra cadeira e a empurra até um dos cantos. Ele sobe nela, quase batendo a cabeça no teto, e corre a mão pela Pedra Silenciosa — a coisa mais perigosa para nós na ilha, capaz de nos causar mais danos que qualquer arma.

— Como conseguiram isto? — ele balbucia enquanto seus dedos tentam descobrir alguma saliência. Mas a pedra é lisa e está perfeitamente inserida na parede.

Suspirando, desce da cadeira com um pulo e se volta para a janela. — A nossa melhor chance é quebrar o vidro. Não temos como nos livrar das pedras.

— É mais fraca — digo, com os olhos fixos na Pedra Silenciosa, que parece me encarar de volta. — No Ossário, me sentia sufocada. Esta aqui está longe de ser ruim daquele jeito.

Cal dá de ombros.

— Não há muitos blocos, mas são o bastante.

— Roubados?

— Com certeza. Existe uma quantidade limitada de Pedras. E só o governo pode usar, por motivos óbvios.

— Verdade… Em Norta.

Ele inclina a cabeça, perplexo.

— Acha que vieram de outro lugar?

— Cargas contrabandeadas chegam aqui de toda parte. Piedmont, Lakeland e outros lugares. Você não viu nenhum soldado aqui embaixo? O uniforme?

Cal balança a cabeça.

— Não desde que aquele bastardo de olho vermelho me escoltou para cá ontem.

— Eles o chamam de coronel. É o pai da Farley.

— Eu sentiria pena dela, mas a minha família é infinitamente pior.

Esboço um sorriso, quase achando graça.

— Eles são de Lakeland, Cal. Farley, o coronel e todos os soldados dele. O que significa que há mais de onde eles vieram.

Uma expressão confusa paira em seu rosto.

— Isso… não é possível. Já vi as frentes de batalha com os próprios olhos. Não há como passar.

Ele faz uma pausa, olha para as mãos e desenha um mapa inútil no ar. Não faz sentido para mim, mas ele o conhece em detalhes.

— Os lagos estão bloqueados nas duas margens — ele retoma. — O Gargalo está completamente fora de questão. Transportar bens e suprimentos é uma coisa, mas pessoas… é impossível. Não nessa magnitude.

Precisariam ter asas para atravessar o fronte.

Tomo fôlego apressada, na velocidade do pensamento que me vem à mente. O pátio de concreto, o hangar imenso no fim da base, a estrada larga que não leva a lugar nenhum.

Não é uma estrada.

É uma pista de decolagem.

— Acho que eles têm.

Para minha surpresa, um sorriso largo e sincero brota no rosto de Cal. Ele se volta para a janela e lança um olhar para o corredor vazio.

— A educação deles deixa muito a desejar, mas a Guarda Escarlate vai dar muita dor de cabeça ao meu irmão.

Logo também começo a sorrir. Se é assim que o coronel trata seus supostos aliados, adoraria ver o que faz com os inimigos.

A hora do jantar chega e logo passa, marcada apenas por um senhor grisalho de Lakeland que nos traz uma bandeja de comida. Ele gesticula para que a gente se afaste e olhe para a parede do fundo. Não obedecemos, e continuamos perto da janela. Depois de um grande impasse, o homem se retira, devorando nosso jantar com um sorriso no rosto. Mas isso não me incomoda nem um pouco. Cresci com fome. Posso encarar algumas horas sem comer. Cal, por outro lado, fica pálido quando nosso jantar vai embora, seguindo o prato de peixe cinzento com os olhos.

— Se você queria comer, devia ter me falado — reclamo, retornando ao meu assento. — Você não vai servir para nada se estiver morto de fome.

— É isso que quero que pensem — ele responde, com um leve brilho no olhar.

— Acho que vou desmaiar depois do café amanhã e descobrir se os médicos deles são bons de briga.

É um plano no mínimo frágil, e torço o nariz em reprovação.

— Tem alguma ideia melhor?

— Não — respondo, seca.

— Foi o que pensei.

— Hunf.

A Pedra Silenciosa tem um efeito estranho sobre nós.

Ao retirar a coisa em que mais nos apoiamos — nossos poderes —, somos forçados a ser pessoas diferentes.

Para Cal, isso implica ser mais inteligente, calculista. Já que não pode contar com o fogo, ele apela para a mente.

Mas, a julgar pela ideia fraca, parece que inteligência não é muito seu forte.

As mudanças em mim não são tão evidentes. Afinal, vivi dezessete anos de silêncio, sem conhecer o poder oculto dentro de mim. Agora pareço de novo aquela garota impiedosa e egoísta que fazia qualquer coisa para salvar a própria pele. Se o homem de Lakeland voltar com outra bandeja, é melhor estar preparado para sentir minhas mãos na sua garganta e, se eu conseguir sair desta cela, meus raios em seus ossos.

— Julian está vivo. — Não sei de onde vêm essas palavras, mas de repente elas pendem no ar, frágeis como flocos de neve.

Cal levanta a cabeça na hora, com um brilho súbito no olhar. A perspectiva de que seu tio ainda respira o anima quase tanto quanto a ideia de liberdade.

— Quem disse?

— O coronel.

Agora é a vez dele soltar um "hunf".

— Acho que acredito nele. — Ganho um olhar de desprezo, mas continuo: — O coronel acha que Julian era parte da armadilha de Maven, que é outro prateado que me traiu. É por isso que não acredita na lista.

Cal assente; seu olhar está distante.

— A lista de outros como você.

— Farley os chama… nos chama de sanguenovos.

— Bom — ele suspira —, só serão chamados de "mortos" se não sairmos daqui depressa. Maven vai caçar todos.

Direto, mas verdadeiro.

— Por vingança? — pergunto.

Para a minha surpresa, Cal balança a cabeça.

— Ele é um rei que sucede um pai assassinado. Não é a situação mais estável para começar um reinado. As Grandes Casas, Samos e Iral especialmente, agarrariam qualquer oportunidade de enfraquecê-lo. E a descoberta dos sanguenovos, depois que Maven denunciou você publicamente, com certeza o enfraqueceria.

Embora Cal tenha sido criado como um soldado, treinado em acampamentos de guerra, também cresceu para ser rei. Pode não ser tão ardiloso quanto Maven, mas entende de política como poucos.

— Então cada pessoa que nós salvarmos vai prejudicá-lo, não só no campo de batalha mas também no reinado — digo.

Ele abre um meio sorriso e apoia a cabeça contra a parede.

— Você está dizendo bastante "nós" nas frases, não?

— Te incomoda? — pergunto, sondando o terreno.

Se eu trouxer Cal para a busca pelos sanguenovos, talvez tenhamos uma chance real de superar Maven.

Um músculo na bochecha dele se contrai, o único indício de indecisão. Mas, antes que ele consiga responder, ouvimos o barulho familiar de botas. Cal bufa de irritação com a volta do coronel. Quando ele começa a levantar, minhas mãos disparam para puxá-lo de volta ao assento.

— Não levante para ele — cochicho, recostando na cadeira.

Cal faz o que digo e, mais calmo, cruza os braços diante do peito largo. Agora, em vez de esmurrar a janela e atirar mesas contra as paredes, assume um ar resignado, sereno, uma montanha de carne à espera para esmagar quem se aproximar demais. Se ao menos ele realmente pudesse fazer isso… Se não fosse a Pedra Silenciosa, ele seria um inferno flamejante, queimando mais que o próprio sol. E eu seria uma tempestade. Em vez disso, estamos reduzidos a nossos ossos, a dois adolescentes choramingando numa jaula.

Faço o possível para me manter impassível quando o coronel aparece na janela. Não quero lhe dar a satisfação da minha raiva, mas quando Kilorn aparece atrás dele, com uma expressão fria e severa, sinto o impulso de levantar. Agora é a vez de Cal me segurar, e ele aperta de leve a minha perna, me mantendo sentada.

O coronel passa apenas um momento nos observando, como se quisesse memorizar a cena do príncipe e da garota elétrica presos. Sou tomada pelo ímpeto de cuspir na janela, mas me contenho. O coronel então desvia o olhar e gesticula com os dedos longos e tortos, ordenando que alguém se aproxime. Ou seja trazido.

Ela luta como um leão, forçando os guarda-costas do coronel a erguerem-na no

ar. O punho de Farley acerta um deles no queixo, e ele a solta, caindo estatelado. Ela empurra o outro contra a parede do corredor, esmagando o pescoço dele entre o cotovelo e a janela de outra cela. Os golpes da capitã são brutais, desferidos para infligir o máximo de dano possível, e já começo a ver manchas roxas aparecendo nos captores. Mesmo assim, eles tomam cuidado para não machucá-la, fazendo o máximo para apenas contê-la.

Imagino que seja ordem do coronel — quer manter a filha presa, mas não quer machucá-la.

Para a minha tristeza, Kilorn não fica parado. Quando os guardas conseguem prensar Farley contra a parede, um segurando cada braço e perna, o coronel faz um gesto para o pescador. Com mãos trêmulas, ele saca uma caixa cinza e fosca. Dentro dela, seringas reluzem.

Não consigo ouvir a voz dela através do vidro, mas é fácil ler seus lábios. Não. Pare.

— Kilorn, pare! — Quando percebo, já estou na janela, sentindo a superfície lisa do vidro nas mãos.

Começo a bater na vidraça para chamar a atenção dele.

— Kilorn!

Mas, em vez de me ouvir, ele estufa o peito e me dá as costas para que eu não veja seu rosto. Já o coronel faz o contrário, e me encara em vez de olhar a seringa sendo cravada no pescoço da filha. Algo estranho se agita no fundo do seu olho bom. Arrependimento, talvez?

Não, este homem não tem dúvidas. Fará o que for necessário, com quem quer que seja.

Depois de cumprir seu papel, Kilorn recua, e a seringa vazia desponta em sua mão. Ele espera, observando Farley investir contra os captores. Mas os movimentos dela ficam lentos, e suas pálpebras começam a fechar à medida que a droga surte efeito. Por fim, ela desmorona em cima dos guardas de Lakeland, inconsciente, e eles a arrastam para a cela em frente à minha. Em seguida, deitam-na, fecham a porta e a trancam, como fizeram com Cal, como fizeram comigo.

Escuto o fecho da porta dela travar e, ao mesmo tempo, o da minha abrir.

— Estão mudando a decoração? — o coronel pergunta com uma fungada, notando a mesa amassada.

Kilorn vem logo atrás. Enfia a caixa de seringas de volta no bolso do casaco como se avisasse: "Para vocês, se passarem dos limites". Para evitar meu olhar, ele se concentra na caixa enquanto a porta se fecha atrás deles.

Dois guardas vigiam do lado de fora.

Cal os encara com uma expressão assassina. Não duvido que esteja pensando em todas as formas como poderia matar o coronel, procurando a mais dolorosa. O coronel também sabe disso, e saca uma pequena pistola do coldre. Ele a segura como quem não quer nada, como uma serpente enrolada à espera do momento certo para dar o bote.

— Sente, por favor, srta. Barrow — ele diz, gesticulando com a arma.

Obedecer a ordem é como me render, mas não tenho escolha. Sento, deixando Kilorn e o coronel assomarem sobre nós. Se não fosse pela arma e pelos guardas no corredor, vigiando de perto, teríamos uma chance. O coronel é alto, mas é velho, e as mãos de Cal se encaixariam perfeitamente na garganta dele. Eu teria que enfrentar Kilorn sozinha, me aproveitando das feridas ainda abertas para derrubá-lo. Mas, ainda que superássemos os dois, a porta permaneceria fechada, e os guardas continuariam lá fora. A luta não valeria absolutamente nada.

O coronel sorri, como se lesse meus pensamentos.

— Melhor ficar sentada.

— Você precisa de uma arma para manter duas crianças na linha? — Devolvo a provocação, espichando o queixo na direção da pistola. Nenhuma alma no mundo ousaria chamar Cal de criança, mesmo sem poderes. Só o seu treinamento militar já é o suficiente para torná-lo mortal, algo que o coronel sabe muito bem.

Ele ignora o insulto e planta os dois pés diante de mim, de modo que seu olho sangrento me encara profundamente.

— Você tem sorte por eu ser um homem liberal, sabia? Muitos por aí não o deixariam viver — ele diz, olhando brevemente para Cal antes de voltar para mim.

— E alguns matariam até você.

Olho para Kilorn, na esperança de que ele perceba de que lado está. Ele se agita como um menininho. Se fôssemos crianças de novo e tivéssemos o mesmo tamanho, eu lhe daria um soco bem na boca do estômago.

— Não foi pelo prazer da minha companhia que você me deixou vivo — Cal diz para acabar com o drama do coronel. — Pelo que vai me trocar?

A reação do coronel é a única confirmação de que preciso. Ele força o maxilar e enrijece de raiva. Ele queria que as palavras saíssem de sua própria boca, mas Cal estragou seu momento.

— Trocar — balbucio, quase sibilando. — Você vai trocar uma das melhores armas que tem? Qual o tamanho da sua burrice?

— Não é grande o bastante para achar que ele lutaria do nosso lado — o coronel responde. — Não. Essa esperança idiota eu deixo para você, garota

elétrica.

Não morda a isca. É o que ele quer. Ainda assim, preciso de toda a minha força para não encarar Cal. Na verdade, não sei com quem a lealdade dele está nem por quem ele vai lutar. Só sei contra quem ele vai lutar: Maven. Alguns diriam que isso nos deixa do mesmo lado, mas sei que não é bem assim. A vida e a guerra não são simples desse jeito.

— Muito bem, coronel Farley — digo. A menção ao sobrenome o deixa agitado. Sua cabeça se move levemente, e sei que ele está lutando contra a vontade de olhar na direção da cela com a filha inconsciente. Isso doeu, percebo, guardando a constatação para usar mais tarde.

Mas o coronel devolve na mesma moeda.

— O rei ofereceu um acordo — ele diz, e suas palavras são como facas prestes a arrancar sangue da minha pele. — Em troca do príncipe exilado, o rei Maven concordou em restabelecer a idade de recrutamento. Voltaremos a dezoito, em vez de quinze.

— Ele baixa os olhos e a voz ao mesmo tempo. Por um breve momento, vislumbro o pai que existe nele debaixo de sua aparência brutal. Ele deve estar pensando nas crianças enviadas à morte. — É uma boa proposta.

— Boa até demais — digo rápido, com um tom de voz duro e forte o bastante para disfarçar meu medo. — Maven nunca vai honrar esse acordo. Nunca.

À minha esquerda, Cal suspira devagar. Ele junta a ponta dos dedos, revelando os muitos cortes e arranhões adquiridos nos últimos dias. Contrai cada um deles, uma distração da verdade que quer evitar.

— Mas vocês não têm escolha — Cal diz, com as mãos enfim calmas. — Rejeitar a proposta significa condenar todos eles.

— Verdade — o coronel concorda. — Coragem, Tiberias. Sua morte salvará milhares de crianças inocentes. Elas são a única razão para você ainda respirar.

Milhares. Milhares valem Cal, com certeza. Mas algo no fundo do meu coração — nessa parte emaranhada e fria de mim mesma que estou começando a conhecer bem demais — discorda. Cal é guerreiro, líder, matador, caçador. E você precisa dele.

Em vários sentidos.

Os olhos de Cal brilham. Se não fosse a Pedra Silenciosa, sei que as mãos dele estariam em chamas. Ele se inclina um pouco para a frente com o lábio retorcido, mostrando dentes retos e brancos. Sua expressão é tão agressiva e animalesca que penso que vou ver presas.

— Sou o seu rei legítimo, filho de uma família prateada secular — ele afirma,

fervendo. — A única razão para você ainda respirar é o fato de eu não ser capaz de queimar o oxigênio desta cela.

Nunca ouvi Cal fazer uma ameaça tão visceral que me corta por dentro. E o coronel, geralmente calmo e resignado, também sente o golpe. Ele recua depressa, quase tropeçando em Kilorn. E, assim como Farley, sente vergonha do medo. Por um momento, o rosto e o olho vermelho se fundem, e ele fica parecendo um tomate com braços e pernas. Mas o coronel é durão e espanta o medo com um único e controlado gesto. Ele corre a mão pelo cabelo loiro quase branco, amassando-o sobre a cabeça chata, e guarda a arma com um suspiro satisfeito.

— Seu barco parte esta noite, alteza real — ele avisa, estalando o pescoço. — Meu conselho é que se despeça da srta. Barrow. Duvido que algum dia volte a vê-la.

Fecho a mão ao redor do assento, pressionando o metal tosco e frio. Se ao menos meu nome fosse Evangeline Samos… eu enrolaria esta cadeira no pescoço do coronel até ele sentir o gosto do ferro e o outro olho sangrar.

— E quanto a Mare?

Como Cal consegue, logo depois de receber a própria sentença de morte, ser tão burro para se preocupar comigo?

— Ela será vigiada — Kilorn intervém, falando pela primeira vez desde que entrou na cela. Sua voz fraqueja, como esperado. O covarde tem todos os motivos para temer. Para me temer, inclusive. — Ficará presa, mas não será ferida.

Desgosto cintila no rosto do coronel. Suponho que ele me quer morta também. Não sei quem poderia se sobrepor à vontade dele. O misterioso Comando de Farley, talvez, seja lá quem for.

— É isso que vão fazer com as pessoas como eu? — disparo, sentindo o corpo levantar da cadeira. — Os sanguenovos? O próximo que vão trazer para cá é Shade? Vão jogá-lo numa jaula como se fosse um bicho de estimação? Até ele aprender a obedecer?

— Isso depende dele — o coronel responde sem se abalar e cada palavra me atinge como um chute no estômago. — Ele tem sido um bom soldado. Por enquanto. Assim como o seu amigo aqui — acrescenta, apoiando a mão no ombro de Kilorn e transbordando orgulho paterno, algo que Kilorn nunca conheceu.

Depois de tanto tempo órfão, mesmo um pai horrível como o coronel deve parecer bom. — Sem ele, jamais teria tido a desculpa, a oportunidade de prendê-la.

A única coisa que consigo fazer é fulminar Kilorn com os olhos, na esperança de feri-lo tanto quanto ele me feriu.

— Como você deve estar orgulhoso…

— Ainda não — o pescador responde.

Se não fossem nossos anos em Palafitas, nossas muitas horas roubando e escapando como ratos, eu jamais teria notado. Mas Kilorn é previsível, pelo menos para mim. Quando ele inclina o corpo, arqueando as costas e empinando o quadril, parece natural. Mas não há nada natural no que está tentando fazer. A parte de baixo de seu casaco pende para a frente, deixando à mostra a caixa de seringas, que escorrega rápido e perigosamente entre o tecido e sua barriga.

— Opa — Kilorn engasga, desvencilhando da mão do coronel quando a caixa escapa. Ela se abre ainda no ar e cospe as seringas. Elas batem no chão e espirram o líquido nos nossos pés. Qualquer um pensaria que todas se quebraram, mas meus olhos rápidos percebem que uma ainda está intacta, semioculta na mão fechada de Kilorn.

— Droga, garoto — o coronel diz, abaixando sem pensar duas vezes. Ele tenta pegar a caixa na esperança de salvar alguma coisa, mas acaba ganhando uma agulha na jugular.

O fator surpresa oferece a Kilorn os segundos necessários para esvaziar a seringa na veia do coronel.

Assim como Farley, ele luta, acertando um soco poderoso na cara do pescador, que voa até bater na parede oposta.

Antes que o coronel consiga dar mais um passo, Cal corre da cadeira e prensa o homem contra a janela. Os soldados de Lakeland observam atônitos do lado de fora, com as armas inúteis preparadas. Afinal, não podem abrir a porta, não podem arriscar soltar os monstros da jaula.

A combinação das drogas com o peso de Cal nocauteia o coronel. Ele desliza vidro abaixo, joelhos cedendo, e desaba de maneira degradante. De olhos fechados, ele parece bem menos ameaçador, normal até.

— Ai! — É o som que vem de Kilorn enquanto massageia a bochecha que já começa a inchar. Drogado ou não, o coronel é capaz de desferir um soco devastador. Sem hesitar, vou rápido até Kilorn. — Não é nada, Mare. Não se preocupe…

Só que não quero consolar ninguém. Meu punho acerta a outra bochecha, tão forte que sinto seus ossos no nó dos dedos. Ele urra e vacila sob o impacto do meu soco, quase perdendo o equilíbrio.

Ignorando a dor no punho, esfrego a mão.

— Agora sim. — Então eu o abraço, envolvendo-o pela cintura. Ele se contrai, esperando mais dor, mas logo relaxa o corpo.

— Eles pegariam você aqui embaixo de qualquer jeito.

Achei que eu seria mais útil se não estivesse na cela ao lado — ele diz, suspirando. — Falei para você confiar em mim. Por que não acreditou?

Fico sem resposta.

Perto da janela, Cal bufa alto, nos trazendo de volta ao presente.

— Não quero criticar sua coragem, mas seu plano vai além de botar esse saco de lixo para dormir? — ele pergunta, cutucando o corpo do coronel com o pé e apontando para a janela. Os guardas ainda nos observam.

— Só porque não sei ler não quer dizer que eu seja burro — Kilorn responde em um tom levemente cortante. — Olhe pela janela. Deve chegar a qualquer segundo.

Dez segundos, para ser exata. Esperamos exatamente dez segundos até um vulto familiar surgir num piscar de olhos. É Shade, com uma aparência bem melhor do que a que vi na enfermaria de manhã: está de pé, com um suporte na perna machucada e nada mais que curativos no ombro. Ele empunha a muleta como uma clava e acerta os dois guardas antes que eles percebam o que está acontecendo. Como dois sacos vazios, eles caem no chão com uma expressão estúpida no rosto.

A tranca da cela se abre com um eco maravilhoso, e Cal corre como um raio para abrir a porta. Assim que sai da cela, ele respira fundo o ar do corredor. Não fico para trás, e suspiro alto quando o peso da Pedra Silenciosa se desfaz. Com um sorriso, faço faíscas brotarem nos dedos e as observo estalando e serpenteando pela minha pele.

— Estava com saudade — murmuro para as minhas melhores amigas.

— Você é estranha, garota elétrica.

Para a minha surpresa, Farley está escorada contra a porta aberta da sua cela, a calma em pessoa. Não parece nem um pouco afetada pelas drogas — se é que surtiram algum efeito.

— É a vantagem de fazer amizade com as enfermeiras — Kilorn diz, dando tapinhas no meu ombro. — Um sorriso simpático foi suficiente para distrair Lena e enfiar uma seringa inofensiva na caixa.

— Ela vai ficar de coração partido quando descobrir que você foi embora — Farley responde, fazendo bico.

— Coitada.

Kilorn apenas desdenha e me lança um olhar.

— Não é problema meu.

— E agora? — Cal diz, deixando seu lado soldado vir à tona. Ele enrijece os ombros sob as roupas esfarrapadas e vira a cabeça de um lado para o outro, observando o corredor.

Shade responde estendendo o braço, com a palma virada para o teto.

— Agora saltamos — diz ele.

Sou a primeira a agarrar seu braço. Seguro firme.

Ainda que não possa confiar em Kilorn, em Cal e em mais ninguém, posso confiar no poder. Na força. Na energia. Com o fogo de Cal, a minha tempestade e a velocidade de Shade, nada nem ninguém pode nos parar.

Enquanto estivermos juntos, jamais seremos presos de novo.

NOVE



O ABRIGO PASSA EM LAM PEJOS DE LUZ E COR. Capto apenas vislumbres enquanto Shade age, fazendo-nos saltar através da estrutura. Suas mãos e braços estão firmes, estendidos, oferecendo-se de apoio para nós. Ele é forte o bastante para levar todos, porque ninguém fica para trás.

Vejo uma porta, uma parede, um piso vindo na minha direção. Guardas nos perseguem todas as vezes, gritando e atirando, mas nunca ficamos muito tempo no mesmo lugar. Uma vez, aterrissamos numa sala lotada, estourando de eletricidade, cercada de monitores e equipamentos de rádio. Consigo vislumbrar uma pilha de câmeras no canto antes de os ocupantes reagirem à nossa presença e precisarmos saltar para longe. Em seguida, aperto os olhos para me proteger da luz do sol sob as docas. Desta vez, os soldados de Lakeland chegam tão perto que consigo distinguir os rostos, pálidos pela luz do entardecer. Então, sinto areia sob os pés. Outro salto, e sinto o concreto. Saltamos mais longe ao ar livre, começando numa ponta da pista de decolagem e sendo teletransportados até o hangar. Shade treme pelo esforço, seus músculos enrijecem, os nervos do seu pescoço se evidenciam. Um último salto nos leva até lá, onde encontramos ar fresco e um silêncio considerável. Quando o mundo finalmente para de girar e nos puxar, tenho a sensação de que vou desmoronar. Ou vomitar. Mas Kilorn me mantém de pé para que eu entenda o motivo de termos vindo tão longe.

Dois jatos ocupam o hangar com suas asas compridas e escuras. Um é menor, construído para um único tripulante, e tem fuselagem prateada e a ponta das asas laranja. Um Dragão, penso, lembrando de Naercey e dos jatos ligeiros e letais que fizeram chover fogo sobre nós. O maior é de um preto sólido, ameaçador; sua carcaça é grande, sem nenhuma cor identificável. Nunca vi nada igual, e me pergunto se Cal já viu. Afinal, ele será o piloto, a não ser que Farley tenha mais esse truque para tirar da manga. A julgar pela maneira como ela observa o jato, de olhos arregalados, duvido.

— O que vocês estão fazendo aqui?

A voz ecoa estranhamente pelo hangar, reverberando pelas paredes. O homem que aparece debaixo da asa do Dragão não parece um soldado, já que veste macacão cinza em vez do uniforme de Lakeland. As mãos dele estão pretas de óleo, o que revela que é mecânico. Ele nos encara, detendo-se nas bochechas roxas de Kilorn e na muleta de Shade.

— V-vou ter que denunciar vocês aos superiores — diz.

— Denuncie — Farley vocifera, mostrando a capitã que foi um dia. Somando o tom dela à cicatriz e à mandíbula tensa, me surpreende ele não ter desmaiado na hora. — Estamos cumprindo ordens expressas do coronel — ela diz, gesticulando rapidamente para Cal ir até o jato. — Agora abra este hangar.

O mecânico continua a gaguejar enquanto Cal nos guia para a parte de trás do jato. Ao passarmos sob a asa, ele ergue a mão e a desliza pelo metal frio.

— Um Abutre — ele explica baixinho. — Grande e rápido.

— E roubado — complemento.

Ele assente, convicto, chegando à mesma conclusão que eu.

— Da base aérea de Delphie.

Uma manobra de treinamento, foi o que a rainha Elara disse num almoço tempos atrás. Ela desconsiderou os boatos sobre jatos roubados com apenas um movimento do garfo, humilhando a coronel Machantos, agora morta, na frente das outras damas da nobreza.

Pensei que estivesse mentindo, abafando outra ação da Guarda, mas isso também parecia impossível. Afinal, quem seria capaz de roubar um jato? Ou dois?

Aparentemente, a Guarda Escarlate.

A traseira do Abutre se abre abaixo da cauda, criando uma rampa para carga e descarga. A carga, no caso, somos nós. Shade vai primeiro, apoiado na muleta, com o rosto encharcado e pálido de cansaço. Os saltos tiveram seu preço. Kilorn vai atrás, me arrastando junto, e Cal vem logo em seguida. Ainda consigo ouvir o eco da voz de Farley quando entramos e nos orientamos na quase total escuridão.

Duas fileiras de assentos se alinham ao longo das paredes curvadas, cada cadeira com seu cinto pesado. O jato pode transportar pelo menos duas dúzias de homens.

Me pergunto quando voou pela última vez e quem carregava. Será que estão vivos? Teremos o mesmo destino que eles?

— Mare, preciso de você aqui — Cal chama ao passar por mim em direção à frente do jato.

Ele solta o corpo sobre o assento do piloto e encara o painel indecifrável de botões, alavancas e instrumentos.

Todos os mostradores e ponteiros estão zerados, e o único ruído vem da batida dos nossos corações. Através do vidro grosso da cabine, avisto a porta do hangar — ainda fechada — e Farley, discutindo com o mecânico.

Suspirando, sento ao lado dele e aperto o cinto.

— O que posso fazer?

As fivelas estalam quando as fecho. Se vamos voar, não quero ficar pulando de um lado para o outro ali dentro.

— Esta coisa usa baterias, mas elas precisam de um tranco, e acho que o mecânico não vai querer colaborar

— ele diz, com um leve brilho no olhar. — Faça o que sabe fazer melhor.

— Certo.

Inundo o corpo de determinação, tão forte quanto minha eletricidade. É como acender uma lâmpada ou ligar uma câmera, digo a mim mesma. Só é bem maior, bem mais complicado… e bem mais importante. Me pergunto por um segundo se isso é possível, se meu poder é suficiente para alimentar as baterias do enorme Abutre. Mas a lembrança dos raios roxos e brancos e poderosos ziguezagueando no céu para atingir o Ossário me diz que consigo. Se posso começar uma tempestade, com certeza posso trazer o jato à vida.

Com os braços estendidos, ponho as mãos sobre o painel. Não sei o que procurar, não sinto nada. Meus dedos dançam pelo metal, tentando encontrar qualquer coisa a que me agarrar, qualquer coisa que eu possa usar. As faíscas sobem à minha pele, prontas para serem chamadas.

— Cal — murmuro por entre os dentes, relutante em deixar o pedido escapar.

Ele compreende e trabalha rápido. Enfia a mão por debaixo do painel e puxa alguma coisa. O metal rasga com um chiado agudo, derretido nas pontas, quando Cal arranca a proteção do painel, revelando uma confusão de fios emaranhados. A imagem me faz pensar em veias sob a pele. Só preciso fazê-las bombear a energia. Sem hesitar, enfio a mão pelos fios, deixando minha eletricidade pulsar. As faíscas procuram o caminho sozinhas. Quando meus dedos roçam um fio mais grosso, um cabo redondo e liso que se encaixa perfeitamente na minha mão, não consigo conter o sorriso. Fecho os olhos para me concentrar. Me esforço mais, deixando a energia fluir pelos cabos de alimentação. Ela avança através do jato, se ramificando por diversos caminhos, mas continuo a forçar. Quando a eletricidade atinge o motor e as imensas baterias, seguro o cabo com mais força, cravando as unhas na pele.

Vamos. Me derramo sobre as baterias, inundando-as até alcançar a energia armazenada nelas. Baixo a cabeça, apoio a testa no painel e deixo o metal frio

acalmar meu rosto vermelho. Com um último impulso, a represa de energia dentro do jato se rompe, espalhando-se pelas paredes e fios. Não a vejo trazendo vida ao Abutre, mas a sinto por toda a parte.

— Muito bem — Cal diz, apertando meu ombro por um segundo. O toque dele não dura, porque foi isso que combinamos. Nada de distrações, muito menos agora.

Abro os olhos e vejo as mãos dele dançando sobre os controles do painel, girando chaves e botões de uma maneira aparentemente aleatória.

Quando volto a me recostar no assento, sinto outro toque no ombro. Kilorn deixa a mão apoiada com uma delicadeza estranha. Não está olhando para mim, mas para o jato, com o queixo caído e os olhos arregalados, dividido entre encanto e medo. Seu ar é quase infantil.

Eu mesma me sinto pequena sentada no interior desta máquina, prestes a fazer o que jamais sonhamos ser possível. O pescador e a garota elétrica prestes a voar.

— Será que ela espera que eu arrebente a parede com o jato? — Cal comenta baixo, sem sorrir. Ele olha para trás, à procura do meu irmão. — Shade?

Meu irmão parece a ponto de desmaiar e balança a cabeça, relutante.

— Não consigo saltar coisas tão grandes e…complicadas. Mesmo num dia bom.

Dói para ele dizer uma coisa dessas, embora não tenha motivos para se envergonhar. Mas Shade é um Barrow, e não gostamos de admitir nossas fraquezas.

— Mas posso buscar Farley — ele continua, levando as mãos para a fivela do cinto.

Kilorn conhece meu irmão tão bem quanto eu, e o empurra de volta no assento.

— Você não serve para nada se estiver morto, Barrow — ele diz, forçando um sorriso amarelo. — Eu abro o portão.

— Não precisa — disparo, olhando fixamente para fora da cabine.

Forço minha energia e, com um chiado intenso e agudo, o portão começa a abrir, erguendo-se do chão num movimento suave e contínuo. O mecânico parece confuso ao ver o dispositivo que controla a porta girando. Enquanto isso, Farley sai em disparada. Ela corre para fora do nosso campo de visão, em direção ao portão. Um feixe de luz do sol a segue, misturado com sombras desiguais e longas. A silhueta de duas dúzias de soldados surge, tapando a entrada do hangar. Não são apenas o pessoal de Lakeland, mas os próprios rebeldes de Farley, marcados por faixas e cachecóis vermelhos.

Todos estão com a arma apontada para o Abutre, hesitantes. Não querem atirar.

Para o meu alívio, não reconheço Bree nem Tramy entre eles.

Um dos soldados de Lakeland dá um passo à frente.

É capitão ou tenente, a julgar pelas tiras brancas no uniforme. Grita algo, estende a mão, os lábios indicam a palavra parem. Mas não consigo ouvir nada além do ronco crescente dos motores.

— Vamos! — Farley grita, surgindo na traseira do avião. Ela se joga no assento mais próximo e afivela o cinto com mãos trêmulas.

Cal não precisa escutar duas vezes. Seus dedos dobram de velocidade, girando e apertando botões como se os gestos fossem parte da sua natureza. Mas eu o ouço murmurar consigo mesmo, como se fosse uma oração, os passos que precisa lembrar. O Abutre se projeta para a frente, as rodas se põem em movimento e a rampa traseira sobe para o seu lugar, fechando a aeronave com um chiado pneumático animador. Não há mais como voltar.

— Muito bem, vamos fazer esta coisa voar — Cal diz, recostando-se no assento do piloto com um movimento quase entusiasmado. Sem aviso, ele pega uma alavanca do painel e a empurra para a frente.

E o jato obedece. Segue adiante, rumo aos soldados.

Cerro os dentes, à espera de uma cena brutal, mas eles já estão correndo, fugindo do Abutre e do piloto vingativo.

Arrancamos do hangar, ganhando velocidade a cada segundo, mas deparamos com um caos completo na pista. Veículos aceleram dos galpões na nossa direção, e uma corajosa tropa de soldados atira do alto do hangar.

As balas sibilam no corpo de metal, incapazes de perfurá-lo. O Abutre é feito de um material resistente e continua adiante, fazendo uma curva para a direita que nos chacoalha nos assentos.

Kilorn se dá mal com a manobra, já que não afivelou direito o cinto de segurança. Bate a cabeça contra a parede, xingando enquanto massageia a bochecha inchada.

— Tem certeza de que sabe pilotar esta coisa? — urra, direcionando toda a raiva para Cal.

Com um ar de gozação, Cal acelera mais, fazendo o jato chegar ao limite de velocidade. Pela janela, assisto aos veículos ficando para trás, incapazes de nos acompanhar. À frente, a pista, uma tosca estrada cinza, se aproxima do fim. As colinas verde-claras e as árvores retorcidas nunca pareceram tão ameaçadoras.

— Cal! — chamo, na esperança de que ele me ouça por cima do rugido dos motores. — Cal!

Atrás de mim, Kilorn mexe no cinto de segurança, mas seus dedos estão

tremendo demais para fazer qualquer coisa útil.

— Barrow, você ainda tem um salto? — ele grita, com os olhos no meu irmão.

Shade parece não escutar. Ele observa fixamente a pista à frente, e seu rosto está pálido de medo. As colinas se aproximam; estão a segundos de distância agora. Imagino o jato avançando contra elas, firme até capotar e explodir num desastre monumental. Cal pelo menos sobreviveria.

Mas ele não vai nos deixar morrer. Não hoje. Ele puxa outra alavanca com tanta força que as veias do seu punho saltam da pele. Então as colinas somem, como uma toalha arrancada abruptamente de uma mesa. Já não vejo a ilha, mas o céu azul do outono. Meu fôlego desaparece com a terra, substituído pela sensação de ser erguida no ar. A pressão me faz colar no assento e me dá uma leve dor no ouvido. Atrás de mim, Kilorn abafa um gemido e Shade murmura uns palavrões. Farley não demonstra qualquer reação. Está congelada, os olhos arregalados de choque.

Já experimentei muita coisa estranha nos últimos meses, mas nada se compara a voar. É um contraste gritante: sentir o impulso enorme da aeronave em ascensão e cada giro do motor nos jogando para o céu, enquanto meu próprio corpo permanece tão impotente, passivo e dependente do mecanismo ao meu redor. É pior do que a moto veloz de Cal, mas melhor ao mesmo tempo. Mordo o lábio e faço questão de não fechar os olhos.

Subimos e subimos, sem ouvir nada exceto o ronco dos motores e as marteladas dos nossos corações. Tufos de nuvem deslizam à nossa volta, abrindo-se como cortinas brancas ao se chocarem com a cabine. Não consigo evitar me inclinar para a frente, quase encostando o nariz contra o vidro para ter uma boa visão lá de fora. A ilha agita-se lá embaixo, um verde morto rasgando o azul férreo do mar, encolhendo a cada segundo até eu não poder distinguir mais a pista ou os galpões.

Depois de nivelar o avião, ao atingir sabe-se lá que altitude, Cal gira o assento e se vira para nós. A expressão convencida em seu rosto deixaria Maven orgulhoso.

— E aí? — diz, encarando Kilorn. — Será que sei pilotar esta coisa?

Um "sim" resmungado é tudo que obtém como resposta, mas é o bastante para Cal. Ele vira o assento de novo e pousa as mãos sobre o mecanismo em forma de U no centro do painel. O jato responde ao toque, baixando suavemente à medida que Cal movimenta o U.

Quando se dá por satisfeito, aperta mais alguns botões no console e se recosta no assento, passando a impressão de que vai deixar o avião voar sozinho. Ele até solta o cinto de segurança e o joga para o lado para ficar mais confortável.

— E então, para onde vamos? — ele pergunta para o silêncio da aeronave. —

Ou a gente só queria botar as asas de fora?

Estremeço com o trocadilho.

Um estalo ecoa pelo jato quando Kilorn solta uma pilha de papéis nos joelhos. Mapas.

— São do coronel — explica, com os olhos fixos nos meus. Tentando me fazer entender. — Há uma pista de aterrissagem perto de Harbor Bay.

Mas Cal balança a cabeça, como um professor irritado com um aluno burro.

— Você quer dizer o Forte Patriota? — desdenha. — Você quer que a gente aterrisse no meio de uma base aérea de Norta?

Farley é a primeira a levantar do assento, num movimento tão brusco que quase arrebenta as fivelas do cinto.

— Sim, somos completamente idiotas, alteza — ela diz, seca. Então desdobra um dos mapas e praticamente o esfrega no nariz de Cal. — Não é no forte. É o Campo Nove-Cinco.

Cerrando os dentes para não responder à altura, Cal toma o mapa com cuidado e examina as linhas e cores do papel. Depois de um instante, começa a gargalhar.

— O que foi? — pergunto, arrancando o mapa da mão dele. Diferente do pergaminho antigo e indecifrável na velha sala de aula de Julian, este mapa exibe nomes e locais familiares.

A cidade de Harbor Bay domina o sul, beirando o oceano, enquanto o Forte Patriota ocupa uma península que se estende pelo mar. Uma faixa marrom e grossa ao redor da cidade, uniforme demais para ser natural, só pode ser outra barreira de árvores. Como em Archeon, os verdes criaram florestas estranhas para proteger Harbor Bay da poluição. Neste caso, provavelmente para protegê-la de Cidade Nova, a área que abraça a barreira como um cinto, formando uma muralha ao redor da periferia de Harbor Bay.

Outra favela, percebo. Como a Cidade Cinzenta, onde vermelhos vivem e morrem sob um céu cheio de fumaça, forçados a construir transportes, lâmpadas, jatos e toda e qualquer coisa que os prateados são incapazes de compreender. Os técnicos não têm autorização para sair de suas cidades, nem mesmo para se alistar no exército. São capacitados demais para serem perdidos na guerra, ou por causa do livre-arbítrio.

A lembrança da Cidade Cinzenta incomoda, mas saber que ela não é a única abominação do tipo corta ainda mais fundo. Quantos não vivem nos confins daquela favela? Ou dessa? Quantos como eu, aliás?

Sinto o gosto da bile subir pela garganta, mas engulo em seco, me obrigando a desviar o olhar. Examino as regiões vizinhas, quase todas de vilarejos operários,

com algumas cidades pequenas aqui e ali e uma floresta densa pontilhada de ruínas abandonadas. Mas não encontro o Campo Nove-Cinco em nenhuma parte do mapa. Deve ser segredo, como tudo que diz respeito à Guarda Escarlate.

Cal percebe minha confusão e se permite uma última risada.

— Sua amiga quer que eu aterrisse o Abutre na porcaria de uma ruína — diz afinal, batucando de leve no mapa.

Seu dedo indica uma linha pontilhada, o símbolo de uma das enormes estradas dos tempos remotos. Cheguei a ver uma delas uma vez, quando Shade e eu nos perdemos nos bosques perto de Palafitas. Toda rachada pelo gelo de mil invernos e esbranquiçada por séculos de sol, parecia mais uma trilha de pedregulhos do que uma antiga via expressa. Um punhado de árvores crescia bem no meio dela, forçando o caminho através do asfalto. A ideia de pousar um jato num lugar como aquele me dá frio na barriga.

— É impossível — gaguejo ao imaginar todas as formas de morrer ao tentar aterrissar numa estrada velha.

Concordando com a cabeça, Cal tira o mapa da minha mão com um movimento rápido. Ele o abre por inteiro, e seus dedos começam a dançar pelas diversas cidades e rios enquanto os examina.

— Com Mare, não precisamos pousar aqui. Podemos demorar, recarregando as baterias sempre que precisarmos e voando por quanto tempo quisermos, quão longe quisermos — ele diz, dando de ombros. — Ou até as baterias pararem de segurar a carga.

Outro jato de pânico atravessa meu corpo.

— E depois de quanto tempo isso aconteceria?

Ele responde esboçando um sorriso:

— Os Abutres começaram a ser usados há dois anos.

Na pior das hipóteses, esta belezinha aqui tem mais dois pela frente.

— Não me assuste desse jeito — reclamo.

Dois anos, penso. Poderíamos dar uma volta ao mundo. Ver Prairie, Tiraxes, Montfort, Ciron… terras que são apenas nomes no mapa. Poderíamos ver tudo.

Mas isso é apenas um sonho. Tenho uma missão, sanguenovos para proteger e uma dívida real a saldar.

— Então, por onde começamos? — Farley pergunta.

— Deixamos a lista decidir. Você está com ela, não está? — pergunto, me esforçando ao máximo para não soar receosa. Se o caderno de nomes de Julian estiver em Tuck, então nosso passeio vai terminar antes mesmo de começar. Não posso dar um passo sequer sem ele.

Kilorn responde no lugar de Farley, sacando o caderno familiar da camisa. Ele o atira na minha direção e eu agarro com um ar desafiador. A capa ainda conserva o calor do meu amigo.

— Peguei do coronel — ele diz, forçando um tom de voz despreocupado. Mas o orgulho, por menor que seja, acaba vazando pelas suas palavras.

— No alojamento dele? — pergunto, lembrando do abrigo debaixo do mar.

Mas Kilorn nega com a cabeça.

— Ele é esperto demais para isso. Deixava trancado no arsenal do galpão, com a chave da corrente dele.

— E você…?

Com um sorriso satisfeito, ele baixa a gola da camisa e revela a corrente de ouro no pescoço.

— Posso não ser um batedor de carteiras tão bom quanto você, mas…

— Já planejávamos roubar o cordão em algum momento — Farley diz —, mas quando prenderam você, tivemos de improvisar. E rápido.

— Ah… — É a minha única reação. Então foi para isso que serviram minhas poucas horas na cela. Confie em mim, Kilorn disse antes de me enganar na porta da cela. Agora me dou conta de que ele fez aquilo pela lista, pelos sanguenovos e por mim. — Muito bom — sussurro.

Kilorn finge que não é nada, mas seu sorriso entrega o quanto está feliz em ouvir isso.

— Sim, muito bom, mas agora fico com isso, se você não se importa — Farley diz com o tom mais doce que já ouvi sair dela.

Ela nem espera Kilorn responder e já estende o braço para pegar a corrente num movimento ligeiro e calculado. O ouro cintila na mão dela, mas logo desaparece dentro de um bolso. Farley repuxa um pouco os lábios, o único indício de como a corrente do pai a afeta. Não, não é dele. Não de verdade. A fotografia na sala do coronel é prova disso. A corrente era da mãe ou da irmã dela, e sabe-se lá por que Farley não está usando agora.

Ao erguer a cabeça, a expressão de Farley está normal, e seu jeito grosseiro reaparece.

— Bom, garota elétrica, quem está mais perto do Nove-Cinco? — ela pergunta, com o queixo esticado na direção do caderno.

— Não vamos pousar no Nove-Cinco — Cal diz firme, mas imperioso.

Tenho que concordar com ele.

Quieto até agora, Shade geme em seu assento. Não está pálido, mas vagamente verde. É quase cômico: ele tira o teletransporte de letra, mas parece que o voo vai

acabar com ele.

— O Nove-Cinco não é uma ruína — Shade diz, se esforçando para não vomitar. — Já esqueceu de Naercey?

Cal solta o ar devagar, esfregando o queixo com a mão. A barba dele está começando a despontar, uma sombra escura espalhada pelo maxilar e pelas bochechas.

— Vocês recapearam.

Farley faz um sim devagar com a cabeça e sorri.

— E não dava para dizer isso logo de cara? — reclamo, arrancando o sorriso convencido do rosto dela.

— Você sabe que ninguém aqui vai ganhar pontos extras sendo dramático, Diana. Cada segundo que você gasta se sentindo superior pode significar a morte de um sanguenovo.

— E cada segundo que você gasta me questionando, questionando Kilorn e Shade sobre qualquer coisa, até sobre o ar que respira, o efeito é o mesmo, garota elétrica — ela diz, diminuindo a distância entre nós. Ela me cobre com a sua altura, mas não me sinto pequena.

Com a confiança fria forjada por Lady Blonos e pela corte prateada, olho bem para ela sem esboçar nenhum calafrio. — Me dê motivos para confiar em você, então confiarei.

Até parece.

Depois de um tempo, ela balança a cabeça e recua, abrindo espaço suficiente para eu respirar.

— O Nove-Cinco era uma ruína — ela explica. — E quem for curioso o bastante para visitar o lugar vai ver apenas um trecho de estrada abandonado, dois quilômetros de asfalto que ainda não arrebentaram. — Ela começa a apontar para outras estradas em ruínas no mapa. — Não é o único lugar assim.

Uma rede variada corta o mapa em todas as direções, sempre oculta nas antigas ruínas, mas perto das cidades pequenas e dos vilarejos. "Proteção" é o nome que Farley dá, porque a presença da polícia é mínima e os vermelhos do interior tendem a fingir que não veem nada. Talvez nem tanto agora, com as Medidas em vigor, mas com certeza antes de o rei decidir levar ainda mais crianças.

— O Abutre e o Dragão foram os primeiros jatos que roubamos, mas chegarão mais — ela acrescenta, com um orgulho discreto.

— Não teria tanta certeza disso — Cal responde, sem ser hostil, apenas pragmático. — Depois do roubo em Delphie, vai ser ainda mais difícil entrar numa base, quanto mais numa cabine.

De novo, Farley sorri, totalmente convicta dos segredos que custou a merecer.

— Em Norta, sim. Mas as bases aéreas de Piedmont têm uma segurança lamentável.

— Piedmont? — Cal e eu soltamos ao mesmo tempo.

A nação aliada ao sul é distante demais, mais distante que Lakeland. Deveria estar bem longe do alcance dos agentes da Guarda Escarlate. Dá para acreditar que é possível contrabandear bens de lá; vi as caixas com meus próprios olhos. Mas uma infiltração? Soa…impossível.

Farley discorda.

— Os príncipes de Piedmont estão totalmente convencidos de que a Guarda Escarlate é problema só de Norta. Felizmente para nós, estão equivocados. A cobra tem muitas cabeças.

Mordo o lábio para não soltar uma exclamação de surpresa e conservar o pouco que ainda resta da minha máscara. Lakeland, Norta, e agora Piedmont? Meus sentimentos se dividem entre admiração e medo diante de uma organização tão grande e tão paciente que se infiltrou não apenas em uma, mas em três nações soberanas governadas por reis e príncipes prateados.

Eles não são o bando simplório e desorganizado de fanáticos que imaginei.

São uma máquina, grande e bem lubrificada, funcionando por mais tempo do que qualquer pessoa julgava possível.

Onde foi que me meti?

Para evitar que meus pensamentos marejem meus olhos, folheio o caderno com os nomes. Fico mais calma ao ver o nome e o paradeiro de cada sanguenovo em Norta entre os estudos de arqueologia de Julian. Se eu conseguir recrutá-los e mostrar ao coronel que não somos prateados, que não precisam nos temer, então teremos chance de mudar o mundo.

E Maven não terá chance de matar mais ninguém em meu nome. Não vou carregar o peso de mais mortes.

Cal inclina a cabeça para perto de mim, mas não para olhar as páginas do caderno. Em vez disso, observa minhas mãos, meus dedos correndo pela lista. O joelho dele roça no meu, e sinto o calor mesmo através das calças esfarrapadas. Apesar de ele não falar nada, entendo o que quer dizer. Como eu, ele sabe que existem muito mais coisas do que nossos olhos enxergam, mais do que sequer somos capazes de compreender.

Fique atenta, é o que diz seu toque.

Devolvo o cutucão.

Eu sei.

— Coraunt — digo em voz alta, interrompendo o movimento do meu dedo. — Coraunt fica perto da pista Nove-Cinco?

Farley nem se dá ao trabalho de procurar o vilarejo no mapa. Não precisa.

— Perto o bastante.

— O que há em Coraunt, Mare? — Kilorn pergunta, se aproximando do meu ombro. Ele toma cuidado para manter distância de Cal, e pareço um muro entre os dois.

As palavras pesam. Minhas ações podem libertar esse homem. Ou condená-lo.

— O nome dele é Nix Marsten.

DEZ



O ABUTRE ERA O JATO PESSOAL DO CORONEL, usado para se deslocar de Norta a Lakeland o mais rápido possível. É mais que um meio de transporte para nós. É um tesouro, carregado com armas, suprimentos médicos e até rações de comida do último voo. Farley e Kilorn dividem os itens em pilhas, separando as armas das gazes, enquanto Shade troca o curativo no ombro.

Apesar da perna esticada de um jeito estranho — o suporte impossibilita a flexão —, ele não mostra nenhum sinal de dor. Mesmo sendo menor que meus outros irmãos, ele sempre foi o mais durão da família, atrás apenas do nosso pai, que enfrenta sua agonia constante.

De repente, minha respiração fica entrecortada, sinto como se a garganta e os pulmões fossem apunhalados.

Pai, mãe, Gisa, os garotos. No turbilhão que foi minha fuga, esqueci completamente deles. Assim como aconteceu antes, quando me tornei Mareena, quando o rei Tiberias e a rainha Elara tomaram meus trapos e me ofereceram seda. Levei horas para lembrar dos meus pais à espera da filha que não retornaria. E agora os deixei esperando de novo. Eles podem estar em perigo pelo que fiz, podem ser alvo da ira do coronel. Enterro a cabeça entre as mãos, xingando. Como pude esquecer deles? Tinha acabado de recuperá-los. Como pude deixar minha família assim?

— Mare? — Cal sussurra, na tentativa de não atrair as atenções para mim. Os outros não precisam me ver encolhida, me culpando a cada respiração.

Você é egoísta, Mare Barrow. Uma menininha boba e egoísta.

O ronco baixo dos motores, antes um consolo lento e constante, torna-se um fardo insuportável. Bate contra mim como as ondas da praia de Tuck, intermináveis, dominadoras, sufocantes. Por um momento, me deixo ser consumida. E então não sinto nada além da eletricidade. Nada de dor, nada de lembranças. Só poder.

Uma mão pousa na minha nuca e alivia um pouco a tensão, forçando seu calor

pela minha pele fria. O polegar traça círculos perfeitos e lentos, encontrando um ponto tenso que eu não sabia que existia. Isso ajuda um pouco.

— Você precisa se acalmar — Cal continua, com a voz bem mais próxima dessa vez. Espio pelo canto do olho e o vejo se inclinar para mim, os lábios quase roçando minha orelha. — Os jatos são um pouco sensíveis a tempestades elétricas.

— Certo — digo com dificuldade. — Tudo bem.

A mão dele não se afasta, continua me tocando.

— Inspire pelo nariz, expire pela boca — ele instrui em um tom baixo e reconfortante, como se falasse com um animal assustado. Acho que ele não está de todo errado.

Me sinto uma criança, mas aceito o conselho mesmo assim. A cada respiração, me liberto de um pensamento, um mais duro que o outro. Você esqueceu deles. Inspira.

Você matou pessoas. Expira. Você deixou as pessoas morrerem. Inspira. Você está sozinha. Expira.

Este último não é verdade. Cal é prova disso, assim como Kilorn, Shade e Farley. Mas não posso me livrar da sensação de que, embora estejam comigo, não há ninguém ao meu lado. Ainda que eu tenha um exército atrás de mim, continuo só.

Talvez os sanguenovos mudem isso. Em todo caso, preciso descobrir.

Devagar, me endireito no assento, e a mão de Cal me segue. Ele a recolhe depois de muito tempo, quando tem certeza de que não preciso mais dele. Sinto um frio súbito no pescoço sem o calor dele, mas sou orgulhosa demais para admitir isso. Volto o olhar para fora, fixando-o nas nuvens que passam como vultos, no sol que afunda, no mar sob nós. A crista branca das ondas que quebram em uma longa cadeia de ilhas, conectadas por bancos de areia, mangues ou pontes em frangalhos.

Algumas vilas de pescadores e faróis pontilham o arquipélago, aparentemente inofensivos, mas cerro o punho ao vê-las. Talvez haja um vigia. Alguém poderia nos ver.

A maioria das ilhas tem uma baía repleta de barcos. A julgar pelo tamanho e pelas faixas azul-prateadas decorando os cascos, devem ser da Marinha.

— Imagino que saiba o que está fazendo? — pergunto a Cal, ainda com os olhos fixos nas ilhas.

Quem sabe quantos prateados estão lá embaixo à nossa procura? E a baía, lotada de navios, podia esconder inúmeras coisas. Ou pessoas. Como Maven.

Mas Cal parece não se preocupar com nada disso.

Coça a barba de novo, os dedos raspando a pele grossa.

— São as Ilhas Bahrn. Nada com que se preocupar.

Já o Forte Patriota… — diz, apontando vagamente na direção noroeste. Mal consigo distinguir a costa do continente, coberta por uma neblina dourada iluminada pelo sol. — Vou ficar fora do raio do sensor deles o máximo que puder.

— E quando não puder mais? — Kilorn aparece de repente atrás de nós, de pé, apoiado no encosto do meu assento. Seus olhos correm de um lado para o outro, entre Cal e as ilhas. — Acha que consegue voar mais rápido que eles?

Cal está calmo e confiante.

— Sei que consigo.

Sou forçada a esconder meu sorriso com a manga da camisa, pois sei que isso só aumentaria a raiva de Kilorn.

Nunca voei com Cal antes, mas já o vi em ação na moto.

Se ele pilotar o jato com metade do talento que demonstrou guiando aquela máquina mortal de duas rodas, estamos em boas mãos.

— Mas não vou precisar — ele continua, contente com o silêncio de Kilorn. — Todo jato tem um sinal para que os fortes saibam para onde estão indo. Quando entrarmos no raio do sensor, vou mandar um sinal antigo. Se tivermos sorte, ninguém vai averiguar muito.

— Parece arriscado — Kilorn resmunga, à procura de qualquer coisa para furar o plano de Cal, mas o pescador está numa desvantagem lamentável.

— Funciona — Farley intervém sentada no chão. — É assim que o coronel passa quando não consegue voar fora dos sensores.

— E ninguém espera que rebeldes saibam voar — acrescento, na tentativa de aliviar um pouco a vergonha de Kilorn. — Então ninguém vai procurar os jatos no ar.

Para a minha surpresa, Cal fica nitidamente tenso. Ele se levanta num movimento rápido, e deixa a cadeira girando.

— A resposta dos instrumentos está lenta como uma lesma — ele resmunga, numa explicação apressada. Uma mentira mal contada, a julgar pela expressão fechada e sombria em seu rosto.

— Cal? — chamo, mas ele não vira. Ele nem me responde, e parte em silêncio para a traseira do avião. Os outros o observam franzindo a testa, ainda cautelosos em relação a ele.

Só posso assistir perplexa. E agora?

Deixo-o com seus problemas e vou até Shade, ainda estirado no chão. A perna

dele parece melhor, sustentada pelo suporte, mas ele ainda precisa da muleta de metal.

Afinal, levou dois tiros em Naercey, e não temos um curandeiro de pele para o recompor com um simples toque.

— Quer alguma coisa? — pergunto.

— Não diria não para um pouco de água — ele responde a contragosto. — E comida.

Feliz de poder fazer ao menos uma coisa por ele, pego um cantil e dois pacotes fechados de ração no estoque de Farley. Fico à espera de um escândalo por causa do racionamento de comida, mas ela mal me nota.

Tomou o meu assento na cabine e está observando a janela, maravilhada com o mundo que passa sob nós.

Kilorn fica ao lado dela, sem jamais tocar o assento vazio de Cal. Ele não está a fim de levar uma bronca do príncipe e toma cuidado para manter as mãos longe do painel de controle. Parece uma criança cercada de cacos de vidro, com vontade de tocar, mas consciente de que não pode.

Quase pego um terceiro pacote de ração, já que Cal não come desde que o coronel o trancafiou, mas me detenho quando lanço um olhar na direção da traseira do jato. Cal está de pé, sozinho, fuçando um painel aberto, fazendo de conta que está consertando algo que, na verdade, não está quebrado. Rápido, ele sobe o zíper de um dos uniformes estocados no avião. As roupas esfarrapadas da arena e da execução estão largadas aos seus pés. Agora ele parece ser quem realmente é: um príncipe do fogo, um guerreiro de nascença. Se não fossem as paredes curvas do Abutre, acreditaria estar de volta ao palácio, dançando com ele, como mariposas ao redor de uma vela. Seu peito ostenta um brasão, um emblema preto e vermelho ladeado por um par de asas prateadas. Mesmo à distância, reconheço os pontos escuros, torcidos à semelhança de chamas. A coroa flamejante. Pertenceu ao seu pai, seu avô, e era seu direito de berço. Mas ela lhe foi tomada da pior maneira, com o sangue do pai e a alma do irmão. Por mais que eu odiasse o rei, o trono e tudo o que significavam, não consigo não sentir pena de Cal. Ele perdeu tudo — uma vida inteira, ainda que uma vida errada.

Cal percebe meu olhar, ergue os olhos e fica imóvel por uns instantes. Em seguida, sua mão sobe até o brasão e traça o contorno do seu reino roubado. Com um puxão que me faz tremer, ele o arranca da blusa e o joga de lado. Atrás de sua fachada calma, seus olhos cintilam de ódio. Embora tente esconder, seu ódio sempre borbulha até a superfície, lampejando sob as fissuras da máscara bem ajustada. Deixo-o lá mexendo no painel, consciente de que o mecanismo interno

do jato o tranquiliza mais que qualquer palavra que eu possa dizer.

Shade se ajeita, abrindo espaço para eu sentar ao lado dele, e desabo sobre o assento sem muita elegância. O silêncio pesa sobre nós como uma nuvem à medida que passamos o cantil um para o outro neste estranho jantar de família, neste Abutre roubado duas vezes.

— Fizemos a coisa certa, não é? — cochicho, na esperança de obter uma espécie de absolvição. Embora Shade seja apenas um ano mais velho que eu, sempre confiei em seus conselhos.

Para o meu alívio, ele faz que sim.

— Era só uma questão de tempo até o coronel me jogar na cela com você. Ele não sabe lidar com gente como nós. Nós o assustamos.

— Ele não é o único — comento, desanimada, me lembrando dos olhares desviados e dos cochichos.

Mesmo no Palacete do Sol, onde vivi rodeada por poderes incríveis, continuava a ser diferente. Em Tuck, eu era a garota elétrica. Respeitada, reconhecida e temida. — Pelo menos os outros são normais.

— A mamãe e o papai?

Confirmo com a cabeça, estremecendo com a menção a eles.

— E Gisa também, e os garotos. São vermelhos de verdade, então ele não pode… não vai fazer nada contra eles, né? — digo.

Pensativo, Shade morde a ração, uma barra de cereais prensados insossa e seca que o deixa coberto de migalhas.

— Se tivessem nos ajudado, a história seria diferente.

Mas como não sabiam nada da nossa fuga, eu não me preocuparia. O jeito como partimos… — Ele perde um pouco o fôlego, como eu. — Foi o melhor para eles. O papai acabaria nos ajudando, a mamãe também. Pelo menos Bree e Tramy são leais à causa o suficiente para escaparem de qualquer suspeita. Sem falar que nenhum dos dois é tão brilhante assim para fazer uma coisa dessas. — Depois de uma pausa para pensar, meu irmão conclui: — Duvido que mesmo os soldados de Lakeland sejam capazes de jogar uma idosa, um aleijado e a pequena Gisa numa cela.

— Ótimo — emendo, um pouco aliviada. Limpo as migalhas na camisa dele com a mão.

— Não gosto que você os chame de normais — ele retoma, segurando meu punho. Sua voz baixa de repente. — Não há nada de errado com a gente. Somos diferentes, mas não errados. E, com certeza, não somos melhores.

Somos tudo, menos normais, tenho vontade de dizer, mas as palavras duras de

Shade me fazem desistir.

— Você tem razão, Shade — digo, assentindo, torcendo para que ele não perceba minha frágil mentira.

— Como sempre.

Ele ri e termina o jantar com uma mordida enorme.

— Você não quer escrever isso para registrar? — brinca, soltando o meu braço. Seu sorriso é tão familiar que até dói. Dou um sorriso falso para contentá-lo, mas os passos pesados de Cal logo desmancham minha expressão.

Ele cruza conosco com passadas largas, pula a perna esticada de Shade, olhando fixamente para a cabine.

— Vamos entrar na faixa do sensor logo — ele diz, sem se dirigir a ninguém em particular, mas o aviso nos faz entrar em ação.

Kilorn deixa a cabine aos tropeços, como um garotinho afugentado. Cal o ignora por completo. O foco dele é o jato, nada mais. Ao menos por enquanto, a aversão entre os dois fica em segundo plano.

— Eu poria o cinto — Cal acrescenta, olhando por cima do ombro e encontrando meus olhos enquanto se acomoda no assento do piloto. Ele aperta o cinto com uma precisão maquinal e o ajusta com puxões rápidos e decididos. Ao seu lado, Farley faz a mesma coisa, assumindo temporariamente o meu assento sem dizer uma palavra. Não que eu me importe. Foi aterrorizante assistir à decolagem… Só posso imaginar como o pouso será assustador também.

Shade é orgulhoso, mas não é burro, e deixa que eu o ajude a se levantar. Kilorn o apoia pelo outro lado e, juntos, o deixamos de pé. Feito isso, Shade se vira com facilidade e afivela o cinto com a muleta sob o braço.

Ocupo o assento ao lado dele, e Kilorn se acomoda no que vem depois do meu. Dessa vez, meu amigo prende o cinto firme e se agarra às barras de segurança, prevendo o pior.

Me concentro no cinto, com uma estranha sensação de segurança ao senti-lo firme contra o corpo. Você acaba de se amarrar a um pedaço de metal voador. É verdade, mas, nos próximos minutos, a vida e a morte dependem apenas do piloto. Sou apenas uma passageira neste voo.

Na cabine, Cal se ocupa com dezenas de chaves e alavancas, preparando o jato para o que vem depois, seja lá o que for. Ele estreita os olhos, desviando o rosto dos raios de luz intensa do poente. O sol faz com que os contornos do príncipe pareçam chamas, envolvendo-o em luz vermelha e laranja que bem poderiam vir de seu próprio fogo. Penso em Naercey, no Ossário, nos treinos, quando Cal deixava de ser um nobre e se tornava um incêndio. Naquele tempo, eu ficava

chocada, surpresa a cada vez que ele revelava seu lado brutal.

Agora, não mais. Jamais serei capaz de esquecer o fogo que queima sob sua pele, o ódio que o alimenta, e como ambos são potentes.

Todo mundo pode trair todo mundo, e Cal não é exceção.

Um toque na minha orelha me faz pular na cadeira e me projetar contra as barras de segurança. Viro para o lado e deparo com Kilorn com a mão estendida e um sorriso surpreso no rosto.

— Você ainda tem — ele diz, apontando para a minha cabeça.

Sim, Kilorn, ainda tenho orelha, quero responder, irritada. Mas então me dou conta do que ele está falando.

Dos meus quatro brincos de pedrinhas — rosa, vermelha, violeta e verde. Os três primeiros foram dados pelos meus irmãos, os pares divididos entre mim e Gisa.

São presentes agridoces, entregues quando eles foram recrutados pelo exército e deixaram a família. O último foi dado por Kilorn, à beira do apocalipse, antes da Guarda Escarlate atacar Archeon, antes da traição que ainda assombra todos nós.

Os brincos me acompanharam em tudo, desde o recrutamento de Bree até a manobra de Maven, e cada pedra carrega o peso das lembranças.

O olhar de Kilorn se detém sobre o brinco verde, que combina com os olhos dele. Vê-lo o deixa mais calmo, apara as arestas acumuladas ao longo dos últimos meses.

— Claro — respondo. — Eles vão comigo até o túmulo.

— Vamos falar o mínimo possível sobre túmulos, especialmente agora — Kilorn murmura, encarando as barras de segurança mais uma vez.

Desse ângulo, consigo ver seu rosto machucado mais de perto. Um olho roxo por causa do coronel, uma bochecha roxa por minha causa.

— Sinto muito por isso — digo, pedindo desculpas tanto pelas palavras quanto pelo machucado.

— Você já fez coisa pior comigo — Kilorn ri. Ele não está mentindo.

O chiado duro e rouco do rádio destrói o momento de paz. Olho na direção de Cal, que se inclina para a frente, uma mão no manche, outra no bocal do rádio.

— Controle do Forte Patriota, aqui é AB18-72. Origem Delphie, destino Forte Lencasser.

A voz calma e monótona ecoa pelo jato. Nada soa estranho ou minimamente interessante. Esperamos que o Forte Patriota concorde. Cal repete o sinal mais duas vezes, chegando até a parecer entediado ao finalizar. Mas seu corpo mostra

que está uma pilha de nervos, e ele mastiga o próprio lábio enquanto espera a resposta.

Os segundos parecem horas enquanto permanecemos à escuta, sem ouvir nada além do chiado do rádio. Do meu lado, Kilorn aperta o cinto de novo, se preparando para o pior. Em silêncio, faço o mesmo.

Quando o rádio estala num prenúncio de resposta, minhas unhas cravam na beirada do assento. Posso ter fé na pilotagem de Cal, mas isso não quer dizer que quero vê-la testada numa corrida contra uma esquadrilha de ataque.

— Recebido AB18-72 — uma voz severa e imponente responde por fim. — Próximo sinal no Controle de Cancorda. Recebido?

Cal solta a respiração devagar, sem conseguir evitar um sorriso.

— Recebido, Patriota.

Mas, antes que eu possa relaxar, o rádio volta a chiar, o que deixa Cal com o queixo tenso. Suas mãos deslizam até o centro do painel e seus dedos colam no manche, decididos. Essa única ação basta para assustar todos nós, até Farley. No assento ao lado, ela observa Cal com olhos arregalados e a boca aberta, como se pudesse sentir o sabor das próximas palavras. Shade faz o mesmo, encarando o rádio no painel, segurando a muleta bem perto.

— Tempestades em Lencasser, cuidado ao se aproximar — a voz diz, depois de um momento tenso e demorado.

Ela soa entediada, burocrática, completamente desinteressada. — Recebido?

Desta vez, Cal baixa a cabeça, os olhos semicerrados de alívio. Mal consigo evitar fazer o mesmo.

— Recebido — ele repete no rádio.

O chiado estático cessa com um clique satisfatório. É isso. Estamos acima de qualquer suspeita.

Ninguém fala até que Cal nos olha por cima do ombro, abrindo um sorriso de orelha a orelha.

— Nem suamos — diz, antes de secar com cuidado a fina camada brilhante na testa.

Não consigo deixar de gargalhar com a cena: um príncipe de fogo suando. Cal parece não se importar. Na verdade, sorri ainda mais antes de reassumir os controles. Até Farley se dá ao luxo de esboçar um sorriso, e Kilorn balança a cabeça enquanto desenlaça os dedos dos meus.

— Parabéns, alteza — Shade diz, e embora Kilorn use o título como uma ofensa, a palavra soa absolutamente respeitosa nos lábios do meu irmão.

Suponho que seja por isso que Cal sorri e balança a cabeça.

— Meu nome é Cal. E só.

Kilorn limpa a garganta, desdenhando, num volume que só eu posso escutar. E a minha reação é enfiar o cotovelo nas costelas dele.

— Por acaso ser um pouco mais educado vai matar você?

Ele se afasta de mim para evitar outro hematoma.

— Não quero arriscar — responde, sussurrando. E depois fala em voz alta para Cal: — Presumo que não vamos avisar nada para Cancorda, alteza?

Desta vez, meto o calcanhar no pé dele, arrancando um gemido satisfatório.

Vinte minutos depois, o sol já se pôs, e passamos Harbor Bay e as favelas de Cidade Nova, baixando de altitude a cada segundo. Farley mal consegue permanecer sentada, espichando o pescoço para ver o máximo que pode. Só há árvores sob nós, fechando-se para formar as florestas que ocupam a maior parte de Norta. A região é quase igual a Palafitas, como se minha terra natal estivesse logo atrás da próxima colina. Mas Palafitas fica a oeste, a quase duzentos quilômetros. Os rios não são familiares, as estradas são estranhas, e não conheço nenhum dos vilarejos que se amontoam nas margens dos canais. O sanguenovo Nix Marsten mora por ali, e nem desconfia do perigo em que está metido.

Se é que ainda está vivo.

Deveria me preocupar com alguma armadilha, mas não. Não posso. Os sanguenovos me fazem seguir adiante. Não apenas pela causa, mas por mim, para provar que não sou a única com a mutação, que não é só meu irmão que está ao meu lado.

Minha confiança em Maven foi um equívoco, mas não errei com Julian Jacos. Conheço-o melhor que a maioria das pessoas, e Cal também. Como eu, ele sabe que a lista é real, e se os outros discordam, escondem muito bem. Acho que é porque também querem acreditar. A lista dá a esperança de uma arma, uma oportunidade, um meio de conseguir lutar. A lista é uma âncora para todos nós, dando a cada um alguma coisa a que se apegar.

Quando o jato vira na direção da floresta, me concentro no mapa que tenho na mão, para me distrair.

Ainda assim, sinto meu estômago gelar.

— Não acredito — Cal balbucia, olhando além da janela, encarando o que suponho serem as ruínas que se tornaram pista de pouso. Ele muda a posição de uma chave e o assoalho vibra sob meus pés, em sincronia com um zumbido marcante que ecoa pela fuselagem do jato. — Preparem-se para a aterrissagem.

— E o que isso quer dizer exatamente? — pergunto por entre os dentes enquanto olho pela janela e vejo não o céu, mas copas de árvores.

Antes de Cal conseguir responder, o jato inteiro estremece ao atingir uma coisa sólida. Quicamos nos assentos, enganchando os dedos nos cintos à medida que o empuxo nos faz balançar. A muleta de Shade sai voando e acerta o encosto do assento de Farley. Ela nem parece notar, agarrando os braços da poltrona com tanta força que os ossos da mão parecem prestes a saltar.

Seus olhos, grandes e arregalados, sequer piscam.

— Pousamos — ela avisa, num suspiro que mal se pode ouvir com o ronco ensurdecedor dos motores.

A noite cai silenciosa sobre as supostas ruínas.

Apenas o canto distante de um pássaro e o gemido baixo do jato quebram a tranquilidade. Os motores giram cada vez mais devagar, até finalmente desligarem. O tom chocante de azul da eletricidade sob as asas desvanece aos poucos, até a luz vir apenas de dentro do jato e das estrelas no céu.

Esperamos calados, na esperança de que o nosso pouso tenha passado despercebido.

O outono está no ar, marcado pelo aroma de folhas mortas e pela umidade de temporais distantes. Respiro fundo ao chegar no fim da rampa. O silêncio é pontuado somente pelo ronco distante de Kilorn, que tira um cochilo merecido. Farley já sumiu com uma arma na mão para averiguar o resto da pista oculta. Levou Shade consigo para o caso de haver algum problema. Pela primeira vez em semanas, talvez meses, não estou sendo escoltada ou vigiada de perto. Pertenço a mim mesma novamente.

Claro, isso não dura muito.

Cal desce a rampa, apressado, com um rifle sobre o ombro, uma pistola na cintura e um embrulho pendendo da mão. O cabelo preto e o macacão escuro passam a impressão de que ele é feito de sombras, o que certamente o príncipe quer usar a seu favor.

— O que você está fazendo? — pergunto, agarrando seu braço com destreza. Ele seria capaz de se desvencilhar num segundo, mas não o faz.

— Não se preocupe, não peguei muita coisa — ele diz, mostrando o pacote. — Posso roubar a maioria das coisas que preciso, afinal.

— Você? Roubar? — desdenho, pensando num príncipe, e num bruto acima de tudo, fazendo algo do tipo. — Na melhor das hipóteses, vai perder os dedos.

Na pior, a cabeça.

Ele dá de ombros, tentando não parecer preocupado.

— E isso importa para você?

— Claro — respondo baixinho. Faço o possível para esconder a dor na voz. —

Precisamos de você aqui, você sabe disso.

Ele repuxa o canto da boca, mas não para sorrir.

— E isso importa para mim?

Sinto vontade de enfiar um pouco de juízo na cabeça dele com murros, mas Cal não é Kilorn. Ele receberia o soco com um sorriso e continuaria a caminhar. É preciso argumentar com o príncipe, convencê-lo.

Manipulá-lo.

— Você mesmo disse que cada sanguenovo que salvarmos será um golpe contra Maven. Ainda é verdade, não é?

Ele não concorda, mas também não discute. Pelo menos me ouve.

— Você sabe do que sou capaz e do que Shade é capaz. E Nix pode ser até mais forte, melhor que nós dois. Certo?

Mais silêncio.

— Sei que você quer vê-lo morto.

Apesar da escuridão, uma luz estranha cintila nos olhos de Cal.

— Também quero — digo. — Quero sentir minhas mãos em volta da garganta dele. Quero vê-lo sangrar pelo que fez, por cada pessoa que matou.

A sensação de dizer essas coisas em voz alta é boa, de confessar o que mais me assusta à única pessoa capaz de compreender. Quero feri-lo da pior maneira possível. Quero fazer os ossos dele cantarem com meus raios, até ele ser incapaz de gritar. Quero destruir o monstro que Maven é agora.

Mas quando penso em matá-lo, parte de mim lembra do garoto que acreditei que ele fosse. Não paro de dizer a mim mesma que aquilo não era real. O Maven que conheci e de quem gostei era uma fantasia feita sob medida para mim. Elara moldou o filho para transformá-lo numa pessoa que eu amasse, e fez um excelente trabalho. Em certo sentido, essa pessoa que jamais existiu me assombra, e é pior que os outros fantasmas que me perseguem.

— Ele está além do nosso alcance — digo, tanto para o bem de Cal como para o meu. — Se formos atrás dele agora, ele vai enterrar nós dois. Você sabe disso.

Cal já foi general e ainda é um grande guerreiro. Ele entende de batalhas. E, apesar do ódio, apesar de cada fibra do seu corpo clamar por vingança, sabe que é incapaz de vencer essa batalha. Por enquanto.

— Não faço parte da sua revolução — ele balbucia, a voz quase se perdendo na noite. — Não sou da Guarda Escarlate. Não sou parte disto.

Quase espero que ele bata o pé de irritação.

— Então o que você é, Cal?

Ele abre a boca e espero a resposta, mas nada sai.

Compreendo a confusão dele, ainda que não goste.

Cal foi criado para ser tudo contra o que luto. Ele não sabe ser outra coisa, mesmo agora, ao lado de vermelhos, caçado pelos seus iguais, traído pelo próprio sangue.

Depois de um momento longo e terrível, ele dá meia-volta e caminha para o jato. Joga o embrulho no chão, as armas e a determinação. Suspiro baixo, aliviada pela decisão dele. Cal vai ficar.

Mas não sei por quanto tempo

ONZE



DE ACORDO COM O MAPA, Coraunt fica seis quilômetros ao norte, situada na intersecção do rio Regente com a extensa estrada do Porto. Aparentemente não passa de um entreposto comercial, um dos últimos vilarejos antes de a estrada do Porto adentrar o interior do país, contornando os pântanos intransponíveis rumo à fronteira norte. Dentre as quatro grandes vias de Norta, a estrada do Porto é a mais movimentada, pois liga Delphie, Archeon e Harbor Bay. Isso a torna a mais perigosa, mesmo que estejamos tão ao norte. Um número desconhecido de prateados — militares ou não

— pode estar viajando. E ainda que não estejam ativamente à nossa procura, não há nenhum prateado no reino que não reconheça Cal. A maioria tentaria prendê-lo; alguns com certeza tentariam matá-lo na hora.

E conseguiriam, digo a mim mesma. Essa verdade deveria me assustar, mas, pelo contrário, me sinto revigorada. Maven, Elara, Evangeline e Ptolemus Samos: apesar do poder e da influência, são todos vulneráveis.

Podem ser derrotados. Só precisamos das armas certas.

Pensar nisso me faz ignorar a dor dos últimos dias com mais facilidade. Meu ombro não dói tanto, e o silêncio da floresta me faz perceber que o zumbido na minha cabeça está diminuindo. Mais uns dias e não vou lembrar mais do grito do banshee. Até mesmo a minha mão, inchada por acertar a cara de Kilorn hoje, quase não dói.

Shade salta entre as árvores; seu contorno vem e vai, como a luz das estrelas atrás das nuvens. Ele se mantém próximo, sem nunca sair do nosso campo de visão. De vez em quando, sussurra indicando uma curva na trilha ou uma vala, quase sempre para ajudar Cal. Enquanto Kilorn, Shade e eu fomos criados no meio de bosques, ele cresceu em palácios e acampamentos militares.

Nenhum desses lugares o preparou para cruzar uma floresta à noite — prova disso são os barulhos de galhos se quebrando e os tropeções ocasionais. Cal está acostumado a abrir caminho com fogo, a avançar sobre os obstáculos com base

apenas na força.

Kilorn abre um sorriso reluzente a cada tropeço do príncipe.

— Cuidado aí — ele diz, puxando Cal para longe de uma rocha escondida nas sombras. Cal afasta a mão do pescador com facilidade, mas é só o que faz, ainda bem.

Até chegarmos no riacho.

Os galhos das árvores formam arcos sobre as margens, e as folhas roçam umas nas outras por cima da água. A luz das estrelas cintila, iluminando o riacho que serpenteia pela floresta para se unir ao Regente. É estreito e não dá para adivinhar a profundidade. Pelo menos a corrente parece suave.

É provável que Kilorn se sinta mais confortável na água do que na terra. Ele pula, ágil, na parte rasa. Joga uma única pedra no meio do riacho e fica à escuta do ploft.

— Dois metros, talvez um pouco mais — diz, depois de um momento. É o suficiente para cobrir minha cabeça. — Quer que a gente construa uma balsa para você? — ele acrescenta com um sorriso malicioso para mim.

Nadei no Capital — um rio de verdade, três vezes mais fundo e dez vezes mais largo — pela primeira vez aos catorze anos. Para mim, mergulhar no meio do riacho e afundar a cabeça na água escura e fria não é nada. A proximidade do mar traz um vago gosto de sal.

Kilorn faz o mesmo, sem hesitar; suas braçadas bem treinadas o levam para a outra margem em segundos.

Fico surpresa por ele não se exibir um pouco mais, dando piruetas ou prendendo a respiração por vários minutos. Quando chego do outro lado, percebo o motivo.

Shade e Farley estão na margem oposta com os olhos na água adiante. Se contorcem na tentativa de conter as risadas enquanto observam o príncipe na parte rasa. O riacho está na altura dos tornozelos de Cal, passando gentilmente, como uma carícia materna. Mas ele logo cruza os braços, tentando esconder as mãos trêmulas.

— Cal? — chamo em voz alta, com cuidado para não gritar. — Tudo bem?

Já encostado num tronco de árvore, Kilorn torce o nariz na escuridão. Baixa o zíper do casaco e dá um jeito no tecido ensopado com prática e eficiência.

— Vamos lá, Calore! Você sabe pilotar um jato mas não sabe nadar? — o pescador diz.

— Eu sei nadar — Cal replica, irritado. Ele se obriga a dar mais um passo no riacho, que agora bate nos joelhos. — Só não gosto.

Claro que não gosta. Cal é um ardente, controlador de chamas, e nada o enfraquece mais do que a água. Ela o deixa indefeso, impotente… tudo o que lhe ensinaram a odiar, temer e combater. Lembro como ele quase morreu na arena. Encurralado por Lord Osanos, cercado por um globo flutuante de água que nem mesmo ele conseguia evaporar. Deve ter se sentido num caixão, num túmulo líquido.

Pergunto a mim mesma se ele também pensa nisso, se a lembrança faz o riacho tranquilo parecer mais com um oceano revolto e infinito.

Meu primeiro instinto é nadar de volta e o ajudar na travessia. Só que isso causaria uma crise de riso tão grande em Kilorn que nem Cal seria capaz de suportar, e uma briga no meio da floresta é a última coisa de que precisamos.

— Inspire pelo nariz, Cal — digo.

Quando ele levanta a cabeça e nossos olhares se cruzam sobre o riacho, aceno minimamente a cabeça para lhe dar apoio. Expire pela boca. Só estou devolvendo o conselho que ele mesmo me deu. Ele fica mais calmo.

Ele dá mais um passo à frente, então outro e mais outro, o peito arfando a cada respiração profunda. Então ele está nadando, batendo pernas e braços pelo riacho como um cão gigante. Kilorn chacoalha numa gargalhada silenciosa, tapando a boca. Atiro umas pedras na direção dele, o que faz ele se calar por tempo suficiente para que Cal chegue à parte rasa e saia rápido da água. Um pouco de vapor se desprende de sua pele, causado pelo calor da vergonha.

— Fr… fria — balbucia, sacudindo a cabeça para não ter que nos encarar. Seu cabelo preto está grudado em sua bochecha prateada. Sem pensar, ajeito as mechas com a mão para lhe dar um penteado mais digno. Ele me olha, dando a entender que minha ação foi uma surpresa agradável.

Então é a minha vez de corar. Combinamos que não haveria distrações.

— Não me digam que vocês também têm medo de água? — Kilorn grita da margem num tom grosseiro.

Farley responde com uma risada e agarra o pulso do meu irmão. Uma fração de segundo depois, os dois aparecem de pé ao nosso lado, secos e sorridentes.

Eles saltaram. Claro.

Shade limpa a garganta e torce minha trança molhada.

— Idiotas — ele diz, com um ar educado.

Se não fosse pela muleta, simplesmente o jogaria no riacho.

*Meu cabelo já está quase seco quando chegamos à elevação antes de Coraunt. As nuvens se fecham, cobrindo a lua e as estrelas, mas as luzes do vilarejo são suficientes. Daquele ponto privilegiado, Coraunt parece Palafitas, construída na

boca do rio Regente, no meio de uma encruzilhada. Uma das estradas — que se eleva sutilmente sobre o pântano com seu asfalto impecável — é obviamente a estrada do Porto. A outra cruza de leste a oeste e vira uma pista de terra batida logo depois do vilarejo. Uma torre de vigia aponta para o céu; o facho de luz do topo gira para todos os lados. Sinto arrepios quando passa sobre nós.

— Acha que ele está lá? — Kilorn murmura, se referindo a Nix. Ele observa a quantidade de casas lá embaixo, amontoadas sob a sombra da torre de vigia.

— Nix Marsten. Vivo. Sexo masculino. Nascido em 20 de dezembro de 271 em Coraunt, Costa do Mangue, Estado do Regente, Norta. Residência atual: mesma do nascimento — repito as informações que já decorei, visualizando as palavras na cabeça. — Isso é tudo o que a lista dizia.

Deixo de mencionar a última parte, a que queima como um sinete. "Tipo sanguíneo: não se aplica.

Mutação genética, matriz desconhecida." As palavras seguem cada nome da lista, inclusive o meu. É o marcador que Julian disse ter usado para encontrar essas pessoas, comparando meu sangue com o delas. Agora cabe a mim usar essa informação — torcendo para não ser tarde demais.

Forço a vista na escuridão, tentando enxergar noite adentro. Felizmente, o Regente parece um rio calmo, escuro e silencioso, e as estradas estão vazias. Até o mar parece imóvel como vidro. O toque de recolher está em pleno vigor, conforme ordenado pelas malditas Medidas.

— Não vejo nenhuma embarcação da Marinha. E nenhum tráfego na estrada do Porto — comento.

Cal assente, e meu coração dilata. Com certeza os caçadores de Maven não viajariam sem uma escolta de soldados, o que os tornaria fácil de localizar. Isso deixa duas possibilidades: ainda não chegaram até Nix ou já foram embora faz tempo.

— Não vai ser difícil, mesmo com o toque de recolher — Farley diz. Os olhos dela brilham sobre o vilarejo, examinando cada teto e esquina. Tenho a impressão de que já fez isso antes. — Cidade preguiçosa, polícia preguiçosa. Aposto dez tetrarcas que nem se dão ao trabalho de proteger os registros da cidade.

— Aposta aceita — Shade responde, dando-lhe um cutucão no ombro.

— Nos encontramos lá — Cal diz, apontando para um bosque a quase um quilômetro de distância. É difícil de enxergar no escuro, cercado pelo pântano e pelo mato alto. É o esconderijo perfeito, mas balanço a cabeça.

— Não vamos nos separar.

— Você prefere entrar no vilarejo em grupo, com nós dois liderando o ataque?

Que tal eu simplesmente explodir o posto de segurança enquanto você frita qualquer agente que cruzar nosso caminho? — Cal replica. Faz o máximo para manter a calma, mas soa cada vez mais como um professor impaciente. Igual ao seu tio Julian.

— Claro que não…

— Nenhum de nós dois pode sequer botar os pés naquele vilarejo, Mare. A não ser que você pretenda matar todas as pessoas que virem nossos rostos. Todas as pessoas.

Os olhos dele penetram os meus, querendo que eu compreenda. Todas as pessoas, não apenas agentes de segurança, soldados, ou mesmo civis prateados. Todos.

Qualquer cochicho a nosso respeito, qualquer rumor, e Maven virá correndo. Com sentinelas, soldados, legiões, tudo e todos sob seu poder. Nossa única defesa é ficarmos escondidos e estarmos um passo à frente. E não podemos fazer nenhuma das duas coisas se deixarmos rastros.

— Tudo bem — concordo, com um tom de voz tão frágil quanto me sinto. — Mas Kilorn fica com a gente.

O olhar de Kilorn oscila entre mim e Cal.

— Vai ser bem mais rápido se você parar de bancar minha babá, Mare.

Babá. Acho que estou sendo isso mesmo, embora agora ele seja capaz de pensar, lutar e cuidar de si mesmo. Se ao menos ele não fosse tão tolo, tão obstinado em recusar minha proteção…

— Maven sabe o seu nome — digo a ele. — Seríamos burros de pensar que a foto da sua identificação não foi enviada a todos os oficiais e postos de segurança do país.

Ele fecha a cara.

— E Farley?

— Sou de Lakeland, garoto — Farley responde no meu lugar. Pelo menos estamos juntas nessa.

— Garoto? — Kilorn diz, irritado. — Você tem quase a minha idade!

— Ela é quatro anos mais velha, para sermos precisos — Shade intervém.

Farley apenas encara os dois, entediada.

— Seu rei não tem controle sobre os meus registros, e não sabe meu nome verdadeiro.

— E só vou porque todos me consideram morto — Shade fala, apoiado na muleta. Ele apoia a mão no ombro de Kilorn para acalmá-lo, mas é repelido.

— Ótimo — o pescador resmunga baixo. Sem nem olhar para trás, ele parte

em direção ao bosque, rápido e silencioso como um camundongo.

Cal fixa os olhos nele, e o canto da sua boca se contorce de desgosto.

— Alguma chance de largarmos ele por aí?

— Não seja cruel, Cal — respondo, afiada, indo atrás de Kilorn. Faço questão de esbarrar no príncipe ao passar, trombando com meu ombro bom. Não para machucar, mas para comunicar: "Deixe-o em paz".

Cal me segue de perto, baixando a voz a um cochicho. Os dedos quentes roçam meu braço para me tranquilizar.

— Era brincadeira.

Mas sei que não é verdade. Não é nem um pouco verdade. E o pior de tudo é que me pergunto se ele não tem razão. Kilorn não é soldado, sábio ou cientista. É capaz de tecer uma rede mais rápido do que qualquer um que conheço, mas para que serve isso quando estamos caçando pessoas, não peixes? Não sei que tipo de treinamento ele recebeu na Guarda, mas deve ter durado pouco mais de um mês. Ele sobreviveu ao Palacete do Sol graças a mim, e passou pelo massacre na Praça de César graças à sorte. Sem nenhuma habilidade, com pouco treinamento e ainda menos noção, como pode fazer alguma coisa além de nos atrasar?

Eu o salvei do recrutamento, mas não para isso, não para outra guerra. Parte de mim quer mandá-lo para casa, de volta a Palafitas, para o nosso rio, para a vida que ele conhecia. Ele viveria pobre, desprezado, indesejado, mas viveria. Esse futuro, oculto entre a floresta e o rio, não é mais possível para mim. Mas pode ser possível para ele. É o que desejo para ele.

É loucura deixar Kilorn aqui?

Mas como posso abandoná-lo?

Não tenho resposta para nenhuma das perguntas, então afasto os pensamentos. Eles podem esperar.

Quando olho para trás para me despedir de Shade e Farley, percebo que já foram embora. Um calafrio percorre minhas costas quando imagino uma tocaia em Coraunt. Tiros de metralhadora ecoam na minha cabeça, ainda bem presentes na memória. Não. Com o poder de Shade e a experiência de Farley, nada vai detê-los esta noite. E sem mim, sem a garota elétrica, ninguém vai precisar morrer.

Kilorn é uma sombra entre o mato alto, esquivando-se dos tufos verdes com mãos hábeis. Mal deixa rastros.

Não que isso importe. Com Cal me seguindo a passos largos e esmagando tudo com seu físico corpulento, não adianta nada mascarar a nossa presença. Se tudo der certo, vamos embora bem antes do amanhecer com a companhia de Nix. Se

tivermos sorte, ninguém vai dar pela falta de um vermelho, o que nos permitirá ficar à frente de Maven quando ele descobrir o que estamos fazendo.

E o que é que estamos fazendo mesmo? A voz na minha cabeça soa estranha, uma mistura de Julian, Kilorn, Cal e um pouco de Gisa. Ela espeta a minha consciência, cutucando algo que temo demais para admitir. A lista é só o primeiro passo. Localizar os sanguenovos. Depois, o que faremos com eles? O que eu faço?

A frustração me faz andar mais rápido até ultrapassar Kilorn. Mal noto quando ele diminui o ritmo para me deixar passar, ciente de que quero ficar sozinha na frente. O bosque se aproxima a cada segundo, envolto em trevas. Queria mesmo estar sozinha. Não tive um instante de sossego desde que acordei no mersivo. Mas até isso foi fugaz, e o meu silêncio se desfez por causa de Kilorn. Fiquei feliz de vê-lo naquele momento, mas agora gostaria que aquele tempo tivesse sido só meu para poder ensaiar, planejar, lamentar. Para me dar conta do que a minha vida se tornou.

— Vamos dar uma escolha a ele — digo em voz alta, sabendo que nem Cal nem Kilorn se permitiriam ficar tão longe a ponto de não poderem ouvir. — Ele vem conosco ou fica aqui.

Cal encosta numa árvore próxima e relaxa o corpo, mas seus olhos continuam fixos no horizonte. Nada lhe escapa.

— E vamos contar a ele as consequências dessa escolha?

— Se você quiser matar o cara, vai ter que passar por cima de mim — respondo. — Não vou acabar com a vida de um sanguenovo por ele se recusar a se juntar a nós. Além disso, se ele quiser contar a um policial que estive aqui, terá que explicar o motivo, e isso equivale a uma sentença de morte para o sr. Marsten.

O príncipe entorta a boca; luta contra o ímpeto de grunhir. Mas discutir comigo não vai levar a lugar nenhum, não agora. É óbvio que não está acostumado a seguir ordens.

— Contamos a ele sobre Maven? — ele diz afinal. — Contamos que ele vai morrer se ficar? Que outros vão morrer se Maven localizar você?

Baixo a cabeça em confirmação.

— Contamos tudo o que pudermos e o deixamos decidir quem e o que ele quer ser. Quanto a Maven… — Procuro a coisa certa a dizer, mas as palavras ficam mais escassas enquanto o tempo passa. — Vamos nos manter à frente dele. Acho que isso é tudo o que podemos fazer.

— Por quê? — Kilorn intervém. — Por que dar uma escolha a ele? Você

mesma disse que precisamos de todos que conseguirmos. Se esse tal de Nix for metade do que você é, não podemos nos dar ao luxo de deixá-lo ficar.

A resposta é tão simples que toma conta de mim.

— Porque ninguém nunca me deu uma escolha.

Digo a mim mesma que trilharia esse caminho mesmo se soubesse das consequências — salvar Kilorn do recrutamento, descobrir meu poder, me juntar à Guarda, destruir vidas, lutar, matar. Me tornar a garota elétrica.

Mas não sei se é verdade. Sinceramente não sei.

*Talvez uma hora tenha se passado com um silêncio tenso e pesado. Para mim é ótimo, já que me dá tempo para pensar, e Cal também se deleita com a tranquilidade.

Depois dos últimos dias, ele está tão ávido por descanso quanto eu. Nem mesmo Kilorn ousa fazer piadas. Em vez disso, senta sobre uma raiz retorcida e tece uma rede quebradiça e inútil com feixes de mato. Um sorriso discreto aparece em seu rosto; está entretido com seus velhos e conhecidos nós.

Penso em Nix, que provavelmente será arrancado da calma, talvez amordaçado, com certeza apanhado na rede que eu mesma teci. Será que Farley ameaçaria a vida dele, dos filhos dele, para forçá-lo a vir? Ou será que Shade simplesmente o agarraria pelo punho e saltaria, sugando os dois no enjoo do teletransporte até aterrissarem no bosque? Nascido em 20 de dezembro de 271. Nix tem quase quarenta e nove anos, a idade do meu pai. Será que é como ele, ferido e acabado? Ou está inteiro, à espera de o destruirmos?

Antes de eu cair em uma espiral de perguntas sombrias e malditas, o mato se agita. Alguém está se aproximando.

O som deixa Cal alerta, levantando da árvore com todos os músculos do corpo tensos, pronto para enfrentar o que sair do mato. Eu meio que espero ver fogo na ponta dos dedos dele, mas, depois de anos de treinamento militar, Cal sabe como agir. No escuro, suas chamas seriam como um farol e alertariam todos os policiais da nossa presença. Para a minha surpresa, Kilorn parece tão vigilante quanto o príncipe. Larga a rede de mato e a esmaga com o pé assim que levanta.

Chega até a puxar uma faca da bota, uma laminazinha larga e afiada que antes usava para limpar peixes. A cena me deixa à flor da pele. Não sei quando a faca se tornou uma arma ou quando ele começou a carregá-la no sapato. Provavelmente na época que as pessoas começaram a atirar nele.

Não estou desarmada. O latejar leve no meu sangue é tudo o que preciso; penetra mais que qualquer lâmina, é mais brutal que qualquer bala. As faíscas se acumulam sob a minha pele, prontas. Meu poder tem uma sutileza que o de Cal

não tem.

O assobio de um pássaro corta a noite, espalhando-se pelo mato. Kilorn responde da mesma forma, soprando uma melodia grave. Soa como as aves que fazem ninho nas palafitas do nosso vilarejo.

— Farley — ele sussurra, apontando para o mato.

Ela é a primeira a emergir das sombras, mas não a última. Duas figuras a seguem: uma é meu irmão, apoiado na muleta, e a outra é um homem atarracado, musculoso e com uma barriga redonda adquirida com a idade. Nix.

A mão de Cal se fecha ao redor do meu braço, exercendo uma leve pressão. Ele me puxa com cuidado, me fazendo recuar para as sombras mais profundas do bosque. Acompanho sem hesitar, sabendo que todo cuidado é pouco. No fundo, desejo um pedaço de tecido vermelho para cobrir meu rosto como fizemos em Naercey.

— Tiveram algum problema? — Kilorn pergunta, dando um passo na direção de Farley e Shade. Sua voz soa mais madura, mais controlada que de costume.

Mantém os olhos em Nix, acompanhando cada gesto dos dedos redondos e curtos do sanguenovo.

Farley dá de ombros, como se a pergunta fosse um incômodo.

— Foi simples. Mesmo com este aqui mancando — acrescenta, apontando para Shade, voltando-se para Nix em seguida. — Ele não quis brigar.

Apesar da escuridão, vejo as bochechas de Nix corarem.

— Bom, não sou burro, sou? — ele fala, de maneira grossa e direta. Um homem que não quer saber de segredos. Apesar de o seu sangue esconder o maior segredo de todos. — Vocês são da tal Guarda Escarlate.

Os policiais me pendurariam pelo pescoço por eu receber vocês em casa. Mesmo que eu não tenha convidado.

— Bom saber — Shade murmura baixo. O brilho nos seus olhos diminui um pouco quando ele me lança um olhar cortante. Só a nossa presença já é suficiente para condenar este homem. — Agora, sr. Marsten…

— Nix — ele diz. Algo reluz em seus olhos, que seguem os de Shade. Ele me descobre nas sombras e força a vista na tentativa de ver meu rosto. — Acho que vocês já sabiam disso.

Kilorn dá um pequeno passo para o lado a fim de me encobrir. O movimento parece inocente, mas Nix franze a testa quando entende o seu real significado. Ele se arrepia, ficando frente a frente com Kilorn. O pescador se destaca com a sua altura, mas Nix não demonstra nem um pouco de medo. Ergue um dedo avermelhado e aponta para o peito de Kilorn.

— Vocês me trouxeram até aqui depois do toque de recolher. Um crime. Agora me digam o motivo ou volto para casa e tento não morrer no caminho.

— Você é diferente, Nix. — Minha voz soa aguda demais, jovem demais. Como explicar? Como dizer a ele algo que gostaria que alguém tivesse me contado? Algo que nem eu mesma entendo direito? — Você sabe que tem alguma coisa estranha em você, uma coisa que você não é capaz de explicar. Pode até achar que tem algo…errado.

Minhas últimas palavras acertam o alvo como uma flecha. O homenzinho rude se agita. O ódio se derrete.

Ele sabe exatamente do que estou falando.

— Sim — diz.

Não me movo, mas faço um gesto pedindo para Kilorn sair da frente. Ele obedece e deixa Nix passar. Ao se aproximar e se juntar a mim nas sombras, meu coração acelera, latejando nos ouvidos como um tambor nervoso e sôfrego. O homem é um sanguenovo, como eu, como Shade. Mais um que compreende.

Nix Marsten não se parece em nada com meu pai, mas ambos têm os mesmos olhos. Não a mesma cor, não o mesmo formato, mas, ainda assim, são iguais. Os dois têm aquele olhar vazio, da perda que o tempo não pode curar. Para o meu horror, a dor de Nix vai ainda mais fundo que a do meu pai, um homem que mal consegue respirar, quanto mais andar. Enxergo isso nos seus ombros caídos, no seu cabelo grisalho malcuidado e nas roupas velhas. Se eu ainda fosse ladra, não me daria ao trabalho de roubar esse homem. Ele não tem mais nada.

Ele também me encara, correndo os olhos pelo meu rosto e meu corpo. Eles se alargam ao perceberem quem sou.

— A garota elétrica.

Mas, quando reconhece Cal ao meu lado, seu choque logo dá lugar à fúria.

Para um homem de quase cinquenta anos, Nix é surpreendentemente rápido. Nas sombras, mal vejo quando ele baixa o ombro e investe contra Cal, acertando-o na cintura. Embora tenha metade do tamanho do príncipe, ele o derruba feito um touro, prensando-o contra o tronco robusto de uma árvore, que estala alto com o golpe, sacudindo desde a raiz até os galhos. Meio segundo depois, percebo que é melhor intervir. Cal é Cal, mas não fazemos ideia de quem é Nix ou do que ele é capaz.

Antes de eu conseguir enroscar os braços no pescoço de Nix, o homem encaixa um murro tão potente no queixo de Cal que receio que o tenha quebrado.

— Não me obrigue a fazer isso, Nix — trovejo no ouvido dele. — Não me obrigue.

— Faça o seu pior — Nix rebate enquanto tenta se desvencilhar de mim. Mas seguro firme e aperto seu pescoço. A carne é dura como pedra. Muito bem.

Aplico energia suficiente para fazer Nix ceder. Os cabelos dele se arrepiam com o impulso. Minhas faíscas violetas saltam para a pele dele, e fico à espera de que caia para trás, talvez trema um pouco e depois recobre os sentidos. Mas ele parece não sentir nada da minha eletricidade. Só o incomoda um pouco, como uma mosca incomoda um cavalo. Outro choque, mais forte.

E, de novo, nada. Ele se aproveita da minha surpresa para me jogar para trás, e bato forte com as costas numa árvore.

Cal se sai melhor, desviando e se defendendo do máximo de socos que consegue. Mas ele geme de dor cada vez que a mão de Nix o toca, mesmo quando os golpes só o acertam de raspão. Por fim, a pulseira faísca e acende uma bola de fogo em suas mãos. As chamas quebram contra o ombro do sanguenovo como água na pedra. Queimam as roupas, mas deixam a carne intacta.

Pétreo, é a palavra que ecoa na minha mente. Só que esse homem não é isso. A pele dele ainda está corada e macia, e não cinza e dura. Ele é simplesmente impenetrável.

— Parem com isso! — grito no volume mínimo necessário para ser ouvida. Mas a briga, ou melhor, o massacre, continua. Sangue prateado jorra da boca de Cal, manchando os punhos de Nix, negros sob as sombras.

Kilorn e Farley correm à minha frente em passadas duras e sincronizadas. Não sei qual a utilidade deles contra esse rolo compressor humano, e ergo a mão para detê-los. Shade, porém, chega a Nix antes dos dois, saltando atrás dele. Agarra o homem pelo pescoço, como eu fiz, e eles logo somem. Aparecem a três metros de distância uma fração de segundo depois, e Nix cai no chão com o rosto vagamente verde. Tenta levantar, mas Shade põe a muleta contra o pescoço dele e o imobiliza.

— Se você se mexer, faço de novo — diz, com olhos vivos e ameaçadores.

Nix ergue a mão manchada de prata em rendição. A outra está na barriga, ainda dando voltas por causa da surpresa e da sensação de ser arrastado pelo nada.

Conheço isso bem demais.

— Chega — resfolega. Uma fina camada de suor brilha na testa dele, denunciando a exaustão que começa a bater. Impenetrável, mas não invencível.

Kilorn volta a se estirar sobre a raiz de árvore e junta o que sobrou da sua rede. Sorri consigo mesmo, quase rindo ao ver Cal surrado e sangrando.

— Gostei desse cara — diz. — Gostei muito.

Faço um esforço para levantar, ignorando as velhas dores que eclodem nos

meus ossos.

— O príncipe está com a gente, Nix. Está aqui para ajudar, assim como eu.

Ele não se convence. Ajoelha-se na terra e mostra os dentes amarelos. A respiração soa entrecortada e visceral.

— Ajudar? — ele provoca. — Esse prateado maldito ajudou minhas filhas a encontrar a cova mais cedo.

Cal faz o máximo para parecer educado, apesar do sangue escorrendo de seu queixo.

— Senh…

— Dara Marsten. Jenny Marsten — Nix vocifera em resposta. Seu olhar fulminante me atravessa como uma faca. — Legião Martelo. Batalha das Cataratas. Tinham dezenove anos.

Morreram na guerra. Uma tragédia, se não um crime.

Mas que culpa Cal tem?

A julgar pela expressão de pura vergonha no rosto, Cal concorda com Nix. Ao falar, sua voz sai grossa e engasgada de emoção.

— Nós vencemos — ele balbucia, incapaz de encarar Nix nos olhos. — Nós vencemos.

Nix cerra um dos punhos, mas resiste à vontade de atacar.

— Vocês venceram. Elas morreram afogadas no rio, e os corpos desceram pelas cataratas de Maiden. Os coveiros nem conseguiram achar os sapatos delas. O que foi mesmo que disseram na carta? — ele pressiona, e Cal treme. — Ah, sim… que as minhas garotas "morreram pela vitória", para "defender o rei". Tinha umas assinaturas caprichadas no pé da página. Do rei, do general da Martelo, e do gênio da estratégia que decidiu que uma legião inteira deveria marchar através do rio.

Todos se voltam para Cal, que queima sob nossos olhares. Ele fica branco, miserável, sangue prateado subindo às bochechas. Lembro de seu quarto no Palacete do Sol, dos livros e manuais repletos de notas e táticas. Aquilo me deu nojo na época, e me dá nojo agora. Nojo de Cal e de mim. Porque esqueci quem ele é de verdade: não apenas um príncipe, não apenas um soldado, mas um assassino. Em outra vida, poderia ter sido eu a marchar para a morte sob suas ordens, ou meus irmãos, ou Kilorn.

— Sinto muito — Cal balbucia. Ele se obriga a levantar os olhos e encarar um pai zangado e triste.

Imagino que foi treinado para isso. — Sei que as minhas palavras não querem dizer nada. As suas filhas… todos os soldados… mereciam viver. E o senhor também merece.

Os joelhos de Nix estalam quando ele levanta, mas ele não parece notar.

— Isso é uma ameaça, garoto?

— Um aviso — Cal responde, balançando a cabeça.

— O senhor é como Mare, como Shade — ele diz apontando para nós. — Diferente. Chamamos de sanguenovo. Vermelho e prateado.

— Nunca me chame de prateado — Nix vocifera por entre os dentes.

Isso não impede Cal de se pôr de pé e continuar:

— Meu irmão vai caçar pessoas como o senhor.

Planeja matar todos e fingir que jamais existiram. Planeja apagar todos da história.

Algo entala na garganta de Nix, e a confusão toma conta de seus olhos. Ele me encara, à procura de apoio.

— Existem… existem outros?

— Muitos outros, Nix. — Desta vez, toco a pele dele sem intenção de eletrocutá-lo. — Garotas, garotos, velhos e jovens. Espalhados pelo país, esperando para serem encontrados.

— E quando vocês os encontrarem… nos encontrarem… O que acontece?

Abro a boca para responder, mas nada sai. Não pensei no depois.

Farley toma a frente e estende a mão. Nela, há um cachecol vermelho, esgarçado, mas limpo.

— A Guarda Escarlate vai protegê-los, escondê-los. E treiná-los, se desejarem.

Quase desmaio ao ouvir essas palavras, pensando no coronel. A última coisa que ele parece querer são sanguenovos por perto, mas Farley soa tão certa, tão convincente. Como sempre, tenho certeza de que ela tem uma carta na manga, algo que não devo questionar.

Ainda.

Devagar, Nix pega o cachecol e o envolve nas mãos manchadas.

— E se eu recusar? — ele pergunta como quem não quer nada, mas capto o tom metálico sob sua voz.

— Então Shade vai deixar você na sua cama e nunca mais daremos as caras — digo. — Mas Maven vai aparecer. Se não quiser ficar conosco, é melhor fugir para a floresta.

Ele aperta o tecido escarlate com mais força.

— Não é bem uma escolha.

— É sim — insisto, na esperança de que ele perceba que falo sério. Pelo meu próprio bem, pelo bem da minha alma. — Você pode escolher ficar ou vir com a gente.

Você sabe melhor do que qualquer um o quanto perdemos. Mas pode nos ajudar a recuperar alguma coisa.

Nix permanece calado por um longo momento. Anda de um lado para o outro, com o cachecol na mão, às vezes lançando um olhar através dos galhos em direção ao farol da torre. A luz dá três voltas completas antes de ele voltar a falar.

— Minhas garotas morreram, minha esposa morreu, e estou cansado do fedor do pântano — ele diz, parando diante de mim. — Estou com vocês.

Em seguida, lança um olhar por cima do meu ombro, e não preciso virar para saber que se dirige a Cal.

— Apenas mantenham esse sujeito longe de mim.

DOZE



VOLTAM OS PELO M EIO DAS ÁRVORES SEM UM ARRANHÃO SEQUER. Nada nos seguiu, exceto a brisa do mar e as nuvens. Mas não consigo me livrar do temor agitando meu coração.

Embora Nix quase tenha partido o crânio de Cal, até que foi fácil recrutá-lo. Fácil demais. E, se aprendi alguma coisa nos últimos dezessete anos, principalmente no último mês, é que nada é fácil. Tudo tem um preço.

Se Nix não é uma armadilha, então com certeza é um perigo. Todo mundo pode trair todo mundo.

Assim, apesar de ele lembrar meu pai, apesar de ser pouco mais que um punhado de cabelos grisalhos e de luto, apesar de ser como eu, fecho o coração para este homem de Coraunt. Eu o salvei de Maven, lhe contei o que é, e o deixei fazer sua própria escolha. Agora, preciso seguir em frente e fazer o mesmo por outros. Só o próximo nome importa.

A luz das estrelas ilumina as árvores e me permite uma olhada rápida no caderno. Começo a folhear as páginas já familiares da lista de Julian. Há alguns próximos, concentrados ao redor da cidade de Harbor Bay. Dois estão dentro dos perímetros da cidade, e um na favela de Cidade Nova. Como chegaremos até eles não sei ao certo. A cidade com certeza será murada, como Archeon e Summerton, e as restrições de acesso às favelas dos técnicos são ainda piores que as Medidas.

Então me lembro: muros e barreiras não se aplicam a Shade. Para nossa sorte, ele está cada vez melhor, e depois de uns dias já não precisará mais da muleta. Aí ninguém poderá nos deter. Aí talvez possamos até vencer.

Esse pensamento me deixa emocionada e confusa ao mesmo tempo. Como seria o mundo depois? Imagino onde eu estaria. Em casa, provavelmente, com minha família, perto da floresta, num lugar onde pudesse ouvir o rio. Com Kilorn por perto, claro. E Cal? Não sei onde ele vai escolher ficar quando tudo acabar.

Na escuridão da noite, é fácil deixar a mente divagar.

Estou acostumada com florestas, e não preciso me concentrar muito para não tropeçar em raízes e folhas.

Por isso, divago enquanto caminho, pensando nas possibilidades. Um exército de sanguenovos. Farley liderando a Guarda Escarlate. Uma rebelião vermelha de verdade, desde as trincheiras do Gargalo até os becos da Cidade Cinzenta. Cal sempre disse que uma guerra de todos contra todos não valia a pena, que a perda de vermelhos e prateados seria grande demais. Espero que esteja certo. Espero que Maven veja o que somos, do que somos capazes, e perceba que não pode ganhar.

Mesmo ele não é tolo. Mesmo ele sabe quando está destruído. Pelo menos, espero que saiba. Porque, até onde sei, Maven nunca foi derrotado. Não no que realmente importa. Cal ganhou o pai, os soldados, mas Maven ganhou a coroa. Ganhou cada uma das batalhas significativas.

E, se tivesse tempo, teria me ganhado também.

Eu o vejo na sombra de cada árvore, um fantasma se erguendo contra o temporal no Ossário. A água escorre pela coroa de ferro, dentro dos olhos, da boca, pelo colarinho, até o abismo gélido que é seu coração inútil. E então se tinge de vermelho, deixando de ser água. É o meu sangue agora. Ele abre a boca para prová-lo; seus dentes são pontiagudos, navalhas reluzentes de osso branco.

Pisco para afastar a imagem do príncipe traidor.

Farley sussurra os detalhes a respeito do verdadeiro objetivo da Guarda. Nix é um homem esperto, mas, como todos sob o domínio do rei da coroa flamejante, foi alimentado com mentiras. Terrorismo, anarquia, sanguinários: são essas as palavras que usam para descrever a Guarda. Mostram crianças mortas no Atentado Rubro, ruínas inundadas da ponte em Archeon… tudo para convencer o país da nossa suposta perversidade. Enquanto isso, o verdadeiro inimigo senta no trono com um sorriso.

— E ela? — Nix cochicha, lançando um olhar para mim. — É verdade que induziu o príncipe a matar o rei?

A pergunta de Nix me corta como uma lâmina tão afiada que espero ver a faca cravada no meu peito. Mas as minhas dores podem esperar. Mais à frente, Cal se detém, e o subir e descer dos seus ombros largos indica que está respirando fundo para se controlar.

Apoio a mão no braço dele, querendo acalmá-lo do mesmo jeito que ele me acalma. Sua pele arde sob meus dedos, quase quente demais.

— Não, não é — digo a Nix, forçando uma voz firme. — Não foi isso que aconteceu.

— Então a cabeça do rei saiu rolando sozinha? — ele pergunta, rindo,

esperando que todos caiam na gargalhada. Mas até Kilorn tem o bom senso de ficar quieto e não sorrir. Ele sabe o que é a dor de perder os pais.

— Foi Maven — Kilorn grunhe, para a surpresa de todos. A expressão em seu rosto é de pura raiva. — Maven e sua mãe, a rainha. Ela é capaz de controlar a mente das pessoas. E… — Sua voz falha, ele não quer continuar. A morte do rei foi horrível demais, mesmo sendo um homem que odiávamos.

— E? — Nix insiste, arriscando uns passos na direção de Cal. Eu o faço parar com um olhar severo, e ele se detém a alguns centímetros, ainda bem. Mas seu rosto se retorce numa careta arrogante; está ansioso para ver o príncipe sofrer. Sei que tem seus motivos para torturar Cal, mas isso não quer dizer que vou deixar.

— Continue andando — murmuro tão baixo que só Cal pode ouvir.

Mas, em vez de andar, Cal dá meia-volta. Sinto seus músculos tensos ao tocá-lo. Parecem ondas quentes avançando num mar sólido.

— Elara me forçou a fazer aquilo, Marsten — ele diz finalmente, os olhos de bronze cravados nos de Nix, desafiando-o a dar mais um passo. — Ela se infiltrou na minha cabeça e tomou posse do meu corpo. Mas deixou minha mente ficar. Deixou que eu assistisse a meus braços tomando a espada do meu pai e separando a cabeça dele do pescoço. E depois contou ao mundo que era aquilo que eu queria desde o começo. — Após uma pausa, ele acrescenta num tom mais suave, como um lembrete a si mesmo: — Ela me fez matar o meu pai.

Parte da malícia de Nix se desfaz, o suficiente para revelar o humano por baixo dela.

— Eu vi as fotos — ele murmura, como que pedindo desculpas. — Saíram em todos os lugares, em todas as telas da cidade. Achei… que fossem…

Os olhos de Cal disparam para as árvores, mas ele não vê as folhas. Está olhando para o passado, para algo mais doloroso.

— Ela também matou minha mãe. E vai matar todos nós se deixarmos.

As palavras vêm duras e ásperas, como uma espada enferrujada serrando a carne. Saboreio-as bem antes de pronunciar:

— Não se eu a matar primeiro.

Por mais habilidoso que seja, Cal não é violento. Ele pode matar uma pessoa de mil maneiras diferentes, pode queimar um vilarejo, mas não vai apreciar nada disso.

Por isso, suas próximas palavras me pegam de surpresa.

— Quando chegar a hora, decidimos na moeda — ele diz, me encarando.

Seu fogo brilhante realmente ficou mais sombrio.

Quando saímos da floresta, um breve calafrio percorre meu corpo. E se o

Abutre não estiver lá? E se fomos localizados? E se, e se, e se. Mas o jato está exatamente onde o deixamos, quase invisível na escuridão, confundindo-se com a pista preta e cinza.

Resisto à vontade de correr para a segurança dele e me obrigo a manter o passo ao lado de Cal. Não muito perto, porém. Nada de distrações.

— Fiquem de olhos abertos — Cal avisa em voz baixa, mas firme, à medida que nos aproximamos. Ele não tira os olhos do jato, à procura de qualquer indício de uma armadilha.

Faço o mesmo, olhando bem para a rampa traseira ainda abaixada sobre a pista, aberta para o ar da noite. O interior parece vazio, mas as sombras dentro do Abutre são densas demais. É impossível ver através delas a essa distância.

Precisei de muita energia e concentração para ligar o jato inteiro, mas as lâmpadas são outra história. Mesmo a dez metros, é fácil atingir a fiação, dar uma carga e iluminar o interior do jato com um brilho forte e súbito.

Nada se move lá dentro, mas os outros reagem, surpresos com a explosão de luz. Farley chega a puxar a pistola do coldre preso à perna.

— Sou eu — digo, gesticulando. — O jato está vazio.

Acelero o passo. Não vejo a hora de entrar, de ser envolta pela carga crescente de eletricidade que se intensifica a cada passo. Quando ponho o pé na rampa, é como se recebesse um abraço caloroso. Corro a mão pela parede, traçando os contornos do painel de metal.

Mais energia flui de mim, vazando das lâmpadas, correndo pelos cabos até as enormes células de bateria sob meus pés, fixadas debaixo de cada asa. Elas vibram em uníssono, distribuindo a própria energia, e ligando o que não liguei. O Abutre desperta.

Nix suspira atrás de mim, encantado com o gigantesco jato de metal. Ele provavelmente nunca viu um tão de perto, muito menos entrou. Viro para trás, na expectativa de vê-lo contemplando os assentos ou a cabine, mas seus olhos estão cravados em mim. Ele cora e baixa a cabeça numa espécie de reverência trêmula.

Antes que eu possa dizer o quanto esse tipo de coisa me incomoda, ele se dirige para um dos assentos e observa o cinto de segurança com um ar perdido.

— Vou ganhar um capacete? — ele pergunta. — Se vamos sair voando, quero um capacete.

Rindo, Kilorn senta ao lado, prendendo o próprio cinto e o de Nix com dedos ágeis e rápidos.

— Nix, acho que você é o único aqui que não precisa de capacete.

Ambos soltam uma risadinha baixa. Se não fosse por mim e pela Guarda Escarlate, Kilorn acabaria igual a Nix: um velho surrado, sem nada para deixar no mundo além dos próprios ossos. Agora, torço para que tenha a chance de envelhecer, sentir dores nos joelhos e cultivar uma barba grisalha. Se ao menos Kilorn me deixasse protegê-lo… Se ao menos não fizesse questão de se jogar na frente de toda bala que vem na sua direção…

— Então ela é mesmo a garota elétrica. E este aqui é… — Ele aponta para o outro lado do jato, para Shade, em busca de uma palavra para descrever o poder do meu irmão.

— Saltador

— Shade sugere, acenando respeitosamente com a cabeça. Em seguida, ajusta o cinto o mais apertado que pode, pálido diante da perspectiva de outro voo. Farley não parece tão abalada e mantém um olhar firme voltado para as janelas da cabine.

— Saltador. Muito bem. E você, garoto? — Nix pergunta, cutucando Kilorn com o cotovelo, sem perceber que o sorriso do meu amigo começa a murchar.

— Qual o seu poder?

Afundo no assento para não ver qualquer traço de dor no rosto de Kilorn. Mas não sou rápida o suficiente.

Percebo uma ponta de rubor nas suas bochechas, seus ombros tensos, seus olhos apertados e uma careta. O motivo é óbvio. A inveja se agita em cada milímetro do corpo dele, espalhando-se rápida como uma infecção.

Nunca tinha pensado que Kilorn quisesse ser como eu ou como um prateado. Ele tem orgulho do próprio sangue, sempre teve. Até ficou com raiva de mim na primeira vez que viu no que me transformei. "Você é um deles?", atacou com uma voz áspera e estranha. Estava com muita raiva. Mas por que essa raiva agora?

— Eu pego peixes — ele diz, forçando um sorriso vazio. Sua voz está cheia de amargura, que se alimenta com o nosso silêncio.

Nix é o primeiro a falar, depois de dar um tapinha no ombro de Kilorn.

— E eu, caranguejos — diz, balançando os dedos como se fossem patas. — Fiz isso a vida inteira.

Um pouco do desconforto de Kilorn vai embora, se escondendo atrás de um meio sorriso. Ele vira para o lado para ver os dedos de Cal se movendo pelo painel de controle, aprontando o Abutre para outro voo. Sinto a reação do jato, a energia fluindo para os motores nas asas, que começam a girar, ganhando cada vez mais potência.

— Ótimo — Cal diz, finalmente quebrando o silêncio desconfortável. — Para onde vamos agora?

Levo um segundo para me dar conta de que ele está falando comigo.

— Ah… — começo, tropeçando nas palavras. — Os nomes mais próximos estão em Harbor Bay. Dois dentro da cidade, um nas favelas.

Espero mais agitação diante da perspectiva de invadir uma cidade prateada cercada por um muro, mas Cal apenas faz que sim com a cabeça.

— Não vai ser fácil — avisa, com os olhos de bronze refletindo as luzes piscantes do painel.

— Estou muito contente por você estar aqui para nos dizer o que já sabemos — replico, seca. — Farley, você acha que conseguimos?

Ela assente, e sua máscara de resignação quebra para deixar entrever um pouco de sentimento. Entusiasmo.

Ela batuca os dedos na coxa. Fico com a impressão doentia de que ela considera tudo isso parte de um jogo.

— Tenho vários amigos em Harbor — diz. — As muralhas não serão um problema.

— Então para Harbor — Cal diz, num tom sombrio nada reconfortante.

Também não é reconfortante o nó que se forma no meu estômago quando o jato arranca para a frente e os pneus gritam pelos quilômetros da pista escondida. Desta vez, quando despontamos em direção ao céu, fecho bem os olhos. Entre o ronco tranquilo dos motores e a consciência de não ser necessária por enquanto, caio no sono com uma facilidade assustadora.

Durmo e acordo várias vezes, sem jamais sucumbir à escuridão silenciosa de que minha mente tanto precisa.

Alguma coisa no jato me deixa ligada; meus olhos não se abrem, mas meu cérebro nunca apaga por inteiro. Me sinto como Shade, fingindo dormir, captando segredos sussurrados. Mas os outros estão quietos. A julgar pelos roncos estrondosos de Nix, estão desmaiados. Apenas Farley está acordada. Escuto-a soltar o cinto e ir para o lado de Cal com passos quase inaudíveis por causa dos motores do jato. Então cochilo. Desfruto de uns minutos de descanso antes de a voz grave de Farley me trazer de volta.

— Estamos sobrevoando o mar — ela murmura, confusa.

Os ossos do pescoço de Cal estalam quando ele se vira. O príncipe não notou a aproximação dela de tão concentrado que estava.

— Que observadora você — ele diz, depois de se recuperar.

— Por que estamos sobre o mar? Harbor é ao sul, não a leste…

— Porque temos energia de sobra para contornar o litoral, e eles precisam dormir. — Seu tom sai contaminado por uma espécie de medo. Cal odeia água.

Fazer isso deve ser um martírio para ele.

Farley bufa, e sua voz sai áspera da garganta.

— Eles podem dormir quando pousarmos. A próxima pista também está escondida.

— Ela não pode. Não com os sanguenovos por aí.

Vai andar até cair, e não podemos deixar isso acontecer.

Uma pausa longa. Ele deve estar encarando-a fixamente, tentando convencê-la com os olhos, não com a boca. Sei por experiência própria que esse método pode ser bem eficaz.

— E quando você dorme, Cal?

A voz dele baixa, não em volume, mas no tom.

— Eu não durmo. Não mais.

Quero abrir os olhos. Quero dizer para ele fazer o retorno, para se apressar. Estamos perdendo tempo aqui no mar, queimando segundos preciosos que podem significar a vida ou a morte dos sanguenovos de Norta.

Mas a minha raiva surge misturada com exaustão. E frio.

Mesmo perto de Cal, um forno ambulante, sinto o toque assustador do gelo na carne. Não sei de onde vem, só sei que chega em momentos de silêncio, quando estou parada, pensando em tudo o que fiz e no que fizeram comigo. O gelo se concentra onde deveria ficar o meu coração, ameaçando me partir ao meio. Meus braços se recolhem no peito, tentando parar a dor. Funciona um pouco, e sinto um calorzinho voltar para mim. Mas, onde o gelo derrete, fica apenas o vazio. Um abismo. E não sei como tapá-lo.

Vou sarar. Preciso.

— Sinto muito — ele murmura, quase baixo demais para ser ouvido. Ainda assim, alto o suficiente para evitar que eu volte a dormir. Mas essas palavras não são para mim.

Algo esbarra no meu braço. É Farley, que se aproxima para ouvi-lo.

— Pelo que fiz com você. Antes. No Palacete do Sol.

— A voz dele quase falha. Cal carrega o próprio gelo. A lembrança do sangue congelado, de Farley sendo torturada nas celas do palácio. Ela se negou a trair os companheiros, e Cal a fez sofrer por isso. — Não espero que você aceite qualquer tipo de desculpa, e você não deveria…

— Aceito — ela diz, de maneira brusca, mas sincera.

— Também cometi erros naquela noite. Todos cometemos.

Apesar dos olhos fechados, sei que ela está me observando.

Sinto seu olhar, carregado de arrependimento e determinação.

O impacto das rodas contra o concreto me acorda num solavanco que me faz quicar no assento. Abro os olhos só para fechá-los logo em seguida, desviando o rosto do feixe luminoso que entra pelas janelas da cabine.

Os outros estão bem despertos, conversando baixinho, e me viro para vê-los. Estamos atravessando a pista — cada vez mais devagar, mas ainda em movimento —, e Kilorn salta para o meu lado. Acho que suas pernas de marinheiro servem para alguma coisa, porque o balanço do jato não parece afetá-lo nem um pouco.

— Mare Barrow, se eu pegar você cochilando mais uma vez, vou te denunciar ao posto de segurança — ele diz, imitando a antiga professora que dividimos até ele fazer sete anos e partir para se tornar aprendiz de pescador.

Ergo o olhar para ele, sorrindo com a lembrança.

— Aí vou dormir no tronco, professora Vandark. — É a minha resposta, que o faz engasgar de tanto rir.

À medida que desperto, percebo que há alguma coisa me cobrindo. Um tecido macio, surrado, de cor escura.

O casaco de Kilorn. Ele o puxa antes que eu possa reclamar, e sinto frio.

— Obrigada — murmuro, enquanto ele o veste de novo.

Ele apenas dá de ombros.

— Você estava toda arrepiada.

— Vai ser puxado chegar em Harbor. — Cal fala alto, sobrepondo o ronco dos motores que ainda não pararam de girar. Sem jamais tirar os olhos da pista, o príncipe guia o jato até sua parada completa. Como o Campo Nove-Cinco, a suposta ruína, é totalmente deserto, cercado por uma floresta. — Quinze quilômetros pela mata e então os subúrbios — acrescenta, para em seguida virar a cabeça na direção de Farley. — A não ser que você tenha mais alguma carta na manga?

Ela ri sozinha e desafivela o cinto.

— Está aprendendo, é?

Com um gesto rápido, ela escancara o mapa do coronel sobre os joelhos.

— Podemos reduzir para oito quilômetros se formos pelos túneis velhos e evitarmos totalmente os subúrbios.

— Outro subtrem? — pergunto. A ideia me enche de esperança e pavor. — É seguro?

— O que é um subtrem? — Nix resmunga, com a voz distante. Não vou perder tempo explicando o que é o tubo de metal que deixamos para trás em Naercey.

Farley também o ignora.

— Não há nenhum estacionado em Harbor, não ainda, mas o túnel passa bem debaixo da estrada do Porto. Isto é, se ainda não foi fechado. Foi?

Ela olha para Cal, mas ele nega com a cabeça.

— Não deu tempo. Quatro dias atrás ainda pensávamos que os túneis estavam arruinados e abandonados. Não estão nem mapeados. Mesmo com todos os forçadores à disposição, seria impossível que Maven tivesse bloqueado todos a esta altura — Cal explica. Sua voz vacila sob o peso dos pensamentos.

Sei o que está lembrando.

Apenas quatro dias. Quatro dias desde que Cal e Ptolemus descobriram Walsh nos túneis sob Archeon.

Quatro dias desde que assistimos ao suicídio dela para proteger os segredos da Guarda Escarlate.

Para me distrair da lembrança dos olhos opacos e sem vida de Walsh, estico-me para fora do assento, flexionando os músculos e anunciando, com palavras que soam como ordens sem querer:

— Vamos nos mexer.

Decorei a próxima relação de nomes. Ada Wallace.

Nascida em 1 o de junho de 290 em Harbor Bay, Beacon, Estado do Regente, Norta. Residência atual: mesma do nascimento. E o outro, também listado em Harbor Bay: Wolliver Galt. Nascido em 20 de janeiro de 302. Mesmo ano que Kilorn. Mesmo dia até. Mas não é Kilorn. É um sanguenovo, outra mutação rubro-prata para Kilorn invejar.

Contudo, é estranho ver que meu amigo não guarda nenhum rancor de Nix. Na verdade, parece mais amistoso que de costume, rodeando o homem mais velho como um cachorrinho. Os dois conversam em voz baixa, estreitando laços com base na experiência comum de terem crescido pobres, vermelhos e sem esperança.

Quando Nix fala de redes e nós, um assunto chato que Kilorn adora, mudo o foco para conseguir deixar todo o resto em ordem. Parte de mim quer se juntar a eles, discutir o valor de um nó de laço duplo em vez da melhor estratégia de infiltração. Isso me daria a sensação de normalidade. Porque não importa o que Shade diga: somos tudo, menos normais.

Farley já está se mexendo. Ela joga o casaco marrom-escuro por cima dos ombros e enfia o cachecol vermelho por baixo para esconder a cor. Em seguida, começa a separar as rações dos nossos estoques. Ainda não estão baixas, mas memorizo que, se tiver chance, preciso tentar roubar alguma coisa durante a jornada.

Armas são outra história: só temos seis no total, e roubar mais não vai ser fácil. Três rifles, três pistolas. Farley já tem um de cada: o rifle de cano longo está pendurado nas costas, na diagonal, e a pistola vai na cintura. Ela dormiu com as armas presas a si, como se fizessem parte de seu corpo. Então é uma surpresa vê-la soltando-as e devolvendo-as ao armário na parede.

— Você vai desarmada? — É a pergunta atropelada de Cal, que mantém o próprio rifle à mão.

Em resposta, ela levanta a calça e revela um facão escondido na bota.

— Harbor é uma cidade grande. Vamos levar o dia inteiro para achar a dupla de Mare, e talvez a noite inteira para tirá-los de lá. Não vou me arriscar levando uma arma de fogo sem registro. A segurança me executaria no ato. Posso brincar com a sorte nos vilarejos, onde a vigilância é menor, mas não em Harbor — ela acrescenta, voltando a esconder a faca. — Me surpreende você não conhecer as próprias leis, Cal.

O rosto dele fica prateado; até a ponta de suas orelhas ficam brancas de vergonha. Por mais que tentasse, Cal nunca teve cabeça para leis e política. Esse era domínio de Maven, sempre foi.

— Em todo caso, considero você e a garota elétrica armas melhores do que pistolas — Farley diz, lançando olhares afiados para nós dois.

Quase chego a ouvir os dentes de Cal rangerem de raiva e frustração.

— Eu disse a você que não podemos… — ele começa, e eu nem preciso ouvir as palavras resmungadas para saber qual é o seu argumento.

Somos as pessoas mais procuradas do reino, somos um perigo para todos, vamos botar tudo a perder.

Embora meu primeiro ímpeto seja ouvir Cal, o segundo, constante, é não confiar nele. Porque ele não é especialista em se infiltrar… E eu sou. Enquanto ele discute com Farley, começo a me preparar discretamente para os túneis e Harbor Bay. Lembro do lugar, o vi nos livros de Julian, e puxo com cuidado os mapas de Farley.

Ela nem nota o gesto sutil, ainda discutindo com Cal.

Shade se intromete para tomar o partido dela, e assim as três matracas me deixam livre para sentar em silêncio e planejar.

O mapa de Harbor do coronel é mais atualizado que o de Julian, e mais detalhado também. Assim como Archeon foi erguida em volta da enorme ponte que a Guarda Escarlate destruiu, Harbor Bay tem seu centro na enseada em forma de arco. A maior parte da cidade é artificial, formando uma curva perfeita demais entre o mar e a terra. Verdes e ninfoides ajudaram a construir a cidade e a

enseada, revezando-se em enterrar e alagar as ruínas do que havia antes lá. E, no meio da enseada, estendendo-se por cima da água, está uma pista cheia de dutos, patrulhas do exército e trechos estreitos. A pista separa o civil Porto Aquariano do Porto de Guerra, que faz jus ao nome, e leva até o Forte Patriota, instalado sobre uma área de terra murada no meio da enseada. O forte é considerado o mais valioso do país, a única base a servir as três forças armadas. O Patriota é lar dos soldados da Legião de Beacon, assim como das esquadrilhas da frota aérea. A água no Porto de Guerra é funda o suficiente até para os maiores navios, constituindo-se um ancoradouro essencial para a Marinha de Norta. O forte parece intimidador até no mapa. Tomara que Ada e Wolliver estejam fora de suas muralhas.

A cidade em si se espalha ao redor da enseada, amontoando-se entre as docas. Harbor Bay é mais velha que Archeon, e incorpora as ruínas antigas. As vias formam um emaranhado imprevisível de curvas e encruzilhadas. Se comparada à malha ordenada da capital, Harbor parece um punhado de fios enrolados. O que é perfeito para malandros como nós. Algumas ruas chegam a descer até o subsolo, conectando-se à rede de túneis que Farley parece conhecer tão bem. Embora não vá ser fácil retirar dois sanguenovos de Harbor Bay, não parece impossível. Especialmente se alguns blecautes pipocarem pela cidade no momento exato.

— Você tem todo o direito de ficar aqui, Cal — digo, erguendo a cabeça do mapa. — Mas desta vez não vou ficar esperando sentada.

Ele interrompe a fala e se volta para mim. Por um momento, me sinto uma pilha de combustíveis prestes a ser incendiada.

— Então espero que esteja pronta para fazer o necessário.

Pronta para matar todos que me reconhecerem.

Qualquer pessoa que me reconhecer.

— Estou.

Minto muito bem.

TREZE



É FÁCIL CONVENCER NIX A FICAR PARA TRÁS. Apesar da invulnerabilidade, ele continua sendo só um caranguejeiro que nunca foi além dos pântanos de sua terra natal. Uma missão de resgate dentro de uma cidade murada não é lugar para ele, e o sanguenovo sabe disso.

Já Kilorn não cede com tanta facilidade. Ele concorda em permanecer no jato só depois que o convenço a ficar de olho em Nix.

Ele me abraça forte numa despedida temporária.

Espero ouvir um alerta sussurrado, um conselho talvez.

Mas o que recebo é encorajamento, o que é mais reconfortante que deveria.

— Você vai salvar os dois — ele cochicha. — Sei que vai.

Salvar. As palavras ecoam na minha cabeça e me seguem rampa abaixo até a floresta ensolarada. Eu vou, digo a mim mesma, repetindo até acreditar tanto quanto Kilorn. Eu vou, eu vou, eu vou.

A mata aqui é menos densa, o que nos obriga a ficar sempre atentos. À luz do dia, Cal não precisa se preocupar com as chamas, mantendo o fogo preparado; cada um de seus dedos arde como o pavio de uma vela.

Shade sequer toca o chão, saltando de árvore em árvore.

Ele vasculha a floresta com a precisão de um soldado, e seu olhar de falcão percorre todas as direções até ele se dar por satisfeito. Eu também fico alerta, na tentativa de sentir qualquer pico de eletricidade de um veículo ou de uma aeronave em voo baixo. Percebo uma vibração monótona a sudoeste, na direção de Harbor Bay, como esperado, assim como a oscilação que vem do tráfego na estrada do Porto. Estamos longe demais para ouvir os motores, mas a minha bússola interior me diz que estamos cada vez mais perto.

Eu os sinto antes de vê-los — uma pressão muito leve contra minha mente aberta. A minúscula bateria pulsa eletricidade, provavelmente alimentando um relógio ou um rádio.

— Leste — sussurro, apontando para a fonte de energia que se aproxima.

Farley vira na hora, sem se dar ao trabalho de agachar. Mas eu com certeza me abaixo, dobrando um joelho sobre a folhagem, deixando as primeiras cores do outono camuflarem minha camisa vermelho-escura e meu cabelo castanho. Cal está logo ao meu lado com suas chamas, controlando-as para não incendiar a floresta. Sua respiração é estável, treinada, e seus olhos de bronze percorrem a mata.

Aponto a direção da bateria. Uma única faísca corre pela minha mão e desaparece, atraída pela eletricidade que se aproxima.

— Farley, se abaixe — Cal rosna num tom de voz que quase se perde entre o farfalhar das folhas.

Em vez de obedecer, ela se apoia contra uma árvore e se camufla nas sombras do tronco. A luz do sol atravessa a copa e salpica sua pele. Imóvel, Farley parece fazer parte da floresta. Ela não fica em silêncio.

Seus lábios se separam e um assobio que parece o canto de um pássaro ecoa entre os galhos. É o mesmo que usou em Coraunt para se comunicar com Kilorn. Um sinal.

A Guarda Escarlate.

— Farley — sibilo por entre os dentes cerrados. — O que está acontecendo?

Mas ela não presta atenção em mim. Apenas observa as árvores. Esperando. Ouvindo. Um instante depois, alguém gorjeia uma resposta similar, mas não exatamente igual. Quando Shade responde do alto da árvore sobre nós, acrescentando a própria melodia à estranha canção, um pouco do meu medo desaparece. Farley seria capaz de armar uma cilada para mim, mas Shade não. Espero.

— Capitã, pensei que estivesse presa naquela ilha desgraçada — diz uma voz rouca, filtrada por um espesso arvoredo de olmos. O sotaque é pesado e inconfundível: Harbor Bay.

Farley sorri e sai devagar de trás do tronco.

— Crance — ela diz, acenando para a silhueta que avança por entre os arbustos. — Onde está Melody? Era para ela vir me encontrar. Desde quando você virou o garoto de recados de Egan?

Quando ele emerge da folhagem, trato de observá-lo de cima a baixo, reparando nos detalhes que aprendi a analisar sozinha há muito tempo. Ele pende para um lado para compensar alguma coisa pesada que está carregando. Um rifle talvez, ou um bastão. É mesmo um garoto de recados. Parece um estivador ou arruaceiro, com braços musculosos e peito largo escondido sob uma camisa velha de algodão e um colete estofado. Sua roupa é cheia de retalhos, formando um

xadrez variado de tecidos reaproveitados, todos em tonalidade vermelha.

Estranho o colete estar tão surrado e as botas de couro parecerem novas e recém-engraxadas. São roubadas, provavelmente. Esse é dos meus.

Crance dá de ombros e repuxa os músculos do rosto escuro.

— Ela tem afazeres nas docas. E prefiro ser chamado de braço direito, se não se importa. — Ele sorri, e então se curva num movimento exagerado. — É claro que o chefe Egan lhe dá as boas-vindas, capitã.

— Não sou mais capitã — Farley murmura, franzindo a testa ao agarrar o antebraço de Crance numa espécie de cumprimento. — Com certeza você já soube.

Ele apenas balança a cabeça.

— Você vai ver que pouca gente aqui leva isso a sério. Os Marinheiros respondem a Egan, não ao seu coronel.

Marinheiros? Outra divisão da Guarda Escarlate, imagino.

— Por acaso os seus amigos vão continuar escondidos no mato? — ele acrescenta, esticando o olhar para mim. Seus olhos azuis são eletrizantes, ainda mais penetrantes por conta de sua pele escura. Mas não bastam para me distrair do assunto mais urgente: ainda sinto a bateria de um relógio pulsar, e Crance não tem relógio.

— E os seus amigos? — pergunto ao levantar do chão da floresta.

Cal se move comigo, e Crance o examina com olhos inquisidores. O príncipe faz o mesmo, de soldado para soldado. E então Crance sorri, mostrando dentes brilhantes.

— Então é por isso que o coronel está fazendo tanto escândalo — ele brinca, arriscando um passo à frente.

Nenhum de nós se abala, apesar do tamanho dele.

Somos mais perigosos.

Ele solta um assobio baixo e volta a olhar para mim.

— O príncipe exilado e a garota elétrica. E onde está o Coelho? Tenho certeza de que o ouvi.

Coelho?

Shade aparece atrás de Crance, com um braço na muleta e outro em volta do pescoço do homem. Mas ele está sorrindo. Gargalhando.

— Disse para você não me chamar assim — ele censura, sacudindo os ombros de Crance.

— Se a carapuça serviu… — Crance replica ao se desvencilhar do braço de Shade. Começa a pular, gesticulando e rindo, mas seu sorriso murcha um pouco

diante da muleta e das bandagens. — Caiu da escada ou coisa assim? — pergunta em um tom leve, mas seus olhos escurecem.

Shade repele a preocupação do homem com um gesto e agarra seu ombro largo.

— É bom ver você, Crance. Acho que eu deveria apresentar minha irmã…

— Não preciso de apresentações — Crance diz, esticando a mão duas vezes maior que a minha. Eu a tomo de bom grado e o deixo apertar meu antebraço. — É bom conhecer você, Mare Barrow, mas preciso dizer que sua aparência é bem melhor nos cartazes de

"Procura-se". Não pensei que isso fosse possível.

Os outros acham graça, mas me assusto ao saber que meu rosto está estampado em todas as portas e janelas.

Deveríamos esperar por isso.

— Desculpe por decepcioná-lo — digo, com esforço, me desvencilhando da mão dele. Tanto cansaço e preocupação não foram bons para mim. Posso sentir a sujeira na minha pele, sem falar nos nós no meu cabelo.

— Ando meio ocupada para me olhar no espelho.

Crance tira a provocação de letra e alarga ainda mais o sorriso.

— Você é mesmo cheia de energia — diz baixinho, e não deixo de notar seus olhos descendo até meus dedos.

Seguro a vontade de mostrar a quantidade exata de energia com a qual ele está lidando, e cravo as unhas nas palmas das mãos.

O toque da bateria continua, um lembrete firme da presença de alguém.

— E então, vai continuar fingindo que não estamos cercados? — insisto, apontando para as árvores que nos envolvem por todos os lados. — Ou será que vamos ter problema?

— Não, nenhum problema — ele diz, erguendo os braços numa rendição fingida. Em seguida, assobia de novo, dessa vez num tom mais alto e penetrante, como um falcão em caça.

Embora Crance faça o máximo para continuar sorrindo, para se mostrar relaxado, não deixo de notar desconfiança em seu olhar. Espero que ele vigie Cal, mas é em mim que ele não confia. Ou não compreende.

O ruído de folhas pisadas anuncia a aproximação dos amigos de Crance, também vestidos numa combinação de trapos e peças luxuosas roubadas. É uma espécie de uniforme, tão contrastante que todos ficam parecidos.

Duas mulheres e um homem usando um relógio velho.

Todos supostamente desarmados.

Cumprimentam

Farley, sorriem para Shade, e não sabem o que fazer comigo e com Cal. Melhor assim, acho. Não preciso de mais amigos para perdê-los depois.

— Bom, Coelho, vamos ver se vocês conseguem acompanhar nosso passo — Crance provoca, e logo sai andando.

Em resposta, Shade salta para uma árvore próxima, balança a perna ruim no ar e abre um sorriso. Mas, quando seus olhos encontram os meus, algo muda. E então ele surge atrás de mim em uma fração de segundo, tão rápido que mal o vejo.

— Não confie em ninguém — ele sussurra.

Os túneis estão úmidos, as paredes curvas, recobertas de musgo e raízes emaranhadas, mas o chão está livre de pedras e destroços — por causa dos subtrens, suspeito, caso algum deles precise entrar em Harbor Bay. No entanto, não ouço nenhum chiado metálico, não sinto a bateria latejante de um trem gritando na nossa direção. Tudo o que sinto é a lanterna na mão de Crance, o relógio do outro homem, e o padrão contínuo do tráfego na estrada do Porto, dez metros acima das nossas cabeças. Veículos grandes são os piores; a fiação e os instrumentos gemem na parte de trás do meu crânio. Me encolho cada vez que um deles passa sobre nós, e logo perco a conta de quantos aceleram rumo a Naercey. Se estivessem em grupos, suspeitaria de um comboio real levando Maven em pessoa, mas as máquinas vêm e vão aparentemente sem ordem. É normal, digo a mim mesma, acalmando meus nervos para não acabar desligando a lanterna e mergulhando todos na escuridão.

Os seguidores de Crance cobrem a retaguarda, o que deveria me deixar alerta, mas não ligo. Minhas faíscas estão apenas a um segundo de distância, e tenho Cal ao meu lado caso alguém tome a decisão errada. Ele é mais intimidador que eu. Uma das mãos dele está acesa; as chamas dançam e projetam sombras voláteis nas paredes, que mudam de forma e tamanho, pintando os túneis em tons de vermelho e preto. Antes, as cores dele.

Mas ele as perdeu, como todo o resto.

Tudo menos eu.

Não adianta cochichar aqui embaixo. Qualquer som reverbera, então Cal mantém a boca fechada. Ainda assim, consigo ler sua expressão.

Ele está desconfortável, lutando contra todos os seus instintos de soldado, de príncipe, de prateado. Aqui está ele, seguindo o inimigo rumo ao desconhecido. E para quê?

Para me ajudar? Para ferir Maven? Seus motivos não importam; um dia, não serão mais o bastante para ele continuar. Um dia, ele não estará mais ao meu lado,

e preciso estar preparada. Preciso saber o que meu coração vai permitir — e quanta solidão sou capaz de suportar. Mas ainda não. Seu calor ainda está comigo, e não consigo deixar de mantê-lo por perto.

Os túneis não estão no nosso mapa — ou em qualquer mapa que eu já tenha visto —, mas a estrada do Porto está, e desconfio que passamos bem debaixo dela.

A via conduz diretamente ao coração de Harbor, através do portão das lanças, contornando a própria enseada antes de partir para os pântanos do norte, Coraunt, e as longínquas fronteiras congeladas. Mais importante que a estrada do Porto é a central de segurança, ponto de administração da cidade inteira, onde poderemos encontrar os registros e, sobretudo, os endereços de Ada e Wolliver. O terceiro nome, uma jovem das favelas de Cidade Nova, deve estar lá também.

Cameron Cole, recordo, embora o resto das informações me escapem no momento. Não ouso sacar a lista de Julian para conferir enquanto estou cercada por tantos rostos desconhecidos. Quanto menos gente souber dos sanguenovos, melhor. Os nomes são sentenças de morte, e não esqueci o aviso de Shade.

Com um pouco de sorte, teremos tudo de que precisamos até o anoitecer, e retornaremos ao Abutre para o café da manhã com mais três sanguenovos.

Kilorn vai resmungar, irritado conosco por demorarmos tanto, mas essa é a menor das minhas preocupações. Na verdade, não vejo a hora de retornar para seu rosto preocupado e suas reclamações petulantes. Apesar da Guarda e de seu ódio recém-descoberto, o garoto com quem cresci ainda reluz lá no fundo, e isso é tão reconfortante quanto o fogo de Cal ou o abraço do meu irmão.

Shade fala para preencher o silêncio, brincando com Crance e seus seguidores.

— Este homem é a razão de eu ter saído vivo do Gargalo — meu irmão explica, apontando a muleta para Crance. — Os carrascos não conseguiam me pegar, mas a fome quase me matou.

— Você roubou um pé de repolho. Eu só te deixei comer — Crance comenta, balançando a cabeça, mas suas bochechas vermelhas revelam seu orgulho.

Shade não o deixa escapar com tanta facilidade.

Estampa um sorriso que seria capaz de iluminar os túneis, mas não há luz em seus olhos.

— Um contrabandista com um coração de ouro.

Presto atenção na conversa dos dois com a testa franzida e os ouvidos atentos, acompanhando como se fosse um jogo. Um elogia o outro, evocando a jornada de volta do Gargalo, enganando a segurança e as legiões ao mesmo tempo. Mas, embora talvez tenham sido amigos durante aquelas semanas, o laço parece não existir mais.

Agora, são dois homens trocando lembranças e sorrisos forçados, um tentando descobrir o que o outro quer. Eu faço o mesmo para tirar minhas próprias conclusões.

Crance é um ladrão por excelência, uma profissão que conheço muito bem. A melhor coisa sobre ladrões é que você pode confiar neles… para fazer o pior. Se invertêssemos os papéis, se eu ainda fosse a velha Mare de Palafitas escoltando fugitivos para dentro do meu vilarejo, seria capaz de entregá-los por um punhado de tetrarcas? Por algumas semanas de comida ou cotas extras de eletricidade? Lembro muito bem dos invernos difíceis, dos dias frios intermináveis e famintos. Das doenças bobas para as quais não tínhamos remédio. Da ânsia amarga do simples querer, de pegar uma coisa bonita ou útil porque sim. Já fiz coisas terríveis nesses momentos, roubando de gente tão desesperada quanto eu. Para sobreviver. Para nos manter vivos. Era a justificativa que eu usava em Palafitas quando tomava moedas de famílias com crianças morrendo de fome.

Não duvido que Crance me entregaria para o chefe Egan se pudesse, ou me venderia para Maven por um preço exorbitante, porque é o que eu faria se estivesse em seu lugar. Mas, para a nossa sorte, Crance está longe de ser páreo para nós. E ele sabe disso, então precisa sustentar o sorriso. Por enquanto.

O túnel se curva para baixo e os trilhos do subtrem acabam do nada quando o espaço fica estreito demais.

Quanto mais descemos, mais frio fica, e o ar se torna mais denso. Tento não pensar no peso da terra acima de nós. As paredes estão rachadas e decrépitas; provavelmente desabariam se não fossem as escoras recém-colocadas. Caibros de madeira se erguem na escuridão, sustentando o teto do túnel e evitando que sejamos soterrados vivos.

— Onde vamos sair? — Cal pergunta em voz alta para quem quiser responder. Cada palavra sai envenenada de desgosto. Túneis profundos o deixam à flor da pele, como eu.

— Lado oeste de Ocean Hill — Farley responde, se referindo à residência real em Harbor Bay. Mas Crance a corta, balançando a cabeça.

— O túnel foi fechado — ele reclama. — Estão construindo uma coisa nova. Ordens do rei. Três dias no trono e o desgraçado já está me dando nos nervos.

Por estar tão perto de Cal, consigo ouvir seus dentes rangerem. Uma rajada de ódio reluz no seu fogo e projeta uma onda de calor pelo túnel; os outros fingem ignorar.

Ordens do rei. Mesmo sem saber, Maven atrapalha nosso avanço.

Cal olha para os próprios pés, resignado.

— Maven sempre odiou Ocean Hill. — Suas palavras ecoam de um jeito estranho e nos cercam de lembranças.

— Pequena demais para ele. Velha demais.

As sombras oscilam e distorcem nossas silhuetas.

Vejo Maven em cada forma retorcida, em cada contorno escuro. Ele me disse uma vez que era a sombra da chama. Agora tenho medo de que tenha virado a sombra da minha mente; pior que um caçador, pior que um fantasma. Pelo menos não estou sozinha com as assombrações. Cal também as sente.

— O mercado de peixes, então — Farley vocifera, trazendo-me de volta à missão. — Vamos ter que dar a volta. E vamos precisar de uma distração fora da central de segurança, se vocês puderem.

Volto a olhar para o mapa com a cabeça fervendo. Ao que parece, a central de segurança está diretamente ligada ao velho palácio de Cal, ou pelo menos faz parte do mesmo complexo. E o mercado de peixes fica a uma boa distância de ambos, presumo. Vamos penar simplesmente para chegar onde precisamos, quanto mais para entrar. A julgar pela careta no rosto de Cal, ele não está nada ansioso para a empreitada.

— Egan vai cuidar disso com prazer — Crance diz, assentindo ao pedido de Farley. — Vai ajudar em tudo o que puder. Não que vocês precisem muito, com o Coelho.

Shade abre um sorriso bondoso, ainda incomodado com o apelido.

— Quão bem você conhece os vermelhos de Harbor?

Acha que pode reconhecer alguns nomes?

Preciso morder o lábio para não ralhar com o meu irmão. A última coisa que quero é contar a Crance quem estamos procurando, principalmente porque ele vai começar a questionar nossos motivos. Mas Shade me encara com as sobrancelhas arqueadas, me intimando a dizer os nomes em voz alta. Perto do meu irmão, Crance faz o melhor para manter uma expressão neutra, mas seus olhos brilham. Ele está ávido para ouvir o que tenho a dizer.

— Ada Wallace. — O nome sai num sussurro, como se eu temesse que as paredes do túnel pudessem roubar meu segredo. — Wolliver Galt.

Galt. O sobrenome faz o rosto de Crance cintilar, e ele não tem escolha a não ser admitir que o conhece.

— Sei quem é Galt. Família antiga, vivem na estrada Charside. Cervejeiros — ele diz, franzindo a testa para lembrar de mais informações. — Melhor cerveja de Harbor. Bons amigos para se ter.

Meu coração bate mais rápido, extasiado com a possibilidade de uma sorte tão

grande. Mas a sensação logo é manchada pela consciência de que agora Crance e, portanto, o misterioso Egan sabem quem estamos procurando.

— Não posso dizer que conheço a Wallace — ele continua. — O sobrenome é bem comum, mas ninguém me vem à mente.

Para a minha tristeza, não consigo dizer se ele está mentindo ou não. Assim, tenho que insistir, preciso fazê-lo falar mais. Talvez Crance revele alguma informação ou me dê um motivo para convencê-lo a revelar.

— Vocês se denominam Marinheiros? — pergunto, tomando cuidado para manter um tom neutro.

Ele vira o rosto para mim, abre um sorriso, e então levanta a manga da camisa para revelar uma tatuagem no antebraço: uma âncora azul e preta, envolta por uma corda vermelha.

— Os melhores contrabandistas de Beacon — ele diz, orgulhoso. — Conseguimos o que você quiser.

— E você serve à Guarda?

Essa pergunta desfaz seu sorriso, e ele abaixa a manga. Crance confirma vagamente, sem muita convicção.

— Imagino que Egan seja um dos capitães — comento, apertando o passo até quase pisar nos calcanhares de Crance. Ele enrijece os ombros com a minha proximidade, e não deixo de notar os cabelos arrepiados na sua nuca. — E isso faz de você o quê? O tenente dele?

— Não ligamos para títulos — ele responde, desviando das minhas perguntas.

Mas estou apenas começando. Os outros observam o meu comportamento, confusos. Kilorn entenderia.

Melhor ainda: entraria no jogo.

— Desculpe, Crance. — Minhas palavras saem com uma doçura enjoativa. Soo como uma dama da corte, não como uma ladra, e isso lhe dá úlceras. — Só estou curiosa a respeito dos nossos irmãos e irmãs em Harbor.

Me conte, o que convenceu você a se unir à Guarda?

Um silêncio desconfortável. Olho para trás e os amigos de Crance estão tão quietos quanto ele, com olhos escuros por causa da pouca luz do túnel.

— Foi Farley? Você foi recrutado? — insisto, à espera de alguma fissura. Ele não responde, e um tremor de medo atravessa meu corpo. O que ele não está contando para a gente? — Ou você foi atrás da Guarda, como eu? Claro, eu tinha um ótimo motivo. Pensei que Shade estava morto, sabia? Queria vingança. Me juntei a eles porque queria matar as pessoas que mataram meu irmão.

Nada. Crance aperta o passo. Resvalei em alguma coisa.

— Quem os prateados tiraram de você?

Espero uma bronca de Shade por causa das perguntas, mas ele fica quieto. Não desvia a atenção do rosto de Crance, tentando descobrir o que o contrabandista está escondendo. Porque com certeza ele está escondendo algo. Até Farley fica tensa, embora tenha sido tão amistosa instantes atrás. Ela também notou alguma coisa que não tinha percebido antes. Sua mão vai até o casaco, fechando-se em torno do que só pode ser uma faca escondida. E Cal não baixa a guarda em nenhum momento. Seu fogo arde, uma ameaça flamejante penetrando a escuridão. De novo, penso no túnel. Começa a parecer uma tumba.

— Onde está Melody? — Farley murmura, erguendo a mão lentamente para deter a marcha de Crance. Todos paramos também, e penso ouvir nossos corações pulsando contra as paredes do túnel. — Egan jamais mandaria você. Não sozinho.

Aos poucos, viro o corpo para ficar de costas para a parede e de frente para Crance e seus comparsas. Cal imita meu movimento. Um punhado de fogo salta da mão dele e paira na palma. Minhas faíscas dançam, entrando e saindo da minha pele, brancas e roxas. A sensação é boa; elas são como fiozinhos de pura força. Sobre nós, o tráfego aumentou, e suspeito que estamos perto dos portões da cidade. Não é o melhor lugar para uma batalha.

Porque é isso que está prestes a acontecer.

— Onde está Melody? — Farley repete. Sua lâmina canta, cortando o ar, refletindo o fogo de Cal e reluzindo afiada, jogando uma luz abrasadora nos olhos do contrabandista. — Crance?

Apesar da luz ofuscante, ele arregala os olhos, cheios de um arrependimento verdadeiro. É o bastante para calafrios começarem a descer pelas minhas costas.

— Você sabe o que somos, o que Egan é. Somos bandidos, Farley — ele se explica. — Acreditamos no dinheiro… e na sobrevivência.

Conheço essa vida bem demais. Mas saí desse caminho. Não sou mais um rato. Sou a garota elétrica, e já perdi as contas de todos os ideais que carrego — liberdade, vingança, determinação… tudo que alimenta as faíscas dentro de mim e me faz seguir em frente.

Os comparsas de Crance se movem tão devagar quanto eu, sacando as armas dos coldres escondidos.

Três pistolas, todas em mãos capazes e nervosas.

Imagino que Crance também tenha uma, mas ainda não a revelou. Está ocupado demais tentando se explicar, tentando nos fazer entender exatamente o que está prestes a acontecer. E com certeza eu entendo. A traição não é estranha para mim, mas ainda faz meu estômago se contorcer e meu corpo congelar de

medo. Faço o máximo para ignorar a sensação, para me concentrar.

— Pegaram Melody — ele balbucia. — Mandaram o indicador dela para Egan hoje de manhã. Está acontecendo na cidade inteira, todas as gangues perderam alguém ou algo precioso. Os Marinheiros, os Piratas… Levaram até o filhinho de Ricket, e faz anos que ele saiu do jogo. E a recompensa… — ele faz uma pausa para soltar um assobio sombrio — não é de se jogar fora.

— Recompensa pelo quê? — solto, sem tirar os olhos da Marinheira perto de mim. Ela também me encara.

A voz de Crance é grave e dolorida.

— Por você, garota elétrica. Não é só a polícia e as forças armadas que estão atrás de você. Nós também.

Toda a rede de contrabando, todo o bando de ladrões daqui até Delphie. Você está sendo caçada, Barrow, dia e noite, por prateados e vermelhos. Sinto muito, mas é assim que as coisas são.

Ele não está se desculpando para mim, mas para Farley e meu irmão. Amigos que acaba de trair. Meus amigos, em grave perigo por minha causa.

— Que tipo de armadilha você preparou? — Shade berra, fazendo o máximo para soar ameaçador apesar da muleta debaixo do braço. — No que você nos meteu?

— Em nada que vá te agradar, Coelho.

Com a estranha luz do fogo de Cal, das minhas faíscas e da lanterna de Crance, quase não reparo na variação nos olhos dele, que saltam para a esquerda e pousam sobre o pilar bem do meu lado. O teto acima de nós está rachado e cedendo, e um pouco de pó cai pelas fendas no concreto.

— Seu filho da puta! — Shade rosna alto demais e com gestos exagerados. Parece capaz de atacar a qualquer momento. É a distração perfeita. Aqui vamos nós.

Os três Marinheiros erguem as armas e miram no meu irmão — ou, melhor dizendo, miram na coisa mais rápida que existe no mundo. Ele ergue o punho, os três puxam o gatilho… e as balas pairam o ar. Mergulho no chão, ensurdecida pelos disparos tão próximos da minha cabeça, mas mantenho todo o foco onde é necessário: no pilar. Uma rajada elétrica despedaça a madeira, incinerando-a de um lado a outro. Os pedaços ainda não atingiram o chão quando solto o segundo raio no teto rachado. Cal pula de lado na direção de Crance e Farley, desviando dos blocos de concreto. Se eu tivesse tempo, ficaria com medo de acabar soterrada com os Marinheiros, mas então a mão familiar de Shade agarra meu punho. Fecho os olhos, lutando contra a sensação de esmagamento, antes de cair

uns metros mais à frente no túnel. Ultrapassamos Crance e Farley, que está ajudando Cal a levantar. O túnel atrás deles está desmoronado, entre pó e concreto e três corpos esmagados.

Crance lança um último olhar para seus Marinheiros caídos. Em seguida, saca a pistola escondida. Por um breve e angustiante segundo, acho que vai atirar em mim. Mas, em vez disso, ele ergue os olhos eletrizantes e encara o túnel que treme à nossa volta. Seus lábios se movem para formar uma única palavra:

— Corram.

CATORZE



ESQUERDA, DIREITA, ESQUERDA DE NOVO, PARA CIMA.

Os berros de Crance nos seguem pelos túneis e guiam nossos passos acelerados. Os estrondos de outro desabamento nos fazem correr o mais rápido possível — deflagramos uma reação em cadeia, uma implosão dentro dos túneis. Uma ou duas vezes, o desabamento é tão perto que ouvimos o estalido agudo dos pilares rachando. Os ratos correm conosco, ziguezagueando para fora das sombras. Tremo quando eles disparam por cima do meu pé, suas caudas peladas chicoteando como barbantes. Não havia muitos ratos em Palafitas — as cheias do rio os afogariam —, e os toques do pelo preto e ensebado fazem minha pele arrepiar. Mas faço o máximo para deixar a repulsa de lado. Cal também não está feliz com eles e varre o chão com o punho flamejante, afastando as pestes sempre que chegam perto demais.

O pó envolve nossos tornozelos, pairando no ar, e a lanterna de Crance é praticamente inútil na escuridão. Os outros confiam no tato e estendem os braços para sentir as paredes, mas mantenho o foco no mundo sobre nós, na teia de fios elétricos e nos veículos em movimento.

Desenho um mapa na cabeça, que se sobrepõe ao mapa de papel praticamente decorado. Minha percepção é cada vez maior; a sensação é aterradora, mas não paro, me obrigando a absorver tudo o que posso. Os veículos gritam acima de nós, seguindo para a área do desabamento inicial. Alguns entram por vias laterais, provavelmente para evitar as estradas afundadas e os destroços. Uma distração. Ótimo.

Os túneis são domínio de Farley e Crance, um reino feito de pó. Mas cabe a Cal nos tirar das trevas, e nós dois percebemos a ironia disso. Quando paramos diante de uma porta de manutenção lacrada com solda, ninguém precisa dizer a ele o que fazer. Cal dá um passo à frente e estende as mãos; a pulseira solta suas faíscas e logo uma chama clara, quente, se aviva. O fogo dança na sua palma; ele agarra as dobradiças, derretendo-as em globos vermelhos de ferro. O próximo

obstáculo é ainda mais fácil: uma grade de metal enferrujada, que ele desmancha em segundos.

Mais uma vez, o túnel em ruínas ruge como um trovão, mas agora o ruído está bem mais distante. Os ratos são mais confiantes que nós — estão calmos e somem na escuridão de onde saíram. Suas pequenas sombras nos dão um conforto estranho e nojento.

Superamos a morte juntos.

Crance gesticula para a grade quebrada, dando a entender que devemos passar por ela. Mas Cal hesita, com a mão escaldante ainda segurando o ferro. Quando ele solta, só restam o metal vermelho e a marca da mão.

— Paltry? — pergunta lançando um olhar pelo túnel.

Cal conhece Harbor Bay bem melhor do que eu. Afinal, já morou aqui. Ele ficava em Ocean Hill sempre que a família real vinha para a região. Sem dúvida, usou parte do tempo para explorar as docas e as vielas, como fazia quando o encontrei pela primeira vez.

— Isso — Crance responde, acenando com a cabeça rápido. — O mais perto da central que posso deixar vocês. Egan mandou que eu levasse vocês pelo mercado de peixes e deixou um punhado de Marinheiros lá, à espera, isso sem falar no pelotão de agentes de segurança. Ele não acha que vocês vão entrar por Paltry, e não tem ninguém no prédio de vigia.

A forma como ele diz isso faz meu maxilar travar.

— Por quê? — pergunto.

— A Galeria Paltry é território dos Piratas.

Piratas. Outra gangue, provavelmente marcada com tatuagens mais sinistras que a âncora de Crance. Se não fossem as tramoias de Maven, eles poderiam ter ajudado uma irmã vermelha. Em vez disso, transformaram-se em inimigos quase tão perigosos quanto qualquer soldado prateado.

— Não foi isso que eu quis dizer — continuo, usando o tom de Mareena para esconder o medo. — Por que você está nos ajudando?

Alguns meses atrás, a ideia de ver três corpos esmagados me assustaria. Agora que já vi coisa bem pior, mal penso nos companheiros de Crance e em seus ossos partidos. Crance, apesar de ser um bandido, não parece tão confortável. Seus olhos miram a escuridão, na direção dos Marinheiros que ajudou a matar.

Provavelmente eram seus amigos.

Mas há amigos que eu trocaria, vidas que eu abandonaria para atingir meus objetivos. Já fiz isso antes.

Não é difícil deixar pessoas morrerem quando isso garante a vida de outras

pessoas.

— Não ligo para juramentos, para aurora vermelha ou para qualquer outra coisa com que a sua gente se importa — ele engasga, cerrando rápido o punho. — Palavras não me impressionam. Mas vocês fazem bem mais do que falar. Do jeito que entendo as coisas, ou traio o meu patrão ou o sangue.

Sangue. Eu.

Seus dentes reluzem à pouca luz, cintilando a cada farpa que solta.

— Até os ratos querem sair da sarjeta, srta. Barrow.

Ele então dá um passo além da grade, rumo à superfície, onde podem matar todos nós.

E eu o sigo.

Estufo o peito e encaro ecos e o fim do túnel. Nunca estive em Harbor Bay, mas o mapa e o meu sentido elétrico bastam. Juntos, desenham uma imagem das estradas e da fiação. Sou capaz de sentir os veículos militares avançando para o forte e as luzes da galeria.

Mais ainda: entendo de cidades. Multidões, vielas, todas os detalhes da vida cotidiana. Esse é meu tipo de camuflagem.

A Galeria Paltry é outro mercado, tão pulsante quanto o Grande Jardim de Summerton ou a praça de Palafitas.

Só que mais sujo, mais agitado, livre de senhores prateados e repleto de corpos vermelhos e gritos de barganha. O esconderijo perfeito. Emergimos no nível mais baixo, um emaranhado subterrâneo de barracas entrecruzadas por lonas encardidas. Não há fumaça nem mau cheiro aqui; vermelhos podem ser pobres, mas não burros. Um olhar para cima, pela grade que tapa o enorme buraco no teto, me diz que é nos andares superiores que comercializam peixes fedorentos ou carne defumada, para que os cheiros escapem para o céu. Por enquanto, estamos cercados de mendigos, inventores, tecelões, todos tentando enfiar suas mercadorias nas mãos de clientes que não têm sequer um tetrarca para tirar a sorte. O dinheiro deixa todos desesperados. Os mercadores precisam ganhá-lo, os compradores precisam guardá-lo, e todos ficam cegos. Sei que deveria ter medo, mas estar rodeada por pessoas iguais a mim é um conforto estranho.

Crance segue na frente. Seu andar de macho alfa se transforma num caminhar a passos mancos iguais aos de Shade. Ele puxa o capuz do colete e esconde o rosto.

Aos olhos de alguém desatento, parece um velho corcunda, embora esteja longe disso. Ele até apoia Shade por um tempo, abraçando-o pelo ombro para ajudá-lo a andar. Shade não precisa se preocupar em esconder o rosto e se concentra em não escorregar no piso irregular do andar subterrâneo da Paltry.

Farley fecha a retaguarda, e fico mais tranquila ao saber que ela me dá cobertura. Apesar de todos os seus segredos, posso confiar nela; talvez não para detectar armadilhas, mas para lutar com unhas e dentes para sair delas. Neste mundo de traições, é o melhor que posso esperar.

Faz alguns meses que não roubo nada. Quando passo a mão num par de xales cor de carvão expostos numa barraca, meus movimentos são ligeiros e perfeitos, mas sinto uma estranha pontada de arrependimento. Alguém fez isso; alguém teceu e tricotou a lã para criar essas mantas ásperas. Alguém precisa delas. Mas eu também.

Uma para mim, outra para Cal. Ele pega a dele rápido, enrolando-a na cabeça e nos ombros para esconder o rosto. Faço o mesmo, bem em cima da hora.

Nossos primeiros passos pelo mercado lotado e lúgubre nos levam até um quadro de anúncios.

Normalmente repleto de classificados, notícias e obituários, está coberto por vários impressos. Algumas crianças bagunçam o mural, arrancando os papéis que conseguem alcançar e fazendo bolinhas para tacar umas nas outras. Uma menina de cabelo preto e ralo e pés descalços, marrons, as observa. Ela se concentra nos dois rostos familiares que a encaram de uma dúzia de cartazes enormes e perversos anunciando com letras pretas garrafais: PROCURADOS PELA COROA POR TERRORISM O, TRAIÇÃO E ASSASSINATO. Duvido que a multidão em Paltry saiba ler, mas a mensagem é clara o suficiente.

A foto de Cal não é seu retrato oficial — que o faz parecer forte, nobre e audacioso —, mas sim uma imagem granulada, porém ainda nítida, de uma das muitas câmeras que o captaram momentos antes da sua execução fracassada no Ossário. Seu rosto está desfigurado, transtornado pela perda e pela traição, enquanto seus olhos cintilam um ódio sem limites. Os músculos do pescoço estão saltados pelo esforço. Talvez haja até sangue seco no colarinho da camisa. Tudo para que pareça o assassino que Maven quer mostrar. Os cartazes mais baixos estão cobertos de pichações em caligrafia apressada, gravadas com tanta violência que é até difícil decifrar. "Assassino do rei", "Exilado". As expressões rasgam o papel, como se as palavras fossem capazes de sangrar a pele fotografada. E, no meio delas, uma ordem: "Encontrar", "Encontrar", "Encontrar".

Minha foto também foi tirada no Ossário. Sei exatamente em que momento: antes de eu atravessar os portões da arena, logo após ouvir Lucas levar um tiro na cabeça. Naquele segundo, tive certeza de que ia morrer.

Pior: tive certeza de que eu era inútil. Arven, agora morto, estava comigo, sufocando meu poder, me reduzindo a nada. Meus olhos no cartaz estão

arregalados, temerosos, e eu pareço pequena. Não sou a garota elétrica nesta foto. Sou apenas uma adolescente assustada. Uma pessoa que ninguém apoiaria, muito menos protegeria. Não duvido que foi o próprio Maven quem escolheu a foto, sabendo exatamente que tipo de imagem queria projetar. Só que alguns não se deixaram enganar. Alguns viram numa fração de segundo a minha força, o poder dos meus raios, antes de cortarem a transmissão da execução. Alguns sabem o que sou, e escreveram no cartaz para todos verem: "Rainha vermelha", "Garota elétrica", "Está viva", "Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora", "Levantar",

"Levantar", "Levantar".

Cada palavra arde como ferro em brasa, queimando fundo. Mas não podemos demorar diante do mural.

Cutuco Cal para afastá-lo da imagem brutal de nós dois.

Ele se retira de bom grado, seguindo Shade e Crance entre o redemoinho de gente. Contenho a vontade de tocá-lo para tirar um pouco do peso de seus ombros.

Por mais que queira senti-lo, não posso. Preciso manter os olhos adiante, longe do fogo de um príncipe caído.

Preciso resfriar o coração para a única pessoa capaz de fazê-lo arder.

Subir pela Paltry é mais fácil do que parecia. Um mercado vermelho não é muito importante, então os policiais e as câmeras são raros nos níveis mais baixos.

Mesmo assim, me mantenho alerta, à procura de olhos eletrônicos capazes de penetrar o caos de barracas e toldos. Gostaria de poder simplesmente desligá-los em vez de tentar desviar, mas isso seria perigoso demais.

Um blecaute misterioso com certeza chamaria atenção.

Os agentes também são preocupantes, e se destacam nitidamente nos uniformes pretos da segurança. À medida que subimos até a superfície da cidade, o número de agentes aumenta. A maioria parece entediada com a vida dos vermelhos, mas alguns se mantêm despertos.

Seus olhos vasculham a multidão, procurando.

— Abaixe — sussurro, agarrando o punho de Cal com força. O gesto faz meus nervos faiscarem da mão até o braço, me obrigando a soltar rápido demais.

Ainda assim, ele faz o que peço, e se inclina para se esconder. Talvez ainda não seja o suficiente. Tudo isso pode não ser o suficiente.

— Se preocupe com ele. Se ele sair correndo, precisamos estar preparados — Cal cochicha, com o lábio próximo o bastante para roçar meu ouvido. Através das dobras do xale, ele aponta para Crance. Mas meu irmão tem o Marinheiro nas

mãos, segurando forte o colete dele. Como nós, ele não confia no contrabandista além do que a vista alcança.

— Shade está cuidando dele. Concentre-se em manter a cabeça baixa.

Cal solta mais um suspiro de irritação por entre os dentes.

— Apenas observe. Se ele for correr, vai ser daqui a trinta segundos.

Não preciso perguntar como ele sabe disso. A julgar pelo movimento da multidão, mais trinta segundos e estaremos no topo da escada frágil e retorcida, pisando no andar principal da Paltry. Dá para ver o centro do mercado agora, logo acima, inundado com a luz do meio-dia, que quase nos cega depois de tanto tempo debaixo da terra.

As barracas parecem mais profissionais. Uma cozinha aberta enche o ar com o aroma de carne assada. Após tantos pacotes de ração e peixes salgados, fico com água na boca. Arcos puídos de madeira curvam-se sobre nós, sustentando um teto de lona rasgada e remendada. Alguns estão danificados, deformados pela chuva e pela neve.

— Ele não vai correr — Farley sussurra, abrindo espaço entre nós. — Pelo menos não para Egan. Vai acabar sendo morto por trair os Marinheiros. Se for para algum lugar, será para fora da cidade.

— Então deixe ele ir — replico, também aos cochichos. A última coisa que preciso é ser babá de mais um vermelho. — Ele não serve para mais nada, certo?

— E se ele correr direto para uma cela de cadeia e um interrogatório, o que acontece? — A voz de Cal sai suave mas ameaçadora. Um lembrete frio do que é necessário para nos proteger.

— Ele deixou três dos seus morrerem por minha causa, para me manter segura — digo. Nem lembro do rosto deles. Não quero lembrar. — Duvido que a tortura seja um grande incômodo.

— Qualquer mente pode ceder a Elara Merandus — Cal diz finalmente. — Você e eu sabemos disso melhor que ninguém. Se ela o pegar, vão nos encontrar. Os sanguenovos de Harbor serão encontrados.

Se.

Cal quer matar um homem com base num terrível "se". Ele toma meu silêncio como concordância e, para minha vergonha, não está totalmente errado. Pelo menos ele não vai me forçar a fazer isso, embora minha eletricidade mate tão rápido quanto seu fogo. Mas a mão dele se perde pelo xale e vai até a faca que sei que mantém escondida. Minhas mãos tremem sob as mangas da camisa, e rezo para que Crance continue a andar, que seus passos não vacilem, que ele não ganhe uma facada nas costas por ousar me ajudar.

O andar principal da Paltry é mais barulhento que os níveis inferiores, um excesso de sons e imagens. Reduzo um pouco o sentido elétrico, fechando o suficiente para me manter atenta. As luzes chiam no teto e oscilam em pulsos desiguais. A fiação está com defeito, fraquejando em algumas partes, o que incomoda meus olhos. As câmeras — sinto-as com mais intensidade aqui — convergem no posto de segurança, no centro do mercado. É pouco mais que uma barraca, com dois metros de largura, cinco janelas e um telhado de ripas.

Mas, diferente das outras barracas, está cheia de agentes, não de mercadorias. Agentes demais, percebo com um horror que cresce firme e forte.

— Mais rápido — cochicho. — Precisamos ir mais rápido.

Meus passos aceleram. Ultrapasso Cal e Farley até quase tropeçar em Crance. Shade me olha por cima do ombro, franzindo a testa. Mas seu olhar vai além de mim, além de todos nós, e se fixa numa coisa no meio da multidão. Uma coisa, não. Alguém.

— Estão nos seguindo — sussurra, apertando mais forte o braço de Crance. — Piratas.

Que se danem os instintos. Levanto o capuz para dar uma olhada neles. Não são difíceis de ver, com as cabeças raspadas cobertas pela tatuagem branca de um crânio com ossos pontiagudos. Quatro piratas abrem caminho entre a multidão, nos seguindo como gatos vigiam ratos. Dois pela esquerda, dois pela direita, nos encurralando. Se a situação não fosse tão crítica, acharia graça nas tatuagens. A multidão os reconhece à primeira vista e se divide para deixá-los passar, para deixá-los caçar.

É evidente que os outros vermelhos temem esses criminosos, mas eu não. Um punhado de bandidos não é nada se comparado à força de uma dúzia de agentes de segurança rodeando o posto. Podem ser lépidos, forçadores, oblívios — prateados capazes de nos fazer pagar com sangue e dor. Pelo menos sei que não são tão poderosos quanto os prateados da corte, murmuradores e silfos e silenciadores. Murmuradores poderosos como a rainha Elara não trajam o uniforme preto das patentes baixas. Eles controlam exércitos e reinos, não poucos metros de mercado, e estão bem longe daqui. Por enquanto.

Para a nossa surpresa, o primeiro golpe não vem de trás, mas bem da nossa frente. Uma velhota corcunda de bengala não é o que parece, e engancha um pedaço de madeira retorcida no pescoço de Crance. Ela o derruba no chão enquanto remove o manto, revelando a careca e a tatuagem de caveira.

— O mercado de peixes não basta para você, Marinheiro? — ela provoca enquanto assiste Crance cair de costas. Shade também cai, enroscado em Crance e

na própria muleta.

Faço menção de ajudar e preparo um pulo para a frente, mas um braço me agarra pela cintura e me puxa de volta para a multidão. As pessoas param para ver, ansiosas por um pouco de diversão. Nos misturamos às pessoas sem ninguém perceber, nem os quatro Piratas que nos seguiam. Não somos o alvo deles… ainda.

— Continue andando — Cal troveja no meu ouvido.

Mas finco os pés no lugar. Não vou deixar ninguém me levar a lugar nenhum, nem mesmo ele.

— Não sem Shade.

A Pirata dá outra pancada em Crance quando ele tenta levantar, e a bengala estala contra seus ossos. Ela é rápida e logo aponta a arma para Shade, que é esperto o bastante para permanecer no chão, com os braços erguidos numa rendição fingida. Poderia desaparecer num instante e saltar até a segurança, mas sabe que não é possível. Não com todos os olhares sobre si. Não com o posto da segurança tão perto.

— Burros e ladrões, é isso que são — uma mulher perto de mim resmunga. Parece a única incomodada com a cena. Comerciantes, clientes e meninos de rua: todos observam os três, ansiosos. Enquanto isso, os agentes não fazem nada, assistindo com uma curiosidade velada. Chego até a flagrar alguns segurando moedas para fazerem suas apostas na briga iminente.

Outra pancada, desta vez no ombro ferido de Shade.

Ele cerra os dentes na tentativa de abafar o gemido de dor, mas mesmo assim acaba ressoando alto pela Paltry.

Quase sinto o golpe em mim, e me contorço quando meu irmão se dobra.

— Não reconheço seu rosto, Marinheiro — a pirata grasna. Ela bate mais uma vez, com força suficiente para dar um recado. — Mas Egan com certeza vai reconhecer. Ele vai pagar para ter você de volta, ainda que um pouco machucado.

Cerro o punho, desejando minha eletricidade, mas sinto o fogo. Pele quente contra a minha, dedos enroscados no meu braço. Cal. Não vou conseguir usar meu poder sem feri-lo. Parte de mim não se importa com isso e quer afastá-lo para salvar meu irmão num movimento arrasador. Mas isso não vai nos levar a lugar nenhum.

Com um suspiro sentido, percebo que não poderíamos pedir uma distração melhor, um momento melhor para sumir. Shade não é uma distração, uma voz grita na minha cabeça. Mordo o lábio a ponto de quase fazê-lo sangrar. Não posso

abandonar Shade, não posso.

Não posso perder meu irmão de novo. Mas não podemos ficar aqui. É perigoso demais, e há coisas mais importantes em jogo.

— A central de segurança — murmuro, tentando manter minha voz estável. — Temos que encontrar Ada Wallace, e a central é o único jeito — digo. Em seguida, acrescento palavras com gosto de sangue: — Precisamos ir.

Shade deixa o golpe seguinte o jogar para o lado, o que lhe oferece um ângulo de visão melhor. Nossos olhares se encontram. Espero que ele entenda. Meus lábios se movem sem emitir som — "central de segurança" é o que digo, informando onde ele poderá nos encontrar quando escapar. Porque ele vai escapar. É um sanguenovo como eu. Essa gente não é páreo para ele.

Soa quase convincente.

Sua expressão se desmancha, arrasado ao perceber que não vou salvá-lo. Mesmo assim, ele assente. E então a onda de pessoas o engole por completo, bloqueando a minha visão. Viro as costas antes de a bengala acertar mais um osso. Ouço o som duro e ressonante do golpe.

Estremeço de novo e lágrimas começam a despontar dos meus olhos. Quero olhar para trás, mas preciso ir embora, fazer o que deve ser feito e esquecer o que deve ser esquecido.

A multidão grita e avança, o que facilita nossa fuga até a rua, adentrando fundo em Harbor Bay.

As ruas ao redor da Paltry são como o próprio mercado: lotadas, barulhentas, fedendo a peixe e a temperos. Não espero menos do setor vermelho da cidade, onde as casas se espremem e se inclinam por cima das vielas, formando arcadas sombrias, ocupadas por lixo e mendigos. Não enxergo nenhum agente; eles devem estar na briga entre gangues na Paltry, ou foram chamados ao desmoronamento do túnel bem atrás de nós. Cal assume a dianteira agora, nos conduzindo direto para o sul, para longe do centro vermelho.

— Território familiar? — Farley pergunta, cravando os olhos desconfiados em Cal quando ele nos faz descer mais uma viela sinuosa. — Ou você está apenas tão perdido quanto eu?

Ele não se dá ao trabalho de responder. Reage apenas com um gesto rápido. Paramos perto de uma taverna cujas janelas estão tomadas pelas sombras dos bêbados profissionais. Os olhos de Cal se detêm na porta, pintada de vermelho vivo. Um de seus velhos esconderijos, imagino, de quando podia escapar discretamente de Ocean Hill para ver seu reino sem o verniz da alta sociedade prateada. É o que um bom rei faria, ele me disse. Mas, como descobri, a definição

que ele tinha de "bom rei" era muito, muito imperfeita. Os mendigos e ladrões que encontrou ao longo dos anos não foram o bastante para convencer o príncipe. Ele testemunhou fome e injustiça, mas não o suficiente para garantir uma mudança. Não o suficiente para se preocupar. Isso até seu mundo mastigá-lo e cuspi-lo e transformá-lo num órfão, num exilado, num traidor.

Nós o seguimos por necessidade. Porque precisamos de um soldado e de um piloto, de um instrumento robusto para nos ajudar a alcançar nossos objetivos. Pelo menos é o que digo a mim mesma enquanto acompanho seus passos. Preciso de Cal por motivos nobres. Para salvar vidas. Para vencer.

Mas, assim como meu irmão, também tenho uma muleta. E a minha não é de metal, é de carne e osso e fogo e olhos de bronze. Se ao menos eu fosse capaz de me desfazer dele, se ao menos fosse forte o bastante para deixar o príncipe partir e cuidar de sua própria vingança… Para morrer ou viver como lhe desse na telha. Mas preciso dele. E não consigo encontrar em mim a força para deixá-lo ir.

Embora estejamos longe do mercado de peixes, a rua tem um cheiro horrível. Subo o xale até o nariz para tentar bloqueá-lo. Não é peixe, percebo, e os outros também.

— É melhor não irmos por aqui — Cal fala baixo, estendendo a mão para me parar, mas passo por baixo do braço dele. Farley vem logo atrás.

Chegamos ao fim da travessa e deparamos com o que costumava ser uma modesta praça. Agora, o lugar está sob um silêncio mortal. As janelas das casas e das lojas estão lacradas; as flores, queimadas; o solo, reduzido a cinzas. Dezenas de corpos pendem das árvores desfolhadas, com rostos roxos e inchados, enforcados.

Estão totalmente despidos, exceto por medalhões vermelhos idênticos, pendurados no pescoço. Não é nada luxuoso, apenas um quadrado de madeira com uma gravação, preso em um barbante grosso. Jamais vi medalhas assim, e me concentro neles para desviar o olhar de tantos rostos mortos.

Estão ali faz tempo, a julgar pelo cheiro e pelas nuvens de moscas ruidosas.

Já deparei com a morte antes, mas esses cadáveres são os piores que já vi… ou produzi.

— As Medidas? — reflito em voz alta. Será que esses homens e mulheres violaram o toque de recolher?

Falaram fora de hora? Foram executados pelas ordens que dei? Não eram suas ordens, digo a mim mesma. Mas isso não diminui minha culpa. Nada pode diminuir.

Farley faz que não com a cabeça.

— Eram da Ronda Vermelha — ela murmura. Ensaia um passo à frente, mas

muda de ideia. — Cidades maiores com grandes comunidades de vermelhos criam seus próprios policiais e agentes. Para manter a paz, manter as nossas leis. Porque a segurança não liga.

Por isso os Piratas atacaram Crance e Shade tão descaradamente. Sabiam que não seriam punidos.

Sabiam que a Ronda Vermelha estava morta.

— Devíamos cortar as cordas — digo, sabendo que isso não é possível. Não temos tempo para enterrá-los, e nem queremos lidar com esse problema.

Me obrigo a virar de costas. A cena é abominável, algo que jamais esquecerei, mas não choro. Cal está lá, esperando a uma distância segura, como se não tivesse o direito de entrar na praça dos enforcados. Concordo sem dizer nada. O pessoal dele fez isso. O pessoal dele.

Farley não se segura tão bem quanto eu. Ela tenta esconder as lágrimas, e eu finjo não notar enquanto nos retiramos.

— Vai haver um acerto de contas. Eles vão pagar por isso — ela sibila com palavras mais tensas do que qualquer corda no pescoço.

Quanto mais nos afastamos da Paltry, mais organizada a cidade se torna. As vielas se alargam em ruas, com curvas suaves em vez de quinas bruscas. As construções são de pedra ou concreto liso, e não parecem prestes a cair a qualquer brisa forte. Algumas casas são cuidadas com esmero, ainda que pequenas, e devem pertencer aos vermelhos bem-sucedidos da cidade, a julgar pelas janelas e persianas vermelhas. São marcadas com a nossa cor, para que todos saibam quem mora lá dentro. Os vermelhos que circulam pela rua também são limpos, e a maior parte usa fitas vermelhas no punho. Alguns portam broches presos à roupa, cujas cores familiares indicam a família a que servem.

O criado mais próximo traz um broche vermelho e marrom. Casa Rhambos.

Minhas aulas com Lady Blonos me vêm à cabeça num turbilhão, num borrão de fatos semidecorados.

Rhambos, uma das Grandes Casas. Governadores desta região, chamada Beacon. Forçadores. Uma garota da família participou da Prova Real, um fio de gente chamada Rohr, capaz de me rasgar ao meio. Encontrei outro Rhambos no Ossário. Era para ser um dos meus carrascos, e eu o matei, eletrocutando-o até seus ossos guincharem.

Ainda ouço seus gritos. Depois da praça dos enforcados, a lembrança quase me faz sorrir.

Os criados dos Rhambos seguem para o oeste e sobem uma ladeira suave até uma colina que dá vista para a enseada. Vão para a mansão do seu senhor, sem

dúvida. É uma das muitas casas suntuosas que pontilham a região, cada uma ostentando impecáveis paredes brancas, telhados azul-celeste, obeliscos prateados enormes que culminam em estrelas pontiagudas. Seguimos os criados morro acima, cada vez mais próximos da maior de todas as construções.

Parece coroada por constelações, rodeada de muralhas claras e reluzentes. As paredes são de diamante.

— Ocean Hill — Cal diz, acompanhando meu olhar.

O complexo domina o topo das colinas, como um gato gordo e branco estirado preguiçosamente atrás de paredes cristalinas. Assim como o Palácio de Whitefire, as beiras dos telhados são decoradas por chamas de metal dourado, forjadas com tanta perfeição que parecem dançar à luz do sol. As janelas reluzem como joias, todas limpas, fruto do trabalho de sabe-se lá quantos criados vermelhos. Ruídos e estrondos de uma obra ecoam do palácio; estão construindo algo na residência real que só Maven sabe o que é. Parte de mim quer ver — e tenho que rir desse lado idiota. Se um dia eu voltar a botar os pés num palácio, será acorrentada.

Cal não consegue olhar Ocean Hill por muito tempo.

O palácio é só uma lembrança distante agora, um lugar onde ele não pode mais entrar, um lar para o qual ele não pode retornar.

Acho que temos isso em comum.

QUINZE



GAIVOTAS ESTÃO EM POLEIRADAS NAS ESTRELAS que decoram cada telhado, nos observando passar pelas sombras frescas do meio-dia. Me sinto exposta sob o olhar das aves, um peixe prestes a ser pescado para o jantar. Cal nos faz manter um ritmo enérgico, e sei que também sente o perigo. Mesmo andando pelos becos, ladeados apenas pelas entradas de serviço e alojamentos de criados, ainda estamos completamente deslocados com nossos capuzes e roupas esfarrapadas. Esta parte da cidade é pacífica, silenciosa, impecável… e perigosa.

Quanto mais avançamos, mais fico tensa. E o pulso de eletricidade se intensifica, latejando em cada casa por que passamos. Chega até a pender sobre nossas cabeças em fios camuflados por trepadeiras ou por toldos de listras azuis. Mas não sinto nenhuma câmera, e os veículos se limitam às ruas principais. Até agora, passamos despercebidos, protegidos por distrações sangrentas.

Cal nos guia depressa pelo que chama de Setor Estrela. Com suas milhares de estrelas nos cem telhados em cúpula, o bairro faz jus ao nome. O príncipe nos guia por vielas, fazendo questão de manter uma distância segura de Ocean Hill até completarmos a volta e chegarmos a uma estrada principal, agitada pelo tráfego.

Uma ramificação da estrada do Porto, se lembro direito do mapa, que liga Ocean Hill e seus anexos à enseada movimentada e ao Forte Patriota mais à frente, estendendo-se sobre a água. Desse ângulo, a cidade inteira surge espalhada à nossa volta numa pintura branca e azul.

Nos enfiamos no meio dos vermelhos que lotam as calçadas. O pavimento branco está abarrotado de veículos militares que variam em tamanho — desde automóveis para duas pessoas até grandes caixas blindadas com rodas —, quase todos marcados com a espada símbolo do exército. Os olhos de Cal brilham sob o capuz, observando cada um deles passar. Já eu estou mais preocupada com os veículos civis. Embora em menor quantidade, eles reluzem e aceleram no meio do trânsito. Os mais impressionantes carregam bandeiras coloridas para indicar a que casa pertencem ou que passageiros estão transportando. Para o meu alívio,

não vejo nenhuma bandeira vermelha e preta da Casa Calore, de Maven, nem o branco e azul-marinho da Casa Merandus, de Elara. Pelo menos hoje não preciso esperar o pior.

A multidão que se acotovela na calçada nos força a andar espremidos um contra o outro; Cal à minha direita, Farley à minha esquerda.

— Falta muito? — falo baixo, retraindo o rosto de volta para o capuz.

A imagem do mapa surge turva na minha lembrança, apesar de todo o meu esforço. O vaivém foi demais para que conseguisse me localizar.

Em resposta, Cal estica o queixo na direção de um aglomerado agitado de pessoas e veículos mais à frente.

Engulo em seco ao ver o que, sem dúvida, deve ser o coração de Harbor Bay. A coroa da cidade, cercada de pedras brancas e paredes de diamante. Não consigo enxergar muito do palácio além dos portões azuis com escamas de prata, mas alguns torreões estrelados despontam por cima dos muros. É um lugar bonito, mas frio, cruel e cortante. Perigoso.

No mapa, esta parte parecia não passar de uma praça diante dos portões de Ocean Hill, com acesso à enseada e ao Forte Patriota por uma descida suave. A realidade é muito diferente. Aqui, dois mundos do reino parecem se misturar; vermelhos e prateados convergem por um instante mínimo. Estivadores, soldados, criados e nobres caminham sob a cúpula de cristal que se eleva sobre o pátio gigantesco. Há uma fonte no centro, rodeada de flores brancas e azuis ainda intocadas pelo outono. O sol cintila através da cúpula, filtrando a luz e distribuindo-a em feixes dançantes, coloridos e caóticos. Os portões do forte ficam logo no final da avenida em que estamos, e também brilham com a luz variável da cúpula. Assim como os portões do palácio, foram construídos com maestria: doze metros de altura em bronze e prata, reluzentes e trançados na forma de um peixe gigante saltando. Se não fossem as dezenas de soldados e o meu absoluto terror, talvez eu achasse os portões magníficos.

Eles escondem a ponte mais adiante e o Forte Patriota, longínquo sobre o mar. Cornetas e gritos e gargalhadas são demais para mim, a ponto de eu ter de olhar para baixo para recuperar o fôlego. A ladra em mim desfruta de tamanha confusão, mas o resto de mim se sente temeroso e desgastado, como um fio desencapado que tenta conter suas faíscas.

— Você tem sorte de não ser a Noite da Estrela Solitária — Cal cochicha com um olhar distante. — A cidade inteira explode em festivais.

Não tenho forças para responder, nem quero. A Noite é um feriado prateado, celebrado em memória de uma batalha naval de décadas atrás. Não significa nada

para mim, mas basta ver Cal e seu olhar distraído para concluir que para ele é diferente. Viveu a festa nesta mesmíssima cidade, e lembra dela com carinho. Música, risadas e sedas. Talvez fogos de artifício na orla, e um banquete real para encerrar. O sorriso aprovador do pai, as piadas com Maven. Tudo o que perdeu.

Agora é a minha vez de olhar ao longe. Essa vida acabou, Cal. Essas lembranças não deviam mais te deixar feliz.

— Não se preocupe — ele retoma quando sua expressão volta ao normal, balançando a cabeça para desfazer um sorriso triste. — Conseguimos. A central de segurança é logo ali.

O prédio apontado por ele fica na beira da praça agitada, e seus muros brancos contrastam com o emaranhado de veículos abaixo. Parece uma fortaleza bonita, com janelas de vidro grosso e degraus que levam a um terraço rodeado de colunas esculpidas na forma de um rabo de peixe enorme. Passarelas vigiadas pendem do topo das muralhas de diamante de Ocean Hill, unindo a central de segurança ao resto do complexo real. O telhado também é azul, só que não está decorado com estrelas, mas com estacas. Ferros de dois metros com pontas afiadas e perversas. Imagino que sirvam para os magnetrons usarem contra qualquer tipo de ataque. O resto do prédio é igual, coberto de armas prateadas.

Trepadeiras e plantas espinhosas envolvem as colunas e duas piscinas armazenam água escura para os ninfoides.

E, claro, há guardas armados com rifles de longo alcance em cada porta.

Pior que qualquer guarda são os estandartes, tremulando à brisa do mar, pendendo das paredes, pequenas torres e colunas escamadas. Não portam a imagem da lança prateada da segurança, mas a da coroa flamejante. Preta, branca e vermelha, com pontas retorcidas em línguas de fogo. É o símbolo de Norta, do reino, de Maven. De tudo o que tentamos destruir. Há outros estandartes, dourados, onde está o próprio Maven. Ou pelo menos a imagem dele — encarando o infinito, com a coroa do pai e os olhos afiados da mãe.

Parece um garoto jovem, mas forte, um príncipe que se ergue para fazer frente ao maior dos desafios. "VIDA LONGA AO REI" formam as letras gritantes sob cada imagem do seu rosto anguloso e pálido.

Apesar das defesas impressionantes, apesar do olhar assustador de Maven, não consigo conter o sorriso. A central pulsa com a minha própria arma: eletricidade. É mais poderosa do que qualquer magnetron, qualquer verde, qualquer rifle. Está por toda parte. E é minha. Se ao menos eu a pudesse usar de verdade, se ao menos não tivéssemos que nos esconder…

Se. Desprezo essa palavra idiota.

Ela paira no ar, próxima o bastante para que eu a toque. E se não conseguirmos entrar? E se não conseguirmos encontrar Ada ou Wolliver? E se Shade não voltar?

A última pergunta queima mais do que as outras. Apesar de os meus olhos estarem acostumados com ruas lotadas, não vejo meu irmão em lugar nenhum.

Deveria ser fácil notá-lo, mancando com a muleta, mas não o encontro.

O pânico intensifica meus sentidos e arranca o mínimo de autocontrole que trabalhei tão duro para cultivar. Preciso morder o lábio para não suspirar alto.

Onde está meu irmão?

— Então esperamos? — Farley pergunta, numa voz trêmula que revela o próprio receio. Seus olhos correm de um lado para o outro, à procura. Do meu irmão. — Acho que nem mesmo vocês dois são capazes de entrar aí sem Shade.

Cal bufa, ocupado demais enquanto examina as defesas para se dar ao trabalho de olhar para Farley.

— Poderíamos entrar com facilidade. Talvez isso implicasse mandar o prédio inteiro pelos ares numa nuvem de fumaça. Não seria uma aproximação sutil…

— Não, não mesmo — comento baixo, ao menos para me distrair.

Mas não importa o quanto eu tente manter o olhar fixo nos meus pés ou nas mãos de Cal, não consigo parar de pensar em Shade. Até agora, jamais duvidei que ele fosse se encontrar com a gente, não de verdade. Ele é capaz de se teletransportar, é a coisa mais rápida que existe, e um punhado de bandidos das docas não deveria ser ameaça para ele. Foi isso que disse a mim mesma na Paltry, quando o deixei. Quando o abandonei. Ele levou um tiro no meu lugar há alguns dias, e eu o joguei para os Piratas como quem joga um cordeiro para os lobos.

Ainda em Naercey, falei para Shade que não confiava nas palavras dele. Acho que ele não deveria confiar nas minhas também.

Enfio os dedos no capuz, tentando massagear os músculos tensos do meu pescoço. Mas não fico nem um pouco aliviada. Agora estamos à toa diante de um autêntico pelotão de fuzilamento, à espera, como franguinhos olhando a faca do açougueiro. E, embora eu tema por Shade, também temo por mim. Não posso ser pega. Não vou.

— Pela entrada dos fundos — digo. Não é uma pergunta. Toda casa tem uma porta, mas também tem janelas, um buraco no telhado ou uma tranca quebrada.

Sempre há um jeito de entrar.

Cal franze a testa, perdido pela primeira vez. Nunca é bom mandar um soldado fazer o trabalho de um ladrão.

— É melhor esperarmos Shade — ele diz. — Ninguém vai perceber que ele

entrou. Uns minutos a mais…

— Arriscamos a vida de mais sanguenovos a cada segundo desperdiçado. Além disso, Shade não vai ter problemas para nos encontrar mais tarde — argumento, dando os primeiros passos para fora da estrada do Porto, rumo a uma rua lateral. Cal me segue, bufando. — Tudo o que ele precisa fazer é seguir a fumaça.

— Fumaça? — ele questiona, pálido.

— Um incêndio controlado — explico, formulando um plano tão depressa que as palavras mal têm tempo de sair da minha boca. — Algo restrito. Uma parede de fogo grande o bastante para afastá-los. Alguns brutamontes ninfoides não devem ser uma ameaça muito grande para você, e se forem… — Cerro o punho, deixando uma minúscula faísca escapar pela mão. — É para isso que estou aqui. Farley, imagino que você conhece o sistema de registros?

Ela não hesita em confirmar, e seu rosto brilha com uma espécie de orgulho estranho.

— Finalmente — ela murmura. — Não faz sentido carregar vocês dois por aí se não servem para nada.

Os olhos de Cal escurecem de uma maneira terrível, que me faz lembrar do seu falecido pai.

— Vocês sabem o que isso vai acarretar, não sabem?

— ele avisa, como se eu fosse uma criança. — Maven vai saber quem fez isso. Vai saber onde estamos. Vai saber o que estamos fazendo.

Rodeio Cal, com raiva por ter que explicar. Com raiva porque ele não confia em mim para tomar qualquer tipo de decisão.

— Faz mais de doze horas que pegamos Nix. Alguém vai perceber o desaparecimento dele, se já não tiverem percebido. Vão informar. Acha que Maven não está de olho em cada um dos nomes da lista de Julian? — Balanço a cabeça. Não sei como não pensei nisso antes.

— Maven vai saber o que estamos fazendo assim que ouvir falar do desaparecimento de Nix. Não importa o que fizermos aqui. Depois de hoje, aconteça o que acontecer, a caçada humana vai começar. Vão nos procurar em todas as cidades, dar ordens para nos executar imediatamente. Por que não nos adiantamos aos fatos?

Ele não discute, mas isso não quer dizer que concorda. Em todo caso, não ligo. Cal não conhece este lado do mundo, não conhece as sarjetas e a lama em que precisamos nos jogar. Eu conheço.

— É hora de lutar pra valer, Cal — Farley intervém.

De novo, nenhuma resposta. Ele parece deprimido, enojado até.

— Eles são o meu povo, Mare — sussurra, finalmente. Outro homem gritaria, mas Cal não é do tipo que berra. Seus sussurros costumam queimar; agora, sinto apenas determinação. — Não vou matá-los.

— Prateados — acrescento. — Você não vai matar prateados.

Ele balança a cabeça devagar.

— Não posso.

— Há pouco tempo você estava disposto a acabar com Crance — insisto, com raiva. — Ele também faz parte do seu povo, ou faria, caso você fosse rei. Mas acho que o sangue dele é da cor errada, né?

— É que… — ele gagueja. — É diferente. Se ele fugisse, se fosse capturado, correríamos tanto perigo…

As palavras entalam em sua garganta e se desfazem.

Porque simplesmente não há mais justificativas que ele possa dar. Cal é um hipócrita, puro e simples, não importa quão justo afirme ser. Seu sangue é prateado e seu coração é prateado. E ele jamais valorizará qualquer coisa que não a sua gente.

Vá embora, é o que quero dizer. As palavras têm um sabor amargo. Não consigo empurrá-las para fora. Por mais odiosos que sejam o preconceito e a fidelidade dele, não consigo fazer o que devo. Não consigo deixá-lo ir.

Ele está tão errado, mas não consigo deixá-lo ir.

— Então não mate. — É o que digo, cerrando os dentes. — Mas lembre que ele matou. Meu povo e o seu. Todos seguem Maven agora, e vão nos matar pelo novo rei.

Aponto um dedo ferido na direção da rua e dos estandartes com o rosto de Maven. Maven, que sacrificou prateados para a Guarda Escarlate, para transformar a imagem dos rebeldes em terroristas e destruir os próprios inimigos com um golpe só. Maven, que assassinou todos que me conheciam de verdade na corte. Lucas e Lady Blonos e minhas criadas, todos mortos porque eu era diferente. Maven, que ajudou a matar o próprio pai, que tentou executar o irmão.

Maven, que precisa ser destruído.

Uma pequena parte de mim teme que Cal simplesmente vá embora. Ele poderia desaparecer pela cidade para procurar o pouco de paz que talvez ainda exista no seu coração. Mas não. Seu ódio pode estar enterrado fundo, porém é mais forte do que a razão. Ele vai ter a sua vingança, assim como eu terei a minha.

Ainda que nos custe tudo o que amamos.

— Por aqui. — A voz dele ecoa. Não temos mais tempo para cochichos.

Ao dobrarmos a esquina atrás da central de segurança, aguço os sentidos na

direção das câmeras espalhadas pelos muros. Sorrindo, faço força, e elas entram em curto-circuito. Caem, uma a uma, com a minha onda de energia.

A entrada dos fundos é tão impressionante quanto a principal, embora seja menor. Um degrau amplo, como o de um pórtico, dá para o portão gradeado com metal curvado, com apenas quatro soldados de sentinela. Suas armas são reluzentes, bem polidas, mas parecem pesadas em suas mãos. Recrutas novos. Reparo nas fitas coloridas nos braços, símbolos das casas a que pertencem. Um deles nem tem fita: é um prateado de classe inferior, sem família importante e com poderes inferiores aos dos outros três — um banshee da Casa Marinos, um calafrio da Casa Gliacon e um forçador da Casa Greco. Para minha felicidade, não vejo o preto e branco da Casa Eagrie. Nada de olhos para ver o futuro imediato, para saber o que estamos prestes a fazer.

Eles nos veem chegar, e não se dão sequer ao trabalho de se empertigar. Vermelhos não são motivo de preocupação, não para soldados prateados. Como estão enganados…

Apenas quando paramos bem à frente do degrau do portão é que nos notam. O banshee, nada além de um garoto de olhos puxados e bochechas salientes, cospe em nossos pés.

— Continuem andando, ratos vermelhos — vocifera, num tom afiado.

Ignoramos, obviamente.

— Eu gostaria de prestar uma queixa — digo, em voz alta e clara, embora continue com a cabeça baixa. Sinto um calor subindo do meu lado e, pelo canto dos olhos, vejo Cal cerrar os punhos.

Os soldados começam a gargalhar e a trocar sorrisos grotescos. O banshee chega até a dar uns passos adiante para ficar bem perto de mim.

— A segurança não dá ouvidos a gente como você.

Vá falar com a Ronda Vermelha.

Mais gargalhadas. A do banshee fere meus ouvidos, ainda sensíveis.

— Acho que estão enrolados em alguma coisa no Jardim Stark — ele conclui entre risos nojentos.

Ao meu lado, Farley enfia a mão no casaco para sentir a faca que carrega consigo. Lanço um olhar fulminante para ela, na esperança de impedi-la de esfaquear alguém antes do momento certo.

Os portões de aço abrem, e um guarda surge no patamar. Ele cochicha algo para os garotos e capto as palavras "câmera" e "quebradas". Mas o soldado apenas dá de ombros, e seus olhos saltam para as câmeras espalhadas no muro acima de nós. Não encontram nada de errado. Não que pudessem encontrar.

— Sumam daqui — o banshee continua, abanando a mão como se estivesse espantando cães. Ao ver que permanecemos imóveis, ele aperta os olhos, que se tornam dois riscos negros e estreitos. — Ou vou ter que prender vocês por invasão?

Ele espera que nos retiremos como pobres coitados.

Nesses tempos, ser preso significa ser executado. Mas não cedemos. Se esse banshee não fosse um idiota cruel, até sentiria pena dele.

— Pode tentar — digo, levando as mãos ao capuz.

Meu xale cai pelos ombros, agitando-se como asas cinzentas antes de se amontoar aos meus pés. É boa a sensação de erguer a cabeça, de observar o frio reconhecimento espalhando medo pelo rosto do banshee.

Não tenho uma aparência notável. Cabelos castanhos, olhos castanhos, pele castanha. Ferida, exausta até os ossos, pequena, faminta. Sangue vermelho e quente. Não deveria amedrontar ninguém, mas o banshee com certeza está com medo de mim. Conhece o poder que vibra sob minhas feridas. Conhece a garota elétrica.

Ele tropeça no degrau e cai para trás, abrindo e fechando a boca, juntando forças para gritar.

— É… é ela! — O calafrio atrás dele gagueja, apontando para mim. O seu indicador trêmulo logo se transforma em gelo, e não consigo conter o sorriso ao sentir faíscas em volta das mãos. O chiado delas é meu melhor conforto.

Cal entra no espetáculo. Arranca o disfarce com um único e suave movimento, revelando o príncipe que os soldados foram criados para seguir e, mais tarde, ensinados a odiar. A pulseira estala e o fogo se espalha pelo xale, transformando-o numa bandeira flamejante.

— O príncipe! — exclama o forçador, chocado. Ele está atônito, relutante em agir. Afinal, até uns dias atrás, Cal era visto como uma lenda, não como um monstro.

O banshee é o primeiro a se recuperar e procura a arma no chão.

— Prendam eles! Prendam eles! — grita, e todos desviamos da rajada sônica que estilhaça as janelas do outro lado da rua.

A surpresa deixa os soldados lerdos e burros. O forçador não ousa se aproximar e tateia o corpo em busca da pistola, lutando para controlar a própria adrenalina. Um deles, o soldado que tinha acabado de sair, teve o bom senso de correr para a segurança dentro da central. Os quatro restantes são fáceis de lidar. O banshee não tem chance de gritar de novo com o choque que o acerta. A eletricidade penetra pelo seu peito e pescoço antes de subir até o cérebro. Por uma fração de segundo,

sinto claramente suas veias e nervos se ramificando como galhos sob a pele. Ele cai duro, num sono sombrio e profundo.

Então, um sopro gelado e violento me desestabiliza.

Viro e deparo com uma muralha de lascas de gelo voando contra mim, controladas pelo calafrio. Elas derretem antes de me atingir, destruídas por uma rajada do fogo de Cal. As chamas logo se voltam para o calafrio e o forçador, cercando os dois para que eu possa terminar o serviço. Dois choques bastam para nocautear ambos, que caem com tudo no chão. O último soldado, o desconhecido, tenta fugir, agarrando-se ao portão.

Farley o segura pelo pescoço, mas ele a faz voar pelos ares. É um telec, mas é fraco, e logo o despacho. Ele se junta aos outros no chão; seus músculos se contorcem levemente por causa dos meus pulsos elétricos. Dou um choque extra no banshee por sua maldade. O corpo dele se debate como um peixe na rede de Kilorn.

Tudo isso não leva mais que um instante. O portão ainda está aberto, balançando devagar nas dobradiças enormes. Seguro-o antes de a fechadura travar, enfiando o braço na atmosfera fresca e controlada da central de segurança. Posso sentir o agito da eletricidade nas luzes, câmeras, até na ponta dos dedos. Com um único fôlego firme, desligo tudo, mergulhando a câmara à nossa frente na escuridão.

Cal passa com cuidado por cima dos corpos inconscientes dos soldados, enquanto Farley faz questão de acertar um chute na costela de cada um.

— Pela Ronda — ela cospe ao quebrar o nariz do banshee.

Cal a interrompe antes que ela cause mais estrago, suspirando e passando o braço pelos ombros dela, arrastando-a para dentro do portão. Depois de olhar uma última vez para o céu, entro na central e fecho o portão de metal.

Os corredores escuros e as câmeras desligadas me lembram o Palacete do Sol, quando me esgueirei até os porões do palácio para salvar Farley e Kilorn da morte certa. Mas eu era quase uma princesa na época. Vestia seda e tinha Julian na retaguarda, abrindo caminho ao cantar para cada um dos guardas e dobrá-los à nossa vontade. Foi tudo limpo, sem nenhum derramamento de sangue além do meu. Bem diferente da central de segurança. A minha única esperança é limitar as fatalidades ao mínimo.

Cal sabe aonde ir e assume a liderança, mas não faz nada além de desviar dos guardas que tentam nos parar.

Para um brutamontes, ele até que se move com elegância, esquivando-se dos golpes de forçadores e lépidos. Ainda não quer machucar prateados, deixando esse

fardo para mim. A eletricidade destrói tanto quanto o fogo, e deixo uma trilha de corpos por onde passamos.

Digo a mim mesma que estão apenas inconscientes, mas no calor da batalha não dá para ter certeza. Não consigo controlar minhas faíscas com a mesma facilidade com que as crio; é provável que tenha matado um ou dois.

Não ligo. Farley também não. Seu facão sobe e desce em meio às sombras escuras. Já pinga sangue prateado quando chegamos ao nosso destino: uma porta comum.

No entanto, não sinto nada comum do outro lado.

Sinto uma máquina vasta, pulsando eletricidade.

— Aqui. A sala de registros — Cal diz, sem tirar os olhos da porta, incapaz de virar para trás e ver o nosso massacre. Ainda assim, ele cumpre a palavra e banha o corredor com suas chamas, criando uma barreira de calor e nos protegendo enquanto trabalhamos.

Forçamos a porta. Espero encontrar montanhas de papel, listas impressas como a que Julian me deu. Em vez disso, dou com uma parede de luzes piscantes, monitores e painéis de controle. Os circuitos oscilam, lerdos com a minha interferência na fiação. Sem pensar, toco o metal frio para acalmar minha respiração entrecortada. A máquina de registros retribui o gesto e entra num ritmo mais estável. Uma das telas ganha vida e acende em tons nebulosos de preto e branco. Texto pisca no monitor e deixa Farley e eu boquiabertas.

Jamais tínhamos imaginado, quanto mais visto, algo assim.

— Incrível — Farley suspira, arriscando um toque na tela. Seus dedos acompanham o texto numa leitura devagar. Letras grandes formam as palavras "Censo e Registros", com "Região de Beacon, Estado do Regente, Norta" escrito logo abaixo, numa fonte menor.

— Eles não tinham isso em Coraunt, tinham? — pergunto, querendo saber como ela descobriu o endereço de Nix no vilarejo.

Como esperado, ela faz que não com a cabeça.

— Coraunt mal tinha correio, muito menos um negócio destes.

Sorrindo, ela aperta um dos muitos botões sob a tela brilhante. E outro, e mais outro, e mais um. A tela pisca, e cada vez exibe respostas diferentes. Farley ri como uma criança, e continua a apertar.

Ponho a mão sobre a dela.

— Farley.

— Desculpa — ela diz. — Sua alteza podia dar uma ajudinha aqui?

Cal não recua da porta e gira o pescoço de um lado para o outro, de olho nos

guardas.

— Tecla azul. "Busca".

Aperto o botão antes de Farley. A tela escurece por um instante antes de ficar azul. Três opções aparecem em caixas brancas: "Busca por nome", "Busca por local", "Busca por tipo sanguíneo". Apressada, pressiono o botão com a palavra "Selecionar" e escolho a primeira caixa.

— Digite o nome que você quer e então aperte

"Avançar". Aperte "Imprimir" quando achar o que quer, para ficar com uma cópia em papel — Cal instrui. Mas um palavrão o faz desviar o olhar para um guarda se queimando na barricada de chamas. Ouço um disparo e sinto pena do guarda imbecil que tenta combater fogo com balas. — Rápido — Cal avisa.

Meus dedos pairam sobre as teclas, à procura de cada letra para digitar "Ada Wallace" em movimentos lentos e frustrantes. A máquina vibra novamente e a tela pisca três vezes antes de um texto aparecer. Inclui até uma foto, a mesma do cartão de identidade. Me detenho na imagem da sanguenova, olhando bem para sua pele dourada e para seus olhos suaves. Parece triste, mesmo na imagem minúscula.

Outro disparo ecoa, o que me faz dar um pulo. Volto a concentração para o texto, lendo rapidamente os dados pessoais de Ada. Já sei a data e o local de nascimento, bem como a mutação sanguínea que a transforma em uma sanguenova, como eu. Farley também procura, passando os olhos apressadamente pelas palavras.

— Aqui — anuncio, apontando para a informação que procuramos, mais feliz do que me senti em dias.

Profissão: criada, empregada pelo governador Rem Rhambos. Endereço: Praça Bywater, Setor Canal, Harbor Bay.

— Sei onde é — Farley diz, já com o dedo no botão

"Imprimir". A máquina cospe o papel com as informações do registro de Ada.

O próximo nome sai ainda mais rápido. Wolliver Galt.

Profissão: mercador, empregado pela Cervejaria Galt.

Endereço: Jardim da Batalha com estrada Charside, Setor Três Pedras, Harbor Bay. Então Crance não mentiu quanto a isso, pelo menos. Vou ter que cumprimentá-lo se um dia voltar a vê-lo.

— Terminaram? — Cal grita da porta, e consigo captar a tensão em sua voz. É só uma questão de tempo até os ninfoides virem correndo e a parede flamejante se desfazer.

— Quase — murmuro, batendo nas teclas de novo.

— Essa máquina não serve só para Harbor Bay, serve?

Cal não responde, ocupado demais sustentando a barreira, mas sei que estou certa. Sorrindo, saco a lista do casaco e abro na primeira página.

— Farley, vá para aquela tela.

Ela salta para o terminal ao lado como um coelho, e começa a apertar uma tecla até o painel seguinte acender.

A lista vai trocando de mãos à medida que digitamos um nome atrás do outro, juntando os papéis impressos. Os dez nomes da região de Beacon. A garota das favelas de Cidade Nova, uma avó de setenta anos de Cancorda, gêmeos nas Ilhas Bahrn, e assim por diante. Uma pilha se forma no chão, e cada impressão diz mais do que a lista de Julian seria capaz. Eu deveria ficar empolgada, extasiada com o feito, mas algo sufoca minha felicidade.

Tantos nomes. Tantos para salvar. E estamos avançando muito devagar. Não há como encontrar todos a tempo, não assim. Nem com o jato, os registros e todos os túneis de Farley. Vamos perder alguns. Não há como evitar.

Meus pensamentos se desintegram junto com a parede atrás de mim, que implode numa nuvem de pó, revelando a silhueta angulosa de um homem de carne cinza e rochosa, dura como um tanque de guerra. Pétreo é tudo que consigo pensar antes de ele atacar, pegando Farley pela cintura. A mão dela ainda está agarrada aos formulários impressos, arrancando o papel precioso da máquina. As folhas tremulam atrás dela como uma bandeira branca de rendição.

— Não resista! — o pétreo ruge enquanto a prensa contra a janela do outro lado da sala. A cabeça de Farley bate no vidro, que se estilhaça. Os olhos dela se reviram.

E então uma parede de fogo surge na sala, cercando Cal, que entra como um touro selvagem. Tiro os papéis da mão de Farley e os enfio dentro do casaco com o resto da lista, para não acabarem queimados. Cal trabalha rápido, deixando de lado o juramento de não ferir prateados, e joga o pétreo para longe de Farley, usando as chamas para forçá-lo a se afastar pelo buraco na parede. Depois, aumenta o fogo para impedi-lo de voltar.

Por enquanto.

— Terminaram agora? — vocifera, seus olhos são como carvão em brasa.

Faço que sim e miro a máquina de registros. Ela vibra, triste, como se soubesse o que estou prestes a fazer. Com o punho cerrado, sobrecarrego os circuitos com um pico destruidor que se espalha pela máquina.

Cada uma das telas e luzes piscantes explode numa nuvem de faíscas, apagando as informações pelas quais viemos.

— Terminamos.

Farley se afasta da janela, trôpega, com a mão na cabeça e a boca sangrando, mas ainda inexoravelmente de pé.

— Acho que essa é a hora de fugir.

Um olhar para a janela, a rota de fuga mais óbvia, é o bastante para eu saber que estamos muito alto para pular.

E os sons no corredor, gritos e passos em marcha, também não são bom presságio.

— Fugir para onde?

Cal apenas sorri e aponta para o piso encerado de madeira.

— Para baixo.

Uma bola de fogo explode. Perfura a madeira, carbonizando os padrões intricados e a base sólida como os dentes de um cão penetrando a carne. O solo se abre e desmorona sob os nossos pés. Caímos no cômodo abaixo, e depois no outro. Meus joelhos vacilam, mas Cal me agarra pela gola da camisa. Ele me puxa, segurando forte, me arrastando na direção de uma janela.

Ele nem precisa me dizer o que fazer.

Seu fogo e meus raios mandam a grossa vidraça pelos ares. Saltamos e, no início, também voamos. Mas então caímos feio, rolando em uma das passarelas de pedra. Farley vem logo atrás, aterrissando bem em cima de um guarda atônito. Antes que ele possa sequer reagir, ela o joga da passarela. Um barulho seco e nojento dá a entender que a queda não foi nada agradável.

— Não parem! — Cal urra enquanto levanta.

Numa trovoada de passos, disparamos pela ponte arqueada que liga a central de segurança ao palácio real de Ocean Hill. É menor que Whitefire, mas tão assustador quanto. E tão familiar para Cal quanto o outro.

Ao final da ponte, uma porta começa a abrir, e ouço gritos de mais guardas, mais soldados. Um verdadeiro pelotão de fuzilamento. Em vez de lutar, Cal se lança contra a porta. Suas mãos flamejantes a lacram como um ferro de solda.

Farley hesita, alternando o olhar entre a porta fechada e a ponte de onde viemos. Parece uma armadilha. Pior que uma armadilha.

— Cal…? — ela começa, mas ele a ignora.

O príncipe então estende a mão para mim. Nunca vi seus olhos assim: são pura chama, puro fogo.

— Vou jogar você — ele avisa, sem se preocupar em ser doce. Atrás dele, algo faz a porta lacrada balançar.

Não tenho tempo para discutir nem perguntar nada.

Minha mente gira, envenenada pelo pavor, mas agarro seu punho e ele, o meu.

— Exploda quando bater no vidro — Cal diz, confiando que sei o que isso quer dizer.

Ele toma fôlego, e logo estou caindo pelo ar na direção de outra janela. Os vidros refletem o sol, e espero que não sejam diamantes. Um milésimo de segundo antes de descobrir, minhas faíscas fazem o que precisam: destroem a janela com um chiado de cacos brilhantes enquanto a atravesso, caindo num carpete dourado e felpudo, no meio de pilhas de livros com um cheiro familiar de couro e papel velho. É a biblioteca do palácio. Farley é a próxima a atravessar a janela. A mira de Cal é perfeita demais, e ela aterrissa bem em cima de mim.

— De pé, Mare! — ela grita, quase arrancando meu braço ao me puxar para cima. O cérebro dela trabalha mais rápido que o meu e ela dispara para a janela com os braços esticados. Faço o mesmo, como se estivesse em um transe. Minha cabeça está girando.

Acima de nós, guardas e soldados jorram pelas duas extremidades da ponte. No centro, há um inferno de chamas que, por um momento, parece imóvel. Em seguida, percebo que está vindo na nossa direção, correndo, saltando e caindo.

As chamas de Cal se extinguem assim que ele acerta a parede, sem conseguir se agarrar no beiral da janela.

— Cal! — berro, quase me jogando atrás dele.

A mão dele roça a minha. Por um momento capaz de fazer meu coração parar, penso estar prestes a assistir à sua morte. Mas não. Ele está balançando como um pêndulo. Farley o segura firme pelo punho. Ela geme, com os músculos tensionados debaixo da camisa, conseguindo, não sei como, evitar a queda do príncipe de noventa quilos.

— Segura ele! — ela grita, com a mão pálida de tanto esforço.

Em vez de agarrá-lo, lanço um relâmpago para cima, na direção da ponte. Para os guardas e as armas apontadas para Cal — estatelado, ele parece um alvo fácil. Eles se abaixam, e pedaços de pedra estalam. Mais um raio e a ponte cai.

Quero que caia.

— M ARE! — Farley berra.

Preciso segurar, preciso puxar. A mão dele encontra a minha, e me aperta com tanta força que quase arrebenta meu punho. Nós o erguemos o mais rápido que conseguimos, trazendo-o por cima do beiral e para trás.

Para o silêncio, para um cômodo cheio de livros inofensivos.

Mesmo Cal parece atônito com a situação. Ele fica deitado por um segundo, com os olhos arregalados e a respiração pesada.

— Obrigado — ele finalmente consegue falar.

— Depois! — Farley rebate. Junto comigo, ela o levanta. — Tira a gente daqui!

— Certo.

Em vez de partir para a sofisticada entrada da biblioteca, ele corre para a lateral do cômodo, para uma parede cheia de estantes. Observa por um momento, procurando alguma coisa, tentando lembrar. Então, com um grunhido, empurra uma das estantes com o ombro até ela deslizar para o lado e abrir uma passagem estreita e íngreme.

— Entrem! — ele grita, me empurrando para dentro.

Meus pés disparam pelos degraus gastos por um século de passos. Corremos por uma escada em espiral suave, descendo, iluminados por uma luminária fraca embaçada pelo pó. As paredes são de pedra antiga e grossa, e se alguém está nos seguindo, definitivamente não consigo ouvir. Tento me situar, mas minha bússola interna está girando rápido demais. Não conheço este lugar, não sei para onde estamos indo. Só posso seguir.

A passagem parece terminar numa parede de pedra e, antes que eu tente abrir caminho com um raio, Cal me afasta.

— Calma — diz, tocando uma pedra um pouco mais gasta que as outras. Devagar, ele cola o ouvido na parede e escuta.

Não ouço nada além do sangue latejando nas orelhas e nossas respirações aceleradas. Cal escuta mais — ou melhor, menos. Seu rosto murcha e ele assume uma expressão sóbria que não consigo interpretar. Não é medo, embora ele tenha todo o direito do mundo de sentir isso. Na verdade, ele demonstra uma calma estranha, e às vezes até fecha os olhos num esforço para ouvir qualquer coisa que venha do outro lado da parede.

Imagino quantas vezes já fez isso, quantas vezes escapou deste mesmo palácio assim.

Naquele tempo, os guardas estavam aqui para protegê-lo, para servi-lo. Agora querem matá-lo.

— Não desgrudem de mim — ele sussurra finalmente. — Duas curvas para a direita, uma para a esquerda, na direção do portão.

Farley cerra os dentes.

— Portão? Você quer facilitar para eles?

— É a única saída — ele responde. — Os túneis de Ocean Hill estão fechados.

Ela sorri, cerrando o punho. Suas mãos estão nitidamente vazias; perdeu a faca faz tempo.

— Alguma chance de encontrarmos um arsenal no caminho?

— Quem dera! — Cal desabafa. Então olha para mim, para as minhas mãos. — Vamos ter que bastar.

Só posso assentir. Já enfrentamos coisa pior, digo a mim mesma.

— Pronta? — ele sussurra.

Tensiono a mandíbula.

— Pronta.

A parede gira lentamente. Passamos juntos, tentando evitar que nossos passos ecoem pelo ambiente em que acabamos de entrar. Como a biblioteca, o lugar está vazio e bem mobiliado, e a decoração em amarelo jorra luxo. Tudo parece pouco usado, desprezado, até mesmo as tapeçarias douradas. Cal quase se detém ao ver as cores, mas segue adiante.

Duas curvas para a direita. Passamos por outro corredor e por um estranho closet. Ondas de calor irradiam de Cal, preparando-se para a tempestade de fogo que precisa se tornar. Faço o mesmo, e os pelos do meu braço se eriçam com a eletricidade que quase estala no ar.

Vozes ecoam do outro lado da porta cada vez mais próxima. Vozes e passos.

— Esquerda, agora — Cal fala baixinho. Ensaia pegar a minha mão, mas muda de ideia. Não podemos arriscar; não agora, quando nosso toque é mortal. — Corram.

Cal vai primeiro, e o mundo além da porta pulsa com uma rajada de fogo que se espalha pelo enorme salão de entrada, pelo mármore, pelos carpetes finos até subir pelas paredes douradas. Uma língua de chamas atinge a pintura no alto do salão. Um retrato gigante, recém-acabado. O novo rei. Maven. Ele sorri como uma gárgula, até que o fogo o domina por completo e chamusca a pintura. O calor é demais, e logo os lábios cuidadosamente desenhados começam a derreter e a se contorcer numa careta muito mais adequada àquela alma monstruosa. A única coisa intocada pelo fogo são dois estandartes de seda dourada e empoeirada, pendurados na parede oposta. Não sei a quem pertencem.

Os guardas à nossa espera fogem com os corpos fumegando, tentando não serem queimados vivos. Cal corta pelo fogo, e seus passos abrem um caminho seguro para o seguirmos. Farley se mantém perto, espremida entre nós, cobrindo a boca para não inspirar fumaça.

Os soldados remanescentes, ninfoides ou pétreos, imunes às chamas, não são tão resistentes a mim. Desta vez, são os relâmpagos que explodem e me envolvem numa teia ofuscante de eletricidade. Só me concentro para manter a tempestade longe de Cal e Farley, mas os outros não têm tanta sorte.

Sou uma corredora nata, mas o ar começa a arder nos meus pulmões. A respiração fica cada vez mais difícil, mais dolorosa. Digo a mim mesma que é a fumaça, mas, à medida que me aproximo da entrada grandiosa de Ocean Hill, a dor não desaparece. Ela apenas se transforma.

Estamos cercados.

Fileiras e mais fileiras de guardas de preto e soldados de cinza bloqueiam a entrada. Todos armados, todos à espera.

— Renda-se, Mare Barrow! — um dos soldados grita. Um ramo florido enrola-se em um braço, enquanto o outro empunha uma arma. — Renda-se, Tiberias Calore! — ele gagueja ao pronunciar o nome de Cal, ainda com dificuldade para se dirigir ao príncipe de maneira tão informal. Em qualquer outra situação, eu começaria a rir.

Entre nós, Farley firma as pernas. Está sem arma, sem escudo, e ainda assim se recusa a ajoelhar. Sua coragem é impressionante.

— E agora? — pergunto baixinho, ciente de que não há resposta.

O olhar de Cal corre de um lado para o outro em busca de uma solução que ele jamais vai encontrar. Por fim, seus olhos pousam em mim. Estão vazios. E sozinhos.

É então que uma mão se fecha delicadamente ao redor do meu punho.

O mundo escurece e sou arrastada por ele, sufocada, confinada, presa por um longo momento.

Shade.

Odeio a sensação de ser teletransportada, mas, naquele momento, comemoro internamente. Shade está bem. E estamos vivos. De repente, estou de joelhos, olhando para os paralelepípedos de um beco frio e escuro longe da central de segurança, de Ocean Hill e da barreira de soldados.

Ouço alguém vomitar ao meu lado — Farley, a julgar pelo som. Imagino que ser teletransportada e bater a cabeça contra uma janela não foram uma combinação boa para ela.

— Cal? — pergunto ao ar, que já está esfriando à luz da tarde. Um tremor leve de medo começa a tomar conta de mim, a primeira vibração de uma onda fria, mas ele responde a alguns metros de distância.

— Aqui — diz, estendendo o braço para tocar meu ombro.

Em vez de apoiar o rosto em sua mão e deixar o calor dele — agora suave — me consumir, recuo. Gemendo, levanto só para ver Shade de pé bem na minha frente, com uma expressão sombria, o rosto contorcido de raiva, e me preparo para uma bronca. Não devia tê-lo abandonado. Foi um erro.

— Sinto… — começo a me desculpar, mas não consigo terminar. Ele me esmaga num abraço e eu o aperto com a mesma força. Ele treme um pouco, ainda preocupado com sua irmã mais nova.

— Estou bem — digo tão baixo que só ele escuta a mentira.

— Não temos tempo para isso — Farley corta, pondo-se de pé. Ela olha para os lados, ainda desequilibrada, mas consegue nos situar. — O Jardim da Batalha fica algumas quadras a leste.

Wolliver.

— Certo — concordo, estendendo o braço para ajudá-la a se firmar. Não podemos esquecer qual é a nossa missão aqui, mesmo depois do nosso fracasso mortal.

Mantenho os olhos em Shade, na esperança de que ele saiba o que trago no coração. Ele apenas balança a cabeça e dispensa minhas desculpas. Não porque não quer aceitá-las, mas porque é bondoso demais para ouvi-las.

— Vá na frente — ele diz para Farley. Seu olhar fica um pouco mais doce ao notar a determinação dela, apesar das feridas e da náusea.

Cal também demora para levantar; ainda não se acostumou com o teletransporte. Recupera-se o mais rápido que pode e nos segue pelas vielas do setor da cidade conhecido como Três Pedras. O cheiro de fumaça ainda está impregnado nele, assim como uma raiva mais profunda. Prateados morreram na central de segurança, homens e mulheres que estavam apenas seguindo ordens. Ordens que já foram de Cal não faz muito tempo. Não é fácil digerir tudo isso, mas ele tem que conseguir. Se quiser ficar com a gente, comigo, tem que escolher um lado.

Espero que escolha o nosso. Espero nunca mais ter que ver aquele olhar vazio novamente.

Três Pedras é um setor vermelho, o que o torna uma região relativamente segura por ora. Farley nos conduz sempre por vielas sinuosas, chegando até a entrar em um ou dois comércios vazios para evitar sermos identificados. Os agentes de segurança gritam e correm pelas vias principais, tentando se reagrupar, tentando compreender o que aconteceu na central. Não estão nos procurando aqui, ainda não. Não sabem o que Shade é, quão longe e rápido ele pode nos levar.

Encostamos numa parede, esperando um agente passar. Está distraído, como todos os outros, e Farley nos mantém nas sombras.

— Sinto muito — sussurro para Shade, sabendo que preciso falar.

De novo, ele balança a cabeça e me cutuca de leve com a muleta.

— Chega disso. Você fez o que precisava fazer. E olha só, estou bem. Nenhum machucado.

Nenhum machucado. Não no corpo, mas e na mente?

E no coração? Eu o traí. Traí meu irmão. Assim como alguém que conheço. Quase cuspo de raiva, querendo expelir a ideia de que tenho alguma coisa em comum com Maven.

— Onde está Crance? — pergunto, tentando me concentrar em outra coisa.

— Eu o livrei dos Piratas. Aí ele seguiu seu caminho.

Correu como se estivesse pegando fogo. — Shade aperta os olhos, lembrando. — Enterrou três Marinheiros no túnel. Não tem para onde ir.

Sei como é.

— E você? — ele pergunta, esticando a cabeça vagamente na direção de Ocean Hill. — Depois de tudo aquilo?

Depois de quase morrer. De novo.

— Já disse que estou bem.

Shade aperta os lábios, insatisfeito.

— Certo.

Ficamos num silêncio abafado, esperando Farley voltar a se mexer. Ela continua encostada na parede, mas retoma a marcha quando um bando de crianças saindo da escola passa. Vamos atrás, usando os alunos como cobertura para atravessar a rua larga, entrando em outro labirinto de ruelas.

Por fim, finalmente baixamos a cabeça para passar sob um arco. Ou melhor, os outros baixam; eu passo direto. Mal chegamos ao outro lado quando Shade para do nada, estendendo a mão livre para me impedir de avançar.

— Sinto muito, Mare — ele diz, e seu pedido de desculpas quase me derruba de novo.

— Você sente muito? — pergunto, quase rindo do absurdo. — Sente pelo quê?

Ele não responde, envergonhado. Um tremor que não tem nada a ver com a temperatura percorre meu corpo à medida que meu irmão recua e revela o que existe além do portal.

Há uma praça, claramente feita para os vermelhos.

Jardim da Batalha. É simples, mas conservada, com plantas bem cuidadas e estátuas de guerreiros em pedra cinza por toda parte. A que está no centro é a maior.

Carrega um rifle nas costas e estende um braço escuro pelo ar.

A mão da estátua aponta para o leste.

Uma corda pende dessa mão.

Um corpo pende da corda.

O cadáver não está nu e não usa o medalhão da Ronda Vermelha. É jovem, e sua pele ainda é macia. Foi executado há pouco tempo, provavelmente há uma hora.

Mas a praça está vazia. Não há nenhum guarda, ninguém para chorar sua morte. Ninguém para vê-lo pender no ar.

Mesmo com o cabelo loiro e sujo cobrindo seus olhos e parte de seu rosto, sei exatamente quem é. Vi sua imagem nos registros, sorrindo para a foto de identificação. Agora, nunca mais vai sorrir. Eu sabia que isso aconteceria. Eu sabia. Mas isso não torna a dor ou o fracasso mais fácil de suportar.

É Wolliver Galt, um sanguenovo, reduzido a um cadáver.

Choro pelo garoto que nunca conheci, pelo garoto que não fui rápida o bastante para salvar.

DEZESSEIS



TENTO NÃO PENSAR NO ROSTO DOS MORTOS. Passar o tempo todo correndo para sobreviver é uma distração eficaz, mas mesmo a ameaça constante de aniquilação não é capaz de bloquear tudo. Algumas perdas são impossíveis de esquecer. Walsh, Tristan e agora Wolliver ocupam os cantos da minha mente, tão traiçoeiros quanto teias de aranha, fundas e cinzentas. A minha existência foi a sentença de morte deles.

E, claro, há aqueles que matei diretamente, por escolha própria, com minhas próprias mãos. Mas esses não lamento. Não posso pensar no que fiz, não agora.

Não quando ainda corremos tanto perigo.

Cal é o primeiro a dar as costas para o corpo bamboleante de Wolliver. Ele já tem seu próprio desfile de rostos, não quer acrescentar outro fantasma à marcha.

— Temos que seguir em frente.

— Não… — Farley se apoia na parede. Aperta a mão contra a boca, soluçando enojada, tentando não vomitar mais uma vez.

— Calma — Shade diz, tocando o ombro dela para acalmá-la. Ela tenta afastá-lo, mas meu irmão fica firme, observando-a cuspir nas flores do jardim. — Vocês tinham que ver isso — acrescenta, lançando um olhar fulminante para Cal e para mim. — É isso que acontece quando falhamos.

Sua raiva é justificável. Afinal, deflagramos uma luta incendiária no coração de Harbor Bay e desperdiçamos a última hora de vida de Wolliver, mas estou cansada demais para levar uma bronca.

— Aqui não é lugar para lições de moral — replico.

Estamos num túmulo, e até falar parece errado. — Devíamos tirá-lo de lá.

Antes que eu consiga dar o primeiro passo na direção do cadáver de Wolliver, Cal engancha o braço no meu, me puxando para a direção oposta.

— Ninguém toca no corpo — rosna. Sua voz se parece tanto com a de seu pai que fico chocada.

— O corpo tem nome! — insisto, quando me recomponho. — O fato de o

sangue dele não ter a mesma cor do seu não quer dizer que podemos deixá-lo assim!

— Eu vou lá — Farley murmura, esticando os joelhos.

Shade a acompanha.

— Eu ajudo.

— Parem! Wolliver Galt tinha família, não tinha? — Cal insiste. — Onde está?

Ele estende a outra mão para o jardim, indicando as casas vazias e as janelas fechadas à nossa volta. Apesar dos ecos distantes de uma cidade marchando para o anoitecer, a praça está calma e silenciosa.

— Com certeza a mãe dele não o deixaria aqui sozinho, né? — continua. — Ninguém veio lamentar?

Nenhum guarda veio cutucar seu corpo? Nem mesmo um corvo veio bicar o cadáver? Por quê?

Eu sei a resposta.

É uma armadilha.

Aperto o braço de Cal até minhas unhas se cravarem na carne quente dele, prestes a explodir em fogo. Um horror semelhante ao meu escapa pelo olhar dele quando ele encara o beco sombrio. Pelo canto do olho, vislumbro uma coroa: aquela que um garoto idiota insiste em usar para ir a qualquer lugar.

E então ouço um clique, um som seco e curto, como um inseto metálico mexendo as patas, pronto para devorar uma refeição suculenta.

— Shade… — balbucio, com a mão esticada para o meu irmão capaz de se teletransportar. Ele vai nos salvar.

Vai nos levar para longe de tudo isso.

Ele não hesita. Se joga na minha direção.

Mas não chega até mim.

Observo, horrorizada, dois lépidos agarrando-o pelos braços e arremessando-o com tudo no chão. Meu irmão bate a cabeça contra a pedra e revira os olhos, inconsciente. Ao longe, escuto Farley gritar conforme os lépidos a arrastam para longe a toda velocidade. Já estão quase passando pelo arco principal da praça quando solto uma rajada elétrica na direção deles e os forço a dar meia-volta. Sinto pontadas de dor no braço, de cima a baixo, como facas brancas de calor. Mas não há nada além das minhas próprias faíscas, e elas não deveriam machucar.

Os cliques continuam, ecoando na minha cabeça, cada vez mais rápidos. Tento ignorar, tento lutar, mas minha vista escurece, manchada, focando e desfocando a cada pontada. O que é isso? Seja lá o que for, está me despedaçando.

Em meio à neblina, vejo duas fogueiras explodirem ao meu redor. Uma,

brilhante e ardente; outra, escura, uma serpente de fumaça e fogo. Em algum lugar, Cal está urrando de dor. Corra, acho que é o que diz. E com certeza tento.

Acabo me arrastando pelo pavimento, incapaz de ver mais que alguns centímetros à frente. Mas até isso é difícil. O que é isso? O que é isso? O que está acontecendo comigo?

Alguém me pega pelo braço com uma força penetrante. Meus dedos tentam arranhar a armadura lisa e ricamente gravada.

— Peguei ela — diz uma voz que reconheço.

Ptolemus Samos. Mal consigo ver o rosto dele. Olhos pretos, cabelos prateados, pele da cor da lua.

Com um grito, junto toda a força que consigo e jogo um relâmpago contra ele. Berro tão alto quanto ele, que agarra meu braço enquanto um fogo me inunda as entranhas. Não, não é fogo. Sei como é ser queimada.

Isso é outra coisa.

Um chute acerta meu estômago e me deixo rolar, rolar e rolar, até dar de cara com a terra do jardim, com o rosto arranhado e ensanguentado. O frescor das plantas é um bálsamo momentâneo, e me tranquiliza o bastante para que eu possa voltar a enxergar. Mas, quando abro os olhos, não desejo mais nada senão ficar cega.

Maven está agachado diante de mim, com a cabeça inclinada para o lado feito um cachorrinho curioso com um brinquedo. Atrás dele, a batalha explode, desigual.

Com Shade incapacitado e eu no chão, só Cal e Farley permanecem de pé. Ela está armada agora, mas Ptolemus desvia de todas as balas. Cal derrete qualquer coisa que tente se aproximar, incinerando facas e trepadeiras o mais rápido que pode. Mas não vai durar muito. Estão encurralados.

Quase grito. Escapamos de um problema para encontrar outro.

— Olhe para mim, por favor.

Maven muda de posição, bloqueando a visão da briga mais à frente. Mas não vou lhe dar essa satisfação. Não vou encará-lo, pelo meu bem. Em vez disso, me concentro no clique, nesse som que ninguém mais parece ouvir. As pontadas me atingem a cada segundo.

Maven pega meu queixo e o puxa para cima, me obrigando a olhar para ele.

— Tão teimosa… — Finge lamentar. — Uma das suas características mais intrigantes. Junto com esta — acrescenta, passando o dedo pelo sangue vermelho na minha bochecha.

Clique.

Ele aperta mais forte, provocando uma explosão de dor na minha mandíbula. O clique faz tudo doer, mais e mais e mais. Relutante, encontro os conhecidos olhos azuis no rosto anguloso. Para o meu horror, ele continua igual à lembrança que tenho: o garoto calado, despretensioso, assustado. Não é o Maven dos meus pesadelos, um fantasma de sangue e sombras. É real.

Reconheço a determinação em seus olhos. Eu a vi no convés do navio de seu pai quando velejamos rio abaixo rumo a Archeon, deixando o mundo atrás de nós. Ele me beijou e prometeu que ninguém me machucaria.

— Eu disse que ia encontrar você.

Clique.

As mãos dele passam do meu queixo para a minha garganta e começam a se fechar. O suficiente para impedir minha fala, mas não a respiração. Seu toque queima. Suspiro, incapaz de puxar ar suficiente para gritar.

Maven. Está me machucando. Pare.

Ele não é a mãe. Não consegue ler meus pensamentos. Minha visão fica turva novamente, escurecendo. Pontinhos escuros nadam diante os meus olhos, expandindo-se e se contraindo a cada clique maldito.

— E eu disse que ia salvar você.

Espero que ele me aperte ainda mais, mas não. A força permanece constante. Sua outra mão desce até minha clavícula, e a palma ardente pressiona minha pele.

Ele está me queimando, me marcando como gado. Tento gritar de novo, mas mal consigo soltar um ganido.

— Sou um homem de palavra — ele diz, com a cabeça inclinada novamente. — Quando quero.

Clique. Clique. Clique.

Meu coração tenta seguir o ritmo do clique, batendo frenético, ameaçando explodir se continuar assim.

— Pare… — consigo soltar, com uma mão no ar, desejando meu irmão por perto.

Em vez de Shade, Maven toma a minha mão e a queima também. Cada milímetro do meu corpo arde.

— Basta. — Acho que o ouvi dizer, mas não para mim. — Eu disse basta!

Seus olhos parecem sangrar. São os últimos pontos brilhantes no mundo que escurece à minha volta. Azul-claros, cortando minha visão, desenhando linhas retorcidas de gelo doloroso. Me cercando. Não sinto nada além da queimação.

Essa é a última coisa que lembro antes de um lampejo de luz branca, acompanhada de um estrondo, partir meu cérebro. E meu mundo inteiro virar

dor.

A sensação é esmagadora, mas ao mesmo tempo não vem nada. Nada de balas, nada de facas, nada de punhos de fogo ou trepadeiras sufocantes. Esta não é uma arma que eu já tenha enfrentado antes — porque é a minha própria arma. Relâmpago, eletricidade, faísca, uma sobrecarga além dos meus próprios limites. Já invoquei uma tempestade antes, no Ossário, e aquilo me exauriu.

Mas o que está acontecendo agora, seja lá o que Maven está fazendo, está me matando. Está me despedaçando, nervo por nervo, quebrando meus ossos e arrancando meus músculos. Estou mais que destruída debaixo da minha própria pele.

De repente, me dou conta: Foi isso que sentiram?

Aqueles que matei? É esta a sensação de morrer eletrocutado?

Controle. Foi o que Julian sempre me disse. Controle.

Mas isso é demais. Sou como uma represa tentando conter um oceano inteiro. Mesmo que pudesse parar essa coisa, seja o que for, não encontraria um meio de superar essa dor explosiva. Não consigo estender o braço, não consigo me mexer. Estou presa dentro de mim, gritando com os dentes cerrados. Logo estarei morta. Pelo menos isso vai acabar. Mas não acaba. A dor se estende num ataque constante a cada um dos meus sentidos. Ela pulsa, mas nunca diminui. Muda, mas não para. Manchas brancas, mais brilhantes que o sol, dançam na minha frente até uma explosão de vermelho esmagá-las. Tento piscar para afastá-las, para controlar alguma coisa em mim, mas nada parece acontecer. E, se acontecesse, eu não perceberia.

Minha pele já não deve existir mais, carbonizada pelos raios potentes. Talvez eu receba o presente de sangrar até a morte. Seria mais rápido que esse abismo branco.

Me mate. As palavras se repetem, uma e outra vez. É a única coisa que consigo dizer, a única coisa que quero agora. Todos os pensamentos sobre os sanguenovos e Maven e meu irmão e Cal e Kilorn evaporam. Mesmo os rostos que me assombram, os rostos dos mortos, desaparecem.

Queria que voltassem.

Queria não precisar morrer sozinha.

DEZESSETE



— ME M ATE.

As palavras queimam na minha boca, rasgando o que deve ser uma garganta em carne viva de tanto gritar.

Fico à espera do gosto de sangue. Não, não fico à espera de nada. Só da morte.

Mas, à medida que meus sentidos retornam, percebo que não sou apenas carne e ossos. Sequer estou sangrando. Estou inteira, embora com certeza não sinta nada. Num ápice de força de vontade, abro os olhos na marra. Mas, em vez de Maven e seus carrascos, encontro olhos verdes familiares.

— Mare.

Kilorn não me dá chance de respirar fundo. Seus braços envolvem meus ombros, apertando-me contra seu peito, me levando de volta à escuridão. Não consigo evitar um tremor no corpo com a lembrança da sensação de fogo e eletricidade nos meus ossos.

— Está tudo bem… — cochicha.

Algo no seu jeito de falar me tranquiliza. Sua voz sai grave e trêmula. Ele se recusa a me soltar, mesmo quando recuo involuntariamente. Ele sabe qual é o desejo no meu coração, mesmo quando meus nervos desgastados não conseguem lidar com isso.

— Acabou. Você está bem. Está de volta.

Permaneço imóvel por um momento, enroscando os dedos nas dobras da camisa velha dele. Me concentro em Kilorn para não precisar sentir meu corpo tremer.

— De volta? — sussurro. — De volta para onde?

— Deixe-a respirar, Kilorn.

Outra mão, tão quente que só pode ser a de Cal, toma meu braço. Ele me segura firme, com uma pressão cuidadosa e controlada, suficiente para me despertar.

Isso me ajuda a nadar para fora do pesadelo e retornar completamente para o

mundo real. Me inclino para trás devagar, me afastando de Kilorn para ver onde exatamente estou despertando.

Estamos no subsolo, a julgar pelo cheiro úmido e terroso, mas não é mais um dos túneis de Farley.

Estamos bem longe de Harbor Bay, se meu sentido elétrico não falha. Não consigo sentir um pulso sequer, o que implica que estamos bem longe da cidade. Trata-se de um abrigo, cavado diretamente no solo, camuflado pela floresta e pela própria forma como foi construído.

Obra de vermelhos, sem dúvida; provavelmente usado pela Guarda Escarlate. Tudo aqui parece vagamente róseo. As paredes e o chão estão sujos, e o teto inclinado é feito da própria terra, reforçada com escoras de metal enferrujado. Nenhuma decoração. Na verdade, não há praticamente nada. Alguns sacos de dormir — o meu entre eles —, pacotes de ração, uma lanterna desligada e algumas caixas de suprimentos do jato são as únicas coisas que consigo enxergar. Minha casa em Palafitas era um palácio perto disto aqui, mas não reclamo.

Suspiro, aliviada, feliz por estar longe do perigo e daquela dor ofuscante.

Kilorn e Cal me deixam correr os olhos pelo cômodo vazio e tirar minhas próprias conclusões. Eles parecem desfigurados pela preocupação, parecem ter envelhecido em poucas horas. Não consigo deixar de notar as olheiras escuras e as rugas profundas de ambos, me perguntando o que os teria machucado dessa maneira. A luz que vaza pelas janelas estreitas é vermelha e alaranjada. Esfriou; é a noite chegando. O dia acabou. E nós perdemos. Wolliver Galt está morto, um sanguenovo sacrificado por Maven. Ada também, pelo que sei. Falhei com ambos.

— Onde está o jato? — pergunto, tentando levantar.

Mas ambos estendem os braços para me impedir, mantendo-me bem enrolada no saco de dormir. Agem com um cuidado surpreendente, como se eu fosse quebrar ao menor toque.

Kilorn me conhece melhor e é o primeiro a notar minha irritação. Volta a sentar sobre os calcanhares, abrindo um pouco de espaço para mim. Olha para Cal e assente, contrariado, permitindo que o príncipe explique.

— Não conseguimos voar muito no… estado em que você estava — diz, desviando o olhar do meu rosto. — Conseguimos percorrer algumas dezenas de quilômetros até você deixar o jato instável como uma lâmpada sobrecarregada. Quase fritou tudo. Tivemos que interromper o voo e sair a pé para nos esconder na floresta até você melhorar.

— Desculpa. — É a única coisa que passa pela minha cabeça, mas ele faz um

gesto com a mão para que eu me cale.

— Você abriu os olhos, Mare. É tudo o que importa para mim — Cal diz.

Uma onda de exaustão ameaça me derrubar, mas resisto. Então o toque de Cal deixa o meu braço e sobe para o meu pescoço. Tenho um espasmo com a sensação, surpresa, e o encaro com olhos arregalados e questionadores. Mas ele se concentra na minha pele, em algo nela. Seus dedos traçam linhas estranhas, angulosas, que se ramificam no meu pescoço e descem até minha coluna. Não sou a única a notar.

— O que é isso? — Kilorn resmunga. Seu olhar fulminante deixaria a rainha Elara orgulhosa.

Minha mão se junta à de Cal e também sente a saliência na minha nuca. Riscos imperfeitos, grandes e sinuosos.

— Não sei o que é — digo.

— Parecem… — Cal hesita, correndo o dedo por uma marca particularmente longa. Seu toque faz minhas entranhas gelarem. — Cicatrizes, Mare. Cicatrizes de choque.

Eu me desvencilho da mão dele e me forço a levantar.

Para a minha surpresa, bambeio sobre as pernas, estupidamente fracas, mas Kilorn está perto para me segurar.

— Calma — ele censura, sem soltar meus punhos.

— O que aconteceu em Harbor Bay? O que… o que Maven fez comigo? Foi ele, não foi?

A imagem da coroa negra arde na minha mente, como se tivesse sido marcada com um ferrete. E as novas cicatrizes são exatamente isso. Marcas. As marcas dele em mim.

— Ele matou Wolliver e armou uma armadilha para nós — digo. — E por que vocês estão tão rosados?

Como sempre, Kilorn ri da minha raiva. Mas seu riso sai oco, forçado, mais por mim do que por ele.

— Seu olho — ele diz, roçando o dedo na minha bochecha esquerda. — Você rompeu um vaso.

Ele tem razão, percebo, fechando um olho e depois o outro. O mundo é drasticamente diferente visto pelo olho esquerdo, tingido de vermelho e rosa em nuvens que só podem ser sangue. A dor da tortura de Maven também fez isso comigo.

Cal não levanta conosco. Em vez disso, inclina-se para trás, apoiado nas mãos. Desconfio que ele sabe que meus joelhos ainda estão fracos e que vou cair de

novo.

Ele tem um jeito de saber essas coisas, e isso me deixa irritada demais.

— Sim, Maven se infiltrou em Harbor Bay — ele responde em tom burocrático. — Não fez uma entrada grandiosa para que não soubéssemos, e foi atrás do primeiro sanguenovo que conseguiu encontrar.

Bufo ao lembrar. Wolliver tinha apenas dezoito anos.

Sua única culpa foi ter nascido diferente. Ser igual a mim.

O que ele poderia ter sido?, me pergunto, lamentando o soldado que perdemos. Qual era o seu poder?

— Tudo que Maven precisou fazer foi esperar — Cal continua, e um músculo da sua bochecha se contrai. — Teria capturado todos nós se não fosse Shade. Ele nos tirou de lá, mesmo com a concussão. Às custas de alguns saltos e muitas situações críticas, mas conseguiu.

Solto um suspiro lento e aliviado.

— Farley está bem? — pergunto. Cal baixa a cabeça, confirmando. — E eu ainda estou viva.

Kilorn me aperta mais forte.

— Não sei como.

Levo a mão até o peito e a pele sob a camisa se retrai de dor. Enquanto o resto do meu pesadelo e dos outros terrores infligidos ao meu corpo vão embora, a marca de Maven ainda é bem real.

— Doeu muito? Isso que ele fez com você? — Cal pergunta, fazendo Kilorn lançar uma careta irritada para ele.

— As primeiras palavras dela em quatro dias foram "me mate", caso não se lembre — ele dispara. Cal não pisca. — É claro que o que aquela máquina fez doeu.

O clique.

— Máquina? — pergunto, atônita, olhando para os dois. — Calma, quatro dias? Apaguei por tanto tempo assim?

Quatro dias dormindo. Quatro dias de nada. O pânico expele todos os pensamentos e dores remanescentes, subindo pelas minhas veias como água gelada. Quantos não morreram enquanto estive presa dentro da minha própria cabeça? Quantos não estão pendurados em árvores e estátuas agora?

— Por favor, digam que vocês não passaram esse tempo todo cuidando de mim. Por favor, digam que fizeram alguma coisa.

Kilorn ri.

— Considero manter você viva uma coisa bem importante.

— Quero dizer que…

— Sei o que você quer dizer — ele replica, por fim abrindo um espaço entre nós.

Com o pouco de dignidade que ainda me resta, volto a sentar sobre o saco de dormir e luto contra a vontade de grunhir.

— Não, Mare, não ficamos de braços cruzados — Kilorn se volta para a parede e se apoia na terra batida para ver o que há fora da janela. — Fizemos bastante coisa.

— Continuaram a caça. — Não é uma pergunta, mas Kilorn faz que sim com a cabeça. — Até Nix?

— O tourinho veio bem a calhar — Cal diz, tocando a sombra de um ferimento no queixo. Ele conheceu a força de Nix pessoalmente. — E também é muito bom na hora de convencer. Ada também.

— Ada? — pergunto, surpresa com a menção de uma sanguenova que devia estar morta. — Ada Wallace?

Cal confirma.

— Depois que Crance escapou dos Piratas, ele a tirou de Harbor Bay. Saíram da mansão do governador pouco antes de os homens de Maven invadirem o lugar.

Estavam esperando no jato quando chegamos.

Por mais feliz que esteja em saber que ela sobreviveu, não deixo de sentir uma pontada de raiva.

— Então você a jogou de novo aos lobos. Ela e Nix…os dois! — Cerro o punho contra o calor do saco de dormir, na tentativa de encontrar conforto. — Nix é um pescador — retomo. — Ada é uma criada. Como puderam deixar essas pessoas correrem um perigo tão grande?

Cal baixa os olhos, envergonhado com a minha bronca. Mas Kilorn ri na janela, virando o rosto na direção da luz evanescente do pôr do sol. Ela o mergulha num vermelho profundo, como se ele estivesse coberto de sangue. Meu olho ferido está me enganando, mas a cena me faz tremer. A risada dele, seu jeito habitual de desconsiderar meus medos, é o que mais me assusta.

Até mesmo agora o pescador não leva nada a sério. Ele vai rir até acabar numa cova.

— Achou graça em alguma coisa?

— Você lembra daquele patinho que Gisa trouxe para casa? — ele pergunta, o que me pega desprevenida. — Ela tinha uns nove anos acho, e tirou o bicho da mãe.

Tentou dar sopa para ele. — Ele interrompe o relato, na tentativa de sufocar outro riso. — Você lembra, Mare?

Apesar do sorriso, seus olhos duros e incisivos tentam me fazer compreender.

— Kilorn… — suspiro. — Não temos tempo para isso.

Mas ele continua, inabalável, andando de um lado para o outro.

— Não demorou muito até a mãe aparecer. Só umas horas talvez até ela começar a rodear a parte de baixo da casa, com os outros patinhos atrás. Fizeram um barulhão. Bree e Tramy tentaram afugentá-los, não tentaram?

Lembro disso tão bem quanto Kilorn. Observava da varanda enquanto meus irmãos jogavam pedras na pata.

Ela aguentou firme, chamando o filho perdido. E o patinho respondeu, se revirando no colo de Gisa.

— No fim, você fez Gisa devolver o bichinho — Kilorn retoma. — "Você não é uma pata, Gisa, não é para vocês ficarem juntos", você disse. E então você devolveu o patinho para a mãe e observou todos irem embora. Os patos em fila, de volta para o rio.

— Estou esperando para descobrir o que isso tem a ver com a minha pergunta.

— Tudo — Cal murmura, e a voz dele reverbera grave no peito. Soa quase surpreso.

Os olhos de Kilorn desviam para o príncipe por um instante para lhe oferecer o menor dos agradecimentos.

— Nix e Ada não são patinhos, e você com certeza não é a mãe deles. Eles sabem se virar. — Kilorn diz. Em seguida, abre um sorriso malicioso e volta para as piadas de sempre: — Já você, está um bagaço.

— E eu não sei?

Tento sorrir para ele, só um pouco, mas alguma coisa repuxa a pele do meu rosto, que por sua vez retorce o meu pescoço e minhas novas cicatrizes. Dói quando falo, e arde terrivelmente quando faço qualquer esforço.

Outra coisa que Maven me arrancou. Como ele deve estar feliz em pensar que não posso mais sorrir sem sentir uma dor ardente.

— Farley e Shade estão com eles, pelo menos? — pergunto afinal.

Os rapazes confirmam, em sincronia, e quase rio da cena. Geralmente eles agem como dois opostos. Kilorn é ágil, enquanto Cal é bruto. Kilorn tem cabelo dourado e olhos verdes, enquanto o cabelo de Cal é escuro e seus olhos de fogo vivo. Mas aqui, na luz evanescente, atrás da película de sangue que atrapalha minha visão, ambos começam a se parecer.

— Crance também — Cal acrescenta.

Pisco, perplexa.

— Crance? Ele está aqui? Está… com a gente?

— Não é como se tivesse outro lugar para ir — Cal diz.

— E vocês… confiam nele?

Kilorn se escora na parede e enfia as mãos no bolso.

— Ele salvou Ada, e ajudou a resgatar os outros nos últimos dias. Por que não confiaríamos nele? Porque é um ladrão?

Como eu. Como eu era.

— Justo — cedo, mas mesmo assim não consigo esquecer o custo de confiar nas pessoas erradas. — Mas não dá para ter certeza.

— Você nunca tem certeza — Kilorn bufa, irritado.

Ele esfrega o sapato na terra, querendo dizer mais, mas sabendo que é melhor não.

— Ele saiu com Farley agora. Não é um companheiro de ronda ruim — Cal acrescenta para apoiar Kilorn.

Quase entro em estado de choque.

— Vocês dois estão concordando em alguma coisa?

Em que mundo acordei?

Um sorriso verdadeiro rasga o rosto de Cal, assim como o de Kilorn.

— Ele não é tão ruim quanto você faz parecer — Kilorn diz, espichando a cabeça na direção do príncipe.

Cal ri. Solta um ruído suave, manchado por tudo o que veio antes.

— Digo o mesmo.

Dou umas pancadinhas no ombro de Cal, só para me certificar de que ele é de verdade.

— Acho que não estou sonhando.

— Graças às minhas cores, não — Cal murmura.

Não está mais sorrindo. Ele corre a mão pelo queixo, coçando a barba fina. Não se barbeia desde Archeon, desde a noite em que testemunhou a morte do pai. — Ada é mais útil que os criminosos, acredita?

— Acredito. — Um redemoinho de poderes lampeja na minha cabeça, um mais forte que o outro. — O que ela faz? — pergunto em seguida.

— Nada que eu tenha visto antes — ele admite. Sua pulseira solta faíscas, que logo se convertem numa bola de fogo agitada. Ele a deixa na mão por um instante, sem chamuscar a manga da camisa, antes de jogá-la num pequeno poço cavado no meio do chão. O fogo emite luz e calor, substituindo o sol poente. — Ela é inteligente, incrivelmente inteligente. Lembra de cada palavra de cada livro

da biblioteca do governador.

E, simples assim, minha visão de outro guerreiro se esvai.

— Útil — comento, amarga. — Vou fazer questão de pedir para nos contar uma história mais tarde.

— Falei para você que ela não ia entender — Kilorn diz.

Mas Cal insiste:

— Ela tem uma memória perfeita, uma inteligência perfeita. Cada momento de cada dia, cada rosto que já viu, cada palavra que ouviu. Ela lembra. Cada revista médica, livro de história ou mapa que já leu. E o mesmo vale para conhecimentos práticos.

Por mais que preferisse um criador de tempestades, sou capaz de compreender o valor de uma pessoa assim.

Se ao menos Julian estivesse aqui… Passaria dia e noite estudando Ada, tentando entender um poder tão estranho.

— Conhecimento prático? Como um treinamento?

Algo semelhante a orgulho passa pelo rosto de Cal.

— Não que eu seja instrutor, mas faço o que posso para ensiná-la. Ela já está atirando muito bem. E terminou de ler o manual do Abutre hoje de manhã.

Solto um suspiro.

— Ela consegue pilotar o jato?

Cal dá de ombros e sua boca se curva num sorriso.

— Levou os outros de jato para Cancorda e deve voltar logo. Mas, até lá, você precisa descansar.

— Descansei por quatro dias. Vocês é que têm que descansar — rebato, estendendo a mão para chacoalhar o ombro de Cal. Ele nem se mexe com o meu empurrão reconhecidamente fraco. — Vocês parecem zumbis.

— Alguém precisava garantir que você continuasse respirando — Kilorn fala num tom leve, e outra pessoa talvez pensasse que é brincadeira, mas sei que não é bem assim. — Seja lá o que Maven fez com você, isso não pode acontecer de novo.

A lembrança da dor ainda está próxima demais. Não consigo deixar de encolher o corpo ao me imaginar passando por aquilo de novo.

— Concordo.

A consciência de que Maven detém um novo poder nos paralisa. Até Kilorn, que está sempre se mexendo e andando, fica imóvel. Olha pela janela, pela muralha da noite que se aproxima.

— Cal, você tem alguma ideia do que fazer caso ela depare com aquilo de

novo?

— Se vou assistir uma palestra, talvez precise de um pouco de água — digo, de repente sentindo minha garganta esturricada. Kilorn praticamente pula do lugar perto da parede, ansioso por ajudar; o que me deixa a sós com Cal e com seu calor.

— Acho que era um aparelho sonador. Modificado, claro — Cal diz.

Então seus olhos se desviam de novo para o meu pescoço, para as cicatrizes de eletricidade que sobem e descem pela minha coluna. Com uma familiaridade chocante, ele corre o dedo sobre elas, como se pudessem nos oferecer alguma pista. A parte inteligente de mim quer afastá-lo, impedir o príncipe de fogo de examinar minhas marcas, mas a exaustão e a necessidade sobrepujam qualquer pensamento. O toque dele suaviza tanto meu corpo como meu coração. É prova de que mais alguém está comigo, que não estou mais sozinha no abismo.

— Testamos uns sonadores nos lagos uns anos atrás.

Eles emitem ondas de rádio. Causaram um desastre nos navios de Lakeland, tornando toda a comunicação entre eles impossível. E fez o mesmo conosco. Todos tiveram que navegar às cegas.

Os dedos dele roçam mais baixo, seguindo um ramo retorcido de cicatriz pela minha escápula.

— Imagino que o sonador dele emite ondas elétricas ou ruídos em alta magnitude — ele continua. — Suficientes para te incapacitar, para te deixar cega e voltar seus raios contra você mesma.

— Construíram isso muito rápido. Só se passaram dias desde o Ossário — cochicho em resposta. Qualquer coisa mais alta que um sussurro pode despedaçar essa paz frágil.

Cal detém a mão e a espalma contra a minha pele.

— Maven se virou contra você bem antes do Ossário.

Sei disso. Sei com cada gota do meu sangue. Algo se liberta dentro de mim, se quebrando, me permitindo dobrar as costas e enterrar o rosto entre as mãos. Todos os muros que levanto para afastar minhas lembranças se desfazem em pó. Quando o calor de Cal se enrosca em mim, quando seus braços envolvem meus ombros, quando sua cabeça se apoia no meu pescoço, eu me apoio nele. Deixo que ele me proteja, embora tenhamos jurado na cela de Tuck que não faríamos mais isso. Não passamos de distrações um para o outro, e distrações podem matar. Mas minhas mãos se fecham sobre as dele, nossos dedos se enlaçam, até nossos ossos se emaranham. O fogo está apagando, as chamas estão se reduzindo a brasa. Mas Cal ainda está aqui. Nunca vai me deixar.

— O que ele disse para você? — ele pergunta baixo.

Me afasto um pouco para deixá-lo ver. Com a mão trêmula, abaixo a gola da camisa, mostrando-lhe o que Maven fez. Seus olhos se arregalam ao pousarem sobre a marca: um M anguloso queimado na minha pele. Ele observa por um longo tempo e sinto que seu ódio é capaz de me incendiar de novo.

— Ele disse que era um homem de palavra — conto.

Isso é o suficiente para fazer Cal desviar o olhar da minha mais nova cicatriz. — Que sempre me encontraria… e me salvaria — digo, soltando uma gargalhada vazia. A única pessoa de quem Maven precisa me salvar é dele mesmo.

Com mãos delicadas, Cal ajeita minha camisa e esconde a marca de seu irmão.

— Já sabíamos disso. Agora pelo menos sabemos o motivo real.

— Hã?

— Maven mente com a mesma facilidade com que respira, e a mãe dele o mantém na coleira — Cal começa, arregalando os olhos como se suplicasse para eu compreender. — Está caçando sanguenovos não para proteger o trono, mas para ferir você. Para encontrar você — ele continua, cerrando o punho sobre a coxa. — Maven quer você mais do que qualquer coisa no mundo.

Bem que Maven poderia estar aqui agora, para que eu pudesse arrancar seus olhos horríveis e assustadores.

— Bom, ele não pode me ter — afirmo, com plena consciência das consequências disso, e Cal também.

— Nem se isso puder acabar com a matança? Nem pelos sanguenovos?

Lágrimas despontam nos meus olhos.

— Não vou voltar para ele. Por ninguém.

Espero seu julgamento, mas, em vez disso, ele sorri e baixa a cabeça, envergonhado com a própria reação.

Também estou.

— Pensei que fôssemos perder você. — Ele escolheu bem as palavras e formulou a frase com cuidado. Me inclino para a frente e apoio a mão sobre seu punho. É toda a segurança que ele precisa para continuar: — Pensei que eu fosse perder você. Tantas vezes…

— Mas ainda estou aqui — digo.

Ele toma meu pescoço entre as mãos, como se não acreditasse em mim. Lembro vagamente do toque de Maven, mas contenho a vontade de me retrair. Não quero que Cal me solte.

Estou fugindo há tanto tempo. Desde antes de tudo isso começar. Mesmo nos tempos de Palafitas, já fugia.

Para evitar minha família, meu destino, qualquer coisa que não quisesse sentir. E ainda fujo. Daqueles que querem me matar. E daqueles que querem me amar.

Quero tanto parar. Quero tanto ficar quieta, sem me matar nem matar ninguém. Mas é impossível. Preciso seguir em frente. Preciso me machucar para me salvar, machucar os outros para salvar outros. Machucar Kilorn, machucar Cal, machucar Shade e Farley e Nix e todos que são burros o bastante para me seguir. Estou fazendo-os fugitivos também.

— Vamos lutar contra ele — Cal diz. Seus lábios se aproximam, quentes a cada palavra. Suas mãos me apertam mais forte, como se, a qualquer momento, alguém fosse me tirar dele. — É isso que planejamos fazer, e é isso que vamos fazer. Vamos formar um exército, e então matá-lo. Ele e a mãe.

Matar um rei não mudará nada. Outro vai assumir o lugar. Mas é um começo. Se não conseguimos fugir de Maven, temos que forçá-lo a parar. Pelos sanguenovos.

Por Cal. Por mim.

Sou uma arma feita de carne, uma espada coberta de pele. Nasci para matar um rei, para acabar com um reino de terror antes mesmo de começar pra valer. Fogo e eletricidade elevaram Maven, e fogo e eletricidade vão derrubá-lo.

— Não vou deixar que ele te machuque de novo.

Sua respiração me faz tremer. O que é uma sensação estranha, já que estou cercada de um calor abrasador.

— Acredito em você — minto.

Porque sou fraca, me viro nos braços dele. Porque sou fraca, pressiono os lábios contra os dele, à procura de algo que me faça parar de fugir, que me faça esquecer. Ambos somos fracos, ao que parece.

Suas mãos escorregam pela minha pele e sinto um tipo diferente de dor, mais profunda que meus nervos.

Dói como um peso oco, vazio. Sou uma espada nascida do raio, deste fogo… e do fogo de Maven. Um deles já me traiu, e o outro pode ir embora a qualquer momento.

Mas não temo ter o coração partido. Não temo a dor.

Apego-me a Cal, Kilorn, Shade, para salvar todos os sanguenovos que puder, porque tenho medo de acordar no vazio, num lugar onde meus amigos e familiares não existem mais e não passo da única luz de relâmpago na escuridão de uma tempestade solitária.

Se sou uma espada, sou uma espada de vidro, e já me sinto prestes a estilhaçar.

DEZOITO



O PROBLEMA DO CALOR É QUE NÃO IM PORTA quanto frio você sinta, não importa o quanto você precise se esquentar, no final, o calor sempre fica excessivo.

Lembro dos muitos invernos que passei com uma fresta da janela aberta, deixando o frio cortante entrar para combater o fogo ardendo na sala do andar de baixo. Algo no ar gelado me ajudava a dormir. E agora o suspiro profundo da brisa de outono me ajuda a ficar calma, me ajuda a esquecer Cal sozinho no abrigo. Eu não devia ter feito aquilo, penso, pressionando a mão contra minha pele febril. Ele não é apenas uma distração, é também uma desilusão amorosa que vai acontecer a qualquer momento. A lealdade dele é, no mínimo, instável. Um dia ele vai partir ou morrer ou me trair como tantos outros já fizeram. Um dia, ele vai me magoar.

O sol já se pôs completamente; o céu se tinge de tons cada vez mais escuros de vermelho e laranja.

Provavelmente. Não posso confiar nas cores que enxergo. Não posso mais confiar em muita coisa.

O abrigo está localizado no topo de um morro, no meio de uma clareira enorme cercada pela floresta. Tem vista para um vale sinuoso cheio de árvores, lagos e uma neblina constante e volátil. Cresci na floresta, mas este lugar é tão estranho para mim quanto Archeon ou o Palacete do Sol. Não existe nada criado por humanos até onde nossos olhos alcançam, nem sinal de um vilarejo madeireiro ou de uma vila rural. Mas imagino que exista alguma pista de pouso escondida por perto, se é que o jato ainda pode ser usado. Devemos estar bem no interior da região selvagem de Norta, bem ao norte, longe de Harbor Bay. Não conheço bem o Estado do Regente, mas aqui parece a região de Greatwoods, dominada pela mata, pelos mares de montanhas verdes e por tundras congeladas, que fazem fronteira com Lakeland. A população é esparsa e vive governada pelos calafrios da Casa Gliacon. Um lugar maravilhoso para se esconder.

— Terminou seu assunto com ele?

Kilorn é pouco mais que uma sombra apoiada contra o tronco de um carvalho cujos galhos se abrem para o céu. Um jarro d'água jaz esquecido aos seus pés. Não preciso ver seu rosto para saber que está irritado. Posso ouvir muito bem.

— Não seja deselegante — digo. Estou acostumada a lhe dar ordens, mas a frase soa como um pedido.

Como esperado, ele me ignora e continua a resmungar.

— Acho que todos os boatos têm um fundo de verdade. Mesmo aqueles que o traste do Maven espalhou. "Mare Barrow seduziu o príncipe para matar o rei." É um choque saber que ele está mais ou menos certo. — Kilorn dá alguns passos tortos para a frente, o que me lembra um silfo Iral rondando antes de dar o golpe final. E ele dá: — Porque o príncipe com certeza está seduzido.

— Se você não parar de falar, vou te transformar numa bateria.

— É melhor você arrumar ameaças novas — ele diz com um sorriso desafiador. Está tão acostumado com as minhas intimidações que duvido que eu seja capaz de assustá-lo com alguma coisa, mesmo que seja a minha eletricidade. — Ele é um homem poderoso, em todos os sentidos da palavra. Não me entenda mal, estou feliz por você estar segurando as rédeas dele.

Não consigo deixar de soltar uma gargalhada.

— Feliz? Você está pura e simplesmente com ciúmes!

Não está acostumado a dividir. E não gosta de ser inútil.

Inútil. A palavra o rasga. Posso notar pelo movimento do pescoço dele. Ele se ergue na minha frente, bloqueando as estrelas que começam a nascer brilhantes no céu.

— A pergunta é: você também está enfeitiçada? Ele está te usando do mesmo jeito que você o usa?

— Não uso ninguém. — Estou mentindo, e nós dois sabemos. — E você não sabe do que está falando.

— Você tem razão — ele concorda baixo.

A surpresa quase me derruba. Em mais de dez anos de amizade, nunca ouvi essas palavras da boca de Kilorn Warren. Ele é teimoso como uma mula, convencido demais, um desgraçado cara de pau na maior parte do tempo. Mas agora, no alto deste morro, ele não é nada do que já foi. Parece pequeno e fraco, um brilho da minha antiga vida que oscila rapidamente para o nada.

Aperto uma mão na outra para segurar a vontade de tocar meu amigo como prova de que ele ainda existe.

— Não sei o que aconteceu quando você era Mareena. Não estava lá para te

ajudar a passar por aquilo. Não vou dizer que entendo ou que sinto muito.

Não é o que você precisa.

Mas é exatamente o que quero, para poder sentir raiva dele, para não precisar ouvir o que ele está prestes a dizer. Pena que Kilorn me conhece tão bem.

— A melhor coisa que posso fazer é dizer a verdade, ou pelo menos o que acho que é a verdade. — Embora a voz dele saia firme, seus ombros sobem e descem junto com a respiração pesada e difícil. Ele está assustado. — Cabe a você acreditar em mim ou não.

Meus lábios se contraem, deixando escapar um sorriso dolorido. Estou muito acostumada a ser arrastada por aí, a ser manipulada pelas pessoas mais próximas.

Até Kilorn é culpado disso. Mas agora ele me dá a escolha que desejo há tanto tempo. Uma escolha, por menor que seja. Ele confia que tenho capacidade para escolher, ainda que eu não tenha.

— Estou ouvindo.

Ele começa a falar mais alguma outra coisa, e então para. As palavras entalam, se recusando a sair. E por um segundo, seus olhos verdes parecem estranhamente úmidos.

— O que foi, Kilorn? — pergunto com um sussurro.

— O que foi? — ele repete, balançando a cabeça.

Depois de um longo momento, algo se parte dentro dele.

— Sei que você não sente o mesmo que eu. Em relação a nós.

Sou tomada por uma vontade louca de bater a cabeça contra uma rocha. Nós. Parece uma idiotice falar sobre isso, uma grande perda de tempo e energia. Mas, mais do que isso, é vergonhoso e desconfortável. Minhas bochechas ardem, vermelhas. Nunca quis ter esta conversa com ele.

— E tudo bem — ele continua, antes que eu o interrompa. — Você nunca me viu como eu te vejo, nem em Palafitas, antes de tudo isso acontecer. Pensei que um dia, talvez, mas… — Ele dá de ombros. — Você simplesmente não consegue me amar.

Quando eu era a Mare Barrow de Palafitas, pensava a mesma coisa. Imaginava o que aconteceria se eu sobrevivesse ao serviço militar e visse o que o futuro me reservava: um casamento de amizade com o pescador de olhos verdes, filhos para amar, uma casa pobre em Palafitas. Parecia um sonho naquela época, uma impossibilidade. E ainda é. Sempre será. Não amo Kilorn, não do jeito que ele quer. Jamais amarei.

— Kilorn… — balbucio, dando um passo em sua direção. Mas ele dá dois para trás. — Kilorn, você é meu melhor amigo; é parte da minha família.

O sorriso dele escorre tristeza.

— E sempre serei, até o dia que morrer.

Não mereço você, Kilorn Warren.

— Sinto muito — falo, engasgando. Nem sei o que mais posso dizer. Nem sei do que estou me desculpando.

— Não é algo que você seja capaz de controlar, Mare

— ele responde, ainda distante. — Não podemos escolher quem amamos. Bem que eu gostaria, mais que qualquer outra coisa.

Me sinto destroçada. Minha pele ainda está quente do abraço de Cal, ainda se lembra do toque dele apenas uns minutos atrás. Mas, bem no fundo, contra todas as fibras do meu ser, penso além da clareira, nos olhos cor de gelo, na promessa vazia e no beijo a bordo de um navio.

— Você pode amá-lo o quanto quiser, não vou impedir. Mas, por mim, pelos seus pais, pelo resto de nós, por favor, não o deixe controlar você.

De novo, penso em Maven. Mas Maven está longe, uma sombra nas margens do mundo. Ele pode estar tentando me matar, mas não vai me controlar, não mais.

Kilorn deve estar se referindo ao outro irmão, ao filho caído da Casa Calore. Cal. Meu escudo contra as cicatrizes e os pesadelos. Ele é um guerreiro, não um político ou um criminoso. Não tem capacidade para manipular ninguém, muito menos eu. Simplesmente não faz parte da natureza dele.

— Ele é prateado, Mare. Você não sabe do que ele é capaz, nem o que ele quer de verdade.

Duvido que o próprio Cal saiba. O príncipe exilado está mais à deriva do que eu, sem criados ou aliados além de uma garota elétrica temperamental.

— Ele não é o que você pensa — digo. — Não importa a cor do sangue dele.

O rosto de Kilorn assume uma expressão leve, claramente de desprezo.

— Você não leva isso a sério.

— Não levo — digo, triste. — Eu sei. E isso torna as coisas muito mais difíceis.

Antes, eu acreditava que o sangue era tudo no mundo, a diferença entre a luz e a escuridão, uma divisão irrevogável e intransponível. Tornava os prateados poderosos, frios e brutais, desumanos até, quando comparados aos meus irmãos vermelhos. Mas pessoas como Cal, Julian e até mesmo Lucas me mostraram como eu estava errada. Os prateados são humanos como nós, cheios dos mesmos medos e esperanças. Não estão livres do pecado, mas também não estamos. Nem eu estou.

Se ao menos fossem os monstros que Kilorn pensa que são, se ao menos as

coisas fossem tão simples… No fundo do meu coração, invejo o ódio teimoso de Kilorn.

Gostaria de poder compartilhar dessa ignorância. Mas já vi e sofri demais.

— Vamos matar Maven. E a mãe dele — acrescento, com uma segurança gélida. Matar o fantasma, matar a sombra. — Com a morte deles, os sanguenovos estarão a salvo.

— E Cal estará livre para recuperar o trono, para fazer tudo voltar ao que era antes.

— Isso não vai acontecer. Ninguém o deixaria voltar ao trono. Vermelho ou prateado. E, até onde sei, ele não quer.

— Mesmo? — Detesto o sorrisinho que se desenha no rosto de Kilorn. — De quem foi a ideia? De matar Maven? — Como não respondo, seu sorriso aumenta. — Foi o que pensei — ele conclui.

— Obrigada pela sinceridade, Kilorn.

Minha gratidão o pega desprevenido, surpreendendo-o tanto quanto me surpreendeu. Ambos mudamos muito nos últimos meses. Não somos mais o garoto e a garota de Palafitas, prontos para discutir por todo e qualquer assunto.

Esses dois eram apenas crianças, e desapareceram para sempre.

— Vou lembrar do que você disse, claro — falo.

Minhas aulas nunca foram tão úteis, me ajudando a dispensar Kilorn sem magoá-lo. Como uma princesa faria com um criado.

Mas Kilorn não se deixa vencer facilmente. Ele estreita os olhos até virarem dois riscos verde-escuros penetrando minha máscara de cortesia. Parece tão enojado que penso que vai cuspir.

— Um dia, em breve, você vai se perder — ele sussurra. — E não vou estar ao seu lado para te trazer de volta.

Dou as costas para o meu amigo mais antigo. As palavras dele machucam, e não quero ouvi-las, por mais que façam sentido. As botas dele pisam forte na terra dura à medida que ele se distancia e me deixa ali, parada, olhando para as árvores. Ao longe, o jato chia ao retornar para nós.

Ficar sozinha é o maior de todos os meus medos.

Então por que faço isso? Por que afasto as pessoas que amo? O que há de errado comigo?

Não sei.

E não sei como mudar.

Reunir um exército é a parte fácil. Os registros de Harbor Bay nos levam a todos os sanguenovos nas cidades e vilarejos da região de Beacon, desde Cancorda

e Taurus até os portos semialagados das Ilhas Bahrn. A lista de Julian nos ajuda na expansão, até que todas as partes de Norta estão em nossas mãos. Mesmo Delphie, a cidade mais ao sul do reino, está a apenas algumas horas de distância de jato.

Cada povoado, por menor que seja, recebeu mais tropas de soldados prateados com ordens para nos pegar e nos entregar ao rei. Mas eles não conseguem vigiar todos os alvos ao mesmo tempo, e Maven ainda não é forte o bastante para sequestrar centenas de pessoas de um dia para o outro. Atacamos ao acaso, sem padrão, e geralmente os pegamos desprevenidos. Às vezes temos sorte, e eles nem fazem ideia de que entramos na cidade.

Shade prova sua utilidade dia após dia, assim como Ada e Nix. O poder dela nos ajuda a encontrar caminhos ao redor das muralhas das cidades; o dele nos ajuda a atravessá-las.

Mas uma hora tudo sempre chega em mim. Sou sempre eu a confrontar cada um dos sanguenovos, explicar o que são e que tipo de ameaça representam para o rei. Então lhes ofereço uma escolha, e eles sempre escolhem viver. Sempre nos escolhem. Distribuímos salvo-condutos às famílias, encaminhando os que ficaram para trás aos vários santuários e bases operados pela Guarda Escarlate. Pelo Comando, como Farley diz, cada vez mais misteriosa. Alguns são até mandados a Tuck, atrás da segurança do coronel. Ele pode odiar sanguenovos, mas Farley me garante que ele não vai rejeitar vermelhos de verdade.

Os sanguenovos que encontramos estão assustados, outros raivosos, mas alguns ficam surpresos, geralmente as crianças. A maioria não sabe o que é. Mas alguns sabem, e já são assombrados pelas mutações do nosso sangue.

Na periferia da cidade de Haven encontramos Luther Carver, um menino de oito anos, de cabelo preto e fino, pequeno para a idade, filho de um carpinteiro.

Encontramos Luther na oficina do pai, dispensado da escola para aprender a profissão. Levo pouco tempo para convencer o sr. Carver a me deixar entrar, embora ele observe Cal e até Nix com desconfiança. O menino se recusa a me encarar; seus dedos minúsculos agitados de nervoso. Ele treme quando falo com ele, e insiste em me chamar de garota elétrica.

— Seu nome está na lista porque você é especial, diferente — conto a ele. — Você sabe do que estou falando?

O menino sacode a cabeça com violência; sua franja comprida balança de um lado para o outro. Mas o pai está de pé atrás dele, como um guardião. Solene e devagar, ele faz que sim com a cabeça.

— Tudo bem, Luther, não é motivo nenhum para ter vergonha — digo, estendendo a mão por sobre a mesa, sobre a marchetaria certamente feita por

Carver. Mas os dedos do garoto não se deixam tocar. Recuam para o colo, para fora do meu alcance.

— Não é nada pessoal — Carver diz, pousando a mão sobre o ombro do filho para tranquilizá-lo. — Luther não… Ele só não quer fazer mal a vocês. Isso vem e vai… Está piorando, como viram. Mas vocês vão ajudar, não vão? — O infeliz parece sofrer, e sua voz quase falha.

Meu coração sofre por ele, e me pergunto o que meu pai faria nessa situação. Diante de pessoas que entendem seu filho, que podem ajudar, mas que precisam levá-lo embora.

— Você sabe por que ele é assim? — Carver pergunta.

Eu mesma já me fiz essa pergunta muitas vezes, e já a ouvi de quase todos os sanguenovos. Mas ainda não tenho resposta.

— Sinto muito, mas não sei, senhor. Sabemos apenas que os poderes vêm de uma mutação, algo inexplicável no nosso sangue.

Penso em Julian e nos seus livros, na sua pesquisa.

Ele nunca chegou a me ensinar mais sobre o Cisma, o momento da antiguidade quando o sangue prateado se separou do vermelho, resultando no mundo de hoje.

Suponho que um novo Cisma tenha começado, com sangues como o meu. Ele estava me estudando antes de ser capturado, estava tentando descobrir a resposta para essa pergunta. Mas não teve chance de encontrá-la.

Cal muda de posição e, quando ele contorna a mesa, espero ver a máscara intimidante que ele sempre veste.

Em vez disso, abre um sorriso bondoso, tão largo que quase chega aos olhos. Então se ajoelha para encarar Luther nos olhos. O menino fica fascinado, atônito não apenas pela presença do príncipe, mas também por receber a sua atenção total.

— Alteza — ele chia, e até tenta fazer uma reverência.

Atrás do menino, o pai não demonstra a mesma etiqueta e franze a testa. Príncipes prateados não são seus visitantes prediletos.

Ainda assim, o sorriso de Cal aumenta, e seus olhos estão fixos no menino.

— Por favor, me chame de Cal — ele diz, estendendo a mão. De novo, Luther se afasta, mas Cal parece não se importar. Na verdade, aposto que já esperava por isso.

Luther cora, e suas bochechas vibram em um tom vermelho-escuro adorável.

— Desculpa.

— Não foi nada — Cal responde. — Na verdade, eu fazia a mesma coisa quando era pequeno, um pouco menor que você. Mas eu tinha muitos, muitos

professores. E eu precisava deles também — acrescenta, com uma piscadela. Apesar do medo, o menino sorri um pouco. — Mas você só tem o seu pai, não é?

O menino engole em seco, e sua pequena garganta vacila. Então faz que sim.

— Eu tento… — Carver diz, segurando o ombro do filho novamente.

— Entendemos, senhor — digo a ele. — Mais que qualquer um.

A curiosidade de Luther é maior que a timidez, e o menino cutuca Cal com o sapato.

— O que deixava você com medo?

Diante dos nossos olhos, as mãos espalmadas de Cal se acendem numa chama quente e agitada. Mas também estranhamente bela. Um fogo lento e dançante, amarelo e vermelho, preguiçoso nos movimentos. Se não fosse pelo calor, pareceria uma obra de arte, não uma arma.

— Não sabia controlar isso — Cal diz, deixando a chama brincar entre seus dedos. — Tinha medo de queimar as pessoas. Meu pai, meus amigos, meu… — A voz dele quase trava. — Meu irmão mais novo… Mas aprendi a fazer o fogo me obedecer, a não machucar as pessoas que eu queria proteger. E você também pode aprender, Luther.

Enquanto o garoto observa, fascinado, seu pai não parece tão convencido. Mas este não é o primeiro pai que encontramos, e estou preparada para a sua próxima pergunta.

— Esses que você chama de sanguenovos… eles podem fazer isso também? Podem… controlar o que são?

Minhas próprias mãos se cobrem com teias de faíscas, cada uma formando um raio perfeito de luz roxa antes de desaparecer por completo na minha pele, sem deixar vestígios.

— Sim, podemos, sr. Carver.

Com uma velocidade surpreendente, o homem pega um vaso de uma prateleira e o posiciona na frente do filho. Dentro dele, uma planta — uma samambaia talvez

— brota da terra. Qualquer outra criança ficaria confusa, mas Luther sabe exatamente o que o pai quer.

— Vá em frente, garoto — ele incentiva, com uma voz doce e gentil. — Mostre o que precisa de conserto.

Antes que eu possa me arrepiar com a frase, Luther estende a mão trêmula. Seus dedos roçam de leve a ponta de uma das folhas da samambaia, num movimento preciso. Nada acontece.

— Tudo bem, Luther — Carver diz. — Pode mostrar para eles.

O garoto tenta de novo, com a testa franzida de concentração. Desta vez, ele pega a samambaia pelo caule e a segura na mãozinha. Devagar, a planta se curva ao toque dele, escurecendo, se dobrando sobre si: morrendo. Enquanto assistimos a cena, atônitos, Carver pega outra coisa na prateleira do fundo e joga no colo do filho: um par de luvas de couro.

— Cuidem bem dele — diz. Seus dentes cerram, apertados, para conter a tempestade em seu coração de pai. — Prometam que vão cuidar bem dele.

Ele não treme quando aperto sua mão.

— Eu lhe dou a minha palavra, sr. Carver.

Só quando voltamos ao abrigo — que começamos a chamar de Furo — me permito um momento sozinha.

Para pensar, para dizer a mim mesma que a mentira foi bem contada. Não posso prometer com certeza que aquele menino ou que os outros como ele vão sobreviver ao que está se aproximando. Mas definitivamente espero que ele sobreviva, e vou fazer tudo o que posso para isso acontecer.

Mesmo que o poder terrível desse menino seja causar a morte.

As famílias dos sanguenovos não são as únicas a fugir. As Medidas tornaram a vida dos vermelhos bem difícil, pior do que nunca, levando muitos deles às florestas e fronteiras em busca de um lugar onde não fossem forçados a trabalhar até morrer ou enforcados por dar um passo em falso. Alguns estão a poucos quilômetros do nosso acampamento, seguindo para o norte, rumo a uma fronteira já tingida pela neve do inverno que se aproxima. Kilorn e Farley querem ajudá-los, oferecer comida e remédios, mas Cal e eu rejeitamos essa ideia. Ninguém pode saber onde estamos, e os vermelhos em marcha não são exceção, apesar do seu destino cruel. Vão caminhar para o norte até encontrarem a fronteira com Lakeland. Alguns serão forçados a se juntar às legiões que sustentam a linha de frente. Outros podem ter a sorte de passar, para sucumbir ao frio e à fome na tundra, em vez de morrerem baleados numa trincheira.

Meus dias se tornam parecidos. Recrutar, treinar, repetir. A única coisa que muda é o clima, à medida que o inverno se aproxima. Agora, bem antes do amanhecer, quando acordo, o chão está coberto de uma camada grossa de neve. Cal precisa aquecer o jato todos os dias para liberar as rodas e engrenagens congeladas. Ele nos acompanha até o próximo sanguenovo quase sempre, pilotando o jato. Mas, às vezes, ele fica, pois prefere ensinar. Ada o substitui nesses dias, pilotando tão bem quanto ele, tendo aprendido com velocidade e precisão sem iguais. E o conhecimento que tem de Norta — de tudo, na verdade —, desde os sistemas de esgoto até as rotas de suprimentos, é impressionante. Não

consigo sequer imaginar como o cérebro dela é capaz de armazenar tanta coisa e ainda ter espaço para mais. Ela é uma maravilha para mim, bem como todo sanguenovo que encontramos.

Quase todos são diferentes, e seus poderes, estranhos. Estão muito além do que qualquer prateado é capaz de fazer e do que posso imaginar. Luther segue com suas tentativas cuidadosas de controlar seu poder, murchando desde brotos até árvores. Cal acha que ele pode usar esse poder para curar a si mesmo, mas ainda temos que descobrir como. Outra sanguenova, uma idosa que pede para ser chamada de Nanny por todos, parece capaz de mudar a aparência física. Deu a nós um belo susto quando decidiu dançar valsa pelo acampamento disfarçada de rainha Elara. Apesar da idade, espero poder usá-la em alguma missão em breve.

Ela se esforça ao máximo no treinamento de Cal, aprendendo a atirar e usar facas junto com os outros.

Isso torna o acampamento um lugar bem barulhento, claro, o que com certeza chamaria atenção mesmo no interior de Greatwoods. Mas uma mulher chamada Farrah, a primeira recrutada depois de Ada e Nix, é capaz de manipular o som. Ela absorve as ondas das explosões e dos disparos, sufocando-as de modo que nenhum eco se espalha pelo vale.

À medida que os sanguenovos expandem seus poderes, aprendendo a controlá-los como eu, começo a ter esperança. Cal é um excelente professor, sobretudo para as crianças. Elas não têm os mesmos preconceitos dos mais velhos e passam a segui-lo pelo acampamento ao final do treino. Graças a isso a presença do príncipe exilado começa a agradar os sanguenovos mais velhos. É difícil odiar Cal quando ele está rodeado por crianças implorando por outra aula. Até Nix parou de olhá-lo com raiva, embora ainda se recuse a fazer qualquer coisa com Cal que não seja bufar na cara dele.

Não sou tão talentosa quanto o príncipe, e chego a temer os treinos da manhã e do fim da tarde. Quero culpar o meu cansaço pelo desconforto. Gasto metade dos meus dias recrutando gente, viajando até o próximo nome da lista, mas não é só isso. Simplesmente sou uma péssima instrutora.

Trabalho mais com Ketha, cujo poder é mais físico e parecido com o meu. Ela não é capaz de criar eletricidade ou qualquer outro elemento, mas pode destruir. Como um oblívio prateado, ela consegue explodir objetos, estourá-los em nuvens impactantes de fumaça e fogo. Enquanto oblívios comuns ficam restritos às coisas que conseguem tocar, Ketha não tem essa limitação.

Ela espera pacientemente, focando na pedra em minha mão. Faço o máximo para não me encolher diante de seu olhar explosivo, ciente do que é capaz de

fazer.

Na curta semana desde que a encontramos, ela passou da destruição de bolas de papel, folhas e galhos para pedras sólidas. Como os outros sanguenovos, tudo o que precisa é de uma chance real de revelar seu verdadeiro eu. Então seus poderes também se revelam, como animais finalmente saindo da jaula.

Os outros se mantêm bem longe enquanto ela treina, deixando o canto mais distante da clareira livre para a gente. Eu não posso fazer o mesmo.

— Controle — digo, e ela assente.

Gostaria de ter mais a oferecer; minhas instruções são terrivelmente pobres. Eu mesma só tenho um mês de treinamento nas costas, boa parte dado por Julian, que nem era instrutor de verdade, para começo de conversa.

Além disso, esse treinamento era incrivelmente pessoal, e tenho dificuldade em explicar minhas intenções para Ketha com precisão.

— Controle — ela repete.

Seu olhar se estreita, intensificando o foco. É estranho; seus olhos cor de barro não têm nada de notável, apesar do poder que contêm. Assim como eu, Ketha vem de um vilarejo à beira de um rio, e pode passar por uma irmã mais velha ou uma tia minha. De acordo com os registros, ela era professora.

Quando jogo a pedra para cima com toda a força que tenho, lembro do instrutor Arven e do seu treinamento.

Ele nos fazia atingir alvos com nossos poderes, para aperfeiçoar nossa mira e concentração. No Ossário, me tornei o alvo dele, e ele quase me matou. Ainda assim, aqui estou eu copiando seus métodos. Fico com a impressão de que isso é errado. Mas funciona.

A pedra se desmancha em pó no ar, como se uma microbomba tivesse explodido dentro dela. Ketha bate palmas, e me obrigo a fazer o mesmo. Me pergunto se ela vai se sentir diferente quando seus poderes forem testados contra carne, e não pedra. Imagino que posso pedir para Kilorn nos trazer um coelho para descobrirmos.

Só que ele está mais distante a cada dia. Assumiu a responsabilidade de alimentar o acampamento, e passa a maior parte do tempo pescando e caçando. Se não estivesse tão preocupada com meus próprios afazeres, recrutando e treinando, tentaria livrá-lo disso. Mas mal tenho tempo para dormir, quanto mais para convencer Kilorn a voltar a ser parte do rebanho.

*Quando a primeira nevasca cai, já temos vinte sanguenovos morando no acampamento, desde velhas criadas até meninos agitados. Por sorte, o abrigo é maior do que eu imaginava no começo, estendendo-se por trás da montanha num

labirinto de câmaras e túneis. Alguns ambientes têm claraboias, mas a maioria é escura, então também temos que roubar lanternas em cada lugar que visitamos. Durante a primeira nevasca, o Furo oferece abrigo para todos os vinte e seis de nós dormirem confortáveis, e ainda tem espaço para mais. A comida é abundante, graças a Kilorn e Farrah, que o torna um caçador silencioso e mortal. Cada leva de recrutas vem acompanhada de mais suprimentos, desde roupas de inverno, fósforos e até um pouco de sal. Farley e Crance usam suas conexões no mundo do crime para conseguir o que precisamos, mas às vezes recorremos ao bom e velho roubo. Em um mês, já somos uma máquina bem treinada e escondida.

Maven não nos encontrou, e nos mantemos de olho nele do melhor jeito que podemos. Os quadros de anúncios e os jornais facilitam a tarefa. O rei visita Delphie. Rei Maven e Lady Evangeline revistam as tropas no Forte Lencasser. Turnê da coroação atravessa o Estado do Rei. As manchetes dão a localização precisa, e sabemos o que isso quer dizer. Sanguenovos mortos em Delphie, Lencasser e em todo lugar que ele visita. A sua suposta turnê de coroação não passa de mais uma fachada para ocultar um desfile de execuções.

Apesar de todos os nossos poderes e truques, não somos rápidos o bastante para salvar todos. Para cada sanguenovo que encontramos e trazemos para o acampamento, há outros dois pendendo de forcas, "desaparecidos" ou sangrando na sarjeta. Alguns corpos trazem indícios de uma morte realizada por magnetrons: pessoas espetadas ou estranguladas por barras de ferro.

Ptolemus está, sem dúvida, aproveitando a luz do rei para brilhar, embora Evangeline talvez também esteja.

Logo ela será rainha, e com certeza vai fazer de tudo para manter Maven bem próximo. Antes, eu ficaria furiosa com isso, mas agora não sinto nada além de pena pela jovem magnetron. Maven não é Cal, e vai matá-la se julgar necessário. Assim como está matando os sanguenovos. As mortes mantêm suas mentiras vivas, nos mantêm na condição de fugitivos. Maven errou nos cálculos. Ele acha que uma quantidade certa de cadáveres vai me fazer voltar.

Mas não vou voltar.

DEZENOVE

DEPOIS DE TRÊS DIAS DE FRACASSO, sem encontrar nada além de sanguenovos mortos, viajamos para Templyn. É uma cidadezinha tranquila na estrada para Delphie, em sua maior parte residencial, com vastas propriedades prateadas e algumas fileiras espremidas de casas vermelhas à margem do rio. Senhores e criados.

Templyn é traiçoeira: não tem florestas enormes, túneis ou ruas lotadas para nos escondermos. Normalmente, usaríamos Shade para atravessar a muralha, mas ele não está conosco hoje. Torceu a perna ontem, o que piorou a situação do músculo ainda em fase de recuperação.

Então eu o obriguei a ficar. Cal também não está aqui; preferiu ficar dando aula, então Ada precisou pilotar o Abutre. E ela ainda está lá, confortável no assento, lendo como sempre. Tento não ser afobada e liderar como Cal, mas me sinto estranhamente só sem ele e o meu irmão.

Nunca estive sem os dois numa missão de recrutamento, e hoje será o meu teste. Quero mostrar aos outros que não sou apenas uma arma, mas alguém disposta a lutar com eles.

Por sorte, temos uma nova vantagem impressionante: um sanguenovo chamado Harrick, resgatado das pedreiras de Orienpratis duas semanas atrás. Essa é sua primeira missão, e esperamos que seja tranquila. O homem é tímido e inquieto, com os músculos definidos típicos de um pedreiro. Farley e eu fazemos questão de ficar ao lado dele, em vigilância discreta, caso ele decida sair correndo. Os outros — Nix na minha frente e Crance dirigindo a carroça — estão mais preocupados com a estrada adiante.

Nossa carroça entra na fila, atrás dos mercadores e trabalhadores rumo ao centro da cidade. As mãos de Crance seguram forte as rédeas do nosso cavalo roubado, uma égua velha e malhada, cega de um olho e com um casco ruim. Mas ele a faz avançar, acompanhando o ritmo dos outros, tentando não chamar atenção. A entrada da cidade surge diante de nós, um portão aberto ladeado por colunas

intrincadas de pedra.

Uma bandeira está presa entre as colunas, o estandarte de uma Casa. Listras vermelhas e laranja, quase se misturando à primeira luz da manhã. Casa Lerolan, de oblívios, governadores desta região de Delphie. Desvio o olhar, lembrando dos três oblívios mortos; três Lerolan assassinados no atentado no Palacete do Sol. O pai, Belicos, assassinado por Farley e pela Guarda Escarlate.

E os filhos gêmeos, ainda quase bebês, despedaçados pela explosão que se seguiu. Os rostos dos mortos foram estampados por todo o reino, em cada transmissão, outra propaganda prateada. A Guarda Escarlate mata crianças. A Guarda Escarlate precisa ser destruída.

Lanço um olhar para Farley, me perguntando se ela sabe o significado da bandeira, mas ela está atenta aos soldados à frente. Assim como Harrick. Os olhos dele estão quase cerrados pela concentração, e suas mãos trêmulas se fecham. Com calma, toco seu braço para encorajá-lo.

— Você consegue — murmuro.

Ele abre o menor dos sorrisos e endireito o corpo para lhe passar segurança. Acredito no poder dele; ele tem treinado sempre que pode, mas precisa acreditar em si mesmo.

Nix fica tenso e seus músculos se destacam sob a camisa. Farley é menos transparente, mas sei que não vê a hora de pegar a faca na bota. Não vou demonstrar medo, pelo bem de Harrick.

Os agentes de segurança são responsáveis pelo portão, lançando olhares inquisidores a cada um que passa. Examinam seus rostos e pertences, sem se incomodar em checar os cartões de identidade. Esses prateados não ligam para o que está escrito num pedaço de papel: suas ordens são encontrar meus companheiros e eu, não um fazendeiro longe do seu vilarejo. Logo será a vez da nossa carroça, e o suor no buço de Harrick é o único indício de que ele está fazendo alguma coisa.

Crance para a égua e a carroça ao comando de um agente. Mantém os olhos baixos, respeitosos e submissos, enquanto o oficial o encara. Como esperado, nada o faz perder o controle. Crance não é um sanguenovo nem um colaborador antigo. Maven não está caçando ele. O agente começa a contornar a carroça e olhar para dentro. Nenhum de nós ousa se mover, nem mesmo respirar. Harrick não é capaz de mascarar o som, apenas a visão. Por um instante, os olhos do agente encontram os meus, e começo a pensar que Harrick falhou. Mas, após um segundo de parar o coração, ele segue adiante, satisfeito. Não consegue nos ver.

Harrick é um tipo extraordinário de sanguenovo. É capaz de criar ilusões,

miragens, fazer as pessoas verem o que não existe. E nos escondeu, tornando-nos invisíveis, tornando nossa carroça vazia.

— Você está transportando ar, vermelho? — o agente pergunta com um sorriso odioso.

— Vim retirar uma carga para Delphie — Crance responde, dizendo exatamente o que Ada mandou. Ela passou o dia anterior estudando as rotas de comércio.

Com apenas uma hora de leitura, já se tornou perita nas importações e exportações de Norta. — Lã, senhor.

Mas o agente já se afastou, sem querer saber.

— Siga — ele diz, gesticulando com a mão enluvada.

A carroça avança, e a mão de Harrick agarra a minha, apertando firme. Retribuo o aperto na hora, numa súplica para que ele aguente, que continue se esforçando, que sustente a ilusão até estarmos dentro de Templyn, longe do portão.

— Mais um minuto — sussurro. — Estamos quase lá.

Desviamos da via principal antes de entrar no mercado, cortando por ruelas quase vazias com casas e lojas vermelhas humildes. Os outros estão de olhos abertos, cientes do que estamos procurando, enquanto fixo a atenção em Harrick.

— Quase lá — digo novamente, esperando estar certa.

Daqui a pouco a força dele vai vacilar. A nossa ilusão vai se desfazer e ficaremos expostos no meio da rua. As pessoas aqui são vermelhas, mas com certeza vão denunciar uma carroça que de repente aparece cheia dos fugitivos mais procurados do país.

— Esquerda — Nix grunhe, e Crance obedece, conduzindo a carroça na direção de uma casa de madeira com cortinas carmesins. Apesar de o sol estar brilhando no céu, há uma vela acesa à janela. Vermelhos como a aurora.

Há um beco ali perto, limitado pela casa da Guarda Escarlate e duas outras, vazias e abandonadas. Não faço ideia de onde estão os moradores, mas provavelmente fugiram das Medidas ou foram executados por tentar. É cobertura suficiente para mim.

— Agora, Harrick — digo. Ele responde com um suspiro longuíssimo. A ilusão se desfaz. — Parabéns!

Não perdemos um segundo sequer para descer da carroça e nos esgueirar até a casa da Guarda, usando o beiral do telhado para nos esconder como podemos.

Farley assume a liderança e bate três vezes na porta lateral, que logo é aberta, mostrando apenas escuridão lá dentro. Farley entra sem hesitar, e a seguimos.

Minhas pupilas se ajustam rápido, e me impressiono com a semelhança com a minha casa em Palafitas. É simples, bagunçada, só tem dois cômodos, assoalho de madeira irregular e janelas encardidas. Não há muitas lâmpadas; muitas devem ter sido vendidas para comprar comida, e as existentes estão quebradas.

— Capitã — chama uma voz. Uma mulher bem mais velha, de cabelo cinza metálico, aparece na janela e sopra a vela. Seu rosto é marcado pela idade, e suas mãos, por cicatrizes. Ao redor do punho, uma tatuagem familiar: uma única faixa vermelha, igual à do velho Will Whistle.

Assim como em Harbor Bay, Farley franze a testa e aperta a mão da mulher.

— Não sou…

Mas a mulher a corta com um gesto.

— Segundo o coronel, mas não segundo o Comando.

Eles têm outros planos para você.

Comando. A mulher nota meu interesse e inclina a cabeça em saudação.

— Mare Barrow. Meu nome é Ellie Whistle.

Arqueio as sobrancelhas.

— Whistle? — pergunto. — Você é parente de…

Ellie me interrompe antes que eu possa concluir.

— Provavelmente não. Whistle quase sempre é apelido.

Quer dizer que sou contrabandista.

Assobiadores, é o que somos.

Realmente. O trailer velho de Will Whistle estava cheio de bens contrabandeados e roubados, muitos deles levados por mim mesma.

— Sou da Guarda Escarlate também — Ellie acrescenta.

Disso, pelo menos, eu sabia. Farley manteve contato com a sua gente ao longo das últimas semanas, pessoas fora da jurisdição do coronel que pudessem nos ajudar e guardar segredo sobre nossas ações.

— Muito bem — digo a ela. — Estamos aqui por causa da família Marcher. — Dois membros dessa família, para ser precisa. Tansy e Matrick Marcher, gêmeos, de acordo com a data de nascimento. — Eles precisam sair da cidade — acrescento. — Em uma hora, se possível.

Ellen ouve com um ar atento e burocrático. Muda de posição e vejo uma ponta de pistola na cintura dela. Ela olha para Farley, que confirma com a cabeça. Então faz o mesmo.

— Posso fazer isso.

— Suprimentos também — Farley adiciona. — Aceito comida, se você tiver, mas roupas de inverno serão mais úteis.

Outro aceno.

— Com certeza vou tentar — Ellie diz. — Apronto o que puder para vocês o mais rápido possível. Mas talvez precise de uma mãozinha.

— Eu ajudo — Crance se oferece. O físico dele certamente vai acelerar o processo.

Não consigo acreditar na disposição de Ellie, e Farley também não. Trocamos olhares enquanto a senhora começa a trabalhar, abrindo armários e levantando tábuas do assoalho, revelando compartimentos ocultos pela casa inteira.

— Obrigada pela cooperação — Farley agradece por cima do ombro com uma desconfiança discreta.

Também estou desconfiada, observando cada movimento de Ellie. Apesar de idosa, ela é ágil, e me pergunto se estamos realmente a sós nesta casa.

— Como eu disse, recebo ordens do Comando. E as ordens eram claras. Ajudar a capitã Farley e a garota elétrica a todo custo — ela diz, sem se importar em olhar para nós.

Ergo as sobrancelhas, chocada, mas positivamente surpresa.

— Você vai ter que me deixar a par disso — sussurro para Farley. Mais uma vez, a aparente organização e dimensão da Guarda Escarlate me impressionam.

— Mais tarde — ela responde. — E a família Marcher?

Enquanto Ellie explica como chegar ao endereço, vou até Harrick e Nix. Embora seja a primeira missão de Harrick, para Nix não é novidade. Perdi a conta de quantas vezes ele me acompanhou em terreno hostil, e sou muito grata por isso.

— Prontos, rapazes? — pergunto, espalmando as mãos. Nix faz o máximo para assumir um ar durão, de veterano. Mas não deixo de perceber o brilho de medo nos olhos de Harrick. — Não vai ser tão difícil quanto entrar — continuo. — Serão menos pessoas, os agentes não vão se dar ao trabalho de olhar dessa vez. Você consegue.

— Obrigado, erm, Mare — ele diz, para em seguida endireitar o corpo e sorrir para mim, apesar de sua voz vacilar ao dizer meu nome. Retribuo o sorriso.

A maioria deles não sabe como me chamar. Mare, srta. Barrow, garota elétrica, alguns até dizem lady. O apelido magoa, mas não tanto quanto o título. Não importa o que eu faça, não importa o quanto eu tente ser um deles, os sanguenovos me enxergam como algo à parte. Seja líder ou leprosa, sou sempre uma estranha.

Sempre separada.

No beco, Crance começa a carregar a carroça, sem se dar ao trabalho de nos

observar quando desaparecemos com a elegância de um sombrio prateado. Mas, diferente dos sombrios, Harrick não é só capaz de mexer com a luz e criar claros e escuros: ele pode invocar a imagem que quiser. Uma árvore, um cavalo, uma pessoa inteira. Agora que estamos na rua, ele nos disfarça de vermelhos obscuros, com rostos sujos e capuzes. Passamos despercebidos até entre nós mesmos. Ele me diz que isso é mais fácil do que nos fazer desaparecer, e uma alternativa melhor em multidões. Assim, ninguém fica confuso por trombar com o nada.

Farley segue em frente, seguindo as coordenadas de Ellie. Precisamos atravessar a praça do mercado sob os olhos de muitos agentes de segurança, mas ninguém nos detém. Meu cabelo voa na brisa leve e cobre meus olhos com uma cortina loira. Quase caio no riso. Cabelo loiro… em mim.

A casa dos Marcher é pequena. O segundo andar foi construído às pressas e parece prestes a cair sobre nós.

Mas o jardim dos fundos é agradável, apesar das trepadeiras enormes e das árvores desfolhadas. No verão, deve ser espetacular. Atravessamos o espaço, fazendo o máximo para evitar pisar nas folhas secas.

— Estamos invisíveis agora — Harrick cochicha.

Quando olho na direção dele, percebo que desapareceu.

Sorrio, embora ninguém possa ver.

Alguém se aproxima da porta dos fundos e bate.

Nenhuma resposta, nem mesmo um ruído lá dentro.

Podem estar fora, trabalhando. Farley solta uns palavrões baixos.

— Esperamos? — cochicha. Não consigo enxergá-la, mas vejo nuvens de respiração pairando ao redor de onde seu rosto está.

— Harrick não é uma máquina — digo, falando por ele. — Vamos esperar lá dentro.

Vou até a porta, trombando com o ombro de Farley ao passar, e me abaixo diante da fechadura. É simples, do tipo que consigo abrir com a mão nas costas. Em questão de segundos, sou saudada por um clique familiar e agradável.

A porta abre com um rangido. Fico imóvel, à espera do que pode estar lá dentro. Como a casa de Ellie, está tomada pela escuridão, aparentemente abandonada.

Ainda assim, espero mais um pouco, à escuta. Nada se mexe lá dentro, e não sinto tremores de eletricidade. Ou os Marcher não têm cota ou não têm sequer energia elétrica. Satisfeita, gesticulo para que os outros entrem, mas nada acontece. Eles não enxergam você, sua idiota.

— Entrem — cochicho, e sinto Farley nas minhas costas.

Assim que a porta se fecha, reaparecemos. Sorrio para Harrick, mais uma vez grata pelo seu poder e energia, mas o cheiro da casa me faz ficar séria de novo.

O ar está parado, poeirento, um pouco rançoso. Corro o dedo pela mesa da cozinha e arranco quase um centímetro de pó.

— Talvez tenham fugido. Muita gente fugiu — Nix logo sugere.

Algo atrai minha atenção, o menor dos cochichos.

Não é uma voz, mas uma faísca, tão suave que quase não notei. Está vindo de um cesto perto da lareira, coberto com um trapo sujo e vermelho. Deixo-me ser arrastada por esse pequeno farol.

— Não gosto disso. Precisamos voltar para a casa da Ellie. Harrick, se recomponha e se prepare para outra ilusão — Farley ordena, o mais baixo que pode.

Meus joelhos raspam nas pedras da lareira quando me agacho perto do cesto. O cheiro fica mais forte. Não deveria fazer isso. Sei que não vou gostar do que estou prestes a descobrir. Eu sei, mas não consigo me segurar.

Retiro o trapo. O tecido está grudento, mas mesmo assim eu o puxo, revelando o que está embaixo. Depois de um segundo, atordoada, me dou conta do que estou vendo.

Caio de costas e começo a me arrastar, a resfolegar, a quase gritar. As lágrimas descem mais rápido do que jamais imaginei ser possível. Farley é a primeira a vir para o meu lado. Ela me envolve nos braços e me segura firme.

— O que foi? Mare, o que…

Ela para de falar de repente, engasgando com as palavras. Ela viu o que eu vi. E os outros também. Nix quase vomita, e fico surpresa por Harrick não desmaiar.

No cesto está um bebê, de não mais que alguns dias.

Morto. Não por abandono ou negligência. O trapo está tingido de sangue. A mensagem é de uma clareza nojenta: os Marcher estão mortos.

Uma das mãozinhas minúsculas, dura com a rigidez da morte, segura um dispositivo extremamente pequeno.

Um alarme.

— Harrick — sibilo por entre as lágrimas. — Nos esconda.

A boca dele se abre em confusão, e agarro sua perna em desespero.

— Nos esconda.

Ele desaparece diante dos meus olhos, no momento exato.

Os agentes aparecem nas janelas e arrombam todas as portas, com armas à mão, gritando.

— Você está cercada, garota elétrica! Renda-se! — rugem um depois do outro,

como se a repetição fizesse alguma diferença.

Em silêncio, me arrasto para baixo da mesa da cozinha. Só espero que os outros façam o mesmo.

Nada menos que doze agentes se juntam na casa, marchando de um lado para o outro. Quatro se separam e vão para o andar de cima, um par de botas se detém diante do bebê. A mão livre do agente treme, e tenho certeza de que ele está olhando para o minúsculo cadáver. Depois de um momento, ele vomita na lareira.

— Calma, Myros — diz um dos outros, puxando-o.

— Coitadinho… — acrescenta, ao passar pelo bebê. — Algo no andar de cima?

— Nada! — um deles responde, descendo a escada.

— Alarme falso.

— Tem certeza? O governador vai nos esfolar vivos se estivermos errados.

— Você está vendo alguém aqui, senhor?

Quase solto um gemido quando o agente se abaixa na minha frente. Seus olhos percorrem toda a parte de baixo da mesa, procurando. Sinto uma leve pressão na perna: é um dos outros. Não ouso sequer devolver o cutucão e prendo a respiração.

— Não, não estou — o agente diz finalmente ao levantar. — Alarme falso. De volta aos postos.

Eles saem com a mesma rapidez com que entraram, mas não solto um suspiro até muito tempo depois, quando já não ouço mais seus passos. Então respiro fundo, trêmula, enquanto Harrick desfaz a ilusão e todos reaparecemos num piscar de olhos.

— Muito bem — Farley solta, dando tapinhas no ombro de Harrick. Como eu, ele mal consegue falar, e precisa de ajuda para levantar.

— Eu podia ter acabado com eles — Nix resmunga, rolando para fora da parte de baixo da escada. Em seguida, avança até a porta a passos curtos, já com a mão na maçaneta. — Mas não quero estar aqui quando voltarem.

— Mare?

Farley toca meu braço com uma delicadeza incomum para ela.

Quando me dou conta, estou de pé diante do bebê, olhando. Não havia bebês na lista de Julian, nenhuma criança abaixo dos três anos. Este não era um sanguenovo, não de acordo com os nossos registros ou quaisquer outros que Maven possa ter em mãos. A criança foi assassinada simplesmente por estar aqui. Por nada.

Com determinação, tiro o casaco. Não vou deixar essa criança assim, apenas

com o próprio sangue servindo de cobertor.

— Mare, não. Vão saber que estivemos aqui…

— Que saibam.

Ponho o casaco sobre o bebê, lutando com todas as forças contra o desejo de me deitar ao lado dele e não levantar mais. Meus dedos roçam seu punho minúsculo e frio. Há algo embaixo dele. Um bilhete. Em silêncio, enfio o papel no bolso rapidamente antes que os outros possam ver.

Quando voltamos para Ada e o jato, tomo coragem para ler. É de ontem. Ontem. Por tão pouco…

22 de outubro

Um envelope cruel, eu sei. Mas necessário. Você deve saber o que está fazendo, o que está me obrigando a fazer com essa gente. Cada corpo é uma mensagem para você e para o meu irmão. Rendam-se, e isso vai parar. Rendam-se, e eles vão viver. Sou um homem de palavra.

Até nosso próximo encontro,

Maven

Chegamos no Furo ao cair da noite. Não consigo comer, não consigo falar, não consigo dormir. Os outros comentam o que aconteceu em Templyn, mas ninguém se arrisca a me fazer perguntas. Meu irmão tenta, mas me afasto, retirando-me para as profundezas do nosso esconderijo. Me encolho no buraco estreito que é o meu quarto, me convencendo de que preciso ficar sozinha por um tempo. Normalmente, odeio esse dormitório solitário, odeio me separar dos outros. Agora, odeio ainda mais, mas não tenho forças para me juntar a eles.

Em vez disso, espero todos dormirem para sair andando sem rumo. Levo um cobertor que não ajuda nada contra o frio. Nem o de fora, nem o que está dentro de mim.

Digo a mim mesma que é a temperatura baixa que me leva até o quarto dele, não a sensação de vazio no peito.

Não o abismo congelado que cresce a cada fracasso.

Não o bilhete que queima meu bolso e minha cabeça.

O fogo dança no chão, confinado por um círculo perfeito de pedras. Apesar da forma estranha de seu corpo, percebo que ele está acordado. Seus olhos parecem chamas vivas, mas não iradas. Nem confusas.

Com uma mão, ele abre os cobertores do saco de dormir e se afasta para o lado, abrindo espaço para mim.

— Está frio aqui dentro — digo.

Acho que ele entende o que quero dizer de verdade.

— Farley me contou — ele murmura quando me aconchego. Passa a mão pela minha cintura, com delicadeza e ternura, sem qualquer outra intenção a não ser me confortar. A outra mão pressiona minhas costas, espalmada sobre as cicatrizes. Estou aqui, é o que quer dizer.

Quero lhe contar a proposta de Maven. Mas de que adiantaria? Ele apenas a recusaria, como eu, e eu teria que juntar a vergonha da sua recusa à minha. Só lhe traria dor, o verdadeiro objetivo de Maven. E não posso deixar Maven nos vencer assim. Ele já me dominou. Não vai dominar Cal.

De algum modo, adormeço. E não sonho.

VINTE



DESSE DIA EM DIANTE, o quarto dele se torna nosso. É um acordo sem palavras, que nos dá algo em que nos apegar. Estamos sempre cansados demais para fazer algo além de dormir, embora eu tenha certeza de que Kilorn desconfie de outra coisa. Ele para de falar comigo e ignora Cal completamente. Parte de mim quer se juntar aos outros nos dormitórios mais amplos, onde as crianças cochicham noite adentro e Nanny as manda ficar caladas. Isso os torna mais unidos. Mas eu apenas os assustaria, e por isso fico com Cal, a única pessoa que não me teme de verdade.

Ele não me mantém acordada de propósito, mas sinto sua agitação todas as noites. Seus pesadelos são piores que os meus, e sei exatamente com o que sonha: com o momento em que separou a cabeça do pai do corpo.

Finjo dormir, consciente de que ele não quer ser visto nesse estado. Mas sinto suas lágrimas nas minhas bochechas. Às vezes acho que elas me queimam, mas não acordo com novas cicatrizes. Pelo menos não que sejam visíveis.

Embora passemos todas as noites juntos, Cal e eu não conversamos muito. Não há muito o que dizer. Não lhe conto do primeiro bilhete, nem dos seguintes. Embora muito distante, Maven ainda consegue ficar entre nós.

Eu o vejo nos olhos de Cal, como uma serpente enrolada na mente do irmão, tentando envenená-lo por dentro. E faz o mesmo comigo, tanto nos bilhetes como nas lembranças. Não sei por quê, mas não consigo destruí-los, e não conto a ninguém sobre a existência deles.

Devia queimá-los, mas não queimo.

Encontro mais uma carta em Corvium, durante outro resgate. Sabíamos que Maven estava a caminho para visitar a última grande cidade antes da terra de cinzas que é o Gargalo. Achávamos que chegaríamos primeiro.

Na verdade, quando chegamos, o rei já tinha ido embora.

31 de outubro

Esperei você na minha coroação. Parecia o tipo de evento que a sua Guarda

Escarlate adoraria tentar arruinar, embora tenha sido bem modesto. Ainda esperam que estejamos de luto por causa do meu pai, e algo grandioso pareceria falta de respeito.

Especialmente com Cal solto por aí, correndo por toda parte com você e a sua ralé. Poucas e valiosas pessoas ainda são fiéis a ele, segundo a minha mãe.

Mas não se preocupe. Estamos lidando com elas. Não haverá nenhuma crise de sucessão prateada para tirar meu irmão da sua coleira. Se puder, deseje feliz aniversário a ele por mim. E lhe garanta que será o último. O seu também está chegando, não está? Não duvido que o passaremos juntos.

Até nosso próximo encontro,

Maven

Ouço sua voz pronunciando cada palavra, fazendo da tinta sua faca. Por um instante, meu estômago dá voltas e ameaça devolver todo o jantar pelo chão sujo. A náusea passa por tempo suficiente para eu sair do saco de dormir, dos braços de Cal, e ir até a minha caixa de suprimentos no canto. Como fazia em casa, escondo minhas bugigangas, e dois outros bilhetes de Maven estão amarrotados no fundo da caixa.

Todos terminam da mesma maneira: "Sinto sua falta.

Até nosso próximo encontro".

Sinto mãos ao redor do meu pescoço, ameaçando espremer minha vida para fora da garganta. Cada palavra aperta mais que a outra, como se a própria tinta fosse capaz de me estrangular. Por um segundo, temo não ser mais capaz de respirar. Não porque Maven ainda insiste em me atormentar. Não, o motivo é bem pior.

Porque também sinto falta de alguém. Sinto falta do garoto que achei que ele fosse.

A marca que ele deixou em mim arde com as lembranças. Fico imaginando se ele também sente isso.

Atrás de mim, Cal se agita no saco de dormir; não é um pesadelo, é só hora de acordar. Apressada, guardo os bilhetes de qualquer jeito e saio do quarto antes que ele abra os olhos. Não quero ver sua pena, não agora. Seria demais para suportar.

— Feliz aniversário, Cal — sussurro pelo túnel vazio.

Esqueci o casaco e o frio de novembro perfura minha pele quando saio do abrigo. A clareira está escura, já que ainda não amanheceu, então mal consigo avistar a fronteira com a floresta. Ada está sentada diante das brasas quase apagadas de uma fogueira, empoleirada num tronco, tremendo dentro de um amontoado de cobertores de lã e cachecóis. Ela sempre escolhe o último turno da vigia, já

que prefere acordar mais cedo do que nós. Seu cérebro acelerado permite ler os livros que trago a ela e ficar de olho nas árvores ao mesmo tempo. Assim, no início da manhã, quando levantamos e começamos a trabalhar, ela já adquiriu uma nova capacidade. Só na semana passada, aprendeu tirax, a língua de uma nação estranha no sudeste, bem como princípios básicos de cirurgia. Mas hoje ela não tem nenhum livro à mão, e não está sozinha.

Ketha está de pé junto ao fogo, de braços cruzados.

Seus lábios se movem com rapidez, mas não consigo ouvir o que diz. Kilorn se amontoa perto de Ada, com os pés praticamente metidos nas brasas. À medida que me aproximo, consigo ver sua testa franzida numa concentração imensa. Com uma vareta, ele traça linhas na terra. Letras. Grosseiras, desenhadas às pressas, formando palavras rudimentares como "barco", "arma" e "casa". A última palavra é mais longa que as demais.

"Kilorn". A visão quase traz novas lágrimas aos meus olhos. Mas são lágrimas de felicidade, estranhas. O vazio dentro de mim parece encolher um pouco.

— Não é muito fácil, mas você está pegando o jeito

— Ketha diz, com o canto da boca erguido em um meio sorriso. Uma professora de verdade.

Kilorn me nota antes que eu consiga me aproximar mais e logo quebra a vareta com que escrevia. O estalo ressoa pelo ar. Sem nem mesmo um aceno, levanta do tronco e joga a mochila de caça sobre o ombro. Sua faca brilha na cintura, fria e afiada como os pedaços de gelo que pendem das árvores como presas.

— Kilorn? — Ketha chama; então seus olhos deparam comigo, e minha presença responde sua pergunta. — Ah…

— É hora de caçar mesmo — Ada comenta, estendendo a mão para a forma evanescente de Kilorn.

Apesar da cor rosada da sua pele, a ponta de seus dedos está azul de frio. Kilorn desvia do toque, e a mão dela se fecha no ar gélido.

Não faço nada para detê-lo. Em vez disso, dou um passo para trás, oferecendo o espaço que ele tanto deseja. Ele sobe o capuz do casaco novo e, com uma expressão obscura, dá passos cuidadosos em direção às árvores. Veste couro de boa qualidade com forro de lã, perfeitos para manter alguém quente e escondido.

Roubei-o há uma semana em Haven. Não achava que Kilorn fosse aceitar um presente meu, mas até ele reconhece o valor de se manter aquecido.

Minha companhia matinal não incomoda apenas ele.

Ketha me olha de lado, quase corando.

— Ele pediu para aprender — ela diz, quase um pedido de desculpas. Então

passa por mim e volta ao calor e conforto do Furo.

Ada a observa com olhos dourados e brilhantes, mas tristes. Ela dá tapinhas no tronco, gesticulando para que eu sente ao seu lado. É o que faço, e então ela joga um dos cobertores no meu colo, ajeitando-o sobre mim.

— Pronto, senhorita.

Ada era criada em Harbor Bay e, apesar da liberdade recém-descoberta, não perdeu os velhos hábitos. Ainda me chama de "senhorita", embora já tenha lhe pedido várias vezes para não fazer mais isso.

— Acho que eles precisam de uma distração — ela acrescenta.

— E essa é muito boa. Nenhum professor chegou tão longe com Kilorn antes. Vou fazer questão de agradecê-la mais tarde. — Se ela não fugir de novo. — Todos precisamos de alguma distração, Ada.

Ela suspira, concordando. Seus lábios grossos e escuros se curvam num sorriso amargo de quem sabe o que quero dizer. Seu olhar breve para o Furo, onde metade do meu coração dorme, não me escapa. Em seguida, ela encara a floresta, por onde anda minha outra metade.

— Crance está com ele, e Farrah vai se juntar aos dois em breve. Nada de ursos — ela comenta, forçando a vista para enxergar o horizonte escuro. À luz do dia, quando não há névoa, conseguimos avistar até as montanhas distantes. — Eles já estão quietos, se preparando para o inverno. Dormem a estação inteira.

Ursos. Em Palafitas, mal tínhamos cervos, muito menos os famosos monstros do interior do país. Os depósitos de madeira, os lenhadores e o trânsito no rio bastavam para afastar qualquer animal maior que um guaxinim. Greatwoods, por outro lado, transborda vida selvagem. Alces de chifres enormes, raposas curiosas e, de vez em quando, o uivo de um lobo assombra os montes e vales. Ainda não vi nenhum desses vultosos ursos, mas Kilorn e os outros caçadores toparam com um há algumas semanas. Apenas o poder abafador de Farrah e o bom senso de Kilorn de ficar contra o vento evitaram que todos acabassem entre as presas do animal.

— Onde você aprendeu tanto sobre ursos? — pergunto, para pelo menos preencher o ar com alguma conversa boba.

Ada percebe exatamente o que estou fazendo, mas me responde mesmo assim.

— O governador Rhambos gosta de caçar — ela responde, dando de ombros. — Tinha uma propriedade fora da cidade, e seus filhos a encheram de bichos estranhos para que ele os matasse. Principalmente ursos.

Criaturas belíssimas, com pelo preto e olhos vivos. Eram até tranquilos quando não mexiam com eles ou quando recebiam os cuidados do tratador. A pequena Rohr, filha do governador, queria um filhote, mas os ursos foram mortos antes de

procriarem.

Lembro de Rohr Rhambos. Uma forçadora que parecia um ratinho, mas que conseguia pulverizar pedras com a força das mãos. Competiu na Prova Real há muito tempo, quando eu era uma criada como Ada.

— Não sei se o que o governador fazia pode ser chamado de caça, na verdade — Ada continua, com a voz cheia de tristeza. — Ele prendia os animais num poço, lutava com eles e lhes quebrava o pescoço. Seus filhos faziam isso também, para treinar.

Os ursos têm fama de serem feras selvagens e aterrorizantes, mas as palavras de Ada me dizem o contrário. Seu olhar opaco só pode significar que ela viu o poço pessoalmente, e se lembra de cada segundo.

— Que horrível — comento.

— A senhorita matou um dos filhos dele, sabia?

Ryker era o nome dele. Tinha sido escolhido para ser um dos seus carrascos.

Nunca quis saber seu nome. Nunca perguntei nada sobre aqueles que matei no Ossário, e ninguém nunca me contou. Ryker Rhambos, eletrocutado na areia, reduzido a nada mais que carne enegrecida.

— Perdão, senhorita. Não era a minha intenção chateá-la — Ada emenda. Sua máscara de calma está de volta, junto com os modos perfeitos de uma mulher educada para ser uma criada. Com o poder que tem, só posso imaginar como deve ter sido terrível só observar e nunca poder falar, nunca poder mostrar seu valor ou se revelar por inteiro. Mas é ainda pior pensar que, diferente de mim, ela não pode se esconder atrás do escudo de uma mente imperfeita. Ela sabe e sente coisas demais, que ameaçam derrubá-la. Como eu, ela precisa continuar fugindo.

— Só fico chateada quando você me chama assim.

"Senhorita", quero dizer.

— Acho que é o hábito.

Ela muda de posição para pegar alguma coisa debaixo dos cobertores. Ouço o som característico de papel amassado e espero ver outro boletim de notícias com detalhes sobre a turnê de coroação de Maven. Em vez disso, Ada revela um documento que parece oficial, apesar de estar todo amarrotado e com os cantos chamuscados. Tem a espada vermelha do exército de Norta.

— Shade pegou isso daquele agente em Corvium — Ada explica.

— Aquele que eu fritei.

Passo os dedos pelo papel queimado, sentindo-o áspero e preto, prestes a se desintegrar. É estranho o documento ter sobrevivido e o portador não.

— Preparativos — balbucio, decifrando a ordem. — Para legiões substitutivas.

Ela confirma.

— Dez legiões para ficar no lugar das nove que estão nas trincheiras do Gargalo.

Legião Tempestade, Legião Martelo, Legião Espada, Legião Escudo: os nomes e os números estão listados de maneira bem clara. Cinco mil soldados vermelhos em cada, e mais quinhentos oficiais prateados. Estão se reunindo em Corvium antes de seguirem para o Gargalo, para substituir os soldados na frente de batalha. É uma coisa terrível, mas não me interessa muito.

— Que bom que já checamos Corvium. — É o que me ocorre dizer. — Pelo menos evitamos algumas centenas de oficiais prateados de passagem.

Mas Ada apoia a mão sobre o meu braço delicadamente; sinto o frio dos seus dedos longos e ágeis mesmo por baixo da manga da camisa.

— Dez para substituírem nove? Por quê?

— Um ataque fulminante? — pergunto. De novo, não entendo por que isso é problema meu. — Maven pode querer dar um espetáculo, revelar o guerreiro que é, fazer todos esquecerem Cal…

— Improvável. Ataques em trincheiras demandam pelo menos quinze legiões, cinco para ficarem de guarda, dez para marcharem.

Os olhos dela vão de um lado para o outro, como se pudesse ver a batalha na cabeça. Não consigo evitar arregalar os olhos. Pelo que sei, não temos nenhum manual de estratégia por aqui.

— O príncipe é muito versado na arte da guerra — ela explica. — E um bom professor.

— Você mostrou isso a Cal?

A hesitação dela é a única resposta que preciso.

— Creio que se trata de uma ordem de execução — Ada sussurra. — Nove legiões para assumirem os postos, e a décima para morrer.

Isso é loucura, mesmo para Maven.

— Não faz o menor sentido. Por que alguém desperdiçaria cinco mil bons soldados? — questiono.

— O nome oficial da legião é Adaga — ela diz, apontando para a palavra no papel. Como as outras, é formada por cinco mil vermelhos e está partindo direto para as trincheiras. — Mas o governador Rhambos a chama de outra coisa. Legiãozinha.

— Legiãozinha?

Meu cérebro finalmente começa a funcionar. De repente, volto à ilha de Tuck, para o pavilhão médico, com o coronel fungando na minha cara. Ele planejava

trocar Cal, usá-lo para salvar as cinco mil crianças que agora marcham mais cedo para a cova.

— Os novos recrutas — balbucio. — Crianças.

— Entre quinze e dezessete anos. A Adaga é a primeira das legiões que o rei considerou "pronta para combate". — Ela não se dá ao trabalho de esconder sua incredulidade. — Não devem ter sequer dois meses de treinamento.

Lembro de como eu era aos quinze anos. Embora já fosse uma ladra, era pequena e tonta, mais preocupada em atormentar minha irmã do que com o meu futuro.

Ainda pensava ter uma chance de escapar do recrutamento. Rifles, trincheiras, explosões e cinzas não tinham começado a assombrar meu sono.

— Vão ser massacrados.

Ada se encolhe nos cobertores com uma expressão sombria.

— Acho que essa é a ideia.

Sei o que ela quer, o que muitos iriam querer se soubessem das ordens de Maven para o exército infantil.

As crianças prestes a serem enviadas para o Gargalo são consequência das Medidas, uma forma de punir o reino pela insurreição da Guarda Escarlate. A sensação é de que eu mesma os sentenciei à morte, e não duvido que muitos pensem assim. Logo haverá um mar de sangue nas minhas mãos, e não tenho como impedir. Sangue inocente, como o do bebê em Templyn.

— Não podemos fazer nada por eles — digo, olhando para baixo para não ver a frustração no rosto de Ada. — Não temos como lutar contra legiões inteiras.

— Mare…

— Por acaso você é capaz de pensar numa maneira de ajudar essas crianças? — eu a interrompo com a voz áspera de raiva, o que a faz se encolher num silêncio derrotado. — Então como eu seria?

— Claro. Tem razão. Senhorita.

O título me fere, conforme a intenção dela.

— Vou deixar você continuar a vigia — murmuro antes de levantar do tronco, ainda segurando a ordem.

Devagar, eu a dobro e enfio bem no fundo do bolso.

Cada corpo é uma mensagem para você.

Rendam-se, e isso vai parar.

— Partimos para Pitarus em algumas horas — digo a ela. Ada já sabe qual é a nossa missão de resgate do dia, mas a repetição me dá o que fazer. — Cal vai pilotar o jato, então entregue uma lista para Shade com os suprimentos de que

vamos precisar.

— Cuidado. O rei está em Delphie, a apenas uma hora de voo — ela comenta.

A informação faz minhas cicatrizes arderem. Uma hora me separa das manipulações torturantes de Maven.

Da sua máquina de terror que jogou meu poder contra mim.

— Delphie? De novo?

Cal vem caminhando até nós; acaba de sair do Furo e seu cabelo ainda está despenteado. Mas seus olhos nunca pareceram tão despertos.

— Por que de novo? — ele pergunta.

— Li um boletim em Corvium dizendo que ele visitaria o governador Lerolan — Ada diz, confusa com a atenção repentina de Cal. — Para lhe oferecer os pêsames em pessoa.

— Por Belicos e seus filhos.

Só me encontrei com Belicos uma vez, minutos antes da sua morte, mas ele me tratou com gentileza. Não merecia o fim que ajudei a lhe darem. Seus filhos também não.

Mas Cal força a vista na direção do sol nascente. Vê algo que não vemos, algo que nem mesmo as listas e informações de Ada podem compreender.

— Maven não perderia tempo com uma coisa dessas.

Os Lerolan não significam nada para ele, e ele já matou os sanguenovos de Delphie. Não voltaria sem um bom motivo.

— Que é? — pergunto.

Ele abre a boca, como se esperando que a resposta certa saia. Nada acontece e, por fim, ele balança a cabeça.

— Não sei ao certo.

Porque não se trata de uma manobra militar. É outra coisa, algo que Cal não entende. Ele tem talento para guerra, não para intrigas — elas são domínio de Maven e sua mãe, e estamos completamente desarmados nesse campo. O melhor que podemos fazer é desafiá-los nos nossos termos, com a força, não com a mente. Mas precisamos de mais força. E rápido.

— Pitarus — digo em voz alta. — Diga a Nanny que ela vem junto.

A idosa pede para ajudar desde que chegou, e Cal acha que ela está pronta. Harrick, por outro lado, não quis se juntar a nós para outro resgate. Não desde Templyn. Não o culpo.

*Não preciso indicar a Cal onde fica a região de Rift.

À medida que passamos o Estado do Rei e o Estado do Príncipe, a divisa fica surpreendentemente clara da altitude em que estamos. O jato sobrevoa uma série

de vales com fendas, ladeados por uma fileira de montanhas. Seus longos entalhes parecem até criações humanas, como se a terra tivesse sido esculpida. Mas as fendas são grandes demais para terem sido feitas por homens, mesmo prateados. Esta terra foi esculpida por algo muito mais poderoso e destrutivo, milhares de anos atrás. O outono sangra pela paisagem, tingindo a floresta de vários tons de fogo. Estamos bem mais ao sul, e vejo neve no pico das montanhas, escondendo-se do sol nascente. Como Greatwoods, Rift é mais uma terra selvagem, embora sua riqueza se concentre em aço e ferro, não em madeira. A capital, Pitarus, é a única metrópole da região, e também o coração industrial. Fica na bifurcação de um rio, ligando as siderúrgicas às frentes de batalha, bem como as cidades carvoeiras do sul ao resto do reino. Embora Rift seja oficialmente governado pelos dobra-ventos da Casa Laris, é o lar ancestral da Casa Samos. Proprietários das minas de ferro e das usinas de aço, são os Samos quem realmente controla Pitarus e Rift. Se tivermos sorte, Evangeline pode estar circulando por aí, e terei a chance de fazê-la pagar pelos seus males.

A fenda mais próxima de Pitarus fica a mais de vinte quilômetros, mas nos oferece uma boa cobertura.

Pousamos na mais esburacada das pistas escondidas, e me pergunto se não ultrapassamos os limites do pavimento. Mas Cal mantém o Abutre sob controle e aterrissamos em segurança, apesar das sacudidas.

Nanny bate palmas, maravilhada com o voo. Um sorriso ilumina seu rosto enrugado.

— É sempre divertido assim? — ela pergunta, nos encarando.

Na frente dela, Shade força um sorriso amarelo. Ele ainda não se acostumou a voar e está se esforçando muito para não despejar seu café da manhã no colo da idosa.

— Estamos à procura de quatro sanguenovos. — Minha voz ecoa pela nave, silenciando o estalar das fivelas e barras de proteção.

Shade, recuperado, está sentado ao lado de Farley.

Além deles, Nanny e o sanguenovo Gareth Baument estão com a gente. Essa vai ser a terceira missão de Gareth em quatro dias, desde que Cal decidiu que o antigo domador de cavalos seria um acréscimo bem-vindo às nossas missões diárias. Ele já trabalhou para a própria Lady Ara Iral e era responsável pelo vasto haras da família próximo ao rio Capital. Na corte, todos a chamavam de pantera por causa de seu cabelo preto e brilhante e de sua agilidade felina. Gareth é menos elogioso e prefere chamá-la de silfa vadia. Por sorte, o trabalho na Casa Iral o manteve em forma, e seu poder está bem longe de ser desprezível. Na primeira

vez que falei com ele e perguntei se era capaz de fazer alguma coisa especial, fui erguida até o teto. Gareth manipulou as forças da gravidade que me mantinham no chão. Se estivéssemos num lugar aberto, provavelmente teria ido parar nas nuvens. Mas deixo isso a critério de Gareth.

Além de ser capaz de lançar as pessoas pelo ar, ele consegue usar seu poder para voar.

— Gareth vai soltar Nanny dentro da cidade, e ela vai entrar na central de segurança disfarçada de general Lord Laris — digo, lançando um olhar para ela. Logo deparo com um homem um pouco mais velho que a mulher com quem estou acostumada. Ele faz que sim com a cabeça e flexiona os dedos, como se nunca os tivesse usado. Mas sei o que está acontecendo. É Nanny por baixo daquela pele, fingindo ser o comandante prateado da Frota Aérea. — Ela vai nos arranjar cópias dos registros dos quatro sanguenovos que vivem em Pitarus e no resto da região de Rift. Seguiremos a pé, e depois Shade vai tirar todos de lá.

Como sempre, Farley é a primeira a levantar.

— Boa sorte com este aqui, Nan — ela diz, enfiando o dedo no peito de Gareth. — Se você gostou do jato, vai adorar o que ele faz.

— Não gosto desse sorriso, mocinha — Nanny diz com a voz de Laris. Embora já tenha visto ela se transformar antes, ainda acho tudo muito estranho.

Gareth ri ao lado de Nanny enquanto a ajuda a levantar do assento.

— Farley voou comigo da última vez. Fez um belo estrago nas minhas botas quando pousamos.

— Não fiz nada disso — Farley rebate, mas segue rápido para a traseira do jato, provavelmente para esconder o rosto corado. Shade a segue, como sempre, tentando abafar o riso com a mão. Ela vomitou e está fazendo de tudo para esconder, o que nos diverte muito.

Cal e eu somos os últimos, embora eu não tenha motivos para esperá-lo. Ele repete as ações de sempre, girando botões e chaves, desligando partes do jato numa sequência rápida. Sinto cada uma delas afundar numa espécie de morte elétrica, até só restar a vibração baixa das baterias carregadas. O silêncio lateja no mesmo compasso que o meu coração, e de repente não vejo a hora de sair dali. Estar a sós com Cal me assusta, pelo menos à luz do dia. Quando a noite cai, não há outra pessoa com quem eu queira estar.

— Você devia conversar com Kilorn.

A voz dele me faz parar, e congelo no meio da rampa.

— Não quero conversar com ele.

O calor aumenta à medida que ele se aproxima.

— Engraçado. Geralmente você mente muito bem.

Viro para dar de cara com o peito dele. A roupa de voo — intacta quando ele a vestiu há mais de um mês — mostra sinais nítidos de desgaste. Embora ele faça o máximo para não se envolver nas nossas batalhas, elas visivelmente o atingiram.

— Conheço Kilorn melhor que você. Nada que eu disser vai impedi-lo de ficar emburrado.

— Você sabe que ele está pedindo para vir com a gente? — ele pergunta, com os olhos escuros e as pálpebras pesadas. Sua aparência é a mesma de momentos antes de dormir. — Ele me pede toda noite.

Meu tempo no Furo me deixou direta e fácil de ler.

Não tenho dúvida de que Cal vê a minha confusão ou a leve corrente de ciúmes que passa por mim.

— Ele conversa com você? Ele não fala comigo por sua causa, então por que raios…

De repente, os dedos dele estão no meu queixo, levantando minha cabeça para que eu não desvie o olhar.

— Não é de mim que ele sente raiva. Ele não está irritado porque nós… — Sua voz vacila. — Ele te respeita e acha que você é capaz de fazer as próprias escolhas.

— Ele me disse isso.

— Mas você não acredita nele.

Meu silêncio é resposta suficiente.

— Sei que você acha que não pode confiar em ninguém — ele continua. — Pelas minhas cores, eu sei.

Mas você não pode enfrentar isso sozinha. E não diga que tem a mim, porque nós dois sabemos que você também não acredita nisso. — A dor na voz dele quase me esmaga. Seus dedos tremem na minha pele.

Devagar, desvencilho o rosto da mão dele.

— Não ia falar isso — digo. Uma meia verdade. Não me sinto dona de Cal, e não me deixo confiar nele, mas também não consigo me distanciar. Sempre que tento, logo retorno.

— Ele não é uma criança, Mare. Não precisa mais da sua proteção.

E pensar que, durante todo esse tempo, Kilorn esteve bravo só porque quero mantê-lo vivo. Quase começo a rir. Como ouso fazer uma coisa dessas? Como ouso querer que ele esteja seguro?

— Então traga-o da próxima vez. Deixe-o tropeçar na própria cova — digo simplesmente. Sei que ele capta o vacilo na minha voz, mas finge ignorar, por

educação. — E desde quando você se preocupa com ele?

Mal ouço a resposta de Cal enquanto me afasto.

— Não digo isso para o bem dele.

Mais adiante, na pista, os outros estão à nossa espera.

Farley está ocupada prendendo Nanny ao peito de Gareth, improvisando amarras com um cinto de segurança do jato. Shade está olhando para o chão. A julgar pela expressão severa no seu rosto, ele ouviu cada palavra. Ele me lança um olhar fulminante quando passo, mas não diz nada. Com certeza vou levar outra bronca mais tarde, mas, por enquanto, quero me concentrar na nossa ida a Pitarus e nos resgates que faremos.

— Braços retraídos. Cabeça baixa — Gareth instrui Nanny. Diante dos nossos olhos, ela se transforma do robusto Lord Laris nela mesma, bem menor e mais magra, e então aperta o cinto.

— Fica mais leve assim — ela explica, com um sorriso.

Depois de longos dias de conversas sérias e noites inquietas, a cena me faz rir, e acabo tendo de tapar a boca com a mão.

Gareth acaricia o cocuruto da idosa.

— Você nunca para de surpreender, Nan. Sinta-se à vontade para fechar os olhos.

Ela faz que não com a cabeça.

— Passei a vida inteira de olhos fechados. Nunca mais.

Quando era criança e sonhava em voar como um pássaro, nunca imaginei uma coisa dessas. As pernas de Gareth não dobram, os músculos não enrijecem. Ele não toma impulso. Em vez disso, ele espalma as mãos e as deixa paralelas à pista, então simplesmente começa a flutuar. Sei que a gravidade ao redor dele está afrouxando, como um nó sendo desamarrado de uma corda. Ele sobe com Nanny presa ao corpo, cada vez mais rápido, até não passar de um pontinho no céu. E então a corda fica tensa e puxa o pontinho para a terra, para cima e para baixo, em arcos suaves e progressivos, afrouxando e tensionando, até os dois desaparecerem no pico mais próximo. Daqui de baixo, até parece um voo tranquilo, mas duvido que algum dia descubra. O jato é suficiente para mim.

Farley é a primeira a desviar o olhar do horizonte e retornar à missão. Ela aponta para a colina que se ergue diante de nós, com o topo repleto de árvores com folhas vermelhas e douradas.

— Vamos?

Como resposta, começo a marchar, estabelecendo um bom ritmo em direção ao cume. De acordo com a nossa vasta coleção de mapas, o vilarejo minerador de

Rosen fica do outro lado do morro. Ou pelo menos ficava. Um incêndio de carvão devastou Rosen anos atrás, forçando tanto vermelhos como prateados a abandonar as valiosas e voláteis minas. Segundo as leituras de Ada, o lugar foi abandonado de um dia para o outro, e é provável que nos reserve um tesouro em suprimentos. Por enquanto, estou pensando em passar reto, para conferir o que conseguimos carregar na volta.

O cheiro de cinzas chega primeiro. Está vindo do lado oeste da encosta, e fica mais forte a cada passo que damos morro abaixo. Farley, Shade e eu logo cobrimos o nariz com os cachecóis, mas Cal não se incomoda com o aroma pesado de fumaça. Bom, não deveria mesmo.

Em vez disso, ele o aspira e o estuda.

— O fogo ainda está queimando — ele sussurra, observando as árvores. Ao contrário das que encontramos do outro lado da encosta, os carvalhos e olmos daqui parecem mortos. Poucas folhas, troncos cinzentos, não há nem mato crescendo sobre as raízes retorcidas. — Queimando em algum lugar nas profundezas.

Se Cal não estivesse conosco, eu teria medo dos focos remanescentes do incêndio. Mas sei que mesmo as brasas da mina não são páreo para ele. O príncipe é capaz de desfazer qualquer explosão que quiser, por isso seguimos em frente num silêncio agradável por entre a floresta moribunda.

Os acessos aos elevadores ainda existem na lateral da montanha, todos lacrados às pressas. Um deles exala fumaça, criando uma trilha de nuvens cinzentas que sobem para o céu nebuloso. Farley luta contra o ímpeto de investigar, e desce rápido pelas pedras e galhos baixos. Silenciosa, ela examina a área com atenção, sempre em guarda. E sempre a poucos metros de Shade, que nunca tira os olhos dela. Isso evoca a lembrança de Julian e Sara, dois dançarinos que se moviam ao som de uma música que ninguém mais ouvia.

Rosen é o lugar mais cinzento que já vi. As cinzas cobrem o vilarejo como neve, pairando no ar, abraçando as construções… Chegam até a encobrir o sol, o que deixa o vilarejo envolto numa neblina perpétua. Lembro das favelas dos técnicos em Cidade Cinzenta, mas aquele lugar maldito ainda pulsa como um coração lento e enegrecido. Este vilarejo está morto faz tempo, assassinado por um acidente, uma faísca nas profundezas das minas. Apenas a rua principal, que traz uma mistura precária de lojas de alvenaria e casas de madeira, ainda está boa. O resto desmoronou ou foi queimado. Me pergunto se há ossos humanos entre as cinzas que inspiramos.

— Nenhuma eletricidade — comento. Não consigo sentir nada, nem uma

lâmpada sequer. A tensão no meu peito se desfaz. Rosen já era faz tempo, e não representa perigo para nós. — Vou conferir as janelas.

Os outros seguem meu exemplo e esfregam as vitrines com a manga já suja da camisa. Tento enxergar o que há dentro do menor dos prédios ainda de pé; a construção parece um armário espremido entre um posto de segurança e uma escola quase toda destruída. Quando meus olhos se ajustam à pouca luz, vejo fileiras e mais fileiras de livros. Acumulados em prateleiras, empilhados de qualquer jeito, espalhados pelo assoalho encardido.

Sorrio contra o vidro, sonhando com a quantidade de tesouros que posso levar para Ada.

Um estalo parece partir meus nervos. Giro a cabeça na direção do som e vejo Farley parada diante de uma vidraça com uma tábua na mão e cacos de vidro aos pés.

— Ficaram presos — explica, apontando para a loja.

No instante seguinte, uma revoada de corvos explode da janela quebrada. Eles desaparecem no céu cinzento, mas seus grasnados ainda ecoam por um bom tempo.

Soam como crianças sofrendo.

— Minhas cores! — Cal exclama, balançando a cabeça na direção de Farley.

Ela só dá de ombros, rindo.

— Por acaso o assustei, alteza?

Ele abre a boca para responder, quase sorrindo, mas alguém interrompe. Uma voz que não reconheço, vinda de uma pessoa que jamais vi.

— Ainda não, Diana Farley. — O homem parece ter se materializado das cinzas. A pele, o cabelo e as roupas são da cor do vilarejo morto. Mas seus olhos são de um vermelho-sangue luminoso e aterrorizante. — Mas vão ficar assustados muito em breve. Todos vocês.

Cal invoca seu fogo e eu os meus raios, e Farley aponta a arma na direção do homem cinza. Nada disso parece assustá-lo. Na verdade, ele dá um passo à frente, e seu olhar vermelho me encontra.

— Mare Barrow — ele suspira, como se meu nome lhe causasse uma dor extrema. — Sinto como se já te conhecesse.

Nenhum de nós se mexe, estamos todos paralisados.

Digo a mim mesma que é por causa dos olhos dele, ou do cabelo longo e grisalho. Sua aparência é peculiar, mesmo para nós. Mas não é isso o que me mantém entorpecida. Outra coisa me deixa nervosa, um instinto que não compreendo. Embora o homem pareça curvado pela idade, incapaz de dar um

soco, quanto mais lutar contra Cal, não consigo deixar de temê-lo.

— Quem é você? — Minha voz vacila, ecoando pelo vilarejo vazio.

O homem cinza inclina a cabeça e encara cada um de nós. À medida que os segundos passam, seu rosto murcha, e acho que ele vai começar a chorar.

— Os sanguenovos de Pitarus estão mortos. O rei espera vocês lá.

Antes que Cal possa abrir a boca para perguntar o que todos estamos pensando, o homem cinza ergue a mão.

— Sei porque vi, Tiberias. Assim como vi a chegada de vocês.

— O que você quer dizer com vi? — Farley rosna, se aproximando dele a passos rápidos, com a arma ainda na mão, pronta. — Fale!

— Que temperamento, Diana — ele a censura, posicionando-se ao lado dela com uma rapidez surpreendente.

Farley pisca, perplexa, e tenta agarrá-lo. De novo, ele se esquiva.

— Farley, pare! — ordeno, para a minha própria surpresa. Ela faz uma careta, mas obedece, parando atrás do homem estranho. — Qual o seu nome, senhor?

Seu sorriso é tão cinza quanto seu cabelo.

— Isso não importa. Meu nome não está na sua lista.

Venho de fora das fronteiras do seu reino.

Antes que eu tenha chance de perguntar como ele sabe da lista de Julian, Farley ataca a toda velocidade, pulando nas costas do homem. Ela não emite nenhum ruído e ele não pode vê-la, mas o homem dá um passo para o lado e escapa do golpe com facilidade. Ela cai de cara nas cinzas, xingando, e não perde tempo tentando levantar. Mira a pistola no coração dele.

— Vai desviar disto também? — ela provoca, engatilhando a arma com um clique.

— Não vou precisar — ele responde, com um sorriso sagaz. — Vou, srta. Barrow?

Claro.

— Farley, deixe-o. É mais um sanguenovo.

— Você é um… um observador — Cal suspira, dando alguns passos pela rua cinzenta. — Você vê o futuro.

O homem desdenha, abanando a mão.

— Um observador só vê o que procura, e sua visão é muito mais limitada que a minha.

Ele faz uma pausa e mais uma vez nos encara com um olhar triste e escarlate.

— Eu vejo tudo.

VINTE E UM

SÓ QUANDO ENTRAM OS NO QUE RESTOU DA TAVERNA incendiada de Rosen é que o homem fala de novo, apresentando-se enquanto nos sentamos em volta de uma mesa chamuscada. Seu nome é surpreendentemente simples: Jon. E a presença dele é a coisa mais desconcertante que já senti. Cada vez que ele me encara com seus olhos cor de sangue tenho a impressão de que ele pode ver através da minha pele, até a coisa retorcida que eu costumava chamar de coração. No entanto, guardo esses pensamentos para mim, dando mais espaço para Farley preencher o ambiente com suas queixas. Ela alterna entre resmungos e gritos, argumentando que não podemos confiar nesse estranho que apareceu no meio das cinzas. Shade precisa acalmá-la, segurando-a pelos braços. Jon observa tudo pacientemente, sentado, com um sorriso torto, repelindo as oposições dela com o olhar e só voltando a falar quando ela finalmente fecha a boca.

— Conheço muito bem vocês quatro, então não precisam se apresentar — ele diz, olhando para Shade e erguendo a mão. Meu irmão solta um resmungo e recua um pouco. — Encontrei vocês porque sabia onde estariam. Não foi difícil coordenar a minha viagem com a sua — Jon acrescenta, voltando-se para Cal.

O rosto do príncipe fica branco, mas Jon não se dá ao trabalho de observar. Em vez disso, ele desvia os olhos para mim, e seu sorriso fica um pouco mais suave.

Ele vai ser um bom acréscimo ao grupo, embora um pouco sinistro.

— Não tenho intenção de me juntar a vocês no Furo, srta. Barrow.

É a minha vez de morder a língua. Antes que eu possa me recompor, ele continua, e suas palavras são como uma facada fria no estômago:

— Não, não consigo ler seus pensamentos, mas consigo ver o que vai acontecer. Por exemplo, sei o que você vai dizer em seguida. Achei que isso nos pouparia algum tempo.

— Eficiente — Farley solta, ríspida. É a única que não está embasbacada com o homem. — Por que você não fala de uma vez o que veio dizer e acaba logo com isso? Melhor ainda, apenas nos conte o que vai acontecer.

— Seus instintos são muito úteis, Diana — ele responde, inclinando a cabeça grisalha. — Seus amigos, a metamorfa e o voador, retornarão em breve. Vão encontrar resistência na central de segurança de Pitarus, e precisarão de cuidados médicos. Nada que Diana não possa resolver no jato.

Shade começa a levantar da cadeira, mas Jon gesticula para que volte a sentar.

— Calma, vocês ainda têm tempo. O rei não tem intenção de persegui-los.

— Por que não? — Farley pergunta, erguendo uma sobrancelha.

Os olhos rubros encontram os meus, à espera de que eu responda.

— Gareth é capaz de voar, coisa que nenhum prateado consegue. Maven não quer que ninguém veja isso, nem mesmo seus soldados fiéis.

Cal confirma com a cabeça, conhecendo o irmão tão bem — ou tal mal — quanto eu, e acrescenta:

— Ele disse ao reino que sanguenovos não existem.

— Um de seus muitos erros — Jon divaga em um tom onírico e distante, provavelmente olhando para um futuro que nenhum de nós é capaz de compreender. — Mas vocês vão descobrir isso em breve.

Espero que Farley reclame das charadas, mas Shade toma a dianteira. Ele apoia as mãos na mesa e se projeta para a frente, cobrindo Jon com sua sombra.

— Você veio aqui só para se mostrar? Ou para desperdiçar o nosso tempo?

Não posso deixar de pensar a mesma coisa.

O homem não se abala, nem diante da raiva contida do meu irmão.

— Para ser sincero, Shade, a segunda opção. Mais alguns quilômetros e os observadores de Maven avistariam vocês chegando. Ou vocês prefeririam cair na tocaia dele? Confesso que posso ver ações, mas não pensamentos. Talvez vocês quisessem ser presos e executados, não? — Ele corre os olhos pelos nossos rostos e seu tom de voz é de uma animação chocante.

Um lado da sua boca levanta, formando um meio sorriso. — Pitarus teria acabado em morte. Ou pior.

Pior que a morte? Debaixo da mesa, a mão de Cal se fecha sobre a minha, como se ele sentisse o medo tomando conta do meu corpo. Sem pensar, abro bem os dedos, para que os dele se enlacem nos meus. Nem quero perguntar o que seria pior que a morte.

— Obrigada, Jon. — Minha voz sai grave de medo.

— Por nos salvar.

— Você não salvou nada — Cal diz, rápido, apertando ainda mais a minha mão. — Qualquer decisão poderia ter mudado isso. Um passo em falso na floresta, o bater das asas de um pássaro. Sei como pessoas como você enxergam e

como as previsões podem sair erradas.

O sorriso de Jon aumenta até quase dividir seu rosto no meio. Isso enfurece Cal mais do que qualquer coisa, mais do que ouvir seu primeiro nome, Tiberias.

— Vejo mais longe e de modo mais nítido que qualquer observador prateado que já conheceu. A escolha de dar ouvidos ao que digo é sua. Mas você vai acreditar em mim. — Jon acrescenta, quase sorrindo. — Mais ou menos quando descobrir sobre a prisão. Julian Jacos é amigo, não é?

Agora as mãos de Cal também começam a tremer.

— É — balbucio. Meus olhos estão arregalados e esperançosos. — Ele ainda está vivo, não está?

De novo, os olhos de Jon ficam opacos. Ele murmura consigo mesmo palavras inaudíveis, e acena vez ou outra com a cabeça. Sobre a mesa, seus dedos se agitam, movendo-se para a frente e para trás como um rastelo arando a terra. Puxando e empurrando. Mas o quê?

— Sim, está vivo. Mas sua execução está marcada, assim como a de… — Ele faz uma pausa para pensar. — Sara Skonos.

O tempo avança de maneira estranha. Jon responde todas as nossas perguntas antes que elas saiam dos nossos lábios.

— Maven planeja anunciar a execução deles para preparar uma nova armadilha para vocês. Os dois estão presos no presídio de Corros. Não, ele não está abandonado, Tiberias. Foi reformado para receber prateados. Colocaram Pedras Silenciosas nas paredes, vidraças de diamante e guardas militares. Não, tudo isso não é apenas para Julian e Sara. Há outros dissidentes nas celas, aprisionados por questionar o rei ou irritar a mãe dele. A Casa Lerolan tem sido especialmente difícil, assim como a Casa Iral. E os sanguenovos presos têm se mostrado tão perigosos quanto os prateados.

— Sanguenovos? — A palavra explode de mim e corta a fala de Jon, que continua atirando informações.

— Os que vocês não encontraram, que deram por mortos. Foram levados para serem observados e examinados, mas Lord Jacos se recusou a estudá-los.

Mesmo depois de muita… persuasão.

Bile sobe pela minha garganta. Persuasão só pode significar tortura.

— Há coisas piores que a dor, srta. Barrow — Jon diz suave. — Agora os sanguenovos estão nas mãos da rainha Elara. Ela pretende usá-los… com precisão.

Os olhos dele se desviam para Cal, e os dois trocam um olhar de dolorosa compreensão. O homem cinza retoma:

— Com o tempo, se tornarão armas contra seu próprio sangue, controlados

pela rainha e sua família.

Trata-se de uma estrada muito, muito escura. Vocês não devem permitir que isso aconteça.

Ele crava as unhas rachadas e imundas na mesa, escavando sulcos profundos na madeira enegrecida.

— Não devem — finaliza.

— O que vai acontecer se libertarmos Julian e os outros? — digo, me inclinando para a frente. — Você é capaz de ver?

— Não. Só consigo enxergar a partir do momento atual. — Não sei se ele está mentindo ou não. — Por exemplo, agora vejo vocês sobrevivendo à armadilha de Pitarus, apenas para morrer quatro dias depois. Vocês esperam demais para atacar Corros. Ah, esperem. Agora que contei, tudo mudou. — Outro sorriso estranho e triste. — Hmmm…

— Isso não faz sentido — Cal grunhe, desenlaçando minha mão. Ele levanta, devagar e determinado como uma tempestade. — As pessoas enlouquecem ouvindo previsões como as suas. São arruinadas pelo conhecimento de um futuro incerto.

— Não temos prova nenhuma além das suas palavras

— Farley intervém. Pela primeira vez, concorda com Cal, o que surpreende os dois. Ela joga a cadeira para trás num movimento rápido e violento. — São só truques baratos.

Truques baratos. Ele previu nossas palavras, sabendo dos ataques de Farley antes de ela pronunciá-los. Isso está longe de ser um truque. Mas é mais fácil acreditar que o poder de Jon é impossível. É por isso que todos acreditaram nas mentiras de Maven a meu respeito, a respeito dos sanguenovos. Viram meu poder com os próprios olhos e escolheram confiar no que eram capazes de compreender, não na realidade. Vou fazê-los pagar por essa burrice, mas não vou cometer o mesmo erro. Algo em Jon mexe comigo, e meus instintos me dizem para ter fé — não no homem, mas ao menos em suas visões. O que ele diz é verdade, embora o motivo para dizê-lo talvez não seja muito nobre.

O sorriso enlouquecedor dele tremula, contorcendo-se numa careta que denuncia um temperamento instável.

— Vejo uma coroa pingando sangue. Uma tempestade sem trovão. Sombras se agitando sobre uma cama de labaredas. — A mão de Cal estremece. — Vejo lagos inundando a costa, engolindo homens por inteiro. Vejo um homem de olho vermelho, casaco azul, arma fumegante…

Farley soca a mesa.

— Chega!

— Acredito nele — digo, e as palavras têm um gosto estranho.

Sou incapaz de confiar nos meus próprios amigos, mas aqui estou, me aliando a um estranho amaldiçoado.

Cal me encara como se uma segunda cabeça tivesse brotado do meu pescoço; seus olhos gritam uma pergunta que ele não ousa pronunciar. Só consigo dar de ombros e evitar o peso do olhar vermelho de Jon. Ele paira sobre mim, examinando cada milímetro da garota elétrica. Pela primeira vez em séculos, desejo a seda e as armaduras dos prateados, desejo parecer a líder que finjo ser. Em vez disso, meu corpo se arrepia sob o casaco esfarrapado, como se tentasse esconder minhas cicatrizes e meus ossos. Fico feliz por ele não poder ver a marca de Maven, mas algo me diz que ele já sabe dela.

Recomponha-se, Mare Barrow. Num grande ímpeto de força, ergo a cabeça e me ajeito na cadeira, dando as costas para os outros. Jon abre um sorriso em meio às luzes repletas de cinzas.

— Onde fica o presídio de Corros?

— Mare…

— Me deixem lá no caminho de volta — interrompo Cal, sem me dar ao trabalho de virar para vê-lo reagir. — Não vou deixar os sanguenovos se tornarem marionetes de Elara. E não vou abandonar Julian de novo.

Os contornos do rosto de Jon ficam mais fundos, contando a história de muitas décadas dolorosas. Ele é mais jovem do que pensei; a juventude se esconde sob suas rugas e cabelo grisalho. Quanto ele não terá visto para ficar desse jeito? Tudo, me dou conta. Cada coisa horrível e maravilhosa que pode vir a acontecer. Morte, vida e tudo entre os dois extremos.

— Você é exatamente como pensei que seria — ele balbucia, cobrindo minhas mãos com as suas. As veias se ramificam em azul e roxo sob a pele dele, cheias de sangue vermelho. Vê-las é um conforto imenso para mim. — Agradeço muito por ter encontrado você.

Eu lhe ofereço um pequeno sorriso, mas sincero. É o melhor que posso fazer.

— Onde fica a prisão?

— Não vão deixar você ir sozinha — Jon diz, lançando um olhar por cima do meu ombro. — Mas ambos sabemos disso, não sabemos?

Meu rosto fica corado e quente, e sou forçada a concordar com a cabeça.

Jon faz o mesmo antes de desviar os olhos e fixá-los na mesa. O ar onírico retorna e ele recolhe as mãos.

Levanta em pés vacilantes, ainda observando algo que não vemos. Então funga,

levanta a gola da camisa e gesticula para que façamos como ele.

— Chuva — avisa, segundos antes de o temporal se abater sobre o telhado. — Pena que precisamos andar.

Me sinto um rato afogado quando chegamos ao jato, depois de atravessar a lama e a chuva torrencial. Jon nos mantém em um ritmo constante, diminuindo uma ou duas vezes para "alinhar as coisas". Alguns instantes depois de o jato entrar no nosso campo de visão, percebo o que ele quis dizer. Gareth precipita-se do céu como um meteoro vagaroso de roupas molhadas e sangue. Ele aterrissa bem, e o embrulho nos seus braços, um bebê, ao que parece, salta pelo ar e se transforma diante dos nossos olhos. Os pés de Nanny atingem o solo com força, e seu joelho idoso se dobra. Shade corre para o lado dela e a segura firme, enquanto Farley passa o braço de Gareth por cima do ombro para lhe dar apoio e compensar a perna inútil e sangrenta.

— Tocaia em Pitarus — ele urra, tanto de dor como de raiva. — Nanny saiu ilesa, mas eles me cercaram.

Precisei virar um quarteirão da cidade de cabeça para baixo antes de conseguir escapar.

Embora Jon tivesse nos assegurado de que não haveria perseguição, não consigo deixar de olhar o céu cada vez mais escuro. Cada nuvem que passa lembra um jato, mas não ouço nem sinto nada além das oscilações distantes dos trovões.

— Não estão vindo, srta. Barrow — Jon fala, num tom mais alto que o ruído da chuva. O sorriso louco está de volta.

Gareth olha para ele, confuso, mas confirma:

— Acho que ninguém nos seguiu — diz, e as palavras se emendam num grunhido de dor.

Farley ajusta o corpo contra Gareth, recebendo quase todo o peso dele. Mesmo ocupada ajudando-o a chegar no jato, ela continua com os olhos fixos em Jon.

— O monstrinho estava lá? — ela pergunta a Gareth.

Ele faz que sim.

— Os sentinelas estavam, então o rei não devia estar muito longe.

Ela xinga, mas não sei do que tem mais raiva: de Maven, por atacar nossos amigos, ou de Jon, por estar certo.

— A perna parece pior do que está — Jon diz no meio da chuva. Ele aponta para Gareth enquanto Farley o ajuda a subir pela rampa do jato. Em seguida, seu dedo pousa em Nanny, ainda encolhida contra Shade. — Só está exausta e com frio. Uns cobertores devem resolver.

— Não sou uma velha gagá que precisa ser trancada em casa debaixo de

cobertores — Nanny reclama, sentada no chão. Ela levanta o mais rápido que pode, lançando um olhar fulminante para Jon. — Me deixe andar, Shade, ou vou soltar um berro que vai fazer você evaporar.

— Você que sabe, Nanny — Shade diz baixinho, se esforçando para não rir enquanto a apoia. Ele lhe dá algum espaço, mas não mais que a distância de um braço. Nanny sobe no jato, orgulhosa, de cabeça erguida e costas eretas.

— Você fez de propósito — Cal resmunga ao passar quase roçando o ombro em Jon. Nem se dá ao trabalho de olhar para trás, nem quando o vidente explode em risos observando o príncipe.

— E funcionou — ele diz tão baixo que só eu escuto.

Confie na visão, não no homem. Uma boa lição a aprender.

— Cal não é muito chegado a brincadeiras com a mente dos outros — aviso, apontando para ele. Uma faísca de eletricidade corre pelo meu dedo. A ameaça é clara como a luz do dia. — Nem eu.

— Não brinco — Jon dá de ombros. — Nem quando era criança brincava. Era difícil encontrar um concorrente à altura tendo isto aqui — conclui, dando batidinhas na própria cabeça.

— Não foi isso que…

— Sei que não foi isso que quis dizer, srta. Barrow

— ele me corta. Seu sorriso plácido, antes desconcertante, se torna frustrante.

Dou meia-volta e sigo em direção ao jato, mas, depois de alguns passos rápidos, me dou conta de que Jon não está vindo.

Ele está olhando para o nada, para a chuva, com olhos arregalados e brilhantes. Não é uma visão. Está só parado, desfrutando a sensação do frio, da água limpa lavando as cinzas da pele.

— É aqui que nos separamos.

O pulso do jato ganha vida e ecoa pelas minhas costelas, distante, desprezível. A única coisa que consigo fazer é observar Jon. Sob a escuridão cada vez mais densa da tempestade, ele parece desaparecer. Cinza como a fuligem, cinza como a chuva, fugaz como ambos.

— Pensei que fosse nos ajudar na prisão. — Deixo as palavras pairando no ar, com um tom inundado de desespero. Jon parece não ligar, então recorro a outra tática. — Maven está à sua caça. Está matando todos nós, e vai matar você quando tiver a chance.

Isso o faz rir tanto que ele até se contorce.

— Acha que não sei quando vou morrer? Eu sei, srta.

Barrow, e não será nas mãos do rei.

Meus dentes rangem de irritação. Como ele pode nos deixar? Todos os outros escolheram lutar. Por que ele não?

— Você sabe que posso obrigar você a vir conosco.

Minhas faíscas parecem brilhar duas vezes mais em meio ao temporal cinzento. Roxas e brancas, chiando sob a chuva, elas se agitam entre os meus dedos e provocam calafrios de prazer na minha coluna.

De novo, Jon sorri.

— Sei que pode, e sei que não vai. Mas coragem, srta. Barrow. Vamos nos encontrar de novo. — Ele inclina a cabeça, pensativo. — Sim, sim, vamos.

Só estou cumprindo a minha promessa. Estou oferecendo uma escolha. Ainda assim, preciso me segurar com todas as forças para não arrastar Jon para o jato.

— Precisamos de você, Jon!

Mas ele já começou a se afastar. Cada passo torna mais difícil enxergá-lo.

— Confie em mim quando digo que não precisa!

Deixo as seguintes instruções: voe para a periferia de Siracas, para o lago Little Sword. Proteja o que encontrar lá, ou seus amigos presos acabarão mortos.

Siracas, lago Little Sword. Repito as palavras até gravá-las na memória.

— Não amanhã, não hoje à noite, mas agora. Você precisa voar para lá agora.

O ronco do jato se expande, até o próprio ar começar a vibrar sob a pressão.

— O que procuramos lá? — berro mais alto que o barulho, protegendo o rosto da chuva. Gotas pesadas me atingem, mas forço a vista para ver pela última vez a silhueta do homem cinza.

— Vocês vão saber! — É o que ecoa pela chuva. — E diga a Diana, quando ela duvidar, diga a Diana que a resposta para a pergunta dela é "sim".

— Que pergunta?

Ele ergue o dedo, quase numa censura.

— Atenha-se ao seu destino, Mare Barrow.

— Que é?

— Se levantar. E se levantar sozinha. — As palavras ressoam como o uivo de um lobo. — Vejo o que você pode se tornar: não apenas um relâmpago, mas uma tempestade. A tempestade que vai engolir o mundo inteiro.

Por uma fração de segundo, os olhos dele parecem brilhar. Vermelho contra cinza, me queimando, examinando cada futuro. Seus lábios se contorcem naquele sorriso enlouquecedor, deixando seus dentes reluzirem à luz prateada. E então ele desaparece.

Quando entro no jato sozinha, batendo os pés, Cal tem o bom senso de me deixar ferver de raiva sem me incomodar. Apenas o desespero afoga a raiva. Se

levantar sozinha. Sozinha. Enterro as unhas na palma das mãos, na tentativa de repelir a tristeza e a dor.

Destinos podem mudar.

Farley não tem tanto tato quanto Cal. Ela levanta os olhos da perna recém-enfaixada de Gareth; seus dedos estão grudentos, manchados de sangue vermelho.

— Ótimo — bufa. — Não precisávamos daquele velho louco mesmo.

— Aquele velho louco podia ganhar esta guerra — Shade diz, dando um leve tapinha no ombro da capitã, recebendo um olhar sombrio em troca. — Pense no que ele pode fazer com esse poder.

Cal lança um olhar furioso do assento do piloto.

— Ele já fez o bastante.

O príncipe me observa sentar ao seu lado, ainda fervilhando.

— Você quer mesmo invadir uma prisão secreta construída para pessoas como nós? — pergunta.

— Prefere deixar Julian morrer? — Ouço apenas um suspiro baixo. — Foi o que pensei.

— Muito bem, então — ele suspira mais uma vez, desacelerando o jato. As rodas pulam debaixo de nós por conta da pista desnivelada. — Precisamos nos reunir, traçar um plano. Qualquer um que quiser vir junto será bem-vindo, mas nada de crianças.

— Nada de crianças — concordo. Minha mente vai até Luther e as outras crianças sanguenovas no Furo.

São jovens demais para lutar, mas não para serem poupadas da caçada de Maven. Não vão gostar de ficar para trás, mas sei que Cal se importa com elas. Não vai permitir que nenhuma fique na ponta errada da pistola.

— Seja lá do que estiverem falando, estou dentro. — Gareth nos lança um olhar ao lado de Farley, com os dentes cerrados para suportar a dor na perna. — Mas quero saber no que estou me metendo.

Incrédula, Nanny lhe dá um tapa com a mão ossuda.

— Só porque levou um tiro não quer dizer que pode parar de prestar atenção. Vamos atacar uma prisão.

— Infelizmente, você tem razão, Nan — Farley concorda. — E é uma perda de tempo, se quer saber minha opinião. Estamos nos baseando na palavra de um maluco.

A frase silencia até as piadas de Nanny, que crava os olhos em mim com a expressão que só uma avó é capaz de fazer.

— É verdade, Mare?

— Maluco é uma palavra muito forte — Shade murmura, mas não nega o que todos estão pensando.

Sou a única que confia em Jon, e eles confiam o suficiente em mim para seguirem a minha fé. — Ele acertou sobre Pitarus e tudo o mais que disse. Por que mentiria sobre a cadeia?

Se levantar. E se levantar sozinha.

— Ele não estava mentindo!

Meu grito silencia a todos, até ouvirmos apenas o ronco dos motores do jato aumentando, atingindo aquele ruído monótono e familiar que vibra pela fuselagem.

Logo a terra sob nós começa a se distanciar. A chuva se espalha pelas janelas, atrapalhando a visibilidade, mas Cal é bom demais para nos deixar cair. Depois de um momento, atravessamos nuvens que parecem feitas de metal escuro e encontramos o brilho do sol do meio-dia.

É como tirar um peso de ferro das costas.

— Nos leve até o lago Little Sword — digo baixinho.

— Jon falou que vamos encontrar uma coisa lá, algo que vai nos ajudar.

Espero mais uma discussão, mas ninguém ousa me confrontar. Não é muito inteligente incomodar uma garota elétrica quando se está voando dentro de um tubo de metal.

Os trovões se sucedem nas nuvens abaixo de nós, um prenúncio dos relâmpagos da tempestade. Raios violentos acertam a terra, e sinto cada um deles como uma extensão de mim mesma. Fluidos, afiados como vidro, queimam tudo pelo caminho. O lago Little Sword não fica longe; está situado na ponta norte do temporal, e reflete como um espelho o céu cada vez mais limpo. Cal dá uma volta com o jato, bem alto e por dentro das nuvens para esconder nossa presença, antes de notar a pista meio enterrada nas colinas verdejantes em volta do lago. Quando pousamos, praticamente pulo do assento, embora não faça ideia do que devo procurar.

Shade vem logo atrás quando desço a rampa correndo, ansiosa para chegar até o lago. Está a quase dois quilômetros ao norte, se minha memória não falha.

Deixo minha bússola interior assumir o comando. No entanto, mal consigo alcançar as árvores que ladeiam a pista antes de um som familiar me fazer parar imediatamente.

O som de uma pistola sendo engatilhada.

VINTE E DOIS



ELA ESTÁ EM PUNHANDO A PISTOLA ERRADO, até eu sei disso. É grande demais para ela, com quase trinta centímetros de cano, feita de um metal preto e brilhante.

Seria mais adequada nas mãos de um soldado treinado do que nas de uma adolescente trêmula e franzina.

Soldada, percebo com fria nitidez. Prateada. É o mesmo tipo de arma com a qual o sentinela atirou em mim, muito tempo atrás, nas profundezas do calabouço do Palacete do Sol. A bala doeu como um golpe de marreta e penetrou direto na minha espinha. Eu teria morrido se não fosse Julian e o curandeiro de pele sob seu controle. Apesar do meu poder, ergo os braços em rendição. Posso ser a garota elétrica, mas não sou à prova de balas. A garota toma o gesto como uma ameaça, em vez de uma entrega, e fica mais tensa, com o dedo perto demais do gatilho.

— Não se mexa — ela sibila, arriscando mais um passo na minha direção. Sua pele, da cor profunda do ébano, é a camuflagem perfeita para a floresta. Mas vejo o vermelho brotar sob sua pele, e vejo a trama de veias minúsculas no branco de cada olho. Solto um ruído de surpresa. Ela é vermelha. — Nem pense em se mexer.

— Não vou — digo, inclinando a cabeça. — Mas não posso falar por ele.

A jovem franze a testa, confusa. Não tem nem tempo de sentir medo. Shade aparece atrás dela, materializando-se do nada, agarrando-a com um movimento preciso aprendido no exército. Ela solta a pistola, que apanho antes de chegar ao chão. A jovem luta e xinga, mas, com os braços de Shade travando seu pescoço, fica difícil fazer algo além de cair de joelhos. Ele também se abaixa, sem perder o controle. O rosto dele traz um sorriso discreto — uma garota franzina não é páreo para ele.

Tenho uma sensação estranha ao segurar a pistola.

Não é a arma que costumo escolher. Na verdade, nunca atirei. Quase começo a

rir pensando nisso. Cheguei tão longe sem jamais ter dado um tiro.

— Tire suas mãos prateadas de mim! — ela ruge, ainda lutando para se desvencilhar. Não é forte, mas é escorregadia, e tem músculos longos e esguios. Tentar prendê-la é como segurar uma serpente. — Não vou voltar! Não vou! Vocês vão ter que me matar!

As faíscas irradiam na minha mão vazia, enquanto a outra ainda segura a arma. Ao ver os raios, ela congela imediatamente. Só seus olhos se mexem, arregalados de pavor.

Ela põe a língua para fora para molhar os lábios secos e rachados.

— Sabia que conhecia você de algum lugar.

O calor de Cal é mais rápido que o corpo dele e me envolve, morno, segundos antes de ele surgir ao meu lado. As pontas dos seus dedos ardem azul de medo, mas as chamas cedem diante da garota.

— Tenho um presente para você — murmuro, entregando a pistola para ele. Ele a encara, impressionado, e pergunta exatamente o que me perguntei:

— Como você conseguiu isso? — Ele se abaixa para poder encarar a jovem nos olhos. Sua atitude fria e firme me faz voltar à última vez que o vi interrogar alguém. A lembrança dos gritos e do sangue congelado de Farley ainda dá um nó no meu estômago.

Como não obtém resposta, Cal tensiona os músculos e pergunta de novo:

— Esta arma. Como você conseguiu?

— Eu peguei! — ela vocifera, se contorcendo. Suas articulações estalam a cada movimento.

Sinto a dor dela e troco um olhar com meu irmão.

— Solta ela, Shade. Acho que podemos cuidar disso.

Ele faz que sim e abre os braços, feliz por se ver livre da adolescente e suas cotoveladas. Ela desaba para a frente, levando as mãos ao chão antes de dar de cara com a terra. Em seguida, recusa a ajuda de Cal para levantar.

— Não toca em mim, chefe — dispara. Parece pronta para morder alguém, com os dentes brilhantes à mostra.

— Chefe? — o príncipe murmura consigo, tão confuso quanto a garota.

Ainda de pé atrás dela, Shade franze a testa ao se lembrar.

— Chefe. Grandes senhores prateados. É gíria da favela — ele explica, sanando nossa ignorância. — De que cidade você é? — ele pergunta à jovem, com um tom de voz bem mais gentil que o de Cal.

A delicadeza a pega desprevenida, e ela se vira para o meu irmão com olhos saltados de medo. Mas de vez em quando ainda se volta para mim, fascinada com

os fios de energia entre os meus dedos.

— Cidade Nova — responde afinal. — Fui pega em Cidade Nova.

Agora é a minha vez de me aproximar. Quero analisá-la melhor. Ela parece o meu oposto: ela é alta e eu, baixa; tem cabelo preto e brilhante, preso em tranças, ao passo que o meu começa castanho e tem a ponta mais clara; é mais nova que eu, posso ver em seu rosto. Talvez tenha quinze ou dezesseis, mas seus olhos revelam um cansaço que vai além da sua idade. Seus dedos são longos e curvados, e provavelmente se quebraram em máquinas incontáveis vezes. Se é da favela de Cidade Nova, é uma técnica, fadada a trabalhar nas fábricas e linhas de montagens de uma cidade nascida na fumaça. Carrega uma tatuagem no pescoço. É um código. CN-MMPF-188907. Grande e geométrico, com cinco centímetros de altura, bem na garganta.

— Não é bonito, não é, garota elétrica? — ela provoca ao perceber o meu olhar. Suas palavras pingam desdém, como veneno saindo de presas. — Mas você não gosta de perder tempo com coisas feias.

A voz dela sai áspera, e fico tentada a mostrar que posso fazer algo muito mais feio. Em vez disso, me apego às aulas da corte e faço o mesmo que tantos já fizeram comigo: abro um sorriso e começo a rir baixinho na cara dela. Sou eu quem dá as cartas por aqui, e ela precisa saber disso. Seu rosto assume uma expressão amarga, incomodada pela minha reação.

— Você roubou de um prateado? — Cal insiste, apontando para a arma. A incredulidade dele é evidente.

— Quem ajudou?

— Ninguém me ajudou. Você devia saber por experiência própria — ela rebate. — Tive que fazer tudo sozinha. A guarda Eagrie nem viu o que estava acontecendo.

— O quê?

Se não fossem minhas aulas com Lady Blonos, gritaria em choque na hora. Uma soldada da Casa Eagrie.

A casa dos observadores. Eles podem ver o futuro imediato; são como versões menos poderosas de Jon. É quase impossível para um prateado atacá-los sem ser visto, muito menos uma garota vermelha. Impossível.

Ela apenas dá de ombros.

— Pensei que os prateados fossem durões, mas essa foi fácil. E brigar era melhor do que ficar esperando na cela, esperando seja lá o que planejaram.

Cela.

Quase caio para trás. O que acabo de compreender me deixa sem chão.

— Você escapou do presídio de Corros.

Os olhos dela saltam até os meus, e o seu lábio começa a tremer. É o único indício de que o medo ainda flui por trás da fachada de ira.

A mão de Cal toca meu cotovelo, me acalmando.

— Qual o seu nome? — ele pergunta, num tom de voz um pouco mais gentil. Ele a trata como um animalzinho assustado, e isso a enfurece mais do que qualquer coisa.

Ela levanta rápido, com punhos tão cerrados que as veias saltam nos braços repletos de cicatrizes por anos de trabalho em fábrica. Ela aperta os olhos por um instante, e chego a pensar que vai sair correndo. Em vez disso, ela firma os pés na terra e ajeita a coluna com orgulho.

— Meu nome é Cameron Cole. E, se vocês não se importam, vou tomar meu rumo.

Ela é tão graciosa e elegante quanto qualquer dama da corte. Quando estico o corpo para ficar mais alta, não chego nem à altura do queixo dela. Mas a faísca de medo ainda brilha nos seus olhos. Ela sabe exatamente quem e o que eu sou.

— Cameron Cole — repito.

A lista de Julian inunda meu pensamento, junto com os nomes e as demais informações. E então recordo os registros de Harbor Bay, mais detalhados que as descobertas de Julian. Me sinto um pouco como Ada ao cuspir tudo o que me lembro, rápida e confiante:

— Nascida em 3 de janeiro de 305, em Cidade Nova.

Ocupação: Aprendiz de mecânica, estagiária em Montagem e Manutenção, Setor de Pequenas Fábricas.

Endereço: Unidade 48, Bloco 12, Setor Residencial, Cidade Nova. Tipo sanguíneo: não se aplica. Mutação genética: matriz desconhecida.

O queixo dela cai imediatamente, deixando escapar um pequeno suspiro de surpresa.

— Está certo? — pergunto afinal.

Ela mal consegue acenar. Seu sussurro é ainda mais fraco:

— Sim.

Shade começa a bufar baixo.

— Droga, Jon… — murmura, balançando a cabeça.

Eu concordo, assentindo para meu irmão. O que Jon nos mandou encontrar não era uma coisa afinal, mas uma pessoa.

— Você é uma sanguenova, Cameron. Assim como Shade e eu. Sangue vermelho, poderes prateados. Foi por isso que trancaram você em Corros, e é por

isso que você conseguiu escapar. O poder que você tem, seja lá qual for, lhe permitiu escapar e nos encontrar aqui — explico, dando um passo à frente em seguida, querendo abraçar minha irmã sanguenova. Mas ela foge dos meus braços.

— Não escapei para encontrar vocês — dispara.

Abro o meu melhor sorriso, no intuito de fazê-la relaxar. Depois de tantos recrutas, as palavras saem com facilidade. Sei exatamente o que dizer, e sei exatamente como ela vai reagir. É sempre a mesma coisa.

— Você não precisa vir, claro, mas vai morrer sozinha. O rei Maven vai encontrar você de novo…

Outro passo para trás, o que me deixa chocada. Ela fecha a cara e balança a cabeça.

— O único lugar para onde vou é o Gargalo, e nem você nem a sua eletricidade vão me deter.

— O Gargalo?! — exclamo, perplexa.

Ao meu lado, Cal faz o melhor para ser educado. Só que esse melhor não é muito bom.

— É burrice — ele emenda. — O Gargalo tem mais prateados do que imagina, cada um deles com ordens para prender ou matar alguém como você na hora. Se tiver sorte, vai ser mandada de volta para a prisão.

A boca de Cameron se contorce.

— É no Gargalo que o meu irmão está e outros cinco mil como ele, marchando direto para a cova. Também estaria lá se não tivesse sido presa. Vocês podem não ver problema nenhum em abandonar a família, mas eu vejo.

A respiração dela se torna difícil e pesada. Quase enxergo as engrenagens da sua mente girando enquanto ela pondera as opções. Sua expressão é fácil de ler; cada emoção e cada pensamento se manifestam nas contrações do seu rosto. Permaneço imóvel quando ela foge em disparada, em direção às árvores. Não a seguimos, e sinto o olhar de Cal e Shade sobre mim, querendo saber o que faremos agora.

Disse a mim mesma que daria uma chance a todos.

Deixei Jon ir embora, mesmo que precisássemos dele.

Mas algo me diz que precisamos ainda mais de Cameron, e que não podemos confiar numa garota tão jovem para tomar uma decisão tão grande. Ela não sabe o quanto é importante, seja lá qual for seu poder. Deu um jeito de escapar de Corros, e vai acabar nos ajudando a entrar.

— Pegue ela — sussurro. Parece errado.

Shade confirma com a cabeça de maneira sombria, e some. Ouço o grito de

Cameron dentro da floresta.

Precisei trocar de lugar com Farley, deixando-a com a minha cadeira na cabine para poder sentar de frente para Cameron e ficar de olho nela. Ela está bem amarrada, com as mãos presas por um cinto de segurança extra. Isso, somado à nossa altitude, deve bastar para que ela não fuja novamente. Mas não estou disposta a correr um risco tão grande. Pelo que sei, ela pode ser capaz de voar ou de sobreviver à queda de um jato. Por mais que queira usar a viagem de volta ao Furo para recuperar um pouco do tão necessário sono, fico de olhos abertos, retribuindo os olhares fulminantes dela com todo o fogo que sou capaz de reunir. Ela escolheu errado, digo a mim mesma cada vez que a culpa aparece. Precisamos dela, ela é muito valiosa para deixá-la ir.

Nanny tagarela ao lado de Cameron, contando sobre o Furo, e narrando a história da sua vida inteira. Só espero o momento em que vai sacar as fotos desbotadas dos netos, mas a jovem aguenta firme quando todos nós cedemos. Nem a bondosa senhora consegue amolecer a garota amuada, que permanece calada, com os olhos no chão.

— Qual é o seu poder, querida? Supergrosseria? — Nanny finalmente provoca, cansada de ser ignorada.

Isso pelo menos faz Cameron tirar os olhos do chão e virar a cabeça. Ela abre a boca para devolver a provocação, mas em vez de ver uma idosa, depara com o próprio rosto.

— Para com essa fita! — ela reclama, soltando mais uma gíria da favela. Seus olhos se arregalam e suas mãos tentam se libertar. — Mais alguém está vendo isso?

Abro um sorriso maldoso que não faço questão de esconder. Deixo que Nanny assuste a garota até ela falar.

— Nanny consegue mudar de aparência — explico.

— Gareth manipula a gravidade. — Ele acena da maca improvisada presa na parede do avião. — E você já conhece o resto de nós.

— Eu sou inútil — Farley solta do seu assento. Uma lâmina brilha nas suas mãos, mostrando como ela está errada.

Cameron torce o nariz, seguindo os lampejos da faca com os olhos.

— Igual a mim. — Não há uma gota de melancolia na voz dela, apenas a constatação de um fato.

— Não é verdade — digo, dando um tapinha no caderno de Julian ao meu lado. — Você escapou de um observador, caso tenha esquecido.

— Bom, isso é tudo que fiz e que vou fazer — ela diz. O cinto ao redor dos seus braços sacode, mas aguenta firme. — Você pegou uma ninguém, garota

elétrica. Não vai querer perder tempo comigo.

Vindo de qualquer outra pessoa, a frase poderia soar triste, mas Cameron não é boba. Ela pensa que não percebo o que está fazendo. Mas não importa o que diga, não importa o quão inútil tente parecer, não vou acreditar. O nome dela está na lista, não há dúvida.

Talvez ela ainda não saiba o que é, mas com certeza vamos descobrir. Também não sou cega. Mesmo sustentando seu olhar desafiador e deixando-a pensar que está me enganando, tenho consciência do seu jogo.

Seus dedos ágeis, treinados no chão de uma fábrica, trabalham nos nós com uma eficácia lenta, mas certeira.

Se eu não ficar de olho, não vai demorar muito até ela se soltar das amarras.

— Você conhece Corros melhor do que qualquer um de nós — digo. Nanny volta à sua forma normal. — Isso basta pra mim.

— Tem algum leitor de mentes aqui? Porque é o único jeito de você me fazer vazar alguma informação.

Quase espero que ela cuspa no meu pé depois de dizer isso.

E, apesar de todo meu esforço, começo a perder a paciência.

— Ou você é inútil ou é resistente. Escolha uma opção — digo. Ela arqueia as sobrancelhas, surpresa com meu tom de voz. — Se vai mentir, minta direito.

O canto da boca dela se contorce, deixando entrever um sorriso malicioso.

— Esqueci que você sabe tudo de mentiras — diz.

Odeio crianças.

— Não banque a superior — ela insiste, atirando as palavras como se fossem adagas.

Além da voz dela, o ruído do jato é a única coisa no ar. Os outros escutam tudo com atenção, principalmente Cal. Espero sentir a temperatura subir a qualquer momento.

— Você não é mais uma chefa — Cameron continua.

— Por mais que fique tentando mandar na gente. Ir para a cama com um principezinho não te torna rainha do mundo.

As luzes sobre a cabeça dela oscilam, único indício da minha raiva. Vejo Cal segurar o manche do jato com mais força. Assim como eu, está fazendo o máximo para se manter calmo. Mas essa vadia insiste em dificultar as coisas. Por que Jon não nos deu um mapa em vez disso?

— Cameron, você vai nos dizer como escapou daquela prisão. — Lady Blonos ficaria orgulhosa da minha compostura. — Vai nos dizer como ela é, onde ficam as celas, onde ficam os guardas, onde eles prendem os prateados, os sanguenovos,

e qualquer outra informação que lembrar. Vai vazar até a última gota.

Entendeu?

Ela joga uma das suas muitas tranças por cima do ombro. É a única coisa que pode mover sem forçar as amarras.

— E o que ganho com isso?

— Inocência — digo, suspirando. — Se continuar com essa besteira, vai deixar todos aqueles presos à própria sorte. — As palavras de Jon retornam, pairando na minha cabeça, num eco assustador de alerta. Repito-as: — Eles vão morrer, ou pior. Estou te salvando dessa culpa.

Uma culpa que conheço muito bem.

Sinto uma pressão sutil no ombro: Shade. Está me tocando de leve para que eu saiba que está comigo. É meu irmão de sangue e de armas, alguém com quem posso dividir a vitória e a culpa.

Mas em vez de concordar, como qualquer pessoa racional faria, Cameron parece ainda mais irritada. Seu rosto se torna mais sombrio, uma nuvem negra de emoções.

— Não acredito que você tem a cara de pau de falar isso. Você, que abandonou tantas pessoas depois de mandá-las para as trincheiras.

Cal não aguenta mais. Ele soca o braço da poltrona, e o golpe ecoa seco.

— A ordem não era dela.

— Mas a culpa era. Sua e do seu bando de esfarrapados vermelhos — ela continua, desviando o olhar de mim para Farley, cortando qualquer resposta que ela queira dar. — Vocês brincaram com as nossas famílias, com as nossas vidas, enquanto corriam para se esconder na floresta. E agora você está se achando a heroína, voando por aí e salvando quem considera especial, quem vale o tempo precioso da garota elétrica.

Aposto que passa reto pelas favelas e vilarejos pobres.

Aposto que nem vê o que fez com a gente. — O sangue dela sobe com a raiva, corando as bochechas com um vermelho escuro.

— Sanguenovos, vermelhos, prateados… Tudo se repete — ela continua. — Uns são especiais, uns são melhores que os outros, e outros vão continuar sem nada.

Sinto enjoo, o prenúncio de uma onda de medo.

— O que você quer dizer?

— Divisão. Favorecer um mas não o outro. Você caça gente que nem você, para proteger, treinar e lutar sua guerra. Não porque eles querem, mas porque você precisa deles. E essas crianças indo para a guerra? Você nem liga para elas!

Trocaria todas por outra tomadinha reclamona ambulante.

As luzes oscilam de novo, mais rápido agora. Sinto cada giro dos motores do avião, apesar da velocidade alucinante. A sensação é enlouquecedora.

— Estou tentando salvar as pessoas de Maven. Ele vai transformar os sanguenovos em armas, o que vai acabar em mais mortes, mais sangue…

— Você está fazendo o mesmo que eles fizeram — Cameron contra-ataca, com as mãos atadas e trêmulas de raiva apontando na direção de Cal. Conheço a sensação, e tento esconder os tremores de ódio dos meus próprios dedos.

— Mare… — O aviso de Cal cai em ouvidos surdos, afogados pela minha pulsação trovejante.

Cameron cospe ainda mais veneno. Parece gostar.

— Uma era atrás, os prateados eram novidade. Eram poucos, e foram caçados pelas pessoas que achavam que eles eram diferentes demais.

Contraio as mãos na beirada do assento, cravando os dedos em algo sólido. Controle. Agora, o jato chia na minha orelha, um ruído capaz de romper meus tímpanos.

Nós sacudimos no ar, e Gareth geme, agarrando a perna.

— Cameron, pare! — Farley grita, as mãos voando para o cinto. As fivelas estalam numa sequência rápida.

— Se você não calar a boca, vou aí calar!

Mas Cameron só tem olhos e fúria para mim.

— Veja aonde esse caminho nos levou — ela urra, inclinando-se o máximo que as amarras permitem.

Quando dou por mim, já estou de pé, tentando me equilibrar com as sacudidas do jato. Mal consigo ouvi-la em meio aos rangidos metálicos quicando no meu crânio. As mãos dela já estão desatadas, desafivelando os cintos com uma precisão incrível. Ela levanta com um salto, e joga na minha cara:

— Daqui a cem anos, um rei sanguenovo vai sentar no trono que você construiu sobre as caveiras das crianças.

Sinto algo rasgando dentro de mim. É a barreira entre o humano e o animal, entre a razão e a loucura. De repente, me esqueço do jato, da altitude e de todos que dependem do meu controle cada vez mais fraco. Só consigo pensar em educar essa pirralha, em mostrar exatamente o que estamos tentando salvar. Quando meu punho colide com a mandíbula dela, espero ver faíscas se espalhando por sua pele, derrubando-a no chão.

Mas não há nada além da minha mão machucada.

Ela apenas observa, tão surpresa quanto eu. Ao nosso redor, as luzes oscilantes

voltam ao normal e o jato se estabiliza.

O zunido na minha cabeça cessa abruptamente, como se um cobertor de silêncio tivesse caído sobre meus sentidos. Isso me atinge como um soco no estômago, me fazendo dobrar um joelho.

No segundo seguinte, Shade está me segurando pelo braço, com a força e a preocupação de um irmão.

— Você está bem? O que houve?

Da cabine, Cal olha para mim e para o painel de controle, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Estabilizado — ele sussurra, embora eu esteja longe de me sentir estabilizada. — Mare…

— Não fui eu — digo. Um fio gelado de suor começa a descer pela minha testa, e preciso lutar contra a vontade repentina de vomitar. Respiro rápido, como se o ar estivesse sendo arrancado dos meus pulmões. Algo me sufoca. — Foi ela.

Ela dá um passo para trás, chocada demais para mentir, boquiaberta de medo.

— Não fiz nada. Não fiz. Juro que não.

— Não era sua intenção, Cameron — digo, e isso é o que mais a surpreende. — Apenas se acalme, apenas… apenas pare…

Não consigo respirar. Não consigo mesmo respirar.

Seguro Shade com mais força, cravando as unhas nele.

Ondas de pânico latejam nos meus nervos, solitários sem a minha eletricidade.

Ele sustenta todo o meu peso no ombro ruim, ignorando a pontada de dor. Pelo menos Shade é inteligente o bastante para entender o que estou tentando dizer.

— Você está silenciando Mare, Cameron. Está desligando o poder dela, está desligando ela.

— Não posso… Como? — Seus olhos escuros estão cheios de pavor.

Minha visão fica manchada, mas vejo o vulto de Cal passar. Cameron se encolhe, como qualquer pessoa ajuizada faria, mas Cal sabe que atitude tomar. Treinou crianças — me treinou — em situações semelhantes de caos sobre-humano.

— Solte — ele diz com uma voz firme e forte. Sem mimos, mas também sem ódio. — Respire. Inspire pelo nariz, expire pela boca. Solte o que está segurando.

Por favor, solte. Por favor. Minha respiração está cada vez mais curta.

— Solte ela, Cameron.

É como se tivessem apoiado uma rocha em cima do meu peito. Estou sendo esmagada, literalmente sugada.

— Solte ela.

— Estou tentando!

— Calma.

— Estou tentando. — Desta vez, sua voz sai mais suave, mais controlada. — Estou tentando.

Cal acena com a cabeça, com movimentos suaves como ondas.

— Isso mesmo. Isso.

Arfo mais uma vez, mas agora o ar chega aos meus pulmões. Já consigo respirar. Meus sentidos estão dormentes, mas voltando, aumentando com cada batida fortificante do meu coração.

— Isso — Cal diz novamente, olhando por cima do ombro. Seus olhos finalmente encontram os meus, e é como se cortassem um fio de tensão entre nós. — Isso.

Não o encaro por muito tempo. Preciso ver Cameron, ver o medo dela. Ela aperta os olhos e franze a testa em concentração. Uma lágrima solitária escapa, escorrendo pela bochecha. Suas mãos massageiam a tatuagem no pescoço. Ela só tem quinze anos. Não merece isso. Não devia ter tanto medo de si mesma.

— Estou bem — falo com esforço, e os olhos dela se abrem na mesma hora.

Antes que ela feche de novo as portas do coração, capto um lampejo de alívio no seu rosto. Não dura muito.

— Isso não muda o que sinto, Barrow.

Se eu pudesse levantar, levantaria. Mas meus músculos ainda tremem de fraqueza.

— Quer fazer isso com mais alguém? Com o seu irmão, quando encontrá-lo?

Aí está. O acordo que precisamos fazer. Ela também sabe disso.

— Se você nos botar para dentro de Corros, vamos garantir que saiba usar seu poder. Vamos fazer de você a pessoa mais mortal do mundo.

Receio que vou me arrepender dessas palavras.

VINTE E TRÊS



MINHA VOZ ECOA DE UM JEITO ESTRANHO na ampla antecâmara do abrigo. A tempestade de Rift chegou até nós, e uma mistura pesada de neve e chuva uiva do outro lado da nossa parede de terra. O frio a acompanha, mas Cal faz o máximo para afugentá-lo. Os habitantes do Furo se amontoam, tentando se esquentar na fogueira que ele acendeu no chão. Cada par de olhos reflete a luz das chamas, formando um enorme conjunto de joias vermelhas e alaranjadas. Reluzem cada movimento do fogo, e estão sempre fixos em mim. São quinze pares ao todo. Além de Cameron, Cal, Farley e meu irmão, os adultos do Furo vieram ouvir o que tenho a dizer.

Sentados ao lado de Ada estão Ketha, Harrick e Nix.

Fletcher, um curandeiro de pele imune a dor, estende as mãos pálidas perto demais da fogueira. Gareth o puxa para trás antes que se queime. Também estão presentes Darmian, invulnerável como Nix, e Lory, das ilhas rochosas de Kentosport. Até Kilorn dá a graça da sua presença, sentado ao lado dos seus parceiros de caça, Crance e Farrah.

Felizmente, nenhuma das crianças veio. Não vão tomar qualquer parte nisso, e continuarão na segurança que posso lhes oferecer, por mais precária que seja.

Nanny as mantém no quarto, entretendo-as com suas transformações, enquanto qualquer um acima dos dezesseis me ouve falar sobre o que descobrimos a caminho de Pitarus. Estão sentados, muito atentos, com expressões de choque, medo ou determinação.

— Jon disse que quatro dias seria tempo demais.

Então precisamos fazer isso em três.

Temos três dias para invadir uma prisão, e três dias para planejar. Tive mais de um mês de treinamento duro com os prateados, e anos nas ruas de Palafitas. Cal é soldado de nascença, Shade passou mais de um ano no exército, e Farley é capitã por mérito próprio, embora não tenha nenhum poder. Mas e os outros? Quando corro os olhos pelas pessoas reunidas no Furo, minha determinação vacila. Se ao

menos tivéssemos mais tempo… Ada, Gareth e Nix são nossas melhores apostas, já que seus poderes são mais adequados para uma invasão, e estão aqui há mais tempo. Os outros são poderosos — Ketha é capaz de destruir objetos num piscar de olhos —, mas lamentavelmente inexperientes.

Estão aqui há apenas alguns dias, uma semana no máximo, vindos de sarjetas e vilarejos esquecidos onde não eram ninguém. Enviá-los para a luta é como deixar uma criança dirigir um veículo. Eles serão um perigo para todos, especialmente para si próprios.

Todos sabem que é burrice, que é impossível, mas ninguém diz nada. Até Cameron tem o bom senso de manter a boca fechada. Ela olha fixamente para o fogo, recusando-se a levantar a cabeça. Não posso observá-la por muito tempo. Ela me dá muita raiva, e muita tristeza.

É exatamente o que eu estava tentando evitar.

Farley é a primeira a falar.

— Mesmo se esse tal Jon falou a verdade sobre o poder dele, não há prova de que o que disse é verdade.

— Ela faz uma pausa e se inclina para a frente, ganhando contornos agudos e sombrios contra a luz da fogueira.

— Ele pode ser um agente de Maven. Disse que Elara ia começar a controlar os sanguenovos. E se ela estiver controlando Jon? Usando-o para nos atrair para uma armadilha? Ele disse que Maven ia armar alguma coisa.

Não poderia ser isso?

Sentindo que estou perdendo o chão, vejo alguns concordarem com ela. Crance, Farrah e Fletcher. Espero que Kilorn fique do lado de seus companheiros de caça, mas ele se mantém imóvel e calado. Como Cameron, não quer me encarar.

Sinto calor por todos os lados. Na minha frente, está a fogueira; atrás, Cal, encostado numa parede de terra.

Ele irradia calor como uma fornalha, mas permanece quieto como um túmulo. Sabe que é melhor não falar.

Muitos o toleram aqui só por minha causa, ou por causa das crianças, ou pelos dois. Não posso me apoiar nele para angariar soldados. Preciso conseguir sozinha.

— Acredito nele. — As palavras parecem estranhas na minha boca, mas são sólidas como rocha.

Essas pessoas insistem em me tratar como líder, então vou agir como líder. E vou convencê-las a me seguir.

— Vou para Corros, quer seja uma armadilha ou não.

Os sanguenovos de lá só têm duas opções: ou vão morrer ou serão usados pela manipuladora que todos chamam de rainha. Ambos são destinos inaceitáveis.

Cochichos em concordância se espalham entre as pessoas que estou tentando conquistar. Gareth as lidera, assentindo, mostrando lealdade. Ele viu Jon com os próprios olhos e, como eu, não precisa ser convencido de nada.

— Não vou forçar ninguém a ir. Como antes, vocês todos têm uma escolha.

Cameron balança um pouco a cabeça, mas não diz nada. Shade se mantém perto dela, sempre ao alcance do braço, caso ela decida fazer mais alguma coisa idiota.

— Não vai ser fácil — continuo —, mas não é impossível.

Se eu repetir isso várias vezes, talvez comece a acreditar.

— Como assim? — Crance intervém. — Se ouvi você direito, essa prisão foi construída para manter gente como você presa. Não vamos ter que atravessar apenas barras e portas trancadas. Haverá observadores em cada portão, um pelotão de agentes prateados, um arsenal, câmeras, Pedras Silenciosas… isso se você tiver sorte, garota elétrica.

Ao lado dele, Fletcher engole em seco. Esse homem pálido e parrudo pode até não sentir dor, mas com certeza sente medo.

— E se você não tiver sorte? — Crance continua.

— Pergunte a ela — digo, inclinando a cabeça na direção de Cameron. — Ela escapou.

Os suspiros admirados se espalham pela multidão como ondas na superfície de um lago. É bom poder relaxar um pouco agora que não sou mais o centro das atenções. Por outro lado, Cameron fica tensa. Seus braços e pernas longas parecem se encolher, como se quisessem se proteger de tantos olhares.

Até Kilorn ergue a cabeça, mas ele não procura Cameron. Seus olhos me encontram encostada na parede. Todo o meu alívio vai embora, substituído por um toque de outra emoção que não consigo descrever.

Não é medo, não é raiva. Não, é outra coisa. Saudade. A luz cambaleante do fogo e a tempestade lá fora me permitem fingir que somos apenas garotos encolhidos debaixo de uma palafita, buscando refúgio do vento do outono. Será que existe alguém capaz de controlar o tempo e me trazer aqueles anos de volta? Me apegaria a eles com todo cuidado, em vez de reclamar do frio e da fome. Agora sinto o mesmo frio, a mesma fome, mas nenhum cobertor é capaz de me esquentar, nenhuma comida é capaz de me saciar. Nada mais vai ser igual. E a culpa é minha. E Kilorn me seguiu nesse pesadelo.

— Ela fala? — Crance caçoa quando cansa de esperar Cameron abrir a boca.

Farley ri.

— Até demais para o meu gosto. Vamos, Cole, conte tudo de que se lembra.

Espero Cameron explodir de novo ou morder o nariz de Farley, mas o público acalma seu temperamento. Ela nota meu truque, mas isso não o impede de funcionar.

Há muitos olhos esperançosos a encarando, muitos desejos para serem pisoteados. Ela não pode ignorá-los agora.

— É depois de Delphie — ela suspira. Seus olhos escurecem com a lembrança dolorosa. — Em algum lugar perto de Wash, tão perto que dá até para sentir o cheiro da radiação.

Wash é parte da fronteira sul de Norta, uma divisão natural entre nós e Piedmont e os príncipes prateados que reinam lá. Como Naercey, é uma terra em ruínas, destruída há tempo demais para que algum prateado a reclame para si. Nem mesmo a Guarda Escarlate ousa caminhar por lá, onde a radiação persiste e a fumaça de mil anos atrás ainda paira.

— Eles nos mantinham isolados. Um em cada cela — Cameron continua. — Muitos não tinham força para nada além de ficar deitado no leito. Algo naquele lugar deixava as pessoas doentes.

— Pedra Silenciosa — respondo a pergunta que nem foi feita, porque lembro daquela sensação. Duas vezes fiquei presa numa cela assim, e nas duas vezes elas pareciam sugar minha força.

— Pouca luz, pouca comida. — Ela se ajeita no chão, com os olhos concentrados nas chamas. — Também não podíamos conversar muito. Os guardas não gostavam que a gente falasse, e estavam sempre de patrulha. Às vezes, os sentinelas vinham e levavam pessoas. Algumas estavam fracas demais para andar e tinham que ser arrastadas. Mas acho que o bloco em que fiquei não estava completamente cheio. Via várias celas vazias. — Com essas palavras, ela perde o fôlego. — Cada vez mais vazias, a cada droga de dia.

— Descreva a estrutura — Farley diz, dando um cutucão em Harrick, e compreendo seu raciocínio.

— Os sanguenovos pegos na região de Beacon ficavam no mesmo bloco. Era um quadrado grande, com quatro andares de celas. Passarelas conectavam os andares, todas emaranhadas, e magnetrons as recolhiam de noite. Faziam o mesmo nas celas, se precisassem abrir. Magnetrons por todo lado — ela reclama, e não a culpo por sua raiva. Provavelmente não havia homens como Lucas Samos na prisão, nenhum magnetron bondoso como o que morreu por mim em Archeon. — Nada de janelas, mas havia uma claraboia no teto.

Pequena, mas dava para ver o sol por alguns minutos.

— Assim? — Harrick pergunta, esfregando as mãos.

Diante dos nossos olhos, em cima da fogueira, surge uma de suas ilusões, uma imagem girando devagar. Uma caixa feita de tênues linhas verdes. Quando meus olhos se ajustam ao que veem, percebo que é um esboço tridimensional do bloco de Cameron na prisão.

Ela fixa os olhos na ilusão e a percorre por inteiro.

— Maior — murmura, e os dedos de Harrick saltam.

A ilusão acompanha. — Mais duas passarelas. Quatro portões no andar mais alto, um em cada parede.

Harrick faz o que ela pede, manipulando a imagem até Cameron ficar satisfeita. Ele quase sorri. É fácil para ele, uma brincadeira simples, como desenhar. Observamos o esboço em silêncio, cada um de nós pensando em como entrar.

— Um poço — Farrah geme, enterrando a cabeça entre as mãos. De fato, o bloco parece simplesmente um buraco quadrado.

Ada é menos negativa, e está mais interessada em dissecar a prisão o máximo que pode.

— Para onde dão os portões?

Com um suspiro, Cameron relaxa os ombros.

— Mais blocos. Não sei quantos são no total. Passei por três antes de sair.

A ilusão muda com o acréscimo de mais blocos ao lado do de Cameron. A imagem é o mesmo que um soco no estômago. Tantas celas, tantos portões. Tantos lugares onde tropeçar e cair. Mas Cameron escapou.

Cameron, que não tem treinamento nem ideia do que é capaz.

— Você disse que havia prateados na prisão — Cal fala pela primeira vez desde que começamos a reunião, e seu ar é sombrio. Ele não quer chegar perto da luz do fogo. Por um momento, parece a sombra que Maven dizia ser. — Onde?

Uma gargalhada agressiva, raivosa, áspera como pedra no metal, escapa de Nix. Ele ergue um dedo acusador, como se desse uma facada.

— Por quê? Quer soltar seus amigos das jaulas?

Mandar essa gente de volta para suas mansões e festinhas? Argh! Que apodreçam lá! — Antes de continuar, ele abana a mão na direção de Cal e solta outra risada, tão fria quanto a tempestade lá fora. — Você devia deixar esse aí para trás, Mare. Melhor ainda, devia mandá-lo embora. Ele só quer proteger os que são iguais a ele.

Minha boca é mais rápida que meu cérebro, mas, desta vez, estão de acordo.

— Cada um de vocês sabe que isso é mentira. Cal já sangrou por todos aqui e

protegeu cada um de nós, isso sem falar do treinamento que ofereceu à maioria de vocês. Se ele está perguntando dos outros prateados em Corros, tem um motivo, e não é libertá-los.

— Na verdade…

Viro para o lado, e minha surpresa reverbera no ambiente.

— Você quer mesmo libertá-los?

— Pense: eles estão trancafiados porque desafiaram Maven ou Elara ou ambos. Meu irmão subiu ao trono em circunstâncias estranhas, e muitos não acreditam nas mentiras que a mãe dele conta. Alguns têm a inteligência de não demonstrar, de esperar o momento certo, mas outros não. Então suas tramoias na corte acabam em prisão. E, claro, há aqueles como eu e meu tio Julian, que explicou a Mare o que ela era. Ele ajudou a Guarda Escarlate, salvou Kilorn e Farley da execução, e seu sangue é prata reluzente. Ele também está naquela prisão, com outros que acreditam na igualdade além da cor do sangue. Não são nossos inimigos, não agora — ele argumenta, descruzando os braços e gesticulando sem parar, tentando nos fazer ver o que o soldado dentro dele vê. — Se soltarmos os prateados de Corros, será o caos.

Eles vão atacar os guardas e fazer tudo o que puderem para escapar. É uma distração melhor do que qualquer um de nós pode oferecer.

Até Nix murcha, intimidado pela sugestão tão rápida e decisiva de Cal. Embora o odeie e o culpe pela morte das filhas, não pode negar que o plano é bom. Talvez o melhor que vamos conseguir.

— Além disso… — Cal acrescenta, retornando às sombras. Dessa vez, suas palavras são endereçadas somente a mim. — Julian e Sara estão presos com os prateados, não com os sanguenovos.

Ah. Na minha pressa, até esqueci que o sangue deles não é da mesma cor que o meu, que os dois também são prateados.

Cal prossegue, tentando explicar:

— Lembre do que eles são e do que sentem. Não são os únicos a ver a ruína deste mundo.

Não são os únicos. A lógica me diz que ele deve estar certo. Afinal, no meu tempo limitado com os prateados, conheci Julian, Cal, Sara e Lucas, quatro prateados que não eram tão cruéis quanto imaginava. Devem existir mais. Como faz com os sanguenovos de Norta, Maven está eliminando essas pessoas, jogando opositores e adversários políticos na cadeia para apodrecerem e serem esquecidos.

Os lábios de Cameron tremem, demonstrando preocupação e deixando entrever seus dentes brilhantes.

— Os blocos dos prateados são iguais aos nossos, e se alternam como numa colcha de retalhos. Um prateado, um sanguenovo, e assim por diante.

— Xadrez — Cal murmura, acenando com a cabeça.

— Isso os mantém separados. É mais fácil de controlar, mais fácil de combater. E a sua fuga?

— Eles nos faziam caminhar uma vez por dia, para que não morrêssemos. Alguns guardas riam disso, dizendo que as celas nos matariam se não nos deixassem sair um pouco. Os outros não conseguiam nem arrastar o pé direito, quanto mais lutar. Mas eu não. As celas não me deixavam doente.

— Porque elas não afetam você — Ada diz, com uma voz controlada, estável e bondosa na medida certa. Ela soa tanto como Julian que até me surpreende. Por uma fração de segundo, retorno à sala de aula dele, cheia de livros, e sou eu que estou sendo examinada. — Seus poderes silenciadores são tão fortes que as medidas usuais não se aplicam a você. Efeito anulador, acho. Um silêncio contra outro.

Cameron dá de ombros, sem se interessar.

— Se você diz.

— Então você fugiu durante a caminhada — Cal murmura, mais para si que para os outros. Está pensando em cada etapa, se colocando no lugar de Cameron, imaginando a prisão quando ela escapou, para poder descobrir uma maneira de entrar. — Os observadores não viram o que você planejava fazer, então não conseguiram impedir. Eles guardavam os portões, certo?

Ela faz que sim, decidida.

— Um em cada bloco. Peguei a arma dele, baixei a cabeça e corri.

Crance solta um assobio baixo, impressionado com a coragem dela. Mas Cal não se impressiona tão fácil.

— E os portões? Apenas magnetrons podem abrir.

Ao ouvir isso, Cameron sorri, nervosa.

— Parece que os prateados já não são tão burros para deixar o controle de cada cela e portão nas mãos de um punhado de manipuladores de metal. Há uma trava para abrir as portas, caso não haja nenhum magnetron por perto. Ou para fechar tudo com pedra, se um deles decidir não se comportar.

Isso é culpa minha, percebo. Usei Lucas contra as celas no Palacete do Sol. Maven está garantindo que ninguém mais possa fazer o mesmo.

Cal lança um olhar para mim, pensando exatamente a mesma coisa. Então volta a perguntar:

— E você tem a chave?

Ela balança a cabeça e, em vez de responder, aponta para o pescoço. A tatuagem é preta, mais escura que a pele dela. Sinal de que é uma técnica, uma escrava das fábricas e da fumaça.

— Sou mecânica — ela começa, agitando os dedos curvados. — Trancas têm engrenagens e fios. Só um idiota precisa de chave para botar uma coisa dessas para funcionar.

Cameron pode ser insuportável, mas com certeza é útil. Até eu tenho que reconhecer isso.

— Fui recrutada, apesar de ter um emprego em Cidade Nova — ela continua, baixando o tom de voz.

— A prisão, Cameron — digo a ela. — Precisamos nos concentrar…

— Lá todo mundo trabalha. Antes, a gente não podia entrar para o exército, mesmo se quiséssemos. — Ela me interrompe, com a voz mais forte e mais alta. Reagir seria começar uma competição de gritos. — As Medidas mudaram isso. Foi uma loteria. Um em vinte, para todos entre quinze e dezessete. Meu irmão e eu fomos escolhidos. Coincidência, não é?

— Menos de três por cento de chance — Ada sussurra.

— Separaram nós dois. Fui com a Legião Beacon para o Forte Patriota, e Morrey foi para a Legião Adaga.

É o que faziam com todo mundo que causava problema, mesmo que só tivesse olhado torto para um oficial. A Legião Adaga é pena de morte, vocês sabem. Cinco mil crianças que tiveram coragem para lutar e que vão acabar na vala comum.

Meus dentes rangem. A lembrança das ordens militares queima viva e reluzente na memória.

— É uma marcha direto para a morte depois que saírem de Corvium. Uma carnificina. Direto para as trincheiras e para o coração do Gargalo. Mandaram Morrey para lá porque ele quis abraçar nossa mãe pela última vez.

Meu tênue controle enfraquece. Vejo cada rosto conforme meus sanguenovos vão digerindo as palavras de Cameron. Ada é a pior; ela me encara sem piscar.

Não é um olhar rude, mas de dúvida. Ela está fazendo o possível para evitar que sua opinião obscureça seus olhos, mas não funciona. O fogo arde no centro do chão, transformando o branco dos seus olhos em dourado e vermelho.

— Há sanguenovos naquela prisão, e prateados também. — Cameron sabe que os tem sob controle, e aperta o laço. — Mas há cinco mil crianças, cinco mil meninos e meninas vermelhos prestes a desaparecer para sempre. Vocês vão deixar esses cinco mil morrerem?

Vocês seguem essa garota — Ela joga a cabeça na minha direção. — e seu príncipe de estimação?

Os dedos de Cal se contorcem bem perto de mim, mas afasto a mão. Não aqui. Todos sabem que dividimos o quarto; nem sei o que mais imaginam. Não vou dar a Cameron mais munição do que ela já tem.

— Ela diz que vocês têm escolha, mas não sabe o que essa palavra quer dizer. Fui trazida para cá como fui levada de casa por um legionário, como fui levada uns dias depois por sentinelas. A garota elétrica não dá escolha.

Ela espera que eu me defenda da acusação, mas seguro a língua. Parece uma derrota, e ela sabe disso muito bem. Atrás de seus olhos, as engrenagens já começaram a rodar. Ela já me atingiu antes, e pode atingir de novo. Então por que está aqui? Podia silenciar todos e ir embora. Por que ficar?

— Mare salva pessoas. — A voz de Kilorn soa diferente, mais velha. A dor da saudade retorna ao meu peito. — Mare salvou todos e cada um de vocês da prisão ou da morte. Ela se arriscou todas as vezes que entrou nas suas cidades. Não é perfeita, mas não é um monstro, muito longe disso. Confiem em mim — ele acrescenta, ainda se recusando a me encarar. — Já vi monstros. E vocês também verão, se deixarmos os sanguenovos dependendo da misericórdia da rainha.

Então ela fará vocês se matarem uns aos outros, até não sobrar ninguém vivo para lembrar o que eram.

Misericórdia, quase bufo. Elara não tem nenhuma.

Não espero que as palavras de Kilorn tenham muito peso, mas estou redondamente enganada. Os outros o veem com respeito e atenção. Não da mesma maneira que me veem. Não; comigo seus olhos estão sempre manchados de medo. Sou uma general para eles, uma líder, mas Kilorn é um irmão. Eles o amam como jamais amariam Cal ou mesmo eu. Eles o escutam.

E então a vitória de Cameron cai por terra. Simples assim.

— Vamos transformar a prisão em pó — Nix troveja, pondo a mão no ombro de Kilorn. Aperta forte demais, mas o pescador não reage. — Eu vou.

— E eu.

— E eu.

— Eu também.

As vozes ecoam na minha cabeça. Tenho mais voluntários do que poderia esperar: Gareth, Nix, Ada, a explosiva Ketha, o outro rolo compressor invulnerável Darmian, Lory e seus sentidos aguçados, e Nanny, claro, que já tinha se comprometido a ir. Os que ficaram em silêncio — Crance, Farrah, Fletcher e o ilusionista Harrick — se agitam nos assentos.

— Ótimo — digo, dando um passo à frente, olhando para eles da maneira mais firme que consigo. — Vamos precisar de vocês aqui, para evitar que as crianças botem fogo na floresta. E para protegê-las, se alguma coisa acontecer.

Alguma coisa. Outro ataque, um ataque com força máxima, que poderia se transformar numa carnificina de todos que me esforcei tanto para salvar. Mas ficar aqui é menos perigoso do que ir para Corros, e eles soltam suspiros discretos de alívio. Cameron os vê relaxar com uma expressão de inveja. Ficaria com eles se pudesse, mas, nesse caso, quem a treinaria? Quem a ensinaria a controlar seus poderes… e a usá-los? Não Cal, e com certeza não eu. Ela não gosta do preço, mas vai pagar.

Tento encarar cada um dos voluntários, na esperança de encontrar determinação ou foco. Em vez disso, encontro medo, dúvida e, pior de tudo, arrependimento.

Antes mesmo de começarmos. O que não daria agora pela Guarda Escarlate esfarrapada de Farley, ou até pelos soldados de Lakeland do coronel? Pelo menos eles têm algum fio de fé na causa, quando não em si mesmos.

Preciso acreditar por todos nós. Preciso vestir a máscara mais uma vez e ser a garota elétrica que precisam. Mare pode esperar.

Vagamente, pergunto a mim mesma se algum dia terei chance de ser Mare de novo.

— Preciso que você descreva tudo de novo — Cal diz, apontando para Cameron e em seguida para a ilusão giratória do presídio de Corros. — Quanto ao restante, comam bem e treinem o melhor que puderem. Quando a tempestade melhorar, quero ver vocês todos lá fora.

Os outros prestam atenção, incapazes de desobedecer. Assim como aprendi a falar como uma princesa, Cal sempre soube falar como um general. Ele ordena. É nisso que é bom, é para isso que serve. E, agora que tem uma missão, um objetivo além de resgatar e treinar, todo o resto desaparece. Até eu. Como os outros, eu o deixo murmurando seus planos. Seus olhos de bronze brilham contra a luz fraca da ilusão, como se a imagem o tivesse enfeitiçado. Harrick fica lá, cumprindo seu papel de sustentar a miragem.

Não sigo os sanguenovos para as profundezas do Furo, para os túneis e buracos onde podem praticar sem machucar uns aos outros. Em vez disso, encaro a tempestade, deixando uma rajada fria da chuva me atingir de frente. O calor de Cal some imediatamente, abandonado atrás de mim.

Sou a garota elétrica.

As nuvens estão escuras e giram com o peso da neve e da chuva. Um ninfoide

acharia fácil manipulá-las, assim como um tempestuoso prateado. Quando era Mareena, mentia e dizia que minha mãe era uma tempestuosa da Casa Nolle. Ela podia influenciar o clima, assim como eu podia controlar a eletricidade. E no Ossário, invoquei raios do céu para despedaçar o escudo de Maven e proteger Cal e eu dos soldados que se aproximavam. Aquilo me enfraqueceu, mas sou mais forte agora. Preciso ser mais forte agora.

Aperto os olhos contra a chuva, ignorando o golpe de cada gota congelante. Elas penetram meu grosso casaco de inverno, esfriando meus dedos da mão e do pé. Mas não os deixam dormentes. Sinto tudo, desde a teia pulsante sob a minha pele até a coisa além das nuvens, batendo devagar como um coração negro. Dedos de eletricidade estática despontam da tormenta que não enxergo, até se unirem em nuvens baixas de chuva. Os pelos da minha nuca se arrepiam quando uma nova tempestade toma forma, estalando de energia. Uma tempestade elétrica. Cerro o punho, apertando com força o que criei, na esperança de fazê-lo ressoar.

O primeiro raio é suave, tocando o vale, brevemente visível através da bruma da chuva e da neve; o trovão mal chega a ser um rugido. O próximo sai mais forte, cintilando roxo e branco. A cena me faz resfolegar, tanto de orgulho como de exaustão. Cada rajada de raio parece brilhar dentro de mim, mas drena tanto poder quanto libera.

— Você não tem mira.

Kilorn está encostado na entrada do Furo, tomando cuidado para permanecer o mais seco que pode. Longe do fogo, ele parece mais rígido e magro do que nunca, embora esteja se alimentando tanto quanto em Palafitas.

As longas caçadas e a raiva constante cobraram seu preço.

— Acho que é melhor assim, já que você insiste em treinar com aquilo tão perto de casa — ele acrescenta, apontando para o vale. À distância, um pinheiro alto fumega. — Mas, se pretende melhorar, faça um favor a todos nós e se enfie na floresta.

— Resolveu falar comigo agora? — provoco, tentando esconder minha falta de ar. Forço a vista para enxergar a árvore fumegante. Um raio fraco desce a cem metros de distância, bem depois de onde eu estava mirando.

Um ano atrás, Kilorn teria rido dos meus esforços e me provocado até eu reagir. Mas ele amadureceu, assim como o seu corpo. Seu ar infantil está desaparecendo — antes eu o odiava, agora choro sua perda.

Ele sobe o capuz do casaco e esconde o cabelo mal cortado. Ele se negou a deixar Farley raspá-lo como ela usa, e Nix testou seus dons, deixando Kilorn com cachos castanho-avermelhados desiguais.

— Você vai me deixar ir para Corros? — ele pergunta afinal.

— Você se voluntariou.

O sorriso que corta o seu rosto é tão branco quanto a neve que cai à nossa volta. Gostaria que ele não quisesse tanto isso. Gostaria que ele me escutasse e ficasse aqui.

Mas Cal diz que Kilorn respeita as minhas decisões.

Então preciso respeitar as dele.

— Obrigada por me defender lá dentro — continuo, sincera em cada palavra.

Ele inclina a cabeça para tirar o cabelo dos olhos.

Começa a cutucar a parede de barro atrás de si e dá de ombros, fingindo desinteresse.

— Era de se esperar que você aprendesse a convencer as pessoas depois daquele monte de aulas com os prateados. Mas você é bem burrinha.

Nossas risadas se fundem num som que reconheço de dias passados. Neste momento, somos diferentes de quem somos hoje, mas somos os mesmos de sempre.

Fazia semanas que não conversávamos, e não me dei conta do quanto senti a falta dele. Por um momento, penso em desabafar, mas me seguro. Dói guardar as coisas, não contar sobre os bilhetes de Maven, ou sobre os rostos mortos que vejo todas as noites, ou como os pesadelos de Cal me mantêm acordada. Quero contar tudo. Ele conhece Mare como ninguém, assim como conheço o pescador Kilorn. Mas essas pessoas são do passado. Essas pessoas devem ser do passado. Não podem sobreviver num mundo como este. Preciso ser outra pessoa, alguém que não se apoia em nada além da própria força. Com Kilorn, é fácil me voltar a ser Mare e esquecer a pessoa que preciso ser.

O silêncio se estende, suave como a neblina da nossa respiração no ar frio.

— Se você morrer, eu te mato.

Ele abre um sorriso triste.

— Digo o mesmo.

VINTE E QUATRO



ESTRANHAM ENTE, CONSIGO DORM IR M AIS NOS TRÊS

DIAS SEGUINTES do que em semanas. Os treinos pesados a céu aberto somados às longas sessões de planejamento deixam todos em frangalhos. Nossas viagens de resgate param por completo. Não sinto falta delas. Cada missão era um suspiro de alívio ou de terror, e ambos acabavam comigo. Eram muitos corpos pendendo em forcas, muitas crianças deixando suas mães, muita gente sendo arrancada da vida que sempre conheceu. Para o bem ou para o mal, sou a responsável por tudo isso. Mas agora que o jato está no chão e que gasto meu tempo debruçada sobre mapas e plantas de prédio, sinto outro tipo de vergonha. Abandonei os que ainda estão por aí, do mesmo jeito que Cameron diz que abandonei as crianças da Legiãozinha. Quantos mais vão morrer? Quantos bebês e quantas crianças?

Mas sou uma só, uma menininha que já não pode mais sorrir. Escondo-a dos outros, atrás da minha máscara de eletricidade. Mas ela continua aqui, irrequieta, atônita, medrosa. Eu a afasto o tempo todo, mas ela ainda me assombra. Nunca vai embora.

Todos dormem pesado, até Cal, que garante que todos descansem o máximo possível depois de cada treinamento. Enquanto Kilorn volta a conversar, se enturmando novamente com o grupo, Cal se fecha mais e mais a cada hora. É como se não tivesse mais espaço na cabeça para conversar. Corros já o aprisionou. Ele acorda antes de mim para fazer anotações e listas, rascunhando em qualquer pedaço de papel que conseguimos arranjar. Ada é sua maior vantagem. Ela memoriza tudo tão intensamente que fico com medo de seus olhos furarem os mapas. Cameron nunca está distante. Apesar das ordens de Cal, ela parece mais exausta a cada minuto. Círculos escuros rodeiam seus olhos, e ela se escora ou senta sempre que pode. Mas não reclama, pelo menos não na frente dos outros.

Hoje é nosso último dia antes do ataque, e o humor dela está especialmente azedo. Ela desconta em seus alvos de treinamento, ou seja, em Lory e em mim.

— Chega — Lory geme entre dentes cerrados. Ela cai de joelhos, acenando na direção de Cameron. A adolescente fecha o punho, mas a libera, interrompendo a influência do seu poder, abrindo as cortinas sufocantes do silêncio. — Era para você nocautear o meu poder, não a mim — Lory reclama, lutando para se reerguer.

Embora Lory seja de Kentosport, uma cidade pedregosa praticamente esquecida no litoral, castigada tanto por nevascas como por tormentas, ela fecha mais o casaco. O silêncio de Cameron não retira apenas os poderes que vêm com o sangue, mas desliga a pessoa por inteiro. A pulsação diminui, os olhos escurecem, a temperatura cai. E desestabiliza os ossos.

— Desculpa — Cameron começa a falar, usando o mínimo possível de palavras. Uma mudança bem-vinda depois de seus discursos eloquentes. — Não sou boa nisso.

Lory paga na mesma moeda.

— Bom, é melhor você ficar boa logo. Partimos hoje à noite, Cole, e você não vai só para bancar a guia turística.

Não é do meu feitio apartar brigas. Instigá-las, sim; observá-las, com certeza; mas impedi-las? Por outro lado, sei que não temos tempo para discussões.

— Lory, chega. Cameron, mais uma vez. — A voz cortante de Mareena vem bem a calhar, e as duas me ouvem. — Bloqueie os sentidos dela. Transforme-a numa pessoa normal. Controle o que ela é.

Um músculo se contrai na bochecha de Cameron, mas ela não manifesta oposição. Apesar de todas as reclamações, sabe que isso é algo que precisa fazer. Se não por nós, por ela mesma. Aprender a controlar o próprio poder é sua melhor escolha, e é parte do nosso acordo. Eu a treino, ela nos leva até Corros.

Lory não é tão agradável.

— Você é a próxima, Barrow — ela rosna para mim.

Seu sotaque do extremo norte é afiado e impiedoso, assim como ela própria e o lugar de onde veio. — Cole, se você me deixar enjoada de novo, vou te matar quando você estiver dormindo.

Por algum motivo, a frase arranca um leve sorriso de Cameron.

— Pode tentar — ela responde enquanto estica os dedos longos e tortos. — Avise quando você sentir.

Observo a cena, à espera de algum sinal. Mas, assim como o poder de Cameron, o de Lory é difícil de enxergar. O tal poder sensorial faz com que tudo o que ele ouve, vê, toca, cheira e saboreia seja extremamente ampliado. Ela pode enxergar tão longe quanto um falcão, ouvir galhos estalarem a dois quilômetros

de distância e até farejar como um cão de caça. Se ela ao menos gostasse de caçar… Mas Lory prefere vigiar o acampamento com seus ouvidos e olhos superdotados.

— Calma — instruo. A testa de Cameron enruga de concentração, e compreendo. Uma coisa é liberar seu poder com tudo, derrubando as paredes da represa interior e apenas deixando tudo transbordar. É mais fácil do que manter o controle, pôr rédeas em si mesmo, se manter firme e constante. — Você controla, Cameron.

Está nas suas mãos. Responde a você.

Algo brilha nos olhos dela. Não a raiva habitual.

Orgulho. Também compreendo. Para garotas como nós, que não tinham nada e não esperavam nada, é estonteante saber que existe uma coisa só sua, algo que ninguém pode tomar.

À minha esquerda, Lory pisca, forçando a visão.

— Está indo embora — diz. — Mal enxergo além do acampamento.

Ainda assim é longe. O poder de Lory continua lá.

— Um pouco mais, Cameron.

Cameron faz o que lhe digo e estende a outra mão.

Seus dedos se agitam em sincronia com o que deve ser sua pulsação, transformando o que ela sente no que quer.

— E agora? — ela diz com esforço.

— Quê? — Lory inclina a cabeça para o lado, apertando ainda mais os olhos.

Mal consegue ver e ouvir.

— Esta é a sua constante. — Sem pensar, estendo os braços e apoio as mãos nos ombros de Cameron. — Este é o seu objetivo. Logo vai ser fácil como virar uma chave, familiar demais para que você esqueça. Vai ser instantâneo.

— Logo? — ela diz, virando a cabeça. — Voamos esta noite!

Ponho os dedos no queixo dela e a forço a olhar para Lory.

— Esqueça isso. Veja quanto tempo consegue manter o controle sem machucá-la.

— Totalmente cega! — Lory grita, alto demais.

Totalmente surda também.

— Seja lá o que estiver fazendo, está dando certo — digo a Cameron. — Não precisa dizer o que é, mas saiba que este é o seu gatilho.

Meses atrás, Julian me disse a mesma coisa para eu encontrar o gatilho que acionou minhas faíscas no Jardim Espiral. Hoje sei que me soltar é o que me dá força, e parece que Cameron descobriu a fonte dela.

— Lembre-se desta sensação — digo por fim.

Apesar do frio, uma gota de suor escorre pelo pescoço de Cameron e some na gola da camisa. Ele range os dentes, forçando o maxilar para conter um gemido de frustração.

— Vai ficar mais fácil — continuo, com as mãos de volta aos seus ombros.

Sinto seus músculos tensionarem, rijos e estendidos como cordas esticadas com muita força. Embora o poder cause um estrago monumental nos sentidos de Lory, também enfraquece Cameron. Se ao menos tivéssemos mais tempo… Uma semana, ou pelo menos mais um dia.

Pelo menos Cameron não vai precisar se segurar quando chegarmos em Corros. Dentro da prisão, quero que ela cause o máximo de dor que puder. Com seu temperamento e seu histórico nas celas, silenciar os guardas não deve ser um problema, e ela vai abrir uma rota direta através das pedras e dos corpos. Mas e se a pessoa errada cruzar o caminho dela? Um sanguenovo que ela não conhece? Cal? Eu? O poder dela pode ser o mais forte que já vi ou senti, e com certeza não quero ser vítima dele de novo. Fico arrepiada só de pensar. No fundo dos meus ossos, minhas faíscas reagem e começam a saltar pelos meus nervos. Preciso contê-las, usar meus próprios conselhos para manter a eletricidade quieta e distante. Embora elas obedeçam e se desmanchem no zumbido monótono que quase já não percebo, as faíscas crispam com a própria energia.

Apesar da preocupação e do desgaste constantes, meu poder parece maior. Está mais forte do que antes, saudável e vivo. Pelo menos alguma parte de mim está, penso. Porque, sob a eletricidade, há outro elemento.

O frio nunca me deixa. Ele nunca vai embora, e é pior do que qualquer outro fardo. O frio é vazio e devora as minhas entranhas. Espalha-se como podridão, como doença, e um dia temo que me deixe vazia. Então serei apenas a casca da garota elétrica, o cadáver animado de Mare Barrow.

Cega, Lory vira os olhos, procurando enxergar além do cobertor de escuridão de Cameron.

— Estou começando a sentir aquilo de novo! — grita.

E o chiado nas palavras revela a dor que sente. Embora seja dura como as rochas marítimas em que foi criada, nem Lory é capaz de ficar calada diante das armas de Cameron. — Está piorando!

— Solte.

Depois de um momento longo demais para o meu gosto, Cameron solta os braços e relaxa o corpo. Ela parece encolher, e Lory cai de joelhos de novo. Suas mãos massageiam as têmporas, e ela pisca várias vezes até seus sentidos voltarem.

— Ai — ela balbucia, sorrindo para Cameron.

Mas a garota não retribui o sorriso. Ela vira para o lado bruscamente, fazendo suas tranças balançarem, e me encara. Ou melhor, encara o topo da minha cabeça.

Vejo a raiva dela, uma raiva familiar. Será útil hoje à noite.

— Pois não?

— Chega por hoje — ela dispara, mostrando os dentes brancos e brilhantes.

Só consigo cruzar os braços e endireitar o corpo. Me sinto muito parecida com Lady Blonos ao olhar bem para ela.

— O treino acaba em duas horas, Cameron, e você deveria querer mais. Precisamos de cada segundo…

— Eu disse chega — ela repete. Para uma menina de quinze anos, ela consegue ser absurdamente teimosa. Os músculos do seu pescoço comprido reluzem com suor, e a respiração sai difícil. Mas ela se esforça para não resfolegar, tentando me enfrentar de igual para igual.

Tentando estar no mesmo nível que eu. — Estou cansada e com fome — Cameron continua. — Estou prestes a partir para uma batalha que não quero lutar de novo. E a última coisa que quero é morrer de estômago vazio.

Atrás dela, Lory nos observa sem piscar, com olhos arregalados. Sei o que Cal faria. Insubordinação é o nome que dá a esse tipo de coisa, que não pode ser tolerada. Eu deveria ser mais dura com Cameron, fazê-la correr em volta da clareira, talvez conferir se é capaz de derrubar um pássaro com seu poder. Cal deixaria claro: ela não está no comando. Mas Cal lida com soldados, e esta garota não faz parte das suas tropas. Ela não vai se dobrar à minha vontade ou à dele. Passou muito tempo obedecendo sirenes de troca de turno, horários passados de geração em geração de operários escravizados. Ela sentiu o gosto da liberdade, e não vai se submeter a qualquer ordem que não queira seguir. E, embora reclame o tempo todo, ainda está aqui. Mesmo tendo tanto poder, ela ainda está aqui.

Não vou agradecê-la por isso, mas vou deixá-la comer. Em silêncio, dou um passo para o lado.

— Meia hora de descanso, depois volte.

Os olhos dela brilham de raiva, e a cena familiar quase me faz sorrir. Não posso deixar de admirar essa garota. Um dia, talvez, até sejamos amigas.

Ela não concorda, mas também não discute, e se retira pelo canto da clareira. Os outros a observam sair, seguindo-a com o olhar depois de ela ter desafiado a garota elétrica. Mas não me importo nem um pouco com o que pensam. Não sou a capitã deles, nem a rainha. Não sou melhor nem pior do que qualquer um deles, e já é hora de começarem a me ver como sou. Mais uma sanguenova, mais

uma guerreira, e nada mais.

— Kilorn preparou um coelho — Lory diz para quebrar o silêncio. Ela funga o ar e lambe os beiços de uma maneira que faria Lady Blonos esbravejar. — Bem suculento, aliás.

— Vá lá então — digo baixo, apontando para a fogueira do outro lado da clareira.

Lory não precisa ouvir duas vezes.

— Cal está de mau humor, aliás — ela acrescenta enquanto passa por mim com passos frenéticos. — É o que parece. Não para de xingar e chutar coisas.

Corro os olhos pelo lugar e chego à conclusão de que ele não está do lado de fora. Fico surpresa por um momento, mas depois me lembro: Lory escuta praticamente tudo, se parar para prestar atenção.

— Vou falar com ele — digo, antes de sair rápido.

Ela tenta me seguir, mas depois muda de ideia e me deixa disparar na frente. Não faço questão de esconder a preocupação. Cal não costuma se irritar do nada, e planejar o deixa calmo, até feliz. Então, seja lá qual for o problema, também me deixa tensa, bem mais do que deveria estar às vésperas do nosso ataque.

O Furo está praticamente vazio; todos estão treinando a céu aberto. Até as crianças foram ver os mais velhos lutando, atirando e controlando os próprios poderes.

Fico feliz de não estarem no meu pé, puxando minhas mãos, me infernizando com perguntas sobre o seu herói, o príncipe exilado. Minha paciência com crianças não é como a de Cal.

Ao dobrar a esquina de um dos túneis, dou de cara com meu irmão, vindo dos dormitórios. Farley o segue, rindo sozinha, mas o sorriso desaparece assim que me vê. Opa.

— Mare — ela cumprimenta com um grunhido. Nem para. Passa direto.

Shade tenta fazer o mesmo, mas estico o braço e impeço a passagem.

— Posso ajudar com alguma coisa? — ele pergunta.

Seus lábios tremem, lutando para segurar um sorrisinho malicioso e brincalhão. O sorriso vence.

Tento parecer irritada com ele, pelo menos para manter as aparências.

— Você devia estar treinando.

— Está preocupada por eu não estar me exercitando muito? Garanto a você, Mare, que estamos — ele diz, com uma piscadela.

Faz sentido. Shade e Farley não se desgrudam há um bom tempo. Ainda assim, finjo surpresa e dou um tapinha no braço dele.

— Shade Barrow!

— Ah, o que é isso? Todo mundo sabe. Não é culpa minha se você não percebeu.

— Você podia ter me contado — contra-ataco, procurando algum motivo para lhe dar uma bronca.

Ele apenas dá de ombros, ainda com um sorriso no rosto.

— Assim como você me contou sobre Cal?

— Mas é…

Diferente, quero dizer. Não damos escapadinhas no meio do dia e não fazemos praticamente nada de noite.

Mas Shade ergue a mão para me cortar.

— Se não se importa, não quero mesmo saber. E se você me dá licença, preciso treinar um pouco, como você disse tão gentilmente.

Ele se retira com as mãos para cima, como um homem rendido. Eu o dispenso com um aceno da mão enquanto me seguro para não rir também. Um minúsculo botão de felicidade desabrocha no meu peito, uma sensação estranha depois de tantos dias de desespero.

Protejo-a como a chama de uma vela, tentando mantê-la viva e acesa. Mas ela se apaga quando vejo Cal.

Ele está no nosso quarto, sentado sobre uma caixa, com um papel familiar aberto sobre o colo. É o verso de um dos mapas do coronel, agora coberto de linhas desenhadas nos mínimos detalhes. É um mapa do presídio de Corros, ou pelo menos o que Cameron se lembra dele. Espero ver as bordas do papel fumegarem, mas ele mantém o fogo contido no buraco carbonizado no chão. Uma luz vermelha dançante se projeta de lá, o que deve dificultar a leitura, mas Cal força a vista. No canto do quarto, a minha caixa permanece intacta, repleta dos bilhetes assombrosos de Maven.

Devagar, puxo outra caixa e solto o corpo ao lado dele. Ele parece não notar, mas sei que percebeu. Nada escapa a seus sentidos de soldado. Quando meu ombro encosta no dele, ele não levanta os olhos do mapa, mas sua mão desliza até a minha perna, me puxando para o seu calor. Ele não me solta, e não o afasto. Não sou capaz, na verdade.

— O que há de errado? — pergunto, encostando a cabeça no seu ombro. Para ver melhor o mapa, digo a mim mesma.

— Além de Maven, da mãe dele, do fato de eu odiar carne de coelho e da planta dessa prisão infernal?

Absolutamente nada, obrigado por perguntar.

Quero rir, mas mal consigo forçar um sorriso. Não é típico dele fazer piadas, não em momentos como este.

Deixo esse tipo de mau gosto para Kilorn.

— Cameron está melhorando, se isso ajuda de alguma forma.

— Sério? — Sua voz reverbera no peito e chega a me fazer vibrar. — É por isso que você está aqui e não treinando?

— Ela precisa comer, Cal. Não é um bloco de Pedra Silenciosa.

Ele bufa, ainda com os olhos cravados no esboço de Corros.

— Nem me lembre.

— Elas só estão nas celas, Cal, não no resto da prisão

— digo, na esperança de que me dê ouvidos, se recomponha e saia desse estado bizarro. — Vamos ficar bem, desde que ninguém nos tranque numa delas.

— Avise Kilorn.

Para a minha desgraça, ele ri da própria piada, soando mais como um menino do que como o soldado que precisamos que seja. E o pior: ele aperta a mão no meu joelho. Não o bastante para me machucar, mas o suficiente para se fazer entendido.

— Cal? — chamo de novo, afastando a mão dele como quem se livra de uma aranha. — O que há com você?

Por fim, ele levanta a cabeça e me encara. Ainda sorri, mas não há nem uma ponta de alegria nos seus olhos.

Uma espécie de sombra os atravessa, transformando-o num completo desconhecido para mim.

Nem no Ossário, quando seu próprio irmão o condenou à morte, ele estava assim. Estava com medo, perturbado, um pobre-diabo em vez de um príncipe, mas ainda era Cal. Podia confiar naquela pessoa assustada. Mas nesta?

Este garoto risonho com a mão boba e os olhos desesperançados? Quem é ele?

— Você quer uma lista? — ele responde, alargando ainda mais o sorriso sinistro, quebrando algo dentro de mim.

Eu o acerto com tudo. Meu punho cerrado contra seu ombro. Ele é enorme, mas não luta contra meu golpe e se deixa cair para trás, o que me pega de surpresa. Caio com ele, e acabamos os dois no chão de terra. A cabeça dele bate com um ruído seco e ele geme de dor. Quando tenta levantar, eu o empurro e o seguro firme debaixo de mim.

— Você não vai levantar até se recompor.

Para a minha surpresa, ele apenas dá de ombros.

Chega até a piscar.

— Não é o melhor dos incentivos.

— Argh.

Antes, as damas da nobreza de Norta desmaiariam se o príncipe Tiberias piscasse para elas. Mas isso me dá um nó no estômago. Dou outro soco nele, desta vez na barriga. Pelo menos ele tem o bom senso de manter a boca fechada e os olhos abertos. Sem nenhuma piscadela, felizmente.

— Agora me diga qual é o seu problema — retomo.

O que antes era um sorriso se transforma numa careta, e ele encosta a cabeça no chão, com a testa franzida. Olha fixamente para o teto. Melhor isso do que bancar o idiota.

— Cal, onze pessoas vão nos acompanhar até Corros. Onze.

Ele cerra os dentes. Sabe onde quero chegar. Onze pessoas que morrerão se não fizermos isso dar certo, e muitos outros no presídio, se os abandonarmos.

— Também estou com medo. — Minha voz vacila mais do que eu queria. — Não quero decepcioná-las ou machucá-las.

De novo, a mão dele encosta na minha perna. Mas ele não a toca com urgência. É apenas um lembrete: estou aqui.

— Mas acima de tudo… — Fico sem fôlego, que agora pende no fio afiado da verdade. — Tenho medo por mim. Tenho medo do sonador, de sentir aquela dor de novo. Tenho medo do que Elara vai fazer se chegar até mim. Sei que sou mais valiosa do que a maioria, por causa do que fiz e do que posso fazer. Meu nome e meu rosto têm tanta força quanto meus raios, e isso me torna importante. Faz de mim um troféu. — Faz de mim uma pessoa solitária. — E odeio pensar desse jeito, mas ainda penso.

O que começou como o colapso de Cal acabou se transformando no meu. Numa noite escura, numa estrada densa sob o calor do verão, cuspi todos os meus segredos nele. Não passava da garota que tentou roubar o dinheiro dele. Agora o inverno se aproxima, e sou a garota que roubou a vida dele.

A pior das minhas confissões ainda está guardada.

Agita-se no meu cérebro como um pássaro numa gaiola.

Bate contra os meus dentes, implorando para sair.

— Sinto falta dele — sussurro, incapaz de encarar Cal nos olhos. — Sinto falta de quem pensei que ele fosse.

A mão na minha perna se fecha e emana calor. Raiva.

É fácil ler Cal, o que é um descanso bem-vindo depois de tanto tempo fechada num covil de lobos.

— Também sinto falta dele.

Meus olhos disparam para os dele, em choque.

— Não sei o que tornaria mais fácil esquecê-lo.

Pensar que não foi sempre assim, que a mãe o envenenou, ou que ele simplesmente nasceu um monstro.

— Ninguém nasce um monstro. — Mas eu desejaria que fosse assim com algumas pessoas. Seria mais fácil odiá-las, matá-las, esquecer seus rostos mortos. — Nem Maven.

Sem pensar, deito sobre ele, coração com coração.

Eles batem em sincronia, refletindo as lembranças de um garoto de língua afiada e olhos azuis. Inteligente, esquecido, compassivo. Jamais veremos aquele garoto de novo.

— Temos que desapegar — murmuro no pescoço de Cal. — Mesmo que isso signifique matá-lo.

— Se ele estiver em Corros…

— Eu consigo, Cal. Se você não conseguir.

Ele se cala pelo que parece uma eternidade, mas não pode ser mais de um minuto. Ainda assim, quase adormeço. Seu calor é mais convidativo do que a cama mais confortável de qualquer palácio.

— Se ele estiver em Corros, vou perder o controle — ele diz afinal. — Vou atrás dele com tudo que tenho, dele e de Elara. Ela vai usar o meu ódio, vai voltá-lo contra você. Vai me fazer matar você, como me fez…

Meus dedos sobem até os lábios dele e o impedem de pronunciar as palavras. Elas lhe causam muita dor.

Naquele instante, vislumbro um homem sem qualquer outra motivação a não ser vingança, e nenhum outro coração além do que eu parti. Outro monstro, apenas esperando para assumir a verdadeira forma.

— Não vou deixar isso acontecer — digo, afastando nossos piores medos.

Ele não acredita em mim. Vejo isso nas trevas do seu olhar. O vazio, o vazio que vi em Ocean Hill, ameaça voltar.

— Não vamos morrer, Cal. Chegamos longe demais para isso.

O riso dele soa vazio, dolorido. Ele afasta as minhas mãos gentilmente, mas não solta meu punho.

— Você sabe quantas pessoas que eu amo já morreram? — pergunta.

Sei que ele sente as pontadas do meu pulso, e estou perto demais para poder ocultar a dor que sinto por ele.

Ele quase caçoa da minha pena.

— Todos se foram. Todos assassinados. Por ela. — A rainha Elara. — Ela os

mata, e depois os apaga.

Qualquer um imaginaria que ele está pensando no pai, ou mesmo no irmão que achou que Maven fosse. Mas eu sei.

— Coriane — balbucio, me referindo à mãe dele. A irmã de Julian. A rainha cantora. Cal não lembra dela, mas com certeza pode chorar sua perda.

— É por isso que Ocean Hill era o meu palácio favorito. Era dela. Meu pai deu para ela.

Pisco várias vezes tentando lembrar do pesadelo que vivemos no palácio de Harbor Bay. Tentando me lembrar da aparência do lugar onde lutamos por nossas vidas.

Vaga e lentamente, lembro das cores que dominavam o interior. Dourado. Amarelo. Como papel antigo, como as roupas de Julian. A cor da Casa Jacos.

É por isso que Cal parecia tão triste. Por isso não conseguiu queimar os estandartes. Eram dela.

Não sei o que é ser órfã. Sempre tive mãe e pai. É uma bênção que nunca compreendi até eles serem tirados de mim. Parece errado sentir falta deles agora, quando sei que estão seguros, enquanto os pais de Cal estão mortos e enterrados. E agora, mais do que nunca, odeio o frio dentro de mim e meu medo egoísta de ficar sozinha. Entre nós dois, Cal é muito mais solitário do que jamais serei.

Mas não podemos ficar remoendo pensamentos e lembranças. Não podemos nos deter neste momento.

— Me conte da prisão — digo, forçando um novo assunto. Vou arrancar a depressão de Cal mesmo que precise me matar para isso.

A força do suspiro dele faz todo o seu corpo tremer, mas ele fica grato pela distração.

— É um poço. Uma fortaleza protegida por uma arquitetura engenhosa. Os portões ficam no primeiro andar, com as celas embaixo, e passarelas de magnetrons conectam tudo. Um gesto com a mão pode nos fazer despencar trinta metros e cair bem no fundo do barril. E então eles nos massacram, junto com qualquer um que libertemos.

— E os prisioneiros prateados? Acha que não vão brigar um pouco?

— Não depois de semanas em celas silenciosas. Vão ser um obstáculo, mas não muito grande. E isso vai tornar a fuga lenta.

— Você vai deixá-los… fugir?

O silêncio dele é suficiente.

— Eles podem se virar contra nós lá, ou vir atrás de nós depois.

— Acho que uma fuga em massa vai dar muita dor de cabeça ao meu irmão,

especialmente se os fugitivos forem seus inimigos políticos.

Balanço a cabeça.

— Não gostou?

— Não confio.

— Há uma surpresa — ele diz secamente. Um de seus dedos contorna as cicatrizes que o dispositivo de Maven me deu. — A força bruta não vai vencer essa batalha, Mare. Não importa quantos sanguenovos você resgate. Os prateados ainda estão em maior número, e ainda têm a vantagem.

O soldado defendendo outro tipo de luta. Que irônico.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

Ele dá de ombros sob mim.

— Intrigas políticas não são minha especialidade, mas vou tentar.

— Mesmo que acabe numa guerra civil?

Meses atrás, Cal me contou como seria uma rebelião assim. Uma guerra de ambos os lados, sangue contra sangue. Vermelho contra vermelho, prateado contra prateado, e tudo o que estiver no meio. Ele falou que não arriscaria o legado do pai por uma guerra, ainda que fosse justa. O silêncio mais uma vez recai sobre nós, e Cal se nega a responder. Imagino que não saiba mais qual é a sua posição. Não é rebelde, não é príncipe, não tem certeza de nada além do fogo nos seus ossos.

— Estamos em menor número, mas isso não diminui nossas chances — digo.

Mais fortes que os dois. Foi o que Julian me escreveu quando descobriu o que eu era. Julian, que, para minha grande surpresa, posso muito bem reencontrar.

— Os sanguenovos têm poderes para os quais nenhum prateado está pronto, nem mesmo você — concluo.

— Aonde quer chegar?

— Você está encarando isso como se liderasse suas tropas, com poderes que compreende e com os quais já treinou.

— E?

— E gostaria de saber o que vai acontecer quando um guarda tentar atirar em Nix ou um magnetron tentar derrubar Gareth.

Cal leva um segundo para compreender o que estou dizendo. Nix é invulnerável, mais forte que um pétreo. E

Gareth não vai cair de lugar nenhum tão cedo, manipulando a gravidade. Não temos um exército, mas com certeza temos soldados, e poderes que os guardas prateados não sabem como combater. Quando se dá conta, Cal agarra minhas

bochechas e levanta meu rosto.

Então estala um beijo orgulhoso no meu lábio, rápido demais para o meu gosto.

— Você é genial! — ele suspira e levanta com um salto. — Volte para Cameron, apronte todo mundo.

Ele pega o mapa, quase louco de entusiasmo. O mesmo sorriso malicioso reaparece, mas dessa vez não o odeio.

— Isso pode dar certo de verdade — diz.

VINTE E CINCO

O FURO PISCA ATRÁS DE M IM, e observo, maravilhada, minha casa nos últimos meses desaparecer com um simples gesto de Harrick. As montanhas continuam lá, assim como a clareira, mas qualquer sinal do acampamento some como as ondas varrendo a areia.

Sequer conseguimos ouvir as crianças que estavam ali instantes atrás, acenando em despedida, ecoando suas vozes pela noite. Farrah abafa todo o som e, junto com Harrick, lança uma cortina de proteção sobre os sanguenovos mais jovens. Ninguém jamais chegou perto de nos encontrar, mas a defesa extra me consola mais do que gostaria de admitir. A maior parte dos que estão conosco solta urros de vitória, como se o simples ato de disfarçar o Furo fosse motivo de comemoração. Para o meu desgosto, é Kilorn quem lidera o coro, assobiando com força. Mas não o recrimino, não agora que finalmente voltamos a conversar. Em vez disso, forço um sorriso, apertando dolorosamente os dentes. Isso segura as palavras que eu gostaria de dizer: "Poupem sua energia".

Shade está tão calado quanto eu, e vem para o meu lado. Não está mais observando a clareira vazia e mantém os olhos voltados para a frente, para os bosques escuros e frios e para a missão diante de nós. O ferimento na perna está praticamente curado, e ele sai andando a passos rápidos. Eu o acompanho, ansiosa, seguida pelos outros. A caminhada até o jato não é longa.

Tento aproveitar cada segundo. O ar frio da noite penetra meu rosto exposto, mas felizmente o céu está limpo.

Nada de neve, nada de tempestades… ainda. Porque uma tempestade com certeza está se aproximando, seja pela minha mão ou não. E não faço ideia de quem vai sobreviver para ver o sol nascer.

Shade sussurra algo que não escuto e posiciona a mão no meu ombro. Dois dedos estão tortos, ainda se recuperando do dia que resgatamos Nanny em Cancorda. Um forçador conseguiu agarrar Shade e esmagou sua mão esquerda antes que ele conseguisse saltar. Farley o acudiu, claro, mas a lembrança ainda me

faz tremer. Penso em Gisa, outra Barrow ferida que paga pelos meus atos.

— Vai valer a pena — ele diz, mais alto. — Estamos fazendo a coisa certa.

Sei disso. Por mais medo que sinta por mim e pelos meus, sei que Corros é a escolha certa. Mesmo sem Jon, acredito no nosso caminho. Como não acreditar? Não podemos deixar os sanguenovos serem vítimas dos murmúrios de Elara, morrerem ou se transformarem em marionetes que só sabem seguir as ordens dela. É o que precisamos fazer para impedir o estabelecimento de um mundo ainda mais horrível do que aquele em que vivemos agora.

Ainda assim, a confiança de Shade é como um cobertor quente e confortável.

— Obrigada — cochicho de volta, apoiando a mão sobre a dele.

Ele responde com um sorriso branco, que reflete a lua evanescente. No escuro, ele se parece muito com o nosso pai. Mais novo, sem a cadeira de rodas e sem os fardos de uma vida destruída. Mas eles compartilham a mesma inteligência, a mesma desconfiança que manteve ambos vivos nas trincheiras da guerra, e que agora mantém Shade vivo num campo de batalha bem diferente. Ele dá um tapinha na minha bochecha, um gesto familiar que faz eu me sentir uma criança, mas não ligo. É um lembrete do sangue que compartilhamos. Não por mutação, mas por nascimento. Algo mais profundo e mais forte do que qualquer poder.

Cal marcha à minha direita, e finjo não perceber o olhar dele. Sei que está pensando no irmão e nos próprios laços de sangue, agora rompidos. Atrás dele vem Kilorn, agarrado ao rifle, correndo os olhos pela floresta à caça de qualquer sombra. Apesar de todas as diferenças, os dois têm semelhanças impressionantes.

Ambos são órfãos, foram abandonados, e não têm ninguém além de mim para servir de âncora.

O tempo passa rápido demais para o meu gosto. Em questão de instantes já estamos no Abutre voando pelos ares. Cada segundo passa mais depressa que o anterior, à medida que nos lançamos na direção do despenhadeiro escuro diante de nós. Vai valer a pena, digo a mim mesma, repetindo as palavras de Shade de novo e de novo. Preciso manter a calma, pelo bem do jato. Não posso aparentar medo, pelos outros. Mas o meu coração dispara no peito, tão alto que receio que todos possam ouvir.

Para segurar as batidas aceleradas, aperto o capacete no meu colo, frio e liso, abraçando-o. Olho para o metal polido e examino o meu reflexo. A garota que vejo é, ao mesmo tempo, familiar e estranha — Mare, Mareena, garota elétrica, rainha vermelha —, e ninguém ao mesmo tempo. Ela não parece ter medo. Parece feita de pedra, com traços sóbrios, cabelo em tranças coladas na cabeça e um emaranho de cicatrizes no pescoço. Não tem dezessete anos, não tem idade

nenhuma. Não é prateada.

Não é vermelha. Não é humana. Um símbolo da Guarda Escarlate, um rosto num cartaz de procurados, a perdição de um príncipe, uma ladra… uma assassina.

Uma boneca que assume qualquer forma, menos a própria.

Os trajes extras estocados no jato são pretos e prateados, e nos servem como uma espécie de uniforme improvisado e também como disfarce. No momento, meus companheiros estão ocupados fuçando os seus, fazendo os ajustes necessários para caberem neles.

Como sempre, Kilorn briga com a gola, tentando alargar um pouco o tecido apertado. O zíper de Nix não fecha na barriga, parecendo prestes a rasgar a qualquer momento. Em contrapartida, Nanny está praticamente sumindo dentro do traje, mas nem se dá ao trabalho de arregaçar as mangas ou a barra da calça. Vai assumir uma forma diferente quando o jato pousar — uma forma que me dá um nó no estômago e faz meu coração disparar com incontáveis sentimentos.

Por sorte, o Abutre foi feito para transportar tropas e suprimentos, de modo que há lugar para nós onze e ainda sobra. Penso que o peso extra vai nos deixar mais lentos, mas, segundo o painel de controle, estamos voando à mesma velocidade de sempre. Talvez até um pouco mais rápido. Cal conduz a aeronave da melhor maneira possível, mantendo-nos longe da luz do luar e bem escondidos nas nuvens de outono que passam ao longo do litoral de Norta.

Sua atenção está toda fora da janela, e seus olhos se dividem entre as nuvens e o painel piscando diante dele.

Ainda não compreendo o que qualquer um desses botões faz, apesar das muitas semanas sentada ao seu lado na cabine. Era uma péssima aluna em Palafitas, e isso não mudou. Simplesmente não tenho uma cabeça como a dele. Sei apenas os atalhos e as trapaças, sei mentir e roubar, e sei ver o que as pessoas escondem. E, neste exato instante, Cal está escondendo alguma coisa. Teria medo dos segredos de qualquer outra pessoa, mas sei que os de Cal não podem me ferir. Está tentando esconder a própria fraqueza, o próprio medo. Foi criado para crer somente na força e no poder e em mais nada; vacilar era o pior dos erros. Eu lhe disse antes que também estava com medo, mas algumas palavras sussurradas não bastam para quebrar anos de crença.

Assim como eu, Cal veste uma máscara, e não me deixa sequer ver o que está por trás dela.

É melhor assim, meu lado prático pensa. O outro, o que se importa demais com o príncipe exilado, se preocupa terrivelmente. Sei dos riscos físicos da missão, já os riscos emocionais não me passaram pela cabeça até a tarde de hoje.

No que Cal vai se transformar em Corros? Será que vai sair do mesmo jeito que entrou?

Será que vai conseguir sair?

Farley verifica nosso estoque de armas pela décima vez. Shade tenta ajudar, mas ela o afasta com um tapa, sem muita força no golpe. Numa das vezes, capto uma troca de sorrisos entre os dois, e ela finalmente o deixa contar as balas de um pacote marcado com a palavra

"Corvium". Outra carga roubada. Coisa de Crance, provavelmente. Junto com os contatos de Farley, ele conseguiu contrabandear mais pistolas para nós. E mais facas e várias outras armas que jamais imaginei serem possíveis. Todos nós estaremos armados, com nossos poderes e o que mais escolhermos. Eu mesma não quero nada além da minha eletricidade, mas os outros, ansiosos, pedem adagas ou pistolas ou, no caso de Nix, a lança retrátil e brutal que ele tem preferido nas últimas semanas. Ele a abraça forte e corre os dedos despreocupado pelo metal afiado. Qualquer pessoa teria se cortado, mas a carne de Nix é mais resistente do que praticamente qualquer coisa. O outro sanguenovo invulnerável, Darmian, segue o conselho do amigo e pega uma machadinha, deixando-a em cima dos joelhos ossudos. O fio da lâmina brilha, como se implorasse para cortar ossos.

Observo Cameron pegar uma faca pequena, tremendo, tomando cuidado para mantê-la na bainha. A adolescente passou os últimos três dias aperfeiçoando seu poder, não a habilidade com lâminas, e a adaga é um último recurso, que espero que ela não tenha que usar.

Ela percebe o meu olhar com uma expressão dolorida.

Por um momento, temo que estoure contra mim ou pior, que veja através da minha máscara. Em vez disso, me cumprimenta acenando a cabeça de maneira sombria.

Faço o mesmo, estendendo a mão invisível da amizade entre nós. Mas o olhar dela endurece e ela desvia o rosto rápido. A mensagem é clara: somos aliadas, mas não amigas.

— Não falta muito agora — Cal avisa, me cutucando para que eu olhe para a frente.

Cedo demais, minha mente grita, embora eu saiba que estamos no horário exato.

— Vai dar certo. — Minha voz vacila, e felizmente Cal é o único a ouvir. Ele não tenta combater a minha fraqueza, deixando-a morrer. — Vai dar certo — repito, mais fraco ainda.

— De quem é a vantagem? — ele pergunta.

As palavras me chocam, me perfuram, e depois me acalmam. O instrutor Arven perguntava a mesma coisa no treinamento quando colocava os alunos para lutar um contra o outro, em batalhas pelo sangue e por orgulho.

Ele fez a mesma pergunta no Ossário, antes que um forçador Rhambos o espetasse como um porco gordo e imundo. Eu odiava aquele homem, mas isso não significa que não aprendi nada com ele.

Temos o elemento surpresa, temos Cameron, temos Shade e Gareth e Nanny e cinco outros sanguenovos para os quais nenhum prateado está preparado. Temos Cal, um gênio militar.

E temos uma causa. Temos a aurora vermelha às nossas costas, começando a se levantar.

— Nós temos vantagem.

O sorriso de Cal é tão forçado quanto o meu, mas me anima mesmo assim.

— Essa é a minha garota.

Mais uma vez, as palavras dele libertam em mim sentimentos turvos e conflitantes.

Um estalo e o chiado do rádio apagam qualquer pensamento sobre Cal da minha cabeça. Volto o olhar para Nanny, que acena a cabeça. Diante dos meus olhos, ela se transforma num garoto com olhos azuis de gelo, cabelo preto e nenhuma alma. Maven. Suas roupas mudam com a aparência, e ela substitui o traje de voo por um uniforme de gala imaculado, com várias medalhas e uma capa vermelho-sangue. Uma coroa se aninha sobre seus cachos. Tenho que me segurar para não jogá-la do jato.

Os outros assistem à mudança atentamente, impressionados com a imagem do falso rei, mas sinto apenas ódio e uma minúscula pontada de arrependimento. A bondade de Nanny vaza pelo disfarce e leva aos lábios de Maven os contornos de um sorriso suave que conheço bem demais. Por um único e doloroso momento, encaro o garoto que pensei que ele fosse, e não o monstro que ele se revelou.

— Ótimo — digo com esforço, com a voz carregada de emoção. Apenas Kilorn parece notar, desviando os olhos de Nanny para pousá-los em mim. Aceno levemente a cabeça para ele, dando a entender que não precisa se preocupar. Temos coisas mais importantes em que pensar.

— Torre de Corros, aqui é a Nave Um — Cal diz no rádio.

Nos outros voos, ele fez o máximo para parecer entediado e desinteressado nos contatos obrigatórios com as diversas bases, mas agora fala de maneira burocrática. Afinal, estamos fingindo ser o jato do próprio rei, conhecido como Nave Um, uma aeronave acima de qualquer suspeita. E Cal sabe melhor do que ninguém

como esse contato precisa ser.

— O trono se aproxima.

Nada de avisos complicados, nada de pedir permissão para aterrissagem. Nada além de uma autoridade severa, e qualquer operador do outro lado da transmissão teria vergonha de rejeitá-la. Como esperado, a voz responde, gaguejando:

— Re-recebido, Na-Nave Um — um homem diz. A voz grave e áspera não consegue esconder o desconforto. — Perdão, mas esperávamos sua majestade real só amanhã à tarde.

Amanhã. O quarto dia, quando Jon disse que morreríamos. Maven traria um exército consigo, de sentinelas a guerreiros mortíferos como Ptolemus e Evangeline. Não seríamos páreo para eles.

Faço um gesto para trás, chamando Nanny, mas ela já está ao meu lado. Sua proximidade na forma de Maven me faz arrepiar.

— O rei não segue qualquer agenda que não a própria

— ela diz no rádio, com as bochechas prata. Seu tom de voz não é incisivo o bastante, mas a voz é inconfundível.

— E não vou dar satisfações a um porteiro de luxo.

O estrondo do outro lado só pode significar que o operador caiu da cadeira.

— Sim… sim, claro, majestade.

Atrás de nós, alguém assoa o nariz na manga do traje.

Provavelmente Kilorn.

Cal acena para Nanny antes de pegar o rádio novamente. Vejo nele a mesma dor que sinto bem lá no fundo.

— Aterrissamos em dez minutos. Prepare Corros para a chegada do rei.

— Cuidarei disso pessoalm…

Mas Cal desliga o rádio antes de o operador concluir, e se permite um único e aliviado sorriso. De novo, os outros comemoram, celebrando uma vitória inexistente.

Sim, o obstáculo foi contornado, mas muitos outros virão. E estão bem debaixo de nós, nos campos verdes e cinzentos ao redor da terra arrasada de Wash, escondendo a prisão que pode ser nosso fim.

Uma ponta de luz do sol sangra no horizonte, a leste, mas o céu ainda é de um azul profundo e evolvente quando o Abutre pousa na pista de Corros. Não é uma base militar lotada de esquadrilhas de jatos e hangares, mas ainda é uma instalação prateada, e um ar de perigo paira sobre tudo. Enfio o capacete de voo na cabeça, escondendo meu rosto. Cal e os outros fazem o mesmo.

Para alguém de fora, devemos parecer assustadores — vestidos de preto,

mascarados, acompanhando o jovem e impiedoso rei até a prisão. Tomara que os guardas nem olhem para nós, mais preocupados com a presença do rei do que com seus acompanhantes.

Não aguento mais ficar sentada e levanto o mais rápido possível. O cinto de segurança balança com o movimento brusco e as fivelas se chocam. Faço o que preciso, o que queria não precisar fazer, e tomo Nanny pelo braço. Até o toque é parecido com o de Maven.

— Olhe através das pessoas — digo com a voz abafada pelo capacete. — Sorria sem bondade. Nada de conversa fiada, nada de conversa educada. Aja como se tivesse um milhão de segredos, e só você fosse importante o bastante para saber de todos.

Ela faz que sim e não dá muita importância. Afinal, Cal e eu ensinamos como ela devia se comportar para se passar por Maven. Isto é apenas um lembrete, uma última lida no livro antes da prova.

— Não sou idiota — ela responde friamente, e quase lhe dou um soco no queixo. Ela não é Maven, diz o aviso na minha cabeça, mais alto que um alarme.

— Acho que você pegou o jeito — Kilorn diz ao levantar. Ele agarra meu braço e me afasta um pouco. — Mare quase quis matar você.

— Todos prontos? — Farley grita da traseira do jato.

Suas mãos pairam ansiosas sobre a alavanca que baixa a rampa.

— Em posição! — Cal brada, soando como um perfeito sargento. Obedecemos e formamos filas ordenadas como ele nos ensinou, com Nanny na ponta.

Cal assume a posição ao lado dela, no papel de guarda-costas.

— Vamos lá tomar algumas decisões ruins — Farley diz. Quase posso vê-la sorrindo ao puxar a alavanca.

Com um chiado, as engrenagens se movem, os fios pulsam e a traseira do avião abre para saudar a última manhã que alguns de nós verão.

Uma dúzia de soldados espera a uma distância considerável do Abutre, numa formação precisa e ensaiada. Ao verem a sanguenova disfarçada de rei, passam para uma posição tensa e perfeita de reverência.

Uma mão no coração, um joelho no chão. O mundo parece mais escuro por trás da proteção do meu capacete, mas não esconde o cinza nublado dos uniformes militares nem a construção baixa e despretensiosa atrás dos soldados. Nada de portões de bronze ou de muros de diamante; não há nem janelas.

Apenas um simples e único bloco de concreto se estende pelos campos abandonados desta terra desolada. Presídio de Corros. Me permito um último olhar para o jato e para a pista que se prolonga à distância, onde as sombras e a

radiação dançam. Pelo canto do olho, vejo um par de jatos estacionados no escuro, com as barrigas de metal estufadas e redondas. Aviões-prisão, usados no transporte dos capturados. Se tudo sair de acordo com o plano, logo entrarão em ação.

Nos aproximamos de Corros em silêncio, tentando marchar em sincronia. Cal vai ao lado de Nanny, com um punho permanentemente cerrado, e seguimos atrás, com Cameron à minha esquerda e Shade à direita. Farley e Kilorn se mantêm no centro da formação, sem jamais soltarem as pistolas. O próprio ar parece eletrificado, pesado por causa do perigo.

Não é a morte que temo, não mais. Estive perto de morrer tantas vezes que já não tenho mais medo. Temo minha própria prisão, a ideia de ser capturada, forçada a usar algemas, transformada em uma marionete da rainha.

Isso não posso suportar. Prefiro mil vezes morrer a enfrentar um destino assim. E o mesmo vale para qualquer um de nós.

— Majestade — um dos soldados diz, ousando levantar os olhos para a pessoa que ele acredita ser o rei.

O distintivo no peito, três espadas cruzadas em metal vermelho, o marcam como capitão. As barras nos ombros, vermelho-vivo e azul, só podem ser as cores da sua casa. Casa Iral. — Bem-vindo ao presídio de Corros.

Conforme foi instruída, Nanny olha através dele, acenando uma mão pálida para dispensá-lo. Isso deveria bastar para convencer qualquer um da suposta identidade dela. Mas, à medida que os soldados levantam, os olhos do capitão saltam para nós e notam nossos uniformes e a falta de sentinelas acompanhando o soberano real. Ele se demora em Cal, com um olhar penetrante fixo em seu capacete. Não diz nada, porém, e seus soldados entram em formação ao nosso lado, seus passos ecoando com os nossos. Haven, Osanos, Provos, Macanthos, Eagrie.

Noto as cores familiares em alguns uniformes. A Casa Eagrie, dos observadores, é nosso primeiro alvo. Dou um puxão na manga do traje de Cameron e inclino a cabeça de leve na direção do jovem barbado com olhos penetrantes e faixas pretas e brancas no ombro.

Ela inclina a cabeça e cerra os punhos ao lado do corpo em silenciosa concentração. O ataque começou.

O capitão leva Nanny para o outro lado, passando na minha frente com tanta leveza que mal noto. Um silfo.

Tem a mesma pele bronzeada, cabelo escuro e brilhante e traços angulosos que Sonya Iral e a avó, a astuta e perigosa Pantera. Só posso torcer para que o capitão

não tenha tanto talento para intriga quanto ela. Do contrário, isto aqui vai ser bem mais difícil que o esperado.

— Suas especificações estão quase concluídas, majestade — ele diz, afiado. — Cada bloco está selado individualmente, como ordenado, e o próximo carregamento de Pedras Silenciosas chega amanhã com a nova unidade de guardas.

— Ótimo — Nanny responde, soando desinteressada.

Ela acelera o passo e o capitão a segue, mantendo o ritmo. Cal faz o mesmo, e os seguimos. Parece uma perseguição.

Enquanto a central de segurança de Harbor Bay era uma estrutura bonita, repleta de pedras trabalhadas e vidros reluzentes, Corros é tão cinza e melancólica quanto a própria desolação ao seu redor. Apenas a entrada, um único portão de ferro preto no mesmo nível da parede, quebra a monotonia do presídio. Não há dobradiça, tranca ou maçaneta — o portão parece um fosso, uma boca escancarada. Mas sinto a eletricidade vazar pelos cantos, oriunda do pequeno painel quadrado ao lado da porta. A trava. Como Cameron disse. A chave pende de uma corrente preta no pescoço do Iral, mas ele não a deixa folgada.

Também há câmeras ali, com seus olhos minúsculos e redondos apontados para o portão. Mas elas não me incomodam nem um pouco. Estou mais preocupada com o capitão silfo e os soldados, que nos cercam e nos fazem continuar marchando.

— Receio que não o conheço, piloto. Ou o restante de vocês, aliás — o capitão sonda, inclinando-se para ver além de Nanny e lançar um olhar agudo para Cal. — Poderiam se identificar?

Cerro os punhos para evitar que meus dedos tremam.

Cal não faz o mesmo e mal vira a cabeça, relutante para sequer reconhecer o capitão do presídio.

— Piloto está bom para mim, capitão Iral.

Iral bufa, como esperado.

— As instalações de Corros estão sob o meu comando e a minha proteção, piloto. Se acha que vou deixar você entrar sem…

— Sem o quê, capitão? — Cada palavra que sai da boca de Nanny é como uma faca me cortando profundamente. O capitão para na hora e fica com o rosto prateado, engolindo em seco a resposta desajuizada. — Pelo que sei, Corros pertence a Norta. E a quem Norta pertence?

— Estou apenas fazendo meu trabalho, majestade — ele argumenta, mas a batalha já está perdida. Ele leva a mão ao coração e faz uma nova reverência. — A

rainha me encarregou da proteção deste presídio, e só quero obedecer às ordens dela, bem como às suas.

Nanny faz que sim.

— Então ordeno que abra o portão.

Ele baixa a cabeça e abre caminho. Um dos seus soldados, uma mulher mais velha, com uma trança prateada sóbria e o queixo quadrado, dá um passo à frente e põe a mão sobre o portão de ferro. Nem preciso ver as faixas pretas e prateadas no ombro dela para saber que é da Casa Samos. O ferro se move ao toque magnetron dela e se parte em pedaços afiados, retraindo-se com uma eficácia aguda. Uma rajada de ar frio nos atinge, fedendo vagamente a umidade e algo azedo.

Sangue. Mas a recepção depois do portão é inteiramente revestida de lajotas tão brancas que são capazes de cegar, e nenhuma tem um indício sequer de mancha.

Nanny é a primeira a entrar, e a seguimos.

Ao meu lado, Cameron treme, e eu a cutuco de leve.

Seguraria a mão dela se pudesse. Só posso imaginar quão terrível isso deve ser para ela — preferiria me rasgar ao meio a retornar a Archeon. E ela está voltando à própria prisão por mim.

A entrada é estranhamente vazia. Nenhuma foto de Maven, nenhum estandarte. Este lugar não precisa impressionar ninguém e, portanto, não requer decoração.

Há apenas câmeras pulsantes. Os soldados do capitão Iral rapidamente reassumem seus postos, cada um ao lado de uma das quatro portas à nossa volta. O portão negro pelo qual entramos se fecha com um rangido ensurdecedor de metal raspando em metal. As portas à direita e à esquerda, pintadas de prata, reluzem à luz dura da prisão. A porta da frente, pela qual vamos passar, tem cor de sangue, e me deixa enjoada.

Mas Iral para de repente e gesticula para uma das portas prateadas.

— Suponho que o senhor queira ver a rainha, majestade?

Fico extremamente feliz por estarmos de capacete, pois do contrário o capitão veria o horror em cada um dos nossos rostos. Elara está aqui. Meu estômago gela com a perspectiva de ter que enfrentá-la, e quase vomito dentro do capacete. Até Nanny fica pálida, e sua voz entala apesar de todo o esforço. Sinto Kilorn às minhas costas, a centímetros de mim. Está calado, mas capto o que quer dizer: "Corram, corram, corram". Só que correr é algo que não posso mais fazer.

— A rainha está aqui? — Cal dispara. Por um segundo, receio que tenha

esquecido da situação. — Ainda? — acrescenta, tentando corrigir a mentira. Mas a desconfiança do capitão já foi deflagrada; posso vê-la como uma explosão nos seus olhos.

Até que Nanny, abençoada Nanny, força uma gargalhada fria e distante.

— Minha mãe sempre fez o que quis, você sabe — ela diz a Cal em censura. — Mas estou aqui para tratar de outros assuntos, capitão. Não será preciso incomodá-la.

O capitão abre um sorriso condescendente, que transforma seu rosto numa careta, torcendo seus traços finos e deixando-o muito feio.

— Muito bem, senhor.

Kilorn toca meu braço com urgência. Percebeu o que percebi: o capitão não acredita mais em nós. Viro para o lado e aperto o cotovelo de Cameron. É o segundo sinal.

Ainda estou com a mão nela quando os músculos da jovem começam a se contrair. Ela dá tudo o que tem para bloquear o poder do Eagrie, para impedi-lo de ver o que vai acontecer. O rosto dele se fecha em confusão, e ele sacode a cabeça, tentando se concentrar. Não sabe o que está acontecendo.

— E o que o senhor veio fazer aqui? — Iral pressiona, ainda com um sorriso demoníaco. Ele dá um passo lânguido em nossa direção. Será seu último passo.

— Retirem os capacetes, por favor.

— Não — respondo.

Com uma respiração relaxada, controlo as câmeras apontadas para nós. Quando Iral abre a boca para gritar, expiro e as câmeras explodem, faiscando como fogos de artifício. As lâmpadas são as próximas. Começam a oscilar loucamente, nos mergulhando sucessivamente em escuridão completa e brilho ofuscante. Estamos preparados para isso. Os soldados de Corros não.

Uma chama corre sobre as lajotas, projetando uma luz estranha e oscilante contra o branco. O fogo bloqueia cada uma das portas e sobe até o teto, deixando os soldados apenas conosco na escuridão vacilante. O soldado Osanos, ninfoide, suga às pressas a umidade do ar, mas não é o suficiente para combater o fogo de Cal.

Um pétreo avança contra mim, transformando sua carne em rocha diante dos meus olhos, mas ele atinge a parede conhecida como Nix Marsten. Darmian se junta a ele, e os dois sanguenovos invulneráveis despedaçam o prateado. Os outros também se saem bem. Ketha arrasa o telec Provos, provocando uma explosão no coração dele que o arregaça de dentro para fora. A soldada Haven faz o máximo para combater a escuridão, usando sua habilidade para desfazer as

sombras, juntando-as numa névoa negra que de repente irrompe em uma luz ofuscante. Os capacetes não ajudam a impedir o resplendor e preciso fechar os olhos. Quando os abro, Haven está no chão, com um corte profundo no pescoço. Ela tosse sangue prateado no piso, e meu irmão está sobre ela, com a faca na mão. Atrás dele, Eagrie cai de joelhos, com as mãos na cabeça, gritando.

— Não consigo ver! — ele chora, quase arrancando os próprios olhos. Sangue se mistura às suas lágrimas de dor. — Não vejo nada! O que está acontecendo? O que é isso? — berra para ninguém.

Cameron é a primeira a tirar o capacete. Nunca matou antes, nem na sua fuga. Vejo isso no seu rosto; vejo o horror se contorcendo dentro dela. Mas ela não o libera. Se é coragem ou maldade, não sei. Ela silencia o homem jogado no chão até ele parar de chorar, de arranhar, de respirar. Morre de olhos abertos, olhando para o nada, cego e surdo em seus últimos momentos. A sensação deve ser a mesma de ser enterrado vivo.

Tudo acaba em mais ou menos um minuto. Doze soldados prateados estão mortos— foram queimados, eletrocutados, baleados, torcidos. As mortes causadas por Ketha são as mais sujas. Uma parede inteira está pintada com a sua obra, e ela resfolega ruidosamente, tentando não olhar para o que fez. Seu poder explosivo é macabro, para dizer o mínimo.

Apenas Lory está ferida, pois enfrentou a magnetron junto com Gareth. Levou uma lasca de metal no braço, mas não é nada sério. Farley está ao lado dela, arrancando a lâmina e deixando-a retinir no chão. Lory não solta sequer um gemido de dor.

— Esquecemos os curativos — Farley murmura, pressionando a mão sobre o sangue.

— Você esqueceu os curativos — Ada responde, sacando um retalho de tecido branco. Ela o amarra com destreza ao redor do braço de Lory. Num instante, já está todo manchado.

Kilorn ri sozinho. É o único que parece curtir uma piada num momento assim. Para o meu alívio, ele parece perfeitamente bem, concentrado em recarregar a arma.

O cano fumega, e pelo menos dois corpos receberam suas balas. Qualquer um julgaria que nada daquilo o afetou, mas sei que não é bem assim. Apesar do riso, Kilorn não sente prazer em sujar as mãos de sangue.

E Cal também não. Ele se inclina sobre o cadáver do capitão Iral e retira com cuidado a chave preta do seu pescoço. Não vou matá-los, ele disse, antes de invadirmos a central de segurança de Harbor Bay. Cal quebrou sua promessa, e

isso o feriu mais que qualquer batalha.

— Nanny… — ele murmura, incapaz de desviar os olhos de Iral. Com dedos trêmulos, ele fecha para sempre os olhos do capitão. Atrás dele, Nanny se concentra no rosto de Iral com um olhar fixo. Leva apenas um instante para os traços dela ficarem iguais aos dele, e solto um suspiro curto e aliviado. Até um Maven falso é demais para mim.

Um chiado soa do cinto de Iral. É o rádio, o centro de comando tentando contato.

— Capitão Iral! Capitão, o que está acontecendo aí?

Perdemos contato visual.

— Apenas um defeito — Nanny responde com a voz de Iral. — Pode ou não se espalhar.

— Entendido, capitão.

Cameron desvia o olhar do Eagrie morto. Ela apoia a mão na porta vermelha.

— Por aqui — diz, quase inaudível em meio ao derramamento de sangue e aos gemidos dos moribundos.

Sinto o centro de comando do presídio como um nervo pulsante, controlando todas as câmeras do lugar.

Ele me atrai, me arrastando pelas curvas abruptas dos corredores de azulejo branco, iguais aos da entrada, mas não tão limpos. Ao olhar de perto, vejo sangue nos rejuntes, já marrom devido ao tempo. Alguém tentou limpar o que quer que tenha acontecido, mas não se esforçou o suficiente. Sangue vermelho é difícil de sair.

Percebo o dedo da rainha nisso, seja lá qual for o pesadelo que ela concebeu nas entranhas mais profundas de Corros.

Ela está aqui em algum lugar, dando continuidade ao seu trabalho assustador. Pode até estar vindo atrás de nós agora, ciente de algum distúrbio. Espero que esteja.

Espero que dobre a esquina agora mesmo, para que eu possa matá-la.

Mas, em vez de Elara, encontramos outra porta com um grande D gravado e nenhuma fechadura. Cameron corre até ela, com a faca na mão, e puxa o painel de acesso, que se solta num segundo. Ela enfia os dedos na fiação e avisa, esticando o pescoço na direção da porta:

— Temos que passar por aqui para chegar ao centro de comando. Há dois magnetrons do outro lado. Estejam preparados.

Cal pigarreia baixo e estende a chave para ela.

— Ah… — ela murmura, corando enquanto pega a chave. Com uma careta, a

enfia no buraco correspondente do painel. — Digam quando.

— Gareth — Cal chama, mas o sanguenovo já deu um passo à frente e está se preparando diante da porta de metal. Nanny vai para o lado dele, ainda disfarçada de capitão Iral. Ambos sabem o que fazer.

Os outros não estão tão certos. Ketha parece a ponto de chorar, esfregando os próprios braços, nervosa, como se receasse ter perdido um membro do corpo.

Farley estende a mão para ela, que repele com um tapa.

Meu coração desmancha quando percebo que não sei como confortar Ketha. Será que ela precisa de um abraço ou de um soco?

— Proteja a retaguarda — ordeno a ela, escolhendo o que espero ser um meio-termo feliz.

Ela estremece e me encara. Suas tranças estão desfeitas e ela passa a mão pelas madeixas escuras.

Devagar, faz que sim com a cabeça e dá meia-volta para vigiar o corredor vazio atrás de nós. Suas fungadas reverberam nos azulejos.

— Chega — ela balbucia. Mas permanece firme.

Darmian e Nix ficam ao lado dela, mais por solidariedade que por força. Pelo menos serão um belo escudo quando os guardas perceberem o que está acontecendo aqui em cima. O que deve acontecer logo.

Temos pressa. Cal sabe tanto quanto eu.

— Agora — ele diz, e cola o corpo na parede junto com o resto de nós.

A chave gira. Sinto a eletricidade jorrar da tranca e inundar o mecanismo da porta, que se escancara, rangendo e se retraindo para a parede, revelando o cavernoso bloco de celas. Em contraste marcante com os corredores de azulejo branco, as celas são cinzentas, frias e sujas. Há uma goteira pingando em algum lugar e o ar tem uma umidade insalubre. Quatro andares de celas descem pela escuridão, um sobre o outro, sem qualquer patamar ou escadaria para ligá-los. Quatro câmeras, uma em cada canto do teto, supervisionam tudo. Eu as desligo com facilidade. A única luz vem de uma lâmpada amarela e oscilante, embora a pequena claraboia esteja azul, indício de que o sol começou a nascer. Logo abaixo da claraboia, numa única passarela feita de metal brilhante e prateado, estão dois magnetrons de uniforme cinza. Ambos se voltam ao som da nossa aproximação.

— O que vocês…? — o primeiro começa, dando um único passo na nossa direção. Reconheço as cores da Casa Samos no seu uniforme. Ele congela ao ver Nanny atrás de Gareth. — Capitão Iral.

Com um simples gesto, o magnetron Samos ergue algumas chapas de metal do chão e constrói uma nova passarela diante dos nossos olhos. O trecho nos conecta

até ele, permitindo que Gareth e Nanny continuem avançando.

— Sangue fresco? — O outro oficial ri, encarando Gareth com um sorriso matreiro. — De que legião você saiu?

Nanny interrompe antes que Gareth possa responder.

— Abra as celas. É hora da caminhada.

Para nossa infelicidade, os agentes trocam olhares, confusos.

— Mas ontem mesmo eles caminharam, não deveria haver outra até…

— Ordens são ordens, e tenho as minhas — Nanny responde. Ela ergue a chave de Iral, balançando-a de maneira ameaçadora. — Abra as celas.

— Então é verdade? O rei voltou de novo? — Samos pergunta, balançando a cabeça. — Não é à toa que todo mundo está surtando no comando. As coisas têm que parecer bem para a coroa, acho, especialmente com a mãe dele metida aqui dentro.

— A rainha é estranha — o outro comenta, coçando o queixo. — Não sei o que ela faz no Poço. E não quero saber.

— As celas — Nanny repete com uma voz dura.

— Sim, senhor — o primeiro magnetron resmunga.

Ele cutuca o outro e ambos se viram ao mesmo tempo para as dezenas de celas que vão do chão até o teto.

Muitas estão vazias, mas algumas abrigam sombras lânguidas sob o peso das Pedras Silenciosas. Prisioneiros sanguenovos, prestes a serem libertados.

Mais passarelas retinem enquanto se ajustam; o som se parece com o de um martelo batendo contra alumínio.

Elas passam na frente das celas, formando uma espécie de pista pelo perímetro do bloco, enquanto outras chapas se agitam e se dobram para formar degraus que ligam os andares. Por um segundo, sou tomada por fascínio. Vi magnetrons apenas em batalha, usando seus poderes para matar e destruir. Nunca para criar. Não é difícil imaginá-los projetando jatos e veículos de luxo, retorcendo o metal em arcos suaves e belos com a espessura de uma navalha. Ou desenvolvendo os vestidos de metal que Evangeline gostava tanto. Preciso reconhecer que eles eram magníficos, embora a garota que os vestisse fosse um monstro. Mas, quando as barras de cada cela se abrem de uma vez, fazendo os prisioneiros se moverem, esqueço todo o meu fascínio e admiração.

Esses magnetrons são carcereiros, matadores. Estão forçando gente inocente a sofrer e a morrer atrás das grades por um motivo qualquer inventado por Maven.

Estão seguindo ordens, escolheram segui-las.

— Vamos, saiam.

— De pé! Hora dos cachorros passearem.

Os agentes magnetrons movem-se numa sequência rápida e passam trotando pelo primeiro conjunto de celas. Eles arrancam dos leitos os sanguenovos que não conseguem caminhar rápido o bastante e os empurram para fora. Uma garotinha cai perigosamente perto da beirada e quase despenca para o fundo do poço. Ela se parece tanto com Gisa que dou um passo à frente, e Kilorn precisa me segurar.

— Ainda não — ele rosna no meu ouvido.

Ainda não. Cerro os punhos, morrendo de vontade de ir para cima dos dois agentes à medida que eles se aproximam da porta. Ainda não nos viram, mas com certeza verão.

Cal é o primeiro a tirar o capacete. Samos para imediatamente, como se tivesse levado um tiro. Chega a piscar algumas vezes, sem acreditar no que vê. Antes que possa reagir, seus pés deixam o chão e ele é jogado para o teto. O mesmo acontece com o outro ao perder o tênue vínculo que tinha com a gravidade. Gareth os faz quicar contra o teto de concreto até ouvirmos os estalos horríveis de seus ossos.

Adentramos o bloco de celas, nos movendo o mais rápido possível, como se fôssemos um ser só. Chego até a garota caída e a ponho de pé. Ela arqueja, seu corpo treme, mas a pressão da Pedra Silenciosa diminuiu, então aos poucos a cor retorna às suas bochechas pálidas e grudentas.

Então tiro minha máscara.

— Garota elétrica — ela balbucia ao tocar o meu rosto. Isso me parte o coração.

Metade de mim quer pegá-la no colo e sair correndo, libertando-a de tudo isso. Mas a nossa tarefa está longe de acabar, e não posso parar. Mesmo pela garotinha.

Então a deixo no chão sobre suas pernas trêmulas e desvencilho devagar a minha mão da dela.

— Sigam a gente! Lutem o melhor que puderem! — grito para o bloco. Faço questão de me inclinar sobre a beirada da passarela para que todos possam me ver e ouvir. Lá embaixo, os poucos prisioneiros ainda vivos já começaram a subir os degraus metálicos. — Vamos sair desta prisão esta noite, juntos e vivos!

A esta altura, eu deveria ter aprendido a não mentir.

Mas é de uma mentira que eles precisam para seguir em frente, e se essa mentira salvar ao menos um deles, já terá valido o custo para a minha alma.

VINTE E SEIS



CÂMERAS CEGAS SÓ PODEM NOS PROTEGER POR UM TEMPO — que parece ter se esgotado. O ataque começa com explosões no primeiro corredor. Ouço Ketha berrar a cada estrondo, assustada com o que fez e continua fazendo com carne e ossos. Cada grito agudo ecoa através das celas, fazendo os sanguenovos — já lentos

— paralisarem.

— Continuem! — Farley ordena. Sua energia maníaca se foi, substituída por uma autoridade severa.

— Sigam Ada! Sigam Ada!

Ela os conduz como ovelhas e chega até a empurrar muitos deles escada acima. Shade é mais útil, saltando com os mais velhos e doentes dos andares inferiores até a parte de cima, embora isso deixe a maioria deles desorientada. Kilorn evita que tropecem na passarela, e seus braços longos vêm bem a calhar na função.

Ada agita os braços, direcionando os sanguenovos para a porta ao seu lado, marcada com um C grande e preto.

— Comigo! — berra. Seus olhos varrem tudo e todos, contando. Preciso empurrar muitos para ela, pois estão inexplicavelmente atraídos por mim. Pelo menos a garotinha capta a mensagem. Ela vai cambaleando até Ada e se agarra à perna dela, tentando se proteger do barulho. Cada ruído ecoa de maneira horrível pelo bloco, como uivos de animais entre as paredes de concreto e chapas de metal. Os disparos logo começam, seguidos pela inconfundível risada de Nix. Só que ele não vai rir por muito tempo se a invasão continuar.

Agora é a hora que mais temo, o momento contra o que mais lutei. Mas Cal foi claro: precisamos nos separar. Cobrir mais território, libertar mais prisioneiros, e, mais importante, tirá-los daqui em segurança. Assim, avanço pela multidão de sanguenovos, lutando contra a maré, com Cameron ao meu lado. Ela joga a chave para trás e Kilorn a agarra com destreza. Sem piscar, ele nos observa partir. Esta pode ser última vez que me vê, e ambos sabemos disso.

Cal está atrás de mim; sinto seu calor a metros de distância. Ele queima a passarela após a nossa passagem, deixando-a derreter e separando-a das outras. Quando chegamos até a porta oposta, em que se lê COM ANDO, Cameron começa a trabalhar no painel de acesso. Não posso fazer nada além de esperar, alternando o olhar entre Kilorn e meu irmão, decorando seus rostos. Ketha, Nix e Darmian disparam para o bloco, correndo do massacre que já não podem conter. As balas vêm logo em seguida, resvalando na carne de Nix. De novo, o mundo fica lento, e gostaria que parasse por completo.

Queria que Jon estivesse aqui para me dizer o que fazer, para me dizer que fiz as escolhas certas. Para me contar quem vai morrer.

Uma mão quente, quase escaldante, pega minha bochecha, me forçando a desviar o rosto da cena.

— Concentre-se — Cal diz, me encarando. — Mare, você vai ter que esquecer eles agora. Confie no que está fazendo.

Mal consigo concordar. Mal consigo falar.

— Sim.

Atrás de nós, o bloco de celas se esvazia. À frente, a tranca faísca. A porta desliza e abre.

Cal empurra nós duas para dentro e caio contra mais um piso de lajotas brancas e duras. Meu corpo reage antes da minha mente, e os raios faíscam vivos ao meu redor. A eletricidade desfaz meus pensamentos sobre Kilorn e Shade, até que restam apenas o centro de comando no fim do corredor e o que preciso fazer.

Como Cameron tinha dito, trata-se de uma sala triangular de diamante ondulado e impenetrável. O interior está repleto de painéis de controle, telas de monitoramento e seis soldados inquietos. São três portas no total, do mesmo tipo das portas das celas, uma em cada parede. Corro até a primeira esperando que abra, esperando que os soldados levantem para me enfrentar.

Para a minha surpresa, eles continuam nos assentos, me encarando com olhos arregalados e amedrontados.

Esmurro a porta, quase gostando da dor que sobe pela minha mão.

— Abram! — grito, como se isso pudesse surtir algum efeito.

Na verdade, o soldado mais perto de mim se encolhe e salta para longe da parede. Seu distintivo também é de capitão.

— Não! — ele ordena, erguendo a mão para deter os companheiros.

No alto, uma sirene desperta e começa a gritar.

— Se é o que vocês querem… — Cal murmura, passando para a outra porta.

Um som seco e repentino me sobressalta. Quando olho para trás, deparo com

grandes blocos de granito no lugar da porta de metal pela qual acabamos de passar.

Cameron sorri para o painel de controle e chega até a alisá-lo com carinho.

— Isso deve nos garantir alguns minutos — diz. Em seguida levanta tão rápido que seus joelhos estalam.

Fecha a cara quando vê o centro de comando. — Esses idiotas malditos estão assustados — grunhe enquanto faz um gesto bem grosseiro, mais apropriado para as vielas de Palafitas. — A gente consegue atingi-los através do vidro?

Em resposta, pouso o olhar sobre as telas de monitoramento. Elas explodem em uma sequência rápida, fazendo uma chuva de faíscas e cacos de vidro cair sobre os soldados. O volume da sirene abaixa até se tornar um ganido vago, e então para por completo. Cada pedaço de metal dentro do comando pulsa de eletricidade, chiando como ovos numa frigideira, o que faz os soldados se agruparem no meio da sala. Um deles desaba com as mãos na cabeça, num gesto que agora reconheço. Seu corpo balança em sincronia com o pulso cerrado de Cameron, tentando combater as ondas do poder silenciador da jovem. Sangue começa a sair pelas suas orelhas, nariz e boca, e não demora muito para o soldado sufocar.

— Cameron! — Cal vocifera, mas ela finge não ouvir.

— Julian Jacos! — berro, esmurrando o vidro de novo. — Sara Skonos! Onde estão?

Outro soldado cai, uivando de dor.

— Cameron!

Ela não parece que vai parar. Não que devesse. Esta gente a aprisionou, a torturou, a deixou passar fome, e a teria matado se não tivesse fugido. Ela tem direito à vingança.

Minha eletricidade fica mais intensa, saltando pela pirâmide de vidro, forçando os soldados a se protegerem da minha fúria roxa e branca. Cada raio estala, explodindo cada vez mais perto deles.

— Mare, pare! — Cal continua a gritar.

— Julian Jacos! Sara Sko…

O capitão agora se arrasta pelo chão, se joga contra a parede diante de mim.

— Bloco G! — ele grita, espalmando as mãos no vidro, a poucos centímetros do meu rosto. — Estão no Bloco G! Por aquela porta!

— É isso! Vamos! — Cal ruge.

Dentro do interior do módulo de comando, os olhos do capitão vão até o príncipe caído.

Cameron ri em alto e bom som.

— Você quer que eles vivam? Sabe o que fizeram com a gente? Com todos

aqui, até com os seus prateados?

— Por favor, por favor… Estávamos seguindo ordens, ordens do rei… — o capitão suplica, abaixando para evitar outro rompante de eletricidade dentro da sala.

Atrás dele, a segunda vítima de Cameron se encolhe, sucumbindo ao silêncio. Lágrimas dependuram-se dos cílios dele como cristais.

— Alteza, imploro misericórdia, a sua misericórdia.

Penso na garotinha da cela. Seus olhos estavam injetados de sangue, e pude sentir as costelas dela debaixo das roupas. Penso em Gisa e na sua mão quebrada. No bebê ensanguentado de Templyn. Nas crianças inocentes. Penso em tudo que aconteceu comigo desde aquele fatídico verão, quando um pescador morto desencadeou toda esta situação. Não, não foi culpa dele. Foi culpa deles. Foi por causa das leis deles, do recrutamento deles, do plano deles para cada um de nós. Eles fizeram isso. Eles atraíram esse fim para si mesmos. Mesmo agora, quando Cameron e eu os destruímos, eles imploram pela misericórdia de Cal. Imploram a um rei prateado e cospem em rainhas vermelhas.

Vejo o príncipe pelo vidro ondulado, que distorce seu rosto, deixando-o parecido com Maven.

— Mare… — Cal murmura, mais para si mesmo.

Mas os murmúrios dele não vão me deter. Sinto algo novo dentro de mim, familiar e estranho. Um poder que não vem do sangue, mas da escolha. Vem de quem eu me tornei, e não daquilo que nasci. Desvio o rosto da imagem deformada de Cal. Sei que pareço tão deformada quanto ele.

Mostro os dentes numa careta de ódio.

— A eletricidade não tem misericórdia.

Uma vez, vi meus irmãos queimarem formigas usando um caco de vidro. Isso é semelhante… mas pior.

*Embora os blocos isolados dificultem que os prisioneiros escapem, tornando a tarefa quase impossível, também dificultam a comunicação entre os guardas. E a confusão é tão eficaz quanto os raios e o fogo. Os guardas relutam em deixar seus postos, especialmente com os rumores de que o rei está presente, e encontramos quatro magnetrons irrequietos discutindo no Bloco G.

— Vocês ouviram a sirene. Tem alguma coisa errada…

— Provavelmente é uma simulação, para mostrar ao reizinho…

— Não consigo contatar o comando pelo rádio.

— Você ouviu o que disseram antes, que as câmeras não estão funcionando e que os rádios também foram afetados. Deve ser aquela rainha bagunçando de

novo.

Bruxa desgraçada.

Acerto um relâmpago em um deles para obter a atenção dos outros.

— Bruxa errada.

Antes que a passarela de metal desabe sob meus pés, me agarro firmemente às barras do lado esquerdo da porta. Cal vai para a direita, e as barras ficam vermelhas com seu toque ardente, derretendo no mesmo instante.

Cameron permanece à porta. O brilho de suor reluz na sua testa, mas ela não dá mostras de que vai diminuir o ritmo. Um dos magnetrons cai do seu poleiro retrátil.

Com as mãos na cabeça, ele desaba três andares até o chão de concreto. Faltam dois.

Uma chuva de metal afiado vem na minha direção; cada gota é uma adaga minúscula com intenção de matar. Antes que me atinjam, abro as mãos e deslizo pelas barras até meus pés darem com o leve beiral da cela abaixo.

— Cal, uma ajudinha aqui! — grito enquanto me esquivo de outra leva. Retribuo com as minhas próprias rajadas, mas o magnetron mergulha, pisando no que deveria ser o ar, mas a chapa de metal se move com ele, permitindo que corra pelo átrio aberto.

Para a minha infelicidade, Cal me ignora, e arranca a barra derretida da cela. Suas costas pulsam com asas de fogo, protegendo-o de qualquer arma que outro magnetron possa lançar contra ele. Mal consigo vê-lo por entre as chamas, mas enxergo o suficiente. Está terrivelmente zangado, e o motivo não é nenhum mistério. Ele está me odiando por eu ter matado aqueles prateados, por ter feito o que ele não pôde. Nunca imaginei ver o dia que Cal, o soldado, o guerreiro, teria medo de agir. Agora ele se concentra em abrir o máximo de celas que pode, me obrigando a lutar sozinha.

— Cameron, derrube-o! — berro, levantando o olhar para a minha improvável aliada.

— Com prazer — a jovem rosna ao estender a mão para o magnetron que me ataca. Ele tropeça, mas logo se equilibra. Ela está enfraquecendo.

Vou me segurando de cela em cela, meus pés quase escorregando, minhas mãos mais exaustas a cada segundo que passa. Sou uma corredora, não uma alpinista, e é quase impossível lutar desse jeito. Quase.

Uma lâmina afiada em formato de losango roça a minha bochecha e abre uma ferida no meu rosto. Outra lâmina corta a palma da minha mão. Quando agarro a barra seguinte, tenho pouca aderência, deslizando no meu próprio sangue.

Despenco os últimos dois metros e caio feio no fundo do bloco. Por um segundo, sou incapaz de respirar e, quando abro os olhos, vejo uma estaca gigante caindo na minha direção, zunindo. Rolo para o lado, escapando do golpe mortal. E então outra estaca vem, e outra, e preciso correr em ziguezague para continuar viva.

— Cal! — grito de novo, mais com raiva do que com medo.

A estaca seguinte derrete antes de me atingir, mas o ferro liquefeito respinga perto demais e queima minhas costas. Deixo escapar um grito à medida que o tecido do meu uniforme derrete sobre as minhas cicatrizes. É quase a pior dor que já senti na vida, perdendo apenas para o sonador e o coma excruciante que se seguiu a ele.

Meus joelhos dão com tudo no chão, enviando picos de agonia pelas minhas pernas.

A dor, ao que parece, é mais um dos meus gatilhos.

A claraboia sobre nós se despedaça e um relâmpago vem estalando até mim. Por uma fração de segundo, é como se uma árvore violeta tivesse brotado do nível mais baixo, se espraiando e se ramificando pelo átrio aberto do Bloco G. O raio acerta uma magnetron, e ela sequer tem tempo de gritar. O outro guarda, o último, está praticamente destruído, e limita-se a se esconder na última chapa de metal, encolhido contra o poder esmagador de Cameron.

— Julian! — grito assim que o ar clareia. — Sara!

Cal pula na outra ponta do andar, com as mãos em concha ao redor da boca.

— Tio Julian! — ruge.

— Vou esperar aqui — Cameron diz, nos observando da porta do andar de cima, balançando as pernas. Ela tem até a pachorra de assobiar, com os olhos no último magnetron agonizante.

O Bloco G é tão frio e úmido quanto o D, dos sanguenovos. Graças a mim, também está praticamente destruído. Um buraco fumega no meio do chão, único vestígio do meu relâmpago gigante. Pelo que posso ver, as celas de baixo são tão escuras que quase não podem ser vistas, mas estão todas cheias. Alguns prisioneiros se arrastaram até as barras para ver o conflito. Quantos rostos reconhecerei aqui? Mas todos estão exauridos demais, esqueléticos, com a pele quase azul de medo, fome e frio. Duvido que reconheceria Cal após algumas semanas aqui. Pensava que as condições dos prateados seriam melhores, mas acho que prisioneiros políticos são tão perigosos quanto prisioneiros secretos de sangue mutante.

— Aqui — uma voz crocita.

Quase tropeço sobre o corpo de um magnetron ao correr, mesmo com as queimaduras nas costas protestando a cada passo. Cal me encontra diante da cela. Suas mãos estão em chamas, prontas para derreter as barras, para salvar o tio, para reparar alguns de seus pecados.

O homem na cela parece fraco, tão velho e frágil quanto seus queridos livros. Sua pele está pálida, seu cabelo ficou mais ralo, e as rugas do seu rosto se multiplicaram e se tornaram mais fundas. Acho que está até sem um dente. Mas não há como confundir esses olhos castanhos tão familiares e a faísca de inteligência ainda queimando lá no fundo. Julian.

Me apresso para chegar até ele, e quase toco o metal em brasas. Julian. Julian. Julian. Meu professor, meu amigo. A primeira barra de metal se curva e Cal a arranca, abrindo espaço suficiente para eu passar. Mal noto a pressão sufocante da Pedra Silenciosa e trato de levantar Julian. Ele parece fraco, como se seus ossos pudessem se partir, e por um instante me pergunto se sairá vivo daqui. Mas então ele me aperta com mais força e sua testa franze em concentração.

— Me leve até aquele guarda — grunhe, deixando à mostra um pouco do seu velho espírito. — E libertem Sara.

— Claro. Viemos por ela também — digo enquanto passo o braço dele por cima do meu ombro para ajudá-lo a caminhar. Embora seja bem mais alto do que eu, está lamentavelmente leve. — Viemos por todos.

Quando o tiramos da cela, Julian tropeça, mas se mantém de pé.

— Cal — ele balbucia, estendendo os braços para o sobrinho. Em seguida, toma o rosto do príncipe entre as mãos e o estuda como se fosse um livro antigo. — As coisas foram feitas, não é?

— Sim, foram — Cal grunhe sem olhar para mim.

As celas podem até ter mudado a aparência de Julian, mas não mudaram quem ele é. Com um ar solene, ele acena com a cabeça para sinalizar que entendeu. E isso reconforta Cal de um jeito significante.

— Esses pensamentos não têm lugar aqui e agora.

Depois.

— Depois — Cal repete. Por fim, volta os olhos ardentes para mim. Sinto-me queimar. — Depois.

— Vamos, Mare, me ajude a chegar naquele monte de podridão — Julian pede, apontando para o guarda no chão. — Vamos ver se não sou totalmente inútil.

Faço o que ele pede, servindo de muleta para que manque até o agente caído. Enquanto isso, Cal começa a trabalhar na cela de Sara, na frente da de Julian. Eles

podiam se ver e se ouvir, mas estavam distantes demais para se tocar. Outra pequena tortura que tiveram que suportar.

Já vi Julian fazer o que está prestes a fazer agora. Só que nunca com tanto esforço e dor. Seus dedos tremem quando ele abre um dos olhos do agente, engolindo em seco várias vezes na tentativa de invocar a voz de que precisa. A canção.

— Tudo bem, Julian, podemos encontrar outra maneira…

— Outra maneira resultaria na nossa morte, Mare.

Por acaso não lhe ensinei nada?

Apesar da situação, acho graça. Luto contra o ímpeto de abraçar meu velho professor e tento esconder o sorriso.

Por fim, Julian solta o ar, com olhos semicerrados, veias saltando. Então abre os olhos, límpidos e largos.

— Acorde — ele diz, numa voz mais bela que o poente.

O agente estirado aos nossos pés obedece, e seu outro olho abre lentamente.

— Abra as celas. Todas.

Um som tortuoso ecoa pelo bloco de alto a baixo à medida que as barras de cada cela se abrem em sincronia.

— Monte as escadas e passarelas. Conecte tudo.

Clang. Clang. Clang. Cada caco de metal, adaga, chapa partida pelo raio, e até gota derretida, tudo se funde com tinidos sequenciais.

— Caminhe conosco. — A voz de Julian vacila na última ordem, mas o magnetron obedece, talvez um pouco mais devagar. — Vocês têm sorte de terem vindo hoje, Mare — Julian diz para mim enquanto o ajudo a endireitar o corpo. — Ontem nos fizeram andar. Não estamos tão fracos como de costume.

Penso em contar a Julian sobre Jon, sobre o poder dele, o conselho. Julian vai adorar saber. Depois, digo a mim mesma. Depois.

Pela primeira vez, tenho esperança.

Haverá um depois.

O caos se instala em Corros. Disparos ecoam em cada corredor, atrás de cada porta. O grupo de prateados esfarrapados nos segue. Estão fracos, mas alguns ainda têm alguma força. Não confio nem um pouco neles, e quase vou para a retaguarda para ficar de vigia. Muitos seguem por outros caminhos, escapando pelos cantos, ansiosos para se verem livres deste lugar. Outros se enfiam ainda mais fundo na prisão, à procura de vingança. Alguns ficam conosco, com os olhos abatidos, envergonhados por estarem seguindo a garota elétrica.

Mas seguem mesmo assim. E lutam o melhor que podem. É como soltar uma

pedra na água parada. As ondas começam pequenas, mas inevitavelmente crescem. Cada bloco cai mais fácil que o anterior, a ponto de os magnetrons precisarem fugir de nós. Os prateados matam mais do que eu, atacando seus traidores como lobos esfomeados. Mas mesmo isso não pode durar. Quando um oblívio Lerolan explode outra barreira de pedra, os destroços não caem. Sobem. E, antes que eu perceba, estou sendo sugada num redemoinho de fumaça, cacos e gemidos sinistros.

Cameron segura minha mão, que acaba escorregando, e a garota desaparece no que parece um nevoeiro. Um ninfoide. Não vejo nada além de sombras e vagas luzes amarelas, cada uma um sol distante e nebuloso. Antes de cair na dormência, estendo as mãos à procura de qualquer coisa em que segurar. Minha mão se fecha numa perna fria e vacilante.

— Cal! — grito, mas o vento engole minha voz.

Bufando, levanto segurando na perna. Deve pertencer a um cadáver, pois não está se movendo. Um medo frio rasga minha mente com dedos gélidos e afiados. Quase a solto. Não quero ver o rosto. Pode ser qualquer um.

Pode ser todo mundo.

É errado sentir alívio, mas sinto. Não reconheço o homem enroscado nas barras da cela, com uma perna presa e outra ainda balançando. Com certeza é um prisioneiro, mas não o conheço, então não choro por ele.

Minhas costas parecem se partir com as cicatrizes e queimaduras. Por um segundo, me permito apoiar nas barras. A gravidade no bloco mudou. Gareth está aqui, o que significa que Kilorn, Shade e Farley não estão muito longe. Eles deveriam estar do outro lado da prisão, esvaziando os blocos mais distantes. Algo os forçou a entrar aqui. Ou os prendeu por completo.

Antes que possa chamá-los, volto a cair, e o bloco gira. Mas não são as celas que estão se movendo. É a própria gravidade.

— Gareth, pare! — grito para o vazio.

Ninguém responde. Pelo menos ninguém que eu queira ouvir.

Menininha elétrica.

Sua voz quase parte meu crânio em dois.

Rainha Elara.

Desta vez, desejo o sonador. Desejo que algo me mate, me dê a segurança da morte. Ainda estou caindo.

Talvez isso baste. Talvez eu morra antes de ela se intrometer no meu cérebro e me jogar contra tudo e todos que amo. Mas sinto seus tentáculos tomando conta da minha mente. Meus dedos se movem ao comando dela, soltando faíscas. Não.

Por favor, não.

Bato forte contra o outro lado do bloco, provavelmente quebrando o braço, mas não sinto dor.

Ela a elimina.

Com um último grito entrecortado, faço o necessário e uso minhas últimas gotas de livre-arbítrio para passar por entre as barras retorcidas abaixo de mim, para dentro de uma cela de Pedra Silenciosa. O que destrói o meu poder, e o dela também. As faíscas morrem, o controle dela cede, e uma dor ofuscante vara meu braço esquerdo até o ombro. Rio por entre as lágrimas. Que ironia. Ela construiu esta prisão para me ferir, para ferir os outros sanguenovos. Agora, este lugar é a única coisa que a impede de fazer exatamente isso.

Agora, este é o meu último santuário.

Do meu lugar, na parede de trás da cela — acho que é o chão agora —, observo a neblina dançar. Os disparos diminuem, seja porque as balas estão acabando, seja porque é impossível mirar com a visibilidade péssima.

Uma serpente de chamas passa por perto, ardendo, e espero ver Cal, mas ele não aparece. Chamo mesmo assim:

— Cal!

Minha voz está fraca. A Pedra que me salvou está tomando conta de mim, me esmagando, me sufocando.

Ela não leva muito tempo até me descobrir. Suas botas passam ao lado das barras da minha jaula e, por um segundo, penso estar tendo uma alucinação. Esta não é a rainha gloriosa e reluzente de que me recordo. Já não há vestidos e joias; eles foram substituídos por um simples uniforme azul-marinho com detalhes em branco.

Mesmo o cabelo, geralmente em cachos e tranças perfeitos, está puxado para trás num coque simples.

Quando vejo o grisalho nas suas têmporas, recomeço a rir.

— Na primeira vez que nos encontramos, você estava numa cela igual a esta — ela comenta, abaixando para me enxergar melhor. — As barras não me detiveram antes, e não vão me deter agora.

— Então entre — digo a ela, cuspindo sangue. Com certeza perdi um dente.

— Ainda a mesma garota de antes. Pensei que o mundo fosse mudar você um pouco, mas, em vez disso, você mudou um pouco o mundo. — Ela inclina a cabeça para o lado, sorrindo como um gato. — Se me der a mão, pode mudar ainda mais.

Mal consigo respirar em meio às gargalhadas.

— Quão burra você acha que sou?

Mantenha Elara falando, distraída. Alguém a verá logo. Alguém precisa vê-la, penso comigo.

— Como quiser, então — ela suspira, levantando. Em seguida, gesticula para alguém que não consigo ver.

Guardas, percebo, com uma resignação oca e desanimadora. A mão dela reaparece com uma pistola, seu dedo já no gatilho. — Adoraria entrar mais uma vez na sua cabeça. Você tem ilusões tão divertidas.

Uma pequena vitória, acho, fechando os olhos. Ela jamais terá meus raios, jamais terá a mim. Uma vitória de verdade.

De novo, me sinto cair.

Mas, em vez de uma bala, meu rosto atinge as barras de ferro. Abro os olhos a tempo de ver Elara se afastando de mim, sua arma escorregando da mão, e um terrível olhar de ódio desfigurando seu belo rosto. Os guardas fogem com ela, sumindo em meio às nuvens amareladas. Alguém agarra meu braço bom e me puxa.

— Vamos, Mare! Não consigo tirar você daí sozinho

— Shade diz, tentando me passar pelas barras. Sem fôlego, me espremo o máximo que posso. Acho que é o suficiente, porque o mundo encolhe de repente, a neblina desaparece e abro os olhos diante dos azulejos brancos e reluzentes.

Quase desabo de alegria. Quando vejo Sara correndo na minha direção com os braços abertos, com Kilorn e Julian logo atrás, desabo mesmo. Outra pessoa me segura, uma pessoa quente. Ele me volta para si e eu silvo de dor quando meu braço sofre um pouco de pressão.

— Primeiro o braço, depois as queimaduras, e depois as cicatrizes — Cal diz em tom burocrático.

Não consigo conter um gemido quando Sara me toca, e a sensação de dormência se espalha pelo meu braço.

Algo frio atinge minhas costas, curando as queimaduras que certamente estavam infeccionadas. Mas, antes que Sara possa alcançar minhas cicatrizes feias e torcidas, sou puxada para cima e para fora do seu controle.

A porta no fim do corredor explode graças a galhos de árvores retorcidos que não param de crescer. A neblina vem em seguida, girando na nossa direção em alta velocidade. As sombras vêm por último. Sei a quem pertencem.

Cal lança uma rajada de fogo nos ramos que avançam, queimando-os e fazendo-os recuar. Mas suas brasas simplesmente se juntam ao furacão uivante.

— Cameron?! — berro, esticando o pescoço à procura da única pessoa que pode deter Elara. Mas ela não está em lugar nenhum.

— Ela já foi. Agora vamos! — Kilorn grita para mim enquanto me empurra.

Sei o que Elara quer. Não apenas o meu poder, mas o meu rosto. Se conseguir me controlar, vai poder me usar como sua língua de novo, para mentir para o país, para fazer o que quiser. É por isso que corro mais rápido que os outros. Sempre fui rápida. Quando olho por cima do ombro, estou metros à frente dos demais, e o que vejo me faz tremer.

Cal arrasta Julian na marra, não porque o tio está fraco, mas porque insiste em parar. Ele quer enfrentá-la, quer confrontar sua voz com a mente dela, com os murmúrios. Para vingar a irmã morta, um amor ferido e um orgulho arrasado e despedaçado. Mas Cal não vai perder a única família que lhe resta, e praticamente carrega Julian para longe. Sara se mantém por perto, ao lado de Julian, segurando a mão dele, incapaz de gritar de medo.

Então dobro a esquina. E esbarro em alguma coisa.

Não. Em alguém.

Outra mulher que jamais queria ver de novo.

Ara, a Pantera, chefe da Casa Iral, me encara com olhos negros como carvão. Seus dedos ainda estão tingidos de um azul cinzento por causa da Pedra Silenciosa, e suas roupas não passam de trapos. Mas sua força já está retornando, como seu olhar metálico revela.

Não há como dar a volta. Só me resta passar por cima.

Ergo meu relâmpago para matá-la, pois é outra que sabia que eu era diferente desde o princípio.

Ela reage antes de mim, agarrando meus ombros com uma agilidade que nenhum humano deveria possuir. Mas, em vez de quebrar meu pescoço ou abrir minha garganta, ela me joga para o lado e alguma coisa balança meu cabelo. Uma lâmina curva e giratória, afiada como uma navalha, grande como um prato, voa perto do meu rosto. Caio no chão, boquiaberta e chocada, com as mãos na cabeça que quase perdi. E, sobre mim, Ara Iral se mantém firme, desviando de cada lâmina atirada contra nós. Estão vindo da outra ponta do corredor, de mais alguém do passado, formando discos de metal a partir das placas da sua conhecida armadura de escamas.

— Seu pai não te ensinou a respeitar os mais velhos?

— Ara grasna com Ptolemus, passando ilesa por mais uma lâmina. Ela agarra uma no ar e a joga de volta contra ele. Um truque impressionante, mas inútil quando ele desvia com um sorriso torto. — E então, vermelha?

Não vai fazer nada? — ela acrescenta, cutucando minha perna com o pé.

Atônita, eu a observo por um instante. Então levanto e me forço a assumir uma posição de combate. Um pouco do meu terror desaparece.

— Com prazer, lady.

Na outra ponta do corredor, o sorriso de Ptolemus aumenta.

— Agora vou acabar o que minha irmã começou na arena — ele grunhe.

— Do que a sua irmã fugiu na arena — rebato, para em seguida lançar um raio na cabeça dele. Ele se joga contra a parede e, enquanto se recupera, Ara diminui a distância entre eles e salta, tomando impulso na parede.

Aproveitando a velocidade, ela quebra a mandíbula de Ptolemus com o cotovelo.

Eu a sigo e, a julgar pelos passos atrás de mim, não sou a única.

Fogo e relâmpago. Neblina e vento. Chuva de metal, escuridão, explosões de pequenas estrelas. E balas, sempre balas. Avançamos em meio ao caos da batalha, rezando para chegar ao fim do presídio, seguindo o mapa que todos nos esforçamos ao máximo para decorar. Com a neblina e as sombras, é fácil se perder. E ainda há Gareth, sempre mexendo com a gravidade, às vezes atrapalhando mais do que ajudando. Quando finalmente encontramos a recepção, a sala com as portas de tom prateado, vermelho ou preto, já estou novamente coberta de feridas e quase sem forças. Não quero nem pensar nos outros, em Julian e Sara, que mal podiam andar. Precisamos sair para o céu aberto. O céu. Orelâmpago que pode salvar todos nós.

Do lado de fora, o sol já nasceu. Ara e Ptolemus continuam a dança visceral enquanto Wash assoma no horizonte como uma névoa cinza. Só tenho olhos para o Abutre e para o outro jato parado na pista. Uma multidão se acotovela ao redor dos aviões, sanguenovos e prateados na mesma proporção, embarcando desesperados. Alguns desaparecem pelos campos, na esperança de fugir a pé.

— Shade, leve-o até o jato — grito, agarrando Cal pela gola enquanto fugimos. Antes que possa reclamar, Shade faz como pedido e o solta cem metros à frente.

Sempre posso contar com a compreensão de Shade.

Cal é um dos nossos dois únicos pilotos. Ele não pode morrer aqui, não quando estamos tão próximos de escapar. Precisamos que ele voe, e voe bem. Uma fração de segundo mais tarde, Shade retorna, envolvendo os braços ao redor de Julian e Sara. Ambos desaparecem com ele e solto um pequeno suspiro de alívio.

Invoco tudo o que restou em mim, desde as profundezas da minha alma. O que me deixa lenta e fraca toma minha vontade e a fortifica. Para minha felicidade, o céu escurece.

Kilorn para ao meu lado com o rifle apoiado no ombro. Ele atira com precisão, derrubando nossos perseguidores um a um. Muitos homens ficam na frente da rainha, protegendo-a, seja por vontade própria ou por ordens dela. Ela vai estar ao meu alcance em breve, tanto para sentir meu poder quanto para usar o dela. Só tenho uma chance.

Acontece em câmera lenta. Olho para os dois prateados entre mim e o jato, presos em uma batalha.

Uma lâmina longa e fina, como uma agulha gigante, perfura o pescoço de Ara e faz jorrar sangue prata.

Ptolemus gira a lâmina no mesmo impulso, dirigindo-a para mim. Me preparo para abaixar, esperando o pior.

Sou completamente incapaz de ver o que vai acontecer.

Só uma pessoa seria capaz. Jon. Mas ele fugiu de tudo isso. Permitiu tudo isso. Não quis nos avisar. Não se importou.

Shade aparece na minha frente, querendo me tirar do meio da confusão. Mas recebe uma agulha cruel e reluzente no coração. Ele nem se dá conta do que aconteceu. Não sente dor nenhuma. Morre antes de seus joelhos tocarem no chão.

Não lembro de muito mais detalhes até estarmos no ar. Lágrimas escorrem do meu rosto, mas não consigo secá-las. Apenas encaro as mãos, manchadas com as duas cores de sangue.

VINTE E SETE



ESTE NÃO É O ABUTRE.

Cal pilota um enorme jato, feito para transportar veículos ou máquinas pesadas. Agora, o compartimento de carga contém mais de trezentos prisioneiros fugitivos

— muitos feridos, todos traumatizados. A maioria é de sanguenovos, mas há alguns prateados entre eles, reunidos entre si, esperando o momento certo. Hoje, pelo menos, parecem todos iguais, envoltos em farrapos, exaustão e fome. Não quero ir até eles, então me atenho ao andar de cima do jato. Pelo menos esta parte é silenciosa, separada do compartimento de carga por uma escadaria estreita, e da cabine por uma porta. Não consigo passar pelos dois corpos aos meus pés. Um deles jaz sob um lençol branco, manchado apenas pelo desabrochar do sangue vermelho saído de seu coração perfurado. Farley se ajoelha sobre ele, paralisada, com uma mão embaixo do lençol, agarrada aos dedos mortos e frios do meu irmão. O outro cadáver eu me recuso a cobrir.

A morte deixa Elara feia. O relâmpago contorceu seus músculos, repuxando sua boca num sorriso de escárnio que ela não conseguiria abrir quando viva. Seu uniforme simples está grudado à pele, e seu cabelo loiro e cinzento caiu quase por completo, queimado até sobrarem apenas tufos viscosos. Mas a rainha ainda é inconfundível.

Todos reconhecerão o cadáver. Vou garantir isso.

— Você devia se deitar.

O corpo perturba Kilorn, isso é evidente. Não sei por quê. Deveríamos estar dançando sobre o cadáver dela.

— Deixe Sara examinar você.

— Diga a Cal para mudar o curso.

Ele pisca, perplexo.

— Mudar o curso? Do que você está falando?

Estamos voltando para o Furo, para casa…

Casa. Solto um suspiro de desprezo ao ouvir essa palavra tão infantil.

— Vamos voltar para Tuck. Diga a ele, por favor.

— Mare.

— Por favor.

Ele não se move.

— Você ficou louca? Não lembra o que aconteceu lá?

Não sabe o que o coronel vai fazer com você se voltar?

Louca. Bem que gostaria. Queria que minha mente rachasse sob a tortura que se tornou a minha vida. Seria um alívio tão grande. Simplesmente enlouquecer.

— Ele com certeza pode tentar. Mas somos muitos agora, mesmo para ele. E quando ele vir o que tenho comigo, duvido que vai nos rejeitar outra vez.

— O corpo? — ele suspira, visivelmente abalado.

Não é o cadáver que o assusta, percebo agora. Sou eu.

— Você vai mostrar o corpo para ele?

— Vou mostrar para todo mundo — digo. Em seguida, repito, mais firme: — Diga a Cal para mudar o curso. Ele vai compreender.

O golpe atinge Kilorn, mas não ligo. Ele endurece e recua para fazer o que pedi. A porta da cabine se fecha quando ele passa, mas mal noto. Estou preocupada com coisas mais importantes do que insultos tolos. Quem é ele para questionar minhas ordens? Um ninguém. Um pescador que conta com a sorte e comigo para protegê-lo. Não é como Shade, que se teletransportava — um sanguenovo, um grande homem. Como pode estar morto? E ele não é o único. Não, com certeza muitos outros ficaram para trás, tendo o presídio como túmulo.

Só vamos saber quando aterrissarmos e virmos quem mais escapou no Abutre. E vamos aterrissar no complexo da ilha, e não nos enfiar numa caverna perdida no meio da floresta.

— O seu vidente lhe falou a respeito disso?

São as primeiras palavras de Farley desde que deixamos Corros. Ela ainda não chorou, mas sua voz sai rouca, como se tivesse passado os últimos dias gritando.

Seus olhos estão horríveis, rodeados de vermelho, as íris num tom azul-vivo.

— Aquele idiota do Jon, que nos disse para fazer isso? — ela continua, virando para me encarar. — Ele disse que Shade ia morrer? Disse? Imagino que saiu barato para a garota elétrica, já que isso significava mais sanguenovos para você controlar. Mais soldados para uma guerra que você não faz ideia de como combater.

Um mísero irmão em troca de mais seguidores para beijar seus pés. Não foi mau negócio, foi? Especialmente com a rainha na conta. Quem se importa com um defunto que ninguém conhece quando você poderia ter o cadáver dela?

Meu tapa a faz recuar, mais de surpresa que de dor.

Ela agarra o lençol ao cair, puxando-o de lado e revelando o rosto pálido do meu irmão. Pelo menos seus olhos estão fechados. Ele poderia estar apenas dormindo.

Me inclino para ajeitar o lençol de novo — não consigo olhar muito para Shade —, mas ela me atinge com o ombro, usando a altura considerável para me jogar contra a parede.

A porta da cabine se escancara e os dois garotos entram correndo, atraídos pelo barulho. Cal derruba Farley num instante, golpeando a parte de trás do seu joelho, fazendo-a se dobrar. Kilorn é mais simples.

Apenas me agarra com os dois braços e me levanta do chão.

— Ele era meu irmão! — berro para ela.

Ela responde gritando:

— Ele era bem mais do que isso! — ela responde gritando.

Suas palavras me fazem lembrar de uma coisa.

Quando ela duvidar. Jon me falou para dizer a Farley uma coisa. Quando ela duvidar. E ela com certeza está em dúvida agora.

— Jon me contou uma coisa sim — digo, tentando me desvencilhar de Kilorn. — Algo para você ouvir.

Ela investe novamente, e Cal a puxa para baixo de novo, o que rende a ele uma cotovelada na cara. Mesmo assim, ele não tira as mãos do ombro dela. Ela não vai a lugar nenhum, mas continua a lutar.

Farley, você nunca sabe quando desistir. Eu costumava admirar você por isso. Agora só posso ter pena.

— Ele me disse a resposta para a sua pergunta.

Isso a faz parar. Sua respiração sai curta e assustada.

Ela me encara com olhos arregalados. Quase consigo ouvir seu coração batendo.

— Ele disse que sim.

Não sei o que isso significa, mas a frase a desmonta.

Ela cai, se apoiando nas mãos e baixando a cabeça, que se esconde atrás de um curto véu de cabelos loiros.

Mesmo assim, consigo ver as lágrimas. Ela não vai mais lutar.

Cal também percebe e se afasta de Farley e seus tremores. Quase tropeça no braço deformado de Elara, e recua, nervoso.

— Dê espaço a ela — murmura, para em seguida me agarrar com uma força que machuca. Praticamente me tira dali aos puxões, apesar dos meus protestos.

Não quero deixá-la. Não Farley. Elara. Apesar das feridas, das queimaduras e dos olhos opacos, não confio que seu cadáver continue morto. É uma preocupação tola, mas não posso evitá-la.

— Pelas minhas cores, o que te deu? — ele dispara, batendo a porta da cabine, nos isolando dos soluços de Farley e do rosto triste de Kilorn. — Você sabe o que Shade significava para ela…

— Você sabe o que ele significava para mim — respondo. Ser educada não é minha prioridade, mas tento. Minha voz vacila. Meu irmão mais próximo. Já o perdi antes, e agora de novo. Desta vez ele não vai voltar. Não há volta. — E você não me vê gritando com as pessoas.

— Tem razão. Você só mata as pessoas.

O ar passa sibilando por entre meus dentes. É disso que se trata? Quase rio na cara dele.

— Pelo menos um de nós é capaz.

Espero no mínimo uma gritaria. Mas o que recebo é ainda pior. Cal dá um passo para trás, trombando contra o painel de controle, tentando abrir o maior espaço possível entre nós. Geralmente sou eu quem recua, mas não mais. Algo se parte dentro dele, me deixando entrever as feridas que ele esconde sob a pele flamejante.

— O que aconteceu com você, Mare? — ele balbucia.

O que não aconteceu comigo? Um único dia sem preocupações, isso nunca aconteceu. Tudo para me preparar para isso, para o destino a que me condenei com as mutações do meu sangue — e os vários erros que cometi. Cal entre eles.

— Meu irmão acabou de morrer, Cal.

Mas ele balança a cabeça sem jamais desviar os olhos de mim. Seu olhar queima.

— Você matou aqueles homens no centro de comando, você e Cameron, apesar deles implorarem.

Shade não tinha morrido ainda. Não ponha a culpa nele.

— Eles eram prateados e…

— Eu sou prateado.

— E eu sou vermelha. Não aja como se não tivesse matado centenas de nós.

— Não por vontade própria, não do jeito que você mata. Eu era um soldado seguindo ordens, obedecendo meu rei. E eles eram tão inocentes quanto eu quando meu pai estava vivo.

Lágrimas despontam nos meus olhos, implorando para serem derramadas. Rostos pairam diante de mim: soldados e agentes assassinados. São muitos para

contar.

— Por que está me dizendo isso? — sussurro. — Fiz o que precisava para sobreviver, para salvar as pessoas.

Para salvar você. Você, um idiota, teimoso, príncipe de nada. Você, mais que todo mundo, deveria conhecer o peso do meu fardo. Como ousa fazer eu sentir mais culpa do que já sinto?

— Ela queria transformar você num monstro — ele diz, inclinando a cabeça na direção da porta e do cadáver retorcido do outro lado. — Só estou tentando garantir que isso não aconteça.

— Elara está morta. — As palavras têm o gosto doce do vinho. Ela morreu, não pode me machucar. — Não pode controlar mais ninguém.

— Mesmo assim você não sente remorso pelas mortes. Faz tudo o que pode para se esquecer delas.

Você abandonou sua família sem nenhuma palavra. Você é incapaz de se controlar. Passa metade do tempo fugindo do papel de líder, e a outra metade agindo como uma mártir intocável, coroada de culpa, por ser a única pessoa que está se entregando de verdade à causa. Olhe ao seu redor, Mare Barrow. Shade não foi o único a morrer em Corros. Você não é a única a fazer sacrifícios. Farley traiu o pai. Você forçou Cameron a se juntar a nós contra a vontade dela. Você escolheu ignorar tudo exceto a lista de Julian, e agora quer abandonar as crianças no Furo. Para quê? Para humilhar o coronel?

Para assumir o trono? Para matar qualquer um que olhar para você do jeito errado?

Me sinto como uma criança levando bronca, incapaz de falar, argumentar ou fazer qualquer coisa além de segurar as lágrimas. Preciso usar toda a minha força para conter as faíscas.

— E você ainda se apega a Maven, uma pessoa que não existe.

Ele bem que podia ter posto a mão ao redor da minha garganta e apertado bem forte.

— Você mexeu nas minhas coisas?

— Não sou cego. Vi você pegando os bilhetes naqueles cadáveres. Pensei que fosse rasgá-los. Mas não rasgou, e então quis ver o que você ia fazer. Queimar, jogar fora, devolver encharcados em sangue prateado…

Mas não guardar. Não ler enquanto eu dormia do seu lado.

— Você disse que também sentia falta dele. Você disse… — murmuro. Preciso me segurar para não bater o pé no chão feito uma criança frustrada.

— Ele é meu irmão. Sinto falta dele de um jeito muito diferente.

Algo arranha meu punho, e então me dou conta de que estou me arranhando no meio da minha desolação, criando uma dor física para mascarar a agonia dentro de mim. Ele apenas observa, dividido.

— Cada uma das coisas que fiz teve o seu apoio — digo. — Se estou me transformando num monstro, você também está.

Ele baixa os olhos.

— O amor cega.

— Se essa é a sua ideia de amor…

— Não sei se você ama alguém de verdade — ele dispara. — Se vê algo além de instrumentos e armas.

Pessoas para manipular e controlar. Para sacrificar.

Não existe qualquer defesa contra essa acusação.

Como posso provar que ele está errado? Como posso fazer Cal enxergar o que fiz, o que estou tentando fazer, o que me tornei para proteger todos que amo? Falhei terrivelmente. Me sinto péssima. As cicatrizes e lembranças doem. Ele me feriu profundamente com essas palavras. Não consigo provar meu amor por ele, ou por Kilorn, ou pela minha família. Não consigo verbalizar esses sentimentos, nem deveria ter que fazer isso.

Então não verbalizo.

— Depois do bombardeio de Archeon, Farley e a Guarda Escarlate usaram uma transmissão de notícias para assumir a responsabilidade — falo lentamente, numa explicação calma e metódica. É a única coisa que mantém minha sanidade. — Vou fazer a mesma coisa agora, com o corpo da rainha. Vou mostrar a cada habitante deste reino a mulher que matei e as pessoas que ela mantinha trancafiadas, sanguenovos e prateados.

Estou farta de deixar Maven controlar o jogo, espalhando mentiras pelo reino. O que fizemos não é o bastante para derrubá-lo. Precisamos deixar o país fazer isso para nós.

A boca de Cal se escancara.

— Uma guerra civil?

— Casa contra Casa, prateado contra prateado.

Apenas os vermelhos permanecerão unidos.

E venceremos. Norta vai cair, e vamos nos levantar, vermelhos como a aurora.

Um plano simples, custoso e letal para ambos os lados. Mas um passo que devemos dar. Eles nos forçaram a seguir esse caminho há muito tempo.

— Você pode buscar as crianças no Furo depois que aterrissarmos em Tuck —

continuo. — Mas preciso do coronel, preciso dos recursos dele para colocar isso em prática. Você entende?

Ela mal assente.

— E depois… Bom, vou para o norte, para o Gargalo, para aqueles que abandonei tão fácil. O senhor pode fazer o que quiser, alteza.

— Mare — ele roça meu braço, mas recuo, quase batendo na parede.

— Não me toque mais.

As palavras soam como uma porta se fechando.

Imagino que sejam mesmo.

Em Tuck, somos recebidos por silêncio e por uma claridade asquerosa. Não há nuvens, não há vento, há apenas o outono cintilante e a luz do sol. Shade não deveria ter morrido num dia tão bonito, mas morreu.

Gente demais morreu.

Sou a primeira a descer do avião de carga, com duas macas cobertas logo atrás. Kilorn e Farley estão ao lado de uma, cada um com uma mão sobre Shade. Mas é a outra maca que me importa agora. Os homens que a seguram parecem ter medo do cadáver, assim como eu tive. As últimas horas de reflexão silenciosa diante do corpo de Elara foram um consolo estranho. Ela não vai acordar. Assim como Cal jamais voltará a falar comigo, não depois do que dissemos um ao outro. Não sei em que lugar ele está na fila, ou se vai desembarcar. Digo a mim mesma para não me preocupar. Pensar nele é um desperdício.

Preciso proteger os olhos para enxergar a barreira do coronel no meio da pista. Ele está empoleirado em cima de um veículo médico, cercado de enfermeiras de jalecos brancos. Ada deve ter passado um rádio avisando que precisaríamos de ajuda. O Abutre que ela pilotou já está aqui, a única sombra escura à vista. Quando o primeiro prisioneiro pisa na pista depois de mim, a familiar rampa negra desce do outro jato. Menos pessoas do que eu esperava saem atrás de Ada. Ela começa a marchar, decidida, até a muralha de soldados de Lakeland, de rebeldes resignados e de espectadores curiosos. Em silêncio, amaldiçoo a mim mesma. Minha família vai estar lá para ver os filhos, mas vão encontrar apenas um.

Você não se importa com a sua família. Talvez Cal tenha razão, porque com certeza eu os esqueço mais do que qualquer pessoa em sã consciência seria capaz.

— Até aí está bom, srta. Barrow — o coronel ladra, com a mão erguida.

Faço o que ele pede, parando a cinco metros de distância. Consigo ver as armas apontadas para nós e, mais importante, os homens atrás delas. Estão alertas, mas não exaltados. Não têm ordens para matar, ainda não.

— Veio devolver o que roubou? — o coronel provoca.

Forço uma risada que deixa nós dois à vontade.

— Trago um presente, coronel.

O canto da boca dele sobe.

— É assim que você chama essa… — Ele procura a palavra certa para descrever as pessoas esfarrapadas atrás de mim. — … gente?

— Eram prisioneiros até hoje cedo, numa instalação secreta chamada Corros. Foram trancafiados por ordens do rei Maven. Iam fazer experimentos com eles, torturá-los, matá-los. — Olho para trás, esperando ver corações e mentes partidos, mas vejo um orgulho inabalado. A garotinha, a que quase caiu da passarela, parece a ponto de verter lágrimas, mas cerra os pequenos punhos ao lado do corpo. Ela não vai chorar. — São sanguenovos como eu.

Atrás da garotinha, um adolescente com a pele pálida demais e cabelo alaranjado está de pé como um guarda-costas.

— E prateados também, coronel — finalizo.

Ele reage como o esperado.

— Sua idiota! Você trouxe prateados para cá? — ele grita, em pânico. — Preparem as armas!

Os soldados de Lakeland, em duas fileiras com talvez vinte homens, fazem o que ele manda. As armas clicam em uníssono e as balas deslizam para a câmara. Prontas para disparar. Atrás de mim, os prisioneiros se encolhem e recuam. Mas ninguém implora. Estão fartos de implorar.

— Ameaças vazias — digo, segurando a vontade de sorrir.

A mão dele voa para a pistola na cintura.

— Não me provoque.

— Sei quais são as suas ordens, coronel, e elas são para não matar a garota elétrica. O Comando me quer viva, não quer? — Lembro de Ellie Whistle, uma dentre muitos rebeldes instruídos a me ajudar nas missões. Ela não era nada perto do coronel, mas o coronel não é nada perto do Comando, seja lá quem forem os membros.

O coronel perde um pouco do ímpeto, mas não recua.

— Tragam-na para a frente — disparo, olhando para as macas. Os dois homens fazem o que digo o mais rápido que podem. Deixam a maca de Elara aos meus pés. As armas acompanham seus passos trôpegos. Sinto as miras neste exato momento no meu coração, no meu cérebro, em cada milímetro de mim.

— Seu presente, coronel — digo, cutucando a maca com o pé, fazendo o corpo balançar sob o lençol branco.

— Quer ver?

O olho bom dele brilha, quase rápido demais para que alguém note. Encontra Farley na multidão, e o franzido na testa alivia um pouco. Com um lampejo de revirar o estômago, percebo o motivo. Ele achou que eu a tivesse matado.

— Quem é, Barrow? O príncipe? Você matou sua melhor moeda de troca?

— Não mesmo. — Uma voz ressoa na multidão. Cal.

Não me viro para ele. Prefiro me concentrar no coronel. Ele sustenta o meu olhar sem fraquejar.

Devagar, com uma mão erguida e a outra no lençol, descubro o corpo para que todos vejam. Os membros estão rígidos. Os dedos estão especialmente retorcidos, e pedaços de osso aparecem através da carne da mão direita. Os atiradores são os primeiros a reagir, baixando um pouco as armas. Um ou dois chegam a soltar ruídos de surpresa e cobrem a boca para abafar o som. O coronel permanece completamente calado e imóvel; contentando-se em observar. Depois de um longo momento, ele pisca.

— É quem eu acho que é? — pergunta de maneira rude.

Confirmo com a cabeça.

— Elara da Casa Merandus, rainha de Norta, mãe do rei. Morta por sanguenovos e prateados na prisão que construiu para eles.

A explicação deve acalmar a mão dele por um instante.

Por outro lado, seu olho vermelho reluz.

— O que você planeja fazer com isso?

— O rei e o país merecem uma chance de se despedir dela, não acha?

O coronel se parece muito com Farley quando sorri.

— De novo — o coronel Farley ordena, voltando à sua posição.

— Meu nome é Mare Barrow — digo à câmera, tentando não soar idiota. Afinal, é a sexta vez que me apresento nos últimos dez minutos. — Nasci em Palafitas, um vilarejo no vale do rio Capital. Meu sangue é vermelho, mas por causa disso — estendo as mãos e deixo duas bolas de faíscas se formarem — fui levada à corte do rei Tiberias VI, onde recebi um novo nome, uma nova vida, e fui transformada numa mentira. Eles me chamaram de Mareena Titanos, e disseram ao mundo que nasci prateada. Não nasci. — Tremendo, risco uma faca na palma da mão, sobre a carne já cortada. Meu sangue brilha como rubi na luz dura do hangar vazio. — O rei Maven disse que isso era uma fraude. — Faíscas saltam de dentro da ferida. — Não sou. Nem os outros como eu, todos aqueles nascidos vermelhos, mas com poderes estranhos, prateados. O rei sabe que vocês existem, e está caçando vocês. Agora digo: corram. Me encontrem. Encontrem a Guarda Escarlate.

Ao meu lado, o coronel se empertiga, orgulhoso. Tem um cachecol vermelho enrolado no rosto, como se o olho vazado não fosse identificação suficiente. Mas não reclamo. Ele concordou em receber os sanguenovos, percebendo como estava errado. Agora reconhece o valor — e a força — das pessoas como eu. Não pode se dar ao luxo de fazer de nós seus inimigos também.

— Diferente dos reis prateados, não vemos separação entre nós e os outros vermelhos. Vamos lutar por vocês e vamos morrer por vocês, se isso significar um mundo novo. Larguem o machado, a pá, a agulha e a vassoura.

Peguem uma arma. Juntem-se a nós. Lutem. Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora.

A parte seguinte faz meu estômago revirar, e preferiria esfregar as mãos com ácido. Quando meus dedos se enroscam no cabelo frágil e erguem o rosto dela para a câmera decrépita e ruidosa, preciso segurar as lágrimas. Por mais que a odeie, odeio isto ainda mais.

Parece contra a natureza, contra qualquer coisa boa que eu ainda possa ter dentro de mim. Já perdi Cal — o joguei fora —, mas agora sinto que estou perdendo a alma. E, contudo, pronuncio as palavras que me cabem.

Acredito nelas, e isso me ajuda um pouco.

— Lutem e vençam. Esta é Elara, rainha de Norta, e nós a matamos. Esta guerra não é impossível, e com vocês, pode ser vencida para sempre.

Sustento a posição, fazendo o máximo para não piscar. Se fechar os olhos, as lágrimas vão cair. Penso em tudo, menos no cadáver nas minhas mãos.

— Neste exato momento, os rebeldes da Guarda estão deixando seus postos para esperar quem quiser responder ao nosso chamado.

— Armem-se, irmãos e irmãs — o coronel diz, dando um passo à frente. — Vocês são mais numerosos que seus senhores, e eles sabem disso. Temem isso. Temem vocês, e o que vocês se tornarão. Procurem os assobios na floresta. Eles vão trazer vocês para casa.

Depois de seis tentativas, finalmente falamos em uníssono:

— Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora.

— Quanto aos prateados de Norta — falo rapidamente, apertando ainda mais Elara. — O rei e a rainha mentiram para vocês. Traíram vocês. A Guarda Escarlate invadiu um presídio esta manhã, e lá dentro encontramos tanto vermelhos como prateados. Membros desaparecidos das Casas Iral, Lerolan, Osanos, Skonos, Jacos, entre outras.

Aprisionados injustamente, torturados com Pedras Silenciosas, deixados para morrer por crimes inexistentes. Estão conosco agora, estão vivos. Os seus entes

desaparecidos estão vivos.

Levantem-se para ajudá-los. Levantem-se para vingar os que não conseguimos salvar. Levantem-se e juntem-se a nós. Pois o seu rei é um monstro. — Olho bem para a câmera, sabendo que ele vai ver isto. — Maven é um monstro.

O coronel me encara boquiaberto, afrontado. A câmera para. Ele arranca o cachecol de raiva.

— O que você está fazendo, Barrow?

Eu devolvo o olhar.

— Facilitando muito a sua vida. Dividir para conquistar, coronel — digo, apontando em seguida para a equipe de filmagem, sem me dar ao trabalho de lembrar seus nomes. — Vão até o galpão dos prateados, filmem um pouco. Não mostrem os guardas. Guardem as minhas palavras: isto vai fazer o país pegar fogo. E nem Maven será capaz de apagar.

Eles não precisam falar para mostrar que concordam.

Dou meia-volta.

— Terminei.

O coronel me segue, desviando dos meus passos enquanto abro caminho pelo hangar.

— Barrow, eu não disse que tínhamos terminado…

— ele urra, mas, quando me detenho, ele faz o mesmo.

Não preciso dos meus raios para assustar as pessoas.

Não mais.

— Me obrigue a voltar, coronel. — Estendo o braço, desafiando-o a me puxar. Desafiando-o a me testar. — Vá em frente.

Uma vez, este homem prendeu Cal numa cela. Ele lidera sabe-se lá quantos soldados, e matou muitos homens. Não sei quantas batalhas lutou, ou mesmo quantas vezes enganou a morte.

Ele não tem direito de temer uma garota como eu.

Mas teme. Voltei a Tuck como uma igual, mais do que uma igual. E ele sabe disso.

Viro devagar para encará-lo, apenas porque agora me convém.

— O que mudou em você, coronel? Sei que não foi o seu bom senso, nem mesmo as ordens do seu Comando.

Depois de um longo momento, ele acena com a cabeça.

— Venha comigo. Eles têm pedido uma reunião com você.

VINTE E OITO



TUCK PARECE M ENOR DO QUE M E LEM BRAVA, com os trezentos fugitivos de Corros somados aos próprios reforços do coronel amontoando-se pela ilha inteira. Ele me conduz por entre a multidão, num passo que custo a acompanhar. Muitos dos novos soldados são de Lakeland, trazidos às escondidas do extremo norte assim como as armas e os alimentos que chegam pelas docas, mas há um bom número de pessoas de Norta também.

Fazendeiros, criados, desertores e até alguns técnicos tatuados fazem exercícios no espaço aberto entre os galpões. Muitos chegaram nos últimos meses. São os primeiros fugitivos das Medidas, e com certeza outros virão. Normalmente, esse pensamento me faria sorrir, mas ultimamente meus sorrisos não têm saído facilmente. Sorrir faz minhas cicatrizes e minha cabeça doerem. Na pista, ouço um ronco familiar de jato. O

Abutre sobe aos céus, certamente rumo ao Furo, com Cal nos controles. Melhor. Não preciso dele me rondando, observando e julgando cada um dos meus movimentos.

Galpão 1. Da última vez, entrei aqui em segredo.

Agora adentro em plena luz do dia, com o coronel ao meu lado. Caminhamos pelas passagens estreitas do abrigo subaquático; os soldados de Lakeland abrem passagem sempre que me aproximo. Tenho uma consciência perfeita deste lugar — já fui prisioneira —, mas já não temo nada aqui em baixo. Seguimos a tubulação do teto, na direção do coração vivo do galpão e da ilha inteira. A sala de controle é pequena, mas lotada de telas, equipamentos de rádio e mapas estendidos sobre cada superfície plana. Espero ver Farley berrando ordens, mas ela desapareceu. O que vejo é uma saudável mistura do azul de Lakeland com o vermelho da Guarda.

Dois homens destoam em seus uniformes grossos, de tom verde desbotado com detalhes em preto. Não faço ideia do país ou reino que representam.

— Deixem-nos — o coronel sussurra. Não tem motivo para gritar e é

obedecido com rapidez.

Mas a dupla de verde não sai. Tenho a sensação de que esperavam por isso. Movem-se numa sincronia estranha, voltando-se para nós exatamente ao mesmo tempo. Ambos têm insígnias em seus uniformes, um círculo branco contendo um triângulo verde-escuro. As mesmas marcas que vi nas caixas contrabandeadas quando estive aqui da última vez.

Os homens são gêmeos, perturbadoramente idênticos. Mas vai além disso. Ambos têm cabelo preto encaracolado, espesso como um capacete, olhos cor de terra, pele marrom e barba impecável. Uma cicatriz é a única diferença entre eles: um tem uma linha dentada na bochecha direita; o outro, na esquerda. Para distingui-los. Com um arrepio, percebo que até piscam ao mesmo tempo.

— Srta. Barrow, é um prazer conhecê-la, afinal. — O da cicatriz na direita estende a mão, mas demoro para apertá-la. Ele parece não se importar, insistindo. — Meu nome é Rash, e meu irmão…

— Tahir, ao seu dispor — o outro interrompe. Eles curvam a cabeça com elegância, de novo numa sincronia impressionante. — Viajamos de muito longe para encontrar você e os seus. E esperamos…

— … durante um tempo que pareceu ainda maior — Rash termina a frase por ele. Em seguida, pousa rapidamente os olhos no coronel, e capto uma ponta de desgosto lá no fundo. — Trazemos uma mensagem e uma oferta para você.

— De quem?

Sinto falta de ar, quase fico zonza. Com certeza esses homens são sanguenovos — a ligação entre eles não é natural —, e não são nem de Norta nem de Lakeland.

Viajamos de longe, disseram. De onde?

Eles falam num coro melódico:

— Da República Livre de Montfort.

De repente, queria que Julian estivesse ao meu lado para me ajudar a lembrar das aulas e dos mapas que mantinha por perto. Montfort, uma nação montanhosa, tão distante que poderia estar do outro lado do mundo.

Mas Julian me disse que era como a terra de Piedmont ao sul, governada por vários príncipes, todos prateados.

— Não entendo.

— O coronel Farley também não entendia… — diz Tahir.

Rash corta:

— … porque a República é bem guardada, escondida por montanhas…

— … neve…

— … muralhas…

— … e planejamento.

Isto é muito irritante.

— Minhas desculpas — Rash acrescenta ao notar meu desconforto. — Nossa mutação liga nossos cérebros. Pode ser bastante…

— … perturbador — completo para ele, arrancando um sorriso dos dois. Mas o coronel continua de cara fechada, com um brilho no olho vermelho. — Então vocês são sanguenovos também? Como eu?

Os dois confirmam.

— Em Montfort, somos chamados de rubros, mas isso muda de nação para nação. Ninguém entrou num acordo sobre como chamar os vermelhos-prateados — Tahir diz. — Há muitos de nós pelo mundo. Alguns vivem livres, como na República, outros escondidos, como no seu país. — Ele olha para o coronel, impregnando a frase de duplo sentido. — Mas os nossos laços vão além das fronteiras entre as nações.

Protegemos os nossos, pois ninguém mais protegerá.

Montfort ocultou-se por vinte anos, construindo sua república sobre as cinzas de uma opressão brutal. Creio que você entende isso.

Entendo mesmo. Nem me importo de estar sorrindo, apesar da dor que isso me causa.

— Mas agora não nos escondemos mais — ele continua. — Temos exércitos e frotas próprios, e não vamos permanecer de braços cruzados. Não enquanto reinos como Norta, Lakeland e todo o resto ainda existirem. Não enquanto vermelhos estiverem morrendo e rubros enfrentando um destino ainda pior.

Ah. Então o coronel não está nos aceitando por bondade ou necessidade, mas por medo. Outro jogador está à mesa, e este ele não compreende. Mas eles têm um inimigo em comum, isso é claro. Prateados. Pessoas como Maven. Nós também temos um inimigo em comum.

Mas um tremor me percorre o corpo, e não consigo ignorá-lo. Cal é prateado. Julian é prateado. O que pensam deles? Assim como o coronel, preciso recuar e ver o que essa gente quer de verdade.

— O primeiro-ministro Davidson, líder da República, nos enviou como embaixadores para estender uma mão amiga à Guarda Escarlate — Rash diz, com a mão grudada na coxa. — O coronel aceitou de bom grado a aliança duas semanas atrás, assim como seus superiores, os generais vermelhos do Comando.

Comando. As misteriosas palavras de Farley parecem mais próximas agora. Ela nunca me explicou nada, mas agora vejo um pouco mais da Guarda. Nunca ouvi

falar dos generais vermelhos, porém mantenho o rosto impassível. Eles não sabem o quanto sei — ou não sei. A julgar pela maneira como os gêmeos falam, acham que também sou uma líder com controle sobre a Guarda Escarlate. Mal tenho controle sobre mim.

— Já nos aliamos a grupos e facções similares em nações espalhadas por todo o continente, formando uma complexa rede como os raios de uma roda. A República é o centro. — Os olhos de Rash cravam-se nos meus.

— Vamos entregar salvo-condutos a qualquer rubro daqui que permitirá a entrada num país que não só vai proteger vocês, mas também oferecer liberdade. Não vão ter que lutar. Só precisam viver, e viver em liberdade. Essa é a nossa oferta.

Meu coração dispara. Vocês só precisam viver.

Quantas vezes já não desejei algo assim? Incontáveis vezes. Mesmo nos tempos de Palafitas, quando pensava ser dolorosamente normal, quando não era nada. Só queria viver. Palafitas me ensinou o valor — e a raridade

— de uma vida comum. Mas também me ensinou outra coisa, uma lição mais valiosa. Tudo tem um preço.

— E o que vocês querem em troca? — resmungo, sem querer ouvir a resposta.

Rash e Tahir trocam olhares carregados, estreitando os olhos em silenciosa comunicação. Não duvido que os irmãos sejam capazes de se comunicar sem palavras, murmurando, como Elara fazia antes.

— O primeiro-ministro Davidson solicita que você os acompanhe — dizem ao mesmo tempo.

Uma "solicitação". Isso não existe.

— Você é a faísca da revolta, e por mérito próprio.

Será de grande ajuda para a guerra que se aproxima.

Vocês não precisam lutar. Devia ter percebido que isso não se aplicava a mim.

— Você terá sua própria unidade, com os rubros que escolher ao seu lado…

Um rei sanguenovo vai sentar no trono que você construiu.

Cameron me disse isso há alguns dias, quando a forcei a se juntar a nós. Agora sei exatamente como ela se sentiu. Sei que suas palavras podem conter uma verdade terrível.

— Mas apenas rubros? — pergunto, levantando com determinação. — Apenas sanguenovos? Me contem, como é a sua república de verdade? Vocês simplesmente trocaram os senhores prateados por outros?

Os irmãos permanecem sentados, me observando com olhos atentos.

— Você não compreende — Tahir diz, tocando brevemente a cicatriz sob o

olho esquerdo. — Somos como você, Mare Barrow. Sofremos por causa do que somos e simplesmente não queremos que ninguém mais tenha o mesmo destino. Estamos oferecendo refúgio para os nossos semelhantes. Para você, em especial.

Mentirosos. Os dois. Não estão me oferecendo nada além de outro palco para eu subir e atuar.

— Estou bem onde estou — digo, mirando o olho bom do coronel. Sua cara não está mais fechada. — Não vou fugir, não agora. Há coisas que precisam ser resolvidas aqui. Problemas vermelhos com os quais vocês não precisam se preocupar. Podem levar qualquer sanguenovo que quiser acompanhá-los, mas não vou. E se tentarem me obrigar a fazer qualquer coisa contra a minha vontade, frito os dois. Não me importa a cor do seu sangue ou quão livres vocês alegam ser. Diga ao seu líder que não posso ser comprada com promessas.

— E com ações? — Rash propõe, erguendo uma sobrancelha bem desenhada. — Isso a atrairia para o lado do nosso líder?

Já sei onde isso vai dar. Já tive minha cota de reis, não importa como sejam chamados. Mas cuspir nos gêmeos não vai me levar a lugar nenhum, então dou de ombros.

— Me mostrem essas ações e veremos — digo, rindo, virando as costas em seguida para sair. — Me tragam a cabeça de Maven Calore, e o seu líder pode me usar como apoio.

A resposta de Tahir faz meu sangue gelar.

— Você matou a loba. Matar o filhote não deve ser nada.

Saio da sala de controle a passos largos.

— Estranho, srta. Barrow.

— O quê? — rosno, fechando a cara para olhar o coronel. Ele não me deixa nem sair do galpão em paz.

Mas o rosto aberto dele me pega de surpresa, demonstrando algo próximo à compreensão. Ele é a última pessoa que espero ser capaz de compreender.

— Você voltou para cá com muito mais seguidores, mas perdeu aqueles com quem partiu. — Ele ergue a sobrancelha e encosta na parede fria e úmida do corredor. — O garoto do vilarejo, o seu príncipe e a minha filha, todos parecem estar evitando você. E, claro, o seu irmão…

Dou um passo à frente, interrompendo-o, assustando-o e fazendo-o se calar. Depois de um momento, ele murmura:

— Meus pêsames. Nunca é fácil perder um membro da família.

Lembro da fotografia no alojamento dele. O coronel tinha outra filha e uma esposa, e nenhuma das duas está aqui agora.

— Todos precisamos de um tempo — eu digo, na esperança de que baste.

— Mas não tempo demais. Não é bom deixá-los vivendo nos nossos próprios pecados.

Não consigo juntar forças para argumentar porque ele tem razão. Repeli as pessoas mais próximas a mim, mostrei o monstro sob a minha pele.

— E esse problema vermelho que você mencionou?

— ele continua. — Há algo que eu deva saber?

Ainda no jato, disse a Cal que estava indo para o norte. Metade de mim disse aquilo de raiva, para provar alguma coisa para ele. A outra metade disse porque é a coisa certa a ser feita, porque ignorei a questão por tempo demais.

— Alguns dias atrás interceptamos uma ordem de movimentação de tropas. A primeira das legiões infantis está sendo enviada para o Gargalo. — Minha respiração vacila ao me lembrar do que Ada falou. — As crianças vão ser massacradas, obrigadas a marchar além das trincheiras, na frente de batalha. Cinco mil crianças serão chacinadas.

— Sanguenovas? — o coronel alfineta.

Faço que não com a cabeça.

— Não que eu saiba.

Ele leva a mão à pistola, endireita o corpo e cospe no chão.

— Bom, o Comando realmente me mandou te ajudar.

Acho que já é hora de fazermos algo útil juntos.

A enfermaria é silenciosa, um bom lugar para esperar.

Sara recebeu autorização para deixar o galpão destinado aos prateados e trabalhou rápido com todos os feridos.

Agora, os leitos estão vazios, com exceção de um. Estou deitada de lado, os olhos fixos na grande janela diante de mim. O decepcionante céu azul já desbotou para um cinza metálico. Teremos outra tempestade em breve, ou talvez meus olhos escureceram. Simplesmente não consigo mais suportar a luz do sol hoje. Os lençóis são macios pelo uso; tenho que me segurar para não cobrir a cabeça. Como se isso pudesse impedir as lembranças.

Elas vêm uma depois da outra, e cada uma me atinge como uma onda de ferro. O último momento de Shade, seus olhos arregalados, sua mão estendida para mim antes que o sangue lhe jorrasse do peito. Ele estava voltando para me salvar, e eu causei sua morte. Me sinto igual a meses atrás, quando me escondi na floresta, incapaz de encarar Gisa e sua mão quebrada. Agora sou incapaz de suportar a perspectiva de retornar à minha família e ver o buraco deixado por Shade. Eles certamente estão se perguntando onde estou — a garota que lhe custou um filho.

Mas não é um Barrow que me encontra aqui.

— Devo voltar mais tarde ou você já parou de sentir pena de si mesma?

Sento rápido e vejo Julian ao pé do meu leito. A cor voltou ao seu rosto, bem como seu dente quebrado — cortesia de Sara. Com exceção das roupas esquisitas, sobras dos estoques de Tuck, parece de volta à velha forma. Espero um sorriso, talvez até um agradecimento, mas não uma bronca. Não dele.

— Será que não se pode ter um momento de paz aqui? — bufo, encostando no travesseiro fino.

— Pelas minhas contas, você passou as últimas horas escondida. Acho que isso é mais que um momento, Mare. — O velho professor faz o máximo para ser educado. Não dá certo.

— Se quer saber, estou esperando o coronel. Temos uma operação para planejar, e ele está angariando voluntários neste exato momento.

Aí está. Julian não se deixa dissuadir tão fácil.

— E você decidiu que tirar uma soneca era a melhor maneira de empregar o tempo do que, por exemplo, conversar com os outros sanguenovos? Talvez acalmar um pouco um bando de prateados sobressaltados ou receber cuidados médicos? Ou mesmo ver sua família de luto?

— Não senti falta dos seus sermões, Julian.

— Você mente bem, Mare — ele diz com um sorriso no rosto.

Ele se aproxima, quase rápido demais, e senta ao meu lado. Cheira bem, como se tivesse acabado de sair do banho. De perto, vejo como emagreceu, e noto o vazio em seus olhos. Nem Sara é capaz de curar mentes. Ele continua:

— Um sermão precisa de ouvintes. Você com certeza não me ouve mais. — Ele então abaixa a voz e puxa meu rosto de leve para que eu o encare. Estou tão cansada que não faço nada. — Nem a mim, nem a ninguém, diga-se de passagem. Nem mesmo Cal.

— Você vai gritar comigo também?

Ele abre um sorriso triste.

— Já gritei alguma vez?

— Não — murmuro, desejando não precisar falar. — Nunca.

— E não vou começar agora. Só vim lhe dizer o que você precisa ouvir. Não vou te forçar a ouvir, não vou te forçar a obedecer. Deixo a seu critério, como deve ser.

— Muito bem.

— Disse para você uma vez que todo mundo pode trair todo mundo. Sei que você se lembra.

Ah, e como me lembro.

— E digo novamente. Todo mundo, tudo, pode trair todo mundo. Até seu próprio coração.

— Julian…

— Ninguém nasce mau, assim como ninguém nasce sozinho. As pessoas se tornam más e solitárias, por escolha e circunstância. Esta última você não pode controlar, mas a primeira… Mare, temo muito por você.

Fizeram muitas coisas com você, coisas que ninguém deveria ter de passar. Você viu coisas horríveis, fez coisas horríveis, e elas vão te transformar. Temo muito pelo que você pode acabar se tornando, caso faça uma escolha errada.

Eu também.

Deixo minha mão se fechar em volta da dele. O contato até me acalma um pouco, mas é fraco. Nosso laço está desgastado, na melhor das hipóteses, e não sei como consertar.

— Vou tentar, Julian — balbucio. — Vou tentar.

No fundo, fico me questionando. Será que Julian vai contar histórias sobre mim um dia? Quando eu tiver me tornado uma pessoa perversa, alguém como Elara, com nada nem ninguém que me ame? Serei apenas a garota que tentou? Não. Não posso pensar assim. Não serei. Sou Mare Barrow. Sou forte o bastante. Fiz coisas terríveis, e não mereço perdão. Mas vejo perdão nos olhos de Julian, e ele me enche de esperança. Não vou me tornar um monstro, não importa o que precise fazer daqui para a frente. Não vou perder quem eu sou, ainda que me mate para isso.

— Você quer que eu a leve para o alojamento da sua família ou você sabe o caminho?

Não consigo deixar de torcer o nariz.

— E por acaso você sabe o caminho?

— Não é educado questionar os mais velhos, garota elétrica.

— Tive um professor que me disse para questionar tudo.

Os olhos dele cintilam de orgulho e ele estufa o peito fraco.

— Seu professor era um homem inteligente.

Percebo seu olhar parado e o brilho dele se apaga.

Está observando a parte exposta do meu peito e a marca que há ali. Penso em cobri-la, mas decido não me mexer.

Não vou esconder o M queimado na minha pele, não dele.

— Sara pode dar um jeito nisso — ele sussurra. — Posso chamá-la?

Levanto, me apoiando em pernas bambas. Há muitas cicatrizes que desejo que

ela cure, mas não esta.

— Não.

Que seja um aviso para todos nós.

De braços dados, saímos da enfermaria vazia, que reverbera o som dos nossos passos. O pavilhão branco logo começa a desbotar para o cinza. Do lado de fora, o mundo parece engolido por sombras. O inverno espera à nossa soleira, e logo baterá na porta. Mas gosto do ar frio. Me faz acordar.

Enquanto cruzamos o pátio central rumo ao Galpão 3, observo o complexo. Rostos familiares se misturam nos grupos, alguns treinando, outros transportando bens ou apenas circulando pelos arredores. Noto Ada se enfiando debaixo de um veículo quebrado com um manual de instruções na mão. Lory está abaixada ao lado dela, vasculhando uma pilha de ferramentas. Alguns metros à frente, Darmian entra em formação com uma tropa de rebeldes e se junta a eles para uma corrida. São os únicos do Furo que vejo, o que me faz sentir um frio na barriga. Cameron, Nix, Nanny, Gareth, Ketha… Onde estão? Fico enjoada, mas engulo a sensação. Só tenho forças para lamentar a perda da pessoa que sei com certeza que está morta.

Julian não tem permissão para entrar no Galpão 3. Ele me informa isso com um sorriso tenso e palavras que pingam desdém. Não há como fazer a ordem valer, mas ele a obedece mesmo assim.

— Só estou tentando ser um "bom" prateado — ele diz, seco. — O coronel já foi bondoso a ponto de nos deixar sair do galpão. Odiaria trair a confiança dele.

— Vou me encontrar com você depois — digo, apertando o ombro dele. — As coisas devem estar ficando bem feias por lá.

Julian apenas dá de ombros.

— Sara não está com pressa para curar todos. Não queremos muitos prateados cheios de poder, mal alimentados e irritados num espaço fechado. Eles sabem o que você fez por eles. Não têm motivo para criar caso.

Ainda.

Ainda. Um aviso simples, mas eficaz. O coronel não sabe como lidar com tantos refugiados prateados, e com certeza logo dará um passo em falso.

— Farei o melhor que posso — suspiro, acrescentando à minha crescente lista de afazeres a prevenção de uma possível revolta. Não chorar na frente da minha mãe. Pedir desculpas a Farley. Descobrir como salvar cinco mil crianças. Bancar a babá para um bando de prateados. Enfiar a cabeça na parede. Parece possível.

O galpão é como me lembro: cheio de curvas e corredores labirínticos. Me perco uma ou duas vezes, mas por fim encontro a porta com o cachecol roxo

amarrado à maçaneta. Está trancada e preciso bater.

Bree abre a porta. Seu rosto está vermelho de tanto chorar, e ele quase me faz cair em lágrimas logo de cara.

— Demorou, hein? — ele resmunga antes de dar passagem para eu entrar. O tom de voz seco me faz tremer, mas não discuto. Em vez disso, ponho a mão no braço dele. Ele se encolhe, mas não se afasta.

— Sinto muito — digo. E depois, mais alto, para todos: — Sinto muito não ter vindo antes.

Gisa e Tramy estão sentados. Minha mãe está encolhida numa das camas, com meu pai e sua cadeira de rodas logo ao lado. Ela se vira para o outro lado e esconde o rosto de mim, e ele me encara direto nos olhos.

— Você tinha coisas para fazer — meu pai diz, seco como sempre. Mas suas palavras saem mais agressivas do que nunca. — Compreendemos.

— Devia ter vindo — digo à medida que entro mais no dormitório. Como posso me sentir perdida num espaço tão pequeno? — Trouxe o corpo dele de volta.

— Nós vimos — Bree dispara, sentando na cama oposta à da minha mãe. O estrado verga sob seu enorme peso. — Um golpe de uma agulha e ele se foi.

— Eu lembro — murmuro, tentando me conter.

Gisa se agita na cadeira e puxa as pernas finas para baixo do assento. Fica abrindo e fechando a mão ferida para se distrair.

— Você sabe quem o matou?

— Ptolemus Samos. Um magnetron.

Na arena, Cal teve a chance de matar o desgraçado.

Mas foi misericordioso. E a sua misericórdia matou meu irmão.

— Conheço esse nome — Tramy diz, só para jogar alguma coisa no ar tenso. — Era um dos seus carrascos.

Não conseguiu pegar você, mas pegou Shade.

As palavras soam como uma acusação. Sinto a necessidade de baixar a cabeça e olhar para os sapatos para evitar a mágoa na expressão de Tramy.

— Você pelo menos se vingou? — Bree pergunta, levantando novamente, incapaz de ficar parado. Ele me cobre com a sua sombra, na tentativa de parecer intimidador. Ele esquece que não tenho mais medo da força bruta. — Se vingou?

— Matei um monte de pessoas. — Minha voz vacila, mas me esforço para continuar. — Nem sei quantas. Só sei que a rainha era uma delas.

Minha mãe senta na cama, finalmente decidindo me encarar. Os olhos dela estão nadando em lágrimas.

— A rainha? — ela sussurra, sem fôlego.

— Trouxemos o corpo dela também — digo, quase ansiosa demais. Falar do cadáver é mais fácil do que lamentar meu irmão. Então conto a eles sobre a transmissão e sobre o que queremos fazer.

Aquele vídeo horrível deve ser exibido esta noite, durante o boletim de notícias. São obrigatórios agora, um acréscimo às Medidas para forçar cada pessoa no reino a engolir junto com o jantar mentiras e propaganda

— sobre seu jovem e ansioso rei, outra vitória nas trincheiras e coisas desse tipo. Mas não esta noite. Em vez disso, Norta verá sua rainha morta. E o mundo ouvirá nosso chamado às armas. Bree anda de um lado para o outro, sorrindo loucamente com a perspectiva de uma guerra civil, e Tramy faz o mesmo, como sempre.

Eles matraqueiam, já pensando em marchar sobre Archeon juntos e hastear nossa bandeira vermelha nas ruínas do Palácio de Whitefire. Gisa está menos entusiasmada.

— Acho que você não vai ficar aqui muito tempo — ela diz, desamparada. — Vão precisar de você no continente para continuar os resgates.

— Não, não vou resgatar mais ninguém. Pelo menos não por um tempo.

Não posso suportar a esperança que brilha em todos eles, especialmente na minha mãe. Quase não lhes conto nada, mas da última vez saí muito de repente. Não vou fazer isso agora.

— Vou até o Gargalo. E logo.

Meu pai ruge tão alto que espero vê-lo cair da cadeira de rodas.

— Você não vai! Não enquanto eu respirar! — ele resfolega para dar ênfase ao argumento. — Nenhum filho meu jamais vai retornar àquele lugar. Jamais. E não ouse dizer que não posso te impedir, porque, acredite em mim, eu posso e vou.

Uma vez, o Gargalo levou uma perna e um pulmão do meu pai. Ele perdeu tanto naquele lugar, e agora acha que vai me perder também.

— Sei que você impediria, pai — digo, tentando animá-lo. Geralmente dá certo.

Mas, desta vez, ele me ignora, rolando a cadeira tão rápido na minha direção que a perna dele bate na minha canela. Seus olhos parecem os de um demônio, e ele aponta o dedo trêmulo para mim.

— Me dê a sua palavra, Mare Barrow.

— Você sabe que não posso fazer isso — digo, e depois explico o motivo. Cinco mil crianças, cinco mil filhos e filhas. Cameron estava certa desde o começo. As divisões de sangue ainda são bem reais e não podem mais ser

toleradas.

— Deixe outra pessoa ir — ele rosna, se esforçando ao máximo para não desabar.

Jamais quis ver meu pai chorando, e agora queria ser capaz de esquecer a cena.

— O coronel, aquele príncipe, outra pessoa pode ir.

Meu pai se agarra ao meu braço como um homem se afogando no mar.

— Daniel. — A voz da minha mãe sai suave, calma, como uma única nuvem branca num céu vazio. — Solte Mare.

Quando tiro a mão dele do meu punho, percebo que também estou chorando.

— Vamos com ela. — Bree mal termina de pronunciar as palavras quando digo que não. O rosto do meu pai fica roxo à medida que a tristeza dá lugar à raiva.

— Vocês querem me matar do coração?! — ele grunhe, direcionando a cadeira até meu irmão mais velho.

— Ela nunca esteve no Gargalo, não sabe como é — Tramy intervém. — Nós sabemos. Somados, temos quase uma década de trincheiras.

Balanço a cabeça e estendo a mão para encerrar a questão antes que meu pai realmente perca o controle.

— O coronel vai conosco. Já viu o Gargalo também, não é necessário…

— Talvez ele tenha visto pelo lado de Lakeland — Bree diz, revirando suas coisas no baú. Procurando o que levar. — Mas as trincheiras de Norta têm uma estrutura diferente. Ele vai ser superado em segundos.

Essa é a coisa mais inteligente que ouvi Bree dizer na vida. Ele não é reconhecido por ter um cérebro brilhante, mas, por outro lado, sobreviveu cinco anos na linha de frente. São quatro anos a mais do que a maioria. Não pode ser sorte. Então me dou conta de que é simplesmente coragem. Mais coragem do que eu poderia imaginar. Certa vez, pensei no quanto meus irmãos perderam da minha vida, mas o mesmo aconteceu comigo. Eles não são como me lembro. São guerreiros, tanto quanto eu.

Meu silêncio é tudo o que ambos precisam para começar a fazer as malas. Gostaria de poder dizer para não irem. Eles ouviriam se eu falasse sério. Mas não posso. Preciso deles, assim como precisava de Shade.

Só espero não levar outro irmão ao túmulo.

Depois de um longo momento, me dou conta de que estou tremendo. Então deito ao lado da minha mãe e a deixo me abraçar por um longo tempo. Faço o possível para não chorar. O meu possível não basta.

VINTE E NOVE



O REFEITÓRIO ESTÁ LOTADO, mas não é hora de comer.

O coronel anunciou uma "operação de alta prioridade" há mais ou menos uma hora, e o salão está transbordando tanto de homens escolhidos a dedo como de voluntários.

Os soldados de Lakeland são quietos, bem treinados e resignados. Os rebeldes são bem mais barulhentos, embora Farley esteja longe disso. Ela recebeu a patente de capitã de volta, mas não parece perceber. Senta em silêncio, distraída, enrolando um cachecol vermelho nas mãos. Quando adentro o refeitório acompanhada por meus irmãos, o barulho se extingue, e todos os olhos se voltam para mim. Exceto os de Farley. Ela sequer levanta a cabeça. Lory e Darmian chegam a aplaudir à minha passagem, o que me faz corar. Ada se une a eles e, para minha alegria, Nanny levanta ao lado dela, assim como Cameron. Elas conseguiram. Solto um suspiro curto, tentando me sentir aliviada. Ainda assim, não há sinal de Nix, Gareth ou Ketha. Eles podem ter escolhido não participar. Devem estar de saco cheio de correr perigo a esta altura. É o que digo a mim mesma quando sento ao lado de Farley. Bree e Tramy tomam os assentos logo atrás de mim, como se fossem guarda-costas.

Não somos os últimos a chegar. Harrick entra — acabou de chegar do Furo — e me cumprimenta com a cabeça. Ele segura a porta aberta para Kilorn. Meu coração dispara quando Cal aparece em seguida, seguido por Julian e Sara. Ao verem três prateados, muitos levantam, a maioria soldados de Lakeland. É difícil distinguir seus gritos em meio ao ruído, mas o sentido é claro: não querem eles aqui.

Por menos de um segundo, Cal e eu cruzamos nossos olhares em meio à comoção. Ele é o primeiro a desviar, encontrando um assento no fundo do salão.

Julian e Sara se mantêm perto, ignorando as ofensas.

Kilorn, por sua vez, avança até a parte da frente, arrastando uma cadeira até o meu lado. Ele me cumprimenta com a cabeça casualmente, como se estivéssemos

em um almoço.

— E então? Do que se trata? — ele diz, mais alto que o barulho.

Olho perplexa para o meu amigo. A última vez que o vi, ele estava me tirando de cima de Farley e parecia enojado com a minha existência. Agora ele está praticamente sorrindo. Chega até a tirar uma maçã do bolso do casaco e me oferecer o primeiro pedaço.

Abalada, mas firme, aceito o presente.

— Você estava fora de si — ele sussurra no meu ouvido. Ele pega a maçã de volta e dá uma mordida. — Esqueça aquilo. Mas se sair dos trilhos daquele jeito de novo, teremos que acertar as contas à moda de Palafitas, certo?

Minhas cicatrizes doem quando sorrio.

— Certo — digo. E em seguida, falo mais baixo, para que apenas ele ouça: — Obrigada.

Por um segundo, ele fica imóvel, estranhamente pensativo. Então balança a mão, sorrindo.

— Não foi nada. Já vi você pior que aquilo.

É uma mentira para me consolar, mas não rebato.

— Agora, o que é esse lance de alta prioridade? — ele pergunta. — Ideia sua ou do coronel?

Aproveitando a deixa, o coronel entra no refeitório com as mãos estendidas para pedir silêncio.

— Minha — cochicho, conforme o burburinho diminui.

— Silêncio! — ele ordena, com uma voz que parece o estalo de um chicote.

Os soldados de Lakeland obedecem na hora e retomam seus assentos num movimento ensaiado. O olhar do coronel é o que basta para calar os descontentes. Em seguida, ele aponta para o fundo do refeitório, para Cal, Julian e Sara.

— Aqueles três são prateados sim, mas provaram ser nossos aliados. Têm a minha permissão para estar aqui.

Vocês os tratarão como qualquer outro aliado, como qualquer irmão ou irmã de armas.

Isso faz todos se calarem. Por enquanto.

— Vocês estão aqui porque se ofereceram para uma operação sem saber o que é. Trata-se de um ato de verdadeira coragem, e eu os cumprimento por isso — ele continua, assumindo seu lugar na frente do salão.

Fico com a impressão de que já fez isso antes. Aqui, o cabelo raspado e o olho vermelho lhe dão um ar de autoridade, assim como a voz imponente. — Como sabem, a redução na idade de recrutamento resultou na convocação de soldados

mais jovens, a partir dos quinze anos. No momento, uma legião deles está a caminho da frente de guerra. São cinco mil soldados, todos com apenas dois meses de treinamento.

Um murmúrio de raiva se levanta da multidão.

— Devemos agradecer a Mare Barrow e à equipe dela por nos trazerem essa informação — o coronel diz.

Não consigo deixar de sentir um desconforto. Minha equipe. Eles eram de Farley ou de Cal, mas não meus.

— A srta. Barrow também foi a primeira a se voluntariar para impedir essa tragédia antes que seja tarde demais.

O pescoço de Kilorn estala de tão rápido que se vira para mim. Ele arregala os olhos verdes, e não sei dizer se está irritado ou impressionado. Talvez um pouco dos dois.

— Eles foram apelidados de Legiãozinha — digo, me forçando a levantar para falar com o público de maneira adequada. As pessoas me encaram, com expectativa, e cada olho é como uma faca. As aulas de Lady Blonos vão se provar úteis agora. — De acordo com a nossa informação, as crianças serão enviadas direto para o Gargalo, além das trincheiras. O rei quer que elas morram para assustar e calar o nosso povo. E ele vai conseguir, se não fizermos alguma coisa. Proponho uma operação de duas frentes, uma liderada pelo coronel Farley e outra por mim. Vou me infiltrar na legião logo depois de Corvium, usando soldados que possam fingir ter quinze anos, a fim de separar os oficiais prateados das crianças. Então entraremos direto no Gargalo.

Faço o possível para não olhar para o fundo da sala, mas não consigo evitar Cal. Desta vez, sou eu quem precisa desviar o rosto.

— É suicídio! — alguém grita.

O coronel passa para o meu lado, balançando a cabeça.

— Minha própria unidade estará à espera no norte, nas trincheiras de Lakeland. Tenho contatos dentro do exército e posso ganhar tempo suficiente para a srta. Barrow passar. Assim que nos encontrarmos, vamos seguir para o lago Edris. Dois cargueiros de grãos devem ser o suficiente para atravessar todos. De lá, vamos entrar em um território disputado.

— Ridículo.

Não preciso levantar os olhos para saber que Cal está de pé, com as bochechas prata, os punhos cerrados, aborrecido com um plano tão idiota. Quase rio da cena.

— Em cem anos, nenhum exército de Norta cruzou o Gargalo. Nunca. E

vocês acham que vão conseguir com um punhado de crianças?

Antes de continuar, ele se volta para mim, como que em súplica.

— Vocês teriam mais chance se voltassem para Corvium e se escondessem na floresta. Qualquer outra alternativa que não seja cruzar a droga de uma zona de conflito.

O coronel não se abala com nada disso.

— Quando foi a última vez que esteve nas trincheiras, alteza?

Cal não vacila.

— Seis meses atrás.

— Seis meses atrás, Lakeland tinha nove legiões no fronte, para se equiparar aos números de Norta. Hoje, eles têm duas. O Gargalo está aberto, e o seu irmão não percebe.

— Uma armadilha? Ou uma distração? — Cal pergunta em voz alta.

O coronel assente.

— Lakeland planeja atacar pelo lago Tarion, enquanto os exércitos de vocês estão ocupados defendendo um pedaço de nada que ninguém quer. A srta. Barrow podia atravessar com uma venda nos olhos e sair sem nenhum arranhão.

— E é exatamente isso que pretendo fazer. — Devagar, mas com firmeza, endureço o coração. Espero parecer corajosa, porque com certeza não me sinto assim. — Quem vem comigo?

Kilorn é o primeiro a levantar — e eu esperava por isso. Muitos outros o seguem: Cameron, Ada, Nanny, Darmian, e até Harrick. Mas não Farley. Ela permanece presa ao assento, deixando que seus tenentes levantem no seu lugar. O cachecol está muito apertado em volta do seu punho, o que deixa sua mão levemente azul.

Tento não olhar para ele. Definitivamente tento.

No fundo do salão, o príncipe exilado se põe de pé.

Ele me encara sem vacilar, como se pudesse me incendiar apenas com o olhar. Que desperdício. Já não há nada para queimar em mim.

Os túmulos no cemitério de Tuck são novos, marcados pela terra recém-cavada e algumas coroas de mato. Rochas fazem as vezes de lápides, cada uma delas gravada cuidadosamente pelos entes queridos dos que se foram. Quando descemos o caixão de tábuas de Shade, com todos os Barrow de pé à beira do buraco, me dou conta de que temos sorte. Pelo menos temos um corpo para enterrar. Muitos não têm esse privilégio. Como Nix, Ketha e Gareth. De acordo com Ada, eles não conseguiram chegar nem ao Abutre nem ao jato de carga. Morreram em Corros ao lado de quarenta e dois prisioneiros, segundo seus cálculos impecáveis.

Mas trezentos sobreviveram. Trezentos em troca de quarenta e cinco. Bela troca, digo a mim mesma. Saiu barato. As palavras me alfinetam, mesmo na minha cabeça.

Farley se abraça para se proteger do vento frio, mas se recusa a vestir o casaco. O coronel também está presente, mantendo uma distância respeitosa. Não está aqui por Shade, mas por sua filha em luto, embora não esboce qualquer movimento para confortá-la. Para a minha surpresa, Gisa fica ao lado dela, passando um braço pela cintura da capitã. Quando Farley permite isso, quase caio para trás, chocada. Não sabia que as duas sequer se conheciam, e aqui estão, parecendo tão íntimas. De algum modo, por baixo da minha tristeza, consigo sentir um pouco de inveja. Ninguém tenta me confortar, nem mesmo Kilorn. O enterro de Shade é demais para ele; ele senta numa elevação mais adiante, longe o suficiente para que ninguém o veja chorar.

Enterra a cabeça entre as pernas de vez em quando, incapaz de ver Bree e Tramy começando a jogar terra na cova.

Não dizemos nada. É difícil demais. O vento passa direto por mim, uivando, e desejo calor. Desejo um calor que possa me confortar. Mas Cal não está aqui. Meu irmão morreu, e o coração teimoso de Cal não o deixa vir aqui para assistir ao enterro.

Minha mãe joga a última pá de terra. Seus olhos estão secos, já sem lágrimas para oferecer. Ao menos temos isso em comum.

"Shade Barrow" é o que está escrito na lápide. As letras parecem arranhadas, entalhadas por algum animal selvagem, e não pelos meus pais. Parece errado enterrá-lo aqui. Ele deveria ficar em Palafitas, perto do rio e das florestas que tanto amava. Não aqui, numa ilha estéril, cercado de dunas e concreto, com nada além do céu vazio para lhe fazer companhia. Shade não merecia esse destino. Jon sabia que isso ia acontecer. Jon deixou isso acontecer. Um pensamento sombrio ocupa minha mente.

Talvez seja mais uma troca, mais uma barganha. Talvez tenha sido o melhor destino possível para o meu irmão.

Meu irmão mais inteligente, mais carinhoso, que sempre me salvava, que sempre sabia o que dizer. Como este pode ser o melhor fim? Como pode ser justo?

Mas sei melhor do que a maioria que nada é justo neste mundo.

Minha visão fica turva. Continuo olhando a terra batida por sabe-se lá quanto tempo, até restarmos apenas Farley e eu no cemitério. Quando levanto a cabeça, ela me encara, e sua expressão é uma tempestade de raiva e dor. O vento bagunça

seu cabelo, que cresceu bastante ao longo dos últimos meses, e agora está quase na altura do queixo. Ela o joga para trás com tanta violência que fico com medo de que os arranque.

— Não vou com você — ela se esforça para dizer.

Só posso assentir.

— Você já fez muito por nós, mais do que suficiente.

Eu entendo.

— Não, não entende — ela desdenha. — Não poderia me importar menos com a minha própria segurança, não agora.

Seus olhos voltam a pousar sobre a cova. Uma lágrima solitária escapa, mas ela não percebe.

— A resposta para a minha pergunta… — ela murmura, não pensando mais em mim. Então balança a cabeça e se aproxima. — Não era uma pergunta, aliás.

Eu já sabia, lá no fundo. Acho que Shade também sabia.

Ele é, era, muito perceptivo. Diferente de você.

— Sinto muito por todos que você perdeu — digo, mais brusca do que gostaria. — Sinto…

Ela apenas faz um gesto com a mão, dispensando minhas desculpas. Nem quer saber como descobri.

— Shade, minha mãe, minha irmã. E meu pai. Ele pode estar vivo, mas eu o perdi também.

Lembro a preocupação que vi no rosto do coronel quando chegamos aqui. Ele temeu pela filha.

— Não teria tanta certeza assim. Nenhum pai de verdade pode estar completamente perdido para a filha que ama.

O vento sopra os cabelos pelo rosto dela, quase ocultando o brilho de choque nos seus olhos. Choque e esperança. Uma mão se espalma sobre seu estômago com uma delicadeza estranha. A outra toca meu ombro.

— Espero que você saia disso viva, garota elétrica.

Você não é tão horrível assim.

Essa deve ser a coisa mais gentil que ela me disse até hoje.

Então ela me dá as costas e não olha para trás.

Quando saio, alguns minutos depois, também não olho.

Não há tempo para chorar decentemente por Shade ou pelos outros. Pela segunda vez em vinte e quatro horas, devo embarcar no Abutre, esquecer meu coração e me preparar para lutar. Foi ideia de Cal esperar até a noite e deixar a ilha quando a nossa transmissão pirata estiver sendo exibida. Quando os cães de

Maven vierem nos caçar, já estaremos no ar, a caminho da pista escondida perto de Corvium. O coronel vai seguir pelo norte, usando a proteção da noite para atravessar os lagos e dar a volta. Pela manhã, se o plano funcionar, estaremos no comando das nossas legiões, um de cada lado da fronteira. E então marcharemos.

Da última vez que deixei meus pais, não houve qualquer aviso. De algum modo, foi mais fácil. Me despedir deles é tão difícil que quase corro para a segurança familiar do Abutre. Mas me forço a abraçar ambos, tentando oferecer algum conforto, ainda que pequeno, ainda que falso.

— Vou cuidar dos dois — sussurro, aninhando a cabeça no ombro da minha mãe. Os dedos dela correm pelo meu cabelo e fazem tranças rapidamente. As pontas cinzentas já cresceram e estão quase na altura do meu ombro. — Bree e Tramy.

— E de você — ela sussurra de volta. — Cuide de você também, Mare. Por favor.

Faço que sim, ainda com a cabeça apoiada nela. Não quero me mexer.

A mão de meu pai vai até o meu punho e o puxa com carinho. Apesar da explosão de antes, é ele quem me lembra que preciso partir. Seu olhar passa por cima do meu ombro e se detém no Abutre atrás de nós. Os outros já embarcaram, deixando apenas os Barrow na pista. Imagino que queiram nos oferecer alguma privacidade, embora não faça diferença nenhuma. Passei os últimos meses vivendo num buraco e, antes disso, num palácio lotado de câmeras. Não me importo com o público.

— Para você — Gisa diz, estendendo a mão boa, de onde pende um retalho de seda preta. O tecido é frio e escorregadio. — De antes.

Flores vermelhas e douradas enfeitam o pano, bordadas com uma habilidade de mestre.

— Eu lembro — murmuro, correndo o dedo sobre a perfeição impossível. Ela bordou isto há muito tempo, uma noite antes de o agente quebrar sua mão. Está inacabado, assim como o antigo destino dela. Assim como Shade. Trêmula, amarro o tecido no punho. — Obrigada, Gisa. — Enfio a mão no bolso e digo: — Também tenho uma coisa para você, minha garota.

Uma bijuteria barata. O brinco solitário combina com o mar de inverno ao nosso redor.

Ela perde o fôlego ao segurá-lo. As lágrimas logo vêm, mas não posso vê-las. Dou as costas para todos e embarco no Abutre. A rampa se fecha assim que subo, e quando meu coração começa a desacelerar, já estamos voando alto sobre o mar.

Meus soldados são poucos, se comparados aos que vão acompanhar o coronel

até Lakeland. Afinal, eu só podia recrutar pessoas que parecessem jovens o bastante para fazer parte de Legiãozinha, e que de preferência já tivessem servido e soubessem agir como soldados.

Dezoito rebeldes se encaixaram no perfil e se juntaram a nós. Kilorn está sentado com eles, fazendo o possível para enturmá-los com o nosso grupo unido. Ada não está conosco, nem Darmian e Harrick. Incapazes de passar por adolescentes, ficaram com o coronel, para ajudar a causa de algum outro jeito. Nanny não tem essa restrição, apesar da idade avançada. A aparência dela se transforma, experimentando diferentes versões de rostos jovens. Claro que Cameron se juntou a nós; a ideia foi dela desde o começo. Está pensando no irmão que perdeu para a legião. Sinto certa inveja. Ela ainda tem chance de salvá-lo.

Cal e meus irmãos serão os mais difíceis de disfarçar.

Bree tem um rosto jovem, mas é maior que qualquer garoto de quinze anos. Tramy é muito alto, e Cal é conhecido demais. Mas o valor deles não está na aparência, nem mesmo na força, mas no conhecimento das trincheiras. Sem eles, eu não teria ninguém para nos guiar pelo labirinto e entrar na terra arrasada que é o Gargalo. Só conheço o Gargalo por fotos, boletins de notícia e pesadelos. Depois que o meu poder foi descoberto, pensei que jamais iria até lá. Pensei que tivesse escapado do destino. Como estava errada.

— Três horas até Corvium — Cal avisa, sem tirar os olhos do painel. O assento ao lado dele está ostensivamente vazio, reservado para mim. Mas não vou me juntar a ele, não depois de ele ter me deixado enfrentar o enterro de Shade sozinha.

— Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora — os rebeldes gritam em uníssono, batendo a coronha dos rifles no chão. Isso nos pega de surpresa, embora Cal faça o máximo para não reagir. Ainda assim, vejo o desgosto se desenhar no canto da boca dele. Não faço parte da sua revolução, ele me disse uma vez. Bom, você bem que parece fazer, alteza.

— Vamos nos levantar, vermelhos como a aurora — digo, em voz baixa, mas firme.

Cal não faz questão de esconder a careta, e desvia o olhar fulminante para a janela. A expressão o torna parecido com o pai, e penso no que ele poderia ter sido.

Um príncipe guerreiro e pensativo, casado com a víbora Evangeline. Maven disse que Cal não sobreviveria à noite da coroação, mas não acredito nisso. O metal é forjado no fogo, não o contrário. Ele teria sobrevivido e governado. Para

fazer o quê, não sei. Antes, pensava que conhecia o coração de Cal, mas agora me dou conta de que isso é impossível. Nenhum coração pode ser verdadeiramente conhecido, nem mesmo o meu próprio.

O tempo passa num silêncio sufocante. Dentro do jato, estamos todos parados, mas, em terra, as coisas estão em movimento. Minha mensagem retumba nas telas do reino inteiro.

Queria estar em Archeon, no meio do setor comercial, observando o mundo mudar. Será que os prateados vão reagir como espero? Será que vão ver a traição de Maven como realmente é? Ou vão virar o rosto?

— Fogo em Corvium.

Cal se apoia contra o para-brisa da cabine, boquiaberto.

— No centro da cidade e nas favelas de Cidade Rio

— ele informa e passa a mão no cabelo. — Revoltas.

Meu coração salta e então afunda. A guerra começou.

E não fazemos ideia de qual será o seu custo.

O resto do jato irrompe em comemoração, batendo palmas e trocando apertos de mão demais para o meu gosto. Quase tropeço ao levantar do assento; meus pés se enroscam um no outro. Nunca tropeço. Mas mal consigo chegar inteira à parte de trás do avião. Sinto tontura, enjoo, estou prestes a jogar o jantar que nem comi na parede. Minha mão encontra o metal e a frieza do material me acalma. Funciona um pouco, mas minha cabeça está girando. Você quis isso. Você esperou por isso. Você fez isso acontecer. Esta é a barganha. Esta é a troca.

O controle que trabalhei tanto para manter começa a se desestabilizar. Sinto cada pulso do jato, cada volta do motor, latejando na minha cabeça como um mapa roxo e branco, intenso demais para suportar.

— Mare? — Kilorn levanta do assento e dá um passo na minha direção, com o braço estendido. Parece Shade em seu último momento.

— Estou bem — minto.

É como tocar um sino. Cal se vira no assento e vem até mim num instante. Ele cruza o jato com passos firmes e resolutos, as botas batendo contra o assoalho de metal. Os outros o deixam passar; amedrontados demais para parar o príncipe de fogo. Não tenho esse medo e dou as costas a ele. Ele me vira de frente, sem se preocupar em ser gentil.

— Se acalme — dispara. Ele não tem tempo para ataques de birra. Sou tomada pelo ímpeto de empurrá-lo, mas compreendo o que quer fazer. Faço que sim, tentando concordar, tentando fazer o que ele diz. Isso o tranquiliza um pouco. — Mare, calma — ele diz de novo, dessa vez apenas para mim, com a suavidade de

que me lembro. Se não fosse o pulso do jato, poderíamos estar de volta ao Furo, no nosso quarto, nos nossos cobertores, envoltos nos nossos sonhos. — Mare.

O alarme soa segundos antes de a cauda do avião explodir.

A força me joga para trás com tanta violência que vejo estrelas. Sinto gosto de sangue e um calor abrasador. Se não fosse por Cal, o fogo me incineraria.

Mas não, as chamas lambem seus braços e voltam, como o toque inofensivo de uma mãe. Elas recuam com a mesma facilidade com que crescem, sendo forçadas pelo poder de Cal, contidas em brasas. Mas até ele é incapaz de reconstruir a traseira de um jato… Ou de evitar que ele caia do céu. O ruído ameaça partir meu crânio, rugindo como um trem, gritando como mil banshees. Me agarro ao que está ao meu alcance, metal ou carne.

Quando minha vista clareia, vejo o céu negro e os olhos de bronze. Nos abraçamos como duas crianças presas numa estrela cadente. À nossa volta, o Abutre se desmancha aos poucos, peça por peça, num chiado de gelar o sangue. A cada segundo que passa, mais e mais do jato desaparece, até restarem apenas as finas barras de metal da estrutura. Faz um frio congelante, é difícil respirar e impossível mover qualquer coisa por vontade própria. Agarro a barra sob mim, segurando-a com toda força que me resta. Com os olhos cerrados, vejo o chão escuro lá em baixo cada vez mais próximo. É assustador. Um vulto passa em disparada. Tem coração elétrico e asas reluzentes. Dragões.

Meu coração despenca com os restos do Abutre. Sou incapaz até de reunir forças para gritar. Mas os outros certamente estão gritando. Escuto todos berrando, implorando, suplicando misericórdia para a gravidade. A estrutura treme de cima a baixo, acompanhada por um som familiar. Metal se encaixando. Sendo moldado. Com um suspiro, percebo o que está acontecendo conosco.

O jato já não é mais um jato. É uma jaula, uma armadilha de aço.

Um túmulo.

Se conseguisse falar, diria a Cal que sinto muito, que o amo, que preciso dele. Mas o vento e a queda roubam meu fôlego. Não tenho mais palavras. Seu toque é dolorosamente familiar; ele envolve uma mão no meu pescoço, implorando para que eu olhe para ele. Assim como eu, também não consegue falar. Mas ouço seu pedido de desculpas mesmo assim, e ele compreende o meu. Não vemos nada além de um ao outro. Não vemos as luzes de Corvium no horizonte, o chão vindo ao nosso encontro, ou o destino que estamos prestes a encontrar.

Não há nada além dos olhos dele. Mesmo no escuro, estão brilhando.

O vento é forte demais, como se fosse rasgar meu cabelo e minha pele. A trança da minha mãe se desfaz, e fico sem o último vestígio que tinha dela.

Imagino quem vai lhe contar como morri, se é que alguém vai ficar sabendo do nosso fim. Que morte Maven sonhou! Isso deve ser ideia dele: nos matar juntos, e nos dar tempo para entender o que vai acontecer.

Quando a jaula para de repente, eu grito.

Sinto o mato duro sob meus braços moles, como se beijassem a ponta dos meus dedos. Como?, me pergunto, recuando. É difícil encontrar equilíbrio, então caio. A jaula sacode com meu movimento, como um balanço preso numa árvore.

— Não se mexa — Cal grunhe, posicionando uma mão sobre minha nuca. A outra se agarra numa barra de metal, que brilha vermelha em sua mão.

Sigo seu olhar pela clareira na floresta até as pessoas que formam um amplo círculo à nossa volta. O cabelo prateado é difícil de confundir. Magnetrons da Casa Samos.

Esticam os braços em movimentos sincronizados, e as grades da jaula baixam devagar. O último centímetro nos faz gemer.

— Larguem.

A voz soa como um relâmpago. Solto a mão de Cal, levanto com um pulo e corro para a ponta da jaula. Antes de conseguir chegar à lateral, as barras desabam e o meu embalo me leva longe demais. Tropeço e caio de joelhos de encontro à grama congelada. Alguém chuta o meu rosto e me lança com tudo para a lama. Disparo uma rajada de faíscas na sua direção, mas o agressor é rápido. Em vez dele, acerto uma árvore que se parte e vem abaixo com um estalo.

O joelho do forçador atinge as minhas costas com tanta força que perco o fôlego. Dedos com uma textura estranha, envoltos em plástico, talvez luvas, se fecham ao redor da minha garganta. Arranho e faísco para me soltar, mas nada parece funcionar. Ele me levanta sem dificuldade e me força a esticar os pés até o chão para evitar uma asfixia. O pânico atravessa meu corpo como uma lâmina, e meus olhos arregalam à procura de alguma saída. Mas vejo apenas meus amigos, ainda confinados à jaula, forçando suas barras em vão.

O metal volta a chiar, se contorcendo e se curvando, cada barra se tornando uma prisão. Com o olho inchado, observo as serpentes metálicas se travando ao redor de Cal, Kilorn e dos outros, atando seus punhos, tornozelos e pescoço. Mesmo Bree, grande como um urso, não consegue se defender das barras que o cercam.

Cameron luta o melhor que pode, silenciando um magnetron após o outro. Mas são muitos. Quando um cai, outro assume seu lugar. Apenas Cal pode resistir de verdade, derretendo cada barra que se aproxima. Mas ele acabou de despencar do céu. Está desorientado, para dizer o mínimo, e com o supercílio aberto e

sangrando.

Uma barra o acerta na nuca e o derruba. Suas pálpebras chegam a ameaçar se abrir, e desejo que ele acorde. Mas ele continua desmaiado, e as trepadeiras metálicas se enrolam, apertando-o mais a cada segundo. A da garganta é a pior; entra fundo na pele, o suficiente para sufocá-lo.

— Pare! — digo finalmente. Forço meus músculos exauridos, tentando me desvencilhar do forçador à moda antiga. Nada mais inútil. — Pare!

— Você não está em posição de negociar, Mare.

Maven é discreto e se mantém na escuridão, nas sombras. Observo a silhueta surgir, com a coroa pontiaguda na cabeça. Quando ele surge sob a luz das estrelas, sinto uma leve pontada de satisfação. Seu rosto não combina com suas palavras confiantes. Há círculos roxos sob os olhos, e uma camada de suor se espalha pela testa. A morte da mãe teve seu preço.

As mãos na minha garganta afrouxam um pouco, o que me permite falar. Mas ainda estou pendurada, e preciso continuar me apoiando com os dedos do pé no mato frio e no barro congelado.

Nada de acordos. Nada de trocas.

— Ele é seu irmão — digo, sem me dar ao trabalho de pensar que Maven não se importa nem um pouco.

— E? — ele pergunta, arqueando a sobrancelha escura.

No chão, Kilorn se agita contra o metal que o mantém preso. Em resposta, apertam-no com mais força, e ele bufa. Ao lado dele, as pálpebras de Cal voltam a tremer.

Está acordando, e quando isso acontecer, Maven com certeza o matará. Não tenho nenhum tempo a perder. Eu daria qualquer coisa para manter esses dois vivos, qualquer coisa.

Com uma última explosão de raiva, medo e desespero, libero meu poder. Matei Elara Merandus.

Deveria ser capaz de matar o filho dela e seus soldados.

Mas o forçador veio preparado para mim. As luvas dele se mantêm firmes e protegem a pele dele da minha eletricidade. Gemo sob as mãos, tentando invocar o céu.

Mas a minha visão se turva e uma pulsação lenta soa nos meus ouvidos. Ele vai me estrangular antes de as nuvens se juntarem. E os outros vão morrer comigo.

Farei qualquer coisa para mantê-lo vivo. Para mantê-lo comigo. Para não ficar sozinha.

Meus raios nunca pareceram tão fracos e inúteis. As faíscas somem devagar,

como as batidas de um coração moribundo.

— Tenho algo para oferecer em troca — murmuro, ríspida.

— Ah, é? — Maven dá mais um passo. A presença dele faz minha pele arrepiar. — Diga.

De novo, minha garganta parece mais livre. Mas o forçador pressiona o polegar contra a minha veia, numa ameaça bem clara.

— Vou lutar contra você até o fim — digo. — Todos nós vamos, e todos nós morreremos esta noite.

Podemos até levar você conosco, como fizemos com a sua mãe.

Maven pisca, o único sinal de sua dor.

— Você será castigada por isso, grave as minhas palavras.

O polegar no meu pescoço também reage, pressionando com mais força, provavelmente deixando um hematoma espetacular. Mas não é esse o castigo de que Maven fala. O que ele nos reserva é muito, muito pior.

A barra ao redor dos punhos de Cal brilha com o calor dele. Seus olhos semicerrados refletem a luz das estrelas enquanto me observam; ele segura a respiração.

Queria poder dizer a ele para ficar quieto, para me deixar fazer o que é necessário. Para me deixar salvá-lo, como ele já me salvou tantas vezes.

Ao lado dele, Kilorn está imóvel. Ele me conhece melhor do que ninguém e compreende minha expressão imediatamente. Devagar, cerra os dentes e começa a balançar a cabeça.

— Deixe eles irem. Deixe eles viverem — murmuro.

As mãos do forçador parecem correntes, e imagino todo o meu corpo coberto por correntes, cada milímetro, torcidas como serpentes de metal.

— Mare, não sei se você entende a definição da palavra troca — Maven desdenha. — Você precisa me dar alguma coisa.

Não vou voltar para ele por ninguém, disse a Cal uma vez, depois de sobreviver ao sonador, e ele entendeu tudo.

Renda-se, dizia o bilhete de Maven, suplicando para que eu voltasse.

— Não vamos lutar. Eu não vou lutar — digo.

Quando o forçador me solta, de repente fico sem chão.

Baixo a cabeça, incapaz de olhar para cima. A sensação é que estou curvada diante dele. Este é o meu acordo. — Deixe o resto ir e serei sua prisioneira. Vou me render.

Vou voltar.

Fixo os olhos nas minhas mãos sobre o mato. O frio da neve é familiar. É como

meu coração e o buraco que cresce nele. A mão de Maven surge sob meu queixo, quente, ardendo com um calor doentio. Arriscar me tocar é uma mensagem bem clara: ele não teme a garota elétrica, ou pelo menos quer passar essa impressão. Ele me força a encará-lo, e não vejo nada do garoto que foi um dia. Há apenas escuridão.

— Mare, não! Não seja idiota! — Mal ouço a súplica de Kilorn. O ruído na minha cabeça é tão alto, tão doloroso. Não é a vibração da eletricidade, mas outra coisa dentro de mim. Meus próprios nervos gritam em protesto. Mas, ao mesmo tempo, sinto uma espécie de alívio. Muitos sacrifícios foram feitos por minha causa, por causa das minhas escolhas. É justo que seja minha vez de me sacrificar, de aceitar o castigo que o destino me reservou.

Maven me encara bem, à procura de uma mentira que não existe. E faço o mesmo. Apesar da pose, ele tem medo do que fiz, das palavras da garota elétrica e do efeito que elas têm. Ele veio aqui para me matar, para me jogar no chão. Agora encontrou um prêmio melhor, que lhe dei de bom grado. Ele é um traidor por natureza, mas vai manter a palavra neste caso. Vejo isso em seus olhos, vi em seus bilhetes. Ele me quer, e fará qualquer coisa para me ter em sua coleira de novo.

Kilorn se agita contra as barras de ferro, mas de nada adianta.

— Cal, faça alguma coisa! — ele berra, batendo no corpo ao seu lado. Os metais retinem uns contra os outros num eco vazio. — Não deixe!

Não consigo olhar para ele. Quero que se lembre de mim de um jeito diferente. De pé, no controle. Não assim.

— Temos um acordo? — Me reduzi a uma pedinte, suplicando para que Maven me ponha de volta em sua gaiola dourada. — Você é um homem de palavra?

Crescendo sobre mim, na minha frente, Maven sorri quando cito suas palavras. Seus dentes brilham.

Os outros estão gritando agora. Balançando-se.

Presos. Não ouço nada. Minha mente se fechou a tudo exceto a troca que estou disposta a fazer. Imagino que Jon previu isso.

As mãos de Maven passam do meu queixo para a minha garganta. Ele aperta mais forte. Não como o forçador, mas de uma maneira bem mais dolorosa.

— Temos um acordo.

EPÍLOGO



DIAS SE PASSAM. Ou pelo menos acho que são dias.

Passo a maior parte do tempo numa cegueira dormente, submetida ao sonador. Não dói mais, não tanto. Meus carcereiros aperfeiçoaram a dosagem, usando-a para me manter inconsciente, mas sem causar aquela dor que parece rachar meu crânio. Sempre que me liberto, vejo com a vista embaçada homens em roupas brancas, mas logo eles ajustam um botão e o dispositivo faz um clique novamente. Então o inseto se enterra no meu cérebro, clicando, sempre clicando. Às vezes, ouço a voz de Maven. Então a prisão se torna preta e vermelha, ambas as cores fortes demais para eu suportar.

Dessa vez, quando me liberto, nada clica. Tudo brilha excessivamente, ainda que esteja levemente turvo, mas não caio de novo. Acordo de verdade.

Minhas correntes são claras, provavelmente de plástico ou diamante. Prendem meus punhos e tornozelos de um jeito apertado demais para ser confortável, mas folgado o suficiente para permitir a circulação. As algemas são a pior parte, afiadas e ásperas contra minha pele sensível. As feridas gastas gotejam sangue. O vermelho é um contraste grande com meu traje claro e desbotado, e ninguém se preocupa em limpá-lo. Agora que Maven não pode esconder o que sou, ele precisa mostrar ao mundo, conforme qualquer plano perverso que tenha. As correntes balançam, e percebo que estou num veículo blindado, que estou me movendo. Deve ser usado para prisioneiros, porque não há janelas e as paredes têm argolas. Minhas correntes estão presas em uma delas, chacoalhando devagar.

Diante de mim, há dois homens de branco, ambos carecas. Se parecem muito com o instrutor Arven. São irmãos ou primos, provavelmente. Isso explica a sensação de abafamento e minha dificuldade em respirar.

Os homens silenciam meu poder, me fazendo refém dentro do meu próprio corpo. Estranho eles precisarem das correntes também. Sem a eletricidade, sou apenas uma garota de dezessete anos, quase dezoito agora. Não consigo conter o sorriso. Vou passar meu aniversário presa porque quis. A esta altura no ano

passado, pensei que estaria marchando para a frente de guerra. Agora estou indo para sabe-se lá onde, trancada num veículo em movimento com dois homens que gostariam muito de me matar. A situação não é muito melhor.

E acho que Maven tinha razão. Ele avisou que passaríamos meu próximo aniversário juntos. Parece que ele é um homem de palavra.

— Que dia é hoje? — pergunto, mas nenhum dos dois responde. Sequer piscam. Seu foco em mim, em silenciar o que sou, é perfeito e inabalável.

Lá fora, um rumor estranho e abafado começa a crescer. Não consigo identificar o que é, nem quero gastar energia tentando. Certamente descobrirei logo.

Não estou enganada. Depois de alguns minutos, o veículo para e a porta traseira se abre. O rumor vinha da multidão desesperada. Por um segundo aterrorizante, me pergunto se voltarei ao Ossário, para a arena onde Maven tentou me jogar à morte. Ele quer terminar o serviço. Alguém solta as minhas correntes da argola e me empurra para a frente. Quase caio para fora do veículo, mas um dos silenciadores Arven me agarra no último momento. Não por bondade, mas por necessidade. Preciso parecer perigosa, como a garota elétrica de antes. Ninguém liga para uma prisioneira fraca. Ninguém vaia uma covarde chorona. Eles querem ver uma conquistadora humilhada, um troféu vivo. Pois é isso o que sou agora.

E entrei nessa gaiola porque quis.

É sempre assim.

Meu corpo estremece quando percebo onde estou.

A ponte de Archeon. Uma vez a vi desmoronar e queimar, mas o símbolo do poder e da força foi reconstruído. E devo atravessá-la, com os pés descalços e cortados, correntes e captores por perto. Olho para o chão, incapaz de erguer a cabeça. Não quero ver o rosto de tanta gente, tantas câmeras. Não posso deixar que me vejam falhar. É o que Maven quer, e jamais lhe darei isso.

Pensei que seria fácil ser colocada para desfilar.

Afinal, já estou acostumada com a humilhação a esta altura. Mas isso é muito pior. Os tremores de alívio que senti na clareira da floresta se foram, dando lugar à angústia. Todos os olhos estão cravados em mim, à procura de rachaduras no meu rosto famoso. Encontram muitas. Tento não ouvir os gritos e até consigo por alguns segundos. Então compreendo o que a maioria das pessoas está dizendo, e as coisas horríveis que querem que eu veja. Nomes. Fotografias. Todos os prateados mortos e desaparecidos. Tive um dedo no destino de todos eles. Eles gritam comigo, jogando palavras que machucam mais do que qualquer objeto.

Quando chego do outro lado da ponte, na lotada Praça de César, as lágrimas

são rápidas e numerosas demais para que eu consiga segurar. Todos veem. Meu corpo fica mais tenso a cada passo. Busco o que não posso ter, o poder que não é capaz de me salvar. Mal consigo respirar, como se a corda já tivesse sido amarrada no meu pescoço. O que fiz?

Há muita gente reunida nos degraus do Palácio de Whitefire, ansiosa para assistir à minha queda. Os nobres e generais estão todos de preto, de luto pela rainha. O vestido de Evangeline é difícil de ignorar, com escamas de cristal escuro que reluzem a cada movimento.

Uma pessoa veste cinza, a única cor que lhe cabe.

Jon. Por algum motivo, ele está de pé com eles, observando a minha chegada. Seus olhos, vermelhos como sangue, contêm um pedido de desculpas que jamais aceitarei. Nunca deveria tê-lo deixado ir embora, praguejo contra mim mesma.

Uma vez, ele disse que me levantaria sozinha. Agora sei que estava mentindo. Porque com certeza caí.

A plataforma da frente, num nível mais alto que todo o resto, está vazia. É um bom lugar para uma execução, se é isso que Maven quer. Ele está sentado lá, à espera, num trono que não reconheço.

Meus carcereiros me empurram na direção dele, me forçando a me aproximar do rei. Pergunto a mim mesma se ele vai me matar na frente de todos e pintar os degraus do seu palácio com o sangue. Quando ele levanta, estremeço. Percebo que nos encaramos como fazem os noivos, que conseguem se sentir sozinhos em meio a uma multidão. Mas isto não é um casamento.

Pode ser o meu funeral, o meu fim.

Alguma coisa reluz na mão dele. É a espada do pai?

A lâmina de um carrasco? Sinto um arrepio quando ele prende algo ao redor do meu pescoço. Um colar.

Cravado de joias, dourado, pontiagudo, uma coisa terrível e belíssima. Meus olhos turvos de lágrimas dificultam a visão, até que não tenho certeza de nada além da armadura escura do rei diante de mim, e da marca ardendo no meu peito.

Há uma corrente presa ao colar. Uma coleira. Não passo de uma cachorra. Ele a segura firme no começo e espero ser arrastada por toda a plataforma. Mas ele permanece imóvel.

Ele puxa um pouco, para testar a corrente, e me faz cambalear em sua direção. As pontas do colar penetram na minha carne e quase sufoco.

— Você exibiu o corpo dela — ele sussurra, roçando os lábios contra o meu ouvido enquanto fala por entre os dentes cerrados. Há um tom de dor em sua voz. — Vou fazer o mesmo com você.

É impossível ler a expressão no rosto dele, mas o sentido é claro. Com a mão, ele aponta para os pés. Seus dedos estão mais brancos do que me lembro.

Faço o que ele quer.

Me ajoelho.

AGRADECIMENTOS



Antes de agradecer a qualquer pessoa, gostaria de agradecer à sobra de pizza que estou comendo agora. É muito boa.

Como da última vez, preciso agradecer a muitas pessoas, e vou fazer o melhor para incluir todas aqui.

Em primeiro lugar e acima de tudo, quero agradecer aos meus pais, Heather e Louis, que continuam me apoiando num nível absurdo. Sinceramente, não poderia ter feito isso e continuado a fazer sem vocês dois. E, claro, ao meu irmãozinho, Andrew, que de alguma forma já é um adulto agora. Não sei quando isso aconteceu, mas tenho muito orgulho de você e estou animada para continuar assistindo você crescer. Muito amor e agradecimento aos meus avós, George e Barbara, Mary e Frank.

Valorizo muito vocês todos e sinto muita saudade de dois de vocês. E ao resto da minha família, tios, tias, primos etc., obrigada pela amizade e pelo apoio. Um agradecimento e um parabéns especiais a Michelle, que também é uma autora trilhando a estrada da publicação.

Os agradecimentos do ano passado foram muito longos, então vou tentar ser um pouco mais concisa desta vez. Obrigada a todos os meus amigos nas duas costas do país. Me desculpem por ser estranha. Um agradecimento sincero a Morgan e Jen, que toleram — e às vezes incentivam — minhas maluquices.

Muito obrigada à equipe da Benderspink, que continua fazendo grandes progressos na batalha de levar A rainha vermelha aos cinemas, além de manterem minha carreira de roteirista ativa. Agradeço a Christopher Cosmos, Daniel Vang, aos Jakes, JC, David, os estagiários e toda a cobertura midiática. E, claro, obrigada a Gennifer Hutchinson e a Sara Scott também. Mal posso esperar para ver aonde vamos chegar. Finalmente, obrigada ao meu advogado Steve Younger, que sempre está preparado para me defender, não importa o que aconteça.

Poderia escrever muitas páginas agradecendo a equipe da New Leaf Literary, mas vou poupá-los e resumir: eles são, sem sombra de dúvidas, os melhores.

Do chão ao topo, de lado a lado, todas as pessoas na minha agência são absurdamente talentosas, e agradeço às minhas estrelinhas da sorte por ter caído nas mãos deles. Jo, Pouya, Danielle, Jackie, Jaida, Jess, Kathleen e Dave: obrigada por existirem e toparem me representar.

Suzie, digo isto o tempo todo, mas só porque é verdade: você é maravilhosa e inigualável, e é a razão de eu poder fazer o que faço.

Caso meu entusiasmo não tenha sido enjoativo o suficiente, vou continuar. Realmente considero o sucesso de A rainha vermelha um pequeno milagre, o que torna as pessoas da HarperTeens verdadeiras santas, acho. Em primeiro lugar, obrigada a Kari Sutherland, minha primeira editora, minha primeira e única oferta, que acreditou no meu manuscrito. À minha outra editora preciosa, Kristen Pettit, uma pastora em roupas incríveis e com um senso de histórias ainda maior. Obrigada pelo trabalho e perseverança contínuos para transformar minhas ideias de barro em lindas esculturas. Obrigada também a Elizabeth Lynch, por trabalhar tanto e me aguentar tão bem. O resto da equipe da Harper não é diferente: Kate Jackson (embora seu blog de comida me apavore), Susan Katz, Suzanne Murphy, Jen Klonsky, todos gênios. No marketing, as incansáveis Elizabeth Ward, Kara Brammer, a celebridade Margot Wood, e o resto do Epic Reads. A rainha vermelha não teria feito um estouro desse tamanho sem vocês. A Gina, minha querida assessora, que torna possível conhecer ainda mais leitores queridos. Na produção, meu agradecimento a Alexandra Alexo, Lillian Sun, Stephanie Evans, Erica Ferguson, Gwen Morton e Josh Weiss. Sem vocês, A rainha vermelha e Espada de vidro seriam um amontoado de ideias incoerentes. Em vendas, Andrea Pappenheimer, Kerry Moynagh, Kathy Faber, Susan Yeager e Jen Wygand. E um grito para Kaitlin Loss, que ajuda a coordenar harmoniosamente minha relação com meus editores internacionais. Por último, mas de jeito nenhum menos importante, à equipe de design, que devem ter superpoderes de verdade. Sério, você viu minhas capas? Não é possível que seres humanos tenham feito isso. Mas obrigada pela arte Sarah Kaufman, Alison Donalty, Barb Fitzsimmons e Toby & Pete. Vocês são um achado.

Agora que sou publicada e faço parte oficialmente do mundo vivo da literatura, percebo quão expansivo ele é — e como pode ser assustador. Muito obrigada a todas as pessoas que fizeram minha transição de jovem autora para autora publicada tão suave e fácil. Aos blogueiros, aos vlogueiros, usuários do Twitter, leitores e pombos-correio que continuaram a impulsionar A rainha vermelha, e agora Espada de vidro. Obrigada, obrigada, obrigada. Aos colegas escritores que são puro apoio, sou muito grata pela amizade de vocês. Poderia citar nomes, mas

são muitos e, na verdade, sinto que estou me gabando ao chamar vocês de amigos. E, mais uma vez, a Emma Theriault, que é fissurada pela série, generosa com comentários, e sempre disposta a bater um papo.

Seguindo a tradição, também vou agradecer a muitas coisas que não são pessoas. Bem, a primeira delas é uma coleção de pessoas. Ao New England Patriots. Ano passado agradeci a vocês e vocês ganharam o Super Bowl. Vamos manter a tradição. Free Brady. A Wikipedia, ao Serviço Nacional de Parques, à Escócia, a Target, a San Diego Comic-Con, à mudança das estações, aos cachecóis de caxemira, à minha excelente impressora, aos globos, ao café com muito creme, aos meus pontos da Delta e ao brunch. E às minhas inspirações pessoais: Tolkien, Rowling, Martin, Spielberg, Lucas, Jackson, Bay. Sim, eu disse Michael Bay, dê o fora daqui.

Quase lá. São repetições, mas são importantes, então se você chegou até aqui, você pode muito bem continuar lendo. A Morgan. A Suzie. E, de novo, aos meus pais.

Isto começou e termina com vocês.



STEPHANIE GIRARD OF STEPHANIE GIRARD PHOTOGRAPHY

VICTORIA AVEYARD cresceu numa cidadezinha em Massachusetts e frequentou a

Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles. Ela se formou como roteirista e tenta combinar seu amor por história, explosões e heroínas fortes na sua escrita. Seus hobbies incluem a tarefa impossível de prever o que vai acontecer em As Crônicas de Gelo e Fogo, viajar e assistir Netflix.